

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

ROSA

O RIO DO QUARTO

UMA PAIXÃO ROMÂNTICA

O VENENO DAS FLORES

LIVRARIA MARTINS EDITORA  
SÃO PAULO





JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

*Helio Lopes*

**ROSA**

**O Rio do Quarto**

**Uma Paixão Romântica**

**O Veneno das Flores**

*Hk4L2*

LIVRARIA MARTINS -- SAO PAULO

HL  
869.9332  
M14120

R O S A



## Sessão preparatória

Em uma das ruas menos acanhadas e mais retas desta nossa boa cidade do Rio de Janeiro, há uma casa que, apesar de seus dois gigantescos andares com três janelas cada um deles, e do muito dantes suspirado simbólico número — 33 — que a designa, fêz-se exclusivamente recomendável pelo precioso tesouro que guarda.

Ora, como o nome dessa rua não se declara aqui por motivos de alta política de coração, e como a natureza do tesouro que a casa encerra não convém ser tão depressa revelada, o único partido a tomar é subir a escada e entrar na sala de visitas da casa n.º 33.

No que diz respeito à sala, o número 33 não precisa de elegância: três portas ao fundo, correspondendo a três janelas que para a rua se abrem, servem de limite a um espaço de cento e vinte palmos em quadro, de que consta a sala: suas paredes são forradas de papel branco adamascado e salpicado de lágrimas côr de ouro; o soalho se esconde por baixo de fina esteira da Índia, que o tapiza; a mobília é de pau-cetim; o artista que a lavrou, talvez o nosso habilíssimo Ncto, em vez de castigar a madeira com enfeites e lavôres, acertou em dar a seu trabalho um caráter de simplicidade feliz, que deixa ostentar tôda a sua beleza essa preciosa tartaruga vegetal, que povoa as terras do Amazonas; no meio daqueles móveis amarelados, destaca-se orgulhosamente um piano de jacarandá com sua côr escura entremeada de veias brilhantes. Ornam os aparadores ricos vasos de Sevres e Etruscos, que mostram flores com perfeição, trabalhadas.

Três quadros estão suspensos às paredes da sala: um representa um homem de meia-idade, de rosto agradável, e que parece sorrir-se com o coração nos lábios; o outro é o retrato de uma senhora, de trinta anos talvez, vestida de prêto, e com um semblante melancólico e doce, donde como que transpira a bondade e a virtude. O terceiro quadro, que é por certo o mais interessante, oferece à vista um berço gracioso no meio de arbustos floridos: o berço parece mover-se ao sôpro das auras, e dentre finas roupinhas brancas como o leite, surge um rosto de criança tão vivo, tão engraçado, tão bonito, que faz vontade de ir dar-lhe mil beijos; e nesse rosto de querubim abrem-se uns olhos pretos brilhantes, que, porventura são de uma menina, adivinha-se que aquela que nas faixas é um anjinho, quando tiver quinze anos passará a ser um terrível demo-

ninho, que com os olhos que tem, fará no coração de muita gente travessuras de conseqüências um pouco melindrosas.

Pois nessa mesma sala, que acaba de ser ligeiramente descrita, estavam conversando, ou antes disputando com ardor, em um dos últimos dias de julho do corrente ano de 1849, três respeitáveis senhores, dois dos quais eram e se julgavam velhos, e o terceiro também o era; mas não parecia ter-se por tal.

Pelo muito que falavam, e pela força com que o faziam, mostravam as três personagens ocupar-se de objeto da maior transcendência: no entretanto, e para acabar de uma vez com descrições que quase sempre fatigam, é justo dizer antes de tudo alguma coisa sobre os atores que vão abrir a cena: duas palavras a tal respeito não se devem ter por inúteis; com a pintura do rosto ficam meio patentes os segredos do caráter: o adágio antigo diz, que pela cara se conhece quem tem lombrigas.

O primeiro dos velhos, que vestido de gôndola (é o nome que lhe dão hoje), de merinó côr de azeitona, gravata branca, colête de fustão da mesma côr, calças de ganga amarela sem presilhas, e calçando sapatos envernizados, passava pela sala rindo-se alegremente, é o dono da casa, e chama-se Mauricio: é de estatura mediana, tem os cabelos um pouco esbranquiçados, seu rosto mostra-se um tanto pálido, mas ainda não muito desfigurado pelos anos; o que em seu semblante porém fala altamente denunciando sua imensa bondade é o olhar sereno e doce de seus olhos pardos, e o sorriso meigo e animador de seus lábios. Mauricio deve contar cerca de cinqüenta anos.

O segundo velho é um complexo de todos os diminutivos, que em horas de usura espremeu sobre ele a natureza: tem sete palmos de altura, e é magro; excessivamente calvo, resta-lhe apenas um arco de círculo de cabelos côr de algodão, que lhe coroa as orelhas; seu rosto rubicundo demonstrava a predominância do temperamento sangüíneo; seus olhos pequeninos brilham com o fogo das paixões; o nariz quase que se não distingue entre as rugas de suas faces, e uma moça chegaria a invejar-lhe as mãos delicadas. Esse homem, que tem já sessenta anos, chama-se Anastácio, e é irmão de Mauricio; mora na roça, e apenas há quinze dias se acha na côrte hospedado na casa de seu irmão, com quem veio passar algum tempo. Nada enfim mais fácil de descrever do que seus vestidos: Anastácio está todo azul; as calças, o colête, e a jaqueta são de pano dessa côr; basta somente acrescentar, que tem ao pescoço um lenço prêto, e que calça botins de cordovão repousado, pelos quais parecem querer ir trepando as presilhas de palmo e meio de extensão.

A terceira personagem é o muito joven quinquagenário e nobre comendador Sancho.

Um homem de nove palmos de altura; pernilongo, magro, macilento, de braços muito longos e mãos enormes, com cabelos tão

negros e brilhantes, que estão mesmo denunciando que alguma mi-lagrosa pomada da rua do Ouvidor encobre ali as perigosas revela-ções das cãs; com olhos de côr um pouco questionável, e que fundos desaparecem deixando-se coroar por bastas e insubordinadas sobranceiras, com um gigantesco nariz, acavaletado, com orelhas dignas de um Midas, e bôca de causar mêdo, é pouco mais ou menos o Sr. comendador Sancho; está vestido de sobrecasaca de pano côr de agapanto, gravata verde-mar, colête côr de alecrim e calças de xadrez; tesoura de mestre talhou tôda a sua roupa com o último apuro da moda. Em todos os seus modos e esgates, em vez de mos-trar-se grave e sério, como cumpria a um homem de mais de cin-quenta anos, o comendador ostenta, ou antes pretende ostentar gra-ças, vigor e ações, que já não cabem à sua idade de modo que, em lugar de respeitável ancião deixa ver apenas um jovem postiço. Tem balda de bonito e veia de namorado; fala sôbre tudo, porque não sabe cousa alguma; à semelhança de muita gente boa finge-se apaixonado por música; aborrece os poetas, e dá o cavaco por uma valsa franceza. Adora as moças, antepoendo a elas sômente duas cousas no mundo — a sua comenda e o seu toucador.

## II

## Discussão calorosa

O comendador acabava apenas de mostrar-se à porta da sala, quando Maurício atirou-se para êle com os braços abertos.

— Bem-vindo seja, Sr. comendador Sancho! chegou mesmo no momento em que eu ia fazer uma retirada vergonhosa.

— Pois ainda?!?! perguntou o recém-chegado.

— Sempre! exclamou o velho Anastácio.

— E qual é hoje a ordem do dia?...

— A mesma que foi ontem, e que será amanhã, respondeu Maurício; o mano faz como os nossos deputados de tôdas as oposi-ções; grita todos os dias e diz sempre a mesma cousa.

— A culpa é de todos os ministérios, porque suba quem subir, é sempre a mesma miséria.

— Mas por que ralhava agora o Sr. Anastácio?

— Ora... porque, segundo êle, eu sou um doido varrido... porque estou perdendo minha filha, e enfim porque cheguei a cometer a enormíssima loucura de aprovar o orçamento da despesa, que ela julga que deve fazer para ir ao baile de amanhã.

— E quanto pediu ela no orçamento?...

— Ora escute, meu caro comendador, disse Maurício tirando uma fôlha de papel do bôlso de sua gôndola.

O comendador fêz-se todo ouvidos; o velho Anastácio pôs-se a roer as unhas, e Mauricio leu:

"Escumilha branca para vestido . . . . .	24\$000
"Cetim branco para fôrro do dito . . . . .	56\$000
"Feitio do vestido com enfeites, fitas, etc. à Mme. Gudín . . . . .	70\$000
"Lavas de pelica branca de Mr. Wallestein . . .	3\$000
"Sapatos de cetim branco do mesmo Mr. . . .	4\$000
"Cabeleireiro da casa de Mr. Silvain . . . . .	2\$000
"Violetas e cravos <i>glória de Londres</i> para o bouquet . . . . .	5\$000
"Um porte-bouquet novo, porque o outro que- brou-se no último baile . . . . .	20\$000
Soma tudo . . . . .	Rs. 184\$000

— Só?... eu estou admirado!... acho muito pouco.

— Como não é um baile extraordinário...

— Senhores, disse com forçado sossêgo o velho roceiro, não é por causa dos 184\$000, é por causa do futuro...

— Ora, esta agora é sua, Sr. Anastácio.

— Enfim... continuou este, é bem possível que eu esteja dizendo parvoíces, e que os senhores tenham razão às carradas. Meus pais, que Deus haja, destinaram-me para o sacerdócio, tive consequentemente uma educação fria e austera: não se realizando o desejo de meus pais, retirei-me para a roça, onde tenho vivido uma vida simples e rude, sendo meu único recreio a leitura de livros cheios de moral santa, porém severa; agora estou velho e impertinente; pode ser que tudo isto seja defeitos de educação, espinhos de roça, e rabugem de velhice: mas o que me diz o coração é que os senhores, pelo caminho em que vão, hão de dar com esta boa terta em vasa barris.

— Por causa dos 184\$000?... perguntou o comendador desatando uma gargalhada.

— Não, tornou o roceiro comprimindo-se; mas porque vejo tudo fora de seus eixos, tudo de cabeça para baixo, e de pés para cima: não há leis, não há costumes que prestem, não há sistema político proficuo, não há felicidade pública possível, quando a moral está corrompida; e o que eu vejo é que a geração atual passa dias e noites em orgias constantes, sentadas sobre ruínas da moralidade pública.

— Que diabo de filosofia que eu não entendo!...

— Tudo está pervertido!... em política o poder é o fim e não o meio: subir, não importa como, eis o grande pensamento dos estadistas do século: uma comenda a cada potentado eleitoral, um hábito ao filho do compadre do ministro, alguns empregos e algumas pensões aos protegidos da maioria, eis a história de todos os nossos

gabinetes; tudo mais que se observa demonstra que a sociedade está podre: o patronato arranca os louros ao mérito, a riqueza rouba as honras à virtude, o charlatanismo disputa os foros à sabedoria; o artista é um hilota, o poeta um doíço, o homem honrado um pedaço d'asno e o traficante um herói.

— Mas por fim de contas a que vem tudo isso para o caso dos 184\$000?

— Assim Sr. comendador, exclamou alegremente Mauricio, chame o orador à ordem: êle ainda não disse uma palavra sôbre a questão do orçamento; o que faz, é divagar tratando da política geral.

— Vem, disse Anastácio respondendo à pergunta que lhe fizera o comendador; vem para concluir que o grande edificio da moral pública está por um triz a desabar de todo, e que a geração atual, que não é capaz de regenerá-lo, deve ao menos tratar de especá-lo.

— Bravo! temos programa de ministro novo.

— Que é o mesmo que dizer — temos mentira velha.

— Vamos sempre ouvi-lo: atenção!...

— Eu digo, que a geração atual estando, como de fato está, desgraçadamente pervertida; que tendo todos nós muito de que envergonhar-nos diante uns dos outros, não podemos contar com força moral sufficiente para regenerar a sociedade.

— Bem: e neste caso?...

— Neste caso, já que não podemos preparar um futuro para nossos filhos, devemos ao menos preparar nossos filhos para criar um futuro.

— Fiquei na mesma.

— Eu digo, continuou o velho roceiro elevando a voz, que já que somos obrigados a deixar a nossos herdeiros uma casa estragada pelo cupim, cumpre que leguemos ao porvir artifices capazes de levantar casa nova.

— Cada vez o entendo menos.

— Eu digo, exclamou o velho, cujos olhos brilharam como dois vagalumes, que é preciso educar a mocidade.

— Oh, meu Sr.! quer mais aulas do que as que temos?...

— Aulas?... quem falou aqui em aulas?... algumas temos já, de muitas outras carecemos, e quantas ainda se estabelecerem não serão de sobejo: a sociedade que governa as deve ao povo, que lhe paga tributos de suor e de sangue: não é porém de instrução que eu trato agora; eu falo de educação, Sr. comendador dos meus peccados, falo da educação, da educação doméstica e religiosa.

— Ah!...

— E sabe a quem cumpre muito particularmente dar essa educação à mocidade?... é ao sacerdote e à mãe de família.

— E então?...

— E então, é que o governo deve tratar com sério empenho de regenerar o nosso clero, que assim como está faz mal à religião, e

portanto ao estado e a si mesmo; e nós todos devemos ocupar-nos de formar boas mães de família.

— Que mais?... perguntou o comendador.

— A mãe de família, continuou o velho roceiro, é um objeto de importância imensíssima para a sociedade. As idéias que mais impressão nos causam, que mais enraizadas persistem no nosso espirito são aquelas que na infância recebemos; e, em relação à moral, ordinariamente o menino vê pelos olhos, ouve pelos ouvidos, e julga pela alma de sua mãe: as inspirações que na infância se recebem, ou nos dirigem sempre na vida, ou só à custa de constantes, reiterados e difficilimos combates são apagadas: e essas inspirações recebem-as o homem de sua mãe.

— Ainda temos mais alguma cousa?...

— Sim, é necessário também dizer que, se a missão da mãe de família é árdua em tôda a parte do mundo, no Brasil é particularmente muito mais espinhosa, porque no Brasil cada homem guarda dentro de sua própria casa um inimigo do coração de seus filhos, um poderoso elemento de desmoralização; em uma palavra, porque no Brasil existe a escravatura.

— Por consequência...

— Oh meu caro Sr. comendador! mais claro do que isto, só pôs de sapatos!... está entrando pelos olhos, que eu quero dizer, que não é com uma vida tôda passada em festas, bailes e teatros, que uma moça pode-se preparar para ser depois boa e cuidadosa mãe de família.

— Entendo, disse o comendador; o Sr. Anastácio, que há pouco aqui nos confessou que sua família o destinava para o sacerdócio, e que consequentemente deu-se aos estudos graves e austeros próprios desse estado, mostra bem que ainda conserva de memória tôdas as lições que aprendeu no seminário.

— Como é lá isso?...

— Quer em cada casa um convento, e em cada moça uma freira: é o herdeiro das carunchosas idéias do século passado!

— Oh, Maurício! exclamou Anastácio rindo-se terrivelmente; Maurício, olha o Sr. comendador como fala do século passado!... está lembrando-se do nosso tempo.

Maurício, que passeava pela sala, sorriu-se, e o comendador foi às nuvens com aquela horrível blasfêmia.

— O Sr. é um cego, bradou êle, que não vê as luzes do século!

— Tenho assim meus receios delas, respondeu o roceiro, porque sinto que vão queimando, com muita cousa má, muita cousa boa.

— Queria que, como dantes, vivessem as pobres moças enterradas nos fundos das casas; que não apparecessem a pessoa alguma, que não viessem falar às visitas, que se casassem sem ter visto a cara dos noivos, e que apenas olhassem para a rua pelos buraquinhos

das rótulas!... arrepiava-se agora ao ver que num baile suntuoso uma bela jovem aceita o braço de um nobre cavalheiro, e vai com êle passear conversando agradavelmente.

— Sim, arrepiou-me ao ver que um pobre pai, lá no tal baile suntuoso, sente que se aproxima de sua filha querida um marmanjo, que ela nunca viu, que não sabe se é um moço de bem ou um manco desmoralizado; e que no entretanto leva pelo braço a inocente menina, passeia e conversa com ela horas inteiras, diz-lhe cousas que a fazem rir, que a fazem corar, que a fazem estremecer: ah! se eu fôsse um desses pais!...

— Que faria? vinha o Carmo abaixo?...

— Que faria?! primeiramente, minha filha não dançava nem passeava senão com pessoas que eu conhecesse, e cujo caráter apreciava; e se porventura, alguma vez acontecesse o contrário disso, e minha filha corasse ou estremecesse, eu havia de ir logo perguntar-lhe a causa.

— E isso não demonstrava senão muito pouca confiança na virtude de sua filha.

— Sr. comendador, há homens que são víboras; nada se ilude mais facilmente do que a inocência; e um instante de alucinação é de sobra para manchar-se a vida toda de uma mulher.

— O Sr. nem ao menos enxerga dois palmos adiante de si!... não vê que os bailes facilitam os casamentos?!!!

— Facilitam?!!! dificultam, digo-lho eu; os ricos são poucos, os ricos que querem casar-se ainda em menor número, e os pobres, a menos que não tenham o juízo em água, não animam-se nunca a pretender a mão de uma moça, que não aprendeu a ser econômica, e que gasta contos de réis por ano com vestidos, que devem aparecer três horas em uma noite.

— Compreende-se facilmente a razão por que fala assim, Sr. Anastácio: não é só efeito dos espinhos da roça; é rebugem de velho; é inveja, porque já não pode fazer o mesmo.

— Sr. comendador, olhe que eu ponho tudo em pratos limpos! digo-lhe a verdade nua e crua, ainda que ela seja como mostarda, que eu lhe chegue ao nariz!

— Ordem!... ordem!..., disse Maurício; cinjam-se à discussão do orçamento; os Srs. têm divagado de tal modo, que me tenho mil vezes lembrado do nosso parlamento.

— Pode bradar como quiser. Sr. Anastácio, tornou o comendador Sancho, porque, apesar dos furores de todos os representantes dos velhos tempos, a sociedade progride, e a civilização vai fazendo conquistas.

— Sim, Sr.; tudo porém anda às avessas do que devia andar: os moços fazem-se dignos de repreensão, porque ostentam até os maus hábitos, que são apenas suportáveis nos velhos; e estes tornam-se ridículos à força de quererem parecer-se com aquêles.

— Como?... o que quer dizer com isso?...

— Quero dizer que encontra-se a cada canto desta cidade não pequeno número de verdadeiras crianças com enormes caixas de tabaco nos bolsos, e com charutos de palmo e meio na bôca. Quanto aos velhos o caso é muito mais interessante.

— Então o que é?... diga... o senhor anda-me com indiretas desde ontem à noite!

— Ordem! exclamou Maurício.

Anastácio estava vermelho, como um pimentão: levantou-se, e, pequenino como era, pôs-se nas pontas dos pés, e disse com força:

— Oh! Sr. comendador! há cousa mais risível neste mundo do que ver um homem aos sessenta anos de idade todo espartilhado, todo cheiroso, todo vestido a furta-côres, sendo o alvo das zombarias das senhoras, dos motejos dos rapazes, e da piedade dos outros velhos como êle?

— A quem se dirige o Sr. Anastácio?...

— Há cousa mais de costa acima, continuou o roceiro, do que ver um homem, como o Sr. comendador, que conta já perto de doze lustros, e que deve ter, pelo menos, tantos achaques como eu, andar por cá com balda de rapaz a namorar moças, que podiam ser suas netas, chegando até ao ponto de dar-se em espetáculo, como ainda ontem se deu?!... um homem de mais de cinqüenta anos dançando valsas francesas uma noite inteira!...

O comendador ergueu-se enraivecido, como a colira, de quem pisaram a cauda.

— O Sr. Anastácio insulta-me; mas fique sabendo, que eu tenho consciênciã da elevada posição que occupo na sociedade, para não abaixar-me até apanhar no chão que piso a injúria que me lançou um... um... um roceiro!...

— Então o que é isto?... acudiu Maurício colocando-se entre Anastácio e o comendador; pois dois amigos de tantos anos chegam a ofender-se por uma ninharia?...

— Ninharia não, respondeu Sancho; o Sr. seu mano caluniou-me atrozmente: deu-me, pelo menos, vinte anos mais do que realmente conto.

— Vinte anos de mais!... Sr. comendador, lembre-se que, quando o rei desembarcou, nós já fazíamos a barba.

— Nego!...

— Nega?! Sr. comendador, quando o rei chegou, já tinha o senhor pedido em casamento a D. Brites, filha do capitão-mor, que, por sinal, não quis estar pelos autos.

— E' falso! é falsíssimo! bradou o comendador com tôda a fôrça dos seus pulmões. D. Brites já era moça feita quando me batizei; eu sim, fui que não quis casar com ela... isto é um povo insulto, calúnia nova; eu juro que nunca encontrei mulher que me desprezasse.

— Que miséria! disse Anastácio soltando uma risada sarcástica; um carranca com balda de moço a contar os anos para trás!...

— Sr. Anastácio, digo-lhe que vá plantar mandioca!

— Ora, fico-lhe obrigado; isso faço eu.

— Acomodem-se, senhores! disse Maurício; mano Anastácio, basta; Sr. comendador, não se aflija; aquilo foi gracejo do mano.

— Gracejo não, acudiu Anastácio sentando-se, não o mandei meter-se comigo: foi p. a. pa santa Justa; e ainda me ficaram certas cousinhas para dizer em outra ocasião.

— Devia lembrar-se primeiro, tornou Sancho, que falava a um homem condecorado... a um comendador.

E sentou-se tomando uma larga respiração.

— Pum!...

— Sr. Anastácio!...

— Basta! basta! Meu caro comendador, desculpe o mau gênio do seu velho amigo, e alegre-se, porque alcançamos sobre ele uma brilhante vitória. Dou por discutido e votado pela grande maioria firme, compacta e decidida da minha boa vontade o orçamento proposto que, como rei da minha casa sanciono: gastará minha filha com o baile de amanhã 184\$000.

— Também este meu irmão a respeito de juízo gorou.

— Mano, já está fechada a discussão; o orçamento passou tal e qual.

— Porém eu...

— Silêncio!... eu sinto passos no corredor... é sem dúvida o nosso belo ministro, que vem saber o resultado da votação.

Anastácio sacudiu a cabeça com ar de piedade.

O comendador exalou um suspiro, e estendeu seu enorme peçoço, olhando para o corredor.

E apareceu...

### III

#### O belo ministro

Há neste mundo certos entes privilegiados, que sabem ser ao mesmo tempo demoninhos tentadores e anjos de salvação dos homens, criaturas especiais e milagrosas, que fazem dar mil voltas à cabeça de muita gente de juízo: são... quase que não era preciso dizê-lo, são as moças bonitas.

Despóticas rainhas do mundo em que vivem, empunham um cetro, que por mostrar-se enastado de flores, nem por isso deixa de estar também cravado de espinhos. Uma só dessas perigosas tentações com um simples olhar de relance, acende um vulcão terrível na alma de duas dúzias de pecadores; com um brando sorrir, a tempo

raiado no céu dos lábios, torna mesmo em cêra derretida o coração mais de pedra que se possa imaginár; com um travêssio anel de madeira a brincar esquecido sôbre a rosa da face, e que, ao mover da cabeça, vai heijar-lhe a comissura dos lábios, põe a gente a morrer de inveja dêsse ladrão de anel de madeira: com um momo meneado a propósito, adeus minhas encomendas, vão-se espatifados pelos ares todos os cálculos do gênero humano.

Ninguém lhes ensinou a olhar, a rir, nem a menear seus momos assim; ninguém foi dizer àquele travêssio anel de cabelos que fôsse entender com aquêles lábios de modo tão perturbador da ordem e da tranqüillidade do espirito humano. ninguém... no entanto elas fazem tudo isso às mil maravilhas; fazem-no mesmo tão à justa, que menos seria uma pena, e mais se tornaria um pecado.

Por causa dessa interessante porção do gênero humano passa noites em claro o opulento monarca, e o pobre lavrador; o poeta faz-lhe sonetos, e o ignorante versos de pé-quebrado; o velho, que se lembra do seu tempo; o moço, que se aproveita daquele em que vive; e o próprio menino que no — *vai-te esconder* — prefere muito significativamente as primas aos primos: todos enfim estão debaixo da influência dessa bela criação privilegiada.

E há razão para ser tudo isso assim, porque, falando a verdade, sem moças bonitas, êste mundo seria mesmo como um vale sem as galas da vegetação; como uma floresta sem as harmonias das aves; como um céu sem o brilho das estrêlas: como um coração enfim sem os assomos da esperança.

O poder, a influência dêsse belo povinho magnético é realmente inconcebível: às vêzes basta ver passar de relance uma moça bonita, para que o pobre homem, que a contemp'ou por breve instante, se é militar, se esqueça da guarda que deve fazer no dia seguinte, e dê consigo em uma fortaleza; se é estudante, estude debalde a sabatina que lhe foi marcada, e se exponha a um *R* furibundo no mês de novembro; se é matemático, gaste em vão duas e três noites seguidas em procurar o valor de um *X*, que está entrando pelos olhos.

A missão das moças bonitas no mundo ainda não foi bem compreendida: o egoismo e a ignorância dos homens levantam barreiras diante delas, que se vêm por isso impossibilitadas de fazer o bem que podiam; e a sociedade se acha encadeada por um niúhão de nós górdios, que uma só delas desataria com um leve sorriso muito mais regularmente do que o fêz outrora a espada de Alexandre.

Os estadistas, por exemplo, já se lembraram do grande partido que se pode tirar das moças bonitas na direção dos negócios políticos!... pois não concebem que um ministério composto dessas tentações era capaz de tornar republicanos os mais fiéis validos do próprio imperador de tôdas as Rússias? socialistas, e até comunistas, o marechal Radetzki, o duque de Wellington, e o príncipe de Meter-

nich?... furiosos realistas, o velho Dupont de l'Eure, o ardente Ledru Rollin, e o presidente dos Estados Unidos?... não compreendem que ministério tal podia fazer eleições sem cabalas, nem compromettimentos?... não crêem que era impossível haver parlamento, que negasse maioria a uma administração tão encantadora?... palavra, que não se perdia com a experiência; teríamos um ministério dirigindo os negócios públicos somente com olhares meigos, e sorrisos de esperança; em vez dos que agora temos, teríamos os partidos dos cabelos à chinesa, ou à napolitana. Realmente a lembrança não é de se deitar fora: as fardas dos Srs. ministros tem provado muito mal; valia a pena ensaiar os vestidos das Sras. ministras: por piores que elles fôsem, o país, se não ganhasse, também não perderia com a troca.

Ora, é preciso que fique muito bem determinado que nem a tôdas as moças é dado operar semelhantes milagres, que elles são exclusivos unicamente das bonitas; como porém não haja uma só que deixe de julgar-se bela, ainda que o contrário disso lhe vá dizendo o seu espelho trezenas de vêzes por dia, não correm estas considerações o grave risco de desgostar ninguém.

Pois eram de um dos felizes individuos dessa espécie, eram de uma moça que se julgava bonita, e que tinha razão de se julgar assim, os passos que os três velhos ouviram no corredor.

— É sem dúvida o nosso belo ministro que vem saber o resultado da votação, tinha dito Mauricio.

E o belo ministro appareceu.

Antes que a graciosa figura da moça se mostrasse à porta do corredor que dava para a sala, ouvia-se o leve ruído que faziam suas vestes movidas na viveza de seu andar, e derramou-se na sala uma doce aura perfumada, como se ali perto mimosa violeta estivesse exalando seu aroma: não tinha ainda apparecido a moça, e quem nunca a tivera visto adivinharia logo que era bela.

Enfim appareceu, e parou um instante à porta do corredor, maliciosa, risonha e zombeteira, dizendo:

— Ah! eu pensava que eram moças que estavam aqui na sala!... falavam tão alto, que cheguei a julgar que brigavam; ao menos porém o meu engano não foi lá dos maiores, porque se não eram moças... era o Sr. comendador.

Essa jovem senhora, que acabava de mostrar-se, tinha realmente muito que agradecer à natureza.

Esbelta e graciosa, deixava admirar um dèsses corpos delgados e leves, que como que são feitos para passar diante de nós correndo, que parece que, se os quisermos prender em nossos braços, dentre elles saberão escapar volvendo-se como um passarinho que se desliza das mãos de uma criança. Tinha os cabelos negros, longos, luzidios e ondeados; a fronte alva, lisa e nobre; e seus olhos pretos traquinavam dentro das órbitas com ardor e fogo: seu nariz modelara-se pelo da mais bem acabada estátua grega; nada poderia explicar a graça

elevadora de sua boca de Madona de Rafael, com seus lábios cor-de-nácar, escondendo iguais e alvíssimos dentes, e coroando-se de um buço feiticeiro, que simulava talvez nuvem voluptuosa, onde estivesse envolvido todo o encanto, toda doçura, toda imensa felicidade, que se pode beber no primeiro beijo de uma virgem; e abaixo de sua boca um interessante ninho de amor na bela covinha de seu mento, que fazia lembrar a Vênus de Médicis; a cor de seu rosto era branca, mas uns longes de rubor deixavam-se adivinhar em suas faces; o cisne do Uruguai cedia-lhe no garbo do colo; em seu peito cor-de-neve, e nos mistérios de seu peito havia ao mesmo tempo um céu e um abismo de amor. Completavam os encantos dessa mulher preciosa uma cintura de fada, braços grossos e muito proporcionados, que se ligavam a mãos dignas de uma princesa delicada, e finalmente pés modelados por Canova, que uma Andaluza invejara.

Ela apareceu com os cabelos atados à napolitana; vestida com roupão de merinó cor-de-alecrim, afogado, e por cima de cuja gola se debruçava um colarinho que disputava a alvura da neve: seu vestido, que atingia o maior grau de simplicidade, desenhava suas formas graciosas, cometendo apenas o erro indesculpável de, por muito comprido, esconder os seus pezinhos apertados em sapatos de lã preta. Para cômodo, ou antes por faceirice, trazia preso à cintura um avental de sêda verde escura, com ramos bordados da mesma cor.

O que porém tornava mais interessante ainda essa moça, era sobretudo a linguagem de fogo, que falavam seus olhos, a malícia que às vezes escorria de seus lábios, e em toda ela uma mistura de consciência da própria beleza com uns longes de modéstia angélica.

Bonita e gentil para atrair os olhares e pensamentos, esquiva, travessa e ardilosa para atormentar aqueles que, perdidos por ela, se deixassem arrastar após a cauda de seu vestido, a moça podia comparar-se com a rainha das flores, tanto pela formosura, como pelos espinhos.

Também acertaram de lhe dar um nome, que resumia a história de seus encantos e de sua interessante malignidade; um nome, que lhe assentava melhor que nenhum outro.

A moça chamava-se Rosa.

#### IV

#### Crédito suplementar

— Então, disse ainda ela da porta onde se deixara ficar parada, com efeito enganei-me... não brigavam?...

— Não te enganaste, Rosa, respondeu-lhe sorrindo-se Mauricio; saíram mais de vinte vezes fora da ordem.

— Mas por quê... como... tornou ela aproximando-se e descansando sobre o encosto de uma cadeira a mão mais de anjo que do céu tem caído neste mundo.

— Adivinha.

— Ah! meu paizinho! se eu adivinhasse já teria ficado mal com todas as minhas camaradas.

— Trabalha...

— Qual! é impossível! eu sou tão tóla...

— Pois era por tua causa.

— Por minha causa?... então...

— Discutia-se o orçamento que me apresentaste para as despesas do baile de amanhã, e desenvolveu-se a mais decidida e vigorosa opposição...

— Misericórdia! exclamou a moça, quando eu vinha agora mesmo pedir um crédito suplementar!...

— Um crédito suplementar!!!

— Está na regra, disse o velho roceiro; o crédito suplementar é o rabo-leva do orçamento; não se salva a pátria sem êle.

— Ora vejamos...

— Peço mais 36\$000, tornou Rosa, para a grinalda do cabelo, flor do peito e guarnição do vestido.

— Vamos lá, Sr. Maurício, mais 36\$000: não há que hesitar.

— Mas as flores, com que appareceste no baile de ontem ainda estão em muito bom estado.

— As mesmas flores!... Deus me livre; já fui a dois bailes, já appareci duas vezes com elas...

— Ora esta agora ainda é melhor! acudiu Anastácio; ainda mesmo que a Sra. minha sobrinha tivesse ido a trezentos bailes com essas flores, que mal havia em apresentar-se com elas em mais um, se ainda se conservam em estado de apparecer?...

— Com as mesmas?... repetiu a moça; sim... para que lá dissessem as tais minhas camaradas aos ouvidos umas das outras: — são as mesmas!...

— Pois acreditas que alguém se lembra das flores que levas no cabelo cinco minutos depois de havê-los visto?...

A moça sorriu-se, sacudiu a cabeça muito significativamente, e depois respondeu:

— Meu tio não comprehende o que é essa guerra feminina, que se chama um baile!... oh! mas é uma luta constante... terrível... enraivada... que se não acaba nunca enfim! A mulher hostiliza a mulher de todas as maneiras; se pode, morde-lhe o coração, espinha-lhe a vida, anuvia-lhe a frente, murcha-lhe os lábios e mancha-lhe o seio; e se não pode, ao menos desgrenha-lhe os cabelos, e rasga-lhe o vestido!... Em uma palavra, o vestido, os enfeites, os brincos, o adereço, as flores com que eu fui a um baile há seis meses

passados estão ainda na memória de todas as minhas competidoras; apareça eu amanhã, como me mostrei há seis meses passados, e cada uma delas irá dizer baixinho à outra: — É o mesmo vestido! são as mesmas flores! é tudo o mesmo! — Oh! mas eu me vingo também!... eu as sei de cor... bem de cor! a todas elas, uma por uma!...

— Bonito!... Sr. Maurício, dou-lhe os parabéns pela pombinha *sem fel que tem em casa!*

Rosa, que havia corado um pouco no fervor com que falara, soltou uma risada ao ouvir a reflexão de Arastácio, e disse:

— Meu tio, são seis meses para lá, e seis meses para cá; no fim do ano estamos pagas.

— Que puerilidades, e sobretudo quanta vaidade!...

— O que quer Vm., meu tio?... é a vida que os Srs. homens nos destinam; moças solteiras, temos um toucador; casadas, a chave da despensa; velhas, um rosário, e mais nada. Porém que me importa isto agora?... a minha questão é simples; meu paizinho, eu quero as flores.

— Menina, disse-lhe Maurício, deixa-te de flores por hoje... não há nada novo, nada interessante nesse gênero agora; esperam brevemente de Paris...

— Ora! em casa de Mr. Silvain há flores tão perfeitas, tão bem acabadas, que parecem mesmo colhidas de fresco.

— Está bem... pode ser; mas 36\$000 é muito dinheiro... não é possível... deixa-te disso.

— Sr. comendador, disse a moça levantando-se para Sancho, por quem é, tome a peito a minha causa; olhe que perde a sua valsa, porque sem as flores que peço, juro que ninguém me verá no baile, e...

— Oh exclamou o comendador com tom teatral, suspenda V. Ex. esse juramento fatal! seria privar-nos de um sol... que...

— *Importava pouco: o baile é de noite; e a essa hora dispensa-se o sol sem inconveniente algum.*

— Mas a luz de uma estrela...

— As estrelas são numerosas, e portanto pode-se muito bem passar sem uma delas.

— Não, por certo não; porque o equilíbrio planetário...

— Por quem é, Sr. comendador, não suba tanto, que eu temo perdê-lo de vista. Se não quiser ficar conosco na terra, aconselho-lhe que se contente com o mundo da lua.

— O espirito de V. Ex...

— Que espirito!... o meu espirito está a evaporar-se todo: eu vivo de perfumes, e não me querem dar flores.

O comendador exalou um suspiro arrancado do coração, e todo ternura balbuciou:

— Ah! minha senhora! se eu fôra uma flor, com que prazer me não ofereceria a V. Ex!

Rosa não pôde conter uma risada.

— Qual! não servia, respondeu; o Sr. comendador deve lembrar-se dos tranzes por que passaria para arranjar-se a modo de guarnição de vestido; e pela minha parte eu declaro que por cousa alguma do mundo consentiria em apresentar-me com o Sr. comendador nos meus cabelos.

— Bravo, sobrinha! exclamou Anastácio; estou quase votando pela compra das flores.

O comendador lançou um olhar arrevesado sobre o velho roceiro.

No entanto a moça chegou-se para Maurício, passou-lhe o formoso braço por trás do pescoço, e fazendo um momo enfeitado, disse com uma voz maviosa:

— Meu paizinho, dá-me as flores?...

Maurício despreendeu-se brandamente daquele braço, como se tivera medo de não poder resistir ao afago, e respondeu fingindo um leve enfado:

— Menina, toma juízo.

— Pois dê-me as flores.

— Deixa-te disso... não é possível.

— Sim... que eu me deixe disso, e que eu vá ao baile com flores velhas, com um vestido bem fora da moda... até mal penteadas; que me achem desgraçada... abatida no meio das outras... que me achem mesmo feia... que importa?... ora... não vale nada... não faz mal...

— Sr. comendador, disse Maurício, parece que já tardam os parceiros do voltarete.

— Não vou ao baile! gritou Rosa indo precipitadamente sentar-se no sofá; não hei de ir ao baile!...

— Anteontem foi a noite dos codilhos para mim; hoje porém hei de tirar a minha desforra.

O comendador bem lançava vistas amorosas para Rosa; mas não se atrevia a dizer palavra com medo do velho roceiro.

A moça guardou silêncio durante algum tempo; Maurício trocava sorrisos de inteligência com Anastácio: o comendador suspirava de vez em quando. Finalmente Rosa não pôde conter-se, e repetiu:

— Ora... que tem!... não vou ao baile.

— E os parceiros a se demorem! disse Maurício; aquêlle meu compadre Batista é a preguiça em pessoa.

— Bravo, mano!... exclamou Anastácio.

A moça encavacou completamente; voltou-se para o velho, e fingindo-se sossegada:

— Então pensa meu tio que eu me incomodo por não ir a um baile?...

— Quem disse semelhante cousa?... perguntou irônicamente Anastácio.

— Pode zombar como quiser, tornou-lhe ela; creia porém, e creiam todos, que não ir ao baile de amanhã será uma vitória para o que chamam minha vaidade.

— Também pode ser.

— Sabe o que há de acontecer?... amanhã à noite cem olhos se voltarão para a porta esperando ver-me entrar; perguntarão por que não fui, lembrar-se-ão de mim... sentirão a minha falta, e tudo isso é um triunfo!... Sim, meu tio, a ausência de uma moça bonita num baile, que ela costuma frequentar, é tão notável como o silêncio de um sábio numa sociedade de letras. Oh! isto é assim: estou bem contente... mesmo mais contente do que se fôsse.

Calaram-se todos: prolongou-se por muito tempo o silêncio: apenas se deixavam ouvir os suspiros do comendador Sancho.

Rosa, passados alguns momentos de imobilidade no sofá, começou a agitar-se; depois fitou os olhos no teto da sala, e sossegou de novo; depois cantarolou o alegre de uma ária italiana; depois levantou-se, e *passeou pela sala; e enfim, hesitando outra vez, e acabando por decidir-se, chegou para seu pai meio risonha, meio corada, passou-lhe a mãozinha pelos cabelos, e disse:*

— Meu paizinho compra-me as flores?...

Os três velhos não puderam suster-se, e desataram a rir: ela também ria-se, e ao mesmo tempo afagava seu pai.

— Ora já viram uma tentação como esta? exclamou Mauricio.

— Mas Vm. compra-me as flores?

— Nada! eu quero que tu triunfes; que amanhã à noite cem olhos voltem-se para a porta, esperando ver-te chegar, quero que perguntem por que não foste, que lembrem-se de ti, que sintam a tua falta: tu mesma disseste tudo isto.

— Ora, eu sou uma tôla... às vêzes não sei o que digo... quase que não me lembro ter dito isso.

— Porém dos teus pedidos lembras-te sempre, e muito.

— E Vm. compra-me as flores?...

— Que teima! não vês que teu tio reprova semelhante despesa?...

— Meu tio não pode ser juiz neste caso.

— Essa é boa! então por quê?...

— Porque não tem filhas.

— Não é razão suficiente.

— Mas Vm. há de comprar-me as flores?

— Veremos.

— Em uma palavra, sim ou não, meu paizinho?...

— Não.

Rosa pensou durante curtos momentos; enfim correu para o piano, e depois de brincar um instante no branco teclado com seus

dedinhos ainda mais brancos cantou, com voz argentina, doce e graciosa; cantou, se se pode deixar passar a expressão, com voz buliçosa e travêssa uma música viva e alegre, que interpretava perfeitamente os seguintes versos:

Mimosa natureza  
Me fêz bela e galante:  
Quem vê-me um só instante,  
Por força me há de amar;

Mas resta que faustosa  
Venh'arte cuidadosa  
Meus dons fazer brilhar.

Papai, que me quer bem,  
É quem há de pagar.

Meu pêzinho de neve  
É todo delicado  
E tósco vil calçado  
De certo o vai magoar.

Meu pé còr de marfim  
Sapato de cetim  
Só deverá calçar.

Papai, que me quer bem,  
É quem há de pagar.

Eu tenho corpo esbelto,  
E porte majestoso;  
Por meu andar garboso  
Me faço admirar.

A tanta gentileza  
Vestidos de princesa  
Só poderão bastar.

Papai, que me quer bem,  
É quem há de pagar.

A fada mais vaidosa  
De sua formosura  
No mimo da cintura  
Me deve a palma dar.

Mas faltam-me brilhantes,  
E um cinto de diamantes,  
Que na venha apertar.

Papai, que me quer bem,  
É quem há de pagar.

Meu colo majestoso  
 A mesma graça inveja:  
 Meu branco peito alveja  
 Ao lírio escurentar.

Por isso é que apeteço  
 Riquíssimo aderêço  
 Pra o colo me adornar.

Papai, que me quer bem,  
 É quem há de pagar.

As minhas mãos de neve  
 E dedos de cristal,  
 E as unhas de coral  
 Desejam-se beijar.

Mas dev'em luvas finas,  
 Mimosas, pequeninas,  
 Deixar-se adivinhar.

Papai, que me quer bem,  
 É quem há de pagar.

São longos e formosos  
 Os meus negros cabelos,  
 Tão crespos e tão belos  
 Ninguém pode ostentar;

Mas dobram de esplendor,  
 Quando uma linda flor  
 Entre elles vai brilhar.

Papai, que me quer bem,  
 É quem há de pagar.

Bem sei que sou galante,  
 Que tenho a côr da rosa  
 A voz melodiosa,  
 E o mais celestes olhar.

Mas deve arte e riqueza  
 D'amiga natureza  
 A obra arrematar.

Papai, que me quer bem,  
 É quem há de pagar.

Meu lindo sapatinho,  
 Meu cinto de diamantes,  
 Aderêço de brilhantes,  
 Não posso dispensar.

Vestidos de mil côres,  
E sobretudo as flores,  
Papai, vá me comprar.

Papai, que me quer bem,  
Tudo isto me há de dar.

— Bravo!... muito bem!... bravíssimo!... sublimíssimo!... exclamou o comendador.

— E agora, meu paizinho, disse Rosa correndo para Mauricio; sim ou não?...

— Pois ainda?...

— Mais que nunca: até há bem pouco pedia, agora exijo.

— Exiges?!...

— Sem dúvida: meu paizinho disse-me que, se hoje à noite eu lhe cantasse sem errar esta nova composição de meu mestre, que ele chama — o canto da vaidosa — havia de dar-me um presente.

— Mas ainda que... ia dizendo Mauricio.

— Errei?... perguntou a moça.

-- Realmente penso que não.

— Pois então quero as flores por presente.

— Já se viu rapariga mais impertinente?

— Se Vm. me der as flores não peço mais nada nestes quinze dias...

— Deveras?...

— Palavra de moça.

— Oh, mano, disse Mauricio, esta despesa é uma verdadeira economia!

Anastácio sacudia a cabeça com ar de piedade.

— Então, meu paizinho?...

— Nestes quinze dias mais nada?...

— Nem agulhas.

— Dou-te as flores.

— Vitória! exclamou Rosa batendo palmas com alegria infantil.

A moça abraçou o pescoço do amoroso pai, deu-lhe um beijo na testa, e correu para dentro, graciosa, como um beija-flor.

— E portanto, disse Mauricio sorrindo-se, passou também o crédito suplementar?

— O que muito positivamente passou, respondeu Anastácio, é que meu irmão Mauricio tem ainda menos juízo do que a minha sobrinha Rosa.

Maurício olhou para o comendador, e apontando para Anastácio, disse:

-- Ele não tem filha.

## V

## O Juca

Era de tarde.

D. Basília, senhora de seus sessenta e tantos anos de idade, de óculos de quatro vidros no nariz, e de lenço encarnado atado à cabeça, lia o Novo Dicionário das flores ou Vade-mecum dos namorados, tendo ao colo o seu querido gato pampa.

D. Clara, moça dos seus trinta e dois janeiros, segundo o livro do vigário, e de vinte quatro, segundo as contas dela mesma, estava acabando a centésima-vigésima-quinta cousa-nenhuma do vestido novo, com que devia apresentar-se no baile dessa mesma noite.

Faustino, jovem de vinte e oito anos, achava-se sentado junto de uma mesa, com a perna esquerda estendida sobre uma cadeira, e escrevia muito, meditando pouco.

Faustino era alto, corpulento, de olhos fundos, cõr morena e nariz de fazer sombra.

D. Clara era de boa altura, cheia de corpo, cõr atirando para amarelo, que ela chamava romântica, cabelos castanhos, olhos pardos, porém vivos; nariz microscópico; bõca alopática e queixo homocópico.

A velha era velha.

— Amor-perfeito: — Existo para ti só!... — Como é bem acaido isto !!! dizia lendo D. Basília.

— Este babadinho aqui, exclamava D. Clara, é mais eloqüente do que um livro de retórica: às vêzes tôda a graça de uma moça está palpitando em um babadinho!

— Cataclismo!... maldição!... horror!... Inferno e fúrias!... bradava Faustino escrevendo.

Bateram palmas.

— Quem é?... perguntou a velha em tom de falsete.

Bateram de novo.

— Com efeito! tornou D. Basília marcando a página de seu livrinho; nem ao menos deixam à gente tempo para se instruir!

— Quem é?... perguntou Faustino com voz de baixo profundo.

— *Amicus certus in re incerta cernitur*, respondeu alguém da escada.

— Esta voz... mas... não é possível...

— Entre...

Entrou.

— Juca!...

— Juca!...

— Sr. Juca!...

O livro caiu das mãos e o gato pampa do colo da velha, a pena dos dedos do moço, e a manga do vestido de D. Clara estêve por um triz a arrastar-se pelo chão.

O moço que acabava de entrar chamava-se José, e era efetivamente o Juca mais endiabrado que a Sra. natureza tinha querido formar em horas de travessura.

Não podia contar mais de vinte e quatro anos: era de estatura mediana, e muito bem feito; tinha cabelos albrados, côr rosada, tez fina, olhos negros e buliçosos, bôca grande e riquíssimos dentes, que alvejavam por entre lábios de coral, dos quais o superior se mostrava debruado com um bigodinho de cadete afeminado.

Vinha vestido de calças brancas sem presilhas, colête côr de cana, gravata preta muito baixa ao pescoço e paletó de merinó côr de vinho.

A expressão fisionômica, os modos, os menores movimentos dêsse rapaz denunciavam à mais rápida vista d'olhos, que era êle tão vivo, talvez mesmo tão bom de coração, como leviano e extravagante.

Mas enfim os abraços e os cumprimentos tinham tido o seu termo.

— Porém, Juca, você por aqui... como é isto?... perguntava a velha.

— Quando vieste, Juca? inquiria Faustino. Chegou o vapor?... que novidades há pelo Norte?...

— Basta! alto! parem aí!... não posso responder a tantas perguntas ao mesmo tempo: vamos por ordem.

— Quando chegaste?

— Hoje, agora mesmo.

— Mas como é isto?... deram-se as férias!...

— Dei-as eu.

— Sempre a maldita vadiação!...

— Nego a consequência! exclamou o Juca rindo-se às gargalhadas; Vms. tôdas, logo que passaram dos cinqüenta anos de idade, continuam a ter muito cuidado com a cabeça dos rapazes; mas a respeito do coração... nem pitada! pois é um êrro: um mancebo é uma máquina de vapor; não duvido que a cabeça seja a válvula de segurança; como porém o coração é a caldeira, preciso se faz ter também algum desvêlo com ela.

— E teu pai, e teu pai?!!

— Ai vem Vm. com o pão nosso de cada dia do outro tempo!...

— Mas...

— Que mas, senhora?... o que foi o que me disse meu pai?...

Quando fiz dezoito anos, e me apresentei a êle com os meus preparatórios muito mal alinhavados, recebi umas poucas cartas de recomendação, e estas palavras em despedida: — Tens sessenta mil réis de mesada, vai para a côrte estudar. — Estudar o que, meu pai?

perguntei eu. — Ora essa é boa! exclamou êle; estudar o quê?... estudar os estudos!... — Montei no barrinho, pus-me na estrada, e fiquei nesta bela côrte estudando os meus estudos; ninguém dirá que principiei mal; matriculei-me na escola de medicina.

— Sim... até aí mostraste ser moço de juízo.

— Porém medicina é uma ciência, uma grande ciência mesmo, e contudo estudar *medicinas* não era estudar os meus estudos; o que fiz então?...

— Vadiaste.

— Qual vadiiei! estudei a dança, que é a ciência dos pés; a ginástica, que é a dos músculos e articulações; o florete, que é a das mãos; a pintura oriental, bordado e ponto de marca, que é a dos dedos; música e declamação, que é a do peito, da garganta e da língua; estudei até a ser cabeleireiro, que é a ciência da verdadeira cabeça; estudei muito mais ainda, Sra. D. Basília! estudei o bilhar, que é a geometria e o cálculo em ação; estudei o namôro, que é o verbo balbuciante da ciência telegráfica; estudei...

— E achas que ganhaste muito estudando tudo isso? perguntou a velha.

— Ah! Sra. Basília! tornou o estudante; cedo conheci os homens e as cousas; apalpei a sociedade, onde me cumpre viver; e preparei e preparo-me para representar nela um brilhante papel!

— Com a dança?

— Sim, porque a dança, já o disse uma vez, é a ciência dos pés, e o mundo está de cabeça para baixo e de pés para cima, e os homens de hoje parecem ter as almas nos calcanhares.

— Mas a ginástica?...

— Oh! a ginástica?! a ginástica, minhas senhoras, é um dos ramos mais importantes dos estudos sociais e políticos!... Pois as senhoras não têm reparado já que todos os hábeis estadistas são capociras?...

— Mas o florete para que serve?...

— O florete ensina-nos a viver em guarda; e, o que não importa menos, a saber ferir a tempo.

— É a pintura oriental?...

— Ilude os tolos.

— Porém o bordado e o ponto de marca?...

— Isso agora é questão um pouco mais intrincada: aprendi o bordado e o ponto de marca, porque detesto o exclusivismo na sociedade, e pretendo demonstrar por essa maneira que as senhoras têm incontestável direito a ser médicas e boticárias, chefes de policia e inspetoras de quartelão, ministras de estado, deputadas, e até mesmo senadoras, sapateiras e alfaiates, e tudo mais que nós os homens podemos ser, do mesmo modo que nós os homens temos também o direito de marcar, bordar e trocar bilros.

— Lá nisso, Juca, por certo que pensas bem; mas para que aprendeste ainda a música e declamação?...

— Oh! quem sabe cantar e declamar, tem meio caminho andado no que diz respeito aos afetos e aos sentimentos ardentes! sim, ama-se por sustentidos, despreza-se por bernóis; e quando o amor deixa de nos fazer conta, e o desprezo já não tem lugar, com um simples bequadro destroem todos êsses acidentes da solfa do coração; e declamando... declamando então?... oh! por certo a declamação é um verdadeiro tesouro na época em que aquêle que mais grita é o que tem mais razão!

— Porém ser cabeleireiro, Juca, de que pode servir a um homem que se destinou à medicina?...

— O cabeleireiro, Sra. D. Basília, é um dos membros mais uteis da sociedade; qual é a missão do cabeleireiro neste mundo?... arranjar as cabeças desarranjadas; e todos nós sabemos como andam as cabeças neste século de teias de aranha.

— E enfim o bilhar... o bilhar?...

— Quê! o bilhar?! a ciência das carambolas!... Oh! os homens ainda não compreenderam todo o poder, tôda a utilidade de uma carambola! o bilhar?! só nos mistérios do tacco, e nos ângulos de reflexão há um mundo intenso e incompreensível!...

— Por consequência pensas que te tornaste um sabichão com êsses conhecimentos!

— Não contentei-me só com êsses, Sra. D. Basília; estudei muito mais ainda, e perdi mesmo o meu tempo estudando um *quantum-satis* de francês para conversar com certas moças; de italiano para entender-me com as primas-donas do teatro de canto; de inglês não sei mesmo para quê; e até sem nunca estudar os primeiros rudimentos da língua grega, achei-me, como por encanto, grego, completamente grego nas matérias do meu curso de medicina.

— E o resultado?

— Foi reprovarem-me duas vêzes aqui no Rio de Janeiro; mas, daí não se segue, que eu não tenha feito já uma grande parte dos meus estudos.

— Mas a medicina?

— A medicina é uma ciência sem bases; é uma estátua de pés de barro; serve para os doentes, do mesmo modo que a boneca serve para as crianças: não há necessidade de médicos de academia; alguns de nossos ministérios já o têm procurado demonstrar por vêzes; no entretanto venci dois anos na escola do Rio de Janeiro; entendeu porém meu pai, que cumpria fazer-me viajar, e mandou-me para a Bahia: fui aprovado no meu terceiro ano médico: achava-me agora no quarto, tinha mesmo determinado fazer um brilhareto no fim dêste ano, quando obrigaram-me a cortar a minha carreira: sim, forçaram-me a arranjar um entre parêntesis na minha vida de estudante.

- Vão ver que foi alguma nova extravagância!
- Ah! Sra. D. Basília, não foi extravagância: ia sendo mesmo o diabo... uma cousa horrível... uma desgraça espantosa...
- Deu alguma facada?... perguntou a velha tremendo.
- Pior do que isso...
- Quiseram recrutar-te, Juca?...
- Muito pior!...
- Ah! minha mãe, exclamou Clara quase a chorar, sem dúvida appareceu a cólera-mórbus na Bahia...
- Ainda pior!... bradou o estudante; foi... ou ia sendo uma calamidade tremenda como o dilúvio universal!...
- Então o que foi?... diga...
- Escapei de casar-me.
- Ora, Sr. Juca, disse Clara; você cada vez fica mais tolo.
- Apoiado, Juca! gritou Faustino.
- Olhem o outro...
- Calém-se, disse a velha; vamos ouvir o Juca contar o seu caso.
- Pois lá vai.

## VI

## Por um triz

A velha, a moça e o mancebo embuberam os olhos no rosto de Juca, que começou logo a contar a sua história.

— A algumas léguas da cidade da Bahia preparava-se uma festa, cuja fama chegou até a escola de medicina, e despertou no ânimo de alguns estudantes o desejo de ir tomar parte nela. Entrei na conta dos desejosos, e em número de sete fechamos os livros e fomos à festa: eram quatro ou cinco dias de gazeta, quatro ou cinco pontos mais, a que nós como filósofos não podíamos dar importância.

Decidiu-se, que para ocorrer às despesas essenciais, irmanamente nos cotizariamos; mas com o fim de fazer brilhar em todos nós a chama sagrada da emulação, com o fim de abrir o campo vasto à agudeza de nosso espirito, foi também tratado e decidido, que aquêlle dos sete, que nos dias de festa provasse mais valor e coragem nas lidas amorosas, fizesse a viagem de ida e volta e gozasse todos os prazeres à custa dos companheiros.

— Estes estudantes são da pele do não sei que diga!

— Ah minhas senhoras! patuscar à custa dos outros para depois rir-lhes no rosto, é o sonho querido, o belo ideal do estudante!... aquela fatal disposição, aquêlle contrato de — gauderagem — foi o objeto de tôdas as minhas reflexões durante a nossa viagem. A idéia de ficar vencido, de ver um companheiro divertir-se à minha custa

atormentava-me, como um remorso. O pomo d'ouro tinha sido lançado no meio de nós, e se eu não conseguisse ganhar êsse pomo, considerar-me-ia eternamente desonrado.

— Mas Sr. Juca, disse Clara, não sei por que havia de ter tanto mêdo assim: o senhor foi sempre tido entre as senhoras por moço bonito.

— D. Clarinha, também eu não me tenho na conta de tão ruim cousa, que me assuste a vista de qualquer espelho; mas, olhe, não era o meu rosto, que me desanimava; não eram igualmente as graças e prendas de cinco dos meus companheiros todos mais ou menos bonitos, e interessantes, o que me fazia tremer.

— Então...

— Era o sexto.

— O sexto?!!

— Sim; o meu sexto companheiro era um mono, D. Clarinha, um mono que nos fazia rir, e quem sempre nos conservava à distância de três palmos dêle pelo receio de têmos algum encontro desagradável com o seu nariz.

— E era por causa dêle...

— Também não era efetivamente por causa dêle; mas sim por uma cousa, que a alta sociedade chama — capricho das senhoras — e que o ignóbil vulgacho tem a ousadia de explicar com um provérbio insolente, que acaba por estas palavras "pega sempre no pior".

— Ora... que asneira...

— Adiante, Juca; disse Faustino.

— Vou resumir tôda minha história, continuou o estudante; escutem pois. Tivemos três dias de festa: haviam moças bonitas a contentar a setenta, quanto mais a sete estudantes; feias então não falemos... Faustino, olha, que há muita mulher feia neste mundo!... quanto bicho careta se escondia do Recôncavo, veio mostrar-se à luz do dia: eu fiquei espantado ante a imensa variedade e riqueza do reino animal! vi tesouros incalculáveis, que poderiam bem povoar duzentas salas do museu nacional: no entanto nada chegava a ousar comparar-se com um espectro de cinqüenta e tantos anos, que se chamava Bonifácia: ah! deveriam tê-la crismado com o nome de Malifácia; tinha o corpo de um lagarto, uma carinha de gafanhoto, cabelos de ouriço, mãos de aranha, voz de sapo, rir medonho e um andar de lamber léguas. Era um ente espantoso desde o seu nascimento: o vigário da freguesia tinha hesitado em batizá-la, e não o fêz senão depois que hábeis peritos declararam formalmente que era de fato uma mulher, e não um bicho: em suma era mulherzinha, que com seus oitenta contos de réis de dote, ainda não havia podido achar casamento, apesar de todos os esforços de sua família!

— Que lingua!

— Vamos à história: antes do fim do primeiro dia meus com-

panheiros já estavam de obra começada; amavam já *eterna e desesperadamente*: cada qual acreditava-se vitorioso, fazendo ressaltar aos olhos dos outros os encantos e graças de sua bela e a felicidade e prontidão da conquista.

— E tu?...

— Eu ia espichando-me completamente: começava já a apaixonar-me pela mais bela flor daquele prado: tinha já conseguido merecer a sua atenção, quando ao passar diante dela uma vez, vejo-a soltar uma gargalhada... volto os olhos, e quem, quem estaria perto de mim? quem atraía os olhos da interessante moça? adivinhem...

— Eu não sei...

— O mono! o meu terrível companheiro! o fatal mono, que em menos de duas horas pôs-me fora de combate, e fêz-se objeto exclusivo dos sorrisos, e afetos da bela: ah! eu o tinha previsto!... era a regra.

— É depois?

X — Depois, eu que já havia dado corda ao realejo de meus amantes amôres, fi-lo parar de novo, e fiquei inerte durante todo o resto do primeiro dia de festa.

— E no segundo?

X — Eu estava desesperado... mas bem diz o adágio, que o melhor conselheiro foi sempre o travesseiro: durante a noite, aproveitando o silêncio e o sossego, pensei comigo mesmo, refletindo pela seguinte maneira: — O prêmio da vitória pertencerá ao que provar mais valor e coragem nas lidas amorosas: ora, para requestar uma moça bonita, não é preciso ser valente, nem corajoso: isso faz af qualquer cabo de esquadra; mas namorar um espectro, uma fúria, sim, é bravura própria de um César; por consequência...

— Por consequência o quê, cabeça de vento?...

— Determinei-me a, no dia seguinte, apaixonar-me furiosamente pela horrendíssima Sra. D. Bonifácia.

— Misericórdia! exclamou Clara,

— Então que espanto é esse?...

— Pois quando o Sr. diz, que lá haviam tantas moças bonitas!

— Qu'importa?... e a outra não achou também que era mais conveniente deixar-se amar pelo mono, do que por mim?... pois quem com ferro fere, com ferro será ferido: desprezei a todas as pretensiosas formosuras que por ali ostentavam, pela Sra. D. Bonifácia.

— E ela...

— Fui feliz, como César, continuou o Juca; cheguei, vi, e venci: às dez horas do dia seguinte o amor era todo brasa: à uma hora da tarde recebi um presente de zorô e vatapá; e ainda antes de anoitecer, um outro doce de côco: os meus seis companheiros até então só haviam podido alcançar, êste um olhar meigo, aquêle um terno sorriso, e os mais felizes algumas flores significativas.

— E enfim?...

— Para encurtar razões, direi, que no fim do terceiro dia, na véspera da nossa volta para a cidade, fiz um soneto fulminante, um soneto de despedida à minha idolatrada Bonifácia: fui obrigado a ter com ela uma entrevista, na qual por entre horribéis suspiros, e medonhos soluços, a minha apaixonada jurou, que jamais se esqueceria de mim, e prometeu-me que brevemente me causaria a mais agradável surpresa. Eu não disse palavra na entrevista; nunca me tinha visto tão perto de um bicho semelhante; o susto, o horror obrigou-me a ficar mudo e quêdo, a ter toda a modéstia possível com Bonifácia, Cam que atribuiu o meu silêncio à força da saudade e à dor da separação, e falou por si e por mim: foi um solo de zabumba completo.

— Que monstro!...

— Quando senti-me livre daquela entrega, dei saltos de contente; tomei uma dessas respirações largas e consoladoras, que se tomam, depois de um pesadelo horrível, que nos atormentou durante o sono.

De volta à cidade da Bahia, reuniu-se o soberano conselho estudantil; cada um dos sete fez a história de suas conquistas: mas ao escutar-se a relação de meus amôres com a incomparável Bonifácia, todos os meus companheiros curvaram-se diante de mim, como aos pés de um herói, e o soberano conselho decretou unânimemente que eu fôsse considerado como o bravo dos bravos, e o mais corajoso dentre os sete.

— E acabou-se a história.

— Qual! o pior, e ao mesmo tempo o mais interessante começa agora. Já eu estava esquecido dêsse episódio da minha vida de estudante, quando recebo um bilhete anônimo todo perfumado, e todo cheio de frases ternas, no qual se me convidava par ir a uma casa, que me era designada. Um estudante não recua: fui... bati... entrei, e, *“oh! que não sei de nojo como o conte!”* achei-me cara a cara com a Sra. Bonifácia. Cam

— Bravo! bravo! exclamou Faustino.

— Tive bastante presença de espírito para fingir uma espécie de alegria de comédia; e a minha impertinente namorada declarou-me, que havia confiado o segredo do nosso amor a seu irmão, que o aprovara, e que a trouxera para a cidade a fim de não vê-la morrer de saudades. Fiquei sem sangue nas veias, e sem saliva na bôca! o irmão da fúria era um monstro, um machacaz, um brutamonte, um Sansão.

— E depois?...

— Depois, Faustino?... ah! tu não sabes o que é uma mulher velha, feia, quando lhe passa pela cabeça a idéia do casamento! a impertinência de um mosquito, ou de um grilo em noite de verão, a rabeça de um barbeiro que mora defronte de nossa casa, o primeiro

discurso de um deputado novo, que conta o como se fizeram as eleições na sua terra, *um gato que passa noites inteiras miando no telhado bem em cima da nossa cama; uma mulher que casa em segundas núpcias e que leva todo o santo dia a falar das virtudes de seu defunto, e dos defeitos do seu segundo marido; o teimoso irmãozinho de uma moça bonita, que nos vem trepar pelas pernas acima, quando vamos fazer a nossa visita vestidos de calça branca, tudo isto e mais ainda é um passatempo agradável, é a bem-aventurança cá da terra em comparação da tenacidade, com que nos persegue uma velha, em cuja cabeça entrou a idéia da possibilidade de casar-se conosco!... sim! entendo que êste negócio é muito sério: uma mulher que casa depois de ter feito cinqüenta anos, é um anacronismo vivo de uma natureza morta! entendo que deve-se pôr cõbro nisto: tãda a velha que à força quiser casar-se, deve ser considerada criminosa, e como tal condenada a criar pintos.*

— Isso que estás dizendo agora é uma tolice, Juca: exclamou Basília, remexendo-se tãda na cadeira; eu conheço muitas senhoras *de mais de cinqüenta anos, que não se trocam por estas moças do tempo de agora.*

— Continua a tua história, Juca; disse Faustino sorrindo-se.

— Faustino, *proseguiu o estudante; foi um apêto dos meus pecados! por mais que tentasse fugir da Sra. Bonifácia, o Sansão... é verdade, o tal monstro irmão da fúria chamava-se mesmo Sansão; o Sansão ia diàriamente buscar-me para visitar sua interessante maninha: falavam-me ambos do rico dote, que devia passar às minhas mãos; faziam-me presentes quase todos os dias, e de vez em quando o Sansão me contava um sem número de atos de valentia, de selvaticueza, e de força bruta, que já tinha praticado, e de que muito se ufanava: ora mais claro do que isso não era possível desejar: realmente em me achava entre Sylla e Carybdes: era escolher entre a mão da fúria, ou o punho do monstro: ou faca ou dente.*

— Acaba.

— Um dia a Bonifácia e o Sansão convidaram-me e a dois amigos meus para jantar com êles: apresentaram-nos mesa lauta e vinhos preciosos, fizeram-me comer como um feitos, e beber como um polaco: antes de duas horas tanto eu, como meus dois companheiros *estávamos completamente embriagados: isso mesmo esperavam os dois irmãos; aproveitando-se do nosso estado obrigaram-me a prometer casamento à fúria, e assinar um papel que não li, e que os meus dois amigos assinaram como testemunhas; finalmente despediram-se depois de fixar-se o ato do meu casamento com a Sra. Bonifácia para daí a três dias.*

— E tu...

— Quando tornei a mim da carraspana, quando me fizeram ver *ao que estava obrigado, fiquei em um verdadeiro estado de desespero: e paru meu maior tormento cem corações de pedra, cem estudantes*

desalmados e cruéis vieram um por um cravar-me o seu punhal nas entranhas, dar-me os parabéns pelo meu próximo casamento, fazer recitar sonetos e odes à formosura da noiva, e à felicidade do noivo: oh! era um inferno!

— E os oitenta contos de réis de dote... observou Faustino; aqui na côrte uma velha com oitenta contos de réis de dote achava trezentos casamentos em três horas!

— Oh! porém eu sou um estudante, e, mesmo quando o não fôsse, nunca poderia parecer com essa gente, que tem a alma dentro da carteira, e o coração nas fôlhas do livro-mestre.

— Mas enfim.....

— Mas enfim o Sansão tomou tôdas as disposições para celebrar-se o meu casamento no dia designado: appareceu-me em tôdas as tardes com cara de algoz, e enfim chegou a hora fatal..

— Vamos ver como te saíste do caso...

— Eu sabia perfeitamente que a minha assinatura prestada em completo estado de embriaguez não podia obrigar-me a apertar os terribes laços: mas como resistir? como negar-me ao cumprimento da fatal promessa, se o aspecto sinistro do Sansão apparecia sempre diante de mim semelhante a um tremendo fantasma?... Faustino, tu sabes, que eu nunca pretendi honras de valentão: sou um Ferrabraz de *linguaram*: mas quando o negócio cheira a chamusco ou mesmo a sóco, tenho o costume de pôr-me ao fresco.

— Portanto...

— Portanto não houve outro remédio, senão adoecer gravemente: ah! concordem comigo; casar com uma mulher velha é uma cousa, que faz dores de barriga: quando pois souo a hora fatal, escrevi uma carta ao Sansão participando-lhe, que me achava atacado de colites.

— Colites!...

— Sim; não achei na patologia moléstia mais razoável para o dia de um casamento com uma velha.

— E o Sansão?...

— Com a leitura da minha carta a Sra. Bonifácia teve uma syncope, e o Sansão correu furioso à minha casa: com isso contava eu, e tinha já tomado tôdas as disposições, que julguei necessárias: o Sansão achou-me no leito de mentirosas dores, cercado de muitos amigos; ah! nem assim mesmo o tirano quis mostrar-se comovido; pretendeu lançar-se contra mim; mas vendo que meus companheiros estavam prontos a defender-me, cobriu-me de insultos e de impertéios, disse cobras e lagartos de mira e de toda a minha geração, e finalmente jurou que havia de quebrar-me os ossos.

— E tu?...

— Brilhou em minh' alma uma idéia luminosa, ergui a cabeça, e com voz desfalecida exclamei: "Sansão! acabaste de ofender a minha honra: eu te desafio pois a um duelo de vida ou de morte!"

— Bravo! Faustino.

— Meus companheiros ficaram espantados daquele inesperado acesso de audácia; e o Sansão aceitou incontinenti o desafio. Escolheram-se os padrinhos.

Ficou determinado que o duelo teria lugar logo que eu me declarasse restabelecido de minha enfermidade: quizeram os meus amigos escolher o florete para a arma de nosso combate; eu porém opus-me, porque soube que o meu adversário não conhecia os mais insignificantes botes de florete, e declarei formalmente, que exigia que a nossa arma fôsse a pistola, a dez passos de distância, atirando em primeiro lugar o meu adversário.

— Bravo! bravo! exclamou Faustino.

O Juca falava cheio de fogo: Basília e Clara estavam pálidas e trêmulas.

— Fiquei ainda nove dias de cama; a colite estava diabòlicamente teimosa; no décimo dia porém meus colegas vieram dizer-me, que tinha chegado o vapor do norte, e que no dia seguinte largaria para o Rio de Janeiro.

Ouvindo semelhante notícia, ergui-me de pronto e perguntei.

— A que horas sai o vapor amanhã?...

— Ao meio-dia em ponto.

— Definitivamente?...

— Definitivamente.

— Pois ide de minha parte dizer ao Sansão, qua amanhã ao meio-dia em ponto o vapor levará ao Rio de Janeiro a notícia de minha morte.

— Como?...

— Vou escrever minhas despedidas a meus pais; e amanhã também ao meio-dia em ponto, bato-me com Sansão.

Meus amigos abaixaram as cabeças tristemente: os meus padrinhos foram encontrar-se com os de Sansão, e eu fiquei só com os outros companheiros.

— Amigos, disse-lhes então com imperturbável sangue-frio, a minha morte é certa: quero hoje portanto pagar algumas dívidas que tenho, e como falta-me o dinheiro, vou fazer leitão de todos os meus bens: possuo uma mesa, uma cadeira, duas canastras de roupa, e uma biblioteca, que contém quarenta e dois volumes: vamos a isto!

Foi dito e feito: em menos de meia hora vendi quanto possuía. Depois pedi que me deixassem só, e que me fôsem encontrar no dia seguinte, e à hora determinada no lugar escolhido para o duelo.

Os meus pobres amigos abraçaram-me: alguns derramaram lágrimas, e finalmente fizeram-me o obséquo de ausentar-se.

— O negócio vai-se complicando, disse Faustino.

— No dia seguinte, continuou o Juca com voz sepulcral, que fêz estremecer Basília e Clara; no dia seguinte, quando os sinos das Igrejas da Bahia davam o sinal de meio-dia...

O Juca hesitou.

— Acaba...

— O Sansão estava à minha espera no lugar designado para o nosso duelo...

— E tu?...

— Eu vinha muito fresco no vapor para o Rio de Janeiro.

Faustino desatou uma gargalhada.

— Fêz muito bem! fêz muito bem! exclamou Clara batendo palmas.

— Que sasto que me causaste, Juca! disse Basília; mas felizmente que pudeste escapar!

— Sim! eis-me salvo! eis-me livre das garras da velha! eis-me ainda digno das moças.

— E para onde vais?...

— Para parte nenhuma; eu aqui fico. Enquanto não arranjar um quarto em casa de algum estudante, pretendo ficar morando com Faustino.

— Bem bom: vai buscar as tuas canastras.

— Canastras de quê?...

— Ora canastras de quê!... da tua roupa.

— Ah! sim! da minha roupa?... eu trago tôda ela dentro da copa do meu chapéu.

## VII

### O publicista

— Porém, Faustino, disse o Juca chegando-se para a mesa, junto da qual estava aquêle, é verdade! ainda agora é que reparo!... parece que já te ocupas em alguma cousa, hein?

— Sim, respondeu Faustino; fiz-me publicista.

— Publicista?... que diabo de bicho será êsse?! explica-te.

— Sou redator de periódicos.

— Tu?... tu, Faustino, intrometido na política!

— Então que mal há nisso?... é um negócio, como muitos outros.

— Está direito: mas vamos a saber, que partido segues?...

— Todos.

— Todos?!?!

— Ou nenhum; escolhe.

— Faustino, eu sempre te conheci muito pateta para agora te supor velhaco.

— Tens razão, meu Juca, tens razão; castiga-me: eu não fui um pedaço, fui um asno inteiro: mas o que queres?... eu era muito novato, e tinha a cabeça cheia de teias de aranha; acreditava em honra,

desinterêsse, patriotismo, e em tôdas essas mil quimeras, que escravizam o homem na sociedade.

— Que é lá isso?... exclamou o estudante recuando dois passos; estás doido, ou pretendes mangar comigo?...

— E' tal e qual.

— Nesse caso, Faustino; passaste de todo a desmoralizado.

Faustino encolheu os ombros.

— Sou o que querem que eu seja: o homem de bem em uma sociedade corrompida é uma espécie de peteca, com que os velhacos se divertem. Os exemplos devem partir de cima para baixo: pois quando eu vejo altos funcionários públicos, que deviam ser as vestais da moral e da honra, desfazerem-se em mil zumbaias ante homens desmoralizados e abjetos, mas que podem ostentar cofres peçados de ouro; quando eu vejo o pobre honesto andar pelo mundo aos pontapés, e o rico sem pudor viver nas palminhas das mãos de todos; querias, que eu me voltasse contra o espírito da época, e me fizesse mártir?...

— Oh! minha terra! minha terra! exclamou o estudante; que futuro te espera com semelhante gente!...

— Juca, toma o meu conselho: deixa-te de lamentações; aceita o mundo tal qual é, e não tal, como devia ser.

— Fazes-me pena, Faustino: estás com um coração ainda mais feio, do que o rosto da minha terna Bonifácia.

— Obrigado; fica-te lá com o teu coração bonito; fica sempre com a tua alma virgem, fica sempre belo, puro, gracioso, como a própria virtude; porém ao mesmo tempo fica também pobre como um frade franciscano; no entanto torne-me ainda mais feio do que sou, não cultivando, não compreendendo até nenhum sentimento generoso; não tendo fé, senão no dinheiro; desdenhando a religião, desprezando meus parentes, desonrando minha pátria, zombando de todos e de tudo, cometendo indignidades, vendendo a minha palavra, finalmente rindo-me dêste mundo, e não acreditando no outro, mas em compensação rico... atolado até os olhos em ouro, riquíssimo, como Cressus, ou como o diabo; pois muito bem, tu és um nobre, um excelente mancebo, e eu um indigno, um tratante, um miserável milionário. Agora de braço dado coloquemo-nos defronte do mundo, e tu verás que o mundo vem lambe-me os pés, e cuspir-te no rosto; e tu verás, que os figurões correm apertar-me a mão, e a farejar-me o dinheiro, e que olham-te por cima do ombro; e em uma palavra, tu verás que não podes passar de um triste farroupilha, enquanto eu sou, apesar do mais hediondo passado, tido na conta de um homem de elevadas qualidades.

— Não! isso não! isso é demais!

— Está bem, não te aflijas, corrigirei a expressão; lá vai: inferiormente os homens me hão de julgar indigno, irreligioso, ingrato, mau, perverso; mas curvar-se-ão diante de mim, ou de meu dinheiro,

entornarão elogios em meus ouvidos, e dirão em voz alta que eu sou uma grande cousa, inda que no fundo do seu coração murmurem, que sou uma cousa muito ordinária.

— Está bem, Sr. Faustino, vai vossa mercê em muito bom caminho; tome porém cuidado com o fim da viagem.

— Nada, meu Juca: quem é tolo pede a Deus que o mate, e ao diabo que o carregue. Acreditei já em tôdas essas quimeras, que enchem as cabeças dos rapazes; mas agora virei de bordo. Não me foi possível fazer-me *negociante* de meias caras, porque êsse comércio é exclusivo dos homens de alto coturno; não pude ser negociante de atacados, dei-me portanto ao comércio de retalho: sou político.

— Isto é, *traficante político*.

— Embora, traficante político embora; conheço muita gente graúda, que também o é!

— Então és monarchista constitucional, absolutista, ou republicano?

— Conforme os dias da semana, Juca.

— Essa sim é que é de tirar o chapéu explica-me isto.

— Nada mais simples: nas segundas e quintas-feiras publico um jornal furioso, no qual fulmino a monarchia, e atiro pelos ares com todos os monarchistas; nas têrças e sextas um outro, em que proclamo a necessidade da corda, e a santidade do sistema de governo da Rússia; e finalmente nas quartas e sábados sustento a monarchia constitucional.

— E em último resultado o que és tu?

— Cousa nenhuma.

— A respeito de princípios políticos?

— Zero.

— Mas então o que queres?

— Dinheiro.

— Por consequência o Sr. publicista, a quem tenho a honra de dirigir-me, deve já ter comprehendido suficientemente esta meada embaraçada, que no Brasil tem o nome de política?

— Creio que sim.

— Ora diga-me, quantos partidos temos nós?...

— Não tem conta: os interesses individuais de cada um dos nossos estadistas os multiplicam.

— Mas qual é entre tantos o partido republicano?

— Qualquer dêles quando está debaixo.

— É o absolutista?

— Qualquer dêles quando está de cima.

— É o monarchista constitucional?

— Nenhum.

— Como?... se não há entre nós verdadeira luta de idéias, o que pode dar então origem a nossas dissensões políticas?

— O poleiro, Juca, o poleiro.

— Mas o poleiro chega apenas para algumas dúzias, e os partidos são formados por milhares.

— Pois bem, replicou o publicista; é por isso mesmo que entre nós os adversários mordem-se, e os correligionários arranham-se.

— E tu, que acreditas que tudo isso se passa como dizes, não coras, quando confessas, que representas também um papel nesse triste drama da desmoralização pública?

— Não coró, não, Juca; lamento-me apenas.

— Lamentas-te?...

— Sim!... sim; porque nesse drama em vez de um dos protagonistas, represento somente o miserável papel de comparsa!

— Faustino!

— Sim, lamento-me porque me vejo reduzido a mendigar dois vinténs por cada fôlha dos meus jornalitos, em vez de repimpar-me à bela mesa do orçamento!

— Excelentemente, Sr. Faustino, está vossa mercê com um coração de monjolo.

Faustino tornou a encolher os ombros.

— E tens estudado muito?

— Estudado?! para quê?

— Ora para quê! para escrever três jornais.

— Não há necessidade de livros nem de estudos para escrever em política.

— Então como se escreve!...

— Descomponho: não se respeita a honra, nem a família do indivíduo: quando falta matéria, mente-se, calunia-se, apunhala-se com a pena.

O estudante estêve com os olhos fitos em Faustino, meditando por alguns instantes; depois sorriu-se e disse a Basília.

— Então, que lhe parece isto?

— E' o meu castigo, respondeu a velha; não foi essa a educação, que eu lhe dei.

— Deixe-o por minha conta, acudiu o Juca; que em pouco tempo hei de torná-lo no que era.

Depois voltando-se para Faustino, continuou:

— Não sei se me será possível fazer de ti um homem virtuoso; mas também velhaco, e egoísta como queres parecer, não poderás ser nunca.

— Então por que, meu Sócrates?

— Porque para ser velhaco e egoísta faz-se necessário ter certa espécie de juízo, que eu cá sei.

— E eu não tenho essa espécie?

— De juízo, Faustino, não tens de espécie alguma.

O político-publicista soltou uma gargalhada, e continuou a es-

crever. E o Juca voltando-se para Clara, pôs os olhos no vestido, que ela começava a dobrar, e disse:

— Bravo, D. Clarinha, seu vestido novo!

— Acha-o bonito?

— Lindíssimo; e quando pretende vesti-lo?...

— Esta mesua noite.

— Então esta noite...

— Vou ao baile.

— Ao baile!... por minha vida! e eu que há dois meses não vou a um baile!... oh!... e terei de ficar aqui encerrado... só... pensando no prazer de que estarão gozando os outros??... vão ao baile?! vão, sim... e eu hei de aqui passar a noite entre quatro paredes, como um frade, como um seminarista... como uma velha, que não tem filhas moças, e que por consequência não recebe convites!...

— Não se afflija, Sr. Juca; venha conosco.

— Como, D. Clarinha?... de que modo?... se eu não tenho convite, e além disso... é que por causa... isto é uma cousa abominável!...

— Nada mais simples, tornou a moça; em meia hora obtenho-lhe um bilhete, vou escrever à filha do secretário da sociedade.

— Qual, D. Clarinha, da minh'alma; é impossível, porque... porque o Sansão...

— Impossível! digo-lhe que a filha do secretário é muito minha amiga!

— Ah! mas a grande dificuldade é outra!... a grande dificuldade está envolvida nas minhas reticências!...

— Eu não entendo...

— E' a influência maligna dessa terrível Bonifácia, que me persegue até aqui!...

— Explique-se...

— Eu não vou, não posso, absolutamente não posso ir ao baile.

— Mas por quê?... diga...

— Enfim... lá vai: D. Clarinha, não tenho nada de meu... vendi tôda a minha roupa; pus em leilão até a minha casaca!...

— Ah! isso sim... murmurou a moça.

— E' horrível, exclamou o Juca; é revoltante, é atentatório de todos os direitos acadêmicos, que os estudantes não possam ir aos bailes de paletó!

— Ora... que pena...

— Logo que desembarquei, corri à casa do meu correspondente; o maldito tinha ido para a chácara, e só amanhã voltará: é também horrível, revoltante, e atentatório, que os correspondentes dos estudantes tenham chácara para onde ir, quando êstes precisam de dinheiro!...

— Não te aflijas por tão pouco, meu Juca, disse Faustino; ficarás fazendo-me companhia.

— Pois tu tens ânimo de não ir ao baile, mísero publicista?...

— Sim, deixo de ir ao baile; mas deixo porque não tenho outro remédio: fui ontem visitado pelo meu ataque de erisipela, que me deixou a perna neste estado.

O Juca chegou-se para Faustino, e depois de examinar-lhe a perna, disse com ar comovido:

— Pobre rapaz! se não fôsse a tua erisipela, irias ao baile! porque tu és feliz, tens casaca, não é assim?

— E' verdade! e uma casaca novinha em fôlha.

— Oh! bem-aventurada erisipela!... exclamou o estudante, dando um salto; oh! erisipela feliz e apropositada!.. D. Clarinha, escreva à filha do secretário, e mande-me buscar um bilhete.

— Sim?...

— Sem dúvida... ora é boa! eu vou ao baile.

— Como?...

— Com a casaca nova de Faustino.

— Com a minha casaca nova?!!!

— Há de lhe ficar muito comprida.

— Não faz mal: é uma moda de casaca que eu trouxe da Bahia.

— E calças?...

— Tenho as minhas calças pretas ali na copa do chapéu: foi o único traste de luxo, que me escapou do leilão.

— Colête?...

— Vou com um de Faustino; certamente... êle há de ter algum colête novo...

— Então se está decidido, vou escrever...

— Boa dúvida! a carta já devia ter partido há muito tempo.

Clara correu à mesa de Faustino, e escreveu um escritinho à filha do secretário; um portador foi com êle imediatamente despachado.

— Ora a minha casaca nova! dizia Faustino.

— Publicista, eu escreverei em paga do empréstimo da tua casaca um romance dos meus amôres com a Sra. Bonifácia para o folhetim de um dos teus jornais.

— Vá feito!

O Juca não cabia em si de contente.

— Êste Rio de Janeiro, dizia êle; êste Rio de Janeiro é o Paris da América!... as moças têm aqui um não sei quê de belo e de gracioso, que de balde procura-se em qualquer outra parte: a água da carioca tem o feitiço da formosura!

O estudante estacou de repente no curso de suas reflexões, e voltando-se para Faustino, perguntou:

— Mas, a propósito de moças, qual é a que está agora no galarrim?...

- Já aí vem você com asneiras! disse Clara.
- D. Clarinha, tornou o Juca, a senhora é suspeita nesta matéria: responde-me, Faustino; qual é a rainha das belas?...
- Isso é conforme o gosto de cada um; observou a velha.
- Responde-me, Faustino.
- Dão uns a preferência a uma, e outros a outra: acudiu Clara.
- Responde-me, Faustino; responde-me, Faustino; qual é a rainha das belas?...
- E' a rainha das flores; respondeu o publicista.
- Mas qual é a rainha das flores agora?
- Que pergunta!... ontem, hoje e amanhã foi, é, e há de ser sempre a rosa.
- Bravo! exclamou D. Clarinha; este meu irmão é um rapaz muito espírituoso!
- Faustino, põe-me essa charada em trocos miúdos.
- Meu Juca, a questão está mais que decidida: uma maioria estrondosa dá palmas da beleza a D. Rosinha.
- D. Rosinha...
- Ora D. Rosinha... D. Rosinha... tornou Clara; estou vendo que a fama dessa deusa já terá voado até a Bahia!... Sr. Juca, adivinhe lá quem é D. Rosinha!
- Espere... espere... será uma moça filha de um homem chamado Maurício?...
- Feriste!... exclamou Faustino.
- Então ela?...
- E' um anjo!
- Clara soltou uma risada de escárneo, e o Juca, deixando insensivelmente cair um pouco a cabeça, ficou meditando.
- Tem cabelos negros, e tão belos... ia dizendo Faustino.
- Que dizem algumas línguas más, acudiu Clara, que são comprados na rua do Ouvidor.
- Uns olhos pretos, e brilhantes, que...
- Concordo: os olhos não são feios; assim não fôsem aquelas olheiras roxas.
- O Juca conservava-se pensativo, ao mesmo tempo que Faustino falava, e Clara o contradizia.
- Um sorriso gracioso... matador...
- E fresco! anda sempre fazendo trejeitos com a bôca: vocês também gostam sempre do pior!
- Cala-te, menina, disse a velha; olha que a mulher é como o peixe; pega pela bôca.
- Tem um buçozinho, Juca; que é mesmo uma perdição para quem o vê!
- Cá por mim nunca achei graça em mulheres de bigodes.
- Mana! tôdas vocês são invejosas de D. Rosinha, como Caim de seu irmão Abel.

- E você diz o que diz porque é um dos cinquenta namorados que ela traz à cola!
- Que blasfêmia! que calúnia! não há dúvida... lêem tôdas pelo mesmo breviário... mordem sempre a fama daquelas a cujos pés não podem chegar.
- Faustino!
- Deixe-o falar, minha mãe: que eu ainda muito me hei de rir, quando êle levar de tábua...
- Oh! segredos da natureza! exclamou finalmente o Juca.
- Então que é lá isso?
- Uma coincidência, que me está pondo em volta o juízo.
- Explica-te.
- Conheço perfeitamente D. Rosinha; sou amigo de seu pai, e dela mil vêzes mais.
- Só isso?...
- Quando vim para o Rio de Janeiro passei muitos e muitos agradáveis dias em companhia dêles.
- Nada mais?...
- Tinha eu então dezoito anos, e eia treze; passaram-se entre nós cenas, que não significam nada, e que significam muito.
- Mano, não fique amarelo assim; disse Clara.
- Ora... ora... sou um seu criado!
- Em minha viagem da Bahia para cá, eu só sem amigos para conversar, sem livros para ler, e sem moças para amar, concebi a extravagante ideia de escrever a história das minhas inumeráveis paixões eternas; peguei na pena, e a primeira lembrança que me veio, foi naturalmente a do meu primeiro amor; o primeiro nome, que escrevi, foi...
- Diga...
- Foi Rosa.
- Bravo! exclamou Clara; mano, veja, não tenha repetição da sua erisipela.
- Oh! oh! oh! oh!
- Chego ao Rio de Janeiro, desembarco, venho a esta casa, e o primeiro nome de mulher formoso, que me pronunciam, é o belo nome de Rosa: não será isto uma coincidência?...
- Na verdade...
- Modéstia para um lado, D. Clarinha; não parece que eu sou como um favônio predestinado para amar aquela flor?
- Eu creio que sim; e você o que diz, mano Faustino?...
- Estou gostando do Juca.
- E escreveu a história? perguntou Clara ao estudante.
- Sim; mas bem vê, que tratando eu de um amor interrompido, ficou a sua história como uma espécie de romance, de que se perdeu o último volume.

— Mas onde está ela?...

— Provavelmente na copa do meu chapéu.

— Uma proposição: o meu cabeleireiro vai chegar, e enquanto ele me penteia, o Sr. Juca nos lê a história da sua Rosa.

— E' verdade, Juca; disse a velha; lê-nos a tua história; eu gosto muito de me instruir.

— Mas não será indiscrição...

— Olhe, disse Clara; eu sou de segredo; pela minha parte ninguém há de saber.

— Eu também fico pela mana, acudiu Faustino, o mais que pode acontecer, é ela referir o conteúdo da tua história a todas as moças que com ela conversarem, e a todos os moços com quem dançar e passear no baile: verdade, verdade, a mana Clarinha no que diz respeito a segredos é um poço. ✓

— Embora; eu lhes farei a leitura dos meus papéis; observo porém que é um romance não acabado.

— Não faz mal.

— No entretanto se lhes parecer frio, se contiver lances comuns, se nada se achar nêle de maravilhoso e mesmo de tão interessante, lembrem-se, para desculpar-me, que a imaginação não tomou parte na história que lhes vou ler; que ela é filha legítima da verdade, que é finalmente um espelho, onde se reflete o semblante da minha vida passada.

— Bravo ao exórdio!

— E como se chama a sua história?...

— A minha Rosa.

## VIII

### Defronte do toucador

Quando chegou o cabeleireiro, que sabia pentear perfeitamente, porque era francês, Clara tomou o seu lugar defronte do espelho, Basília sentou-se em uma banquinha de costura com o seu querido gato pampa ao colo, Faustino estendeu-se em uma marquesa de lastro de palhinha, e o Juca ocupando uma cadeira de braços ao lado de Clara, dispôs-se a dar principio à leitura do seu *romance não acabado*.

— Vamos lá, Sr. Juca, disse a moça; começe... mas cuidado com o mano Faustino, que pode dar o cavaco.

— Vejamos, vejamos isso; risonou o publicista.

— Eu estou doida por ouvir-te, acudiu a velha; já sei que teremos muito que rir.

A fisionomia do estudante tinha pouco a pouco perdido aquella viveza e mobilidade, que lhe eram naturais; e deixava notar nesse momento uma expressão de terna e doce melancolia.

— Oh! creio que não, disse êle respondendo a Basília; creio, que não terão de que *rir-se*: sei que sou leviano, extravagante, inconseqüente, travêssô, e... e tudo o mais que lhes aprouver chamar-me; não sou porém sacrilego: não! nada seria capaz de fazer com que eu fôsse desbotar a mais bela, a mais pura flor do jardim da minha vida passada, com o sôpro envenenado do sarcasmo.

— E como êle fêz-se melancólico!...

— E' bem natural; eu vou abrir meu coração a uma saudade.

— Está bem: leia... leia.

O Juca lançou os olhos sôbre o seu querido manuscrito e começou a ler suspirando.

## I

## A MINHA ROSA

## Romance não acabado

A terra desapareceu a meus olhos: por mais que alongue a vista, *sômente descubro mar e céu.*

Indizível melancolia se apodera de mim: parece-me que já não pertença ao mundo, que habitava... como que não vivo no presente; e triste demais para sonhar com o futuro, eu quero ao menos recordar o passado.

O momento é oportuno: eu tenho saudade no coração, e a saudade pertence tanto ao passado como a esperança é tôda inteira do porvir.

Oh! sim! eu quero lembrar-me de meus belos anos já vividos! oh! sim! o passado é um lago mágico de gozos delectosos, quando a consciência não tem de que acusar o homem, e os remorsos não pesam sôbre o coração: e em momentos de doce melancolia, a alma deixa-se levar nas asas da memória a êsses saudosos espaços decorridos, e arroja-se no formoso lago onde se banha tôda esquecida dos pesares do presente, e ainda mesmo dos temores futuros.

Há sempre nessa vida, que já se viveu, alguns dias de inefável ventura, de ventura que se não apreciou devidamente, quando se estava gozando, e que depois se saboreia muito, quando o espírito rumina o passado: há sempre nesses dias algumas horas de suprema felicidade, que com maviosa saudade são lembradas, que ficam eternamente impressas n'alma, que não se esquecem nunca, que cada dia se tornam mais e mais vivas, e que em muitas ocasiões, a pesar nosso, fazem-se lembrar, à força, mil vêzes em uma noite, mil vêzes em uma hora, semelhantes a essas melodias simpáticas, que sem que a modulemos contra a nossa vontade soam dentro de nós, cantadas docemente por nossa alma, no passeio, na assembléia, no trabalho... no leito, e durante o sono.

Oh! também eu hei de ter meus dias de inefável ventura nessa

vida, que já vivi; também eu devo ter minhas horas de suprema felicidade nesses dias.

Para um coração de mancebo o porvir é um horizonte cheio de fogo, o presente uma estrada coberta de espinhos, e o passado um jardim semeado de flores; tenho tempo de sobra para abrasar-me sonhando com o meu futuro; amanhã começarei de novo a minha luta contra as tormentas do presente; hoje quero, se é possível, tornar a viver o tempo que já vivi.

Recordarei portanto meus belos anos... tornarei a ver o meu lindo jardim... beijarei de novo minhas queridas flores... e sobretudo... e antes de tódas a mais formosa entre elas... a minha Rosa!

## II

Foi quando eu tocava os meus dezoito anos de idade.

Acabava apenas de chegar à côrte; achava-me ainda hospedado na casa do Sr. Guilherme, velho amigo e correspondente de meu pai.

Eu era então um menino vivo e travêso, e trazia da roça uma alma cheia de curiosidade e de fogo, e um coração puro, como a flor, e virgem, como a ave dos meus bosques.

Corria o mês de junho.

Oh! mês de junho é o mais belo, o mais alegre de todos os meses do ano!... quantos venturosos e lisonjeiros amôres não têm começado com o mistério de uma sorte e ao calor das fogueiras!...

Chegou a véspera de S. João: acabávamos de almoçar quando o meu correspondente, dirigindo-se a mim, perguntou-me:

— Juca, tens saudades da roça?...

— Oh, muitas! dos montes e dos bosques, das campinas e das flores, das aves e do rio!

— Queres ir passar comigo um ou dois dias no campo?

— Sim, Sr. Guilherme, êste ar da côrte é pesado, êste incessante ruído me ensurdece; estas casas me abafam.

— Pois bem, partiremos na tarde de hoje; levar-te-ei à chácara de um amigo meu, onde espero que nos divertiremos bastante.

As quatro horas da tarde partimos, e uma hora depois entrávamos pelo grande portão de ferro da chácara para a qual nos dirigíamos.

Os donos dessa bela casa de campo (Maurício e Emília chamavam-se êles) desceram a receber-nos no pátio, e sabendo quem eu era, mostraram logo por mim o mais obsequioso interêsse.

Um momento depois entrávamos na sala, que estava cheia de interessantes senhoras e de elegantes cavalheiros.

Era a primeira vez que eu me via em uma assemblêia da côrte; o meu correspondente tinha tido a crueldade de abandonar-me a mim mesmo; todos os olhos estavam fitos em mim... senti que o rosto

me ardia em fogo, o chapéu atrapalhava-me... não sabia o que devia fazer da bengala... parecia-me, que todos me liam na fronte: — “é da roça”; meu acanhamento ia redobrando de momento a momento; ao mesmo tempo eu tinha a vaidade de acreditar-me vivo e desembaraçado; achei que me cumpria fazer alguma cousa; e acabei fazendo um completo despropósito: comecei a dirigir os meus cumprimentos a cada uma das pessoas em particular.

*Dava-me pois a êsse prolongado tormento... ia indo de pessoa em pessoa, divertindo com o meu enleio tôda a sociedade: já me achava fortemente cansado; olhei... e ainda me faltava metade da sala para viajar!... parar no meio, voltar atrás era pior do que ter principiado: não havia remédio senão tragar até às fezes o meu cálix de amargura; continuei portanto os meus cumprimentos; mas... de repente estaquei sem voz, sem movimento, sem vontade, como em um verdadeiro êxtase.*

Em minha longa viagem de saudações eu acabava de parar diante de uma mocinha, que não podia contar mais de treze anos de idade, assim como o fatigado viajante pára, contemplando a flor delicada e bela, que pende para o lado da estrada.

Cabelos pretos... fronte de neve... olhos negros... feiticeiro buço anuviando o lábio superior... covinha no mento... vida, graça e prazer nadando no rosto... corpo esbelto, ligeiro, gracioso como o de uma abelha... viveza... atilamento... malícia nos olhos... pureza no riso... harmonia na voz... tudo isso tinha ela, e mil vêzes mais encantos ainda.

Não soube mais de mim: fiquei mudo e extático diante da encantadora mocinha. Já não era enleio; era contemplação, era êxtase: eu nunca tinha visto, não compreendera mesmo, que pudesse haver, não sonhara jamais com uma figura tão angélica: meus olhos não se fartavam de admirá-la: às vêzes parecia-me impossível o que estava vendo; lembrava-me dêsses contos de fadas, que em outro tempo tinha lido, e vinha-me o pensamento de estender meus braços e tocar com as minhas mãos nos vestidos, nos cabelos, no rosto dessa menina para convencer-me de que era com efeito uma realidade.

Havia-me completamente esquecido do lugar, da sociedade e das circunstâncias em que me achava: a interessante mocinha estava já corada até a raiz dos cabelos, e eu não tinha piedade de seu virginal pudor: todos observavam divertidamente a cena, que eu representava... até que enfim o meu correspondente teve piedade de mim: chegou-se, sacudiu-me o braço, e arrancou-me de minha doce contemplação, dizendo:

— Então?... que é isso?

— Meus Deus! murmurei eu suspirando, e como se despertasse no meio de um sonho delectoso.

Que querería eu dizer pronunciando essas palavras sagradas?... querería agradecer a Deus a existência de tão adorável criatura!...

pedi-la porventura para encanto de meus olhos e felicidade de meu coração?... ou enfim perguntar-lhe se ela era realmente mulher, e não uma fada, ou um anjo?... não sei: a idéia saiu de minh'alma, as palavras saíram por entre os meus lábios; mas eu não tive consciência do que disse.

Verdadeiramente ainda não tinha tornado a mim; por isso o meu correspondente falou-me de novo:

— Vamos, Juca; cumprimenta as outras senhoras e aquêles senhores!

Julguei que era um sacrifício abominável arredar-me da vista da encantadora mocinha; não tive ânimo para tanto; e voltando apenas a cabeça para as pessoas que me eram indicadas, disse rapidamente:

— Boa-noite, meus senhores!

Eu dava boa-noite, quando os últimos raios do sol ainda vinham quebrar-se contra as vidraças das janelas: tôda a sociedade desatou a rir...

Caí então em mim... perturbei-me... meu rosto deveria ter ficado côr de sangue; mas... também ela sorriu-se...

Abençoado seja todo meu enleio daquela tarde, abençoados os erros que cometi, abençoada a minha ignorância, pois que lhes devo o ter visto abrir-se o paraíso no gracioso sorrir daqueles lábios!...

Ela já tinha corado diante de mim; ela se sorriera fialmente... oh! ainda bem!

O primeiro amor começa sempre com um rubor e com um sorriso.

### III

O resto daquela tarde foi ainda de enleio; a noite foi de terna contemplação e de encanto; o dia seguinte de prazer e felicidade.

A encantadora menina chamava-se Rosa, e era filha de Maurício e de Emilia.

No correr da noite tive tempo de vê-la, de ouvi-la e de admirá-la; a cada momento que passava, eu lhe descobria um encanto novo; cada vez se tornava mais bela, e mais interessante a meus olhos e a meu coração.

Havia principalmente nela uma mistura de viveza e ingenuidade, de inocência e malícia, de modéstia e vaidade, que a tornava, se é possível, mais encantadora ainda.

Ela fugia sempre de mim: quando sentia que meus olhos estavam embebidos em seu rosto, buscava logo esconder-se por entre suas amigas: quando via, que eu procurava aproximar-me dela, escapava-se ligeiramente da sala, e ia com algumas companheiras correr pelas ruas do jardim, ou ao redor da fogueira: no entanto uma ou outra vez eu apanhei fito sôbre mim seu olhar travesso e malicioso.

Eu tinha a culpa; ingênuo demais, eu não soubera esconder a fortíssima impressão, que ela me havia causado; a sociedade, que testemunhara o meu êxtase, adivinhou, que no meu coração deveria ter ficado o germe do mais terno dos sentimentos, e tirou disso partido para rir-se; as senhoras diziam aos ouvidos da bela menina segredinhos, que a faziam corar; e os cavalheiros perseguindo-a com gracejos constantes a meu respeito, haviam feito, com que ela mil vêzes já meneasse um gracioso momo de desagrado.

Uma vez... eu tinha podido aproximar-me de algumas senhoras sem ser visto... elas estavam sentadas de costas para mim: falavam tôdas ao mesmo tempo, e o objeto da conversação era eu.

De repente uma das camaradas de D. Rosinha exclamou rindo-se muito:

— Escutem! escutem! eu tive neste momento uma lembrança bem singular!

— Fale! fale! disseram as outras.

— Veio-me ao pensamento que teremos de ser convidadas para uma função ainda mais brilhante que esta.

— Aonde?...

— Aqui mesmo.

— Quando?...

— Quando celebrar-se o casamento de D. Rosinha com o moço da roça.

As moças desataram a rir.

Percebi que o fogo do pejo abrasava o rosto da bela menina.

— Então?... então?... que diz?... perguntaram as moças.

— Deus me livre! exclamou D. Rosinha; Deus me livre!... êle é tão feio!...

Fugi desesperado, escutando aquela terrível sentença.

Cheio de despeito, ofendido por tão cruel ingratidão, eu, pensando sempre na linda mocinha, jurava não pensar mais nela; com os olhos embebidos em seu rosto, jurava não tornar a olhar para ela: amando-a cada vez mais, jurava aborrecê-la eternamente.

Mas no meio de minhas juras eu vi D. Rosinha erguer-se; correr para o piano... sentou-se, e pouco depois soltou sua voz angélica.

Ouvi um canto mavioso; oh! aquela voz era como um filtro de amor que se derramava em minha alma! Criatura feliz e privilegiada! não precisava ser vista para ser querida; ouvi-la era mais que tudo; um cego a teria idolatrado.

Quebrei meus juramentos: esqueci aquêlê terrível — *meu Deus! êle é tão feio* — que ainda há pouco tanto me havia ofendido: não sei como me fui chegando, que quando ela terminou seu canto, e voltou o rosto, encontrou-me a seu lado...

Dançou-se; fizeram-me contradançar; eu tinha os meus olhos perdidos no rosto de D. Rosinha; errei, e fiz errar tôdas as contradanças.

Chegou a hora das sortes.

Não me lembro de nenhuma das falsas profecias daquele livro escravo e obediente dos fados: uma sòmente me ficou na memória. Obrigaram D. Rosinha a consultar o oráculo infalível sòbre — *quem com mais extremo a amava*.

A resposta foi esta:

“Esse mistério sagrado  
 “Vai-se em breve revelar:  
 “Aquêlê que mais te adora  
 “Amanhã te há de salvar”.

Eu nunca fui tão louco, que chegasse a acreditar em sortes: no entanto havia naquela, que eu acabava de ouvir, uma idéia sinistra: — no dia seguinte a interessante menina deveria correr algum perigo!

Por mais que me risse de mim mesmo, por mais que trabalhasse para esquecer essas palavras, eu me sentia escravo de uma puerilidade, e durante a noite inteira ouvi repetidos dentro de minh'alma os dois últimos versos da sorte:

“Aquêlê que mais te adora  
 “Amanhã te há de salvar”.

#### IV

O trinar dos canários anunciou-nos a chegada do dia: apagamos as luzes, e correndo para fora da sala, saudamos a aurora com um grito de alegria.

Foi então, que eu pude bem apreciar o lugar onde me achava.

Não sei precisamente o nome, pelo qual é conhecido o sítio: fica para o lado de Andaraí. A chácara era vasta e bem cultivada: no cimo de uma colina pouco elevada mostrava-se a casa bela e elegante, desdobrando-se de redor deia um jardim curioso: uma cêrca de roseiras fechava-o de tôdas as partes; na frente porém era êle defendido por um parapeito, que assentava sòbre grades de ferro, e aos lados do qual lançavam-se duas grandes escadas de pedra, que iam terminar-se, cada uma por seu lado, perto de um lago profundo e limpido: não longe do lago deslizava-se o pequeno rio de\*\*\*, e à margem dêle vian-se novos jardins e um labirinto.

Além disso havia o pomar e o campo e muito mais ainda; e depois de tudo, e mais belo que tudo isso, estava a natureza brasileira: serras alcantiladas... montes elevados e coroados de bosques verde-nêgros, vales profundos... em uma palavra, o sublime por tôda a parte.

Quando vi surgir o sol de detrás daquelas montanhas, quando vi brilhando ao reflexo de seus raios a cúpula das florestas, não

pude conter uma exclamação de entusiasmo... parecia-me estar vendo surgir o sol das terras de minha infância.

No entanto não se desperdiçava o tempo; corria-se, brincava-se, dançava-se no jardim e à beira do lago com liberdade, expansão e confiança.

A festa da roça tem isso: uma respeitosa liberdade a preside: as etiquetas, as faceirices, e até mesmo as vãs presunções desaparecem: o coração dilata-se prazenteiro e livre nesse imenso horizonte dos campos, como se aperta, e contraído acanha-se no salão da cõrte alcatifado ricamente, e ornado de ouro, e de sêdas, de lisonjas e de mentiras.

Estávamos à margem do rio, uns sentados nos bancos de relva, outros passeando por entre os arbustos, outros enfim perdendo-se no labirinto; quando a voz de um mancebo nos chama, e nos reúne a todos para propor-nos uma idéia feliz, que tinha inteiro cabimento naquela festa campestre.

Cada senhora deveria desde aquêl momento esquecer o seu nome batismal, e prender no cabelo a sua flor predileta para ser pelo nome dela conhecida e tratada, a proposição foi geralmente aplaudida, houve longa hora de luta entre as senhoras, antes que a escolha das flores fôsse terminada; mas finalmente elas acabaram por acomodar-se, e cada qual prendeu sua flor entre os cabelos.

Com D. Rosinha não pôde haver questão: ela tinha o direito do nome: a Rosa foi rosa.

Desde aquêl momento cada senhora foi para nós uma flor delicada, o grupo de senhoras um ramalhete precioso; e quando tôdas elas se nos mostravam reunidas, parecia-nos ter diante dos olhos o mais completo dos jardins.

Corremos ainda durante algum tempo à margem do rio, ainda por algum tempo perdemo-nos no labirinto, até que enfim subimos de novo à colina, e fomos todos reunir-nos no jardim, que ficava junto da casa; aí enquanto uns passeavam alegremente por entre as flores, iam outros debruçados sôbre o parapeito, mirar-se no lago, que alvejava a vinte pés de altura.

No entanto de dia como de noite eu me achava possuído do mesmo encanto: minha alma pudera apenas conquistar um instante de liberdade para saudar o sol das florestas e das montanhas com um grito de entusiasmo; mas logo depois deixara-se outra vez exclusivamente levar cativa pelo astro, que radiava na terra.

Com efeito eu não podia nem arrancar meus olhos, nem afastar meus passos de D. Rosinha; eu a seguia por tôda a parte, como a sombra de seu corpo: e todavia, por mais que pusesse em torturas o meu espírito, não achava nunca uma idéia aproveitável, nem uma frase graciosa para ver, se, mercê delas, podia merecer um sorriso.

Entretanto pude admirar suas faces reanimando-se ao sôpro das auras matinais; pude aplaudir mil vêzes seus espirito faceiro vi-

brando setas de inocente zombaria contra suas companheiras; pude apreciar a graça, com que ela tendo o rosto acendido em alegria infantil, ria-se gostosamente batendo palmas com suas mãozinhas brancas e mimosas, ao ver uma camarada escorregar e cair na relva molhada de orvalho, ou ouvir o grito de outra que se sentia perdida no labirinto, pude vê-la a correr pelo vale com seus anéis de madeixa a voar pelos ares, com seu vestido branco um pouco levantado pela brisa e pela rapidez da carreira, deixando à mostra seu pezinho ligeiro e delicado; pude enfim vê-la saltar, e traquinar graciosa como o gênio do prazer e das travessuras.

E quando eu a via correr, e quando eu a via saltar, e quando eu a via traquinar, sem que eu me pudesse explicar a causa, vinham-me ao pensamento aquêles dois sinistros versos da sorte por ela tirada na noite, que acabava de passar:

“Aquêles que mais te adora,  
“Amanhã te há de salvar”.

E então, todo escravo de um vão temor, de um prejuízo pueril, eu corri também para perto dela, temendo a cada momento ver chegada a hora do perigo.

Mas D. Rosinha era incansável: um instante depois de subir conosco ao jardim da colina, nós a vimos radiante de prazer, e rubra de fadiga, desafiar uma jovem de sua idade para lutar com ela na carreira: o desafio foi aceito e o campo escolhido foi o mesmo jardim.

Voaram ambas por entre as flores, como dois anjinhos que brincassem no paraíso: D. Rosinha venceu a camarada; mas correu com tanta rapidez, que foi parar de encontro à grade... dobrou-se um pouco sobre o parapeito, e a rosa, que trazia no cabelo, e cuja prisão se abalara na velocidade da carreira, desprendeuse ali de todo, e caindo dentro do lago, ficou nadando em cima d'água.

A interessante mocinha soltou um grito de dor.

Ouvindo êsse grito corremos todos para junto dela. D. Rosinha apontou pesarosa para o lago, vimos a rosa, e vinte vozes bradaram:

— A rosa caiu no lago!... a rosa vai afogar-se!...

— Quem a salva!... quem a salva!...

Todos os mancebos precipitaram-se pelas escadas para correr ao lago: eu somente fiquei ao pé de D. Rosinha: ela tinha os olhos embebidos na flor, como se naquela rosa perdesse um tesouro inapreciável.

— A rosa é ela mesma! diziam as outras senhoras rindo-se muito; quem pois a salva!... quem a salva!...

Brillhou em minh'alma o mais extravagante pensamento; não havia tempo para reflexão, executei-o logo: arrojé para trás o chapéu, e saltando por cima do parapeito, precipitei-me no lago.

Um grito geral, um grito de espanto e de susto respondeu, como um eco, ao baque de meu corpo, caindo n'água.

No primeiro instante desapareci mergulhando... logo depois mostrei-me de novo; apanhei a rosa, e levantando-a sobre minha cabeça, vim nadando para fora do lago com o braço, que me testava livre.

Aplausos, bravos e vivas soavam de todos os lados.

Triunfante como o marinheiro intrépido, que arranca uma vítima ao naufrágio, fui direito à bela jovem, que me recebeu com os olhos cheios d'água e com o sorriso nos lábios.

Eu não sentia mais nem acanhamento, nem enjoo: cheguei-me a D. Rosinha, e entregando-lhe a flor do seu nome, repeti-lhe os dois últimos versos da sua terrível sorte:

“Aquêie que mais te adora,

“Amanhã te há de salvar”.

## V

Era de tarde: o dia voara nas asas do prazer: alguns de nossos companheiros de festa tinham cedido à fadiga de uma noite inteira, e de todo um dia passado em continuo folguedo: entre êsses, que então nos faltavam, contava-se a mãe de D. Rosinha, que nos deixara para descansar alguns momentos.

No entretanto velava a infatigável mocidade: velavam as moças, para as quais não há cansaço, nem frouxidão, nem sono, enquanto soa um piano, que para a dança as convida, enquanto se ouve o ruído da festa, de que elas são sempre as rainhas, e enquanto há perto delas olhos que as admirem, e corações que as anem: e velavam também os mancebos, que não dormem, que não podem, nem mesmo devem dormir, enquanto uma mulher estiver velando perto dêles.

O sol inundava com seus últimos raios todo o seio do jardim: tínhamos cedido ao sol o campo e as flores; estávamos todos reunidos na sala.

Já havíamos dançado muito: as senhoras juravam que não cantariam à luz do sol nem mesmo o mais simples dos romances: era absolutamente necessário que um novo incentivo de alegria viesse avivar o nosso ardor.

— Um jôgo de prendas! disse um.

— Sim! sim! joguemos um jôgo de prendas! responderam a uma voz todos os cavalheiros.

Imediatamente sentamo-nos formando um círculo: coube-me por felicidade uma cadeira bem defronte de D. Rosinha

Graças ao acontecimento da manhã dêsse mesmo dia, graças

àquela rosa, que eu tinha salvado do naufrágio, a interessante mocinha já não se mostrava para comigo tão desdenhosa, como dantes: desprezando os gracejos de suas companheiras já ela às vêzes confundia-me com seu olhar travesso e malicioso, encantava-me com seus feiteiros sorrisos, e feria-me com os raios de seu espirito faceiro: eu me julgava feliz por isso, e no círculo que se formara, sentado defronte dela, parecia-me ter um anjo do Senhor diante de meus olhos.

O jôgo escolhido foi o das flores: nomeou-se um diretor, e cada um de nós tratou de tomar o nome de uma flor: as senhoras já tinham os seus desde a manhã desse dia. Díficil jôgo para mim!... era preciso prender a atenção e a vista naquele que o dirigia, para não errar, e não pagar as prendas desejadas: oh!... era realmente um martírio esquecer D. Rosinha, que estava ali defronte, para ter olhos e alma pendendo dos lábios de um homem qualquer que êle fôsse.

Sucedeu o que eu tinha previsto desde o começo do jôgo: chamaram-me vinte vêzes, antes que eu respondesse uma só: riram-se de mim a todos os momentos; fui o mais descuidado, o mais infeliz e o mais incorrigível de todos os jogadores de prendas.

Chegou a hora das sentenças: não houve tormento nem glória, que ali se não desse em nome do castigo.

Ouvi finalmente proclamar esta sentença: "escolherá uma pessoa para dar-lhe um beijo".

Suspirei! se fôsse uma de minhas prendas!... oh! o diretor mostrou a prenda; era o meu anel, o anel dos cabelos de minha mãe.

— Escolha! escolha!... diziam-me de todos os lados.

Sorri-me olhando para D. Rosinha; e ela corou abaixando a cabeça.

— D. Rosinha, disse eu.

E ela corou de novo: tornou-se o seu rosto todo da côr da flor do seu nome: hesitou... mas teve de ceder às exigências da sociedade: tôda banhada em ondas de pudor levantou-se e veio parar no meio do círculo, onde se achou diante de mim.

Eu tinha a bem-aventurança no coração.

As senhoras riam-se e festejavam a perturbação da pudibunda mocinha: eu a vi tremendo chegar-se para mim... começava já a compadecer-me dela...

— Cumpra a sentença!... cumpra o castigo... disseram-me de todos os lados.

— Castigo!... murmurou D. Rosinha; a castigada sou eu!

Renovaram-se as exigências.

— Aqui estou: disse ela.

Três vêzes busquei tocar sua linda face com meus lábios, e ela três vêzes fugiu-me com o rosto sorrindo-se e tremendo.

Mas era preciso acabar: D. Rosinha fechou os olhos, como se assim pudesse escapar à vergonha daquele beijo.

Ainda me lembro! parece-me ter diante dos olhos sua graciosa figura: ela estava vestida de branco; seus lindos cabelos caíam em longos caracóis pelas faces enrubescidas: não pude resistir à expressão do seu rosto angélico; respeitei, e seria um sacrilégio não respeitar aquêlê santo pudor de virgem, que lhe cerrara os olhos.

Oh! não! não a beijei na face: era muito, eu não merecia tanto; tomei entre meus dedos um daqueles anéis de madeixa, e beijei-o, apertando-o contra os meus lábios.

Eu nunca tinha gozado tão grande ventura: não sei o que mais se passou naquela tarde: recordo-me sômente de algumas palavras que ouvi horas depois, mas recordo-me, porque essas palavras tiveram relação com o inocente beijo que eu havia deposto em um anel de madeixa.

Era quase meia-noite.

A mãe de D. Rosinha estava sentada entre mim e sua filha; conversávamos um pouco distantes do resto da sociedade.

Ouvíamos a voz de um jovem, que propunha, como se propusera de tarde, um jôgo de prendas.

— Não queiras não, Rosinha, disse em voz baixa a respeitável senhora; não entres nesses jogos.

— Mas por que, minha mãe?...

— E' que há nêles sentenças, que te hão de fazer corar: é possível por exemplo que sejas obrigada a permitir, que um homem estranho venha beijar-te nos lábios: e uma moça deve sômente ser beijada na frente por seu pai, e nos lábios por seu espôso.

Abaixei os olhos confuso, como se tivesse recebido uma repreensão: mas tive logo de erguê-los de novo ouvindo a voz de D. Rosinha

— Minha mãe, disse ela: joguei um dêsses jogos na tarde de hoje.

— E então?...

— Em cumprimento de uma sentença um moço escolheu-me para dar-me um beijo.

— E tu?...

— Obedeci; levantei-me tremendo, e corando: cheguei junto do moço, e fechei os olhos.

— E êle?... beijou-te na face, não é assim?...

— Não, minha mãe; beijou-me um anel dos meus cabelos.

— Ainda bem, tornou D. Emília: o homem que respeita o pudor, que se acende na face de uma mulher, é porque tem também pudor no coração.

— Já ouviu, Sr. Juca?... disse-me então a interessante menina sorrindo-se alegremente; já ouviu?... paguei a sua generosidade com um elogio de minha boa mãe.

## VI

A aurora do dia seguinte deveria pôr termo a nossa bela festa, e presidir a nossa partida.

A medida que a noite avançava, e que o dia vinha se aproximando, derramava-se a tristeza pelo meu rosto, e já à força de saudades contraía-se-me o coração. Não era a lembrança dos prazeres gozados, que me entristecia: era somente a idéia de D. Rosinha, o que me ocupava e doía.

Decididamente eu amava aquella encantadora menina; e amando pela primeira vez na minha vida, minha alma abandonava-se tôda inteira aos encantos e à pureza dêste ingênuo e cândido amor da idade dos risos.

E sem ter ainda colhido o mais leve sinal de retribuição ao terno sentimento, que votava a D. Rosinha, já eu era ambicioso, exigente e contraditório, como são todos os amantes.

Quando no principio via a bela mocinha fugir constantemente de mim, como se me aborrecesse, todos os meus desejos se limitavam a merecer, e ganhar um sorriso de seus lábios: salvando a rosa que tombara no lago, ganhei mais do que um sorriso; porque vi brilhar-lhe nos cílios uma lágrima de gratidão.

Desde êsse momento multiplicaram-se os meus desejos: ambicionei seus olhares, suas palavras, seus gracejos, sua atenção; e tudo isso tive, e nada me bastou.

Ao avizinhar-se a hora da despedida, minha ambição tocou à crueldade: desejei ver aquêlo rosto encantador e jubiloso abatido pela tristeza; e vi!...

Ah! mas ao contemplá-la assim melancólica e silenciosa, ela que tanto se sorria, e que com tanto espirito falava, senti um novo desejo devorar-me o coração: queria que ela me dissesse, que era por mim, que sofria; e ousei dirigir-me a ela para perguntar-lhe a causa de sua dor; mas D. Rosinha pareceu adivinhar meu pensamento, e apressada desapareceu da sala.

Disponha-me a segui-la, quando a mãe da linda menina chamou-me para junto de si.

— Está triste?... perguntou-me ela.

— Sim, minha senhora; um dia e uma noite foram de sobra para prender meu coração a esta casa.

D. Emilia sorriu-se, e continuou dizendo:

— Pois volte muitas vêzes a ver-nos: eu sou doente, padeço sempre, e agradeço sinceramente a quem se priva dos prazeres da côrte para fazer-me companhia.

Beije a mão da respeitável senhora, prometendo visitá-la repetidas vêzes: e logo que achei ocasião de levantar-me, voei ao jardim, onde tinha visto aparecer a graciosa cabeça de D. Rosinha.

Começava a derramar-se a primeira luz do dia: o jardim estava solitário: corri com os olhos todo êle, e descobri enfim sentado em um banco de relva o vulto de uma mulher: era ela.

Fui andando pé por pé... cheguei enfim sem ser sentido até junto de D. Rosinha: ela ficava de costas para mim; dobrei-me um pouco para ver o que estava fazendo.

Abatida e melancólica, a interessante jovem tinha na mão esquerda um *malmequer do Prado*, e parecendo consultar a flor a respeito de um sentimento misterioso ia arrancando-lhe as pétalas uma por uma: e, à medida que as arrancava, repetia com voz sumida, trêmula e maviosa as costumadas palavras: *amo-te — muito — pouco — nada*.

Tive a vaidade de julgar-me o objeto daquela magia campestre e esperei, abalado entre o receio e a esperança, pelo fim da terna consulta.

Chegou finalmente a vez da última pétala.

— Muito!... murmurou D. Rosinha sorrindo-se docemente; *ama-me muito!*...

— Muito!... muito!... repeti eu, como um eco.

A bela mocinha deixou escapar um grito abafado, voltou-se, e vendo-me junto de si, deixou cair o cálix da flor, que ainda tinha na mão, e desapareceu correndo.

Oh!... não me envergonho de o confessar!... ajoelhei-me, beijei as pisadas do lindo anjinho, que acabava de fugir-me, apanhei o cálix da flor que lhe havia caído, e quando me ergui, tornei a vê-la melancólica e pensativa observando-me de uma das janelas.

Ao amanhecer partimos.

## VII

Correu depois um ano inteiro de embriaguez e de ventura.

Foi um desses anos, que voam; porque são de felicidade e de risos: foi um desses anos, que passam despercebidos desfiando-se em dias jubilosos, que vão ficando nos séculos do passado, mas de cujos inocentes gozos conserva a alma saudosa lembrança; bem como a rosa, cujas pétalas se desprendem, e são para longe levadas nas asas dos zéfiros, deixando porém no seio do vale seu delicado perfume.

Durante esse ano voltei cem vezes à chácara querida: os obsequiosos convites de Mauricio e de sua respeitável senhora, e, mais que tudo, o desejo de viver algumas horas ao pé de D. Rosinha, faziam com que eu multiplicasse muito sensivelmente as minhas visitas.

Oh!... como voam as horas do tempo da felicidade!... é preciso ter amado aos dezoito anos e pela primeira vez, para compreender em que mar de delicias me engolfei nesse ano.

O primeiro amor é o amor dos anjos; não tem dêste mundo, senão o seu objeto; tudo mais que há nêle é ideal e sôbre-humano; exclui absolutamente o materialismo; filho legítimo do espírito, e só do espírito, cresce embalado pela imaginação, e todo êle é vaporoso, cheio de belas ilusões, de magias, de encantos e de enlevamentos: é enfim um sonho brilhante, um longo sonho de poeta, que acordado se sonha.

Um primeiro amor é sempre cheio de fogo, quando se está sentindo, e baldo de interêsse, quando se descreve: romance, que contém uma multidão de pequenos episódios quase todos pueris e triviais, que não têm nexos, nem ordem, nem significação para os indiferentes, reúne-se constantemente todo êle em — *um olhar — um sorriso — e algumas palavras*; — oh! mas como é belo isso aos dezoito anos de idade!...

O meu primeiro amor foi também assim.

Inocentes, como duas flores, D. Rosinha e eu passamos um ano inteiro sem jamais pronunciarmos uma frase, que arrasasse o segrêdo de nossas almas. Se suspeitávamos que éramos amados, os indícios do amor tinham sido somente apanhados nos olhos; receoso, não sei de quê, vergonhoso, sem saber a causa, se eu estava a sós com D. Rosinha, tremia dirigindo-lhe uma palavra menos comum, enquanto ela, mais hábil que eu, mas igualmente enleada, escondia sua perturbação em uma travessura, ou disfarçava o seu embaraço em um gracejo inoportuno.

Como éramos porém ditosos vivendo essa vida de anelos nunca explicados!... como está em tão pouca cousa a felicidade neste mundo!...

As vêzes D. Emília chamava-me para ler junto dela: o meu livro predileto era então Paulo e Virgínia: D. Rosinha sentava-se defronte de nós, bordando, ou desenhando: ainda me lembro! quando eu chegava a essas belas páginas, onde o amor inocente e cândido mostra-se docemente palpitando no coração dos dois jovens, minha voz se elevava, eu me sentia possuído de ardor e fogo; D. Rosinha esquecia-se do bordado, ou do desenho para prender seus brilhantes olhos em meus lábios; D. Emília sorria-se furtivamente, e a filha apanhando-lhe o sorriso, abaixava os olhos e corava.

As vêzes eu encontrava a interessante menina ocupada em lavar os vestidos de suas bonecas; para entender com ela eu mergulhava minhas mãos na água, e por entre a branca espuma procurava encontrar as dela: puxava-lhe os vestidinhos, enquanto ela lindamente enraivecida batia com o pé e beliscava-me os dedos. Depois eu me oferecia para deitar ao sol os vestidos, e D. Rosinha, olhando-me desdenhosa, corria a estendê-los sôbre as flôres; procurando uma vingança, eu ia acusá-la a sua mãe, e mostrava-a exposta aos raios ardentes do sol; a mãe ralhava; ela recolhia-se para dentro agastada comigo; e logo depois repetia-se a mesma cena.

Outras vezes, aproveitando o crepúsculo da tarde, nós passeávamos no jardim, e insensivelmente parávamos ambos a contemplar uma flor: ficávamos assim olhando para a filha do arbusto esquecidos e mudos um tempo, que não podíamos medir; enfim como de ajuste *suspirávamos* ambos, erguíamos os olhos, e mutuamente corávamos, com se houvéssemos cometido um crime; de repente, D. Rosinha voltava-se, e deitava a correr pelo jardim; quando sentia-se fatigada, parava, voltava-se de novo para observar-me e via-me colher e guardar sobre o coração a mesma flor, para a qual ela e eu tínhamos olhado ao mesmo tempo.

Uma vez enfim... — foi a hora mais ditosa da minha vida! — alguns dias antes D. Rosinha havia feito anos: eu tinha aproveitado o ensejo, e pôsto em contribuição minha pobre musa; cada um de seus amigos lhe oferecera uma prenda ou um presente; eu preferi oferecer-lhe um canto de poesia. Bons ou maus, meus versos tiveram a fortuna de tocar seu coração: vi nadar-lhe o prazer nos olhos e nos lábios ao ler o hino enternecido, onde a cada frase palpitava meio encoberto o amor inocente e puro, que lhe votava; depois, quando outra vez nos encontramos, haviam visitas na sala; a idolatrada metina recebeu-me mais carinhosa de que nunca, e em um momento em que estávamos ambos um pouco afastados do resto da companhia, ela tirando do seio um botão de flor de laranjeira, ofereceu-me dizendo:

— Minha prima casou-se há três dias: eis aqui um botão de flor de laranjeira de sua coroa de noiva.

Aceitei ébrio de alegria o terno objeto, que na mãozinha branca e delicada, como um lírio, me oferecia tremendo.

— Mas... disse eu hesitando; um botão de flor de laranjeira tirado de uma coroa de noiva deve sem dúvida exprimir alguma cousa!

D. Rosinha abaixou o solhos e tornou-me:

— Eu não sei... disseram-me, que serve para fazer casar cedo...

— A quem?...

— Certamente àquele que o recebe e o guarda.

— Oh! e também àquela que o dá?...

A formosa mocinha mostrou-se um pouco perturbada; mas bem depressa sorrindo-se meigamente, respondeu-me:

— Ah!... entendo... aquela que o dá?... mas a esse respeito não me disseram nada!...

Eu ia ainda instar por uma resposta, quando D. Rosinha, que o percebeu, valendo-se de seu espírito travesso, voltou-se de repente para as outras senhoras, e disse:

— Minha mãe, o Sr. Juca está dizendo que quer dançar.

Foi assim que passamos um auo.

## VIII

Uma grande desgraça veio surpreender-nos na doce embriaguez de nosso inocente amor.

Emília, a carinhosa mãe de D. Rosinha, sofria desde muito tempo uma das mais terríveis enfermidades: sempre abatida e pálida, sempre martirizada por uma tosse teimosa e incômoda, vivia também constantemente embalada pela esperança de um próximo restabelecimento, do que ela chamava — *sua defluração*; — a pobre filha brincava descuidosa ignorando o verdadeiro estado de sua mãe. Somente com Maurício tinham sido francos os médicos; mas êle, sabendo que no seio de sua esposa estava já a morte a desfazer-lhe os pulmões, para poupar tormentos à sua família, deixava a mísera consorte abraçada com suas esperanças, e a interessante filha menos infeliz com sua ignorância.

Chegou porém o momento em que a verdade terrível, mostrando-se sentada à beira de uma cova, dissipou tôdas as dúvidas, e encheu de luto e de amargura aquela estimável casa.

Um ataque violento veio subitamente pôr em grave risco a vida da triste doente, e quando serenaram os sintomas, que tinham feito recear uma morte próxima, os médicos declararam, que não podiam mais disputar por muito tempo aquela vítima ao túmulo, e que o único meio de retardar o golpe inevitável era levar a enferma para algum desses lugares da provincia, onde o clima saudável e próprio consegue às vêzes estender a vida.

Não havia que hesitar: a sentença estava lavrada e o amor do esposo e da filha abraçou-se chorando com o só recurso que lhe restava.

Maurício determinou-se logo a partir com sua familia para Nova Friburgo: a bela chácara, o teatro de tantos prazeres foi abandonada; e a interessante familia veio immediatamente para a côrte a fim de tomar as disposições necessárias à viagem.

Oh!... como eu senti a força e a crueza de todos esses acontecimentos!... De um lado, via um homem respeitável, que me tinha aberto as portas de sua casa, honrado com sua confiança, e muitas vêzes amparado com a sua amizade; via êsse nobre homem chorando a viuvez, que o esperava, e, ao mesmo tempo, engolindo em segredo os seus soluços, devorando em silêncio as suas lágrimas para tornar menos acerba a dor de uma esposa quase moribunda e a aflição de uma filha quase órfã.

De outro lado, mostrava-se a meus olhos a pálida figura de Emília, a cuja cabeceira eu velava sempre: ah!... como, sem pagar tributo de dor imensa, poderia eu contemplar essa adorável senhora, que com tão doce amizade me tratara, essa, a quem em meus belos sonhos de amor poético eu entrevia lá no futuro olhando-me com

olhar de mãe, e que então eu via prostrada e gemendo em um leito doloroso, esperando com resignação e doçura angélica a sua hora de agonia!...

E depois eu via também velando ao pé dela, triste, abatida, muda, ensaiando às vêzes um mentiroso sorriso, que parecesse filho da esperança, às vêzes embebendo tôda sua alma no olhar do médico, que acabava de observar a doente, como se quisesse adivinhar-lhe os pensamentos mais ocultos, às vêzes indo pé por pé escutar a branda respiração da enfêrma, que dormia, e quase sempre fugindo por minutos de junto do amado leito para ir soluçar às escondidas, essa moça encantadora, que eu amava já com todo o fogo de um primeiro amor.

Oh! sim! eu tinha diante de mim uma terna amiga, que descia ao túmulo;... sentia a desgraça que me roubava essa doce amizade, e que ao mesmo tempo exprimia entre seus dedos enregelados a bela flor, que primeira se desabotoara em minha alma: e quando eu procurava uma esperança, uma ilusão ao menos, que me fizesse duvidar de tão grande infortúnio, a mais cruel das verdades, a verdade que se chama desengano, bradava uma e mil vêzes dentro de mim — *impossível!*...

E finalmente essa partida fatal, que deveria separar-me para sempre da extremosa mãe de D. Rosinha, separar-me também da interessante jovem... e sabe Deus até quando?...

Até quando! triste frase, filha da saudade e do amor! Parece que ao pronunciá-la em uma terna despedida, nosso coração se volta para o futuro, e todo cheio de dúvidas e de desejos procura adivinhar o instante do retôrno!

Chegou enfim o dia e a hora da partida.

Enquanto Maurício dava as últimas ordens em sua casa, eu acompanhei as senhoras até o embarque, e fomos esperá-lo dentro do batel.

Logo que entramos, a doente sentou-se em uma cadeira baixa, e reclinando-se sôbre um dos bancos do batel pareceu adormecer.

Ficamos sentados juntos um do outro D. Rosinha e eu, melancólicos ambos, e em silêncio por muito tempo: ela com olhos úmidos, fitos em sua mãe, e eu com os meus nadando sôbre aquêlê mar, que em breve teria de roubar-me objetos tão queridos.

Depois de uma longa hora de triste mudez, rompi eu o silêncio.

Oh! perdão! perdão eu peço de joelhos à alma bem-aventurada dessa mãe extremosa, dessa amiga inapreciável, se a esqueci então adormecida para pensar um momento em amor.

— Enfim, D. Rosinha; disse eu em voz baixa; é chegado o instante de nos separarmos!...

A formosa moça voltou seus olhos para mim, e ainda com êles cheios d'água, respondeu-me com voz repassada de melancolia e ternura:

— E' certo! e sabe Deus até quando!

— Tão feliz... tão ditoso, que eu fui durante um ano de inocência e de risos!...

D. Rosinha deixou cair a cabeça e murmurou sentidamente:

— Tudo acabou.

— Oh! não!... não era possível, que Deus desviasse de nós os olhos... êle se tem sorriso docemente para nós durante um ano... nós o amamos sempre e portanto seremos outra vez felizes um dia!

— Felizes?! ah! senhor! é quase um sacrilégio falar-me de felicidade nesta hora amargurada!

— Perdão! tornei eu; não me esqueço, não posso esquecer-me dos tormentos, por que está passando; mas também não tenho força bastante para sufocar a esperança que se abraça com a saudade no meu coração: esperemos!...

— Não, não: ao menos para mim... tudo acabou.

— Oh!... é terrível!...

— Sim!... tornou ela encruzando as mãos sobre o peito e embecendo os olhos no rosto de sua mãe com expressão de mágoa profundíssima; sim!... é terrível!...

Compreendi seu pensamento, e sem poder suster-me, desatei a chorar: daí a um instante soluçamos ambos juntamente.

Ah! eu tinha mil cousas para lhe dizer em despedida; mas desde que começou a correr nosso pranto, nem ela, nem eu pudemos pronunciar uma palavra.

Também para quê?... não estávamos nós chorando?... o que é que exprime a dor melhor que as lágrimas?

D. Rosinha abandonou-me uma de suas mãos, apertei-a contra meu peito, apertei-a contra os meus lábios, molhei-a de minhas lágrimas... era a primeira vez, que gozava tão subida ventura.

Depois, como se quisesse, ainda sem falar, exprimir de uma nova maneira os sentimentos, que por ela nutria, arranquei de meu bôlso com um movimento repentino um pequeno embrulho de papel, abri-o, tirei de dentro um botão de flor de laranjeira, e comecei a beijá-lo enternecidamente.

Era o botão de flor de laranjeira, que D. Rosinha me havia dado.

Tudo naquele momento solene deveria ser eloquentemente demonstrado na cena muda, que representamos.

D. Rosinha ao ver o que eu fazia, hesitou um instante; mas logo depois cedendo a um forte impulso, e mais que nunca debulhada em lágrimas, lançou a mão ao seio, e tirando de dentro do vestido, e deixando-me ver uma rosa murcha, cobriu-a de beijos e de lágrimas.

Era a mesma rosa que eu tinha salvado arrojando-me ao lago.

Muito mais do que poderíamos dizer, todos os ardentes sentimentos, que então ferviam em nossos corações, o amor, a saudade,

- A terceira, minha senhora?...
- Já dei-a a um velho, que me diverte.
- A quarta?
- Retirar-me-ei antes dela.
- Uma valsa?...
- Jurei não valsar neste baile.
- Mas isto é incrível?... eu desespero, se não danço com

V. Ex!...

- Que desespero é esse?... quando há tantas, e tão bonitas senhoras na sala...
- A nenhuma delas me dirigirei esta noite.
- Deveras?...
- Prová-lo-ei bem depressa.
- Ora veja... o senhor está fazendo-me pena!... se eu pudesse...

— Diga antes, se quisesse, minha senhora.

— Pois bem: verei, se na terceira contradança o senhor merece que eu deixe o meu querido comendador sentado para pagar-lhe o sacrifício, a que se compromete.

A música tocou: vieram buscar D. Rosinha para dançar, e o Juca aproveitou a ocasião para ir cumprimentar a Maurício; voltando porém depressa, sentou-se junto de Anastácio, a quem não conhecia, e embebeu os olhos na encantadora moça.

A posição do estudante era tão difícil como dolorosas foram as impressões, que recebeu, observando a filha de Maurício.

A posição era difícil; porque êle sempre tão inquieto, tão alegre, e tão buliçoso, êle que tinha sempre nos lábios um dito agudo para dirigir à senhora que passava perto, uma intriguinha pronta para lançar entre duas amigas, uma indireta para jogar sôbre esta, um segredo que descobrir a aquela, êle enfim tão constante junto das senhoras mostrando-se então retirado, e submerso mesmo em uma súbita invasão de melancolia, via-se obrigado a dar a cada momento explicações a respeito do seu estado, ora pretextando fadiga, ora inventando incômodos: êle, o perseguidor, tornara-se o perseguido; D. Laura dardejava-lhe em cada olhar uma seta de ciúme; e Clara, que o não perdia de vista, tomava-o para alvo de tôdas as suas zombarias. Uma vez passando por defronte dêle:

— Sr. Juca, perguntou sorrindo-se, que tem que está tão triste e tão retirado?...

— Dói-me a cabeça, respondeu estúpidamente o pobre rapaz.

— Ainda bem, tornou ela; isso nos prova, que ao menos trouxe cabeça da Bahia.

O Juca não respondeu; tinha o inferno no coração. D. Rosinha fazia-o provar martírios indizíveis.

Bela, ofuscante, graciosa e alegre, era ela a rainha da sala: com seu olhar de fogo, com suas palavras animadoras, com seus sorrisos

dadivosos de esperança, fazia-se nesse baile rodear de uma numerosa cõrte de adoradores. Nenhum dos que até aquela noite tinham sido por ela mais desdenhados, deixou de receber de seus lábios um dito lisonjeiro, ou uma frase carinhosa. Até então insensível a todos aquêles cavalheiros, e nessa noite fazendo-se de improviso conquistadora, a caprichosa moça, sem desanimar a nenhum, desafiava a todos, concedendo um agrado a cada coração de mancebo, como uma borboleta que numa só hora imprime um beijo em cada uma de mil flores.

Havia por isso um movimento estranho e novo na sala: todos os jovens corriam a render homenagem à nova conquistadora; e as senhoras umas despeitadas, outras confusas, murmuravam desapiedadamente da ousada moça. Dantes acusavam-na sem razão, e irritavam-se por não tê-la, e enfim no baile, que tinha lugar, começavam a exasperar-se; porque a acusação era justa, e a nova conquistadora uma rival poderosa.

— D. Rosinha, disse-lhe Laura aproveitando um breve instante, em que se achavam sós; você hoje está com o espirito maligno?...

— Repararam em mim?... perguntou Rosa rindo-se com um rir de louca.

— Oh! muito!... murmuram mesmo.

— Tanto melhor!... é porque triunfo.

E depois olhando para Laura com olhar fixo e incisivo, perguntou também por sua vez:

— E você não tem, como eu, nada de novo esta noite?...

— Eu... não!... não tenho nada.

— Ainda bem!... tudo é velho...

E suspendendo-se ao pronunciar essa última palavra, desatou a rir, retirando-se e repetindo:

— Com efeito, ela disse bem!... é uma história velha!...

Debaixo de um exterior leviano, inconstante, ligeiro e inconsequente, Rosa escondia um coração cheio de sensibilidade e de nobreza: romanesca, sensível, e dotada de ardente imaginação, parecendo à primeira vista dobrar-se gostosa ao império dos prazeres e das ilusões da sociedade, no meio da qual vivia, ela no fundo d'alma olhava com desprezo o tédio para essa vida artificial, que se vive nas festas e nos bailes, onde o amor é jogado como um passatempo, ou um brinco de crianças: coração virgem, nobre, dedicado e firme, tinha amado uma vez aos treze anos, e cultivava seu terno sentimento com religioso cuidado; não se esquecera nunca do jovem, a quem dera um botão de flor de laranjeira, tirado de uma coroa de noiva; e em seus sonhos de venturas, ela via-o muitas vêzes chegar apaixonado, como dantes, e correr a seus pés ardendo no mais puro amor.

O baile dessa noite viera quebrar com uma mão de ferro a mais doce das suas esperanças: encontrando ali inesperadamente o objeto de suas saudades de cinco anos, quando pensava em correr a êle

ébria de prazer e de ternura, teve de parar de súbito apanhando uma traição em seus olhos e um perjúrio em seus lábios.

A sensitiva dobra suas fôlhas ao menor contacto de um corpo estranho: o coração de Rosa ressentiu-se do golpe que recebera, e ela caprichosa, ardendo no desejo de uma vingança, escondeu todos os sentimentos nobres e generosos, que nutria, cobriu seu rosto com uma máscara de falso prazer, e mostrou-se aos olhos daquele que amava, como se fôra a mais louca das loureiras.

A vingança era de um gênero novo e estranho; mas produziu o efeito desejado.

O estudante acompanhava com olhos ardentes de ciúme e de cólera a terrível senhora, que parecia havê-lo de uma vez esquecido; agitava-se convulso na cadeira, em que se achava sentado, quando observava-a passeando pelo braço de algum elegante manecbo, ouvindo, e dizendo finezas; retorcia-se todo ao vê-la tirar do seu bouquet uma violeta ou um cravo para prender o cavalheiro, com quem acabava de dançar; e a caprichosa moça prosseguia sempre em sua bárbara vingança, alegre, festiva e descuidosa, passando longe ou perto do pobre Juca sem jamais conceder-lhe um olhar, nem um sorriso.

Em matérias de despeito e de amorosas hostilidades as moças têm uma vontade de ferro: observe-se uma delas, que se ache com tais disposições, e ficar-se-á espantado diante de um rosto prazenteiro, risonho, e às vèzes frio como a própria neve. Ponha-se-lhe ao mesmo tempo a mão no peito, e sentir-se-á o coração quente, como um brasero. São inabaláveis: a semelhante respeito o mais presunçoso dos homens ao pé delas fica mais pequeno, que um inseto.

Despeitado e furioso, o Juca chegou a invejar a posição do comendador Sancho. Refletindo sobre o que lhe cumpria fazer, resolveu-se a não procurar D. Rosinha para dançar a contradança prometida; mas logo depois entendeu, que a melhor maneira de castigá-la era fingir-se contente como ela, não se dar por ofendido do que se passava a seus olhos, e tratá-la finalmente, como uma loureira que era.

Disposto portanto a não dar o seu braço a torcer, esperou ansioso a terceira quadrilha: era uma ocasião favorável para zombar dela, e o estudante jurava entredentes puni-la de sua inconstância e leviandade sem dó nem compaixão.

O Juca estava na regra: considerava crime em uma senhora aquilo mesmo, que êle praticava por gosto e passatempo, segundo os hábitos dos senhores homens.

Apenas ouviu a música tocar os primeiros compassos de prevenção, levantou-se, e dirigindo-se à D. Rosinha chegou quase ao mesmo tempo, que também chegava o comendador: ambos os pretendentes estenderam as mãos para recebê-la.

A moça olhou para o Juca admirada:

— Como?... perguntou ela: o senhor também?... mas... realmente... eu não me recordo de lhe haver prometido coisa alguma!...

O estudante mordeu os beiços.

— V. Ex. prometeu-me esta contradança: balbuciou o comendador meio desapontado.

— Eu não dancei: disse simplesmente o Juca.

— Ah! sim... agora parece que me lembro... mas eis aqui o que se chama uma verdadeira dificuldade! como decidir entre dois cavalheiros tão interessantes?! na verdade eu tenho uma cabeça de louca... prometo o que não posso cumprir!

— Decida entre nós, V. Ex.; disse Sancho endireitando-se para melhor mostrar a comenda.

— Não dancei: repetiu com frieza o estudante.

— Com efeito, respondeu a moça; trouxe até as fezes o seu cálix de amargura: merece piedade por isso: meu caro comendador, eu dou-lhe uma valsa por esta contradança.

— Mas então eu hei de ficar sentado?... perguntou o pobre Sancho fazendo uma cara horrível.

— Ninguém lhe diz que não fique de pé; acudiu o Juca rispidamente.

— Sr. comendador: uma valsa vale dez quadrilhas e eu tinha jurado não valsar hoje: descanse pois para voarmos juntos ao redor desta sala daqui a pouco.

E levantou-se accitando o braço do mancebo.

— No entretanto, murmurou Sancho passando a mão por cima da comenda; no entretanto ninguém o acreditaria!!

E como ficar sentado era uma cousa detestável, o infeliz apelou para um dos dois batalhões de reserva: foi buscar uma menina de seis anos e tomou lugar na quadrilha.

Enquanto se dançou, o Juca e D. Rosinha não trocaram senão palavras muito triviais: terminadas porém as contradanças o estudante deu-lhe o braço, e passearam.

Era a ocasião do combate: a moça foi quem encentou a conversação.

— Sr. Juca, em outro tempo o senhor meditava pouco, e falava muito: reparo que hoje faz o contrário disso.

— Ah!... então V. Ex. lembra-se do outro tempo?

— Alguma cousa.

— Recorda-se portanto da noite, em que pela primeira vez nos achamos defronte um do outro?...

— Tenho assim umas lembranças disso... quando foi?...

— Uma noite de S. João.

— Sim... sim... parece que foi isso mesmo.

— Passamos dois belos dias: lembra-se daquele fato da rosa, e do lago?...

— Da rosa e do lago?... não: que rosa foi essa?... o que houve no lago?...

— Nem ao menos se recorda de um malmequer do prado, e cujas pétalas V. Ex. arrancava no jardim, pretendendo decifrar um mistério?

— Malmequer do prado?! ora é notável, que também não me lembre de tal!...

— De um botão de flor de laranjeira, que eu recebi cheio de entusiasmo?...

— Botão de flor de laranjeira?... quanta coisa bonita, de que me tenho esquecido! uma rosa, um malmequer do prado, um botão de flor de laranjeira!... pois é uma pena: porque eu gosto muito de flores: isto faz-me ficar triste.

O estudante estava vendo estrélas ao meio-dia.

— Oh! nada de tristezas, disse êle com ironia. Não falemos mais disso: são puerilidades insignificantes, que ordinariamente se olvidam; o tempo consome com facilidade essas lembranças, do mesmo modo, que o vento apaga na areia as pisadas de dois meninos, que brincavam à borda do mar.

Calaram-se ambos por alguns instantes: o despeito e o ciúme transluzia por entre os sorrisos mal fingidos que os dois jovens tinham nos lábios.

— Quando chegou da Bahia, Sr. Juca?... perguntou logo depois D. Rosinha.

— Hoje mesmo.

— E já num baile!... o senhor é infatigável!...

— Eu tinha a certeza de encontrá-la aqui; respondeu o estudante rindo-se; previ, que V. Ex. estaria com muitas saudades minhas e apressei-me a vir matá-las.

— E não se enganou, tornou-lhe a moça no mesmo tom; creio porém que não foi para matar-me as saudades, que deixou inopinadamente a cidade da Bahia.

— Confesso que não, minha senhora: empurraram-se à força para o Rio de Janeiro: quer V. Ex. saber a causa?

— Sem dúvida: sou muito curiosa; tenho todos os defeitos do meu sexo.

— Pois bem: eu estava namorado, apaixonado, *como nunca estive em minha vida*.

— E' explicável: a última paixão parece sempre mais forte que a penúltima; pelo menos isso succede comigo.

O Juca olhou fixamente para aquela senhora, que lhe falava assim, e encontrou fito também sobre o seu rosto o olhar penetrante dela.

— Fingiram amar-me... continuou o estudante.

— E' um velho hábito de todos nós, observou a moça.

— Depois zombaram de mim...

— Tudo isso é muito comum, Sr. Juca.

— Mas eu estava apaixonado até os olhos...

— E teve medo de ficar cego?...

— Não, minha senhora; porém meus amigos forçaram-me a embarcar para o Rio de Janeiro: porque começava a brilhar em minha alma a idéia sinistra de um suicídio.

— E veio em vapor, ou em barco de vela?...

— Vim no vapor.

— E fez bem; dizem-me que o cheiro do carvão de pedra é contrário a essa espécie de mania de que principiava a sofrer.

— Oh! não zombe, minha senhora; creia que eu amava muito: repito, que amava, *como nunca amei na minha vida* e desprezado por uma perjura, concebi o pensamento de matar-me.

— Por causa de uma mulher?... perguntou D. Rosinha fingendo-se admirada.

— E então?!!!

— Não há mulher alguma, que valha a pena de um suicídio: tornou ela rindo-se.

— Deveras?...

— Já lá vai o tempo do heroísmo no amor: hoje em dia...

Sr. Juca, dê licença que eu estenda a minha regra até os homens; hoje em dia nós e vós amamos para passar o tempo.

— V. Ex. sente o que diz, minha senhora?...

— Certamente.

— Não penso eu assim: quando um homem tem concentrado tôda sua esperança de felicidade no amor de uma mulher, quando tudo se tem feito por ela, e recebe-se em paga um perjúrio e o desprezo, é melhor morrer,

— Qual, senhor! é melhor viver.

— Mas para quê?...

— Para amar a essa mulher, e a outras muitas.

— Também a essa?...

— Sem dúvida, e para ser amado por ela.

— Como? se o desprezo...

— Oh! meus pecados! meus pecados!... que cegueira a destes homens! a mulher é a mais fraca das criaturas, e com um bocadinho de trabalho e de paciência faz-se de um desprezo uma paixão ardente.

— Gastando amor com uma ingrata?...

— Que loucura!... fazendo-se antes o contrário disso, meu caro senhor.

— Realmente eu não compreendo...

— Realmente eu pensava que o Sr. Juca tinha mais juízo!...

— Sinto-me ofuscado pelo talento de V. Ex.!...

— Agradecida.

— Mas eu rogo a V. Ex. que me ensine êsse remédio apreciável.

— A receita é muito antiga, e muito conhecida; mas nem por isso menos infalível.

— Então...

— Finge-se amar uma outra aos olhos da ingrata.

— E o remédio é seguro?...

— O efeito é mais ou menos demorado, porém sempre certo.

— V. Ex. aconselha-me que aproveite essa receita na primeira ocasião?...

— Seguramente.

— Desconfio de que alguém já a tenha usado contra V. Ex. mesma!

— Não! não! esse remédio é antidoto do despeito, e o Sr. Juca deve ter reparado, esta noite, que eu não desprezo a ninguém.

Nesse momento souu a valsa: o comendador veio arrancar D. Rosinha do braço do estudante e com ar vitorioso, depois de breves passos pela sala, desatou a valsar.

O velho roceiro, que até então se conservara a roer as unhas sem deixar nunca a cadeira, em que se sentara ao entrar, ergueu-se súbitamente ao ver a sobrinha dançando com Sancho, e saiu resmonhando enfezado.

## X

### O Juca despeitado

No dia seguinte, à hora do almoço, apareceu o Juca com semblante tão carregado, que atraía logo a atenção de seus hóspedes.

— Melhor cara traga o dia de amanhã, disse Clara.

— Que diabo é isso?... perguntou Faustino; passaste mal a noite?...

— Ele tem o que quer que seja! acrescentou a velha.

— Tenho fome, respondeu o estudante; tenho fome e juro que antes de almoçar ninguém me há de arrancar uma palavra.

— O Juca era teimoso, como um paulista; e em matéria de juramentos cumpria-os sempre religiosamente, com a única exceção daqueles que prestava às moças.

Foi portanto necessário esperar que terminasse o almoço para encetar a conversação. O Juca comeu como um padre de capellania; Faustino devorou, como homem político, que era; Basília matou sua fome sem cerimônia, como velha, que já não tem pretensões neste mundo; e enfim Clara fez cara feia a todos os pratos, o tomou apenas meia chávena de chá com um simples biscoitinho, como faz ai qualquer moça da moda, que conta e calcula com a chave da despesa.

Levantaram-se finalmente da mesa, e foram todos quatro sentar-se na sala de visitas.

O semblante do Juca estava cada vez mais sombrio.

— Juca, disse a velha; queres saber uma cousa? não te assenta bem esse rosto amarrado assim.

O estudante encolheu os ombros, como quem diz — que me importa! — e a filha de Basília começou a rir-se.

— Mana, de que está você rindo-se?... perguntou o publicista.

— Eu?... ora é boa! de nada: as moças quando não têm que fazer, riem-se para passar o tempo.

E continuava a rir-se.

— Aqui há cousa! aqui há cousa! exclamou Faustino.

— Minha senhora, disse o Juca; se é comigo, não faça cerimônia.

— E' com o Juca!...

— Clara, dize o que é; não nos faças andar com a alma pelos ares.

— Não devo falar, minha mãe; é um segredo, que apanhei no baile de ontem.

— D. Clara, tornou o Juca, que principiava a desapontar-se: se é segredo, deite-o fora imediatamente: olhe que os segredos causam indigestão às senhoras.

A moça deu o cavaco com a observação; corou, mordeu o lábio inferior, e respondeu:

— Pois não é segredo: é do motivo da sua improvisada melancolia, que me estou rindo.

— Ainda bem!... venha lá isso.

— Mano Faustino, o Sr. Juca... está...

— Acabe...

— Está afetado do mal dos ciúmes.

O estudante deu um salto da cadeira, e foi parar no meio da sala.

— Eu de ciúmes!... bradou êle.

Faustino batia palmas de contente, e pulava na sala, como um endemoninhado.

— Eu de ciúmes?... mas por quê?... de quem?... fale, diga de uma vez...

— Por causa de uma linda rosa, que ontem à noite o espinhou cruelmente...

O Juca empalideceu.

— D. Rosinha?... perguntou Faustino endireitando-se todo, como um namorado, que se acredita feliz; então D. Rosinha!...

— Não fez caso dêle: respondeu Clara com refletida acrimônia.

— E o pobre coitado?...

— Perseguiu-a inutilmente tôda a noite.

— Nego! gritou o estudante.

— Sustento! replicou a moça.

Havia no ânimo de Clara firme propósito de atormentar o Juca naquele dia; e até certo ponto a moça tinha razão.

O tal Sr. Juca, rapaz muito considerado na cidade do Rio de Janeiro, notável pelo seu bom gosto, reconhecido apreciador das senhoras, dançarino eterno, que antes queria que lhe saísse branco um bilhete na loteria do que perder uma contradança, ou uma valsa, cometera na última noite a estultícia de se deixar ficar sentado horas inteiras sem querer dançar nem passear, com os olhos embebidos em uma única senhora, e apenas quase no fim do baile se erguera para contradançar, e dar o seu passeio com essa mesma senhora para quem somente soubera ter olhos. Erro inescusável!... ninguém, é verdade, pode furtar-se a certas predileções; mas em uma sala de baile as predileções guardam-se bem escondidas no fundo do coração sob pena de agradar a uma ofendendo a cem.

O procedimento do Juca tinha pois importado uma sensível preferência, a que Rosa pareceu prestar bem pouca atenção, e a que as outras moças deram muita importância. Na opinião delas perdera o estudante, no que diz respeito à delicadeza e bom gosto, cinquenta por cento do que até então valera; tôdas elas suspiraram por achar um momento feliz, em que se pudessem vingar da ofensa recebida, e Clara jurou aos seus colchêtes desferrar-se logo na manhã seguinte.

A vingança da moça tinha pois começado.

— Sustento! repetiu Clara: o Sr. Juca tem despeito no coração, ciúme nos olhos, e...

— E o diabo no corpo!... acudiu Faustino rindo-se às gargalhadas.

— Eu com ciúmes!... disse com fingida calma o estudante; eu com ciúmes!... ora não faltava mais nada!... então, minha senhora, seis anos de vida de saraus e de festas, seis anos votados não só ao prazer, mas também à observação; seis anos enfim de estudos e de experiência não me haviam de servir para alguma cousa?

— Honra ao Sócrates!... respeito ao filósofo!... disse o publicista fazendo uma reverente cortesia.

— E gastou todo êsse tempo em aprender a não ter ciúmes?... perguntou Clara.

— Oh! não: aprendi cousa muito melhor.

— Então o quê?...

— A conhecer a mulher.

— Ai está, o que querias ouvir, disse a velha; eu bem te tenho dito, que não te metas em discussões com o Juca.

A moça escondeu um movimento de desagrado.

— A conhecer a mulher... repetiu ela sorrindo-se; e... conhece-a bem?...

— Tanto quanto me é necessário para livrar-me de seus enganos.

— Ainda bem! tornou a moça; mas tenha sempre cuidado com ela; é um leopardo que surpreende a vítima quando mal se espera: é um bicho terrível, não é assim?...

— Oh! não! minha senhora; não tome o que acabei de dizer tão ao pé da letra. Deus me livre de ofender por tal maneira o sexo amável; eu pertença até ao número dos que têm por êle mais atenções e desvelos.

— Com efeito, ainda agora mesmo o mostrou. Eu agradeço a sua delicadeza em nome de tôdas as minhas irmãs. No entretanto continue: diga-nos o que colheu de bom nos seus seis anos de estudo sôbre a mulher.

— Aprendi que a mulher é um anjo...

— Um anjo?!!!

— Sim, senhora, mas por pouco tempo: é um anjo nas faixas, e na infância...

— Só?...

— Às vêzes continua a sê-lo quando moça ainda um ano, ou por um dia: innocente, ingênua, modesta, meiga, terna, com a alma votada para Deus, e o coração cheio dos amôres da família, e mesmo também com o amor de um homem misturado com êsses, a mulher, que já se penteia e se veste cuidadosamente, desejando parecer bonita, mas que ainda agradece a quem lhe ama... é um anjo.

— E depois?...

— Depois os homens a cercam! exclamou o estudante exaltando-se; lançam o mortal veneno das lisonjas em seus ouvidos; à força de lhe repetir, que tem olhos brilhantes, fazem de um olhar celeste um olhar mundano; dizendo-lhe mil vêzes, que seu andar é gracioso, roubam-lhe o encanto da natureza, e desafiam as afetações da vaidade, que é a mais imbecil das artistas; jurando-lhe todos os dias e a tôdas as horas, que ela é encantadora, matam-lhe a modéstia, que é o matiz da formosura; ensinam-lhe até às vêzes a não acreditar no próprio espelho, e ela, eufim pretensiosa, não agradece mais o amor, que lhe votam: inflamada de presunção, crê que por dever devem tôdos ania-la, que por glória deve pisar sôbre corações... em uma palavra; deixa de ser anjo, e fica sendo simplesmente uma mulher.

— Bravo o Sócrates!... exclamou Faustino.

— Muito bem, Sr. Juca; muito bem!... accito a sua teoria de todo o meu coração; cumpre-me contudo notar que ela está em contradição com o que aconteceu no principio do mundo.

— Como?...

— No paraíso, quem tentou a mulher foi a serpente, e quem tentou o homem foi a mulher; e agora neste mundo a vaidade perde primeiro o homem, e é finalmente o homem quem deita a perder as pobres mulheres... bem entendido, segundo a sua teoria.

— Bravo, mana!... exclamava de momento a momento o publicista batendo palmas.

— Não dês o cavaco, Juca! dizia a velha.

— Eu?... por quê?...

— Porque está ouvindo referir os seus padecimentos de ontem à noite.

— Que padecimentos!... ora é boa esta!...

— Pois bem, diga por que não dançou, senão uma quadrilha!...

— Porque não quis.

— A resposta é delicada; mas vamos adiante. Por que esteve tôda a noite retirado e triste?...

— Confesse... confesse...

— Juca, eu reparei muito nisso, disse Basília. Vocês pensam que os velhos não vêem nada; pois comigo estão enganados.

— Foi uma noite de amargura: teve ciúmes até do próprio comendador Sancho.

— Menos isso, respondeu o estudante; tudo quanto quiserem, menos isso. Confesso, que estive triste: confesso que a causa da minha tristeza foi o procedimento de D. Rosinha, que...

— Ah! ah!...

— Mas não havia nem despeito, nem amor ofendido... nem ciúmes nessa tristeza.

— Então o que havia?...

— Pena.

— Pena?!?! D. Rosinha há de lhe ficar muito agradecida.

— Oh! sim! era pena. Quando um homem tem conhecido uma mulher nos anos mais belos de sua vida, e a tem visto com a alma cândida, pura e angélica refletida no mais encantador dos semblantes; e quando, depois de alguns anos, em que a fôrça dos acontecimentos obrigou-o a viver longe dessa mulher vem encontrá-la de novo, mas encontra-a então sem a ingenuidade, sem os celestes encantos do tempo da inocência; quando procura o coração nobre, generoso e romanesco que outrora conhecera e acha um coração enregelado, prosaico, positivo, como a época e o mundo de mentiras em que ela vive, êsse homem, ainda mesmo não tendo amado a bela mulher, retira-se penalizado e melancólico! e sem que possa praguejar contra ela, amaldiçoa o mundo e os homens que a encheram de vaidade, e que fizeram do — anjo — uma simples mulher.

— E se êsse homem a tivesse amado?...

— A impressão seria muito mais profunda; a dor mais forte, e dobrada a pena.

— E nada de ciúmes!... o Sr. Juca o que não quer, é que se fale em ciúme.

— Que ciúme, senhora!... ainda mesmo, que eu amasse D. Rosinha!... quando se ama não é possível o ciúme: há zelos.

— Quê!...

— O ciúme é filho da paixão desregrada... o ciúme é torpe...

— Mas quando se chega a um ponto em que o zelo não basta?...

— Nesse caso, minha senhora, luz a desconfiança, e apaga-se o amor.

— Aceito a explicação! luziu-lhe pois a desconfiança no baile de ontem à noite!

— Era possível; porque o amor há muito tempo que estava extinto.

— Qual!... pelo menos tiveram bastante poder sôbre o senhor as ternas recordações dêle.

— Não duvido; mas por quê?...

— Porque D. Rosinha foi a única, que lhe mereceu a honra de uma contradança...

— Oh! minha senhora, exclamou o estudante rindo-se; perdão, se lhe ofendi!

— A mim?... não: três dias antes do baile eu já não tinha mais contradanças para dar: no entretanto foi bem notável, que sômente D. Rosinha merecesse a glória de dançar com o Sr. Juca.

— Reparou-se nisso?...

— Oh! necessariamente: D. Laura, por exemplo, devia ficar bem agastada.

— Sim?... D. Clarinha, fale-me dessa bela senhora...

— Far-lhe-ei a vontade, tanto mais que o vejo alegrar-se só ao escutar-lhe o nome; com uma condição porém...

— Qual?...

— Há de dizer-nos se teve muito prazer ao recordar-se do seu primeiro amor, quando passeou com D. Rosinha.

— Muito! muito! respondeu o estudante fingindo-se contente, pôsto que se sentisse exasperar a semelhante idéia: e fez mais do que recordar; recebi lições...

— O mestre recebeu lições?!...

— Curvo-me diante de D. Rosinha: é jubilada; ensinou-me cousas, que nem a pêso de ouro se pagam.

— Então o que lhe ensinou?

— A vencer a indiferença de qualquer moça.

— De qualquer?...

— Até dela mesma, se fôr preciso.

— Ensina-me isso, Juca da minh'alma! bradou o publicista, abraçando o estudante.

— Nada mais simples, nem menos ignorado: é fingir amar uma outra aos olhos da ingrata.

— Isso é velho, estulto e de mau gôsto, disse Clara.

— O mesmo asseverou D. Rosinha; mas acrescentou que era remédio seguro.

— Por quê?..

— Porque, diz D. Rosinha, tôdas as senhoras são invejosas do amor das outras.

— Ela disse isso?

— E mais ainda.

— Presunçosa?... tôla!... inconseqüente!...

— Que é isso, D. Clarinha!

— Os homens têm razão! devem zombar de nós; acham uma mulher que lhes diga asneira dessa natureza! e assevera que ela tem espirito!...

— A mana Clara está como uma brasa!... disse Faustino.

Com efeito a moça, esqueceram-se completamente de que tinha em vista atormentar o pobre estudante; a receita de Rosa era um insulto feito a tôdas as senhoras: onde está o maior cessa o menor, e portanto descansava o Juca, e começava a padecer a filha de Maurício; mas de repente Clara fitou os olhos do jovem, e disse:

— O senhor é um mentiroso.

— Quê!...

— O senhor está despeitado contra D. Rosinha, e quer comprometê-la conosco.

— D. Clarinha, palavra de honra, que o que eu disse é a própria verdade.

A moça não se pôde conter.

— Que vergonha!... sabe, minha mãe; sabe, meu mano; sabe, Sr. Juca, o que isto quer dizer?... é a sereia, que canta!... quando eu digo que aquela moça tem o diabo no corpo, não querem me acreditar!...

— Mas o que é?... explica-te menina.

— Ela viu que o Sr. Juca se mostrava despeitado: temeu que lhe fugisse êsse coração, que ela quer ajuntar aos dos outros tolos que a festejam... e ensinou um remédio para ser aplicado a ela mesma!...

— Esta minha irmã fala como um deputado!... tem só um defeito; quando abre a bôca é para levantar alçives às outras.

— Mano, você não entende disto: vá escrever periódicos.

— Mas, D. Clarinha... a sua idéia não é de se deitar fora...

— Pode crer... e se quiser experimente.

— Não, Juca! gritou Faustino.

— Cala-te, publicista: brilha-me na mente um pensamento extravagante, e por conseqüência digno de se pôr em prática. D. Rosinha merece ser castigada por seus erros; vou feri-la com suas próprias armas. Ela finge amar a todos, e a nenhum ama de veras; pois bem: zombaria por zombaria! que todos os cavalheiros pareçam a seus olhos cativos de seus encantos, e que um só não haja que tome ao sério o amor de moça tão loureira! eia pois!... não quero ser dos últimos: vou requestá-la.

— Quando começa?...

— Já: hoje mesmo. Conquistadora! inconstante! pretensiosa! é preciso que ela sofra também por sua vez. D. Clarinha, abraço a sua idéia. Das duas uma, serei bem recebido ou desprezado: bem recebido, principiará mais cedo a minha vingança; desprezado, farei uso da receita que ela mesma me ensinou. Vou escrever à D. Rosinha.

— Apoiado!... disse Clara.

— Isto é indigno!... bradou Faustino.

— Publicista, descansa, que não pretendo roubar-te a amada; quero apenas vingar-me dela. Venha papel e tinta.

— Que cabeça a destes rapazes!... murmurou a velha benzedo-se.

Clara trouxe ao Juca papel bordado e perfumado, que ela tinha *somente para escrever às amigas*.

O estudante sentou-se, e depois de meditar por breves instantes escreveu:

"Senhora. — Será possível que de vossa memória se tenha riscado aquela triste hora de despedida, em que dentro de um batel, depois de beijarmos, vós uma rosa murcha, e eu um botão de flor de laranjeira, guardamos nossas flores, com os olhos embebidos um no outro, exclamando ao mesmo tempo: — para sempre?! —"

O estudante parou; leu em voz alta o que acabava de escrever, e sentiu que se ia comovendo.

— Assim vai bem, disse Clara; continue.

— Não! respondeu o Juca rasgando o papel com movimento repentino, não!... de modo algum! isto era um sacrilégio: aquêl amor foi angélico; nada de profaná-lo, confundindo-o com um galanteio.

— O certo é, disse a velha, que êle mostra ter suas saudades da menina de treze anos.

Clara pareceu descontente, e o extravagante moço escreveu nova carta.

"Senhora. — O fogo de vossos olhos é como o raio do céu: abraza em um momento: eu o sinto desde a noite de ontem; agora, depois de ter contemplado vossos encantos, não poderei mais suportar o peso da vida sem a esperança de ser amado."

O estudante levantou-se, e lendo o que havia escrito, começou a rir-se.

— Ridícula... desfrutável... mesmo como uma carta de amor!... mas enfim está pronta.

E fechou a carta.

— E agora?...

— Vou vestir-me e sair. Hei de por fôrça achar algum piedoso Tobias, que se encarregue da missiva; e depois dou um pulo à casa do meu correspondente. Quero antes de tudo dinheiro, e depois do

dinheiro antes de tudo, trocar o mais republicano dos paletós pela mais aristocrática das casacas.

— Que cabeça de vento!... disse Basília ao ver o Juca sair da sala correndo.

— Hei de descompô-lo no meu jornal de amanhã! exclamou o publicista ardendo em cólera; hei de atacá-lo... insultá-lo... rebaixá-lo!... hei de acusá-lo de... de...

— De quê?... de quê... perguntou Clara.

— De qualquer cousa, que me convenha; por exemplo de... de... comunista!

— Mas isso é falso... é calúnia! acudiu a moça.

— Embora, tornou Faustino, estou nos meus princípios.

## XI

### A medida de uns sapatos

Em casa da velha Basília era regra almoçar às oito da manhã; não sucedia porém outro tanto na de Maurício: aí tudo andava sujeito aos caprichos da bela moça, que fazia as delícias de seu pai; não havia licença de ter fome sem que D. Rosinha a sentisse também, de modo que a hora do almoço variava desde as sete da manhã até às vêzes o meio-dia.

O baile, o encontro imprevisto com o Juca, a sua conversação com D. Laura apanhada com tanto cuidado, o passeio, que seguiu a terceira quadrilha enfim, causaram tão forte impressão no ânimo de D. Rosinha, que de volta para casa perdeu ela o resto da noite a meditar, e pôde somente conciliar o sono ao romper d'aurora; de modo que já era alto dia, e ainda não tinha sido possível vê-la descer do segundo andar, onde era o seu gabinete.

Maurício, que nessa manhã devia ocupar-se de negócios importantes de sua casa, saiu logo cedo, declarando que só voltaria para jantar.

E ficou o velho roceiro a passear pela sala, esperando por sua interessante sobrinha.

Ninguém almoça mais cedo do que um bom lavrador; e Anastácio habituara-se, desde longos anos a despertar antes da aurora, e a ter uma fome desesperada quando brilhavam os primeiros raios do sol.

Ora ajuntando-se a este costume a natural impaciência e rabugento gênio do velho roceiro, pode-se bem compreender com que mau humor e ardente desejo de ralhar sentia êle irrem correndo as horas com um estômago vazio e uma dessas fomes de caçador.

Anastácio passeava pois pela sala resmoneando a sós, e deixando escapar de momento a momento palavras veementes, que eram como faíscas de cólera abrasada.

De cada vez que o relógio dava horas, sentia o velho um acesso de frenesi, e lançava um sarcasmo contra a sobrinha, o irmão, os bailes, e a côrte em pêso.

Ouviu no entanto soar nove, dez, e onze horas. Já era muito: devorava-o uma fome insuportável! Quando o relógio deu meio-dia, lançou mão da sua bengala, e correndo à escada do segundo andar, começou a bater nos degraus com tanta fôrça, como se quisesse deitá-los abaixo.

— Que é isso aí na escada?... quem é que bate assim?... perguntou uma voz argentina.

— E' um seu criado, minha senhora! respondeu o velho com acento alterado.

— Ah! é vossa mercê, meu tio?... que horas são?...

— Meio-dia! meio-dia! Sra. dona da casa! tornou Anastácio apertando o estômago com as mãos.

— Misericórdia!... e provavelmente está vossa mercê ainda sem almoçar! eu já desço.

O velho voltou para a sala, e daí a um quarto de hora que a êle pareceu um século, ouviu-se os passos da moça, que descia a escada apressadamente.

— O almoço! gritou ela.

Quando Rosa acabava de descer o último degrau, appareceu-lhe como por acaso, o mais esperto dos pajens de seu pai; e parando perto dela, estendeu o braço procurando entregar-lhe um papel, que estava dobrado à maneira de carta; mas que não trazia sobrescrito.

Era a carta do Juca.

— O que é?... perguntou Rosa.

— Um papel para minha senhora, respondeu o pajem.

— Meu pai não está em casa?...

— Não, senhora.

— Deixou-me isso?...

— Não, senhora.

— Está bem, verei o que é, disse enfim ela recebendo a carta.

Rosa mal podia suspeitar a natureza daquele papel: entrou na sala com êle na mão, e dirigindo-se ao velho:

— Perdão, meu querido tio, disse ela meigamente; perdoe-me tê-lo feito esperar até esta hora: juro-lhe que me hei de corrigir.

— Duvido, respondeu lacônicamente Anastácio.

O rosto de D. Rosinha mostrava-se pálido e um pouco abatido, como ressentindo-se da fadiga da noite passada; desenhavam-se por baixo de seus olhos duas olheiras roxas, e o velho roceiro, que já abria a bôca para tirar disso o tema de um sermão que queria pregar contra os bailes, parou de súbito ao ver a sobrinha corar de

repente até à raiz dos cabelos, e bater no assoalho acesa de cólera com seu pézinho de andaluza.

A moça acabava de abrir a carta, e de ler as apaixonadas frases, que lhe dirigia o Juca; voltara olhos ardentes para o corredor, como procurando o atrevido pajem, que ousara ser o portador da missiva de amor, e não o vendo mais, corara de pejo e de ira.

— Que é isto?... perguntou Anastácio avançando dois passos: deve ser bem importante um papel, que a fêz corar assim!...

Rosa serenou num momento.

— E' a mais exagerada das contas que tenho recebido da minha costureira, respondeu ela sem hesitar.

— Deixe ver, tortou o velho estendendo o braço.

— Não, disse Rosa sorrindo-se e guardando a carta no bolso do avental; não, meu tio, vossa mercê tem mau gênio e ralhará comigo.

Anastácio fêz um movimento de impaciência.

— Vamos almoçar, meu querido tio, tornou-lhe a moça ameaçando-o; não esteja mal comigo, porque isso me desconsola; convenho, que às vêzes devo parecer extravagante; mas, vaidade para um lado, eu não sou má.

Havia tanta doçura no falar de Rosa, que o tio apesar do quanto era rabugento, mal pôde esconder um sorriso.

Meia hora depois voltava Anastácio para a sala menos agastado com a sobrinha, pois que também achava-se completamente restabelecido das terríveis dores de estômago, que o tinham atormentado tôda a manhã.

Rosa subiu de novo ao segundo andar, e, escondida no fundo de seu gabinete, tornou a ler a carta do Juca.

Ficou depois pensando muito tempo sôbre o que lhe cumpria fazer.

Os corações nobres e generosos, que sabem amar com extremo, ressentem-se também mais que nenhuns outros das ingratidões, que sofrem. Sucede-lhes um fenômeno curioso, mas que está completamente em sua natureza: perdoam com notável facilidade as ofensas dos inimigos, e com dificuldade as que recebem daqueles de quem são amigos.

Acontecia isso à bela filha de Mauricio. Amara sempre o feliz estudante; esperara constante e saudosa por êle durante cinco anos, contando ser também objeto de um amor tão puro, tão delicado e firme, como o que sabia nutrir. A noite do baile desfez suas mais doces ilusões: talvez lhe dissessem, que o mancebo gastava com D. Laura e com outras muitas afetos simulados e uma ternura improvisada; mas no pensar de Rosa isso mesmo era um crime, era um sacrilégio.

A carta do Juca nada fêz portanto em prol de seu autor: lixou até certo tempo a interessante moça; nada porém mudou

da opinião, que desde a noite passada formava ela do extravagante jovem.

— Quem sabe, pensou Rosa falando consigo mesma, quem sabe se esta mesma manhã não mandou êle à D. Laura uma outra carta igual a esta que me escreveu?...

Refletindo assim determinou a moça repreender ásperamente o ousado pajem, que a fizera corar, e deixando sem resposta a carta do estudante, esperar encontrar com êle para lançar-lhe em rosto a inconveniência e leviandade de semelhante fato.

Resolvida definitivamente a isso, mas não podendo, mesmo a pesar seu deixar de pensar no volúvel mancebo, a bela moça desceu outra vez a escada, e foi para a sala a fim de furtar-se às suas tristes reflexões, conversando com seu tio.

Anastácio estava ocupado a ler um por um todos os anúncios do *Jornal do Comércio*; parecia agradar-lhe tanto aquella leitura, que nem ao menos desviou por um instante os olhos da folha que lia, ao sentir a sobrinha vir sentar-se ao pé dêle.

Rosa estêve esperando muito tempo que seu tio deixasse enfim o *Jornal*; vendo porém que êle cada vez mais se prendia aos enfiados e intermináveis anúncios, resolveu-se perturbá-lo ainda que isso lhe custasse um sermão.

— Meu tio! disse ela sorrindo-se.

O velho não ouviu.

— Meu tio! repetiu a moça elevando a voz.

Anastácio continuou a ler.

Se Rosa não estivesse já disposta a interromper aquella leitura, bastava a teima do velho em não querer ouvi-la, para fazêr-lhe desejos de arrancar-lhe o *Jornal*.

— Meu tio!... meu tio!... disse outra vez ela puxando pelo braço do leitor.

— Que temos?... perguntou Anastácio.

— Estou furiosa contra êsse periódico.

— Por quê?...

— Porque faz com que vossa mercê me esqueça, e não converse comigo.

— Conversar em quê?...

— Ora!... em tudo.

— Que é o mesmo que dizer em nada! tornou-lhe o velho roceiro, lançando mão do *Jornal*.

— Oh! não!... não!... exclamou a moça suspendendo-o; ralhe comigo... pregue um longo sermão contra os meus caprichos e as minhas loucuras; olhe porém para mim, fale-me e atire para longe êsse maldito papel!...

— Temos outra! murmurou o velho, tendo sempre na mão o *Jornal do Comércio*.

— Escute, meu tio. Há neste mundo somente duas cousas, que eu aborreço, e mostrar predileção por elas à minha vista é ofender-me também: eu detesto as cartas de jogar, e os periódicos. São os dois maiores inimigos da mulher.

— E quais são os amigos?...

Rosa adivinhou que ia triunfar do *Jornal do Comércio*; respondeu sorrindo-se:

— Muitos... numerosos, meu querido tio: por exemplo... o baile.

Anastácio machucou o Jornal com movimento de despeito:

— O baile!... exclamou êle: olhem lá o terno e delicado amigo, com que conta minha sobrinha!... pois digo-lhe, que pode limpar a mão à parede.

— Mas por quê?... eu não compreendo essa antipatia, que meu tio tem pelos bailes!

— A mocidade é como a mariposa; atira-se à chama, que a pode abrasar: o baile!... o baile tal como tenho agora observado, é o veneno que se derrama no scio da inocência!... lá ninguém vai dançar; aquilo não é dança... é uma cousa ridícula... monótona... detestável!... vocês tôdas lá vão somente para passear com os rapazes, e conversar horas inteiras em meia voz!... que lições, e que futuro...

— Porém, meu tio, o que é que se pode dizer nesses passeios a uma senhora, que com dobrado perigo se não dissesse antigamente às escondidas dos pais?... é melhor consentir, que se converse na sala, do que fazer vontade de ir conversar na escada.

— Sra. D. Rosa, dou-lhe os parabéns pelo seu adiantamento!... provavelmente é discípula do tal comendador Sancho de gloriosa memória!...

O mau humor de Anastácio divertia a bela moça que continuou de propósito para impacientá-lo.

— Eu entendo, que os passeios de que tratamos, são inconvenientes por milhares de razões: primeiramente a moça no fim de uma dúzia de bailes, à fôrça de ouvir finezas e juramentos de quase todos os cavalheiros com quem passeia, acaba por não dar importância a finezas, e por não acreditar em juramentos de homem nenhum.

— Sim, senhora, e vai também ficando com a sensibilidade embotada, e vai ficando com o coração como um espelho, que reflete todos os semblantes, e vai também por sua vez mentindo e jurando falso...

— Oh! não! não! uma mulher nunca mente, como um homem.

— E' porque tem a habilidade de em matérias dessa natureza mentir, como uma dúzia dêles.

— Meu tio!...

— Pois deixe-me ler o *Jornal do Comércio*.

— Isso também não, continuou Rosa alegremente. Conversemos sempre: vamos ainda aos passeios: eu julgo, que êles importam uma grande comodidade, que não é para se desprezar.

— Qual?...

— As moças de hoje escrevem cem vêzes menos cartas, do que escreviam as do outro tempo; porque dizem passeando, o que poderiam mandar dizer escrevendo.

— Mas era melhor, que não fizessem nem uma, nem outra cousa.

— E como se poderia embarçar a uma senhora de pouco juízo o escrever a um homem!... não é pois preferível o passeio?...

— Embaraçava eu, se fôsse pai.

— Meu tio julga-se capaz...

— Sim! bradou o velho; tenho a educação austera do outro tempo, sou tenaz; eu com austeridade, e com tenacidade faria minha filha obedecer-me.

Os olhos de Rosa brilharam com vivo fulgor.

— Embaraçar uma moça de escrever ao homem, que amasse!...

— Sim, sim! e sim!

— Ah! meu tio, eu tinha vontade de ser bem tôla, e de ser sua filha, ao menos vinte e quatro horas.

— Para quê?...

— De ser tôla para escrever a um homem; e de ser sua filha para mandar a minha carta mesmo à sua vista, sem que vossa mercê percebesse...

— Não era capaz!...

— Oh! se era!.. exclamou Rosa desatando uma risada.

— Senhora minha sobrinha, tenho os olhos mais vivos, do que lhe parece.

— Meu tio, nestes negócios a mais pateta das moças vale o dôbro do mais esperto dos homens.

— Quer saber uma cousa,... perguntou Anastácio exaltando-se.

— Diga, meu tio.

— Tenho pena de não ser seu pai.

— Agradecida; mas pelo quê?...

— Porque, se eu lhe apanhasse uma carta dessas, fechava os olhos, e dava-lhe de vara e deveras.

— E eu protesto que havia de escrever impunemente quantas cartas me parecesse.

— Não escrevia!

— Meu tio, lembre-se que sou mulher!...

— E portanto vaidosa.

A moça mordeu os lábios e tornou:

— Pois façamos um ajuste.

— Qual?... vamos ouvir mais essa.

— Enquanto se demorar na côrte, suponha-se vossa mercê meu pai, e puxe-me as orelhas, se me apanhar uma carta.

— Veja lá o que diz! olhe que eu sou seu tio, e puxo-lhe as orelhas sem cerimônia nenhuma!

— Eu digo, meu tio, que nunca na minha vida escrevi cartas desta natureza; digo que estava firmemente resolvida a praticar sempre o mesmo; mas agora não: agora hei de escrever uma carta pelo menos para, mesmo em sua presença, mandá-la entregar.

— Senhora minha sobrinha, eu puxo-lhe as orelhas.

— Convenho nisso, disse Rosa: estamos portanto ajustados?...

— Sim, senhora.

— Ôlho vivo, meu tio! tornou a moça rindo-se.

— Orelhas em pé, minha sobrinha! respondeu o velho no mesmo tom.

Rosa levantou-se e foi para o piano; tocou e cantou durante meia hora, depois ergueu-se, dobrou suas músicas, e retirou-se da sala.

— Adens, papai? disse ela saindo.

Anastácio, quando se achou só, sacudiu levemente a cabeça, sorriu-se e murmurou.

— Bom coração e pouco juízo! mas se eu lhe apanho a carta, dê no que der, puxo-lhe as orelhas.

O velho roceiro desafiando a sobrinha, tinha cometido uma imprudência: no ânimo da moça acendeu-se um desejo irresistível de iludir aquêle homem pretensioso, que se julgava capaz de disputar com uma mulher em viveza e astúcia.

Rosa concebera o seu plano em poucos momentos; subiu ao segundo andar, e fechando-se em seu gabinete, tomou a carta do Juca, escreveu nela algumas linhas, e depois guardou-a aberta dentro de uma pasta de papéis.

Feito isso, foi a uma gaveta, e tirando dela alguns pares de sapatos de lã e botinas, ocultou-os cuidadosamente: pegou enfim numa tesoura, e deu um golpe em um dos sapatos, que tinha calçado.

Desceu ao primeiro andar, e chamando o paíem, que lhe entregara a carta do estudante, disse-lhe com semblante carregado:

— Se uma outra vez ousares encarregar-te de comissão igual àquela, de que te encarregaste hoje, fica sabendo, que eu direi a meu pai para te fazer castigar, como mereces.

O mísero escravo tinha os olhos no chão, e não se animava a levantar o rosto.

— Ouve: daqui há pouco te chamarei, e irás comprar-me calçado. Depois que o fizeres, correrás a procurar a mesma pessoa, que te deu aquela carta, e lhe entregarás a medida dos sapatos: essa medida é a carta, que ousaste trazer-me, e que há de parar outra vez na mão dêsse homem que se atreveu a escrever-me, ou na de meu pai para que sejas castigado.

O pajem retirou-se confundido, e Rosa fazendo desaparecer a austeridade, com que armara seu rosto gracioso, correu para a sala, onde estava o velho roceiro.

Mas foi tal a precipitação, com que entrou, que faltou-lhe um pé, e escorregando caiu sobre uma cadeira.

— Meu tio!... gritou ela.

Anastácio veio imediatamente em seu socorro:

— Que foi isso?... o que tens?... levanta-te!

A moça ergueu-se meia risonha, meia envergonhada, e ao dar o primeiro passo, saiu-lhe um dos sapatos do pé.

— Ah!... disse ela; rasguei o meu sapato.

— Antes isso; observou o velho.

Rosa sentou-se, chamou uma de suas criadas, e mandou-a buscar-lhe calçado.

A criada foi ao segundo andar e daí a pouco voltou dizendo, que não achava na gaveta, senão sapatos de cetim.

— Tanto pior para meu pai, que é quem paga. Vai buscar a minha pasta, e dize a Rafael que venha falar-me.

A criada obedeceu, e Rosa foi sentar-se ao piano.

O velho Anastácio tornou a recostar-se no sofá donde se tinha levantado.

Chegou a pasta, e apareceu o pajem.

Rosa tirou dentre os papéis a carta do Juca, que estava aberta, dobrou-a como uma medida; tomou o comprimento e a altura do seu delicado pezinho, e depois entregando a medida ao pajem:

— Vais buscar-me sapatos de lã preta: disse ela.

O escravo saiu ligeiro, como quem sabia, o que tinha de fazer. Cinco minutos depois Rosa não se pôde suste, e começou a rir, como uma louca.

— Que novidade é essa?... perguntou o velho.

— Meu tio, proponho-lhe, que demos por nulo o nosso ajuste.

— Oh! já!...

— Sem dúvida; já.

— Então por quê?...

— Porque não quero escrever a homem algum e porque já demonstrei que podia mandar uma carta mesmo à sua vista.

— Como?... essa é boa.

— Meu tio, tornou a moça sorrindo-se com indizível graça; não é verdade, que na medida de uns sapatos pode-se fazer ir uma carta de amor?!!!

O velho levantou-se; pôs-se na ponta dos pés, e exclamou:

— Esta só lembra ao diabo!...

— Ou à mulher, meu tio, respondeu a moça.

## XII

## Paixão romântica

Ao meio-dia em ponto entrou o Juca, que vinha pulando de contente.

— Juca viu passarinho verde: disse a velha.

— É' verdade, Sra. D. Basília, encontrei o meu correspondente.

— Que novidades há?... perguntou o publicista.

— Comprei uma casaca nova e vou dar férias ao paletó.

— Mas o que fêz?... o que aconteceu, Sr. Juca?

— D. Clarinha, escrevi a meu pai, e recebi dinheiro do meu correspondente.

— Porém não é isso o que nos importa saber; trata-se da carta de D. Rosinha.

— Ah! sim!... mandei-a.

— E a resposta?...

— Ainda é cedo: esperemos.

— Custa muito a esperar!... disse a moça suspirando.

— Principalmente por um marido; não é assim, D. Clarinha?...

— Ora... eu não penso nisso: tratemos de outra coisa...

— Vá feito: a senhora prometeu-me falar de D. Laura, aproveitemos a ocasião.

— Mas se é somente o Sr. que nos pode dizer alguma coisa!

— Sobre quê?

— A respeito da sua paixão por essa senhora.

— Nada: isso também é muito!

— Conta-nos essa história, Juca!

— É' verdade, Juca; ainda me lembro, que me fizeste chorar com a história da tua — Rosa: — vamos ver este outro caso...

— Mas... é quase uma traição, que eu faço à pobre moça!

— Ora... também ela a quantas amigas não terá confiado esse segredo...

— Pois vá feito.

A velha, o publicista e a moça ficaram com os olhos pendendo dos lábios do diabólico estudante, que depois de pensar por alguns momentos, começou a sua história dizendo:

— Declaro que gosto de D. Laura.

— E ela?... perguntou a Clara.

— Ora, minha senhora, eu creio, que não sou peça tão ordinária, que me desprezem assim sem mais nem menos.

— Mas enfim...

— Penso que ela também gosta seus muitos cá da pessoinha.

— Tens provas disso? perguntou Faustino.

— Sim.

— Quais são?...

— As do costume: flores murchas, uma trança de cabelos e cartinhas perfumadas.

— Está bonito! e a sujeitinha escreve bem?...

— A respeito de ortografia temos conversado.

— Isso era dever de prever; mas que escola de literatura segue ela?...

— A ultra-romântica.

— Bravo! e então?...

— Em cada uma de suas cartas fala dez vezes em morte, abismo, veneno, punhal, fúrias, inferno e maldição.

— Upa!... a menina é sentimental.

— E' adorável!...

— Que monstros! exclamou Clara querendo mostrar-se ofendida; que monstros!... fingem morrer de amor pela gente, e depois divertem-se à nossa custa!...

— No meu tempo, acudiu Basília, não se viam cousas tão feias como agora!

— Mas que diabo! disse Faustino; tu a principio não gostavas de D. Laura...

— Que importa isso!... gostei depois.

— Que idade tem portanto essa paixão!...

— Já caduca de velha, que é; tem quase três anos!... é um milagre de constância.

— Vamos pois: conta-nos a história.

/ — Vejam lá se vão pôr na boca do mundo.

— Ora!...

— Bem: atenção!... lá vai à maneira de romance...

O estudante principiou.

— No meado do ano de 1843 dois estudantes, que procuravam casa, no Rio de Janeiro, viram no *Jornal do Comércio* anunciado um segundo andar na rua de\*\*\*, o qual se oferecia para ser alugado a pessoa decente. Ora não há ninguém neste mundo mais decente, mais rico e mais nobre do que um estudante.

— Vejam que modéstia!... observou Clara.

— Os dois amigos correram a tratar de obter a casa, cujo senhorio era, por desgraça, uma senhora viúva que contava seguramente de sessenta a setenta anos de idade: digo por desgraça, porque a viúva era velha, e é cousa já muito sabida, que assim como o rato é inimigo do gato, a ovelha do lobo; a aranha da vassoura, a coruja do sol, as moças do vento, e o traficante do poeta, assim também a velha é inimiga do estudante.

— Portanto...

— Portanto logo que a boa da viúva soube, o que eram os sujeitos que se apresentavam para inquilinos, benzeu-se três vezes

com a mão tôda, como se tivesse diante de si dois diabos; mas tantas voltas deram os rapazes, tanto aldrabaram, prometeram e juraram, que a Sra. D. Juliana acabou por alugar-lhes o segundo andar.

— Olhe, minha mãe, disse Clara; Juliana é mesmo o nome da avó de D. Laura.

— E' uma pouca vergonha, exclamou Basília; estarem êstes brejeiros a meterem a gente séria nas suas histórias!...

— Anda, Juca; acaba com isso, disse Faustino.

— Boa laia de velha!... prosseguiu o estudante; era uma mulherzinha de vinte palmos em quadro!... nunca foi vista sem a sua touca preta cheia de rendas da mesma côr e de tão grande cópia de fitas roxas, que a custo se descobria lá dentro um rosto microscópico, trigueiro e alegreinho, de modo que quando estendia o pescoço, e melhor surgia dentre as fitas roxas o tal rostinho, dir-se-ia a cabeça de um jaboti, que...

— E os estudantes?... exclamou Faustino, que começava a impacientar-se com a prolixidade do narrador...

— Ah! sim! os estudantes?... chamava-se um dêles Júlio, que estudava belas letras, e o outro, que se destinava à medicina, era, sem mais nem menos, êste seu criado. Desde que os dois moços estabeleceram-se na casa da velha, aquêlê segundo andar tornou-se o quartel-general da boa rapaziada. Um célebre Faustino, que deu depois em publicista, lá aparecia freqüentemente; e a Sra. D. Juliana tinha de sofrer tôdas as noites uma cousa, que os estudantes chamavam baile, e a velha trovoada: o que é verdade, é que no segundo andar havia sala de dança, de esgrima e de pugilato.

— Isto não se acaba hoje, disse Faustino.

— Felizmente, prosseguiu o Juca, os rapazes eram pontuais no pagamento do aluguel da casa, e o jaboti, como êles chamavam à velha, contentava-se com isso. Também aquela vida de movimento e desordem do segundo andar deveria até certo ponto divertir a viúva, que pôsto que tivesse uma neta, como esta vivia sempre no colégio, e só vinha passar com ela as quatro festas do ano, via-se condenada a uma vida de solidão, e ocupava-se exclusivamente em rezar, e criar pombos.

— Juca! digo-te, que ainda me falta um artigo para o meu jornal de amanhã, e que nem ao menos tenho ideado a mentira, que devo embutir ao público! acaba portanto com essa massada.

O estudante não mostrou ouvir o que dizia o publicista, e continuou:

— O tempo foi correndo, como costuma. Não há ninguém neste mundo, que mude tantas vêzes de casa, como um estudante: de ordinário no fim de dois ou três meses o estudante chama um prêto do ganho, põe tôda sua mobília, tôda sua louça, tôda sua biblioteca, tôdas as suas riquezas enfim dentro do cêsto do *meia cara*, e vai estabelecer-se em novo palácio, que do mesmo modo abandona

no fim de outros três meses; mas o segundo andar da casa do jaboti tinha feitiço; havia tão bonitas vizinhas defronte, e a janela da cozinha abria-se tão a propósito para um jardinzinho de outra casa, que um dos dois estudantes chegava às vêzes a dormir no fogão, e nunca lembraram-se os rapazes de mudar de domicílio.

— Adiante... adiante...

— Passaram-se três anos. Júlio deixou o Brasil, e foi estudar e passear pela Europa, e eu que cada vez tomava mais amor ao segundo andar, não me pude resolver a deixá-lo, apesar da ausência do meu companheiro: procurei um outro amigo, e continuamos na boa vida. É necessário também declarar, que a casa do jaboti tinha-se então tornado um pouco mais interessante: até o fim dos três anos era ela habitada primeiro pelos estudantes, e depois pela velha, por meia dúzia de escravos, e pelos pombos; mas no começo do quarto ano veio animar o primeiro andar a neta do jaboti.

— Até que enfim!... disse Faustino.

— Custou!... observaram a um tempo Basília e Clara.

O Juca não se incomodou com as observações e prosseguiu.

— D. Laura acabava de sair do colégio com os seus quinze anos de idade e veio para a companhia da avó, trazendo o seu piano, as suas músicas, os seus papéis de desenho, e não sei que mais. Diziam que a tal mocinha não era feia: com efeito estudada pelo método analítico, a conclusão chegava a ser-lhe muito lisonjeira. D. Laura tinha os cabelos um pouco loiros, o rosto muito bem proporcionado, os olhos pardos, grandes e belos, a boca pequena, os dentes lindos, e era tôda muito bem feita; porém quando eu contemplava reunidos no todo, que formavam, êsses bocados, sempre me dizia o coração, que lhe faltava o tal não sei quê, que é tudo; que se chama graça; que se chama o que lhe quiserem chamar, mas que é tudo para mim. Conseguentemente achava eu que a Sra. D. Laura seria bonita, como afirmavam; porém que ao mesmo tempo fizesse ela o que fizesse, não podia escapar de ser uma dessas criaturas desenxabidinhas, que se assemelham às flores que não têm aroma, aos periquitos que não falam, às festas onde não há moças, ou enfim a um guisado, que não levou sal.

— É tal e qual!... disse Clara; aquela D. Laura, coitadinha, é mesmo desenxabida assim.

— No entretanto, continuou o Juca, eu tratei de cumprir a minha obrigação de estudante: quando me achava em casa, a neta do jaboti não punha pé em ramo verde. Ah! D. Clara do meu coração!... a pobre moça via-se tonta comigo. A casa tinha uma área, para a qual abria janelas tanto o primeiro, como o segundo andar.

— Exatamente, observou Faustino: era a área onde estavam os pombos da velha.

— Pois D. Laura não era senhora de recostar-se em nenhuma dessas janelas, enquanto eu estava em casa: com efeito, quando a

pobre moça pretendia divertir-se, dando miúdo aos pombos, ouvia por cima de sua cabeça um arrulhar, que fazia inveja ao melhor pombo pernambucano. D. Laura levantava os olhos, e dava comigo na janela do segundo andar. Era um martírio incessante, uma perseguição insuportável e contínua, que punha a moça em torturas.

— Boa maneira de se fazer amar! disse Clara.

— Se até então eu não tinha podido ganhar as simpatias do jaboti, de então por diante fui o objeto da reprovação da velha, e das pragas da moça. Fugiam ambas dos meus olhos, como da presença de um leproso. A neta não via eu, senão de relance para apanhar-lhe algum — diabo! peste! cousa ruim! — ou outro mimoso epíteto semelhante, que *ela deixava escapar por entre os dentes*, fugindo-me. A avó somente uma vez em cada mês me via com bons olhos: era quando lhe ia pagar o aluguel da casa.

— Mas enfim...

— Mas enfim uma tal vida não podia continuar por muito tempo; as cousas foram tomando aspecto tão grave, eu me fui tornando tão importuno e intolerável, que o jaboti ameaçou-me de pôr-me os trastes na rua, e recebi ordem de procurar novo domicílio. Fiquei furioso!... ia perder as minhas bonitas vizinhas de defronte, a bela vista da janela da cozinha, e aquela casa abençoada, onde eu morava já a uma eternidade de três anos!... ah! que dor imensa!... escrevi versos pelas paredes... pintei saudades nas portas... quebrei as vidraças de noite... concebi até a luminosa idéia de deitar fogo no sobrado...

— Mas enfim!... mas enfim!.. mas enfim!...

— Reinavam então com grande intensidade as bexigas no Rio de Janeiro.

— Ora ainda mais esta!...

— Uma tarde estava eu acabando de escrever com carvão em uma das paredes da sala a *mais brilhante das oitavas passadas, presentes e futuras*, quando bateram-me na escada: era uma escrava do jaboti, que me vinha chamar em nome de sua senhora; desci e encontrei-me cara a cara com o Sr. Dr.\*\*\*

— Sr. estudante, disse-me *êle sorrindo-se*; a sua pessoa não goza a melhor reputação possível nesta casa, e eu quero dar-lhe ocasião de desmentir esse mau conceito.

Fiz-lhe uma reverente cortesia, que tinha seu tanto de capotagem.

— Sabe que a quadra é terrível, continuou *êle*; e que eu de pouco tempo disponho para acudir a todos os meus doentes.

Fiz-lhe nova cortesia, que significava *sim*, pôsto que eu não tivesse notícia alguma dos doentes do Sr. Dr.\*\*\*

— A Sra. D. Laura, concluiu o Hipócrates, acaba de adoecer, e suponho que teremos ainda mais um caso de — *variola* —; virei vê-la todos os dias; entrego porém esta doente com muita particularidade aos seus cuidados.

— Ali não havia que dizer, prosseguiu o Juca; grudei-me à cabeceira de D. Laura, que esteve por um triz a traduzir-se, pois começou a batalha por uma meningite e...

— Adeus, minhas encomendas! acudiu Faustino; temos agora que ouvir quanta asneira êle sabe acabada em *ite!*

— Não se assustem, que agora vou de um salto, disse o estudante continuando: vencida a meningite, o mais foi um mar de rosas; as bexigas foram das mais benignas, seis ou oito pústulas, sendo uma apenas no rosto, bem no meio da face esquerda. No décimo-sexto dia D. Laura entrou em convalescença.

— E depois?... perguntou Clara.

— Depois, como era muito de esperar, mudaram-se as cenas: eu tinha velado três noites inteiras junto da doente, de continuo a visitei durante todo o tempo de sua enfermidade, gastei com ela todos os desvelos possiveis, e portanto não é de admirar que a boa velha se tornasse minha amiga do coração e a moça não me chamasse mais nem diabo, nem peste, nem cousa ruim. Mas D. Laura foi passar quinze dias na chácara de uma parenta e quando voltou, estava outra: conquistara em quinze dias todo o matiz da saúde, e, o que é mais, oh! milagre!... oh! espantoso assombro!...

— Então o que foi? dize.

— Estava engraçada!!!

— Quem?... perguntou Clara a rir-se; quem?... a desenxabida?... a flor sem aroma? o periquito, que não falava?...

— Ela mesma.

— Mas como foi isso?... perguntou Basília.

— Eu lá sei, Sra. D. Basília!... a graça é uma cousa, que se não entende; é, como dizia o outro, uma cousa assim à maneira de fósforos; a graça às vêzes está em uns cabelinhos soltos, que se enrolam em caracol ao pé das orelhas; às vêzes numa verruguinha microscópica junto da commissura dos lábios; às vêzes em um sinalzinho preto destacando-se num colo de alabastro; a graça está... está...

— Onde? acaba...

— A graça está em qualquer cousa, Faustino.

— E onde foste descobrir a graça de D. Laura?

— Vê se adivinhas.

— E' impossivel.

— Lembra-te de alguma cousa, que ela não tinha, e que ficou tendo.

— Não posso; dize!

— Pois não te lembras da pequena cicatriz resultante da pústula, que saiu no meio da face esquerda?

— Ora!...

— Ora?! a tal cicatriz, o tal senhor sinal de bexiga veio dar

àquele rosto uma expressão, que elle não tinha; veio dar-lhe fogo... viveza... malícia... vida...

— Então ficaste doido de amôres por um sinal de bexiga?!?!

— Tal e qual.

— Vamos ao fim da história.

— O fim é muito simples; comecei a desenvolver tôda a tática amatória, que me lembrou, para enternecer D. Laura. Olhei... suspirei... e fiz versos.

— E ela?

— Muita amizade... muita gratidão; mas a respeito de amor... tábua redonda.

— E tú?...

— Mudei de sistema: namorei a velha.

— Esta é melhor!...

— Namorei, sim senhor; bem entendido, com o fim de agradar-lhe, de fazê-la cem vêzes mais minha amiga, e de torná-la em minha advogada ao pé da netn. Levei-lhe Carlos Magno, Reinaldo de Montalvão, e muitos outros livros da mesma natureza: a velhinha devorava aquilo, como um estudante o seu ponto de exame.

— E fazia muito bem! exclamou Basília; empregava ótimumente o seu tempo; porque tratava de se instruir.

— Depois, continuou o Juca; cheguei a sujeitar-me a criar pompos de dia e de ir de noite jogar a bisca de nove com o jaboti.

— E finalmente...

— Qual finalmente! ainda é muito cedo. Uma noite veio a moça sentar-se junto a nós para ver-nos jogar; tirei-me dos meus cuidados, estendi a perna, e piséi-lhe no pé; D. Laura corou, levantou-se, e, ai meus pecados! saiu, e não voltou mais à sala.

— E tu?...

— Eu?... eu tinha paixão até a ponta dos cabelos: estava mesmo de juízo voltado; havia já esgotado todos os recursos de minha inteligência para comover D. Laura; a esperança acabava de abandonar-me, concebi a sinistra, porém romanesca idéia, de deixar-me morrer de fome.

— A melhor!... a melhor!...

— Deitei-me, e calei-me: durante dois dias nenhum dos meus amigos conseguiu arrancar-me uma palavra, nem obrigar-me a comer uma fatia de pão. D. Juliana já me tinha feito uma dúzia de visitas, e resado de quebranto duas vêzes; eu começava a sentir uma fome desesperada e irresistível; no principio da segunda noite não pude mais com ela, saltei fora da cama e ia lançar-me ao armário quando senti que subiam a escada: agasalhei-me de novo em baixo dos lençóis, e entraram no meu quarto a avó e a neta.

— Então como vai, meu filho?... perguntou D. Juliana.

Nem palavra.

— E' isto! nem come, nem fala: olhem que olhado venenoso lhe lançaram!... é quebranto, menina, é quebranto; sou eu que to digo.

D. Laura chegou-se a mim: ela estava docemente melancólica, e trazia na mão um pires e uma colher.

— Sr. Juca, disse-me, eu sou sensível aos seus padecimentos... vamos ver se o senhor é mal agradecido; eu mesma com a minha mão fiz êste pires de mingau de araruta para trazer-lhe: quer comer?...

Aquela voz maviosa tocou-me no coração: abri a bôca para deixar sair um suspiro, e a moça aproveitando o ensejo, despejou-me uma colher de mingau.

O primeiro passo estava dado: o mingau sabia às mãos que o haviam feito, era comer e gritar por mais; só me faltou lamber o pires.

— Até que enfim! exclamou a boa velha: sempre lhe valeu a segunda reza. Amanhã hei de rezá-la terceira vez: agora vou buscar-lhe um cálix de vinho generoso.

Fiquei só com D. Laura.

— Compreendo tudo, disse-me ela corando.

— E então?... perguntei-lhe quase gemendo.

— Eu não sou má, murmurou a moça com os olhos no chão. Deus me livre de ser causa de sua morte.

— Ah! pois bem!...

— Eu quero que o Sr. viva.

— Juro-lhe que estou com vontade de não morrer nunca.

— Quero que o Sr. coma.

— Terei amanhã uma indigestão.

D. Laura começou a rir-se, e a avó entrou com uma garrafa e um cálix.

Bebi o vinho da velha com os olhos no rosto da moça.

— E finalmente?... exclamou Faustino.

— E finalmente, respondeu o estudante; operou-se uma revolução completa depois dessa noite. Restabeleci-me num abrir e fechar d'olhos; principiámos a vida do nosso amor. De dia D. Laura e eu nos correspondíamos por cartinhas, e com os olhos, conversando nas janelas da área: e de noite ia eu jogar a bisca de três com a avó e a neta: oh! que bisquinha aquela!... ao tempo que em cima da mesa D. Laura fingia querer furtar-me uma carta, e eu aproveitava a ocasião para apertar-lhe os brandos dedinhos, por baixo da mesa vingava-se ela em pisar-me o pé; ao tempo que...

— Basta, disse o publicista; o mais que podias dizer é sedição; fizeste o que todos fazem.

— Juca, observou Basília, a história da tua Rosa é muito bonita; quanto a esta podes muito bem deitá-la fora.

— Mas como é isto, Sr. Juca?... perguntou Clara; entendamo-nos; ama deveras a D. Laura?...

— Eu?... ora essa é boa! quem disse semelhante asneira?...

— Pelo que acaba de contar-nos...

— Confesso que andei meio atacado do mal das ternuras no principio; mas ao cabo de dois meses já tinha o coração livre, como um passarinho; e fiz muito bem, porque a tal Sra. D. Laura é impertinente e como um demandista velho e ciumento, como uma mulher feia casada com um marido bonito.

— Pois digo-te que fazes mal; acudiu o publicista.

— Então por quê?...

— Porque há um ano perdeu D. Laura uma tia rica, que lhe deixou uma grande chácara para ajuntar ao seu dote.

— Este miserável publicista tem a alma fundida na casa da moeda!...

— Tenho os principios do século e a lógica da época: — merecer é ter dinheiro.

— Portanto D. Laura...

— Ficou cem vezes mais bonita depois que lhe morreu a tia.

— Pois vai fazer-lhe os teus arrasta-pés, rapaz!

— Tempo perdido! não posso lutar contigo: tu és bem apesoadado, e eu sou feio. ..

— Tanto pior para mim: lembra-te da regra!

Nesse momento bateram na escada: era um pajem que procurava o Juca.

Um instante depois o estudante, que tinha ido ver o que lhe queriam, entrou de novo na sala. Trazia o semblante alterado, mas não se distinguia bem se nêle se espalhara expressão de prazer e orgulho, ou de mal disfarçado despeito.

— O que foi?... o que foi?... perguntou Clara.

— A resposta de D. Rosinha na medida de uns sapatos.

— Oh!...

— Na medida de uns sapatos?!!!

— Aquela sonsazinha é capaz de enfiar o Pão d'Alçúcar pelo fundo de uma agulha!... acudiu Clara.

— Estou convencido, disse Faustino; é uma hipócrita! é uma loureira... é...

— Qual!... tornou a moça com ironia; aquilo é um anjinho escapado do céu por descuido.

— Alto lá! exclamou o estudante; honra a D. Rosinha!

— Bravo! já está tomando a peito defender a namorada!...

— Não, não; fui repellido por ela.

— Como?...

— Lê-nos a sua resposta, Juca!

— Escreveu-me umas cinco linhas por baixo da minha mesma carta, que me fez voltar.

— Pois lê-nos as cinco linhas!

— Lá vai: “Senhor: não quero conservar uma carta, que vos faria perder muito no meu conceito: em outro tempo fostes generoso, devo crer que o sois ainda, e que portanto estareis profundamente arrependido de me haverdes feito corar diante de um meu escravo; quanto ao amor, que me ofereceis, penso que o podereis empregar em outra, que mais o mereça, e que saiba melhor corresponder-vos.”

— Bravo!... gritou o publicista: dou o dito por não dito!...

— Que hipocrisia refinada! exclamou Clara; aquela sonsa ainda há de mostrar o que é!...

— E agora, Juca?... perguntou a velha.

— Agora, Sra. D. Basília, vou lançar mão do remédio que ela mesma me ensinou: vou requestar D. Laura à vista de D. Rosinha.

### XIII

#### Em casa de Maurício

Costumava Maurício reunir os seus amigos duas ou três vêzes por semana para gastar parte da noite divertindo-se ao jôgo do voltarete. Rosa aproveitava o ensejo para rodear-se também das suas melhores amigas; e enquanto os homens se entretinham com as cartas, as senhoras ocupavam-se em conversar a respeito dos seus vestidos e enfeites, quando (seja dito aqui bem em segredo) consentiam em deixar em paz as camaradas ausentes.

Eram constantes nessas reuniões alguns teimosos parceiros, e sobre todos o comendador, que não jogava os jogos de cartas, porque supunha-se exclusivamente destinado a tomar parte nos jogos de amor. D. Rosinha reunia por seu lado um interessante grupo de moças, que eram tôdas, pelo sim pelo não, menos bonitas que ela, e como se, porque Sancho era um velho com balda de rapagão, devessem elas ter também entre si uma velha com pretensões de rapariga, era infalível nas tais partidas a Sra. D. Irene, jovem viúva de seus onze lustros que tingia os cabelos, trazia dentadura postiça, contava os anos para trás, e falava como um papagaio quando tem fome.

. Cousa notável!... O comendador e a viúva aborreciam-se mortalmente. Ninguém tinha podido comprehender a razão de semelhante inimizade; e no entanto nada havia mais simples: há perto de meio século Irene e Sancho tinham-se encontrado aprendendo a ler na mesma escola.

Exatamente na noite, que seguiu ao dia, em que Rosa tinha recebido o bilhete do Juca, achava-se a sala de Maurício, desde as oito horas, animada por numerosa companhia.

Já o voltarete havia começado em duas ou três mesas: o comendador cumprimentava as senhoras, comparando-as com o sol, com a lua, e com as estrêlas; o velho roceiro tinha o seu olhar incisivo e sarcástico fito nêle; estavam porém ainda todos cercando as mesas do jôgo, quando D. Rosinha erguendo-se disse:

— Minhas amigas, não há remédio, fuja-mos de junto destas mesas; vamos povoar aquêle sofá, e aquelas cadeiras. Estes senhores preferem uma só de suas damas de papel pintado a tôdas nós reunidas: preferência abominável sem dúvida!... mas força é que nos sujeitemos a ela, conteutando-nos com a amabilidade do Sr. comendador e de meu tio. Vamos.

As senhoras levantaram-se, e acompanhadas dos dois velhos foram sentar-se formando um semicírculo ao pé do sofá.

Entre as cousas menos fáceis desta vida pode-se contar o trabalho de encetar uma conversação: estiveram pois todos em silêncio durante cêrca de dez minutos; apenas se ouvia o ruído dos segredos e das risadinhas das moças, que se apuridavam; Irene remexia-se na cadeira, doida por dizer alguma cousa; o comendador suspirava com olhos embebidos no rosto de alguma das senhoras; Anastácio cochilava na cadeira a ponto de tombar para os lados; mas D. Rosinha quebrou enfim o silêncio exclamando:

— Senhor comendador!... meu tio!... conversemos!... é uma cousa horrorosa, que dois cavalheiros deixem assim por tanto tempo caladas a umas poucas de senhoras!...

— Então eu!... disse a viúva; eu cá que morro por conversar com cavalheiros espiritualizados!...

O velho roceiro lançou um olhar de revés sôbre Irene, e continuou a cochilar.

— Pois, minhas senhoras, conversemos: respondeu Sancho.

— Conversemos, Sr. comendador!

— A questão é decidir sôbre que objeto, tornou êle, que via-se meio atrapalhado; e querendo confundir também o velho roceiro, continuou: — se o Sr. Anastácio quisesse ter a bondade de guiar-nos...

— Oh! pois não! respondeu Anastácio bocejando, nada há mais fácil: os jardineiros conversam sôbre flores, os demandistas sôbre processos e chicanas, os vadios sôbre política, e os mocetões como o Sr. comendador sôbre moças e bailes.

Sancho torceu-se todo com a primeira investida.

— Sôbre moças e bailes, Sr. comendador! sôbre moças e bailes! exclamaram as senhoras a uma voz.

— Sôbre moças ainda bem, tornou Sancho, porque eu me vejo cercado das mais formosas; mas sôbre bailes não, porque não se gode lembrar de outra qualquer reunião quem está em uma tão agradável como esta.

— Muito bem! muito bem!

— Pois eu protesto, acudiu Rosa; que o Sr. comendador inda tem de achá-la melhor.

— Por quê?

— Tenho um dedinho que adivinha; e êle me diz, que hoje, que daqui bem pouco mesmo deve receber a visita de uma bela senhora, que enche os olhos do nosso interessante cavalleiro.

— Quem é?...

— D. Laura.

— Mandou dizer que vinha?...

— Não; mas conto com a sua visita.

— Teve noticias dela?

— Não, mas há de vir.

— Ah! preveniu-a disso no baile de ontem!...

— Não; mas sei que vem.

— Mas então como pode asseverar?...

— E' o meu dedinho, que adivinha.

— Aqui há mistério!... exclamou uma das moças.

Rosa encolheu os ombros graciosamente.

— Pois não vem, acudiu a viúva: ontem depois do baile teve ela um ataque de estremicilios nervosos.

— Ora... por isso mesmo; por causa do seu ataque de nervos teremos sem dúvida o prazer de vê-la aqui hoje. Ela pensa, que eu lhe posso dar um excelente remédio contra o mal dos nervos.

— Temos segrêdo do baile de ontem!... tornou a exclamar a moça, que falara em mistério.

— Pois eu aposto que não vem, disse Sancho: estive esta manhã em sua casa, e achei-a de cama, e tão caída, que fêz-me vontade de chorar.

— Ah!... o Sr. comendador é sensível a ponto de passar a chorão.

— Aposto que não vem!...

— Quanto perde?...

— Dois abraços.

— Muito agradecida: em tal caso eu trabalharia para perder a aposta.

— Então o quê?... disponha V. Ex.

— Pois sim... se eu perder darei os dois abraços ao Sr. comendador.

— Aceito! accito! exclamou Sancho esfregando as mãos.

— Se porém eu ganhar, andará o Sr. comendador três meses sem comenda.

— Mas, minha senhora respondeu o pobre homem um pouco formalizado; rogo-lhe que observe, que isto de comenda é um negócio muito sério.

As moças desataram a rir.

— Bravo! tornou D. Rosinha! muito obrigada! então os meus abraços valem menos, do que a sua comenda?

— Apoiado! responda! responda!...

Sancho via-se em torturas.

— Responda, Sr. comendador! decida!

— Está feita a aposta, minha senhora.

O velho roceiro levantou-se, e dirigindo-se à janela, murmurou entredentes.

— Não há dúvida! êste meu amigo Sancho tem um ninho de mosquitos nos miolos.

Nesse mesmo momento bateram palmas na escada.

— Quem será?

— Talvez ela.

Apareceu um criado e anunciou:

— A Sra. D. Juliana, e a Sra. D. Laura.

O comendador ficou estupefato! enquanto Rosa em vez de alegrar-se, corou até a raiz dos cabelos, levantando-se para receber as recém-chegadas.

— Perdeu! perdeu!... exclamaram as moças dirigindo-se ao infeliz Sancho.

— Sim! perdi!... murmurou êle com voz sumida, cobrindo instintivamente a comenda com as mãos como se quisesse escondê-la.

Ou fôsse que D. Rosinha conhecesse a fundo o caráter e os fracos da sua camarada, ou fôsse que, levada por um dêsses raciocínios sutilíssimos, cujas conseqüências chegam a parecer-se com uma previsão, raciocínios que são como um privilégio exclusivo das senhoras, sempre que o seu objeto é o amor ou o ciúme, o certo é, que Rosa contava com a visita de Laura.

— Ela há de vir! pensara consigo a filha de Mauricio; espera sem dúvida encontrar aqui o seu querido estudante, e portanto lembrar-se-á de fazer uma visita à sua *amiga do coração!*... oh! mas achar-se-á bem enganada!.. não é possível, que êsse moço ouse tão cedo mostrar-se diante daquela que acaba de repeli-lo.

A chegada de D. Juliana e de sua filha veio provar até que ponto tinha sido verdadeiro e seguro o raciocínio de Rosa.

No primeiro instante não pôde esconder o despeito e o ciúme, de que se sentiu possuída ao ouvir anunciar a visita de Laura. Corou fortemente ao levantar-se; antes porém de chegar à porta da sala a hábil moça tinha recobrado todo o sossêgo e serenidade.

Rosa e Laura sorriram-se uma para a outra, abraçaram-se e beijaram-se como as duas maiores amigas dêste mundo.

Um momento depois a conversação continuou.

— Olhe, D. Rosinha, disse Juliana: a senhora não tem uma amiga, que lhe queira mais bem do que minha neta: apesar de um ataque de palpitações nervosas, que teve hoje, insistiu tanto em vir

visitá-la, que eu tive medo de vê-la cair com novo ataque, e cometi a imprudência de trazê-la.

— Não lhe fico devendo nada, respondeu Rosa; e a maior prova de amizade que lhe posso dar é que chego a adivinhar os seus próprios pensamentos e desejos.

— Como?... Rosinha, como é isso?... perguntou a neta de Juliana.

— Laura, é que tinha adivinhado que tu havias de vir ver-me por força esta noite.

— Ora... murmurou a moça corando levemente.

— Ora?!!! pergunta a estas senhoras se o que eu digo é ou não verdade.

— E' tal e qual, exclamou a viúva elevando uma vozinha de tábua rachada acima das vozes de quatro moças, que tôdas queriam responder ao mesmo tempo; é tal e qual! é tanto que apostou com o Sr. comendador, que a senhora viria visitá-la hoje necessariamente.

— Necessariamente?!!!

— Se necessariamente não foi a palavra, de que ela se serviu, tornou Irene, foi algum outro adjetivo do mesmo género.

Anastácio tornou a olhar de revés para a viúva.

— Esta maldita velha, disse uma moça ao ouvido da que lhe ficava ao pé: não dá licença que fale outra pessoa quando ela está presente!

— E não abre a boca, senão para dizer asneiras!

— E então apostaram deveras?... perguntou Laura.

— E' verdade: D. Rosinha perdia dois abraços, se a senhora não viesse.

— E o que perdeu o Sr. Sancho... quero dizer, o Sr. comendador?...

— O direito de andar de comenda durante três meses.

— Aqui há segredo entre as sujeitinhas! disse a velha Juliana.

Laura, que tinha ficado alguns momentos pensativa, ergueu-se, e tomando a mão da amiga, disse-lhe:

— Rosinha, palavra, que tu precisas muito contar-me alguma cousa.

— Não... eu não tenho segredos... nunca os tive mesmo...

— Olhem lá a inocente!...

— Precisas, precisas, tornou Laura. Minhas senhoras, eu a roubo por cinco minutos somente. Vem cá, Rosinha, vamos conversar um instante naquela janela.

As duas moças dirigiram-se à janela: quando passavam por entre as mesas de jogo, dizia Mauricio em alta voz:

— Codilho por força! temos um codilho!... Rosa sorriu-se.

— Ouves!... perguntou ela à amiga, diz meu pai, que haverá um codilho por força: aquilo entende-se conosco?...

— Não... é palavra de jogo.

— Ainda bem.

Chegaram as duas moças à janela, e começaram a conversar em meia voz.

— Queres que te diga, por que desejavas a minha visita?... perguntou Laura.

— Sim, respondeu Rosa, e protesto, que, se te enganares dir-te-ei logo a razão por que eu *contava* com ela.

Laura corou um pouco; mas serenando imediatamente, continuou sorrindo-se:

— Rosinha, tu és na verdade uma rosa.

— Sim?... mas por que o dizes?...

— Porque sobretudo tens espinhos.

— Laura; fazes-me temer, que, sem o pensar, tenha eu chegado a espinhar-te!

— Oh! não!

— Olha; não me perdoaria nunca ter sido causa do teu ataque de nervos esta manhã.

— Ah! nem vale a pena de se falar nêlo: foi tão ligeiro, que me não impediu a ventura de vir abraçar-te.

— Tanto melhor: compreendo que devias sofrer muito, se não viesses.

— Por quê?...

— Ora!... respondeu Rosa sorrindo-se, provavelmente porque perdias a ventura de vir abraçar-me.

— Não só por isso, tornou Laura; mas também porque eu pensava, que tu tinhas um perdão que pedir-me, e um segredo que confiar-me.

— Ah! que coincidência! exatamente eu contava contigo pelas mesmas razões.

— Sim?...

— Certamente, com uma muito simples diferença porém.

— Qual?...

— Supunha que era eu quem devia dar o perdão, e ouvir a confidência.

— Vejo que não nós compreendemos, Rosinha.

— Ao contrário, Laura, vê-se bem que nos estamos entendendo às mil maravilhas.

— Sim... tu... pode ser: és tão inteligente... tão penetrante.

Rosa encarou a amiga fixamente e perguntou com voz firme:

— Laura, inteligência e penetração, em teu entender, serão sinônimos de franqueza?...

As duas moças tinham até esse momento procurado ferir-se mutuamente com indiretas, e picantes ironias: mas a última pergunta de Rosa era tão positiva, disparara ela uma seta tão a descoberto, que Laura apresentou-se também francamente para o combate.

— Pois falemos com clareza, Rosinha: eu pela minha parte não recio entrar em explicação alguma.

— Muito bem: queira dizer-me a razão, por que eu desejava a tua visita.

Laura hesitou ainda alguns momentos; mas por fim começou dizendo:

— Ontem, quando entraste no baile, encontraste-me passeando e conversando com um mancebo, que te é caro... fizeste maus juízos a meu respeito... acreditaste ver em lugar de uma amiga uma rival...

Rosa fez um momo gracioso.

— E hoje desejavas ver-me para ou receber uma confissão de meus lábios, ou surpreendê-la nos meus olhos...

A filha de Maurício sorriu-se maliciosamente.

— E eu que adivinhei tudo, continuou Laura, corri a livrar teu coração dêsse martírio: vim dizer-te, que te enganaste, Rosinha, que eu não pretendo nada, que eu só desejo aplaudir a tua felicidade.

Rosa desatou a rir.

— Então, tu te ris?...

— Sim, Laura; rio-me dessa tua imensa franqueza!... porque, minha querida, uma franqueza tão grande assim é um verdadeiro anacronismo!... rio-me também da minha má cabeça, e do meu pouco juízo: realmente eu fui muito injusta contigo.

— Ainda bem, que o reconheces.

— Com efeito julgar-te capaz de te levatares diante da minha felicidade! de me disputares a posse do coração de um mancebo, que amo!...

— Ah! confessas?! exclamou Laura mal podendo conter um movimento de ciúme.

— Espera... espera; para compreenderes bem até que ponto eu fui má, escuta-me ainda: vou dizer-te a razão porque contava com a tua visita.

— Vamos! disse Laura comprimindo-se.

— Julgava-te minha rival, prosseguiu rindo-se de um modo, que fazia exasperar a amiga; e escrava dêsse mau pensamento, cheguei a pensar, que tu havias de vir hoje ver-me por força: primeiro, para observar-me, ou receber uma confissão de meus lábios, ou surpreendê-la nos meus olhos!...

— Como eu pensava também... murmurou Laura com os dentes quase cerrados.

— E depois, continuou Rosa, porque tu esperarias encontrar hoje conosco o Sr. Juca, que nos honra com sua amizade, e então ótimo era o ensejo para vires abraçar a tua amiga do coração!...

Ficaram as duas amigas em silêncio por alguns instantes. Respirando ansiosamente, rindo-se com um rir trêmulo e mal fingido, observavam-se ambas como dois meninos agastados, que se vão dis-

pondo para travar luta. O tal senhor estudante estava fazendo travessuras diabólicas naqueles dois corações de moças.

Por fim, foi Laura a primeira que falou.

— Devias ter tido confiança em mim, pois que somos amigas, disse ela.

— Oh! não, respondeu Rosa; sou obrigada a confessar, que lá nesses segredos de amor, confio tão pouco em ti, como em qualquer outra moça que me seja indiferente. Neste caso diz bem o adágio antigo — amigos amigos, negócios à parte.

— Agradecida... muito agradecida! com o propósito de julgar-me, tu estudas o meu coração de maneira tal, que me parece mesmo uma menina, que se deixa ficar esquecidamente olhando para um espelho.

— Vejo que te agastas comigo Laura! pois olha, não tens razão, nem quero que te vás hoje mal comigo. Escuta: o que eu dizia há pouco, era simples gracejo; descansa... eu ainda não lancei olhos profanos sobre o teu querido Juca.

— Oh! ainda melhor!... estás sublime hoje, Rosinha; mas, dado o caso, que eu tivesse pretensões ao amor dêsse estudante, era agora ocasião de dizer-te, que, se em matérias desta natureza não tens confiança na minha amizade, também tenho eu o direito de não prestar fé às tuas palavras.

Rosa e Laura iam se tornando cada vez mais sérias.

— Pois muito bem, disse a primeira, ficaremos assim.

— Não, respondeu a outra, é preciso decidir isto.

— Decidir o quê?... eu não vejo nada complicado... está tudo tão claro... tão positivo!...

— Sei bem que uma rosa não crê em combate possível... a vitória é seu privilégio...

— Oh! minha senhora, o que eu queria dizer era, que fui ontem testemunha de seus triunfos, e não ousaria lançar-me no meio de seu caminho com medo de ser esmagada pelo carro da conquistadora...

— Ao contrário, respondeu Laura no mesmo tom; creia, que eu sei respeitar os direitos de antiguidade, minha senhora!...

— Direitos de antiguidade!... exclamou Rosa exaltando-se; é necessário lembrar, que nunca vi êsse moço, senão no tempo em que eu pensava somente em rir e brincar: vi-o aos treze anos de idade, e depois retirei-me da Corte, e só o tornei a ver agora.

— Que tem isso?... aos treze anos de idade já havias de dar muitas esperanças para o futuro: foi um belo noviciado, que tiveste.

— Vamos, pois; e de tudo isso, o que se conclui?

— Que amas o Sr. Juca, a quem muito respeito.

— Sim?... no entretanto não fui eu que arranjei faniquitos esta manhã.

— Arranjar faniquitos!... afirmo que estive seriamente incomodada!

— Foi pena que não mandasses chamar o teu estudante de medicina para encarregar-se do tratamento: dizem-me, que elle toma bem o pulso...

— Ora... confesso que lembrei-me disso; tive porém receio de ofender à minha amiga.

— Que puerilidade!... estas namoradas adivinham rivais a cada passo e em toda a parte!...

— Rosa!...

— Laura!...

— Ainda mesmo quando fôsem bem fundadas as tuas suspeitas, eu não poderia lutar com uma moça de tanto espirito... de tanta experiência nestes negócios...

— Oh! não! seria eu, que teria de ficar ofuscada pelo esplendor da minha rival...

— Repito, que não haverá luta... eu cedo...

— Sei muito bem que um de menos não te faria grande falta; mas eu não accito...

— Rosa, começa a incomodar-me.

— Ah! sim! compreendo também o que te incomoda: tenho observado, que de momento a momento voltas os olhos para a porta.

— O quê?...

— Falta aqui alguém, com quem contavas: *êle* não veio.

— Pois bem: ainda não é tarde; não é possível que elle deixe de vir adorar a bela de seus pensamentos.

— Oh!...

— Há de vir... há de vir...

— Quando?...

— Hoje mesmo: digo, que não faltará.

— Ora... tão tarde.

— Não há cedo nem tarde para aquêles que se amam.

— Qual!... acredita, que perdeste a tua visita; elle não vem cá hoje.

— Oh! se vem...

— Afirmo que não.

— Bravo! exclamou Rosa: querem ver, que tu vás apostar comigo, como fez ainda agora o pobre do comendador?...

Laura pensou, que não poderia achar momento mais oportuno para dar fim àquella conversação, que se tornara tão ferina; e por isso voltando com Rosa para o seio da companhia:

— Sr. comendador, disse ella, Rosinha e eu acabamos de fazer outra aposta.

— Qual?...

— Diz ella que ninguém mais virá tomar parte na reunião dessa noite, e eu sustento o contrário disso, e declaro que em breve tere-

mos de ver apresentar-se aqui um elegante mancebo, ao qual a minha boa amiga tributa a amizade mais inocente dêste mundo.

— E a quem Laura, não sei mesmo pelo quê, aborrece tanto, que chega a fazer pena do pobre rapaz! acrescentou Rosa sorrindo-se.

— E então apostaram?...

— Sim: se elle não vier, dou eu por demonstrada e provada uma certa cousa, que Rosinha pensa a meu respeito.

— Nada de mistérios!

— Não pode ser de outro modo; mas se o belo mancebo apparecer a nossos olhos, perde Rosinha... perde... é verdade, perde o que ganhou ainda há pouco.

— O quê?...

— Fica o Sr. comendador com o direito saivo de andar com a sua comenda de dia e de noite, acordado e dormindo mesmo nos três meses de que trata a aposta precedente.

— Muito bem; mas quem é o feliz jovem?...

— Um estudante.

Sancho fêz uma careta de desprezo.

— Mas como se chama?...

— Não me lembro bem. Como é mesmo o nome dêle, Rosinha?...

— Ah respondeu Rosa, dando à sua voz estudada doçura: tem um nome tão bonito! chama-se Juca.

— Belo!... belo!... exclamou Irene; como está simbólica e romanesca esta noite!...

Continuou assim por algum tempo a conversação. Laura começava a impacientar-se com a demora daquele que ela, inspirada pelo ciúme, contava ver chegar, enquanto Rosa não acreditando possível que depois da resposta que dera à carta do Juca, tivesse elle coragem bastante para apresentar-se tão cedo a seus olhos, gracejava e brincava com todos, dardejava setas de ironia contra a rival, e contava com a segunda aposta tão vencida, como vencera a primeira.

Mas... bateram palmas.

— Oh!... quem será?... bulbuciu Laura animando-se.

Rosa empalideceu sem querer.

Apareceu um criado e annunciou.

Era o Juca.

Laura desatou a rir, como uma louca; correu depois à amiga, em cujo rosto trocara-se de súbito a palidez pelo rubor do despeito, e dando-lhe um beijo sentiu nos lábios o fogo em que ardia a face beijada.

— Que fogo, Rosa!

— E que beijo, Laura!...

— Perdeu! perdeu!... disseram tôdas as senhoras dirigindo-se a Rosa.

— E' verdade, respondeu esta, é verdade, perdi; mas perdi por ter cometido o êrro inescusável de calcular com o juízo de um estudante!...

Entrou o Juca.

#### XIV

##### Escaramuça

O Juca entrou.

Ao ver-lhe o rosto alegre, os modos desimpedidos e a firmeza do olhar, ninguém diria que aquêlê travêssô estudante tinha dado o desfrute de escrever uma carta de amor a uma senhora, que então diante dêle se mostrava, e muito menos que houvesse passado pelo dissabor de receber uma resposta, que lhe devia ter pôsto a cara à banda.

Entrou como o vilão em casa de seu sogro, e com a maior sem-cerimônia dêste mundo, desgrudou-se de Mauricio num abrir e fechar d'olhos, e veio, mesmo antes de ser para isso convidado, fazer parte da assemblêia de Rosa.

Começou então uma dessas cenas curiosas e apreciáveis, que mal ou nunca podem ser descritas: travou-se entre as duas moças e o estudante uma espécie de luta às vêzes muda e sômente sustentada por sorrisos significativos, e olhares perscrutadores, e às vêzes apenas denunciada por monossilabos e *indiretas*, que as pessoas que os cercavam não podiam bem compreender em todo seu alcance.

Foi a boa da viúva quem deu principio à conversação, dizendo ao Juca:

— V. S. é um jovem muito venturoso...

— Oh! minha senhora, quando mesmo me houvesse julgado *infeliz até hoje*, bastava estar gozando a presença de V. Ex. neste momento para considerar-me ditoso.

— Muito agradecida! disse a velha com voz açucarada, e limpando a bôca com um lençinho branco todo bordado de amôres côr-de-rosa.

— Mas poderei eu saber a razão por que me julga feliz?...

— E' que foi aqui o objeto de uma aposta de moças.

— Eu?! mas então é realmente uma ventura inaudita!... apostaram?... o quê?... o meu coração talvez?... palavra de honra, que a pessoa que o ganhou, há de suar camisas para dar com êle.

— Sim?... então pelo quê?...

— Porque fiz presente de meu coração há perto de três anos, respondeu o Juca fitando os olhos em D. Laura.

Rosa desatou a rir.

— Visto isto ficou ôco do lado esquerdo?... perguntou ela.

— Não, minha senhora, escapei dessa enfermidade, que tanto persegue algumas pessoas do meu conhecimento; porque soube preencher o lugar, que no peito me ficava vazio, com a esperança do mais terno amor.

— Sr. Juca, tornou a moça; esperanças são teias de aranhas: vê-se portanto que o seu peito tem grande necessidade de ser vasculhado.

— O meu peito, disse o estudante sorrindo-se, está muito às ordens de V. Ex....

— Oh? não! não!... eu tenho medo do vácuo.

— Mas por ora ainda estou em jejum a respeito da natureza da aposta, que houve...

— Laura, explica ao Sr. Juca...

— Nada! exclamou a viúva, fui eu que dei princípio a esta questão, sou eu que devo levá-la ao fim.

O estudante estava sentado ao lado direito de Sancho.

— Sr. comendador, disse êle em voz baixa; por quem é, entretenha esta senhora para que eu possa conversar com as moças.

— O que diz?... perguntou a viúva.

— Acusava-me de um incômodo aqui ao Sr. comendador, respondeu o Juca; e como tenho minhas tendências para a homœopatia, queria curar-me com a medicina dos semelhantes.

— Não entendo o que o Sr. quer dizer com isso, rosnou o comendador.

— Pois bem... pois bem... vamos à aposta...

— Tratava-se... ia dizendo a viúva.

— Perdão, minha boa amiga, acudiu Rosa; mas peço-lhe que deixemos Laura contar o caso: teve hoje o seu ataque de nervos, e convém que se distraia...

— Com sumo prazer, Rosinha, disse Laura, e voltando-se para o estudante continuou: Sr. Juca, o caso é o mais simples do mundo; ainda a pouco Rosinha asseverava que não teria de receber hoje mais visita alguma, e eu pelo contrário afirmava que necessariamente havia de receber a sua: apostamos... e... e está mais que demonstrado, que eu calculei melhor.

— Sou a primeira a confessá-lo, tornou Rosa: Laura há perto de três anos que tem-se feito superior nos cálculos desta natureza.

— Pela minha parte admiro a ambas as senhoras, disse o estudante; e estimaria muito saber o porquê uma asseverava que eu não viria, e a outra o contrário disso.

— Ora... respondeu Rosa, eu pensava que o Sr. Juca além de muito cansado da sua viagem e do baile de ontem, teria tido tanto que fazer, tanto que escrever... esta manhã, que não pudesse honrar os seus amigos à noite.

— Não, não, minha senhora; a viagem apenas enfastiou-me... o baile deu-me forças novas... os meus trabalhos desta manhã foram breves, e quanto ao escrever... minha senhora... creia V. Ex., que as mais das vêzes eu escrevo por divertimento.

Rosa escondeu um movimento de despeito.

— Quanto a mim, disse Laura, julguei que o Sr. Juca não deixaria de aparecer; porque sei perfeitamente que jamais há fadiga bastante forte para impedir-lhe visitar as pessoas a quem *quer bem*.

— Julgou com acêrto, respondeu o estudante; e a prova é, que antes de vir aqui tive a honra de passar pela casa de V. Ex.

Laura triunfava, e Rosa procurava disfarçar sua perturbação e ressentimento, conversando com as outras senhoras.

Bem depressa a conversação tornou-se geral: a viúva tomou conta do Juca, e o comendador dividiu-se entre Rosa e Laura. A cena começava a apresentar-se sob aspecto muito interessante: Rosa observava os dois jovens com essa habilidade de moça ciumenta e dissimulada, que conversa com umas poucas de amigas ao mesmo tempo, e não perde nem um olhar, nem um sorriso, nem uma palavra daquelles que observa; Laura também ardendo em ciúmes ouvia o comendador e respondia-lhe de má vontade, voltando constantemente olhos de fogo de Rosa para o estudante, e dêste para aquela; o Juca impassível e pondo em ação o seu plano, fingia-se todo apaixonado de Laura e quase esquecido da presença dessa, que lhe tinha ensinado a receita para se fazer amar; restava o comendador, que dizia um disparate às duas senhoras de sua predileção de cada vez que abria a bôca; e enfim a viúva, que dava tratos ao espirito para enternecer o estudante, cujo coração premeditava conquistar.

O velho roceiro tinha adormecido na cadeira.

Serviu-se o chá: Anastácio despertou de mau humor, principiou a prestar atenção ao que diante dêle se passava, e a sentir uma antipatia desesperada com o estudante.

Apareceram as balas de estalo.

— A elas, Sr. comendador! exclamou Anastácio; não perca tempo... *entre no seu elemento*.

O Juca ofereceu uma bala a Laura, e no momento em que a moça ia arrebenhá-la, corou ao sentir que o estudante apertava-lhe os brandos dedinhos.

Nada disso escapou aos olhos do velho roceiro, que dirigindo-se a seu irmão, perguntou:

— Quem é aquêlê *piras-líres*, que vejo aqui pela primeira vez?...

— E' um estudante de medicina, moço de excelentes qualidades e de bastante talento.

— Não duvido: estala balas com muita habilidade; desconfio porém que não há de passar daí.

Sancho via-se perdido em um mundo de estalos; não tinha mesmo tempo de ler todos os versos que lhe saíam. Anastácio benzia-se com ar de piedade olhando para êle.

Terminado o chá, Laura levantou-se e foi para uma janela; o Juca não se fêz muito tempo esperar, e deixando a viúva, correu a conversar com a moça.

Rosa sentiu que uma mão de ferro acabava de apertar-lhe o coração; receou que sua perturbação pudesse ser notada por algumas de suas amigas, logo rindo-se muito exclamou:

— Meu tio! eis ali naquela janela mostrando-se uma predileção bem justa, bem esperançosa, e bem... o quê?... o quê, meu tio?...

O velho roceiro que estava a roer as unhas, vermelho como um camarão, quis responder, hesitou, deixou escapar alguns monossilabos, que se não entenderam; e temeroso de não poder por muito tempo sopitar seu gênio colérico, saiu arrebatadamente da sala, dizendo:

— Deus lhes dê muito boas noites.

— Que é isto?... perguntou a mãe de Laura.

— Não é nada, respondeu Rosa, êste meu tio é da roça; há muitos anos que não vem à côrte e exaspera-se com a liberdade, que observa em nossas assembléias.

— E' um bicho intratável!... murmurou Sancho.

— Alto lá, Sr. comendador! disse Rosa corando; lembre-se que é a respeito de meu tio que fala, e que se porventura podem-lhe lançar em rosto o ser exagerado em seus ataques contra os nossos costumes, ninguém poderá com justiça duvidar da nobreza de suas qualidades...

— Minha senhora...

— Tem ainda um grande mérito, continuou a moça: meu tio *mostra ser o que realmente é*.

Rosa nunca parecera tão acrimoniosa, como nessa noite: estava de mau humor e sua primeira vítima foi o comendador, que ficou desconcertado.

No entretanto travara-se junto da janela um diálogo, que tinha alguma cousa de curioso.

O Juca chegou ao pé de Laura.

— O que vem fazer aqui?... perguntou ela.

— Oh! D. Laura, pois então desejava antes, que eu não viesse?...

— Eu não quero ser aborrecida por sua causa; não tiro vantagem nenhuma disso.

— Mas...

— Que *mas* senhor?... vá-se embora... D. Rosinha não há de gostar... pode ofender-se... e depois o senhor perder uma felicidade tão grande...

— D. Laura, declaro que não me é possível compreendê-la!

— Pois olhe, pela minha parte eu o compreendo perfeitamente; compreendi-o no baile de ontem e na visita de hoje... em uma palavra, o senhor é homem e basta.

— Minha senhora, repito que não entendo o que quer dizer...

— Quero dizer, que o senhor toma-me para seu divertimento, que zomba de mim como talvez de muitas outras, e que isso é indigno, senhor!

— Mas zombar como?...

— No baile de ontem...

— No baile de ontem eu não tinha cabeça...

— Oh!... e quando a terá, Sr. Juca?... diga; por que correu logo a vir vê-la hoje?...

— Ver a quem?... eu não entendo...

— Ah!... quer que também dê o prazer de pronunciar o bonito nome?... pois eu lhe faço a vontade. Por que apressou tanto a sua visita a D. Rosinha?...

— Eu tinha passado por sua casa, e como não a achei, supus...

— Vamos a melhor: quer agora que eu acredite que veio aqui por minha causa?...

— Porém, D. Laura, a senhora pode negar, que aqui mesmo, que ainda há bem pouco, eu lhe dei a mais sensível preferência?...

— Sim?... e pensa, que eu não sei, o que é um *espinho*?... que eu sou tão tôla, que não compreenda que muitas vezes finge-se preferir uma pessoa para ofender a vaidade de outra, e atrair assim atenções, que parecem ir esfriando?...

— E' impossível portanto fazer acreditar a mais simples verdade, a quem responde por semelhante maneira!

— O senhor ama a D. Rosinha!...

— Juro-lhe que não: ninguém ama a duas senhoras ao mesmo tempo.

— Ora! o senhor seria capaz de amar a duas.

— Temos outra! eu creio, que o melhor é não dizer palavra.

— E' preciso decidir isto de uma vez, senhor!

— Eu pensava que isto já estava decidido há perto de três anos, *minha senhora*.

— O homem ou a mulher que não tem franqueza e decisão em semelhantes matérias, é porque não ama bastante, ou faz tenção de enganar.

— Sou do mesmo parecer.

— Então por que não decide?!?! murmurou Laura batendo com seu pezinho, e lindamente enraivecida.

— Mas decidir o quê?...

— Decidir, se quer amar-me, só a mim, e a mais ninguém!

— Oh! como porém hei de eu dizê-lo, jurá-lo, e fazer-lhe crer?...

— Pois bem: promete que nunca mais voltará a esta maldita casa?...

— E' impossivel!... com que pretexto quebrarei eu os laços de amizade, que me ligam ao Sr. Mauricio?...

— Vejam mais esta!... pretende agora fazer-me acreditar, que êle vem aqui por causa do Sr. Mauricio!... isto é uma traição abominável!

— D. Laura, a senhora tem umas exigências, que só deviam passar pela cabeça de uma moça feia...

— Quê!

— Dir-se-ia, que tem mêdo de tôdas as outras senhoras, porque se considera menos bonita que elas.

O estudante ganhou a partida: Laura sentiu despertar tôda sua vaidade ao escutar aquelas palavras.

— Não é por mim, é da sua volubilidade que tudo receio; no entretanto eu cedo alguma coisa da minha parte, cedendo também alguma cousa o senhor.

— Farei, o que me ordenar: eu lhe amo, e basta.

— Prometa, que não virá a esta casa vez nenhuma sem prevenir-me antes.

— Prometo.

— Veja o que diz...

— Juro, que...

— Oh! jurar não: o juramento dos homens é uma cousa, que eu aborreço. Quase sempre quando êles têm o juramento nos lábios, já estão com o perjúrio entre os dentes.

Aqui foram os dois interrompidos: as senhoras tinham-se levantado, e começavam as despedidas.

Laura voltou-se, e disse ao Juca:

— Ofereça-nos o braço para acompanhar-nos à casa.

— Com sumo prazer.

Laura foi ter com sua mãe.

— Que desfrute!... que desfrute!... disse consigo o estudante deixando também a janela.

Uma hora depois estalavam enfim os beijos de despedida.

— Adeus, Laura, disse Rosa; volta mais vêzes a ver-me: agora já tens um cavalheiro bem agradável para acompanhar-te.

E dirigindo-se ao estudante continuou:

— Sr. Juca, espero que seja assíduo nesta casa; trabalharei para ter sempre às suas ordens uma janela, uma noite de luar, e uma moça bonita que converse bem.

## XV

## Uma questão de bordado

O caráter de Rosa começava a sofrer uma estranha modificação: de alegre, desinquieta e gracejadora, que era, principiou a moça a mostrar-se melancólica, pensativa, e até às vèzes rabugenta.

Três dias apenas tinham passado depois do último baile, dois somente depois da noite do voltarete, em que o Juca inesperadamente se apresentara, e nesse curto espaço a mudança, que em seu gênio fizera Rosa, era já muito sensível.

Notava-se sobretudo uma contradição inexplicável em tôdas as suas opiniões.

Às vèzes declarando-se de súbito contra os bailes e os costumes da côrte, deixava muito atrás de si seu velho tio; e quando êste dava-se os parabéns pelo triunfo que alcançara sôbre o caráter de sua sobrinha, ouvia-a bem depressa, mudando de parecer, exasperar-se por não haver tôdas as manhãs uma festa, tôdas as tardes um passeio de sociedade, e tôdas as noites um sarau.

Outras vèzes declarava guerra eterna ao piano; jurava não abri-lo mais nunca; fechava suas músicas, porque só a vista delas bastava para incomodá-la; ficava um dia inteiro firme neste propósito; guardava mesmo seu juramento uma parte da noite; mas de repente corria para o piano e deixava-se aí tocando e cantando até quase o amanhecer.

Sucedía pouco mais ou menos a mesma cousa quando se tratava de formar um juízo a respeito de qualquer pessoa de sua amizade: sôbre o Juca muito especialmente eram espantosas as suas contradições.

Quanto a ela o estudante mostrara ser um *mancebo importuno*, sem futuro, de maus costumes, e de piores idéias; mas se Anastácio ousava levantar a voz para apoiá-la, porque era em verdade êsse o seu parecer, então Rosa erguia-se rubra de despeito, proclamava o talento do Juca, sonhava-lhe um porvir brilhante, achava-o modesto, engraçado, espirituoso e dotado das mais nobres e distintas qualidades.

E em resultado de tôdas essas questões retirava-se a moça despeitada e jurando que ninguém a sabia compreender naquela casa; e ficava o velho roceiro, que era o seu constante adversário, de bôca aberta, espantado e confundido.

Se fôsse dado a Anastácio penetrar o coração de sua sobrinha, todo o seu espanto desapareceria num momento.

Rosa amava; e acreditando-se infeliz no seu amor, vivia há três dias doidejando por isso.

Quando se achava na companhia de alguém, e particularmente na de seu tio, confundia-se, contradizia-se e irritava-se, porque não era compreendida. Quando estava só, meditava, e às vezes sofria menos, porque então chorava.

Oh!... a mulher padece tanto, quando ama!... essas encautadoras moças, que vêdes a brincar, a rir-se nas assembléias, como se nadassem em um mar de felicidade, quando estão sós, quando vão dormir, quando despertam dos seus belos sonhos, choram tantas vêzes!...

Rosa fazia como fazem tôdas elas em idénticas circunstâncias: ora trabalhava por esquecer-se do volúvel mancebo, que tão mal pagava o seu amor, mas débalde!... a imagem do estudante vinha sempre pousar em sua alma, como uma borboleta sôbre a flor de seus amôres: ora combinava todos os fatos, repetia tôdas as palavras, lembrava tôdas as ações que tinha observado e ouvido na noite do baile e na seguinte, para ver se podia achar uma tâbuazinha de salvação, mercê da qual escapasse do naufrágio e da morte o seu belo amor; em vão porém... tudo lhe dizia que Laura era feliz e preferida; depois, ardendo em desejos de vingar-se, pedia ao céu que aquêle que lhe fôra infiel, fôsse-o também à sua rival.

Chorava.

Mas em uma dessas horas de amargurados pensamentos Rosa, teve uma idéia extravagante; lembrou-se da receita para se fazer amar, que no baile havia, por gracejo, ensinado ao estudante; e em vez de pensar, que êle a estava pondo em uso, pensou que era ela quem devia experimentá-la.

— *Fingirei amar a um outro! disse ella consigo: talvez que isto o mortifique. Sem dúvida êle pensa que ainda o amo... pois bem... será ao menos uma vingança. Fingirei amar... mas a quem?... não me serve nenhum desses mancebos, que me requestam; o mundo tomaria ao sério o meu amor.. e amanhã chamar-me-ia leviana e inconstante, sabendo que tudo isso era uma simples zombaria; e sobretudo eu quero preferir a êsse moço, que me atraiçoa, um homem que esteja bem abaixo dêle, porque ao menos o rebaixarei também dessa maneira. Pensemos... há tantos... tantos importunos, que me perseguem... façamo-los passar todos por diante dos olhos... quanta gente enfatuada... quanta cabeça sem juízo... quantos ricos pobres de espirito... quantos fidalgoes improvisados... ah!... eis um que me serve!... o melhor de todos: porque é o mais parvo, o mais velho, o mais crédulo, e o menos digno de todos êles; pois sim... o comendador Sancho!*

Ela pensou em silêncio durante algum tempo, e depois prosseguiu com se falasse com alguém.

— Oh!... mas fingir amar é um sacrilégio! não; não o farei: é melhor ser desgraçada... como porém hei de eu tolerar que essa falsa amiga, e êsse moço desleal venham com seu amor insultar-me

na minha presença?! como são estes homens todos, meu Deus?! como zombam de nós outras, pobres mulheres! não basta que tenhamos por destino ser suas escravas, querem também que sejamos suas vítimas?... riem-se de nós... ferem nossos corações... apunhalam nossa reputação... mancham a nossa fama... maldizem o nosso nome e, o que é mais horrível ainda, ridicularizam o sentimento sagrado, que é tudo em nós, que é a nossa história toda inteira; porque enfim os homens serão o que quiserem, mas a mulher é amor sòmente, amor, e mais nada!...

E a pobre moça desatou a chorar; mas, passados alguns momentos, ergueu a cabeça.

— Nada de lágrimas, disse; é uma fraqueza indigna de mim. Nada de considerações também: o mundo e os homens não as merecem de nós, e diante de minha consciência eu não serei sacrilega. Estou decidida: se elles vierem de novo ostentar o seu amor a meus olhos, também eu terei um amor bem igual ao d'elles para mostrarlhes!... Veremos esta noite.

Com efeito nessa noite tinha de haver partida de voltarete, e o coração de Rosa adivinhava que Laura e o Juca não faltariam a ella; dispôs-se portanto a esperar para ver se devia ou não executar a vingança que meditara.

Não há vingança neste mundo mais pontual do que um parceiro de voltarete: às sete horas da noite começaram a entrar os amigos de Maurício, e às oito appareceu o Juca.

Rosa sabia perfeitamente o segrêdo de esconder os seus pesares aos olhos do mundo, e de rir-se no meio de suas dores: recebeu pois com todo agrado o estudante.

— Pois vem só?... perguntou ella alegremente.

— Como um homem solteiro que sou, respondeu o Juca.

— Ah! eu pensava que o seu braço tinha seguido o destino do seu coração...

— Mas, minha senhora, não se dá tudo de uma vez...

— Ainda bem: dêsse modo sempre se tem algum presente de reserva.

— Sr. estudante, disse Maurício; falta-nos um parceiro nesta mesa.

— Eu jogo mal...

— Enquanto não chega o proprietário desta cadeira... ande... faça-nos o sacrificio de uma hora.

O Juca não se fêz rogar: ainda não tinha chegado nenhuma das amigas de Rosa; e pois ella sentou-se entre o estudante e seu pai.

— Também gosta de jogar?... perguntou.

— Eu sou louco pelas senhoras, respondeu elle; e jogo sòmente por lembrar-me que em cada baralho de cartas há sempre quatro damas.

— E belas que são! tornou a moça.

— Têm a melhor das qualidades, e o mais rico dos dotes, observou Anastácio, que acabava de chegar.

— Como então, meu tio?...

— São mudas, minha sobrinha.

— Agradeço-lhe o conselho: não falo mais.

O voltarete começou, e o Juca demonstrou para logo que fôra extremamente modesto dizendo que jogava pouco: fazia tôdas as suas combinações com suma facilidade e rapidez espantosa, e graças à sua memória de estudante nunca lhe era preciso voltar uma vasa para examinar as cartas que já se haviam jogado.

Maurício estava satisfeitíssimo do novo parceiro.

— Assim é que se joga, dizia êle. O nosso estudante tem todos os seus sentidos empregados no jôgo: o seu mundo limita-se agora a esta mesa.

O Juca sorria-se, e Rosa sentia-se incomodada.

Ter sentado ao pé de si uma senhora encantadora, e a quem já votou amor, e jogar tão a sangue-frio, sem cometer um êrro, sem se distrair uma vez ao menos, é demonstrar que se não sente mais nenhuma impressão na presença dela; é provar que se está completamente livre da influência e do poder de suas graças; é ferir o coração da pobre moça com o mais profundo e o mais doloroso dos golpes.

A distração de um homem é em certos casos um dos mais agradáveis cultos que se pode render a uma mulher: perder dois compassos em uma contradança, deixar insensivelmente passar a hora determinada para uma visita, ficar até às vêzes um pouco surdo e um pouco no meio da mais espirituosa conversação, quando se dança, ou se está perto de uma jovem interessante, é o mesmo que dizer-lhe que não se pensa senão nela, que não se vive senão por ela, que tudo mais fatiga e incomoda.

Esse era o culto que, fingido ou espontâneo, todos os cavalheiros prestavam a Rosa, a qual, a pesar seu revoltava-se então ao observar que o estudante lho negava da maneira a mais positiva.

As nove horas chegaram Laura e sua mãe acompanhadas pelo comendador.

De tôdas as outras amigas de Rosa apenas a viúva viera naquêla noite. Laura assentou-se ao lado direito do Juca, e a viúva defronte dêle.

O jôgo continuou; mas dentro em pouco Maurício principiou a impacientar-se.

Em menos de dez minutos o estudante fêz umas poucas de renúncias, e foi causa do codilho mais desastrado.

— E' inacreditável!... exclamou Maurício.

— Não posso jogar por mais de uma hora; respondeu o Juca, sorrindo-se; percó inteiramente a cabeça.

Rosa abafou um gemido: era o triunfo da sua rival, que ella estava testemunhando.

— Bonito! excelentemente!... bradou o outro parceiro; então o senhor fia vasas ao feito?...

— Ah! o Sr. Mauricio é o feito?... como estou distraído! eu pensava que elle era o forte.

— Vamos adiante... jogue...

— O que é trunfo?...

— Ouros.

— A melhor!... comprei para espadas: como quer agora que corte a vasa?...

— Assim não se pode jogar!...

— Felizmente que chega a tempo o compadre Batista! ande compadre, tome o seu lugar; este senhor estudante entrou na maré das distrações.

O Juca cedeu o lugar ao recém-chegado, e retirou-se da mesa. As senhoras, como de plano, levantaram-se a um tempo, e foram para o sofá.

— Ora graças! murmurou o parceiro, que jogava defronte do Juca; aquella maldita velha chegou aqui com os pés frios: desde que se sentou ao pé de mim, não pude mais ver bóia.

Sentaram-se no sofá e nas cadeiras que aos lados estavam as quatro senhoras que se achavam na sala, o estudante, Anastácio e o comendador Sancho.

— Não gosto de ver jogar, disse a viúva, que era sempre a primeira a tomar a palavra; na minha opinião o jogo é um divertimento estiptico.

Laura mordeu o lenço para comprimir uma risada.

— Bravo! que bonito lenço!... disse Rosa para ver se também podia deixar de rir-se.

— Ora!... não zombes de mim, Rosinha; fui eu que o bordei, e portanto está visto que não pode merecer elogios.

— Vejamos...

Laura entregou o lenço.

— Sr. Juca, não quer apreciar a obra de Laura?

O estudante chegou-se, e começou a examinar o lenço como entendedor da matéria.

— Aposto que o senhor sabe bordar? disse Anastácio.

— Por quê?...

— Porque o senhor sabe tudo quanto podia deixar de saber sem inconveniente algum.

O Juca voltou-se sorrindo-se para o velho rocciro, e mostrando-lhe o lenço que tinha na mão, disse:

— E' um lenço de cambraia liso, cercado de pontinha, com paisagens coloridas nos ângulos... admira-se em cada um dos ângulos um quadro diferente e variado; o centro representa um círculo

formado por duas silvas bem lançadas e ornadas de acaços de flores/ diversas; dentro e no meio do círculo lêem-se as iniciais do nome da dona do lenço.

— Fico-lhe agradecido pela explicação; mas não era necessário tanto incômodo comigo.

— Oh! mas é preciso admirar a beleza das formas destes meninos, que brincam à sombra destas árvores: veja aqui como o trabalho é bem acabado... como transpira a verdade neste quadro da vida campestre... e este caçador...

— O Sr. Juca mostra ser tão bom apreciador, disse Rosa, que me está fazendo vontade de ir buscar algum de meus lenços.

— Com muito prazer o verei, minha senhora.

Rosa queria confundir a rival; tinha consciência de sua superioridade. Em um momento apareceu na sala, trazendo um lindíssimo lenço: o bordado era de perfeição e de simplicidade admiráveis.

— Ah! isto é outra cousa! disse Laura confundida.

— Lindíssimo! é tal e qual como um que eu bordei ultimamente, observou a viúva.

— Obra superior!... exclamou o comendador.

— Entende disto? perguntou o Juca.

— Um pouco.

— Bem: primeiro quero descrevê-lo ao meu amigo, o senhor Anastácio.

O estudante tomou o lenço das mãos das senhoras, e mostrando-o ao velho, começou.

— E' igualmente um lenço de cambraia liso e cercado de pontinha, como o outro: tem guarnição de rosas e botões de côr azul-ferrete com cornucópias dividindo os ramos de rosas e folhagens variadas; o centro é formado por uma guarnição igual com rosas refilantes, dando lugar a um círculo, dentro do qual vêem-se em caráter gótico as iniciais do nome da senhora sua sobrinha.

— Meu caro, disse Anastácio; quem lhe encomendou o sermão que lho pague.

— Agora Sr. comendador, o negócio é conosco, tornou o Juca; disse-nos, que entendia da matéria; vamos a isto; em questões de arte não há considerações, nem etiquetas, há justiça completa.

— E' verdade, acudiu Rosa; pela minha parte não me afligirei.

— Nem eu, disse Laura.

— Qual dos dois prefere, senhor comendador?... temos o lenço das paisagens, e o lenço das rosas: qual dêles tem mais valor artístico? ..

— O das rosas

— Não sou dessa opinião, tornou o estudante examinando de novo o lenço: realmente o ponto é seguro, delicado, e quase toca a perfeição; acho porém infeliz a escolha da côr azul-ferrete para estas flores; julgo mal cabidas as cornucópias em uma guarnição.

desta natureza; não sei o que vêm fazer folhagens tão diversas, e muito particularmente ramos de palmeiras no meio destas rosas; observo alguma desigualdade no risco, e espinhos demais nos ramos, e finalmente quisera antes o centro com rosas cheias, do que com refilantes.

— O Sr. comendador tem a palavra para responder.

O pobre Sancho estava admirado da sabedoria do Juca, e ficou a mover os beiços sem achar uma palavra para dizer: as senhoras riam-se, menos Rosa, que tinha corado.

— Ao menos apresente os defeitos de meu lenço, disse Laura.

O comendador tomou o lenço, e apontando para as paisagens com trêmulo dedo ia dizendo:

— Isto por aqui...

— Oh!... mas isso por aí tem nome...

— Não me vem a lembrança agora: são uns nomes rabiosos; mas o que eu sei, é que isto por aqui...

— Por aqui!... por aqui!... ele não sabe nada nesta vida!... exclamou Rosa com força.

Anastácio ria-se desesperadamente.

Sancho suava suores frios.

— Isto por aqui...

Rosa arrancou-lhe o lenço das mãos.

— Basta! a sua acusação envergonharia a minha causa. Laura, o teu lenço vale o dôbro do meu.

E olhava com olhos ardentes de cólera para o Juca.

— Sr. estudante, disse o velho roceiro; ainda não conheci homem tão próprio para ter nascido mulher, como o senhor!

— E' um novo obséquio, que devo à sua amizade.

— Homem! pão, pão; queijo, queijo; a única cousa boa, que por ora lhe tenho visto fazer, foi tirar-me as penas de pavão, com que pretendia ornar-se aquela galha!

E apontava para o comendador, que estava submergido em profunda tristeza.

A sessão continuou até a meia-noite. Anastácio, que estava de bom humor, tomou à sua conta o pobre Sancho e a viúva; o Juca conseguiu, graças ao seu espírito e ao socorro que prestou ao velho roceiro sempre que este tratava de atacar o comendador, desfazer em parte a má impressão que desde a noite do baile nêle produzira.

Rosa dissimulou à força de habilidade os tormentos por que passava: não pôde porém duvidar mais da vitória de sua rival. O estudante só para Laura tinha olhos e palavras: era um amor, que já se não encobria, uma paixão que transbordava diante de todos.

Devorada de ciúmes, nem mesmo as ridículas pretensões da viúva puderam diverti-la.

Enfim Rosa ficou só.

Correu para seu quarto, e atirou-se desesperada no leito.

— Oh!... ser assim traída!... murmurou ela; ser tão cruelmente ofendida!... e não vingar-me!... mas como?... como podia eu abaixar-me até fingir amar a um homem como aquêlê comendador?!!

Depois refletiu, e continuou:

— Até o meu lenço! o meu lenço que é de um trabalho sem dúvida admirável... êle o pôs abaixo de um lenço ordinário, que qualquer menina de colégio o bordaria mil vêzes melhor... oh! é muito!...

E erguendo-se com rápido movimento tomou o lenço que estava sôbre a mesa, fê-lo em tiras, e levantando a mão sôbre a luz, começou a queimá-las, dizendo por entre lágrimas:

— E' um lenço que não me pode servir mais!...

## XVI

### Muitos dias em poucas palavras

Fôra por demais fastidioso acompanhar passo a passo a intriga amorosa, que se travara, relatando todos os seus episódios: é mais cômodo pôr uns poucos de corações à mostra, e ler nêles como em um livro a história de muitos dias em menos de dez minutos.

Foram-se sucedendo as noites de voltarete. Dizem que os bons bebedores, quando acham boa pinga não mudam de venda; pois o mesmo pouco mais ou menos podia-se dizer do Juca: o travêssô estudante desde muito que tinha tomado por costume fazer antes uma sinalefa nas aulas, que numa reunião de moças; e mais firme nesse princípio do que os nossos estadistas em suas opiniões políticas, não perdia noite de partida na casa de Maurício.

Ora o caso ia-se complicando cada vez mais.

O Juca teimava em cumprir à risca o conselho que no baile lhe dera Rosa. Laura, que nunca deixava de vir tomar parte nas reuniões, era o objeto exclusivo de todos os seus cumprimentos e atenções: quem o observasse com os olhos sempre embebedos no rosto da moça, não tendo sorrisos e ternas palavras senão para ela, fugindo às vêzes do seio da sociedade para ir conversar a sós com ela horas inteiras num canto da sala ou à janela, diria que o pobre rapaz estava realmente cativo da neta de Juliana. No entretanto acontecia exatamente o contrário disso: Laura não era para o terrível estudante mais do que um *espinha*, com que êle procurava ferir a vaidade de Rosa.

O procedimento do Juca, por mais repreensível que seja, não pode espantar a ninguém: não há nada mais trivial atualmente, do que ver-se um mancebo esquecer tôdas as inspirações da generosidade para zombar anos inteiros do coração, e da credulidade de uma se-

nhora. Hoje em dia não se repara nisso, porque é moda que mesmo vai já passando de um para outro sexo.

Mas o crime do estudante não passava impune: se ali fazia sofrer acerbos horas a uma interessante moça, a quem fingia desprezar, e preparava outras não menos cruéis à infeliz Laura, era também ali mesmo fortemente castigado. Primeiramente sentia-se abrasado de paixão pela encantadora filha de Mauricio, que com indizível habilidade sabia esconder seus profundos tormentos, e mostrava não dar importância alguma aos triunfos de sua rival; depois tinha começado a incomodar-se muito com certa espécie de atenção, que Rosa parecia ir seriamente prestando ao comendador Sancho; para maior incômodo ainda, Faustino que já se achava restabelecido da erisipela, freqüentava com assiduidade igual à d'ele as partidas de Mauricio, e aí desempenhava o seu papel de representante da época, requestando a tôdas as senhoras que tinham pais ricos, ou prometiam pingues dotes, e particularmente a Rosa e Laura; e enfim o mísero estudante via-se em tôdas as noites atrapalhado de continuo pela velha Irene, que d'ele queria fazer por *fas ou por nefas* o seu namorado, e que o perseguia tanto como o havia perseguido na Bahia a Sra. Bonifácia. Já se vê pois que o Juca tinha muito pano para mangas.

Rosa tomara definitivamente o seu partido: guardando para a solidão as suas lágrimas, amando cada vez mais o estudante travêso e volúvel, começava todavia a executar o seu plano de vingança. Com o sorriso nos lábios saudava a chegada de Laura nas noites de partida como uma hora de felicidade; civil e delicada com o Juca, não deixava escapar o mais leve sinal de despeito nem de ciúme; e finalmente carinhosa e terna com o comendador parecia preferi-lo ao estudante, a Faustino e a todos os mais cavalheiros. Às vêzes custava-lhe muito isso; às vêzes era-lhe quase impossível mostrar-se dócil e grata aos cumprimentos desenxabidos e às lisonjas estultas de Sancho; às vêzes corava vendo os sorrisos malignos de suas camaradas e, encontrando o olhar severo de seu tio, desanimava... mas logo depois escutando ternas frases, que trocavam entre si Laura e o Juca, acendia-se de novo no desejo da vingança, e fingia curvar-se gostosa ao império do comendador.

Os comparsas dêste drama curioso, cujos protagonistas eram sem dúvida Rosa e o estudante, iam representando os seus papéis conforme as circunstâncias em que se achavam, e as cenas em que entravam.

Laura crédula e orgulhosa julgava-se feliz, e exultava por ver um mancebo interessante prêso a seus pés, como o mais humilde dos escravos, e uma jovem formosa vencida por ela quase que sem combate; mas sempre desconfiada da volubilidade do Juca, e talvez mesmo naturalmente ciumenta, não deixava passar uma noite sem temperar os seus votos de ternura com um quarto de hora de zelos.

Mulher em toda extensão da palavra, Laura tinha sempre de precaução preparados um sorriso para os lábios e duas lágrimas para os olhos.

O comendador Sancho não cabia em si de contente com a atenção, que lhe prestava Rosa. Dizia muito em segredo a todos os seus amigos e conhecidos, e até aos desconhecidos, que a filha de Maurício estava louca de amores por elle; fazia uma despesa enorme em perfumes e pomadas; passava por defronte da casa de Rosa duas vezes de manhã de casaca preta, outras tantas de tarde de casaca cor de vinho, e ia visitá-la à noite de casaca verde: o seu alfaiate e o seu sapateiro não tinham mãos a medir. O comendador era amado pela primeira vez, pôsto que tivesse sido amante mil vezes em sua vida. Orgulhoso disso já sonhava com o seu próximo casamento, lembrava-se de mandar pintar a casa de novo, pôr novo trem, e ostentar desmesurado luxo para agradecer à sua bela.

Irene tinha cruelmente simpatizado com o Juca, e teimava que ela e elle haviam nascido um para o outro. Ninguém seria capaz de convencê-la nem mesmo com certidão de batismo, de que já houvesse passado de cinqüenta anos, e que contava janeiros suficientes para ser avó do estudante. A boa velha julgava-se bem conservada, bonita e espirituosa; parecia-lhe impossível, que se achasse no mundo um homem, que por muito tempo resistisse ao poder de seus encantos, e segura disso perseguia o Juca com tão grande impertinência, como um candidato à senatoria persegue aos eleitores nas vésperas da eleição; cobria-se de brilhantes, vestia vestidos de sêda, tingia os cabelos e falava pelos cotovelos.

Faustino não se havia ainda decidido positivamente. Como um general que estuda o campo e os inimigos para em tempo oportuno dar batalha segura, o publicista observava as diversas senhoras, que freqüentavam a casa de Maurício. Não examinava qual delas reunia mais encantos, não, que importava isso bem pouco ao ilustre e franco representante da época; tratava somente de informar-se qual daquellas senhoras tinha mais rico dote, e dispunha-se para apaixonar-se com inaudito desespero da que contasse maior número de contos de réis. Faustino não se envergonhava dos sentimentos, que o dirigiam: parecia-se com muita gente de gravata lavada.

E no meio dêsses jovens e dêsses velhos, que se iam envolvendo em uma meada, que cada vez mais e mais se embaraçava aparecia Anastácio com os olhos fitos em sua sobrinha. Sempre irritado contra os novos costumes, a princípio fortemente indisposto com o Juca, o velho roceiro como que despertou de súbito e, esquecendo tudo o mais concentrou suas atenções no comendador Sancho, que parecia haver conquistado o coração de Rosa.

Anastácio custava a acreditar que sua bela e interessante sobrinha se deixasse assim cativar por um velho feio e ridículo; mas, a pesar seu, tinha de ceder ao que via.

Nas reuniões os olhos de Rosa pareciam estar sempre buscando o comendador. Ela deixava a companhia de suas amigas e dos mais elegantes cavalheiros para ir sentar-se ao pé de Sancho e conversar com êle horas inteiras; guardava-lhe sempre uma flor eloqüente, que não se envergonhava de oferecer-lhe diante de todos; pagava-lhe as mal arrançadas finezas com os mais graciosos sorrisos, e como que ostentava essa preferência injustificável, desprezando as camaradas que sorriam e os mancebos que murmuravam.

Para que não ficasse ainda a menor dúvida no espírito de Anastácio, o aflito velho observava que uma revolução comp'leta se ia operando no gênio e na vida de Rosa.

Em seu viver doméstico ella não era mais aquella mocinha viva, alegre, espirituosa e travessa do outro tempo: passava os dias a meditar tristemente; um convite para um baile, um vestido novo que lhe trazia seu pai, não lhe causavam mais a alegria costumada; de continuo melancólica e abatida, só uma cousa a fazia sorrir, era o nome do comendador.

— Não há dúvida, pensava consigo o velho roceiro; a vida de extravagâncias e de loucuras tinha de acabar no ridículo!...

E jurando dentro de si que salvaria sua sobrinha do purgatório, a que imprudentemente queria condenar-se, Anastácio lançava muitas vèzes ao rosto de seu irrnão a fraqueza com que deixava o coração de sua filha correr o risco de perder-se. Mauricio sacudia a cabeça, sorria-se, e respondia:

— Mano, o que tem minha filha, ainda não pude descobrir; mas assevero, que é mais fácil parar o sol, do que Rosa estar namorada do comendador. Pela minha parte durmo descansado a semelhante respeito.

— Mas o que se vê todos os dias...

— O que se vê todos os dias é, que o coração de uma mulher é um enigma indecifrável.

— No entretanto...

— Confieamos tudo do bom juízo de minha filha.

— Tem uma cabeça cheia de teias de aranhas!

— Embora.

Estavam as cousas neste estado, quando em uma noite de partida a velha Juliãua annunciou que sua filha fazia anos daí a quatro dias, e que estimaria jantar e passar a noite com os seus amigos na sua chácara.

Na manhã seguinte, e ao levantar-se do almôço, recebeu Rosa uma carta de Laura, que reiterando o convite feito por sua mãe, convidava a amiga a ir logo na véspera de seus anos fazer-lhe companhia na chácara.

Rosa pensara muito durante a noite naquele convite, e naquela festa que se preparava.

— E' um sacrificio a que me querem arrastar, disse ella consigo.

Talvez que a minha feliz rival tenha já podido com o fogo de seus olhos derreter a camada de gelo, que pude lançar sobre o coração, e enfim arrasar um a um todos os segredos que dentro d'êles escondo!... talvez que pretenda ufanar-se ainda mais com a vitória, e com a minha desgraça! nessa reunião ela será a princesa que triunfa, e eu a escrava presa a seu carro!... não, não irei.

Mas pouco depois pensou de outra maneira: pensou que a sua ausência podia ser mal interpretada, que a julgariam fraca e despeitada... e isso era horrível para a orgulhosa moça. Lembrava-se também e sempre do Juca, que, a pesar seu, desejava ter constantemente diante dos olhos; e enfim ora disposta a não ir, ora resolvida ao contrário, ora irresoluta, adormeceu. e só despertou no dia seguinte quando a chamaram para almoçar.

Maurício apenas levantou-se da mesa, saiu como costumava para tratar de seus negócios.

Estavam sós Rosa e Anastácio, quando chegou a carta de Laura: a moça leu-a em voz alta.

— E então, perguntou o velho roceiro, temos mais despesas em vestidos e flores, não é assim?

— Despesas?... para quê?...

— Ora... para ir à festa dos anos de sua amiga.

— Eu não vou.

Anastácio encarou-a fixamente.

— Pode-se saber pelo quê?

— Pode-se.

— Far-me-á o favor de dizer.

— Não vou, porque... porque... porque não quero ir, meu tio.

— Agradeço-lhe a delicadeza da resposta, minha sobrinha.

— E' que eu não tenho outra resposta que lhe dar.

— Venha-me com essa a ver se eu engulo! a senhora minha sobrinha que podia ser chamada a primeira papa-bailes do mundo, rejeitando um sarau sem mais nem mais!...

— Essas reuniões começam a aborrecer-me.

— Sim, senhora, há de acabar por isso; mas ainda é cedo: no entanto é bem admirável que a senhora deixe de ir festejar os anos de sua melhor amiga.

— De minha melhor amiga!... exclamou Rosa corando.

— Pois então?...

— Meu tio, não há amizade sincera entre moças solteiras.

— Bravo, minha sobrinha!...

— Nós somos, ou estamos sempre a ponto de ser rivais; e portanto nós somos ou estamos sempre a ponto de ser inimigas. Duas moças bonitas e solteiras, que se procuram, que se atuam, que se festejam, são duas rivais que se detestam: há hipocrisia em nossos afagos, mentira em nossos juramentos, fingimento em nossos sorrisos, traição em nossas palavras!

— E' então, a tal Sra. D. Laura...

— E' como as outras, é como tôdas, e é como eu.

— Muito bem, fico-lhe obrigado pelas premissas; a consequência pertence-me agora.

— Então?...

— Minha sobrinha e D. Laura são duas rivais.

Rosa sentiu o fogo do pejo queimar-lhe o rosto.

— Quem disse isso, meu tio?

— Foi uma consequência que eu tirei dos seus princípios.

— Pois concluiu o pior possível.

— Nesse caso venha uma razão melhor para explicar a não aceitação do convite.

Rosa meditou alguns momentos; depois sorriu-se e disse:

— Pois sim, meu tio, eu digo tudo; creio que Laura exclui de seus convites alguma pessoa a quem muito estimo.

— Está no seu direito; convida para sua casa, a quem bem lhe parece.

— Sem dúvida; eu porém estou também no meu direito não aceitando o seu convite.

— Mas ela frequênta assiduamente esta casa, e portanto...

— Pois que a não frequênte! exclamou Rosa com um fogo que a atraía.

— A tal minha sobrinha exalta-se de tal modo contra a sua antiga amiga, que eu estou quase repetindo-lhe a consequência que tirei há pouco!

— E' que meu tio vem às vêzes com observações tais que...

— Pois bem... nada mais de observações; mas vamos a saber: qual é a pessoa a quem tanto estima, e que recia ver excluída dos convites?...

Rosa viu que havia de triunfar enganando o velho: fingiu hesitar um pouco, e corou levemente.

— Diga... diga: tornou Anastácio.

— E' o comendador Sancho, respondeu a moça.

O velho roceiro estremeceu na cadeira em que se achava sentado; tornou-se depois vermelho como um camarão; quis falar e apenas balbuciou alguns monossilabos imperceptíveis.

— O que é que tem, meu tio?... sente alguma coisa?

— O que tenho?... o que sinto?... exclamou enfim Anastácio: sinto que a senhora minha sobrinha está com o paladar estragado.

— Mas... por quê?...

— Falemos claramente: há quinze dias, que se pode dizer, que tenho o diabo entre os dentes, e agora haja o que houver, hei de lançá-lo fora...

— Mas qual é esse diabo?... pode-se saber?...

— E' esse rapaz postiço... esse ridiculo e miserável comendador Sancho!

— Meu tio!...

— Pois quê!... deveras devo eu suportar a *sangue-frio*, que minha sobrinha deixe de lado tanto homem sério, que tem sempre diante dos olhos, e mesmo, se lhe parecer, tantos moços estouvados, mas que ao menos são moços ainda, para dar uma preferência injustificável ao mais parvo de quantos parvos tenho encontrado no mundo?!

— Creio que sou senhora do meu coração...

— E confessa!!!

— Não tenho obrigação de medir o meu gosto pelo gosto dos mais...

— *Digo-lhe que hei de opor-me a semelhante loucura!*... bradou o velho, cujos olhos pareciam querer saltar das órbitas.

— E' uma razão para requintar a minha predileção pelo comendador, respondeu a moça friamente

— Um homem que conta mais de cinqüenta anos!...

— Aos meus olhos parece um rapaz de vinte cinco.

— Que não abre a bôca senão para dizer asneiras!...

— Ora esta!... e eu o julgo espirituoso!

— Um verdadeiro original!...

— Encanta-me por isso mesmo.

— Tolo e vaidoso...

— O meu poder o tornará esperto e modesto.

— Sem a menor dose de juízo...

— Dar-lhe-ei metade do meu...

— Senhora minha sobrinha, quem não tem, não pode dar! sou eu que lho digo.

— Fico-lhe muito obrigada.

— Não quero que goste do comendador!... exclamou Anastácio batendo com o pé.

Rosa desatou a rir.

— E ri-se ainda!... isto é insuportável!...

— Pois então, meu tio?... ordenar a uma moça que não ame a um certo homem, é o mesmo que incitá-la a ficar apaixonada por êle.

O velho não podia mais conter a sua cólera; olhava para a sobrinha com olhos ardentes; deixou-se por algum tempo ficar arquejando, e enfim murmurou surdamente:

— Deus perdoe a quem tem culpa.

— Não sei a quem se refere.

— Refiro-me a meu irmão, continuou Anastácio elevando pouco a pouco a voz: foi êle com seu amor cego e desvairado quem fêz de sua filha, em vez de uma moça prudente e assisada, uma cabeça ôca... uma doidinha extravagante!

Rosa encolheu os ombros.

— E' a educação, prosseguiu o velho, é a educação que recebemos a fonte principal de nossos bens e de nossos males: o que se podia esperar de uma senhora, que antes de aprender a rezar, aprendeu a dançar?...

— Que dançasse, respondeu Rosa sorrindo-se.

— Sim; e em resultado ficou a senhora minha sobrinha com todo seu juízo nos calcanhares! não pensa, não cuida senão em bailes; não sonha senão com eles.

— Ah! meu tio! que injustiça! pois não vê, que estou disposta a não ir a um sarau, para que me convidam?...

— E a razão disso?...

— A razão disso?... que importa?... o essencial é ficar em casa.

— Pois digo-lhe, que há de ir ao baile!

— Meu tio, começo a não compreendê-lo.

— Há de ir.

— Conforme.

— Conforme o quê?...

— Irei, se fôr também o comendador.

O velho levantou-se furioso: ia talvez começar a mais terrível das tempestades, quando bateram na escada.

Anastácio suspendeu-se, e balbuciou.

— Quem será este importuno?

— Pelo nacio do bater parece o comendador, respondeu a moça com maligno sorriso.

Com efeito anunciaram o namorado Sancho, que pouco depois entrou, e correu logo a beijar a mão de Rosa: teve porém de parar diante de Anastácio, que o susteve dizendo-lhe:

— Minha sobrinha dispensa êsses sinais de inocente consideração.

— Mas...

— Qual mas, senhor! não quero que beije a mão de minha sobrinha!

Sancho ficou imóvel e estupefato ante o velho roceiro. No entanto Rosa tinha fitado em seu tio um olhar cheio de angélica doçura e cuja significação somente poderia ser bem apreciada por quem conhecesse o que se passava no coração da pobre moça. Naquele olhar agradecia a Anastácio por tê-la poupado ao desgosto de sentir em sua delicada mãozinha êsse beijo de um amor estulto, de um amor de que ela se envergonhava dentro de si, e que fingia aceitar e corresponder, para vingar-se de um ingrato.

Mas o olhar de gratidão apagou-se de súbito. Despertou a vaidade da mulher; acendeu-se outra vez a chama dessa vingança de nova espécie, e dando à sua voz estudada suavidade, Rosa disse ao comendador:

— Desculpe meu tio: já deve conhecer o seu gênio, senhor comendador; venha *sentar-se* e conversemos.

Antes que Sancho o pudesse fazer, Anastácio foi tomar lugar junto da sobrinha.

O comendador estava comendo brasas.

— Tratamos do sarau de D. Laura, continuou Rosa.

— Ah! sim! não pode ser grande cousa, respondeu Sancho com ar de desprezo.

— Não pensa assim minha sobrinha, que já desde hoje se está preparando para dançar tóda a noite.

— Mas... meu tio...

— Ainda hem, tornou o comendador; peço-lhe desde já uma valsa, minha senhora.

— Como?... exclamou o velho; nós pensávamos que o senhor não tinha sido convidado!

-- Recebi hoje de manhã um convite

Anastácio ficou por sua vez desapontado.

— Com efeito! murmurou êle depois de alguns momentos de silêncio; era um contra-senso haver um baile, a que não fôsse o senhor comendador!

— Vejo que o Sr. Anastácio...

— O bom gosto sentir-se-ia ultrajado, prosseguiu o velho roceiro com acerba ironia: as senhoras mostrar-se-iam tristes, a música pareceria desafinada, e duas dúzias de balas pelo menos ficariam por estalar. O Sr. comendador é um homem impagável!...

O pobre Sancho, que não tirava partido argumentando com Anastácio achou que era mais prudente não lhe dar resposta, e voltando-se para Rosa, disse meigamente:

— E a valsa que pedi, minha senhora?...

— Não é possível; minha sobrinha torceu um pé ontem à noite.

— Já estou perfeitamente boa, meu tio; além de que não há calo nem torcedura, que impeça uma moça de dançar.

— Nesse caso posso contar com uma valsa?...

— Prometo-lhe duas, Sr. comendador.

O velho roceiro levantou-se encolerizado; Sancho sorriu-se cheio de vaidade; Rosa, que sorria-se também, tinha no entretanto o inferno dentro do coração.

## XVII

### O representante da época

Em casa da velha Basília andava tudo numa poeira com a noticia do sarau, que se preparava para festejar os anos de Laura.

Estava a velha ocupada em pregar uns babados novos em um vestido já de boa idade, e a moça a consultar o Juca sôbre a escolha de uma grinalda, quando entrou Faustino pensativo e carrancudo.

— Que há de novo?... perguntou o estudante.

— Tudo é velho, respondeu sêcamente o célebre publicista, atirando-se sôbre uma cadeira.

— Nada! essa verônica vem hoje muito desarranjada: aí há cousa.

D. Basília continuou a pregar os seus babados, e D. Clara a escolher suas flores com o Juca, enquanto Faustino resmoneava a sós enfezado e misterioso, como um traficante de africanos, de quem o cruzeiro inglês acaba de apresar um navio.

Finalmente ergue-se o publicista, e indo bater com a mão no ombro do Juca, disse-lhe o mais docemente que pôde:

— Juca, temos que falar sôbre negócio importante.

— Ah! eu logo vi, que havia cousa! vamos lá: fala.

— Aqui não: vem ao meu quarto.

— Bem... no nosso quarto: com licença, minhas senhoras.

O quarto de Faustino mostrava-se antigamente, ou antes até bem pouco tempo, com tão bom gôsto arranjado, que faria inveja a qualquer moça elegante. Desde porém que chegado da Bahia nêle se fôra estabelecer provisoriamente o Juca, penetrou a desordem e a extravagância nos dominios da moda e do tom: não se via traste, que estivesse em seu lugar; o toucador de Faustino era o cabide da casaca do estudante; rolavam pelo chão livros, roupa, papéis, e jornais, de modo que, segundo dizia o próprio Juca, tinha êle povoado de tal modo o reino de Faustino, que ninguém poderia viajar por êle sem o socorro da bússola.

Entraram os dois rapazes: o estudante pôs-se em mangas de camisa e deitou-se a fio comprido, enquanto o outro começou a passear ao longo do quarto com as mãos para trás à maneira de Carlos X.

— Então que é isso lá, publicista?

— Estou desesperado!

— Sim, bem vejo; estás com cara de candidato que perdeu a eleição: ou de estudante, a quem suspenderam a mesada em véspera de festa; ou de eterno procurador de irmandade, a quem lhe acabaram com a eternidade da procuradoria: escolhe lá uma destas três caras, e adora-a; porque é a tua de hoje.

— Nada de graças: tenho justos motivos para estar aflito.

— Pois vamos a êles.

— Juca! é o país que se acha à borda do abismo! é a nossa querida pátria, cujos altos destinos vão ser e estão sendo cada vez mais retardados pelos homens de um século corrupto, século de absurdos, século de privilégios!...

— Bravo!... excelente para um artigo de fundo!... é um rasgo de estuchar!

— Não! eu não escreverei mais nunca; quebrei para sempre a minha pena.

— Oh! desgraçada pátria!!! exclamou o estudante a rir-se rolando na cama como um doido.

— O privilégio!... o privilégio!... bradava Faustino torcendo as mãos.

— Apoiado, Faustino! privilégio é como a lua, — *come tudo*.

— Queres saber o que é a nossa política?... é um lauto banquete devorado pelos grandes à custa dos pequenos!

— Faustino, juro que tu ficaste mamado em alguma pretensão...

— Esses homens! esses homens grandes de todos os partidos entendem-se às mil maravilhas!... açulam o pobre povo que se debate por causa deles, que vêem touros de palanque rindo-se às gargalhadas!... os que sobem, dão pontapés nos degraus por onde subiram; e os que estão debaixo, irritam-se e brigam para chegar a sua vez de subir também, e de também zombar daqueles que por seu triunfo se comprometeram: em resultado todos eles são vivatões, e o povo é um tolo!

— Que revolução! que revolução se operou no espírito do publicista!...

— Esses homens têm pelo menos duas caras; nota bem, Juca, que eu digo pelo menos: uma é a cara, com que falam ao povo, cara de Aristides, de Régulo, cara de Catão; a outra é a cara com que namoram as pastas e os grandes empregos, cara de namorado, cara de fome, cara de quem pede esmola!!!

— O publicista levou de tábua! não há dúvida nenhuma.

— Mas não é isso, o que me exaspera; o que me irrita é o privilégio!

— Eis outra vez o privilégio! é agora a sua mania.

— Sim: falo do privilégio de ter pelo menos duas caras.

— Oh! esta é melhor!

— Repito o que disse; e eis-me aqui! eis-me aqui vítima desse horrível, desse hediondo privilégio.

— Como é isso então?

— Ah... descobriram enfim que eu escrevia três jornais, sustentando três diferentes opiniões políticas; descobriram que eu ousara armar-me de três caras diversas, e... e...

— Acaba...

— Venceu o privilégio: disse gemendo Faustino.

— Mas de que modo?...

— Despediram-me; enxotaram-me de todos os círculos; retiraram as assinaturas dos meus jornais; e eis-me reduzido a um verdadeiro leproso político... por causa do privilégio.

— Ora aqui está como se corta as asas de um grande gênio! exclamou com imperturbável seriedade o estudante.

Faustino ficou meditando durante muito tempo, até que o Juca,

que com atenção eminentemente cômica o observava, rompeu o silêncio perguntando-lhe:

— E agora?...

— Agora é preciso cuidar em outra coisa. Por ora fecharam-me a porta da política; e quando Juca?... quando?... quando eu me achava com as algibeiras em maré de lama... isto é... sem vintém!

— Eis o que se chama um estado antipolítico, e antiparlamentar!... um viver todo ao modo de poetas... sem vintém.

E o ex-publicista balbuciou por entre os dentes:

— Sem vintém!...

E outra vez deixou cair a cabeça meditando.

— Oh! mas isso é horrível, Faustino: comprehendes tu o que é um homem sem vintém?... é um bicho, que o próprio Buffon não teve ânimo de classificar; é um miserável que espitta à vista de gente, e ninguém lhe dá — *dominus tecum* —; e...

— E quem te disse, que sou pobre?... bradou Faustino enfurecido.

— Sem vintém!... murmurou sossegadamente o Juca rindo-se.

— Sim! sem vintém agora; mas rico, rico por força brevemente: um homem como eu, um espírito brilhante, como o que me anima, não se abate com tanta facilidade.

— Ah!, eu logo vi, que te havias de mostrar digno de ti mesmo; ora vamos, o que vais ser agora?...

— Vê se advinhas.

— O quê?... o meio de enriqueceres?...

— Sim.

— Olha: o mais rápido está em termos, graças a Deus, de dar brevemente em vaza-barris.

— Não é esse: não me serve por ser muito nebuloso... e demais... não quero ser caixeiro... e não tenho fundo para não ir ao fundo.

— Bem: então já sei que vais abrir casa de vigésimos, oitavos, quartos ou cautelas...

— Misérias! misérias!... não me abaixo a tanto: isso dá pouco...

— Queres ver, que vais anunciar alguma água específica para tirar as rugas da cara da gente, que não quer ser velha?...

— Olha, Juca, tiveste boa lembrança: isso era um negócio de tirar o pé do lódo! o sexo feminino erigia-me altares! mas não é ainda isso.

— Faustino, por quem és, não percas a idéa: ataca, esvazia a bolsa das velhas! oh! elas atrapalham-me horrivelmente quando converso com as moças; vingame!

— Não; não: tenho pensamento mais nobre e mais digno da época.

— Lá a respeito da época tens razão; tu és o seu mais genuíno representante.

— E então não adivinhas?...

— Espera; talvez te entrasse no juízo a possibilidade de te fazeres empresário de alguma companhia lírica ou dramática!

— Qual! não entendo pitada dessas matérias.

— Asneira no caso! quem te disse, que era necessário entender de teatro lírico ou dramático para ser empresário de uma ou de quatrocentas companhias?... com um público, como o nosso, Faustino, não há nada impossível no mundo!

— Mas o privilégio, Juca, o maldito privilégio!

— Tens razão... tens razão: dou as mãos à palmatória; tu és um sábio, e eu me tinha esquecido do privilégio da ignorância.

— Vamos adiante.

— Não posso mais: espichei-me no teatro; não me quero expor a novo desapontamento.

— Pois então vou eu abrir-te o meu coração, e fazer-te confiante de meus planos, tanto mais que devo pedir-te um favor.

— Diabos! também sou carta que entra no jôgo! Faustino, lembra-te da minha qualidade de estudante... olha, que não sou seguro na busca.

— O negócio é simples.

— Com um estudante no meio complica-se necessariamente.

— Ora... tu entras apenas por acidente.

— Pior; protagonista, ou nada: não sirvo para comparsa.

— Queres ouvir ou não?...

— Fala.

— Vou casar-me.

— Sem vintém!!!

— Por isso mesmo.

— Bravo! quando é o dia das núpcias?...

— Ainda não sei.

— Mau: então o que te falta?...

— Noiva.

— Bem: para um homem, que se vai casar, o faltar-lhe a noiva não é cousa de importância; o essencial é casar-se. Este Faustino é um portento! um gênio! um milagre de carne e osso!...

— E' que tu tens o mau costume de me cortar a palavra a todos os momentos.

— Pois fala de uma vez.

— Quero casar-me.

— Ah! isso agora é outro falar: queres casar-te; e com quem?...

— Ainda não sei.

— Então amas a mais de uma?... Oh! caro colega!

— Amar?! tu estás tolo?... eu amar?... para quê?...

— Para casar; pois então?...

— Olhem que pateta! eu, o grande intérprete das idéias e dos princípios da actualidade; eu, o representante genuíno da época, como me chamaste há pouco, havia de desmentir o elevado conceito que mereço, cometendo a enormíssima loucura de amar para me casar!...

— Vamos sempre a melhor! eu ao pé deste gigante fico tão pequenino, que a mim mesmo não me enxergo!

— Pois admira, e aprende.

— Mas quais são as tuas vistas, quais os teus planos, como entro em semelhante embrulhada?...

— Escuta: o casamento é um negócio, como tantos outros.

— Hein?...

— Partamos deste princípio, Juca: o casamento não é um meio de vida, mas em regra deve ser um arranjo de vida.

— E' um dogma de moral evangélica, não há dúvida...

— No casamento, a mulher deve ser o meio e o dote o fim.

— Bravo!

— Pouco importa que a mulher seja feia ou bonita, moça ou velha, esbelta ou corcovada: se fôr muda tanto melhor.

— Que cabeça de rapaz!

— O essencial é que ela se faça distinguir, trazendo em dote algumas dúzias de contos de réis.

— Ah! Faustino, para qualquer lado que te voltes sempre te mostras com cara de monjolo!...

— Uma mulher sem dote é um pesadelo abominável!... é uma desafinação eterna na solfa dos cálculos da ambição... é um absurdo vivo das regras do bem viver... ah! sim! uma mulher sem dote é o fantasma terrível, que me persegue na vigília e no sono, escrevendo pelas paredes a frase de maldição, que condena o homem ao desprezo e à nulidade, a frase fatal e insidiosa, o *mané... thecel... phares* — do século actual... *sem vintém!*

— Excelente! excelente!...

— Uma mulher rica é a chave d'ouro, que abre as portas da politica e das grandezas; é o talismã poderoso, que torna o marido homem de bem ainda que seja um tratante, formoso como Adônis ainda que seja um Vulcano! uma mulher, que se faz acompanhar de pingue dote, é fresca como um botão de rosa, mesmo tendo mais de sessenta anos de idade, e bela como a Vênus de Médicis, mesmo com uma cara de desmamar crianças.

— Ah!... que noivo perdeu em Faustino a minha querida Bonifácia!... a natureza os tinha sem dúvida formado um para o outro: o rosto dela e o coração d'ele são dois irmãozinhos gêmeos.

— Embora: zomba de mim, como te parecer; no entretanto são estes os meus princípios invariáveis.

— E a consequência?...

— Ora... a consequência é casar-me.

— Mas com quem, diabo, com quem?...

— Com uma mulher rica, está visto.

— E querer-te-á ela?...

— Entre dez ou doze sempre acertarei com uma que queira.

— Bom... bom! já tens dez ou doze de olho?...

— Vinte cinco.

— Um quarteirão de noivas!.. ricas tôdas elas, não é assim?...

— Que pergunta!... eu fujo de mulher pobre, como um ladrão da policia.

— Mas cuidado, Faustino: olho vivo! eu conheço alguns que abraçaram a nuvem por Juno: foram atrás do dote, e saiu-lhes a emenda pior que o soneto.

— Eram uns tolos. Cá comigo a cousa é outra: tenho tôdas as vinte cinco documentadas.

— Quê?... documentadas?...

— Pois então?... não há cartórios na côrte, e nos cartórios não se encontram inventários?... não se acham amigos officiosos para dar informações?... caixeiros que contam o que lêem nos livros dos amos... etc., e etc?...

— Ah! Faustino! quanta pouca vergonha está envolvida nesses *et caetera!*...

— Cala-te: sou teu amigo, conto com a tua amizade, e é por isso que te faço confidente dos meus segredos.

— Bem, mas diz-me: eu conheço algumas das tuas vinte cinco noivas?...

— Muitas.

— Oh! illustre e genuino representante da época, fala, quais são elas?... onde moram?... quanto têm de dote?

Faustino abriu uma gaveta, tirou de dentro uma fôlha de papel, e voltou-a para o Juca:

— Dar-te-ei conta daquelas que conheces; as outras pouco te importam.

— Sim; vamos a isso.

Faustino começou a ler:

— “D. Laura, moça ainda, de vinte anns pouco mais ou menos, não é feia: órfã, vive na companhia da avó, cujos bens chegarão quando muito a sessenta contos de réis. Coube-lhe em legítima seis escravos, um piano, e uma mobília velha, mas é a única herdeira da avó, e morreu-lhe há pouco uma tia, que lhe deixou uma chácara no valor de vinte quatro contos de réis.”

— Oh!... esta já te servia, Faustino!

— Nem por isso; só se lhe morresse a avó três dias depois do nosso casamento.

— Adiante.

— “D. Clarice: vinte e seis anns, pais vivos, tios solteiros ricos; feia e coxa; mas com uma vontade de casar desesperada; dote em

moeda e de corpo presente cinqüenta contos de réis: pela morte dos pais, que são sovinas, *fortunão*; tem dois irmãos, mas um está tísico e outro é doido.

— Bravo!

— “D. Rosa, filha de Maurício: legítima materna — trinta e três contos de réis, pela morte do pai caber-lhe-á o triplo; porque é filha única, e Maurício tem fortuna sólida; supõe-se que um tio de nome Anastácio a deixará sua herdeira. D. Rosa é fazenda fina: bela, espirituosa e muito moça, mas tem veia de maluca; diz que não quer casar.

— A melhor!... sublime!...

— “D. Irene: viúva; idade cinqüenta e cinco anos; dentadura postiça; tinge os cabelos: é um pouco corcovada; horrivelmente feia; gênio de mil diabos; namoradeira e presunçosa; dizem que adiantou a morte do marido; tem quatrocentas apólices de conto de réis, e não deve a ninguém; é um anjo!”

— Bravo!... bravo!...

Faustino suspirou.

— Prossegue, disse-lhe o Juca.

— Não, não; respondeu o ex-publicista dobrando e guardando o papel; quando chego ao nome desta encantadora Irene, não tenho ânimo de passar adiante.

— Tu brincas, Faustino.

— Nunca falei tão sério, Juca; D. Irene possui quatrocentas apólices de conto de réis... é um serafim!...

— Velha... feia... rabugenta... massante... falando como uma maitaca...

— E com quatrocentas apólices de conto de réis!!!

— E fazendo-se quase sempre acompanhar da filha e da sobrinha de D. Mafalda para mais horrível parecer.

— Por quê?...

— Porque a primeira dessas moças tem uns olhos pretos, que fazem morrer de amor a quem os vê.

— Essa terá de dote apenas uns dezessis a vinte mil cruzados, e por tal preço não carregava eu uma mulher para casa.

— E a outra tem uma boca tão bonita, tão engraçada que...

— Que parece mesmo estar pronunciando a palavra de maldição: *sem vitória!*

— Por consequência amas a velha...

— Não: isso nunca!

— Então...

— Adoro as apólices da velha: que queres mais que eu diga?...

O Juca sentou-se, e dando a seu rosto um ar solene e grave:

— Faustino, disse; devo pensar, que desde meia hora graças comigo,

— Ao contrário.

— Pois então afirmo-te, que moço ainda em anos, estás velho já na desmoralização!

— Qué!

— Digo-te que causa pena ver um homem na idade dos sentimentos nobres e ardentes, na idade do desinteresse e da abnegação estar já corrupto, como aquêlê que envelhece no crime.

— Isto é realmente muito sentimental!

— Digo-te, que a consciência daquele que vende a sua liberdade, o seu amor, a sua honra por um ou por mil contos de réis é uma consciencia de mesa de leilão, ou de tabuleiro do mercado.

— Que pedaço de asno... ainda está com os beiços com que mamou.

— Digo-te que o homem que ilude uma mulher, jurando-lhe um amor que lhe não tributa, que leva a pobre infeliz ao altar de himeneu e lá estende a destra não a ela, mas ao seu dinheiro, é um homem baixo e vil, como o verme; é um miserável que desonra a sua espécie, e tem um coração batido na casa da moeda.

— Bravo!... que reformador da sociedade está se criando aqui!

— Zombar da mais fraca das criaturas... zombar da mulher... mirrar-lhe n'alma a flor sagrada, que Deus lá plantou... rir-se... matar afogado no escárnio o seu elemento de vida... o amor!

— Assim, meu poeta, tens razão; toma a defesa das santinhas; *matar afogado no escárnio o seu elemento de vida... o amor!* é o mais é, que é assim mesmo! o amor é o seu elemento de vida; por isso elas vivem amando sempre a um, dez, vinte, cinquenta... cem...

— O erro de algumas não pode importar a culpa de tôdas.

— Estão no seu direito... devem viver, e tratar de viver: o amor é o seu elemento de vida; *magister dixit.*

— Faustino! tu não tens um átomo de generosidade no coração.

— Juca! tu não tens um glóbulo homoeopático de juízo na cabeça.

— Eu prezo a honra.

— Eu reconheço o poder do dinheiro.

— Nunca passarás de um cambista.

— E tu hás de ser poeta tôda tua vida.

— Oh!... praza ao céu, que eu pudesse merecer o nome de poeta.

— Ah!... quem me dera poder casar com as quatrocentas apólices da velha Irene...

— O mundo te escreveria na fronte — baixo e vil.

— E havia de ler-te nas magras algibeiras: — *sem vintém.*

— Antes isso.

— Pois não discutamos mais, meu Juca: estamos ambos firmes

em nossos princípios; vamos vivendo com êles, e no meio da viagem veremos quem se arrepende.

— Talvez que possas rir-te no meio da viagem, mas no fim?!

— Lá chegaremos. Agora o que mais me importa é o obséquio, que te pretendia pedir.

— A mim?... sôbre isto?...

— Sim.

— Creio que não nos podemos entender, Faustino.

— A cousa é de simplicidade extrema.

— Dize lá!

— Escuta: apesar de tôda essa moralidade que ostentas, tu, pobre pecador, cometes a fraqueza de namorar a meia dúzia de moças de cada vez.

— Adiante, disse o Juca um pouco desconcertado com aquela justa observação.

— Em casa de Maurício, continuou Faustino, além de fazeres os teus cumprimentos à filha e à sobrinha de D. Mafalda, finges-te apaixonado de D. Laura, metes figas a D. Rosinha, e nem ao menos desanimas a minha encantadora Irene, que te persegue com tanta constância, como um pretendente a empregos públicos aos ministros de estado.

— E que mais?...

— Quisera que me fizesses o especial favor de te tornares exclusivo.

— Detesto o exclusivismo: o privilégio mata o progresso; *magister dixit*.

— Olha: com a filha e a sobrinha de D. Mafalda não é minha questão: podes continuar a amar a ambas ao mesmo tempo.

— Obrigado pela concessão; e as outras?...

— As outras é outro caso, Juca; faz-se preciso que te decidas por uma: ou D. Rosinha, ou D. Laura, ou a interessante Irene.

— Até essa?...

— Que remédio! bem me custa; mas eu quero a paz.

— Portanto...

— Decide-te por uma: reflete sôbre a que mais te convém.

— Tenho refletido.

— E então?...

— Convém-me tódas três.

— Mesmo a velha?...

— Mesmo a velha.

— Juca! queres por consequência levantar-te diante do meu futuro.

— Já me cansas a paciência, Faustino.

— Queres encontrar-te comigo no campo da batalha?...

— E tu queres deixar-me sossegadamente alguns instantes?...

— Juca, repara que eu posso tirar uma desforra estrepitosa!

- De quem, pateta?...  
 — De ti, meu sábio.  
 — Pois tira-a.  
 — Tu me desafia?... tu me lanças a luva?... bem: fica sabendo que para ti nem Laura, nem Rosa, nem velha.  
 — Começas a divertir-me um pouco, Faustino.  
 — Eu te previno: no baile de D. Laura arranco-te a máscara...  
 — Muito bem.  
 — Demonstrarei que és um inconstante, um bandoleiro, um beija-flor de casaca...  
 — Perdes o teu tempo: elas já sabem disso...  
 — E aparecendo constantemente a teu lado...  
 — Misericórdia?... dessa maneira sim fico perdido...  
 — Então por quê?...  
 — Por causa daquela maldita regra de que constantemente me queixo: ah! Faustino! porque a mulher pega sempre no pior!  
 — Ainda em cima o escárnio!  
 — Pois se somos inimigos! não disseste, que nos íamos bater?  
 — Bem: perdôo-te tudo quanto fizeres contra mim no baile.  
 — Eu?! palavra de honra que não pretendo ocupar-me contigo a quarta parte de um minuto.  
 — Até o baile, Sr. estudante!  
 — Oh! pois não! até o baile, meu caro e respeitável cambista; até o baile.

## XVIII

## Manhã de moças

A chácara de Laura, situada em um dos arrabaldes mais estimados desta nossa boa cidade do Rio de Janeiro, se desdobra pela encosta de um monte pouco elevado, repartida em belas zonas de arbustos floridos, e em vastos quadrilongos cheios de árvores frutíferas. Ao pé do monte corre um tênue regato, que enroscando-se como uma serpente que foge, serpeja pelo vale até ir desaparecer embebendo-se no mistério de um bosque vizinho. No ponto mais elevado e pitoresco do sítio se levanta uma casa alta, espaçosa, terminando-se pela frente em uma grande varanda, e aos lados por terraços, aquela, cercada de grades de ferro, e éstes, de baixas muralhas de tijolo.

Duas grandes salas abrindo-se ambas para a varanda, e cada uma para o terraço que a ladeia, alguns quartos em seguida, e enfim uma excelente sala de jantar, eis o que principalmente se faz notar nessa casa, que forma com seu pomar e seus jardins o precioso legado que uma tia amorosa deixara a Laura, tornando assim a sobrinha vinte vêzes mais bonita na opinião de Faustino, e de muitos

outros moços e velhos da moda, que embora não faiem com a franqueza do filho da velha Basília, pensam ao menos exatamente como êle.

Era pois aí que vinha Laura festejar os seus anos, e aonde já se achava com algumas amigas suas desde a véspera do dia feliz.

Laura tinha escolhido a dedo as companheiras de que se rodeava. Os satélites eram sem dúvida alguma bem dignos do astro em torno do qual giravam. Doze moças, que na balança das travessuras pesavam mais do que doze dúzias de rapazes, formavam esse interessante grupo, onde a par da rainha da festa primava entre outras a filha e a sobrinha de D. Mafalda, uma moça alta, magra e pálida, que se chamava Honorata, e que estava a um lustro teimando sempre em fazer vinte e três anos, e enfim uma outra, que não tendo tocado essa idade, tinha já um corpo de Senhora de quarenta, e apesar de a tratarem as companheiras por — Fífina — mostrava-se em opposição a Honorata e ao diminutivo do seu nome gorda e corpulenta como uma amazona da antiguidade.

A velha Juliana, que também desde a véspera havia acompanhado as moças, tinha em castigo ficado até alta noite sem poder pregar olho. Laura e suas amigas, chegando as horas de descansar, entenderam que muito conveniente lhes era dormirem tôdas em uma das duas grandes salas; e desde o momento em que deram as boas-noites à pobre velha, e se acharam em completa liberdade, fizeram tal matinada, que o dormitório improvisado parecia mais a escola do *Tico-tico* em dia de Santo Aleixo, do que sala onde estivesse gente de juízo.

Dizem muitos que de rapazes juntos até o diabo foge; pois o provérbio assenta ainda melhor nas moças: quando elas se reúnem, e podem sem recio de olhos ou de ouvidos profanos, rir, brincar, e falar livremente, a mais sonsinha delas, a menos travessa de tôdas, vale o dôbro do mais arteiro e endiabrado estudante.

Reinara a confusão da Torre de Babel no tal feminino dormitório, que pôde em alguns momentos ser justamente comparado à *ante-sala de uma grande sala quando num certo dia do mês chega a suspirada fôlha*. Primeiro falaram tôdas de uma vez atrapalhando-se mutuamente; juraram amizade eterna umas às outras, que se achavam presentes, e disseram cobras e lagartos daquelas que estavam ausentes; quando, graças à fadiga, não puderam mais falar tôdas ao mesmo tempo, foi cada uma por sua vez, e com a maior modéstia dêste mundo, enumerando os seus apaixonados, e fazendo a história de suas conquistas; e em tal empenho mostraram tão grande habilidade, que a carinha mais de desmamar criança que lá se via, tinha pelo menos dez loucos admiradores. A observação do que se passa neste mundo demonstra que as moças que falam quase sempre a verdade, quando tratam de amor, inventam e exageram tanto, como um soldado que volta da campanha.

Quando não houve mais que contar, nem que dizer, appareceu em tôda sua fôrça a mania dançarina: uma propôs, e tôdas apoiaram. E' preciso porém não esquecer que quem propôs foi a Fifina. A execução foi quase tão pronta como a idéia: abriram a porta que dava para outra sala, onde estava um piano, e correram tôdas rindo, gritando, e forjando logo uma quadrilha variada e estrepitosa. Laura tocou, e suas amigas dançaram, menos uma, que ficou sem ter *cavalheiro*.

E' escusado dizer que a dança não seguiu nem teve a sua marcha comum e ordinária: as senhoras que representavam de cavalheiros tomaram os nomes dos apaixonados das amigas, com as quais estavam dançando.

— Oh! mas tu não danças, Ismênia?... perguntou Laura à moça que ficava sentada.

— Eu agora não me chamo Ismênia, respondeu ela; o meu nome é o teu — sou Laura.

— Pois bem; não danças?...

— Oh! não: o meu querido Juca não está presente; não quero dançar.

Laura corou e as outras aplaudiram; a contradança começou logo depois.

Fôra de ver e de ouvir os *gatimanhos* que fizeram, e as finezas que disseram a seus lindos pares os cavalheiros improvisados; fôra mesmo de admirar a graça e a verdade, com que os ausentes apaixonados foram ali arremedados no dançar, no falar, e nos modos, o que dava lugar muitas vêzes a risadas e palmas capazes de acordar a *meia idade*. Como era natural, a contradança tornou-se muito cedo no fado mais rigoroso, que tanto se prolongou, e com tanta desordem foi dançado, que a boa velha Juliana perdeu de todo a paciência, e vindo bater à porta da sala, deixou ouvir a frase costumeira:

— Meninas! que bulha é essa? vão se deitar!

De repente fugiram tôdas as moças, e correram como de ajuste para suas camas. Reinou por alguns momentos profundo silêncio; depois as mais traquinas beliscaram as menos desinquietas; ouviu-se o ruído de algumas risadinhas mal comprimidas; e finalmente, passados poucos instantes, continuou a algazarra. A paciente velha viu que nada podia conseguir de semelhante povo rebelde, e por isso não se quis levantar outra vez inútilmente; sujeitou-se pois a passar a noite em claro, quando veio o mais trivial de todos os fenômenos fazer reinar a paz e a ordem no bulhento dormitório.

Estavam de novo tôdas as moças de pé rindo e saltando loucamente: eis que de improviso cai do teto unta *inocente mas enorme* aranha, que trata de salvar-se correndo por entre aquelas interessantes traquinas, as quais mal percebem o *pavoroso bicho*, gritam, fogem, e se precipitam para suas camas, escondendo-se enfim por baixo das cobertas.

Quietas já e medrosas diante da aranha terrível, que tendo conseguido tornar à sua teia, as observava de cima do teto, como um juiz inexorável, as pobres moças apenas daí a algum tempo trataram de se despir, olhando no entretanto umas para as outras muito sorratamente e contando com o mais admirável cuidado quantas saias cada uma trazia.

Após um longo velar vem um longo dormir: eram onze horas do dia, quando as belas preguiçosas começaram a pensar em levantar-se.

À uma hora da tarde tinham acabado de almoçar, e foram, tôdas a um tempo, espalhar-se pela grande varanda, como uma cesta de flores que se tivesse derramado sôbre o tapête de uma galeria encantada.

Além de tôdas as belezas naturais do sítio, tinha vindo uma manga d'água, que chovera ao romper dêsse dia, emprestar à chácara de Laura um encanto novo: o regato, que serpenteia no vale, tinha engrossado, e transbordando as margens, simulava um lago ao sopé da montanha.

Sôbre o parapeito da varanda havia um óculo, do qual imediatamente tomou conta D. Isabel, que era sem mais nem menos a filha de D. Mafalda, de cujos belos olhos pretos o Juca tinha falado ao interesseiro Faustino; e enquanto ela, mercê dêsse óculo, examinava os carros, cabriolés, e os cavaleiros, que de momento a momento ao longe passavam, parecendo às vézes dirigir-se à chácara de Laura, ocupavam-se as outras em discorrer sôbre o acontecimento da noite passada, que já era referido com tanta exageração, que a inocente aranha chegara a transformar-se em um enxame de centopéias. Não é possível prever a que altura seria levada essa importante questão, se porventura não fôsse de súbito cortada a discussão pela voz argentina de D. Isabel, que exclamou, sem despregar-se do óculo:

— Silêncio! basta de aranha!...

— Por quê?... perguntaram tôdas.

— Porque brilha amor.

— Então o que é?... o que é?

— Nada menos do que uma interessante cavalgada: D. Rosinha vestida de amazona, cavalgando um palafrém murzelo; o Sr. Marício, em um ginete castanho; o illustre comendador em um alazão, que merecia mais que um Sancho, porque não há Sancho sem D. Quixote; o velho Anastácio em um pobre rocinante magro!...

— Bravo! bravo!

— Falta ainda o melhor.

— Vamos, pois!

— E' um amor que brilha, repito: é a formosa e encantadora Irene, que com um chapéu côr de ametista, e um vestido côr de crisópraso cavalga uma linda hacanêia côr de pérola.

As moças desataram a rir.

— Chega amor! chega amor! gritavam por entre risadas.

Com efeito, a cavalgada que D. Isabel acabava de anunciar, vinha-se aproximando da chácara de Laura.

— Já sabemos, disse uma, de que côr é o chapéu, o vestido e a hacanéia de D. Irene; mas D. Isabel, você ainda não disse com que côr vem a mesma!

— Não se pode dizer de tão longe; tanto mais que ela muda de côr todos os dias, conforme a paciência que emprega no ato de se cair.

— Bravo! a cavalgada avança! é D. Irene mesma! vejam a graça com que menciona o chicotinho!

— Vão passar o regato...

— Não é o regato... é, o lago: vão passar o lago encantado!...

— Afastem-se tôdas! exclamou uma moça alta e magra que se chama Fernandina, e que tem olhos tão bonitos como o de D. Isabel; afastem-se, e saibam que eu declaro que D. Irene não é amor.

— Então por quê?...

— Porque é bicho.

— Ou César, ou João Fernandes; observou D. Fifina.

— Mas a consequência?... perguntaram as outras a Fernandina.

— E' que eu passei a última festa de natal em serra acima, e então tive ocasião de aprender com uma velha a matar os bichos que dão nos animais...

— Ora...

— Reza-se uma reza que eu sei, com os olhos fitos no lugar onde existem os bichos, e vão todos caindo um por um como por encanto.

— Bem: e que mais?

— Quando D. Irene tiver atravessado o regato, que ainda há pouco se chamou lago encantado, fito os olhos nela, repito a oração que aprendi, e juro que a nossa viúva há de tomar um banho.

— Que asneira!

— Qual asneira! a regra é infalível; a oração não falha: D. Irene é bicho; logo há de cair.

De repente apinharam-se tôdas as moças no parapeito da varanda, movidas por extrema curiosidade: a cavalgada chegava ao regato.

— Lá vem ela! disse uma das moças.

— Olhem os momos que faz...

— Que horríveis caretas não estará fazendo...

— Silêncio exclamou Fernandina. Já estou olhando fixamente para a interessante viúva: vou agora começar a oração.

Com efeito enquanto as outras moças observavam a cena, a bela magnetizadora murmurava frase imperceptíveis, tendo os olhos embebidos e quase sem pestanejar na figura da velha Irene.

A cavalgada tinha parado um instante à beira do regato, porque a viúva foi logo acometida de um terrível ataque de faniquitos, que começaram a contrariar ao rabugento Anastácio. Logo depois o comendador deu de rédea ao cavalo e passou o lago que não tinha mais que dois palmos d'água, seguindo-o de perto muito de propósito o velho roceiro, que fustigando o seu rocinante molhou da cabeça aos pés o pobre Sancho.

Depois de Maurício e Rosa teve finalmente de passar Irene...

— Enfim!... murmurou uma das moças no parapeito da varanda.

E ou fôsse o poder da oração, ou fôrça magnética dos belos olhos de Fernandina, ou justo castigo dos sestros e monos da própria Irene, o certo é que no meio do chamado lago, ela talvez involuntariamente, sofria o cavalo, que executando um movimento mais ligeiro, faz a velha perder o equilíbrio e cair dentro d'água.

Não é possível descrever a cena que se passou então: o velho Anastácio ria-se tanto e tão sem cerimônia como a sobrinha; Maurício mal podia conter-se, e o comendador rindo-se também dava ordens aos criados para acudirem a Irene tendo os olhos embebidos em Rosa.

— Caiu! caiu!... ela caiu!... exclamavam na varanda as moças a rir desesperadamente.

— Morreu o bicho! disse com imperturbável seriedade Fernandina, deixando o parapeito.

A festa que se fazia naquela varanda em louvor da queda de Irene, o côro de risadas estrepitosas, os epigramas que se diziam não acabariam talvez nunca, se enfim não fôsem interrompidos pela chegada de Maurício e seus companheiros.

Operou-se então uma mudança completa na fisionomia do belo grupo, que deixando a varanda, desceu a receber os recém-chegados: cada uma daquelas inocentes moças, que ainda há pouco se desfaziam em risadas com a queda da velha Irene, ia agora triste, e como ressentida do fatal successo, cobrindo de lamentações e de pêsames a pobre viúva, que de sua parte, e para disfarçar sua vergonha, quis ensaiar um sorriso e conseguiu apenas fazer uma careta.

Logo depois a dona da casa conduziu a infeliz cavaleira a um quarto para mudar a roupa: não haviam porém consolações, que pudessem abafar a dor pungente, que atormentava a viúva. Sua tristeza começava a incomodar também o resto da sociedade, quando felizmente chega à chácara de Laura D. Deolinda, diretora de um colégio de meninas, e amiga dedicada da velha Irene.

D. Deolinda era uma senhora de mais de cinquenta anos, muito alta, muito magra, muito pálida, e muito pretensiosa. Tinha lido todos os dramas de Alexandre Dumas, e sabia de cor e salteado todos os romances de Paulo de Kock: apresentava-se pois como literata, e era professôra de meninas.

Apenas soube do que havia acontecido a Irene, correu a ter com a amiga, que a recebeu com os braços abertos. As outras senhoras foram pouco a pouco se retirando até finalmente as duas representantes do século passado acharem-se a sós e em completa liberdade.

— Oh! minha boa amiga! exclamou a professora; que querem dizer essas lágrimas?...

— Ah! respondeu Irene por entre soluços; foi uma desgraça horrerosa!...

— Quê! pois é a primeira vez que se vê dar uma queda de cavalo?!!

— A queda?... a queda é o menos: não direi que muitas caiam; mas sei que ao menos se deixam escorregar para ter a ocasião de pôr à mostra a metade da perna.

— Pois então...

— Oh! não! não foi a queda: são essas lingüinhas de víbora, que ainda há pouco saíram daqui: veja minha querida amiga, a uma ouvi eu dizer ao ouvido de outra: "quando caiu n'água parecia um balão cheio de gás; e quando saiu do banho estava escorridinha, como um palito!..."

— Ora... deixe-as falar: sossegue.

— Qual! tenho no coração um espinho que me fere sem cessar: sou muito desgraçada!...

— O que é que tem?... fale...

— Ah! nem ao menos trouxe o meu criado.

— Que importa isso?

— As minhas mucamas puseram na lata vestidos sòmente...

— E daí?...

— E daí... é que as minhas saias estão molhadas... ouviu?... e... pôsto que eu não seja mal feita... olhe, minha amiga do coração, assim... com o vestido em cima do corpo, juro que não hei de aparecer.

E a pobre velha, que tinha balda de moça, desatou outra vez a chorar.

— Ah! pois é só isso?... perguntou D. Deolinda: anime-se; hei de provar-lhe que sou sua amiga; nós vamos remediar êsse inconveniente.

— Mas como?...

— De modo muito simples; como porém eu gosto dos acontecimentos inesperados, das figuras românticas e vaporosas, proponho-lhe que feche os olhos, e que os não abra senão quando me ouvir bater palmas.

— E para que isto?...

— Fie-se em mim; aliás não temos feito nada.

— Ah! exclamou a viúva; eu me entrego de olhos fechados à sua amizade.

Dito e feito: Irene fechou os olhos e esperou ouvir as palmas; enfim elas soaram, e a viúva abrindo os olhos viu D. Deolinda em pé diante dela mostrando-lhe três grandes saias, que como por encanto apareciam ali.

— Oh! minha boa amiga! a senhora é o meu bom gênio! aparece no meio dessas bem-aventuradas saias, como um anjo surgindo do meio de uma nuvem branca!...

D. Deolinda sorriu-se mostrando uma terrível dentadura postiça e pôs-se a olhar para os lados mirando-se, a ver como tinha ficado, depois daquele enorme sacrifício feito à amizade: finalmente sorriu-se de novo, e disse:

— Não são bastantes; mas sempre chegam para remediar.

— Ah! respondeu a viúva suspirando; às vêzes o pouco é uma riqueza espantosa.

A viúva tratou logo de vestir-se; foi porém necessário fazer pregas nas saias que eram muito compridas, e assim se demoraram ainda tanto tempo as duas velhas, que quando voltaram à sala, já a acharam cheia de convidados, que vinham a todos os momentos chegando da cidade.

O número das senhoras era já muito elevado; no entretanto brilhava Rosa sôbre tôdas elas. Viera à festa dos anos de Laura, como quem tinha compreendido que recebera antes um cartel de desafio do que um convite de amizade, e conseqüentemente apresentava-se armada de ponto em branco pronta para seu terrível combate, isto é: o seu vestido era magnifico, seus enfeites de apurado gosto, o seu ar o de uma princesa graciosa e bela, e o seu rosto, êsse, como sempre, o de uma donzela encantadora; rosto, onde os traços os mais perfectos resplandeciam como o verniz da mocidade.

Laura tinha chamado a sua rival para sentar-se a seu lado, e conversavam ambas risonhas e afáveis, mas deixando às vêzes cair no meio da conversação epigramas finos, como pontas de alfinêtes, com que mutuamente se feriam; sem que ninguém percebesse. Assemelhavam-se a um deputado da opposição sentado ao pé do ministro, a quem mais guerra fêz, justamente porque lhe namora a pasta, e com quem conversa com a maior intimidade dêste mundo, minutos antes de ter a palavra para pôr patentes as misérias do ministério aos olhos do pobre país.

A entrada de Irene e Deolinda na sala separou as duas amigas; Laura correu a abraçar de novo a viúva, e foi sentar-se junto dela, maldizendo a chuva que enchera o regato, e a queda fatal que dera Irene apesar de habiíissima cavaleira.

Anastácio achava-se defronte do comendador no meio de uma roda de rapazes, que se divertiam ouvindo as observações que fazia o velho roceiro a respeito de Sancho, de quem se fizera Cabrion desde que o julgara namorado da sobrinha.

D. Deolinda, como literata e diretora de um colégio de meninas

julgou dever chamar a sociedade a um ponto único de conversação, que fôsse não somente agradável, mas também moral: e portanto escolheu um objeto digno da sua idade e da sua profissão: falou sobre amor.

Irene suspirava, o comendador estendia o pescoço, e o velho roceiro sabendo que Deolinda era mestra de meninas, já não podendo conter-se, propunha-se a entrar na discussão, quando D. Ferdinanda, que passeava na varanda, correu para a sala exclamando:

— Adivinhem quem vai chegar!

— Quem é...

— D. Basília, sua filha, o Sr. Faustino, e...

— Quem mais?...

— O Sr. Juca.

Insensivelmente Rosa e Laura estremeceram ao mesmo tempo, e ao mesmo tempo cravaram os olhos uma na outra.

Ambas coraram até as raízes dos cabelos: depois Laura lançou para a porta de entrada um olhar vitorioso, e Rosa deixou pairar em seus lábios um sorriso de ironia terrível.

Tudo isto foi obra de um instante.

## XIX

### Fervet opus

A sociedade reunida na chácara de Laura se abandonava toda aos ardentes encantos do baile: a dança, a música, e o jogo ocupavam a quase todos; a observação a alguns apenas; ao meio dêsse ruído incessante, dêsse movimento geral, dessa alegria brilhante, que fazia resplandecer a fisionomia da reunião, se estavam no entretanto passando mistérios curiosos, e intriguinhas femininas, que faziam o tormento de alguns corações.

O olhar soberbo e vitorioso, que Laura havia lançado para a porta da entrada, quando se anunciara o Juca, fôra como uma seta envenenada, que se entranhara no seio de Rosa. Entre dois cavaleiros aquêle olhar seria uma luva atirada por um ao rosto do outro; entre duas senhoras significa, além da certeza de um triunfo, um sarcasmo lançado contra a vencida: iam nesse olhar glória, orgulho, e escárnio de mistura.

O amor-próprio da filha de Mauricio, levantou-se furiosamente revoltado contra razão dela mesma: quebrou tôdas as suas prisões, lançou por terra tôdas as barreiras, e a todo custo bradou pela vingança! Oh! naquele momento Rosa escutaria com o sorriso nos lábios os protestos de amor do volúvel e travêssio estudante, a quem até então fingira desprezar somente para ter também ocasião de por sua vez olhar orgulhosa e vitoriosamente para Laura.

Mas o que lhe cumpria fazer para vingar-se? o espírito da exaltada moça perdia-se em um labirinto de dúvidas e contradições: continuar a mostrar-se sensível aos obséquios do comendador era um meio, que nem até nesse dia lhe aproveitara, nem mesmo tinha ela mais forças para empregá-lo; ir ela mesma procurar reconciliar-se com êsse cruel e desinquieto mancebo era um passo pouco digno de uma senhora qualquer, e ainda menos dela, que tinha consciência do que valia; mostrar-se, como até então, indiferente aos triunfos de sua rival, não comportava mais o estado do seu coração, pois que Rosa já havia tragado até as fezes do seu cálix de amargura de moça bonita, que ama e que deseja ser amada.

Tôdas estas idéias se revolviam no ânimo da filha de Mauricio de um modo terrível, sem que ela ao menos pudesse tomar um partido decisivo. A tarde assim se passou, veio a noite, chegou enfim a hora do baile, abriu-se o campo da grande batalha, e Rosa nêle se arrojou, como um bravo cavaleiro que entra na luta sem medo e ao mesmo tempo sem esperança de vitória.

O Juca, o endiabrado estudante causa de tantos tormentos, se porventura tinha também espinhos no coração, ao menos sabia bem escondê-los, apresentando-se contente e feliz, todo entregue aos prazeres da festa. Ainda mais, via-se êle no meio de uma sociedade escolhida; para qualquer lado que voltava os olhos, encontrava uma senhora interessante, e cedendo talvez à sua indole, abrindo os panos a seu gênio, ou, como êle muito sêriamente dizia, desempenhando a nobre missão de estudante, fazia um cumprimento a cada velha que encontrava, e um juramento de amor a cada moça que o queria ouvir. Se o Juca, assim procedendo, seguia ainda à risca os conselhos que em uma outra noite de baile recebera de Rosa, e que contra ela mesma os pusera em prática, colhia dois proveitos desta vez, porque ao mesmo tempo que ocultava o amor profundo, que tributava a Rosa, e feria a vaidade dela requestando à sua vista outras senhoras, aproveitava também o seu tempo *divertindo-se* em incensar tôdas as belezas, e em zombar de tôdas as pretensões ridiculas.

Realmente o estudante estava de veia para a travessura. Tinha nessa noite o diabo no corpo: alegre e espirituoso, onde êle se achava, brilhava o prazer; esquecido do passado, e ainda menos cuidadoso do futuro, nem se recordava do desafio de Faustino, nem atendia bastante aos ciúmes de Laura que corava de despeito e de cólera vendo-o render finezas a quase tôdas as suas amigas.

Com tôda a coragem de um cavaleiro da Idade Média, ao qual não era permitido trocar por atalhos ou por outro caminho aquêle, onde havia um gigante, um monstro, ou um perigo qualquer, o Juca nem mesmo recuou diante da velha Irene, dançou com ela uma quadrilha, e esgotou todos os recursos do seu espírito, fazendo o elogio dos encantos da viúva em um comprido passeio; quando enfim a

tinha deixado em uma cadeira e vinha passando perto de um grupo de moças, entre as quais se achavam Laura e Clara.

— Com efeito, senhor Juca, disse esta; o senhor hoje está admirável! até a jovem Irene lhe enfeitiça?...

— Ah! D. Clarinha, foi uma recordação do passado: estive a lembrar-me da minha querida Bonifácia.

— O Sr. Juca é mesmo como um beija-flor!... murmurou sorrindo-se uma mocinha, que dava o cavaco pelo estudante.

— Porque está no meio das flores, não é assim, Sr. Juca?... disse outra.

— E também porque me vejo cercado de borboletas, acrescentou êle.

— Não sei se tem razão para dizer tal, observou Laura mordendo os beiços; mas enfim se é por isso, que é beija-flor, diga-nos também por que motivo tem coração de Mouro?...

— Oh! é muito!...

— Tenho-o, minha senhora; é certo: mas porque conto com a caridade cristã de V. Ex. para me perdoar os meus pecados.

— O senhor sabe que a mulher perdoa com dificuldade.

— Mas em compensação esquece muito facilmente.

E antes que a despeitada moça lhe viesse com o novo ataque, o estudante foi-se afastando do belo grupo.

— Que é isto, Juca? perguntou-lhe Faustino, então já foges das moças?

— Diabo! a rainha da festa está em maré de tiúmes!

— Mas isto cheira a rompimento, homem!

— Qual! amanhã venho jurar-lhe que estava doido na noite de hoje, e ela, mesmo por interesse próprio, aceita essa explicação, como accitaria qualquer outra: adeus! adeus! não estou para maçadas.

E enquanto Faustino ficava pasmado daquele carácter vivo e ligeiro do Juca, ao qual aliás deveria estar muito acostumado, ia êste atravessando as salas, e correndo os terraços e a varanda em procura da sobrinha de D. Mafalda, com quem tinha de dançar a terceira quadrilha e por quem começava a interessar-se um pouco mais, do que por muitas outras.

Rosa que com tôda habilidade e dissimulação própria de uma mulher havia observado o proceder do Juca naquela tarde e noite, comprehendera logo por que torturas deveria estar passando o coração da sua rival. Não bastava porém isso nem para sua vingança, nem para o seu amor: para o seu amor era necessário, que o estudante viesse cair a seus pés, e aí de joelhos lavasse com lágrimas de sincero arrependimento as suas passadas culpas; e para sua vingança preciso se fazia que Laura diante dela cravasse no chão aquêles mesmos olhos, que tinham olhado com tanto fogo para a porta da sala. Obrigada portanto às vêzes pelo desejo de testemunhar os sofri-

mentos de sua rival, e quase sempre por um impulso irresistível, que, a pesar seu, a fazia procurar um homem ingrato, Rosa por toda parte acompanhava, embora de longe e com disfarce admirável, o feliz estudante, sofrendo tanto como Laura, e provando mágoas acerbadas naquilo mesmo, que servia à sua vingança.

Laura naturalmente ciumenta e vaidosa, como a sua antiga camarada, desesperava, observando o proceder do Juca; e mal podendo disfarçar o que em seu coração se passava, com ciúmes de Rosa, de todas as suas amigas, e até de Irene, seguia também os passos do maldito estudante sem saber por quê nem para quê.

Aconteceu o que devia acontecer: as duas rivais encontraram-se no momento mesmo, em que o Juca saía de um dos terraços. Entravam nêle Rosa e Laura; aproximaram-se ambas: Laura estava muito corada; Rosa conseguiu sorrir-se; estendeu o braço, e apontando com o dedo para uma das portas:

— Foi por ali, disse.

— Quem?... perguntou Laura.

— Ele.

— Ah! Rosinha, tu calculas mal pensando achar em todos a tua penetração e habilidade: eu sou quase estúpida, e sobretudo... não entendo enigmas.

— Enigmas? tornou Rosa; oh! sim! é muito bem aplicada a palavra!...

— Como?...

— Tens razão, Laura; êle é realmente um enigma!

— Já o decifraste, Rosinha?

— Oh! não!... hoje principalmente eu o julgo indecifrável; não é assim, Laura?...

— Hoje?... hoje?... consola-te pois, Rosinha; êle é ainda hoje, como foi *ontem!*

E Laura carregou na palavra *ontem*.

— Sim?... respondeu Rosa; pois então, Laura, toma cuidado; porque êle mostra que há de ser toda sua vida o que está sendo hoje.

— Ah! queres assustar-me com o futuro?...

— Eu?... como?! eu tenho a certeza de que o futuro não será teu.

— Começo a não compreender-te.

— Então é melhor assentarmos que não nos compreendemos uma à outra.

— Pois eu compreendo a ambas as senhoras, disse Faustino aproximando-se.

— Quanto a mim não duvido; mas veja, senhor, que a minha amiga não está no meu caso, disse Rosa.

— Sr. Faustino, acudiu Laura; observe-lhe que Rosinha é a modéstia personalizada.

— Seja como fôr, eu digo que compreendo a ambas as senhoras

especialmente a respeito de certo ponto, que é um mistério para quase todos.

— Eu já tinha ouvido dizer há muito tempo, que o Sr. Faustino é um moço muito habilidoso!

— Minha senhora, desta vez a ironia parece irmã gêmea do medo.

— Por quê?...

— Porque receia talvez que eu lhe descubra um segredo.

— Oh!... não!... eu não tenho segredos: sou transparente como vidro sem aço.

— Não é tanto assim; e se quiser experimentar...

— Diga.

— Sei de um segredinho, que diz respeito a duas amigas do passado que se fizeram duas rivais no presente.

As duas moças hesitaram.

— Anda aí nessa história um diabólico estudante, que realmente não merece que por ele se quebre uma antiga amizade de colégio.

— O senhor quer divertir-se à nossa custa?... perguntou Laura.

— Ao contrário: desejo somente soldar as doces correntes que vejo quebradas, mostrando o mau caráter do homem, por quem tantos extremos se fazem.

— Laura, eu creio, que o Sr. Faustino nos quer divertir com algum romance de sua composição!

— Nesse caso devo preveni-lo de que não sou apaixonada de novelas.

— Minhas senhoras, declaro que apesar de todos os pesares hei de cumprir a minha missão; no entretanto confesso, que preferiria dirigir-me a cada uma das senhoras em particular.

— Infelizmente juramos nós duas ainda há pouco não nos separarmos um só momento em toda esta noite.

— Então não tenho outro remédio senão depositar os segredos de ambas no seio de uma e outra.

— E' melhor assim, Sr. Faustino; fica sendo um segredo mútuo.

— Minhas senhoras, há neste mundo homens insolentes, homens sem generosidade, que zombam do mais sagrado dos sentimentos; que fingem amar para ser amados; e que somente querem ser amados para ostentar na presença de seus amigos os triunfos que obtêm sobre os corações das incautas, que nêles acreditam!

— Deveras, Sr. Faustino?!!! perguntou Laura mostrando-se admirada.

— Já se viu que descoberta?... Realmente o Sr. Faustino tem muito talento! observou Rosa.

— Um célebre estudante, que por aqui anda, prosseguiu Faustino sem se desconcertar, um afamado Juca, que vive a rir de tudo e de todos, está exatamente nesse caso.

— Outro achado!...

— E' verdade!... um estudante com tal defeito é uma cousa extraordinária!

— Oh! mas o que deve mais incomodar as senhoras, é que elle se ufana de ter um trono no coração de cada uma de VV. EEx.

— Um trono no coração?... que asneira! Sr. Faustino, o amor é eminentemente republicano.

— E o fátuo e imodesto estudante faz ainda mais do que isso: comete mesmo a indiscrição de contar a quem quer ouvir todos os episódios dos seus amôres, e com graça tal, que faz rir as pedras.

— Deveras?...

— Por exemplo, tratando de V. Ex., Sra. D. Rosinha, depois de descrever uma bela festa de S. João passada na chácara do Sr. seu pai, pinta cenas que aí tiveram lugar entre elle e V. Ev. ainda menina, e o faz com tanto espirito que parece repetir uma comédia; depois fala de uma conversa que teve com V. Ex. em certo baile, e dos conselhos que então recebeu para se fazer amar.

— Só isso?...

— Diz mais que empregou êsses conselhos contra V. Ex. mesma, e que conseguiu resultados maravilhosos.

— Basófias de estudante, Sr. Faustino.

— Gaba-se ainda de haver recebido de V. Ex. um bilhete amoroso na medida de uns sapatos.

Laura desatou a rir.

— E êsse nobre mancebo, acudiu Rosa corando, não julgou certamente a propósito dar aos seus amigos a leitura do meu bilhete.

— E' verdade, que não chegou a êsse extremo: contentou-se apenas com repetir o conteúdo dêle.

— E era muito terno, Sr. Faustino?...

— Ah! minha senhora! palavra de honra, que Juca não merecia tanto!

Rosa estava rubra de despeito.

— E que mais dizia o bom do estudante?... perguntou Laura.

— Zombava como sempre: marcava os erros de gramática, e uma cousa que elle chama— maravilhas de ortografia feminina.

— Rosinha, continuou Laura; tu hás de escrever com uma graça admirável!... eu daria um ano de minha vida para ler uma carta de amor, que tivesse saído de tua pena.

— Laura, isso é bem fácil: pede ao Sr. Juca que te mostre o bilhete que eu lhe escrevi, e verás então de que natureza é elle. No entretanto se é indigno abusar da confiança de uma Sra., muito mais indigno é ir caluniar a quem...

Rosa não pôde continuar; uma nova risada de Laura a interrompeu.

— Minha senhora, disse Faustino; eu sinto tanto haver inco-

modado a V. Ex., como estimaria facilitar-lhe um ensejo para sua justificação.

— A minha justificação, senhor, está nesse mesmo bilhete de que me falou.

Laura continuava a rir-se perdidamente: o escárnio e o cômico adivinhavam-se naquele rir da rival. Rosa não se sentia nem confundida, nem contrafeita: com a consciência de que era inocente, achava-se talvez com forças para arrostar a calúnia; amando porém muito ao indiscreto estudante, começava-lhe a roer dentro d'alma principalmente a certeza de que tinha empregado mal o seu amor. Houve alguns momentos de silêncio; uma lágrima correu pela face da moça, que a enxugou sem procurar escondê-la.

— Tu choras, Rosinha? perguntou Laura.

— Sim, respondeu-lhe a rival; lastimo um desengano de mais; sinto encontrar um caluniador no homem que sempre julguei ligeiro; nunca porém sem honra.

— Tem paciência, minha querida; estamos tôdas expostas a êstes contratempos; vê-se bem que não somos somente nós, as mulheres, que não sabemos guardar segredos.

Rosa respondeu à observação de Laura com um olhar de desprezo.

— Com efeito, tornou Faustino dirigindo-se a Laura; a Sra. D. Rosinha deve consolar-se; não é só ela a única vítima de calúnias desta natureza. V. Ex. sofre também, como ela, e pela mesma razão.

— Eu?... e como?...

— Trata-se do mesmo homem, e da mesma matéria; com a única diferença de ser desta vez a zombaria muito maior.

— A zombaria?... exclamou Laura fazendo-se vermelha; a zombaria?!!

— E' verdade, prosseguiu Faustino, que o célebre estudante confessa que durante muitas semanas lutou debalde contra a indiferença, e mesmo contra os desprezos de V. Ex.: mas depois...

— Depois o quê, senhor?...

— Êstes estudantes fazem artes do diabo! Diz o Juca que êle morava no segundo andar da casa da senhora sua avó; conta cousas admiráveis de uma enfermidade que V. Ex. sofreu, e na qual teve êle a glória de ser o seu enfermeiro.

— E' verdade, senhor, obsequiou-nos muito.

— Depois do seu restabelecimento, o Juca que até então a achava (é êle que o diz, minha senhora)... bonitinha sim, mas um pouco desengraçada, começou a experimentar por V. Ex. um certo sentimento que êle chama — amor —; debalde porém... o estudante não era atendido: em tais circunstâncias vale-se de uma astúcia, finge-se doente, e diz que quer morrer de fome; derrama-se a piedade no coração de V. Ex., que vai levar um caldo ao doente: caldinho

milagroso certamente!... o pobre enfêrmo ressuscita... os desprezos vão-se desfazendo como as trevas da noite ao romper da aurora... e finalmente a indiferença derrete-se ao fogo do amor, e em lugar dêles ou dela, porque o diabo leve quem entende desprezos misturados com indiferença, rebenta a paixão, que...

— Basta, senhor...

— Também aparece aqui o episódio das cartas, e a tal ortografia...

— E' muito.

— Em conclusão...

— Em conclusão êsse estudante... êsse homem é pouco mais ou menos como todos os outros homens!

— Minha senhora, reconheço o motivo de suas queixas, respeito a causa da sua mágoa; mas não sei se tem razão de julgar todos os homens como...

— Devemo-los julgar assim, observou Rosa; tanto mais que temos diante de nós um homem, que é tão falso ao seu amigo, que procede tão feiamente com êle, como, caluniando-nos, procedeu feiamente conosco êsse moço, de quem se falou há pouco.

E dando o braço a Laura, Rosa deixou Faustino, só, e com cara de tolo em pé no meio do terraço.

— Eis o que se chama ingratidão! disse consigo mesmo o publicista: acabo de prestar um serviço verdadeiramente importante a estas senhoras, e elas me deixam como se fugissem de um inimigo. Está visto! o coração da mulher é uma geringonça tão atrapalhada, como qualquer das leis do império, com o seu cortejo de instruções e rabo-leva de interpretações!... no entretanto consegui o que desejava. O estudante está nas embiras: dei-lhe um *echec mate*: vinquei-me!

A música chamou os pares à sala: Faustino não tinha par para essa quadrilha, e ficou passeando no terraço; o Juca devia dançar então com a rainha da festa; chegou-se pois a ela, e disse sorrindo-se agradavelmente:

— E' chegada a feliz hora!

Laura ficou durante algum tempo com os olhos fitos no estudante; conhecia-se, ao primeiro olhar, que ela fazia esforços inauditos para conter-se. Enfim, rompeu o silêncio, respondendo muito sêcamente:

— Não danço.

— Mas...

— Estou doente, continuou Laura; ou mesmo estou de perfeita saúde; não posso, ou se pior lhe parecer, não quero; em uma palavra, não danço.

— Se ao menos eu pudesse compreender...

— Uma cousa há pelo menos, que já deveria ter compreendido.

— O que então, minha senhora?...

— Que faria bem em ir procurar uma outra senhora para dançar.

O estudante fêz uma reverente cortesia à despeitada moça, e julgou que em vez de dançar, mais lhe convinha então ir apreciar o fresco da noite, e acertando de encaminhar-se para o mesmo terraço onde estava Faustino, encontrou-se com êste cara a cara.

O Juca tinha necessidade de encobrir a vergonhosa retirada que acabava de fazer: estendeu pois a mão a Faustino, exclamando alegremente.

— Oh! meu publicista!... por aqui?...

— Não admira; porém tu...

— Estou fatigado... não quis dançar... acho neste baile um não sei quê de maçante...

— E' certo; eu penso quase do mesmo modo; no entretanto tem-me admirado não te ver dançar uma só vez, nem com a bela Rosinha, nem com a ciumenta Laura.

O Juca tinha cravado os olhos no rosto de Faustino, e de repente, apertando-lhe outra vez a mão, mas desta vez com bastante força:

— Está direito, disse: cumpriste a tua palavra. Toma porém cuidado; publicista; que eu juro tomar sôbre ti uma boa desforra de estudante!

— O que é isto, homem?...

— Meu tríplice jornalista, acabo de ler no teu rosto, e de apanhar nas tuas palavras a explicação de um fenómeno que eu não comprehendera: agora, conta comigo!

— Juca, quererás ficar mal com o teu fidus Achates?...

— Eu?... exclamou o estudante desatando uma risada; pois crês que eu te faria essa honra? oh! não: amigos como dantes. Continua no entanto a tua nobre missão... persegue-me, corta-me as asas, inventa intriga, e calunia; faze de conta que estás escrevendo os teus artigos periódicos; mas não descanses; avante sempre porque eu hei de vingar-me, palavra de estudante!

E ligeiro como sempre, o Juca desapareceu aos olhos de Faustino, para correr à varanda, onde vai encontrar o objeto de seus primeiros amôres, a infeliz Rosa, que tendo fugido à multidão e ao prazer, meditava tristemente, debruçada no parapeito da varanda.

O estudante não pôde conter-se, observando a tristeza da filha de Maurício.

— Minha senhora, disse êle; por mais indigno que me julgue para poder merecer a sua confiança, atrevo-me a perguntar-lhe a causa de tão estranha melancolia.

Rosa levantou o rosto: conhecia-se que tinha chorado.

— Senhor! disse ela; é chegado enfim o momento de lhe falar bem seriamente.

— Como?...

— Por mais indiferentes que sejamos hoje um para o outro... e observe que eu não me lastimo dessa nossa mútua indiferença.

— Eu o reconheço, senhora.

— Pois bem, por mais indiferentes que hoje sejamos um para o outro, não é possível negar que em nossa vida houvesse uma época em que ambos... pelo menos nos estimamos.

— E' verdade, respondeu o Juca tristemente.

— Ah! pois então... rir dessa época... zombar dela... fazê-la servir ao divertimento de seus amigos... e ainda mais, esquecer a fraqueza de uma triste mulher, descendo até o ponto de caluniá-la... oh! é bem triste!

— Senhora!

— E' bem triste... foi bem cruel; porque eu chorei; porque eu me arrependi do prazer que havia sentido em alguns dos mais belos dias da minha vida!

— Meu Deus! meu Deus!

— Bem cruel ainda; porque eu me lembrei de minha mãe tão carinhosa e tão boa; porque vi infrutuosa e perdida uma bênção, quase a última, que ela deixou cair sobre a cabeça de um moço e de uma menina que choravam juntos!

— Senhora! eu juro...

— Nada mais, exclamou Rosa; nem mais uma palavra sobre isto.

E a pobre moça desatou a chorar; depois de algum tempo levantou os olhos, e viu diante dela o Juca melancólico e pensativo; apesar disso o rosto de Rosa pareceu brilhar um instante animado pela cólera; mas de repente cedendo ela mesma a súbito movimento, pôs-se a rir, e exclamou alegremente:

— Ao prazer!... o nosso mundo é éste! vivamos assim, vivamos para êle! Sr. Juca, cu estava louca, perdão! eis-me outra vez com juízo: tudo está decidido! ao prazer! à dança!

E correu para a sala sem dar tempo ao Juca para suspendê-la, nem acrescentar cousa alguma.

O estudante passou muito tempo ao longo da varanda, pensando sobre o que acabava de ouvir: se o despeito de Laura não o havia preocupado bastante, porque enfim a essa pobre senhora êle apenas fingia amar com êsse criminoso sangue-frio de que se fazem réus tantos outros mancebos da nossa sociedade, o ressentimento de Rosa vinha causar-lhe a dor mais profunda e verdadeira: pela extensão dessa dor podia êle avaliar bem o estado de seu coração. O estudante amava a Rosa mais que nunca: amava, como nos primeiros dias do seu amor.

Enfim conseguiu o Juca arrancar-se de suas reflexões, e voltando à sala, o primeiro objeto que tocou suas vistas foi a filha de Mauri-

cio passeando pelo braço do comendador Sancho, que fazia chover sôbre a paciente senhora um dilúvio de estúpidas finezas.

Em pé, num canto da sala, e com os olhos embebidos naquele par tão desproporcionado, estava o velho Anastácio roendo as unhas, resmoneando incessantemente, e enchendo-se de razões para talvez em breve rebentar em um excesso de furor.

Como ocupada de um único pensamento, e movida por um empenho importante, Rosa desprezava completamente o olhar de repressão de seu velho tio; e tendo o sorriso nos lábios, escutava os protestos de amor que lhe fazia o ilustre Sancho com demonstração de prazer tão viva, que o menos perspicaz dos observadores lería nos olhos da filha de Maurício mil pensamentos do amor o mais ardente; desde o momento porém, em que ella viu o Juca chegar à sala, tornou tão sensíveis os afagos que fazia ao comendador, que o rabugento Anastácio, receando talvez não poder conter-se em silêncio por mais tempo, saiu desesperado, lançando sôbre o infeliz Sancho um olhar terrível e furioso.

Rosa pareceu não reparar na ação muito significativa de seu tio, e como que insensivelmente, foi dirigindo o passeio para o lado onde se achava o Juca que tragava um verdadeiro ciúme de estudante, isto é, um ciúme transformado em brasas ardentes.

Quando o par descuidado e amoroso se foi chegando tão para perto do estudante, que sua conversação podia já ser apreciada por elle, Rosa, que mostrava não tê-lo ainda visto, interrompendo o eloquente comendador, que lhe estava jurando amor eterno pela centésima vez, deixou ouvir as seguintes palavras que ella soube pronunciar com angélica doçura:

— Meu querido comendador, eu não posso deixar de confessar-me sensível a tão extremosa paixão; eu lhe amo!

O Juca sentiu um frio glacial correr-lhe por todo o corpo, e ficou imóvel e pálido, como um homem sem vida.

E o comendador, que pela primeira vez escutava da bôca de uma bela senhora aquêlê voto sagrado; para o qual realmente se não preparara, deixou-se por alguns momentos indeciso, pensando no que lhe cumpria fazer; mas finalmente tomando uma resolução digna d'elle, exalou um suspiro ternissimo, e caiu numa cadeira, fingindo um desmaio.

Por felicidade geral a professôra de meninas estava perto, e tirando do bôlso de seu vestido uma botica homœopática, correu ao comendador, apertou-lhe a maxilla com tanta força, que o obrigou a abrir a bôca; e aproveitando o momento, deixou-lhe na lingua uns três ou quatro glóbulos de um medicamento tão infalível, que o nobre Sancho tornando a si no mesmo momento, julgou prudente sair da sala, ao ver que a professôra sustentava a necessidade de fazê-lo tomar segunda dose.

## XX

## Ainda o baile

A multidão, que enchia as salas e terraços da casa de Laura, estranha à intriga que estava perturbando a paz de alguns dos sócios dessa bela reunião, continuava a cingolar-se nos prazeres do baile: o desmaio do comendador Sancho foi por todos recebido como mais uma prova da falta de juízo do pretensioso velho, e apenas algumas camaradas de Rosa traduziram o fato como melhor podia convir à maledicência.

No entretanto o comendador, ou convencido de que havia arranjado um desmaio com a maior inabilidade d'êste mundo, especialmente tendo-se dado o fato na presença de tantas senhoras, juizas competentes da materia, ou, o que é mais provável, com mêdo de que a professôra de meninas o forçasse a tomar segunda dose homœopática, tinha corrido para fora da sala, onde estivera a passear com D. Rosinha; e depois de haver, por algum tempo, respirado o ar fresco da noite, dirigiu-se para uma das outras salas no momento de começar a servir-se o chá, e vendo uma cadeira vazia no meio de um circulo formado por belas moças, apressou-se a ir occupá-la, como homem de bom gosto que era.

O velho Anastácio não pudera por muito tempo vencer-se conservando-se longe de Sancho; cheio de cuidados pela imprudente sobrinha, e desejoso de vingar-se do seu ridículo apaixonado na primeira ocasião que tivesse, voltara cedo para segui-lo por tôda a parte, como a sua sombra, e vendo-o ir tomar lugar no circulo das moças, foi de manso colocar-se por detrás dêle.

Apenas o comendador acabava de levantar-se, as moças sorriram-se umas para as outras, como avisando-se mutuamente de que se lhes oferecia um novo divertimento, e a mais espevitada dentre elas tomando logo a palavra exclamou:

— Chegou bem a tempo, Sr. comendador!

— Por quê?...

— Porque reina aqui a confusão a respeito de um objeto, sôbre o qual o Sr. comendador fala sempre como mestre.

— Oh! minha Sra.... V. Ex. me confunde com tanta delicadeza: mas enfim qual é a questão?...

— Eu nem mesmo me julgo capaz de expô-la convenientemente: diga você, D. Honorata.

— Eu não: quem deve falar é D. Fifina...

— Eu?... mas... sim... fale antes, D. Isabelinha.

A curiosidade do comendador começava a acender-se com aquella dúvida a respeito de quem devia falar; e a causa única da inde-

cisão era que as moças não tinham estado tratando exclusivamente de matéria alguma, e apenas tomavam tempo para acertar em algum ponto digno de ser discutido pelo eloqüente Sancho.

— Enfim eu digo, exclamou D. Isabel; tratava-se de... oh! mas eu tenho muita vergonha...

— Diga... diga... trata-se...

— De amor.

— Ah! suspirou Sancho.

As moças desataram a rir.

— Oh! não há razão para essas risadas, tornou D. Isabel mostrando querer formalizar-se; a questão é séria, e no meu entender tem-se avançado absurdos.

— Então?...

— Diz ali, D. Honorata...

— Eu?... perguntou Honorata espantada.

— Cala a boca, tôla, disse Fifina ao ouvido da outra; sustenta tudo o que D. Isabelinha disser.

— Diz ali, D. Honorata...

— Um momento! exclamou uma outra moça; chegam duas pessoas, que não podem deixar de vir tomar parte na discussão: as Sras. D. Irene e D. Deolinda.

— Que duas empadas! murmurou consigo o comendador, que aborrecia tôdas as pessoas do seu tempo.

As duas Sras. não se fizeram rogar, e tomaram imediatamente assento no círculo parlamentar. D. Isabelinha continuou.

— Diz ali, D. Honorata...

— Ainda eu! o diabinho da rapariga não se esquece do meu nome.

— Cala-te.

— O que é que ela diz?... vamos...

— Sustenta que... o amor... sim que o amor é causa de tantas desgraças no mundo; porque elle é uma cousa, e a humanidade o quer fazer outra absolutamente oposta: isto é, que nós todos tomamos o amor por um filósofo muito sério, quando elle não é mais do que uma criança malcriada.

— Misericórdia!... exclamou a sensível Deolinda.

D. Irene benzeu-se.

— Minha Sra., perguntou Sancho admirado a D. Honorata, como pode V. Ex. sustentar tão estranha proposição?...

— Pelos efeitos do amor, respondeu a moça com imperturbável seriedade: elle faz travessuras, logo é criança; é impertinente, teimoso, incômodo e atrevido, logo é malcriado.

— Raciocinio completo!... observou D. Fifina.

— E V. Ex. como pensa?... tornou o comendador dirigindo-se à D. Isabelinha.

— O meu parecer perde por ser muito comum; mas ao menos tenho muita gente da minha opinião: eu sou parlamentar, e gosto das maiorias; penso que o amor é fogo de palha... e...

Nesse momento brilhará o tosto de D. Rosinha à porta da sala, e o Sancho, que o percebeu, ergueu-se cheio de entusiasmo, e exclamou, interrompendo a D. Isabelinha.

— E' uma fogueira! é um rio de fogo, é uma...

— E' uma asneira, Sr. comendador! disse no meio de uma gargalhada o velho roceiro.

Sancho voltou os olhos dando com Anastácio por detrás d'ele, deixou-se cair sentado na cadeira, como fulminado por um raio.

— Continue... continue, Sr. comendador...

— Sim, fale... fale...

Sancho resolvia-se enfim a ceder às instigações das Sras.; mas quando ia abrir a bôca para começar o seu discurso, ouviu o velho roceiro concertar a garganta, e, estremecendo, balbuciou apenas:

— Cedo a palavra...

— Está com medo! tem medo do Sr. Anastácio!...

Ter medo diante de senhoras é um crime imperdoável, e ai do homem que o perpetra. O comendador o sabia, e querendo mostrar-se digno das belas que o cercavam, começou gaguejando:

— Bem... eu falo...

— Atenção!

— Minhas Sras., o amor é um fogo ardente, que quando não é falso, e é por consequência verdadeiro, é um fogo ardente diz-se, que arde, queima, e reduz a cinzas o coração mais de neve que se possa imaginar! ah! ninguém pode resistir ao seu poder!... desde o ponto mais baixo até o mais alto da humanidade dominam as leis do amor... elle é como a morte... entra por tôdas as portas, desde a cabana do agrícola até a brilhante casa do comendador!

As Sras. cobriram de aplausos o eloqüente Sancho, que não tendo ao pé de si nenhum amigo, a quem falasse, foi dizendo consigo mesmo.

— E' assim... às vêzes fico inspirado!...

— Eis o que eu esperava!... exclamou o velho roceiro entrando inopinadamente na discussão: trataram de uma questão sem pés nem cabeça, e por consequência appareceu o mundo às avessas!...

— Não lhe entendo, meu rico senhor, disse Deolinda.

— Não duvido, respondeu o velho cravando na professôra de meninas um olhar fulminador: a Sra. e eu não podemos entender com muita facilidade.

— À questão, Sr. Anastácio!

— Pois vá lá; tratava-se sobre amor, e o que aconteceu?... a mocidade leu a lição da experiência, e a velhice caricaturou-se querendo ostentar a extravagância de uma cabeça de mancebo!

— Ora, esta é boa!

— *Sim, Sras.!* nós o ouvimos todos: aquela Sra., que ainda não pode ter mais de vinte anos, sustentou que o amor era fogo de palha; e ali o Sr. comendador Sancho, mocetão de perto de sessenta janeiros, jurou que era um vulcão eterno!...

— Perto de sessenta janeiros... exclamou uma das moças.

*O comendador deu o cavaco.*

— E aqui o Sr., que é apenas um agreste e enfezado *tapiurano*, arvora-se em mestre de escola, e quer dar lições a pessoas educadas e moradoras na corte, e que sentem o que se não pode sentir entre os mandiocais da roça!...

— *Isso agora é garapa, meu illustre comendador!*... tornou Anastácio rindo-se.

— Sessenta janeiros!... sessenta janeiros!... é falso, minhas Sras.!

continuou Sancho quase chorando: tenho quarenta anos, dois meses e três dias!

— Fora os que mamou, e os que andou na escola, que não foram poucos; porque, segundo as más línguas, o Sr. comendador nunca mostrou grande bestunto.

— Como êle já conta sessenta e dois anos pensa que os outros...

— Sessenta e quatro, meu caro, não quero que me diminua nem um dia.

— Mas por que tanta bulha?... atalhou Irene; eu acho que o Sr. comendador tem tôda a razão.

— E pensa como deve, respondeu Anastácio: Porque a Sra. está na regra do Sr. comendador.

— O que é que diz?...

— Digo que continua o mundo às avessas, minha senhora.

— Sustento, exclamou a viúva, sustento que o amor é um fogo eterno para as almas generosas; é um sentimento único... *sobre-humano*... palpitante... o que dura sempre o mesmo... firme, imudável...

— E tanto é assim, observou o velho roceiro, que a Sra. D. Irene, que é viúva, sentindo ainda pelo seu defunto marido o mesmo sentimento único... *sobre-humano*, firme, imudável, e não sei que mais, jura tôdas as manhãs, que não se há de casar mais nunca, e trabalha tôdas as noites ou pelo menos em tôdas as reuniões por arranjar um sucessor ao defunto.

As moças aplaudiram com risadas às respostas de Anastácio, enquanto Irene, completamente desapontada, e remexendo-se na cadeira tornou com azedume:

— Admiro a sua delicadeza... vê-se bem que sabe tratar com senhoras de consideração.

— São espinhos da roça, não faça caso: tenho o maldito costume de dizer a verdade nua e crua.

— Sr. Anastácio!...

— Não é nada: estou gostando de ver o calor da zona tórrida derretendo os gelos da Sibéria! e o mais é que a Sibéria vai fervendo!...

— E' um velho muito insolente, disse o comendador em voz baixa à senhora que lhe ficava ao pé.

— Pois eu sigo opinião muito diversa das que tenho ouvido enunciar aqui, acudiu D. Deolinda.

— Fale! fale! D. Deolinda!... disseram as moças.

— Sim; vamos ouvi-la, disse o velho roceiro: a senhora tem ~~um~~ jeito de filósofa, e até de reformadora do século das luzes.

— O que vou dizer é somente a respeito do sexo feminino.

— Ainda bem! gosta de falar de si; parece-se com muitas pessoas do meu conhecimento.

— Também não direi o que acontece, mas somente o que devia acontecer.

— Ora vamos...

— Entendo que o coração das senhoras deveria ser como um relógio, que só andasse, quando a dona lhe desse corda.

— E' de filósofa! exclamou o velho roceiro.

— Dêsse modo a mulher quando quisesse amar, dava corda ao coração e o adiantava ou atrasava conforme as circunstâncias o pedissem.

— Já conheço muitos relógios dêsses nesta cidade, minha senhora.

— Conhece?...

— Sim; conheço meninas, que deviam ainda limitar-se a brincar com bonecas, e já trazem à pista nos bailes uma dúzia de animais de certa espécie nova que tenho ouvido chamar — elegantes.

— Ora... o que tem isso!...

— Essa é boa!... nada: é talvez mais uma novidade que pode ser posta na ordem dos progressos da nação!... o que tem isso?!!! são meninas que entram para uma boa escola, que faz com que elas ainda não tenham juízo aos cinqüenta anos de idade!...

— Que urso abominável!... murmurou Irene.

— Eu não digo que se deva amar a mais de um homem de cada vez, continuou D. Deolinda; quando porém, se passa de um, tanto importam dois, como vinte!...

— O que diz a isto agora, Sr. Anastácio?... perguntou uma das moças.

— Digo que esta Sra. Dona... que pelo nome não perca...

— D. Deolinda, uma sua serva, disse a professora fazendo ao velho uma cortesia de escárnio.

— Muito obrigado, tornou Anastácio: digo pois que a Sra. D. Deolinda é uma verdadeira representante da época em que vive; não há dúvida... entrou a civilização em nossa terra... está salva a pátria!

— Estou em dia com os conhecimentos humanos, digo-lhe eu! exclamou D. Deolinda exaltando-se: conheço como as palminhas de minhas mãos as obras de George Sand, e sigo os seus sagrados princípios; illustro-me nos livros de Paulo de Kock, e outros grandes filósofos, e desprezando prejuízos e preconceitos, defendo a verdade, e sustento os meus direitos! nem tampouco é culpa minha que os outros não saibam cultivar o seu espírito.

O velho roceiro, que até então se havia sustentado no seu pôsto sem perder a paciência, o que era nêle um pouco admirável, mordeu os beiços escutando a ridícula tirada de D. Deolinda; mas contendo-se ainda, mercê de grande esforço, perguntou sèriamente:

— A Sra. é mestra de meninas?...

— Professôra, meu caro senhor.

— Pois dou-lhe os parabéns, porque há de educá-las muito conforme as idéias do século das luzes; mas veja que não é lá uma grande honra ser mestra, ou professôra de meninas; aqui no Rio de Janeiro qualquer bicho-careta abre colégio de meninas, onde de ordinário se aprende principalmente aquilo que se não deve ensinar.

— O Sr. pretende acaso dirigir-me um epigrama?... perguntou D. Deolinda, fazendo-se vermelha.

— Olhe, minha Sra., prosseguiu o velho roceiro com sua terrível franqueza; ainda não está completa a regeneração da sociedade; se porém se ajuntam a Sra. e o Sr. comendador para rematar a grande obra, juro, que em poucos anos de missão, um põe as mulheres tôdas de calças e botas, e o outro vai com todos os homens parar à Praia Vermelha.

— O Sr. Anastácio deve lembrar-se que se dirige a um homem de representação!... exclamou o comendador pondo-se em pé.

— Macacos me mordam, se o Sr. Sancho quer que lhe diga aqui em português claro o papel que representa!

Nesse momento e muito a propósito a música tocou chamando os pares à sala, e as moças aplaudindo com risadas a discussão singular, que haviam por um acaso promovido, levaram consigo a professôra que estava em brasa, Irene que tomara o partido da amiga, e o comendador que dava graças à sua boa fortuna por escapar das garras do fatal inimigo sem passar pela vergonha de uma retirada.

O velho roceiro que, apesar de tôda sua franqueza e boas intenções, não podia livrar-se da increpação de desconhecedor dos usos e delicadezas das sociedades, longe das quais tanto tempo vivera, também se foi dirigindo para a sala de dança muito ufano de si pela viôgança que tontara do comendador; mas ainda deseioso de achar nova ocasião para atormentá-lo outra vez.

Chegados à sala encostou-se a uma porta, e pôs-se a observar a confusão que precede o começo de uma quadrilha nas grandes reuniões, até que voltando os olhos deu com o Juca em pé a dois passos

dêle, olhando para o comendador que se preparava para dançar com Rosa.

— Oh! Sr. estudante! então não dança?...

— Não danço.

— Sim... adivinha-se que está incomodado.

— Incomodado!

— Pois enquanto elles dançam, poderá o Sr. dar-me algumas explicações, que eu ando tonto há dez bailes por obter?...

— Se souber... estou pronto.

— Todos estes cavalheiros conhecem a tôdas estas senhoras com quem passeiam conversando horas inteiras, como amigos íntimos e provados?...

— Não sei.

— Tôdas as senhoras que vêm aos bailes são mulheres ou filhas de conselheiros, ministros, ou enfim de personagens que têm tratamento de excelência?...

— Não sei.

— Oh, homem! responda-me por caridade: olhe que eu tenho ainda dez perguntas da mesma natureza para lhe fazer.

— Não sei.

— Pois que diabo saberá o senhor então?...

— Sei que o comendador Sancho é um homem...

— O quê?... acabe!

— Um miserável!

— Oh lá, se o é! eu que lho diga...

— E que...

— Vamos...

— Não sei! exclamou o pobre Juca saindo precipitadamente da sala.

— E que minha sobrinha Rosa é uma louca, murmurou o velho completando o pensamento do Juca; que novidade!...

O Juca, o alegre, o travesso, o imperturbável estudante estava passando por todos os tormentos do ciúme: desde que ouvira as palavras de amor, que Rosa dirigira ao comendador Sancho, não tinha tido mais um só instante de sossego: mil planos concebera, e outros tantos abandonara; despeitado contra Rosa, furioso contra o comendador e até desgostoso de si mesmo, ora maldizia a inconstância das mulheres, ora acusava sua própria leviandade, ora enfim querendo triunfar de seus pesares, brincava e ria como doido de prazer para logo depois cair na mais profunda melancolia. Nesse estado de sofrimento e irresolução estivera o pobre Juca até a hora em que a música chamara de novo os pares à sala: o estudante não se lembrara mais de dançar; a dança se havia tornado para êle em um divertimento estúpido; correrá porém como simples observador para ver o que se passava, e todos os seus tormentos redobram vendo

a escolhida do seu coração levada pelo braço de um rival indigno, mas ditoso.

O estudante perdeu completamente a cabeça: julgou que Rosa estava na verdade apaixonada de Sancho, e que não lhe restava mais esperança alguma; e ardendo em desejos de uma vingança, abraçou-se com a mais extravagante de todas as idéias, e tomou um partido digno do louco namorado da velha Bonifácia.

O Juca decidiu-se a fazer diante de Rosa uma declaração de amor solene e positiva à primeira senhora que lhe deparasse a sorte: esperou pois que terminasse a quadrilha, e apenas começaram os passeios, correu à porta da sala para executar o seu projeto.

A primeira senhora, que apareceu diante d'êlé sem cavalheiro foi a velha Irene!

O estudante recuou dois passos, e hesitou alguns momentos: depois repreendendo a si próprio por semelhante hesitação, ofereceu o braço à pretensiosa viúva com o sorriso nos lábios e o inferno dentro do coração.

A interessante viúva não cabia em si de contente: orgulhosa de seu jovem cavalheiro passeava por aquela varanda cheia de belas moças e de interessantes mancebos, olhando para todos os lados e com o pescoço estendido e meio dobrado para diante, como um ganso, que vai nadando por um lago coberto de flores.

Apesar da firme resolução que havia tomado, e de toda extravagância de seu gênio, o estudante, mais ou menos preocupado, ainda não tinha podido dirigir uma única palavra a Irene: o passeio continuaria e acabaria talvez em silêncio, se Rosa não apparecesse na varanda.

A filha de Mauricio vinha só, e descobrindo o galante par que ali passeava, deixou aparecer em seus lábios um meio sorriso, onde se lia compaixão ou desprezo. O Juca sentiu-se revoltado observando aquêlé sorriso, e imediatamente desatou-se-lhe toda a eloquência de um baillista namorado: sua viveza antiga, seu prazer, sua facúndia reapareceram como por encanto, e a velha pretensiosa escutou enfim com a alma ao pé dos ouvidos quanta fineza, e quantos juramentos pôde inspirar um amor ardente de mancebo.

A paixão improvisada do estudante subiu a tal ponto, que a própria vaidade de Irene não pôde acreditar em tanta felicidade junta!

— Oh! Sr. Juca, disse a viúva admirada; eu começo a recear de que o senhor esteja gracejando comigo.

— Não, não, minha senhora; eu não minto, o meu coração é quem fala.

— Será possível, que eu chegasse a merecer tanto?...

Os dois passavam junto de Rosa: o estudante demorou o passo.

— Sim, eu lhe amo! creia que eu lhe amo!

— Meus Deus! exclamou a velha arranjando um suspiro.

— Amo-te louca e perdidamente: minha ventura depende da sua mão, ouviu?... da sua mão,... entenda-me bem.

Rosa fugiu, recuou espantada, escutando aquelas imprudentes palavras; e enquanto o Juca e Irene continuavam o seu passeio, foi ela outra vez debruçar-se tristemente sobre o parapeito da varanda. Oh! quanto não deveria esta sofrendo aquela moça apaixonada e bela, para ir no meio da festa e dos prazeres esquecer-se de si própria, mergulhada em um pêlago de tristes reflexões!

Aí pois estava ela alheia ao mundo que a cercava, e tôda entregue à sua dor ou a seus recônditos pensamentos, quando o importuno comendador Sancho, sem ver o seu infalível Cabrion, o velho Anastácio, que parara à distância de alguns passos para observá-lo, foi também debruçar-se no parapeito ao lado de Rosa, e começou a repetir-lhe pela vigésima vez um sem número de cousas muito banais, que êle considerava eloqüentes protestos de amor.

Rosa, escutando as primeiras palavras do comendador, fêz um movimento de impaciência muito significativo, e vendo que nem assim o teimoso Sancho a deixava em paz, tomou o partido de lhe não dar resposta alguma. O comendador, de sua parte traduzindo o silêncio da filha de Mauricio por algum acesso de ciúme tão comum nas moças, o que não só era um meio fácil de explicar aquela melancolia, mas era sobretudo a explicação que mais o lisonjeava, sustentou-se no seu pôsto, e continuou por muito tempo a desfazer-se em terníssimas protestações. Cansado enfim de pregar no deserto, tomou partido mais imprudente ainda: quis vencer com o pé o que não conseguira com a língua, o que de certo não era o maior elogio que podia fazer a si próprio. Principiou pois a pisar primeiro a ponta dos sapatinhos de cetim da moça, e logo depois sem dó nem piedade os próprios e delicados pés dela.

Rosa, como se devia esperar, irritou-se com o insólito procedimento do comendador, e lançou sobre êle um olhar ardente; mas o maldito ou desgraçado velho traduziu em fogo de amor o brilhantismo de uns olhos acesos pela cólera, e teimou no seu amoroso propósito de pôr em tortura os pés do objeto amado. Rosa conservou-se em silêncio e imóvel ainda durante algum tempo, mordendo os lábios de despeito; depois olhou para o chão e descobriu os enormes pés do comendador calçando finos sapatos envernizados, destacando-se por baixo de uma calça sem presilhas e perfeitamente assentados sobre os seus lindos sapatinhos de cetim.

Uma idéia digna da imaginação de um estudante gaiato, uma lembrança de moça travessa raiou no pensamento da bela e contrariada filha de Mauricio: era uma zombaria... era uma vingança... era... Rosa não gastou mais tempo em meditar; com um rápido movimento abaixou-se de repente, e arrancando um sapato do pé do comendador atirou-o no pátio da casa, e retirou-se sem dizer palavra.

O pobre comendador Sancho ficou atônito e desesperado com o que acabava de acontecer-lhe: falar era ir expor-se ao ridículo; sair dali, pior ainda, era aparecer com um pé calçado e outro descalço. O que lhe restava pois?... amaldiçoar sua má cabeça, jurar não pisar mais nunca nos pés de moça nenhuma, e esperar que a sorte lhe deparasse um criado fiel, que fôsse muito em segrêgo procurar o malfadado sapato. Quanto ao mais, Sancho depositava tôda sua esperança na generosidade de Rosa, e esperava que ela não levasse sua vingança ainda além, contando às suas camaradas o tristíssimo acontecimento em que êle figurava tão mal.

Com efeito o caso do sapato tinha escapado a todos os olhos: afora os dois, só uma pessoa o pudera perceber; infelizmente porém para o comendador Sancho, essa pessoa era o seu terrível Cabrion, o seu mau gênio: era o velho roceiro.

Apenas Anastácio viu o fim que tivera aquela cena passada no parapeito da varanda, dirigiu-se apressadamente ao pátio: a má estrêla do comendador quis que o velho roceiro, ao passar pela sala, se esbarrasse com o Juca, que andava por ali tão sem coração, como sem cabeça.

— Perdão, senhor! balbuciou o Juca.

— Que perdão?! exclamou o velho esfregando as mãos: foi a Providência que determinou êste encontro: venha comigo.

— Onde?...

— Homem, venha, e deixe-se de perguntas. O Juca seguiu o Anastácio até a porta que abria para o pátio: aí o velho parou um momento, como para respirar.

— O que quer dizer isto?... perguntou o estudante.

— Quer dizer que chegou a ocasião de pregarmos um mono de truz ao comendador Sancho; vamos lá; quer ajudar-me?...

O Juca deu um abraço tão apertado em Anastácio, que quase o sufocou.

Tudo foi obra de poucos minutos: o velho contou ao estudante o que havia acontecido; um criado foi procurar, e trouxe aos dois o sapato do comendador; em um abrir e fechar de olhos o estudante havia descoberto uma vela de sêbo, e o sapato, depois de ter a sola convenientemente enxada foi, com tôdas as precauções, enviado ao comendador Sancho, em nome de Rosa.

— Agora, disse o Juca, uma valsa!... fica por minha conta.

E retirava-se com presteza, quando o Anastácio o susteve, dizendo-lhe:

— Meu caro estudante, façamos a nossa festa completa!

— Entendo, entendo perfeitamente, exclamou o Juca; mas qual das duas prefere?... uma é hoje minha apaixonada, e eu quase não quase seu noivo; porém não importa: diga qual das duas, a D. Irene, ou a professora?

— Já que não podem ser ambas, vá a professôra, disse o velho suspirando.

O Juca desapareceu correndo pela escada acima.

Quando Anastácio tornou à sala, encontrou já o endiabrado estudante, que passeava dando o braço a Deolinda: os dois fizeram com os olhos um mútuo sinal de inteligência, que por mais ninguém foi percebido: o comendador Sancho tinha aparecido à porta da sala.

A música tocou os primeiros compassos de uma valsa viva e alegre, que fazia desejos de dançar a um coxo.

— Valsa, minha senhora?... perguntou o estudante.

— Que pergunta! respondeu a velha professôra; qual é a moça que não valsa?

— Ah! sim!... confesso que fui muito simples; mas...

— Mas o quê?...

— Dei um jeito no meu pé direito, e magoei um calo do meu pé esquerdo, de modo que fiquei inválido tanto pela esquerda, como pela direita.

— Nesse caso a sua pergunta de há pouco, além de muito... triste, foi também inoportuna.

— Oh! mas eu não a deixarei assim sem valsar; vou oferecer a um excelente cavalheiro a honra de dar algumas voltas com V. Ex.

— Ora... quer ter êsse incômodo?...

— O Sr. comendador aparece aqui muito a propósito! exclamou o estudante chegando-se ao ilustre Sancho.

— Posso saber para quê?... perguntou êste sêcamente.

— A senhora, a quem tenho a honra de acompanhar, estimaria dar algumas voltas de valsa, e eu acho-me impossibilitado de satisfazê-la.

— Mas... murmurou a professôra um pouco desgostosa do cavalheiro que o Juca oferecia, enquanto o comendador trabalhava por arranjar uma desculpa.

A música tocava, e alguns pares já valsavam pela sala.

— Não há tempo a perder Sr. comendador; privo-me de uma honra; mas vou admirá-lo.

E deixando a professôra quase à fôrça no braço do comendador, o Juca correu para junto de Anastácio.

— Então?... perguntou êste.

— Creio que brilhamos, disse o estudante.

O comendador Sancho não teve outro remédio senão cumprir com as obrigações de cavalheiro; cingiu a cintura de D. Deolinda com o seu *elegante* braço, e tomando-lhe a outra mão, pôs-se primeiro em atitude, e finalmente rompeu valsando; mas ah!... ainda bem não tinha chegado ao meio da primeira volta, quando escorregou e caiu a fio comprido, levando consigo ao chão a pobre professôra.

Risadas gerais retumbaram por tôda sala; correram no entanto alguns a levantar o par infeliz; D. Deolinda retirou-se envergonhada,

o comendador ia já se erguendo nos braços de dois amigos, e dava alguns passos, quando o terrível Anastácio exclamou do lugar em que estava:

— Oh! Sr. comendador Sancho! olhe, que deixou no chão a cabeleira!

Com efeito a enorme calva do pobre Sancho estava à mostra, e ao aspecto dela, e da cabeleira que lhe traziam desataram outra vez as risadas da companhia.

— Estou já meio vingado, murmurou Anastácio.

— E agora, disse-lhe o estudante: sou bem tolo se não me ponho ao fresco.

— Então pelo quê?

— Porque se a professôra e o comendador me apanham rasgam-me a casaca: boa-noite!

— Até mais ver, meu Juca! exclamou Anastácio abraçando o estudante; agora somos amigos!

Quando Juca descia as escadas, reaparecia no meio da sala o comendador bradando:

— Foi a primeira vez que escorreguei numa valsa; mas eis aqui a causa: o meu sapato tinha sêbo na sola!...

Novas risadas abafaram a voz do pobre Sancho.

Às quatro horas da madrugada terminou o baile.

## XXI

### Faustino em campo

Os antigos eram homens de muito juízo: quando mais nada o provasse, bastavam para demonstrá-lo os seus adágios, que asselados pela experiência nos estão servindo de conselho e de aviso todos os dias.

Diz um daqueles rifões, que o *melhor da festa é esperar por ela*. Ora êste que serve para ser aplicado a respeito de muita cousa que se passa no mundo, assenta mesmo como chapéu em cabeça nas tais festas, de que fala, e particularmente nos saraus, em que o esperar sabe como gaitas, o gozar passa como um vôo, e o recordar punge como urtiga.

Os poetas (que aqui para nós é gente capaz de dizer que o preto é branco e o branco é preto) têm feito por vèzes a descrição de uma moça de volta de um baile, pintando-a defronte de seu toucador arfando de saudade e fadiga, e despojando com belas e preguiçosas mãozinhas os cabelos de suas flores, as orelhas de seus brincos de brilhantes, o colo de seu precioso aderêço; às vèzes, parando como esquecida de si mesma, vertendo suspiros amiudados; às vèzes, feiceira ainda na solidão brincando com os anéis de madeixa, que roiam desinquietos por suas faces; e enfim depois de muitas outras cousas.

que elles lá sabem, ainda lhe vão embelezar o sono com ternos e amorosos sonhos, de modo que por fim de contas fica um homem que não é poeta, sem saber o que é melhor, se ver uma moça ir ou voltar de um baile.

Os poetas são homens perigosos, que nos enganam nisto como em tudo mais: não há nada mais triste do que a vida que muitos vivem nos primeiros dias que seguem a noite de um sarau.

Há segredos, há mistérios, que se passam naqueles passeios, naquelas contradanças e valsas, e que se trazem depois para casa no coração, e que durante muito tempo são causa pelo menos de terríveis amargores.

Quinze dias já haviam corrido depois do aniversário natalício de Laura, e o sarau, que então tivera lugar, ainda estava produzindo suas conseqüências.

Laura ficara arrufada com a filha de Mauricio e não tornara mais à casa dela; de sua parte Rosa não queria ouvir o nome de sua antiga camarada. O Juca tinha perdido as boas graças da primeira, e era muito friamente recebido pela segunda; em compensação porém ganhara as simpatias do velho Anastácio, com quem fazia causa comum para trazer em continuos tormentos o comendador Sancho. Quanto a este, bem que o fatal episódio do sapato lhe devesse ter sugerido algumas dúvidas a respeito de seu domínio sobre o coração de Rosa, contudo bastaram alguns momentos passados em êxtase de frente de um espelho para convencer ao pretensioso velho, que nada havia mais positivo e mais fácil de explicar-se do que o amor que tinha sabido inspirar; e se alguma sombra de ressentimento obscurecia ainda seu coração, essa desapareceu súbitamente à primeira frase lisonjeira e doce, que a interessante moça julgou a propósito conceder-lhe.

O campo de batalha continuava a ser a casa de Mauricio. Laura se achava fora de combate; a luta porém não era menos travada; a predileção de Rosa pelo comendador se tinha feito tão notável e decidida, que o pai da interessante moça, já pensava no caso muito seriamente; por outro lado a afeição que se mostravam um ao outro a velha Irene e o Juca saltava aos olhos de todos, e entristecia grandemente Anastácio, que não concebia como era possível dar-se em matérias de amor aquella nova espécie de anacronismo.

No meio de tudo isto duas cousas se faziam dignas de constante observação: uma e bem divertida era a eloquência amorosa, a paixão ardente que por mil modos demonstravam a seus competentes objetos o comendador e a viúva, que trazendo o coração lá do século passado debalde os queriam fazer passar por frutas novas no meado do presente século; a outra era a indiferença com que o Juca tratava a Rosa, e a repugnância ou mesmo o aborrecimento, que a filha de Mauricio dava em trôco ao estudante.

As conseqüências do sarau de Laura não paravam nisto. O im-

pagável filho da velha Basília não estava tão satisfeito como desejava; tinha na verdade conseguido desacreditar o estudante na opinião das duas belas rivais; talvez mesmo que houvesse chegado a pô-lo para sempre fora daqueles dois jovens corações; que lucrara porém com isso?... para si cousa nenhuma: Rosa e Laura eram duas moças espirituosas e dotadas de ardente imaginação e conheciam muito bem a Faustino para nunca tomarem para objeto de seus cuidados um homem frio e prosaico como um usurário velho.

E no entanto para maior pena do pobre representante da época, o Juca, sem querer e sem pensar, tinha-se cruelmente vingado fingindo-se apaixonado, ou apaixonando-se pela velha Irene.

Faustino no dia que seguiu a noite do sarau de Laura deixou-se ficar na cama até a hora de jantar, pôsto que se tivesse acordado às oito da manhã.

Durante todo esse tempo de vigília e de recolhimento o publicista meditou sobre o presente e sobre o futuro... já se sabe d'êlê mesmo.

O presente era fácil de ser compreendido. Uma só palavra o resumia todo: *sem viatém!*... — o presente era por consequência o vácuo.

O futuro era cheio de dúvidas entremeadas de raras esperanças: no futuro pois e exclusivamente no futuro pensava êle. Faustino procurava um meio de escapar daquele abominável — *sem viatém* — e lançar-se no seio de uma inspirada riqueza.

Queria trocar um vácuo por um *fiat*.

Ê meditou conversando muito tempo consigo mesmo, a ver se as lições do passado lhe davam o condão para chegar a um belo futuro.

— Fui estudante e não estudei, dizia êle com os seus botões; em vez de letras adquirir tretas; até aqui não fui mal; pelo contrário muita gente boa tem ido assim excelentemente. Oh! mas a maldita política estragou-me! um rapaz de esperanças como eu esbarrou-se logo aos primeiros passos dados na grande estrada!... é inconcebível... No entanto ninguém dirá, que não estreei como homem de tino: principiei na época das eleições depondo na urna uma chapa da opposição envolvida na capa de uma chapa ministerial; ninguém deu pelo caso, e passei às mil maravilhas; mas ah! quis de um salto chegar à meta, quis ser um Hércules fora de tempo, e tiveram medo, tremeram diante de mim, e cortaram-me as asas: sim! quando descobriram que escrevia três jornais por semana, sustentando três princípios radicalmente opostos... assustaram-se... viram bem que eu era um Sansão político, e receosos de minha habilidade, bateram-me com a porta na cara. Pois bem: mudarei de vida; nada mais de política!

E o mísero publicista suspirou tristemente; mas passados alguns momentos prosseguiu reanimando-se.

— Nada mais de política?!?! oh! quem, quem é que pode abandonar o teatro, depois de ter feito uma só vez na vida mesmo o triste papel de comparsa nessa grande comédia da vida da humanidade?...

Não: deixar a política, nunca! seria suicidar-me: ela é o meu elemento, o *meu ego*. O meu ego?... sim, por que não?... toda a política se resume no *ego* para muita gente; não retiro pois a expressão.

E depois de suspirar outra vez, continuou ainda:

— Deixar a política para sempre fôra uma loucura rematada.

~ Recolher-me aos bastidores por um pouco, afastar-me da cena com ares de descontente, dizendo que mais nada espero, que tudo vai mal, que os homens perderam o juízo, que um cataclisma formidável nos ameaça; e depois de algum tempo reaparecer oportunamente é o que me cumpre, e o que não posso deixar de fazer. O que poderão dizer de mim então?... que houve época em que escrevi três jornais de cores diversas por semana?... que importa?... sustentarei que ainda assim era um dos políticos mais firmes e constantes; porque mudava somente três vezes por semana. Está decidido; recolho-me aos bastidores, como disse. No entretanto aprontarei a rede, porque as águas turvas virão. Mas enquanto elas não chegam?... enquanto não brilha o meu querido futuro, como me hei de eu escapar deste endemoninhado presente?... a minha atualidade é uma espécie de esqueleto... eu estou no inferno; sinto-me doente e muito doente... não tenho dinheiro. Ah! esta cabeça fértil e admirável, que tantas e tão boas mentiras engendrou, quando eu escrevia os meus periódicos, que tão brilhantes idéias concebia, se tornou em uma pobre e miserável cabeça de maníaco que não tem senão um pensamento, único, exclusivo, e irresistível — o casamento — isto é, o dote da noiva: uma noiva com pingue dote! oh! sim! a sorte grande da loteria d'Áustria!... isto brilha na minh'alma, como os sonhos de um mundo novo na alma de Colombo.

E o ilustre publicista deu um salto fora da cama; e abrindo a gaveta da mesa tirou dela a folha de papel, que continha a *relação das vinte cinco noivas documentadas*, e deitando-se de novo começou a ler pela milésima vez aquêie belo fragmento do grande poema da miséria humana.

Faustino leu rapidamente os primeiros artigos da relação até que chegou ao que dizia respeito à velha Irene; então a sua voz tornou-se doce e terna, e foi repetindo pausadamente e como se quisesse saborear as palavras de que já se compunha aquêie eloqüente período, que já uma vez fizera ouvir ao Juca:

“D. Irene, viúva; idade cinqüenta e cinco anos; dentadura postiça; tinge os cabelos; é um pouco corcovada; horrivelmente feia; gênio de mil diabos, namoradeira e presunçosa; dizem que adiantou a morte do marido; tem quatrocentas apólices de conto de réis, e não deve nada a ninguém: é um anjo!...”

— Ah! disse então Faustino; depois de se ler o nome de D. Irene é um crime procurar ainda outro.

E dobrando o papel continuou teatralmente:

— Bela, interessante e inimitável viúva, se eu fôsse poeta, havia de fazer-te um poema; se eu fôsse músico, te escreveria uma ópera; se eu fôsse pintor, não tiraria o teu retrato; e se eu fôsse teu marido... ah! sim! empregaria muito bem o teu dinheiro.

O publicista depois de fazer exclamação tão conscienciosa guardou o seu papel, e começando a passear a largos passos pelo quarto, prosseguiu falando com os seus botões:

— Aquêlê Juca appareceu aqui em hora de maldição para mim!... é uma espécie de Pão de Açúcar que se levanta diante do meu futuro; se não fôra êsse maldito estudante, a boa da velha não se teria mostrado tão cruel e insensível aos meus obséquios. Êle não ama; juro, que não a ama; conheço bem aquella cabeça de vento, que acredita ainda que se pode ser alguma cousa neste mundo sem ter dinheiro; mas quê!... um simples estudante, uma triste cousa nenhuma na ordem das cousas há de levar-me as lampas em um negócio de semelhante importância? não! Quem o indispôs com as moças, pode bem ou melhor indispô-lo com a velha: hei de empregar todos os meios; hei de queimar até o último cartucho. Está dito.

Nestas e em outras que tais reflexões gastou o Faustino tôda a manhã, e os dias seguintes empregou êle em estudar o terreno em que devia combater.

O Juca parecia seriamente enamorado da viúva, pôsto que de vez em quando deixasse êle próprio cair num sarcasmo a respeito de sua nova paixão, dizendo que D. Irene era o retrato vivo de sua querida Bonifácia: de balde a velha Basília e a jovem Clarinha zombavam de seus amôres; o estudante jurava que nunca na sua vida se achara mais apaixonado.

O publicista sentia-se vivamente contrariado pelas disposições que observava no ânimo do Juca, o qual, tendo descoberto isso mesmo em algumas palavras escapadas ao pobre rival, dobrava-lhe os tormentos, falando-lhe a todos os instantes da velha Irene, do seu riquíssimo dote e das lisonjeiras esperanças que tinha.

No fim de quinze dias Faustino não pôde mais esperar, e determinou-se a dar batalha. O seu projeto estava maduramente refletido. Vestiu-se pois com todo o cuidado de um jovem conquistador, e dirigiu-se à casa da velha Irene.

Infeliz publicista! a que porta foi êle bater?... podiam ter resuscitado Demóstenes e Cícero, podia vir com êles o mais hábil dos oradores do século, que todos três juntos perderiam completamente o seu tempo, se quisessem convencer a uma velha que o seu fingido namorado a iludia.

Em matéria de amor nada há que iguale a constância, e a credulidade de uma mulher de mais de cinqüenta anos, que ainda nutre desejos e esperanças de se casar. Se lhe apontam os defeitos e os vícios do seu pretendente, ella responde que é inveja e calúnia, e que não conhece no mundo quem lhe chegue aos pés. Se lhe dizem que

o noivo tem mais amor ao dote que a noiva, ela jura que o pobre inocente é o desinteresse personalizado; que nunca lhe falou em dinheiro, e que até ignora se ela é rica ou pobre. Se finalmente algum imprudente ousa insinuar que seus anos já não são poucos, e que tendo dobrado meio século ela já não tem forças para carregar com o peso do casamento, ah! então a velha bate com o pé, brada que se não troca pelas mocinhas d'agora, e agradecendo conselhos, que não pede, declara que não tinha fortes desejos de se casar; mas que desde esse momento se resolve definitivamente a isso, só para *quebrar a castanha na boca de seus inimigos*. . .

Foi isto mesmo pouco mais ou menos o que aconteceu com Faustino na visita que fez à viúva das quatrocentas apólices: pobre publicista! Bateu-se como qualquer dos grandes heróis de Ariosto. Foi uma discussão de mais de três horas, onde pôde o talentoso rapaz provar que estava em dia com tôdas as regras, e com todos os recursos parlamentares. Nada porém lhe valeu: a velha tinha cabeça de ferro, e não houve força de lógica, nem figura de retórica, que a fizesse crer que o Juca ou estava zombando dela, ou não passava de vil interesseiro, como lhe afirmava Faustino.

Enfim necessário foi que o terrível combate se terminasse. O publicista ergueu-se cansado de uma luta infrutuosa, tomou o chapéu, e despediu-se dizendo:

— Minha senhora, eu lhe deixo uma palavra terrível, sim, mas que a amizade que lhe tributo me ordena que a profira:

E com tom ridiculamente profético exclamou:

— Minha senhora! trema do futuro! . . .

Irene em resposta desatou uma risada, e disse:

— Meu caro, quem lhe encomendou o sermão que lho pague.

Uma batalha nem sempre vale uma campanha, e aquêle que desanima com os primeiros reveses pode ficar certo de que não nasceu para grande cousa. Faustino que não era homem de pouco mais ou menos não perdeu as esperanças de succeder ao Juca na posse do coração quinquagenário com o mau successo daquela entrevista: deixou pois a casa da velha Irene, e tratou de prosseguir no desenvolvimento de seu plano.

Como quem já de antemão se houvesse preparado para tudo, apenas saiu da sua infeliz visita, dirigiu-se a uma das mais tristes e menos claras ruas da cidade do Rio de Janeiro, e foi bater na rótula velha de uma casa de desagradável e repulsiva aparência.

Era a casa do procurador da viúva.

Depois de esperar algum tempo, entrou enfim, e appareceu diante do homem que procurava.

Era um velho de setenta anos de idade, cuja cabeça branca escondia-se dentro de um barrete de sarja preta rudemente feito. Tinha o *rosto redondo e pálido*, os olhos tão pequenos como vivos, a barba desigual e muito falhada; a boca por demais rasgada, e os

dentes que lhe restavam, compridos e amarelados; suas mãos eram enormes, e as unhas crescidas e torpes. De baixa estatura, e apesar disso já um pouco dobrado pelo peso dos anos, tinha além disto grande barriga, pernas finas, e pés longos e achatados. Vestia uma jaqueta de lila preta tôda marcada de nódoas roxas, calça de ganga azul, e calçava grossos sapatos de cordovão repousado. Este velho rabujento chamava-se André.

Ele estava sentado em uma cadeira de pau por trás de uma grossa mesa de jacarandá trabalhada ao gosto antigo. O lugar onde se achava, e onde acabava de receber a Faustino era um gabinete pequeno e escuro, que tinha sido pintado pela última vez há vinte anos passados, e que por única mobília mostrava, além da mesa e da cadeira do velho, um tamborete colocado a alguma distância.

André levantou a cabeça ao sentir que Faustino entrava no gabinete, e fazendo um simples movimento como para saudá-lo apontou-lhe com o dedo para o tamborete, e disse:

— Pode abancar-se.

O publicista olhou admirado ao redor de si, e depois para o velho: estava na casa e na presença de um homem que o povo marcava como milionário. De sua parte André com um olhar cuidadoso, observava o mancebo, ao mesmo tempo que também a miúdo se voltava para uma porta que se abria para um outro gabinete que lhe ficava à mão direita. Depois de alguns momentos rompeu êle o silêncio, perguntando muito simplesmente.

— A que vem o Sr.?...

Faustino respirou meio ansiado uma porção do ar pesado e pestífero daquela atmosfera de usurário, e respondeu:

— Traz-me aqui um negócio de grande ponderação.

— Vamos lá, disse André sorvendo uma enorme pitada de tabaco, que fez o pobre publicista espirrar três ou quatro vêzes.

— E' um negócio de muito interêsse para nós ambos; mas que só se deve tratar quando se tiver certeza de que o seu segrêdo não passará além dêste gabinete:

— Nêle ficará, como os outros têm ficado.

— O Sr. o promete debaixo de sua palavra de honra?...

O velho assoou-se com um lenço imundo para encobrir uma risada, que lhe ia escapando, e respondeu:

— Palavra de honra.

Faustino começou:

— O Sr. André é o procurador e o encarregado de todos os negócios da Sra. D. Irene?...

Os pequenos olhos do usurário brilharam como dois pirilampus.

— Tal e qual; disse êle: sou primo dessa respeitável Sra.

— Pois Sr., trata-se de um casamento...

— De um casamento!!! bradou o velho pulando na cadeira; de um casamento!!!

— Um estudante atrevido e interesseiro tem desinquietao essa respeitável Sra., e eu, receando muito que a consequência provável das relações *dêsse moço* e da nobre viúva seja um casamento, vinha...

— Casar-se... exclamou André; pois se ela quer absolutamente casar-se, não me achava eu pronto para oferecer-lhe a minha mão?...

O publicista olhou espantado para o velho.

— Pois o que olha?... o que pensa o Sr.?... disse André erguendo-se, e deixando ver completamente sua hedionda figura; julga que sou tão velho, que não me possa casar?...

— Mas ela... balbuciou Faustino.

— Ela é uma mulher doida, que gasta rios de dinheiro; que despênde cinquenta vêzes mais do que deveria despender! esgota juros, e, se eu não fôsse, esgotaria o capital! a *min me deve tudo*... tudo... e o Sr. me vem aqui dizer que agora pretende tirar-me tudo: veremos isso!

O velho torcia as mãos com violência, e seus olhos brilharam com o mais ardente fogo da cólera; depois de algum tempo passado em silêncio perguntou ásperamente:

— E o que faz o outro?... talvez sejam conselhos dêle?...

— O outro quem, Sr.?...

— Pois o Sr. não sabe que ela tem outro primo?... disse o velho com desespero, e olhando desconfiado para Faustino: não conhece êsse miserável, que se diz meu irmão?...

O publicista ignorava completamente a história das misérias e vilezas daquele rico velho. Ele tinha um irmão pobre, mas honrado, que velando pela fortuna de Irene, e tomando a seu cargo as contas e despesas da viúva, impedia que André se fizesse senhor de um grande capital, que ela confiara em apólices e dinheiro aos cuidados do usurário.

Faustino não tinha respondido ao velho, que de novo lhe fêz a pergunta.

— Pois o Sr. não o conhece?

— Não; nem com êle me importa.

André tomou três pitadas de tabaco seguidas, bateu com o pé, arrancou o barrete da cabeça, coçou com força a fronte que lhe ardia, e tornou dirigindo-se a Faustino:

— Mas a que vem o Sr. então?...

— A dar-lhe parte do que se passa.

— Já sei; pode-se retirar.

— Falta-me ainda alguma cousa.

— O quê?

— Propôr-lhe um negócio de interêsse para nós ambos.

— Diga.

— Sr. André...

— Depressa.

— O negócio é grave.

— E eu tenho que fazer.

— Quer então que venha amanhã?

— Não, já; mas o Sr. toma-me o dóbro do tempo necessário para se tratar de decidir a questão financeira mais intrincada d'este mundo.

— Pois bem, lá vai em duas palavras.

— Enfim!

— Tenho feito os meus cálculos, digo-o com franqueza; e me fazia conta casar.

— Com quem?...

— Com a Sra. sua prima.

— Também o Sr.!... rosnou o velho que mal se podia conter.

— Vim por isso propor-lhe um negócio.

— Qual?...

— O Sr. André arranjar-me-á este casamento e eu lhe ofereço dez por cento do dote da noiva.

O usurário soltou uma gargalhada medonha.

— Quinze por cento.

— Deveras?... não dá mais?...

— Vinte por cento em uma palavra.

— E o Sr. sabe a quanto monta esse dote?...

— Pouco mais ou menos.

— Excelentemente!... e falam em honra! e chamam-me usurário! no entretanto rebelam-se contra mim todos êles, querem-me roubar... e reduzir-me a ir de porta em porta pedir esmolas!

O velho estava furioso.

— Então o senhor não me responde?...

André caiu na cadeira e meditou cinco minutos; quando ergueu a cabeça tinha o rosto horrivelmente contraído. Encarou Faustino com um olhar de tigre, e murmurou surdamente:

— Venha daqui a oito dias.

— Então!...

— Preciso meditar; quero dormir no caso.

— E se antes dêsse tempo o estudante casar-se!...

— Não tenha medo.

— Bem; às suas ordens.

André fêz apenas um movimento de cabeça, e logo que se viu livre de Faustino exclamou furioso:

— A minha herança!... a minha herança!... um testamento arrancado à força de astúcia e de lágrimas vai pois ser destruído pela ambição de um estudante!... não: não há de sê-lo! juro que não: antes a morte!...

E em pé, firme, direito como um mancebo de vinte anos, o velho setuagenário andava de um para outro lado do gabinete aceso de

cólera; no fim de uma hora, tirou um chapéu velho, que estava em baixo da mesa, e saiu.

Faustino não tinha julgado completa a sua obra naquele dia: deixando a casa de André correu à sua, e fechando-se no seu quarto, escreveu uma longa carta de quatro páginas tôda cheia de verdades e calúnias; era a história das extravagâncias e das loucuras do Juca pintadas com as mais negras côres.

Cobarde como o é sempre o denunciante e o caluniador, Faustino não se animou a assinar a carta, ao contrário procurou desfigurar a letra. Depois de terminada a carta, dobrou-a, e escreveu no sobrescrito o nome do pai do Juca, pôs-lhe a competente direção, e saindo outra vez de casa dirigiu-se ao correio, onde deixou a fatal missiva.

No fim de tantas horas de trabalho lembrou-se o publicista de que o estômago é quem governa o mundo, e que êle se sentia com um apetite devorador; correu à casa e aí achou o Juca jantando alegremente ao lado de sua mãe e irmã.

— Faustino, exclamou a velha Basília; onde foste, que vens tão cansado assim!... que tens feito hoje?...

— Ah! Sra. D. Basília, disse o Juca; nos olhos do publicista está-se lendo, que êle acabou de fazer algumas das suas costumadas!

## XXII

### Rosa e o Juca

Tôda a moça solteira é mais ou menos chorona. Aquela com quem a natureza foi madrasta cruel, aquela que por feia ou desengraçada não é, como as outras mais felizes, objeto de doces e constantes atenções dos admiradores da beleza, chora quando está só, e declara à vista de gente que é a mais infeliz das criaturas; mas sem dizer pelo quê. Aquela que, pelo contrário, sendo bonita e vaidosa, devendo porém muito pouco ou nada à fortuna, vê irem correndo seus anos e murchando suas graças sem achar entre tantos que a requestam um só que se anime a prender ao dela o seu destino, faz o mesmo que a primeira, chora na solidão lágrimas amargas, vem rir-se docemente ao depois no meio das assembléias, cai porém às vêzes em longas horas de melancolia; e se alguém lhe pergunta a razão disso, responde: — *não sei: pensava sem saber em que*: — ninguém pense que a moça loreira sofre menos que as outras: o segrêdo de seu leito abafa gemidos e angústias; e a mesma jovem bela, rica, querida e requestada chora mil vêzes, porque enfim chega um dia, em que ela começa a amar, e desde que começa a amar principia a sofrer, ora porque o objeto de seus pensamentos de outra mais se agradou, ora porque sua inconstância a faz reccar pelo fu-

turo, ora finalmente porque o ciúme, ou a intriga, ou o ressentimento põe em torturas o seu amor delicado e belo.

No entanto há um momento em todos os dias em que secam tôdas as lágrimas. Desde a feia e desengraçada até a formosa e rica, a primeira como a segunda, e esta como a última esquecem sofrimentos, lágrimas e futuro, e cuidam só no presente, na hora feliz em que elas correm ao toilette: porque a mulher em geral, e particularmente a moça solteira, ama seus olhos, suas mãos, sua cintura, seu colo, seus cabelos, como um poeta ama seu livro, e um pintor o seu quadro mais completo.

Isto que se vê repetidas vêzes, se estava então passando com a filha de Maurício em tôda a extensão da regra acima apresentada.

Rosa não era mais aquela mocinha naturalmente viva e graciosa, que vimos outrora interromper a forte questão travada entre o comendador Sancho e o velho Anastácio, para pedir a seu pai flores para um baile que ia ter lugar. Agora a sua viveza era calculada, sua alegria tôda artificial; por baixo de seus belos olhos negros e brilhantes desenhavam-se olheiras roxas que denunciavam suas vigílias e tormentos; os longes de rubor que davam indizível encanto a seu rosto branco e formoso haviam desaparecido, e sua cintura tinha mesmo uma polegada de menos. No entretanto quem a achava ao lado de seu pai ou no meio de uma assembléa, vê-la-ia contente, feliz, risonha, e não compreenderia por certo que uma dor profunda estava então abafada em sua alma.

Mas se a alguém fôsse dado penetrar em seu quarto, e escondido atrás das cortinas de seu leito, ou tendo no dedo algum daqueles anéis encantados que tornavam invisível a quem o trazia, observava sem ser visto a vida de solidão que aquela moça vivia, então sim teria piedade dela, e chegaria a compreender o que são os tormentos de moça escondidos pela vaidade, ou por qualquer outro sentimento mais nobre, como o pudor, e a generosidade, que tanto nela pode.

Com efeito Rosa sofria muito: a pesar seu e apesar de tudo ela amava cada vez mais a êsse ligeiro e tirano estudante, que todos os dias com golpes novos a feria no coração. Quanto mais ofendida, mais apaixonada; quanto mais apaixonada tanto mais ressentida, a filha de Maurício desejava vingar-se do Juca, mas de um modo digno dela; queria uma vingança elevada, sublime, capaz de fazer conhecer ao cruel mancebo que mulher havia iludido, que tesouro tinha desprezado.

Essa vingança que uma inteligência e uma imaginação de fogo haviam concebido deveria ser fatal para a mesma pessoa que se vingava: embora!

Essa vingança era o próprio martírio.

— Oh!... dizia ela muitas vêzes consigo: o primeiro amor é a sempre-viva do coração; é a flor que não morre nunca; é o sentimento eterno que resiste a tôdas as provas, ao tempo, à ingratição,

! miséria, a tudo, e mesmo a qualquer desses acoutecimentos, fatos, ou casos que a fraqueza dos homens costuma chamar um *impossível*; — pelo menos o meu amor é assim. Eu amei aquêlo moço quase no sair do berço; acostumei-me a pensar nêle, e a julgar que a providência nos tinha destinado um para o outro. Agora, abandonar estas idéias, matar êste amor, é o que é verdadeiramente um — *impossível*; — trocá-lo por outro — oh! — então isso fôra mais alguma cousa... fôra um sacrilégio!... E todavia êle não me ama! iludiu-me, zombou de mim!... êle não ama a ninguém, e ri de tôdas, como ri de mim! é muito!... e é mais do que tudo estar provávelmente êsse homem convencido de que no dia em que se lembrar ou tiver tempo de voltar os olhos para mim, me achará com os olhos voltados para êle; de que eu me exaspero quando o vejo cumprimentando as outras senhoras; de que enfim eu não tenho outro pensamento, outro desejo, outra ambição, que não seja de ser por êle amada!... oh! mas tudo isso é verdade, porque me mata a todos os instantes. Porque é mau, porque é indigno de um coração como o meu; sim... é justo, não me merece; mas eu também não mereço a ninguém e portanto... e portanto eu estou perdida e devo acabar de sofrer, morrendo.

A infeliz moça não parava aí, e dizia ainda falando com sua dor:

— Sim... cumpre-me morrer; mas morrer diante dêle, ir morrendo pouco a pouco com os olhos secos e um sorriso nos lábios; porém um desses sorrisos que sabe resumir anos inteiros de lágrimas; sim ir definhando... definhando sempre sem nunca gemer até o dia último, e então chamá-lo, trazê-lo com o ouvido para junto de meus lábios, dizer-lhe baixinho: — *tu me mataste... eu te perdôo*, e morrer depois.

E prosseguia ainda:

— Levante-se no entretanto uma barreira eterna, que nos separe, e que torne impossível a mim o abandonar o sacrifício, e a êle o remediar o mal que me tem feito. Devo casar-me; casar-me com um homem, a quem não hei de amar, mas a quem saberei respeitar, e que servindo a minha vingança receba em paga disso a viuvez e meu dote. Escolhi: vai cair sôbre mim o ridículo; serei mulher do comendador; zombarão e rir-se-ão de mim... que me importa?! que tenho eu com o mundo, com o juízo dos homens, e com a maledicência e a mordacidade daquelas que já hoje me detestam?... Serei mulher do comendador. E' o homem que mais me pode convir. Fátuo, ignorante, vaidoso, interesseiro e mau, tendo escapado de não chegar a ser homem, porque escapou de não ter alma, o comendador me prepara uma vida de martírio e de pequenas misérias, que servirão para abreviar meus dias. Tauto melhor: está visto que o comendador me convém; eu não acharia outro igual.

Eis aqui como pensava a filha de Mauricio, e como preparava uma vingança, de que ela deveria ser a primeira vítima. Suas noites eram consagradas a estas tristes idéias, e apenas cortava o fio de

suas meditações, quando cedendo aos impetos da dor desatava a chorar. De dia, escapando-se da companhia de seu pai e do velho Anastácio, seu tio, vinha esconder-se no fundo de seu quarto, e dar livre campo a seus pensamentos.

Mas quando outra vez se aproximava a noite, quando vinha já perto da hora em que duas ou três vezes por semana apresentava-se o amado estudante entre outros amigos na casa de Maurício, Rosa esquecia-se de sua desgraça, enxugava as lágrimas e disfarçava os seus padecimentos, como o fazem tôdas as moças; e correndo para seu toucador punha em tributo tôda sua habilidade no empenho de se tornar mais bela e sedutora. Então não se lembrava mais de que era infeliz, recordava-se sômente de que devia parecer bonita.

A dor profunda e silenciosa, que ia aos poucos fazendo definhar a interessante moça, não tinha escapado aos olhos de um pai extremo; mas desconhecendo a causa da aflição de sua filha, não podendo compreender que Rosa, com tanto espirito, descesse até o ponto de apaixonar-se por um homem como o comendador Sancho, Maurício, fraco e indulgente, em lugar de armar-se de sua autoridade de pai para tomar contas ao coração de sua filha e aconselhá-la ou repreendê-la, conforme o caso o pedisse, calava-se, e contentando-se com uma observação inerte e infrutuosa deixava que Rosa se avizinhasse cada vez mais do abismo fatal, a que pretendia loucamente arrojarse. Debalde o velho Anastácio bradava contra a cegueira do irmão e pouco juízo da sobrinha; ninguém o atendia, nem valia a pena de atendê-lo, pois Anastácio também se enganava supondo real a paixão de que era objeto o comendador. Todos se iludiam: havia um jôgo de ilusões naquela casa, e dêle eram vítimas Sancho e Irene, a mesma Rosa, e finalmente o próprio Juca.

Sim, o estudante, como os velhos e a moça, vivia completamente enganado: rindo e brincando ainda como dantes, mas às vezes já atacado de terríveis horas de melancolia quando se achava a sós, sempre abatido e triste, o Juca sofria os mesmos tormentos que traziam em torturas o coração de Rosa. O pobre rapaz estava doido de amôres pela filha de Maurício; reconhecia que nunca na sua vida havia amado, ou que só verdadeiramente sentira amor, quando outrora se encontrara com aquela formosa menina, que então já moça e mais formosa ainda o estava fazendo arder em dobrado fogo de paixão e de ciúme. Desesperado de ter por seu rival o comendador Sancho, velho, ridículo e sem mérito algum, perdia de todo a cabeça, sendo obrigado a reconhecer que Rosa lhe prestava mais atenção do que a êle, moço, vivo, engraçado e feliz até poucos dias, como César ou Alexandre. Em uma palavra, e para explicar bem o estado a que haviam chegado a cabeça e o coração do infeliz rapaz, depois de ter feito quanta extravagância é possível imaginar em cinco anos de vida de estudante, o Juca acabava de rematar a obra dando em poeta.

O mais interessante porém em tôda esta miscelânea era que os dois amantes pensavam ambos pelo mesmo teor e forma. O estudante não tratava mais de empregar contra Rosa a receita que elle ensinara no baile para triunfar da indiferença ou dos desprezos das senhoras; o que elle estava praticando era nem mais nem menos movido pelas mesmas razões por que procedia a filha de Mauricio. Esta fingia-se apaixonada do comendador, e com elle se dispunha a casar para vingar-se da inconstância e do orgulho do Juca. Este mostrava-se enternecido e amoroso junto da velha Irene para tomar assim uma vingança da volubilidade e do orgulho de Rosa. De modo que por fim de contas os dois ressentidos jovens bebiam os ares um pelo outro; mas a respeito de juízo... (o velho roceiro tinha razão) nenhum dos dois podia gabar-se de o ter de sobra.

Vinha ainda o espírito da *contradição* embaraçar ainda mais esta meada; porque em casa da velha Basília, Faustino exasperava-se contra o Juca por causa de seus supostos amôres com a noiva das quatrocentas apólices, e o estudante para atormentar o publicista cada vez mais extremoso se demonstrava pela viúva; e em casa de Mauricio, Anastácio atacava tanto na presença como na ausência o comendador, e todo se desfazia já em elogios ao Juca; e Rosa para não dar o seu braço a torcer, dizia improperios contra o querido de seu tio, e tratava nas palmas das mãos o venturoso Sancho.

Ninguém pois se poderia entender no meio de semelhante intriga; não se achava o fio de Ariadna para desencadear este labirinto arranjado pelas travessuras do amor; e achavam-se as cousas neste ponto, quando, cerca de um mês depois do fatal sarau dos anos de Laura, chegou uma das noites de voltarete e de reunião de amigos em casa de Mauricio.

Irene e o comendador madrugaram, como era de seu costume: ás sete horas da noite já se achavam presentes, e tiveram de esperar na sala uma boa meia hora antes que Rosa descesse para recebê-los.

Um pouco depois do interessante par de namorados chegou um amigo de Mauricio e constante parceiro do voltarete, trazendo consigo uma irmã mais velha do que elle, solteira ainda e já sem esperanças de casar: chamava-se Fabricia, e poucas vezes saía de casa.

Acabavam de entrar estes dois irmãos, quando começa a desabar uma tormenta, que parecia que vinha o mundo abaixo. Era preciso que Mauricio se contentasse nessa noite com os poucos amigos que se haviam apresentado antes da tempestade: o voltarete não podia ter lugar.

A sensível e amorosa Irene suspirava e maldizia a chuva e o vento, o comendador Sancho os abençoava. Anastácio zombava dos dois namorados, e Rosa estava de mau humor, e apenas á força de grandes vitórias alcançadas sobre si mesma fazia as honras da conversação.

— Eu abomino a chuva! exclamou em um momento de desespero a viúva.

— E eu o sol, disse o comendador rindo-se.

— Todavia, observou Anastácio, ninguém dirá que o Sr. comendador pertença à família das corujas.

— Mau! disse Maurício; já principiam?...

— Pois o que eu aborreço é o vento, balbuciou Rosa, querendo também dizer alguma cousa.

— Tem razão, minha sobrinha; o vento é o inimigo das moças... nos passeios pelo menos.

— E eu, tornou Maurício, aborreço a chuva, o sol e o vento, quando qualquer deles me priva de duas horas de voltarete: está visto, hoje não jogamos.

— Paciência!... disse o parceiro, que era mesmo a paciência personalizada.

— Se ao menos aparecesse o nosso estudante!... mas qual! não vem; e sobretudo é um cabeça de vento, que em vendo senhoras, não tolera as cartas

— Bom! exclamou Anastácio; portanto a noite de hoje pertence-me.

— Ao menos isso, meu tio.

— Então o que temos? perguntou Maurício.

— Nada com os senhores do voltarete.

— Paciência! repetiu o irmão de D. Fabricia.

— Então é conosco, Sr. Anastácio?...

— E' verdade, Sra. D. Irene; jogaremos o embarque.

— Vamos a isso.

— Isto cá é jôgo de velhos, e portanto a senhora minha sobrinha há de ter a bondade de ficar de fora.

Quando Anastácio falou em jôgo de velhos, Irene fêz-se côr de rosa, Sancho côr de açafraão, e D. Fabricia olhou para o irmão, como quem perguntava o que devia fazer ou dizer; mas o pobre homem, que compreendeu o olhar da irmã, apenas deixou-lhe ouvir a palavra costumada:

— Paciência!

— Nada de cerimônias, vamos a isto; o Sr. comendador é parceiro ali daquela senhora, e eu jogarei com a Sra. D. Irene.

Sancho não queria jogar o embarque; a viúva estava ressentida por ter Anastácio dito que era jôgo de velhos, e D. Fabricia hesitava; mas enfim Rosa appareceu como mediadora, e depois de alguns pequenos esforços empregados por ela o *embarque* teve começo.

A chuva fazia nessa ocasião uma estiada, e passado um quarto de hora bateram palmas na escada.

— Quem será?...

— Com tal tempo, meu irmão, disse Anastácio; ou é jogador, ou nanorado, ou ladrão.

Apareceu o Juca.

— E' simplesmente um amigo, disse êle entrando.

— Perdoa, meu Juca, exclamou o velho roceiro, mas o diabo me leve, se o teu único defeito não é teres muita queda para isso que por aqui chamam — conquistador.

O comendador quis entregar as cartas ao estudante, que as rejeitou declarando que tinha feito um tratado de aliança ofensiva e defensiva como seu amigo Anastácio, e que por consequência não podia jogar contra êle.

Irene fêz um gomo muito mal arranjado, supondo que nas palavras do Juca vinha-lhe um cumprimento lisonjeiro... O estudante sentou-se ao lado do velho roceiro, e ficou assim defronte de Rosa, que ocupava uma cadeira entre a viúva e Fabricia.

Maurício e o seu parceiro conversavam no sofá a respeito das próximas eleições; e quando o primeiro mostrava seus receios de perder a campanha, o amigo respondia-lhe simplesmente:

— Paciência!

O mau tempo tinha de todo passado; desfeitas as nuvens negras da tempestade, a lua brilhava com todo seu resplendor, entornando seus raios na sala da casa de Maurício pelas janelas que se acabavam de abrir.

O Juca se conservara por algum tempo triste e meditabundo, prestando pouca ou nenhuma atenção ao jôgo, com o que muito se incomodava Irene. Rosa no fim de alguns minutos se esquecera também do comendador que lhe ficava fronteiro, e com o olhar fito no estudante, como que curiosa pretendia descobrir a causa daquela tristeza, que era verdadeiramente extraordinária no travêso mancebo; mas uma vez êle ergueu a cabeça, e seus olhos se encontraram com os da filha de Maurício, que supôs ver brilhar um raio de orgulho em seu semblante até êsse momento melancólico e doce. Rosa ressentiu-se e volta-se para o comendador, sôbre quem derrama olhares, cuidados, lisonjas, e até às vêzes suspiros; o estudante dá o cavaco, e lança-se furioso a render cultos a Irene; chovem os elogios, cada palavra é um juramento de amor, e cada sorriso um discurso do mesmo gênero; Sancho e a viúva atrapalham o jôgo; Anastácio começa a impacientar-se, e, adeus minhas encomendas, os dois jovens sentem-se abrasados de ciúmes, mostram-se desprezar-se mutuamente, e Rosa não podendo mais conter-se, levanta-se e vai recostar-se à janela.

A tormenta não pára aqui. Irene em consequência de uma de suas distrações entrega uma mão miseravelmente; o velho roceiro vai às nuvens, e não tendo mais cerimônias, volta-se para o Juca e diz-lhe:

— O senhor é um caipora de primeira ordem!

— Pelo contrário; creio que lhe tenho dado felicidade.

— Mas perturba diabòlicamente a atenção da minha parceira.

— Ora!...

— Ali está na janela uma senhora sem ter quem com ela converse...

— Está talvez meditando... disse sorrindo-se o Juca.

— Não é de cavalheiro deixá-la assim, meu caro estudante; vá conversar com minha sobrinha, porque aliás não consigo hoje dar um capote no nosso ilustre comendador.

O Juca julgou não devia insistir; e ao menos para salvar as aparências dirigiu-se para a janela onde se achava Rosa.

A filha de Maurício não tinha perdido uma só palavra das que acabavam de dizer-se na mesa do jôgo; quando viu o Juca levantar-se, enxugou depressa duas lágrimas de despeito que pelas faces lhe rolavam, e recebendo o estudante com um sorrir de ironia, disse-lhe:

— Pois deveras prestou-se a êsse sacrificio?...

— Sacrificio?... seja pois, minha senhora: quis ver a graça que têm dois sacrificios juntos debruçados a uma janela.

— Não compreendo o que quer dizer!

— No entretanto tenho receio de me explicar melhor, porque sinto-me fulminado pelos olhos do Exm. Sr. comendador Sancho.

— Ou talvez receia causar alguma desconfiança àquela velha que joga com meu tio.

— Minha senhora, creio que D. Irene e o Exm. Sr. comendador são jovens da mesma idade, pouco mais ou menos; dizem até que andaram juntos na escola.

— Pode ser, mas que lhe importa isso?... um amor de cabelos brancos talvez seja ainda assim bem ardente.

— Receio muito que em breve se faça alguma experiência.

— Falemos francamente, disse Rosa cravando no estudante dois olhos que radiavam; falemos com tôda franqueza, o senhor dirige-se a mim?...

— Sim, minha senhora.

— Franqueza ainda; franqueza até o fim; franqueza pela primeira e última vez, senhor!

A voz de Rosa estava alterada, e em seu rosto via-se de mistura orgulho, amor, ciúme, ressentimento, paixões enfim encontradas e veementes. O Juca pelo contrário estava frio e calmo; mas essa calma e frieza eram artificiais e próprias de um homem, que já tinha vivido cinco anos de vida de desordem e de loucuras, e aprendido no mundo das mentiras a abafar em certas circunstâncias no fundo do coração os mais fortes sentimentos.

— Franqueza até quando quiser, minha senhora, disse êle com desespero concentrado.

— Bem, tornou Rosa; diga-me pois: estava a ironia nos seus lábios ainda há pouco!...

— Estava.

A filha de Maurício cerrou os dentes com força para não dar passagem a um gemido, que lhe ia escapando.

— Então acredita o senhor talvez que eu vivo enganando o mundo, que eu finjo amar o comendador Sancho com algum fim particular?...

O estudante sorriu-se.

— Não há franqueza nesse sorriso, senhor!

O Juca sorriu-se outra vez: Rosa estremeceu da cabeça até os pés vendo nos lábios do homem que amava um sorriso de desprezo, ou de zombaria,

— Pois bem, disse ela; vejamos qual é de nós dois aquêlle que cobre o coração com uma máscara; vejamos qual é o que tem um fim particular a conseguir, mercê dos afetos que finge; eu o escolho por meu juiz, e não recuso o trabalho de ser eu o seu: pois bem, declaro que amo o comendador Sancho.

— É eu a Sra. Irene.

— Dou-lhe os parabéns.

— Receba-os V. Ex. também da minha parte.

— Aceito-os de todo o coração.

— Outro tanto, minha senhora.

— Já tratou o seu casamento?...

— Confesso com vergonha, que ainda não.

— E' bom fazê-lo quanto antes.

— Aproveitar-me-ci do seu conselho.

— Quando?...

— Algumas horas depois de tratado o casamento de V. Ex.

— Agradeço a lisonja.

— Por minha honra, que disse sòmente a verdade.

— Que espécie de sentimento lhe pode então inspirar o meu casamento?...

— Curiosidade, minha senhora.

Rosa sentiu que lhe ardiam as faces.

— O Sr. pretende zombar de mim?...

— O céu me defenda de um tal crime.

— Oh!... quer ter a complacência de dizer-me que juízo faz desta moça de dezoito anos, que está diante de seus olhos?...

— V. Ex. me ordena, que responda com franqueza?...

— Sim.

— Nenhum.

— Deve explicar-se, disse friamente a filha de Maurício.

— Sempre que fiz juízo sòbre os sentimentos intimos de qualquer pessoa enganei-me redondamente: acostumei-me portanto a não julgar.

— Vê-se bem que o Sr. se acostumou a isso.

— Por quê?...

— Por nada, tornou Rosa voltando-se e fitando os olhos sobre a velha Irene. Depois encarou de novo o estudante, e disse:

— Mas faça um juízo, se pode; experimente, eu lhe ajudarei.

— Estou em tudo às ordens de V. Ex... respondeu o Juca com tom bem inoportuno.

— Julga o senhor porventura, disse Rosa, que cada vez se sentia mais ferida pela maneira por que lhe falava o Juca; julga, que eu sou uma dessas moças loureiras, que tendo já perdido em devaneios os seus melhores anos, aproveita o ensejo, e accita por espôso o primeiro que lhe aparece, ainda que seja um velho... ou um estudante?...

— Oh! não, decerto: um estudante de modo nenhum... um velho... por aproveitar ensejo acreditarei que também não.

— Julga que sem juízo e sem prudência caninho pela vida de êrro em êrro arrependendo-me hoje do que fui ontem, de modo que aquilo que afirmo hoje não é impossível que o negue amanhã?...

— Ao contrário, penso que V. Ex. medita com frieza e com bem prudente cálculo sobre tôdas as cousas.

— E que julga pois? diga: que eu sou uma mulher fraca, sem espírito, sem vontade, sem ambições de mulher enfim?... Diga: fale!

— Um juízo só, minha senhora; o único que pode fazer uma cabeça como a minha.

— Embora, diga.

— Penso que V. Ex. é uma moça de dezoito anos.

— Entendo: sou uma criança volúvel, inexperiente, louca, importuna... fácil de crer, e mais fácil ainda de ser enganada; sou uma boneca com quem se brinca, e a quem se deixa, quando se está cansado de brincar; sou...

— Não! não! disse o Juca estremecendo, e fixando no rosto da bela moça dois olhos cheios de fogo.

As últimas palavras de Rosa despertaram n'alma do estudante um pensamento de salvação para ambos. Ele acreditou que ainda era amado; viu a conduta da filha de Maurício explicada toda pelo mais justo dos ressentimentos. A felicidade ia talvez raiar outra vez para os dois amantes; mas ah! era tarde, a dor transbordava do coração de Rosa.

— Engana-se; não sou essa mulher, que pensa, disse ela; sou uma nobre mulher; tenho consciência do que valho, e nunca me hei de sujeitar a descer abaixo de mim mesma.

— Mas é que agora não percebo.

— Vai entender-me; vou ser agora ainda bem franca, como tenho sido em tôda noite de hoje: senhor! eu lhe amei!...

Alguns momentos de silêncio sucederam a essa palavra sagrada, que tinha saído dos lábios de uma virgem.

— Eu lhe amei, repetiu ela; acostumei-me a amá-lo desde a infância; minha mãe tinha abençoado o inocente amor de sua filha, e eu nunca tive um sonho de futuro, que a sua imagem, senhor, não presidisse a ela: empreguei três anos de moça em velar por um amor de criança.

O estudante não se animou a dizer uma só palavra.

— Era uma espécie de mania talvez; o senhor estava ausente; ninguém me dizia que o senhor se lembrava de mim, e a seu respeito só me falavam de extravagâncias e loucuras; no entretanto eu esperava... esperci guardando-lhe um coração inocente e puro, que passava através de bailes e de festas indiferentes e insensível a todos, como a flor de um fundo vale, que se mostra de manhã ilesa e perfeita depois de uma noite medonha, em que a tempestade derribou árvores frondosas na montanha.

*Um suspiro escapou do seio de Rosa.*

— Enfim o senhor chegou, e a hora da sua chegada foi marcada logo por uma traição.

— Mas como?

— Eu não discuto, não acuso, nem me queixo; fui testemunha dessa traição, e, depois dessa, de outras iguais ou maiores. O amor, que eu alimentava de saudade e de esperanças durante cinco anos, ressentiu-se: cada traição era um golpe mortal, que o feria. Foi já um milagre ter escapado ao primeiro; vieram após outros, e o infeliz... morreu.

— Morreu! balbuciou automaticamente o estudante.

— Fui franca até aqui, senhor; consinta, que o seja ainda até o fim.

— Morreu! tornou a repetir o Juca.

Rosa tinha sido franca até então; mas ia deixar de sê-lo daí por diante.

— Não pertenço, continuou ela, ao número desses entes privilegiados, que não crêem que se possa amar duas vezes na vida. Pelo contrário, acredito que é com um amor novo e generoso que se pode curar um amor velho e fatal; li isto não sei onde, ou ensinou-me não sei quem; o certo é que experimentei o remédio, e dei-me às mil maravilhas com o resultado dêle.

O Juca tinha sentido renascer-lhe n'alma a esperança; abafou um gemido, escutando as últimas palavras de Rosa.

— Esse amor de poeta de que tanto nos falam, prosseguiu a moça, encontra-se nos romances, ou no mundo ideal somente; na vida real é loucura esperar encontrá-lo. Cedo tive esse desgano, e espero achar-me feliz; esqueci-me do senhor, e amo o comendador: eis tudo o que pretendia dizer-lhe.

O estudante tomou um ar sério e grave, como nunca até então havia tomado, e perguntou:

— Com que fim usou V. Ex. comigo de tanta franqueza?... .

— Para lhe tirar o direito de se queixar de mim no futuro.

O coração do infeliz mancebo estava cheio de fel e sentindo morrer-lhe a leve esperança, que ainda há pouco tinha desabrochado em seu seio, não pôde vencer o desejo de ferir também a jovem orgulhosa, que acabava de falar-lhe tão cruelmente.

— Queixar-me de V. Ex.? disse êle! e de quê? disputo porventura algum direito?... oh! não: V. Ex. e eu pensamos do mesmo modo; matamos amôres velhos e fatais com amôres novos e benignos: cada um de nós toma a sua vingança, não é assim?

— Eu não me vingo, eu amo; respondeu Rosa.

— Pois eu também amo; mas também me vingo.

— Que me importa!... eu sou feliz.

— Trunfo é copas! bradou o comendador apresentando as cartas: ôbre a mesa do jôgo.

Rosa deu alguns passos aproximando-se dos jogadores.

— Enfim, disse Anastácio; triunfou o Sr. comendador Sancho.

— E' verdade! disse consigo o Juca, que ficara na janela; é verdade!... triunfou finalmente o Sr. comendador Sancho.

## XXIII

### Os dois irmãos

Alguns dias depois da noite da tempestade, jôgo de embarque, loucas explicações, estava Maurício na sala de visitas de sua casa, recostado ao sofá com a face apoiada sôbre a mão, meditando triste e profundamente. Os suspiros que de espaço a espaço lhe escapavam, e às vêzes uma lágrima perdida que lhe caía dos cílios, onde muito tempo se mostrara pendente, deixavam adivinhar que o coração daquele homem se achava comprimido sob o pêso de uma grande desgraça: era uma dor silenciosa, que se prolongou por muito tempo, sem que uma só palavra, sem que a mais simples queixa escapasse àquele que a sofria, até que enfim uma nova personagem veio pôr termo àquela longa cena muda.

Com effeito uma outra pessoa appareceu na sala entrando sem se fazer anunciar: era o velho Anastácio que chegava arquejando de cansado e vermelho como um pimentão bem vermelho. Os pequenos olhos do velho roceiro brilhavam como duas brazas, ardentes, e atirando-se sôbre uma cadeira, extenuado pela fadiga e ansiado de furor, exclamou:

— Trago-lhe boas noticias, Sr. Maurício!

O irmão lançou-lhe um olhar, onde havia tanta dor, tanta affição, que Anastácio o compreendeu perfeitamente.

— Oh!... murmurou êle com voz surda; então é verdade o que me disseram?... então não é uma pura mentira isso que por aí

falam e que faz rir a todos!... diga! fale!!! descmbuche-se, homem! aquêle indigno tartaruga ousou...

— Ousou!... disse maquinalmente Mauricio.

Anastácio deu um salto e pondo-se no meio da sala teso e direito defronte de Mauricio, perguntou:

— E tu?...

— Penso, respondeu-lhe o irmão.

— Já devias ter pensado há muito.

— E' certo, confesso.

— E o que farás agora?...

— Estava pensando.

— Estava pensando!... pai fraco, e criminoso.

— Meu irmão!

— Eu lho predisse! continuou o velho roceiro com voz alterada: o resultado de uma vida de extravagâncias não podia deixar de ser a loucura!

— Basta.

— Quando eu bradava contra essa licença que chamais civilização, acusavam-me de carrança; quando eu clamava que a boa educação vale dez vêzes mais do que a mesma instrução sem ela, e um milhão de vêzes mais do que duas dúzias de modinhas e lundus, cinqüenta palavras francesas, que se trazem de cor, e as quadrilhas, polcas e valsas, que resumem tudo quanto julgais bastante para fazer o em que vossas cabeças se chama — uma menina instruída — diziam-me que eu estava ainda com as idéias do século passado; pois muito bem! aí está o fruto!

— Mano, eu estou desesperado, e você redobra os meus tormentos.

— Uma nação, onde não se educa cuidadosamente a mulher, há de ser por força desmoralizada, porque nela as mães não sabem educar os filhos, não saberão nunca ser pais, e hão de criar filhas sem juizo altanadas e desrespeitosas como você criou a sua!

— Mano, isso é demais!

— Ainda é de menos, segundo o meu parecer.

— Poderei chegar a pedir-lhe conselhos; mas dispenso completamente as repreensões.

— Pois então nem repreensões, nem conselhos; ao contrário, parabéns!

— Como?...

— Dou-lhes os parabéns, sim senhor: dou-lhe muitos parabéns pelo galante genro que arranjou!

— Meu mano, tenha pena de mim.

— Pena?! você colhe o que semeou...

— Pois sim; basta.

— Entrou-lhe a fidalguia em casa.

— E' muito!

— De uma menina com boa índole e excelentes disposições, este pai que não soube ser pai, fêz cabeça de vento, uma doidinha!

— Ora ainda mais está!... exclamou torcendo as mãos o pobre Maurício.

— Quanto a mim não o importunarei mais, nem serei testemunha da desgraça de meus parentes...

— O que quer dizer?...

— Dê-me as suas ordens.

— Para onde vai?

— Vou plantar mandioca; vou me enterrar na roça, e nunca mais me tornará a ver.

— Meu mano!

— Pois quê?! acredita que terei ânimo de assistir a esse casamento de entremés que vai ter lugar?... estou vendo que me convida para ser uma das testemunhas... ou ainda melhor, veja se quer que eu me arvore em poeta, e faça algum soneto aos desposórios de minha sobrinha Rosa e do celeberrimo Sr. comendador Sancho! nada, não sirvo para isto; dê-me as suas ordens, porque decididamente vou pôr-me ao fresco.

— Então deveras quer retirar-se, mano?

— Ora, é boa! pois que dúvida há nisso!

— Nenhuma; julgo somente que a ocasião não é das mais oportunas.

— Por quê?... poderei saber?...

— Porque é no momento em que mais aflito me vejo, que meu irmão me não deve desamparar! oh!... se esse terrível casamento deve por força realizar-se, ao menos fique para choramingar comigo!

Maurício desfez-se em lágrimas, e começou a soluçar como uma criança.

— Não sou mulher, exclamou Anastácio; sei ralhar, sei dar conselhos, sei ter juízo; mas não choro, e não hei de chorar; digo-lhe que não hei de chorar!

E o pranto cortou a voz daquele bom irmão, que debalde queria parecer mau.

Os dois velhos abraçaram-se apertadamente, e ficaram assim com suas faces rugosas unidas, e misturando suas lágrimas durante algum tempo: enfim Anastácio desprendeceu-se dos braços de Maurício, e disse:

— Então esse casamento conclui-se por força!

— Veremos.

— Qual veremos! um pai não diz veremos.

— Então o que é que diz, mano?...

— Diz: não quero.

— Portanto, se você fôsse pai de Rosa, responderia ao comendador sem consultá-la?

— Sim; aí não há que consultar.

— E se ela adivinhasse essa intenção, e viesse dizer-lhe uma manhã, como veio dizer a mim: "meu pai, o comendador Sancho escreveu-lhe pedindo-lhe a minha mão, eu venho rogar-lhe que me dê licença para aceitá-lo por meu marido" o que faria?...

— Primeiramente mostrar-lhe-ia a inconveniência de tal casamento, e dar-lhe-ia bons conselhos.

— Isso também fiz eu, mano; se ela porém teimasse?

— Teimaria eu também pela minha parte...

— E se apesar de tudo ela insistisse?...

— Eu lhe diria não quero, e lhe ofereceria algum outro noivo.

— Até aí cheguei eu; mas se Rosa rejeitasse todos os partidos, se continuasse a querer casar-se com o comendador?...

— Trancá-la-ia num quarto, pô-la-ia de penitência jejuando pão e água; mandá-la-ia para um convento; ou enfim dir-lhe-ia — não! não! e não!...

— Oh! tanto não me animo eu a fazer! ela é minha filha... minha querida filha do coração.

— Por isso mesmo.

— Tenho-lhe dito que não até hoje; mas há três dias que chora sem cessar, e que vela chorando longas e terríveis noites! meu irmão, eu vejo minha filha com os olhos inchados de chorar, e não me atrevo a prolongar seus tormentos; é uma paixão louca, indesculpável, e mesmo ridícula; mas é uma paixão!... que lhe havemos de fazer?...

— Que lhe havemos de fazer?... bradou o velho roceiro; você é um homem sem vontade e sem espírito!... que lhe importam choroadeiras de mulher?... olhos inchados curam-se: casamento infeliz só tem um remédio... a morte.

— Meu Deus? disse Maurício dolorosamente apertando com as mãos a cabeça que lhe ardia.

— Deve ser bonito, continuou Anastácio, ver um genro uns poucos de anos mais velho que o sogro: positivamente eu não aturo isto, Sr. Maurício, vamos acabar com esta questão em poucas palavras.

— O que queres pois, Anastácio?

— Por fim de contas você acabará por consentir no casamento de minha sobrinha com o comendador Sancho?

— Eu hei de resistir ainda, respondeu fracamente Maurício.

— Mas finalmente?...

— Finalmente, continuou com voz abatida o triste e mais que fraco pai — casamento e mortalha no céu se talha.

Anastácio olhou com olhos ardentes de cólera para o irmão, e depois de alguns instantes, disse:

— Eu me enganava! o comendador é um noivo completo: para uma rapariga sem juízo está excelente marido um velho desmiolado; e sobretudo... sobretudo para tal sogro, tal genro!

— Anastácio!

— Sou franco; e digo hoje apenas metade do que sinto, apesar de toda minha franqueza.

— És injusto também.

— Injusto com quem!... com o comendador?

— Não; comigo.

— Pois bem, dê-me as suas ordens.

— Ainda!

— Vá-me fazendo as suas despedidas, porque não me põe mais nunca os olhos em cima: é a última vez que nos vemos.

— Oh, meu Deus! e não haverá um remédio?

— Saiba ser pai de hoje por diante, já que até agora não quis, ou não pôde sê-lo: é este o derradeiro conselho que de mim recebe; dê lembranças à cabecinha de vento de minha sobrinha, e sejam felizes.

— Meu irmão! em nome de nossa amizade, não me desamparei ao contrário faça alguma cousa por mim, e por minha filha.

— Eu?... que diabo pode fazer um homem de juízo em uma casa de Orates?...

— Olhe; vá falar à sua sobrinha.

— Para quê? para ela faltar-me o respeito? olha, Maurício, tu sabes que eu tenho o sangue na guelra, e não sei tratar com crianças.

— Rosa não será capaz de desatendê-lo.

— Mas que lhe direi eu?... perguntou Anastácio acalmando-se.

— Aconselha-a. Escuta, meu irmão: fala-lhe brandamente, e como um pai extremoso; não lhe grites, que seria pior ainda; pede-lhe, como eu lhe pedi, chorando, como eu chorei...

— Chorar!... eu, chorar!... não estou por isso. Consinto em falar-lhe; mas com uma condição.

— Qual!...

— Hei de rajar com ela, se me não quiser ouvir; e hei de principalmente pôr o comendador pela rua da amargura.

— Pois sim.

— Ora vamos, é o último sacrifício a que me posso prestar; deixa-me; vai passear, quero ficar sozinho com a pequena.

Maurício enxugou os olhos ainda cheios de lágrimas, e saiu.

— Eu podia, disse consigo Anastácio chegando-se à mesa para tocar a campainha, eu podia muito bem acabar com isto pondo o comendador daqui para fora a bengaladas; mas enfim... vá.

Tocou a campainha, e logo depois apareceu um escravo.

— Vai dizer a minha sobrinha que aqui a estou esperando, e tenho que tratar com ela um negócio muito sério, e muito sério.

## XXIV

## Tio e Sobrinha

Deixando a janela, onde tinha acabado de sustentar com o Jura uma luta de ironia acerba, de cruel franqueza, e finalmente de justo despeito, Rosa, que tocara o último grau de desespero, achou nessa mesma noite da tempestade ocasião de dirigir em segredo algumas palavras ao comendador Sancho.

— Se é verdade que me ama, disse ella então, venha amanhã pedir-me para sua mulher a meu pai.

O comendador ficou espantado com tanta felicidade, e tratando logo de aproveitar o ensejo, tendo porém vergonha de vir pessoalmente falar a Mauricio, escreveu-lhe no dia seguinte uma carta, na qual muito solenemente lhe pedia a mão de Rosa. Depois, e muito em confidência, foi contando o caso a uma pessoa de cada familia de sua amizade, de modo que antes de dois dias a cidade do Rio de Janeiro em pêsso estava senhora do segredo, e não se falava em outra coisa senão no casamento de Rosa com o comendador! Os moços bradavam contra o mau gosto da filha de Mauricio, e desfaziavam-se em epigramas contra o infeliz Sancho: as moças davam risadas até não poder mais, e já tão às claras se falava a respeito das próximas núpcias, que a noticia chegou enfim aos ouvidos do velho roceiro.

Isto explica perfeitamente a cena que acabava de ter lugar entre Mauricio e Anastácio, e ainda mais fazia com que este último comprehendesse a razão por que desde três dias não tinha podido ver a sobrinha, que sob pretexto de uma teimosa dor de cabeça não havia apparecido a ninguém e se conservava sempre encerrada no seu quarto.

O rabujento velho roceiro esperava já há boa meia hora a sobrinha e começava a impacientar-se, quando sentiu passos e viu enfim apparecer a infeliz moça.

Anastácio não pôde suster uma exclamação de dor ou de piedade ao ver a sobrinha.

Uma mulher desde criancinha acostumada aos incensos da vaidade; que à força de lhe repetirem que era formosa habituou-se a confiar cegamente no absoluto poder de sua beleza; que quando chegou a ser moça levaram-na a todas as sociedades, e às festas mais brilhantes, e lá a lançaram só sem um amigo, sem mãe ou um anjo ao pé de si, no meio daquela multidão lisonjeira, respirando aquella atmosfera perfumada e venenosa, vivendo sempre aquella vida artificial, imodesta, e perigosa, oh! uma moça criada assim, é uma vítima que se prepara; é uma infeliz, que ri vinte anos para chorar talvez todos os outros anos que tem de viver!... Oh! quantas lágrimas se choraram, que se poderiam não ter chorado, se uma educação mais prudente as houvesse prevenido!

Sensível talvez demais, ardente e fácil, Rosa mais que nenhuma outra deveria ter bebido o veneno sutil que existe derramado no ar que se respira nesses salões febricitantes de que ela era o mais belo ornamento desde alguns anos. Acostumou-se a ver todos os corações a seus pés, teve a certeza e ufanou-se de ser bonita, chegou em breve a ser vaidosa; e acreditando firmemente que a conquista do mais rebelde mancebo seria para ela objeto de um simples olhar, de um ligeiro sorriso, ou de uma frase agradável somente, não teve coragem bastante para resistir ao primeiro golpe, que lhe desfechou o destino. Ela, que todos vencera e subjugava com o poder de seus encantos, mesmo involuntariamente, viu, julgou que nada podia contra o homem que sua alma escolhera e preferira. Então a sensibilidade, a imaginação ardente, a vaidade ressentiram-se, e em resultado... eis aí! faz-se por suas próprias mãos infeliz para sempre.

Três dias de uma aflição indizível tinha ela passado desde a fatal noite, que por tantas razões poderia chamar noite de tempestade. A desgraçada moça chorou sem cessar todos esses três longos dias e todas essas três mais que longas noites, que ela passou velando. Em seu quarto uma única pessoa consentiu em receber: foi seu pai, que debalde empregou todos os meios para arredá-la do medonho e abominável sacrifício, a que se condenava. A vítima resistia, e o triste pai saía sempre desesperado daquele retiro aflitivo, onde se encerrava a filha, acreditando que era ele quem causava aquela dor, que exprimia aquelas lágrimas, opondo-se ao casamento de Rosa com o comendador Sancho.

Enfim, na manhã do quarto dia a infeliz moça recebeu o recado de seu tio e compreendendo que se se negasse a descer para lhe falar, Anastácio positivamente subiria e entraria mesmo no seu quarto para a todo transe se fazer ouvir, resolveu-se a condescender com ele.

Quando Rosa apareceu à porta da sala, uma exclamação escapou ao velho roceiro: a filha de Mauricio estava magra, pálida e abatida; seus olhos mostravam-se vermelhos e inflamados, e um arco de círculo roxo carregado se desenhava por baixo das pálpebras inferiores. Pela primeira vez em sua vida Rosa se vestira mal, e seus próprios cabelos tão longos e tão belos pareciam-se estar queixando do abandono em que os esquecia sua dona.

Escutando a exclamação de Anastácio, a moça sorriu-se com um sorrir de mártir, e balbuciou:

— Acha-me encantadora, não é assim, meu tio?...

O velho roceiro não deu resposta alguma a essa pergunta repassada de ironia, que pela sobrinha lhe fôra dirigida; levantou-se, e indo buscá-la à porta da sala, onde Rosa se tinha deixado ficar em pé, trouxe-a pela mão, e fê-la sentar no sofá ao pé d'ele.

— Meu tio está hoje muito carinhoso comigo, disse a moça querendo retirar uma de suas mãos, que o velho apertava entre as d'ele.

— Algum dia deixei de ser teu amigo, Rosa?... perguntou Anastácio docemente.

— Ah! não; mas ralhava sempre e muito.

— Pois ainda hoje quero ralhar...

— Sim?... tanto melhor; talvez que isso possa distrair-me: ralhe, meu tio.

O velho roceiro olhou para a sobrinha atentamente.

— Ralhe, meu tio, repetiu ela querendo ensaiar um sorriso de zombaria.

Anastácio franziu as sobrancelhas.

— Assim... assim! continuou a moça; a amabilidade me fadiga, e me mata. Vivi muito tempo de amor; estou cansada; quero viver ainda; mas preciso que me aborreçam!...

E desatou a chorar.

As lágrimas de Rosa desfizeram a nuvem de mau humor, que se ia encrespando na frente de Anastácio. Ele deixou-a chorar durante alguns minutos, e quando a viu começando a sossegar, perguntou-lhe:

— Por que choras?...

— Porque sofro.

— E por que sofres tu, minha sobrinha?...

Rosa pôs-se a rir e a chorar ao mesmo tempo, e disse:

— Ora essa é boa! eu sofro porque choro.

O velho meneou tristemente a cabeça, e depois de algum tempo tornou a dirigir a palavra a Rosa.

— Não vamos bem; eu queria falar-te como amigo, e tu continuas com o teu mau costume de me dares respostas atravessadas.

— Vossa mercê disse que havia de ralhar comigo.

— Pois sim; e eu esperava que me perguntasses pelo quê.

— Ora! era uma asneira; porque eu já sabia a razão.

— Sabias?...

— Sim, senhor: vossa mercê quer falar-me de um objeto, que provavelmente está ocupando a atenção de todo o mundo vadio da cidade do Rio de Janeiro.

— E então?...

— E então, meu tio, eu entendi e entendo que é melhor não falarmos nisso.

— Por que motivo?...

— Porque temos de achar-nos por força em opposição.

— Por isso mesmo é que te quero falar dêsse objeto.

— Pois fale; está no seu direito.

— Rosa, minha sobrinha, disse o velho docemente, que pensamento é esse teu? que idéia é essa, que pode tanto em ti, que pode obrigar-te ao tristíssimo sacrificio de tomar por marido um homem velho, caquético, ridículo, e mesmo mau, como é o comendador Sancho?...

Rosa fez um movimento de impaciência.

— Queres tu porventura que eu acredite, que te achas realmente apaixonada por aquêlê carrança?...

— Pois então?... perguntou a moça olhando fixamente para o velho tio.

— Oh! não! eu te faço justiça, menina: tenho observado tudo; não deixei passar desapercibida nenhuma de tuas ações, não perdi um só de teus olhares. Rosa, tu não amas o comendador Sancho!

A filha de Mauricio estremeceu da cabeça até os pés, e ficou pálida e fria como uma moribunda!

— Rosa! prosseguiu Anastácio; eu leio nesse tremor, nessa palidez, e neste frio glacial, que sinto na tua mão, a sincera confissão desta verdade. Rosa, tu amas; mas és infeliz no teu amor... tu amas, porém não ao comendador!

A moça ergueu-se do sofá, onde estava sentada, e forcejou por arrancar a mão que Anastácio tinha presa entre as dêle.

— Menina inexperiente! criança estouvada, senta-te; em nome do amigo, que te fala, senta-te!

Rosa dobrou seus esforços para escapar do homem, que lhe estava lendo n'alma.

— Em nome de teu pai, senta-te! disse-lhe Anastácio.

Rosa resistiu ainda.

— Em nome de tua mãe, que está no céu, senta-te!

Rosa deixou-se cair outra vez no sofá; um longo gemido escapou de seu seio.

— Fala.

— Não... murmurou dolorosamente a moça.

— Fala! ordeno-te que fales!

— Oh! não!... isso não! exclamou ela escondendo o rosto no seio do velho tio.

— Vaidade de mulher!... disse.

— Embora! tornou Rosa.

— Menina, prosseguiu Anastácio com uma doçura de voz, que até então se lhe não tinha notado; menina, tens porventura o direito de fazer semelhante sacrifício?... suponhamos que tivesses forças para levá-lo ao fim; já não te falarei de mim, porque sou apenas um tio velho e rabugento, que somente sabe ralhar, e que nem pode se fazer amar...

— Oh, meu tio do coração, não me fale por semelhante maneira!...

— Mas teu pai, Rosa?... teu pobre pai não vale nada para ti?... não vês que por tuas mãos vais fazer a desgraça do homem a quem deves a vida, educação e tudo?... queres ser uma filha ingrata, Rosa?... não pensas que hoje a tua felicidade é o cuidado único daquele meu pobre irmão?...

— Meu tio, meu tio, vossa mercê está vendo que eu me acho muito doente: olhe, que isso que me diz é capaz de matar-me!

— Não sou teu tio, sou teu médico e quero curar-te.

— A mim?... curar-me?... disse com um tom profundamente doloroso a filha de Mauricio.

— Pois que dúvida?... tornou-lhe Anastácio: vamos já tratar disso; abre-me o teu coração; fala.

Rosa não disse palavra.

— Criança teimosa e impertinente, olha, tu não me conheces ainda: Rosa, eu te amo!

A moça levantou a cabeça, e viu caindo sobre o seu rosto um olhar de pai sereno, doce e repassado de ternura.

— Meu tio!... balbuciou ela.

— Eu te amo, Rosa, como teu pai te pode amar! eu te amo, porque és filha de meu irmão, porque és filha de uma mulher, que me tinha amor de irmã; eu te amo porque tu és boa no meio de tuas loucuras: tu és minha filha também, Rosa; eu sou também teu pai!...

Por única resposta a moça beijou com ardor a mão do tio.

— Fala pois! disse este, fala em nome...

— Oh! exclamou Rosa; em nome de mais ninguém; basta o seu nome, meu tio; eu falo; mas...

— Mas... o quê? doidinha?... perguntou o velho Anastácio meio envergonhado, porque duas lágrimas tinham caído de seus olhos na mão de Rosa.

— Meu tio há de jurar, que o que lhe vou dizer ficará sepultado em seu coração: que uma só palavra da minha história não será revelada nem a meu próprio pai, nem ao comendador, nem...

— Nem... acaba...

— Nem a outra qualquer pessoa, disse Rosa.

— Ah, velhaca! exclamou Anastácio.

— Então jura?... perguntou a bela sobrinha ao bom tio.

— Não juro.

— Nem eu falo.

— Pior está essa!...

— Meu tio não quer ceder nada...

— Pois não adivinhas que esse juramento pode perder-me?...

— E' exatamente isso o que eu quero.

— É precisamente o que não me faz conta.

— Nesse caso não fazemos nada, meu tio.

O velho coçou a cabeça, bateu com o pé três vezes no assoalho, e por fim disse:

— Anda, fala:

— Jure, tornou-lhe a sobrinha.

— Já se viu menina mais levada não sei que diga do que esta!... exclamou Anastácio.

— Meu tio, não se exaspere...

- Pois fala, teimosa de uma figa!  
 — E' tempo perdido: assim não me arranca uma palavra; prefiro tudo... até morrer.  
 — Digo-lhe que há de falar! bradou o velho.  
 — Vou-me embora... disse a moça erguendo-se.  
 — Sua alma sua palma!... vá-se! é uma ingrata!... viu-me chorar, e não se dobrou, é uma ingrata!...

Rosa abaixou tristemente a cabeça e dirigiu-se à porta da sala para retirar-se.

- Onde vais, Rosa?... perguntou o velho.  
 — Meu tio não me mandou embora?..  
 — Vem cá, anda, criança dos meus pecados; volta; fala, que eu juro não dizer palavra, e juro tudo mais que te vier à cabeça fazer-me jurar.

Um quarto de hora depois Anastácio estava senhor de todos os segredos de Rosa, e compreendia enfim de que natureza era o extravagante e imperdoável sacrificio a que ella se queria condemnar.

— Então, meu tio, disse finalmente a filha de Mauricio; não convém que o único partido que eu devo tomar é este?... não julga, que na minha resolução há alguma cousa de nobre e generoso?...

— Nem um centil de nobreza, nem uma dose homœopática de generosidade, minha sobrinha; somente vejo aí porções enormes de vaidade, e loucura.

— Embora, torno a dizer.

— Mas eu sou quem não posso estar por isso agora: primeiramente não se segue do que me disseste, que o tal Juca seja tão tratante como pensas, e em segundo lugar, ainda quando elle fôsse um refinado brejeiro, por isso mesmo não valia a pena de tão grande sacrificio: isto é que é verdade!... o mais, minha sobrinha, é asneira três vêzes maior do que o Pão d' Açúcar.

— No entretanto já não posso recuar.

— O quê?...

— Persisto em minha resolução.

— Primeiro hei de eu pôr em pratos limpos tudo isso, bradou o velho.

— Como?... perguntou Rosa assustada.

— Parto já daqui a ter uma explicação com o Juca.

— Senhor!... disse a moça pondo-se em pé, e defronte de Anastácio.

— Bravo!... pretende impedir-me a saída?

— Não meu tio, respondeu friamente a filha de Mauricio: quero apenas lembrar-lhe uma cousa de que parece esquecido.

— Vamos lá; o que é?

— Recordo-lhe que ainda há pouco um homem de honra jurou-me não revelar o segredo, que eu lhe ia confiar...

— Lavrou um tento, disse o velho sentando-se de novo; mas com que fim então teve minha sobrinha a bondade de fazer-me ouvir a longa história dos seus amôres?...

— Com o fim único de reabilitar-me no seu conceito.

— Pois não se reabilitou.

— Por quê?...

— Porque o único defeito, que eu te achava até há pouco, rapariga, era a tua falta de juízo, e dêsse ainda não estás curada, nem curada te julgarei enquanto pensares em casar com a boa jóia do comendador Sancho!

— Paciência, meu tio.

— E teimas?...

— Sempre: o que digo uma vez, sustento.

— Digo-lhe que fêz uma escolha digna de um diretor de museu de antiguidades!...

Rosa encolheu os ombros, como quem diz — que me importa?

— Hás de ser o objeto das zombarias de tôda a cidade e com justíssima razão.

— Já sou.

— O comendador Sancho tem mais de sessenta anos.

— Deve ser homem de juízo.

— E' uma avelã ôca!

— Melhor; farei dêle o que me parecer.

— E' um estúpido!

— Meu tio já sabe que eu me dei mal com um jovem, que dizem ser muito espirituoso.

— Senhora minha sobrinha, afirmo-lhe que não consentirei que se leve ao cabo semelhante loucura!

— E' o que havemos de ver, meu tio.

— Desafia-me?!!!

— Não; mas teimo.

— Pois eu lhe mostrarei: não há de casar com o comendador Sancho!

— Hei de casar-me com êle, meu tio!

— Não há de casar!... gritou furioso o velho roceiro: não há de casar! você é uma criança, e não se governa ainda por si mesma!

— Veremos.

— Juro-lhe que meu irmão não dará o sim ao comendador.

— Dá-lo-ei eu.

— Oh!

— Sim, eu o darei: se o comendador não tiver recebido uma resposta satisfatória até hoje à noite, hoje à noite, que há partida, êle a ouvirá da minha bôca...

— Qué!...

— Mesmo diante de todos, se fôr preciso.

— Que educação!

— Foi a que tive, a que me deram, e a que me basta.

O velho Anastácio, possuído do mais violento desespero, e mal podendo falar, ergueu ambas as mãos sobre a cabeça da pobre moça, e exclamou meio sufocado:

— Ingrata! tu serás desgraçada.

— Já o sou, meu tio, respondeu Rosa.

## XXV

## Loucura sobre loucura

Aquella explicação que entre os dois jovens amantes desavindos tinha tido lugar na janela de Maurício, produzira no estudante um effeito absolutamente diverso daquele que se observara em Rosa. O Juca voltou para casa, e deitando-se passou a noite inteira a meditar sobre o caso, e depois de muito reflectir, concluiu que, apesar de tudo quanto lhe dissera a filha de Maurício, nunca mais senhor se achara elle do coração da bella moça: accusou-se então por se não haver lançado a seus pés, confessando-se mais que muito criminoso, e pedindo humilde e ternamente um perdão, que estava certo de conseguir; e enfim disposto a corrigir seus erros passados assentou de pedra e cal que deveria aproveitar o primeiro ensejo, que se lhe offerecesse, para fazer as pazes com a mais formosa de tôdas as moças que em sua vida havia amado.

Cheio de esperança e abrasado de amor, o estudante levantou-se de manhã tão alegre, como se pouco antes houvesse recebido a noticia de haver tirado a sorte grande. Almoçou, como um gastrônomo em casa alheia; passou a mais divertida das manhãs; jantou como se não tivesse almoçado, e ao declinar da tarde saiu a passear. Antes se deixasse ficar em casa! maldito passeio foi esse! o primeiro amigo que encontrou deu-lhe a fatal noticia do casamento de Rosa com o comendador.

— E' falso! exclamou o Juca.

— E' certissimo! disse-lhe o amigo.

— Donde vem esta noticia?...

— Do próprio comendador Sancho.

O Juca ficou estupefato. Deixou depois o amigo sem se despedir, e começou a andar como um doido pelas ruas da cidade acotovelando um, esbarrando-se com outros, até que um estudante, seu antigo companheiro de patuscada, o fêz parar segurando-o pelo braço.

— Que diabo é isto, Juca?... Onde vais?...

— Quem é?... oh! és tu?... Que te importa onde eu vou: deixa-me.

— Não.

— Já sabes do que há?...

— A rainha das flores... sabes quem é... está visto.

— Não entendo de flores; fui reprovado em botânica.

— A D. Rosinha...

— Que tem?

— Casa-se.

— Sim?... com quem?...

— Namorou-se da comenda e do carro novo do grande Sancho, e como não se podia casar nem com a comenda, nem com o carro, resolveu-se a casar com o dono.

— Quem te disse isso?...

— O próprio comendador Sancho.

— Queres tomar um copo de cerveja?

— À saúde dos noivos?...

— À saúde do que te parecer; anda.

— Vamos.

Depois d'este colega, ainda mais dois se encontraram com o Juca, e um depois do outro deram-lhe a mesma noticia, e foram depois beber cerveja com o pobre rapaz, que entendeu que lhe convinha apagar a paixão.

As nove horas da noite recolheu-se o estudante para casa da velha Basília, suando cerveja, é verdade, ao menos porém mais aliviado da violenta dor que sofrera. A cabeça andava-lhe à roda; mas não sentia o coração tão pesado. A velha Basília e Clara acabavam de ouvir da boca de Faustino a grande novidade que occupava a atenção do Rio de Janeiro: quando o Juca entrou, conheceram logo que elle tinha bebido.

— Ei-lo! exclamou o publicista.

— Que fizestes, Juca? perguntou a velha.

— Bebi cerveja à saúde dos noivos— exclamou o estudante; foi uma carraspana completa; mas valeu a pena: viva o comendador!... e com esta vou dormir.

— Coitado! disse Clara; aquilo tudo é paixão!

No dia seguinte acordou o Juca ao romper da aurora, e deixando-se ficar na cama até as horas do almoço, teve tempo de pensar friamente sobre a matéria, e viu que o que lhe cumpria era disfarçar, tanto quanto pudesse, a sua aflicção: o endiabrado estudante era um homem de vontade de ferro! quando appareceu à mesa do almoço, ninguém seria capaz de ler em seu semblante o menor sinal de desgosto, e desde esse momento, à semelhança dos grandes políticos, que, caindo do ministério, escondem a dor no fundo do coração, e com fingido sorriso nos lábios dizem aos amigos que dão graças a Deus por se verem finalmente livres do enorme pêso das pastas, com que a pesar seu carregavam, o bom do Juca, abafando os tormentos que o oprimiam, continuou sempre a mostrar-se alegre e satisfeito, não

perdendo mesmo ocasião de ridicularizar as núpcias, que todos supunham ir breve ter lugar.

O ousado estudante fêz mais do que isso ainda. Ao aproximar-se a noite da primeira partida de voltarete que deveria haver em casa de Maurício depois da notícia do casamento, êle vestiu-se com todo o esmêro, e dispôs-se a ir observar o que lá se passasse.

Ao vê-lo mostrar-se pronto para ir, como costumava, à casa de Maurício nas noites de voltarete, Clara, que estava conversando com sua mãe e o irmão, não pôde conter-se, e perguntou ao estudante:

- Aonde vai hoje, Sr. Juca?
- Ao teatro, D. Clarinha; respondeu êle.
- Ao teatro?! perguntou o publicista.
- Sim; que dúvida achas tu nisto?
- Hoje não há espetáculo.
- Oh, se há! e bem bonito.
- Onde?...
- Num teatrinho particular.
- Maçada por força: é a regra.
- Hoje. Não.
- Que peça se representa?...
- Uma comédia.

— Gosto mais dos melodramas: hei de escrever um, cuja ação andarà por mais de um século! O protagonista começará no prólogo mamando, e depois dos cinco atos passados nas cinco partes do mundo, acabará no epílogo subindo ao ar em um balão aerostático com cento e dez anos de idade; deixarei Alexandre Dumas de boca aberta!

- Bem: adeus!
- Espera: como se intitula a comédia?...

O Juca pensou um momento, e respondeu:

- A rosa murcha.
- Onde é êste teatrinho particular?...
- Em casa do Sr. Maurício, pai da Sra. D. Rosa, noiva do

Sr. comendador Sancho!

- Oh!...

A velha e a moça desataram a rir; o publicista soltou um terno suspiro, e o estudante desapareceu acanhando por despedir-se com uma gargalhada à porta da sala, e abafando um gemido no corredor.

Tudo corria favoravelmente ao comendador Sancho. E' certo que ainda não tinha recebido resposta alguma de Maurício; mas em compensação um recado de Rosa impusera a obrigação de não faltar à partida de voltarete dessa noite. O obstáculo mais forte que teria de vencer era sem dúvida o velho Anastácio; mas infelizmente o pobre homem, em extremo comovido com o que via estar ocorrendo na casa de seu irmão, e muito preocupado com a desgraça que ameaçava a sua sobrinha, sentiu-se incomodado logo depois do jantar, e

foi obrigado a recolher-se ao seu quarto acometido de fortes dores de cabeça.

No entanto, à medida que se aproximava a hora, em que deveria ter lugar o desenlace deste triste drama, Rosa começava a sentir que lhe ia faltando a coragem. Pudera, sim, em um momento de exaltação, mandar o imprudente recado ao comendador Sancho; mas para cumprir tudo quanto tinha dito a seu tio, que havia de fazer? era preciso muita força, ou muito amor; e Rosa, que não amava ao comendador Sancho, desfalecia cada vez mais.

Diante de seu toucador a filha de Maurício empregou toda sua habilidade para esconder os vestígios que em seu rosto deixara a aflicção de três dias, e para tornar mais sensíveis e brilhantes ainda os encantos que devia à natureza: nesse trabalho, ou talvez de propósito, gastou tanto tempo, que às oito horas da noite ainda não havia desido do seu quarto.

Ouvindo bater palmas, mandou a criada que a ajudava a vestir-se que fosse ver quem acabava de chegar.

A criada desceu, e voltando pouco depois, disse:

— O Sr. comendador Sancho.

Rosa fez um movimento.

— Dá-me um copo d'água, disse ela.

E quando a criada saiu, murmurou baixinho:

— O imbecil!... é o primeiro que chega; nem ao menos procura fazer-se desejar!

Enfim era necessário aparecer. Rosa desceu a escada tremendo, parou um momento à porta da sala para respirar, até que fazendo um esforço sobre si mesma, entrou.

Nunca tanta gente concorrera à partida de voltarete de Maurício como nessa noite! O número dos parceiros tinha dobrado, e não faltara uma só das amigas de Rosa: a curiosidade atraíra todos eles; queriam ler no rosto da filha de Maurício o que poderia estar escondido em seu coração.

A noiva foi recebida com um murmúrio cheio da admiração; havia um não sei quê de sublime resplandecendo em seu semblante. Rosa voltou um olhar sereno por toda a assembléa, e encontrando os olhos do Juca, deixou pairar em seus lábios um leve sorriso.

O estudante, prevenido contra a pobre moça, em lugar de ler nesse riso de mártir a última despedida de uma vítima que avança para o altar do sacrificio a que foi condenada, viu nêlê somente a ostentação de um triunfo, ou a zombaria de um coração sem generosidade que se ri ao mesmo tempo que se vinga.

Rosa compreendeu que lhe cumpria dar vida à reunião. Apesar de ser numeroso o concurso, parecia que todos tinham medo de mostrar-se alegres, tanto mais que Maurício, a despeito dos maiores esforços, dava mostras de abatimento e tristeza.

— Enquanto aquêles senhores jogam, exclamou a infeliz jovem, façamos nós alguma cousa: eu darei o exemplo.

E correu para o piano.

Tocou; mas escolheu sômente músicas ardentes e estrepitosas, como se quisesse esconder a dor que trazia n'alma nos alegros brilhantes que executava.

O imprudente estudante vingava-se de Rosa mostrando-se naquella noite alegre, vivo e buliçoso, como nos melhores dias de sua vida. Fenômeno notável!... as duas pessoas que naquella sala mais profundamente abaladas e tristes se achavam eram as que afetavam mais expansão e felicidade!... e ao vê-las assim tão satisfeitas e prazenteiras, o comendador Sancho e a velha Irene davam-se os parabéns de uma ventura, que certamente estavam longe de merecer.

Dançou-se. O Juca fêz prodígios sendo cavalheiro da impagável viúva; Rosa mostrou-se vexada e comovida, como cabia a uma noiva, ao lado do comendador. O segredo daquelles corações escapava enfim aos olhos curiosos dos observadores.

Mas o estudante ainda não havia completado todos os seus desejos; já se tinha mostrado insensível à notícia do fatal casamento aos olhos da própria noiva; faltava-lhe porém rir-se ao pé dela, a seus olhos, e falando mesmo com ela. O louco aproveitou o primeiro ensejo que lhe appareceu; viu Rosa só junto do piano, procurando uma peça de música, e correu à sua vítima.

— Perdão! disse êle alegremente; mas eu não podia perder êste momento.

— Então o que há?... perguntou Rosa sem voltar os olhos e continuando a procurar a música; que mistério é êsse, que se não deve dizer diante de todos?...

— Oh, não é mistério; é porém ainda um segredo, pôsto que muitos já o saibam.

— Quer portanto revelar-mo também?..

— Não: venho sômente pedir-lhe licença para dar-lhe os meus parabéns.

— Eu os aceito; respondeu tremendo a moça.

— A aurora da felicidade desponta no coração de V. Ex.!

Rosa voltou os olhos e cravou-os no rosto do estudante, que ria-se sarcásticamente.

— Que mais, senhor?...

— O futuro se desenha belo e majestoso a todos os olhos dos amigos de V. Ex.! nós a vemos orgulhosa e feliz ao lado de um espôso elegante e digno da ventura que vai gozar: oh! sim! há destinos que o céu parece de antemão preparar... há...

— Há insulto no que me está dizendo, senhor! disse em voz baixa a filha de Mauricio; mas eu lhe perdôo... tem razão: tão delicado sempre, é notável que sômente hoje deixasse de sê-lo! no entretanto, eu compreendo que tem direito a ser desculpado.

— Agradecido, minha senhora; eu nunca deixei de confiar na bondade de V. Ex.

— Não é a minha bondade, que hoje lhe desculpa; pode acreditar-me.

— Então o que é?...

— A sua paixão.

— Oh!

— Ousarei mesmo acrescentar; o seu desespero.

— A melhor!... estou apaixonado e desesperado?...

Um pensamento extravagante brilhou nesse instante na alma de Rosa, que sorrindo-se a êle, disse ao Juca:

— Aqui poderiam ouvir-nos... venha gastar alguns instantes conversando comigo naquela janela: dir-lhe-ei só quatro palavras.

O estudante acompanhou a moça e recostaram-se ambos na mesma janela, onde poucas noites antes haviam conversado juntos.

Rosa começou:

— Dissc-lhe e repito que o senhor está apaixonado e desesperado, e eu sei que sou disso a causa.

— V. Ex. é muito capaz de apaixonar até a um cego e surdo, quanto mais a mim.

— Zombe como quiser; mas a verdade é esta: o senhor fingiu-se namorado da pobre velha Irene para ver se dêsse modo desarmava o despeito que me obrigara a desprezá-lo; vaidoso como é contou com a vitória até que a notícia do meu casamento com o comendador Sancho veio provar-lhe que a sua imagem desde muito tinha desaparecido da minha alma.

— Eu nunca supus que a minha imagem tivesse estado no céu, minha senhora.

— Continua a zombar; porém eu adivinho o que sofre no fundo do coração: o senhor ama-me, e eu o desprezo; o senhor desespera, e eu vou ser feliz: eis aqui tudo.

O Juca quis falar, e não pôde, e receando perder-se fingiu uma risada.

— Pois é capaz de negar isto?... perguntou Rosa.

— Se não temesse ofendê-la...

— Pois atreve-se a sustentar, que amava e ama realmente aquela velha Irene?...

— Então que mal há nesse amor?... hoje é moda amar os velhos.

— Bem: estimo muito.

— Por quê?...

— Porque haverão dois casamentos em lugar de um só!

— Como?...

— O senhor vai sem dúvida pedir a mão da nobre viúva.

— Pode ser.

— Pode ser! coitado! vejo que tenho sido causa de horríveis tormentos...

— Talvez não seja tanto assim.

— Obriguei a um homem a fingir-se apaixonado de uma velha.

— E' modéstia de V. Ex. . . .

— Esse homem adorava-me. . . .

— Excelente, minha senhora!

— E' verdade que asseverava que trataria do seu casamento algumas horas depois de tratado o meu: o meu está tratado há três; mas éle, outra vez, coitado! pobre moço!

— E' muito, minha senhora! creio que já é muito!

— Pois não é verdade o que estou dizendo? . . .

— Ouso dizer que não.

— O senhor ainda ama a pobre velha?

— Amo-a de todo o coração.

Rosa desatou a rir.

— Amo-a, exclamou o Juca; amo-a, como V. Ex. ama o commendador.

— Mas eu vou casar-me.

— E eu me casarei.

— Ainda mais: eu vou daqui a pouco declarar a todos o meu próximo casamento.

O Juca hesitou.

— O senhor não ousará fazer o mesmo.

O estudante não disse palavra.

— Não ousará, eu bem o sei: o senhor ama-me ainda, e cada vez mais.

O Juca estava desesperado.

— Tenho pena do mal que lhe fiz.

— Obrigado! respondeu o louco mancebo com voz abafada, mas já que o quer ver, eu lhe provarei o contrário.

— Como, e quando? . . .

— Anunciando o meu casamento logo depois de anunciado o seu, aqui mesmo e já.

— Ora! para que esse sacrifício! . . .

— Não é sacrifício; é amor.

— Amor! o senhor a quem ama, é a mim.

— Vê-lo-á: farei o que disse.

Rosa cravou no estudante um olhar sarcástico e terrível, e soltando uma risada de escárnio, deixou-o desesperado na janela.

O estudante respirou o ar fresco da noite por algum tempo, como para reanimar-se; nada porém podia arrancar-lhe d'alma a lembrança da ironia e do desafio, com que o tinha ferido a filha de Maurício: furioso e desesperado saiu enfim da janela, e sentando-se junto de Irene, começou a falar-lhe em voz baixa mas com ardor e veemência:

deveria por força ter dito cousas bem agradáveis, pois a velha mostrou-se possuída do mais vivo entusiasmo.

No entretanto Rosa não tinha ainda anunciado o seu casamento, como se havia comprometido: a pobre moça desanimava sempre que olhava para o infeliz pai, e via a tristeza derramada no rosto do bom velho.

Mas, ainda uma vez, tudo concorria para completar-se a felicidade do comendador Sancho; um escravo entrou na sala e disse algumas palavras ao ouvido de Maurício, que imediatamente pediu licença e saiu da sala.

Rosa olhou para o Juca; era chegado o momento terrível: o estudante não pôde adivinhar que ainda podiam salvar-se ambos, e voltou-se para Irene, a quem começou a dizer quanta asneira lhe veio à cabeça.

Rosa suspirou dolorosamente, e disse:

— Minhas senhoras, — preciso que enfim eu satisfaça a justa curiosidade que mostrais: é certo, continuou ela, abaixando os olhos; o Sr. comendador Sancho teve a bondade de pedir-me em casamento, e eu não podia ser tão louca que rejeitasse essa honra.

Apenas Rosa acabou de falar choveram de todos os lados os parabéns sobre os noivos; mas logo depois voltaram todos para o Juca que, levantando-se, pedia para ser ouvido.

— Senhores, disse êle, nossa curiosidade está satisfeita; cumpre agora que eu pela minha parte vos cause uma surpresa: com a mais viva satisfação participe a todos os meus amigos, que se acha definitivamente tratado o meu casamento com a Sra. D. Irene.

Novos parabéns, novas felicitações começaram a se ouvir, quando Maurício entrou arrebatadamente na sala, exclamando:

— Perdoai-me, senhores! perdoai-me se vos deixo... meu irmão está à morte! poucas horas lhe restam de vida!

## XXVI

### O velho doente

Três dias e três noites foram passados entre fúnebres receios na casa de Maurício. O hábil médico que prontamente correria em socorro do velho Anastácio não tinha podido animar a triste família, nem mesmo com uma leve esperança: também o caso era dos mais terríveis: Anastácio fôra acometido de uma congestão cerebral, e permanecia sempre sem fala; a enfermidade havia resistido a todos os meios empregados para combatê-la, e no terceiro dia da moléstia tudo parecia indicar que a grande luta travada entre a vida e a morte chegava enfim ao seu termo, e que o descanso eterno ia começar para o irmão de Maurício.

Entretanto todos os esforços humanos tinham sido postos em ação para salvar-se o doente; a ciência dos mais hábeis médicos da côrte via-se fortemente coadjuvada pelos incessantes cuidados da mais extremosa família, e pela dedicação de um mancebo generoso.

Com effeito o Juca, êsse estudante desinquieto e extravagante, que parecia incapaz de tudo que não fôsse rir e zombar, estava prestando ao velho Anastácio officios de uma verdadeira amizade. Desde o momento em que Mauricio annunciara na sala a moléstia e o estado de seu irmão, o Juca, postando-se ao lado do enfêrmo, como a sentinela de sua vida, aí se deixara ficar velando três dias e três noites sem tomar um momento de repouso; e quando Mauricio com as lágrimas nos olhos lhe agradecia tantos desvelos e lhe lembrava que convinha reparar suas fôrças descansando por algum tempo, o nobre mancebo por única resposta apontava Rosa, que muito mais débil e delicada do que êle, achava-se contudo bastante forte para fazer outro tanto.

O estudante tinha realmente tôda a razão de apontar para Rosa. Uma filha não teria feito por Anastácio mais do que êle estava sendo deverdor à sua sobrinha: enfermeira desvelada, minuciosa e terna, a filha de Mauricio desaparecia do quarto do enfêrmo unicamente quando ia a sós rezar a Deus pelo seu restabelecimento.

Oh! pobre moça que tanto havia chorado já nos últimos dias que precederam a essa noite cruel, em que adocecera seu tio, achava então novos motivos para chorar outra vez, e mais do que antes; e no meio de seus receios pela vida do amado velho, no meio de suas dores, ali ao pé do leito do moribundo, Rosa sentia no coração um tormento insuportável, um sentimento terrível que se parecia com o remorso: oh! ela se acusava da moléstia de seu tio... pensava que por ter muito resistido a seus sábios conselhos, o amoroso mais irascível Anastácio fôra atacado por essa congestão cerebral que o ia arrastando para a sepultura.

O arrependimento porém chegara tarde... mais do que o arrependimento deveria poder contra a moléstia a ciência dos médicos e os cuidados da família, e mais do que tudo isso, desgraçadamente podia a natureza do mal e a idade avançada do doente. As débeis esperanças que porventura perilampejavam uma ou outra vez nas almas dos parentes e amigos de Anastácio, estavam cada vez mais e mais se esvaindo; todos tinham chegado ao ponto em que os olhos se voltam só para Deus; e no entretanto os dois jovens, o estudante e Rosa, tristes e silenciosos velavam sempre ao pé do leito do perigoso doente, que imóvel e mudo olhava para êles com olhos pasmos e fixos.

Enfim aproximava-se a quarta noite. Ainda uma longa conferência entre alguns médicos notáveis tanto pelo saber como pela prática acabava de ter lugar: o resultado dessa foi como o das anteriores. Admirou-se a habilidade, o gênio do assistente mais nada:

o que se podia fazer estava feito; o que se devia lembrar estava lembrado.

O assistente ficou só na sala: mostrava-se abatido, como um hábil general forçado a dobrar-se à fortuna.

— Então, meu bom amigo? perguntou Maurício com voz triste.

O médico por única resposta sacudiu a cabeça; era o mesmo que responder:

— O doente morre.

— Não há mais esperança alguma, não é assim?

— Esperança ... eu sei; mas esperança deve-se ter até que se exala o último suspiro: esperança em Deus ao menos.

— Entendo!... exclamou o pobre irmão fazendo-se em pranto.

Nesse momento o estudante entrou na sala, e dirigindo-se ao médico:

— Doutor, disse, o doente começa a agitar-se um pouco; observo em seu rosto o que quer que seja de novo... doloroso... ou não sei o quê...

O médico franziu os supercílios, e dirigiu-se prontamente ao quarto do seu doente.

— E' a morte que chega; disse lúgubrememente Maurício.

— Sim, balbuciou o estudante; creio que o nosso amigo vai enfim descansar.

O doutor voltou à sala; Rosa o acompanhava curiosa: todos os olhos se fixaram nêle.

— Nada posso esperar ainda, disse; mas é possível que vamos ter uma crise.

Rosa pôs as mãos como se orasse, e voltou para junto de seu tio.

A meia-noite o médico, o estudante e Rosa achavam-se junto do doente. Maurício estava só na sala.

De repente Rosa entrou correndo, e se atirou desesperada nos braços de seu pai; os soluços a sufocavam.

— O que é isto?... o que há?... já morreu?... fala.

— Oh! sim!... está morrendo... fechou os olhos... e vai acabando...

Maurício não se pôde conter, e seguido de sua filha dirigiu-se apressadamente para o quarto fúnebre; mas o médico appareceu-lhe à porta, e estendendo o braço, disse:

— Silêncio... êle dorme: está salvo.

Rosa caiu desmaiada contra o seio de seu pai.

## XXVII

## Um mal que veio para bem

O velho Anastácio está salvo; a enfermidade que pusera em tão evidente perigo a sua vida, vai agora pouco a pouco sensivelmente declinando; no entretanto todo cuidado ainda se faz preciso: convém que a solicitude e a vigilância da amizade segure e aproveite a vitória alcançada sobre a morte pela medicina e pela natureza.

Essa solicitude, essa vigilância não faltavam: Rosa e o Juca continuam a velar à cabeceira do doente.

Mas agora o tempo da grande tormenta já está passado; os dias de lágrimas por aquêle que se receava ver expirar a todos os momentos já felizmente tiveram seu termo; os corações amigos estão enfim animados e cheios de esperança, os lábios já podem ri, e as almas podem enfim pensar mais desassombadamente em muita coisa que não tem relação com a moléstia do velho.

E a mão de Deus reuniu no mesmo quarto, e faz passar dias inteiros defronte um do outro, obrigados a falar-se, a consultar-se mutuamente aquêles dois jovens que tanto se amavam, e que por repreensível extravagância se queriam separar para sempre.

No começo da enfermidade de seu tio, nesses três dias de luta terrível, Rosa esquecera todos os agravos que havia recebido do Juca para lembrar-se unicamente de que tinha ao pé de si um estudante de medicina que por força devia conhecer o estado do enfermo mil vezes melhor do que ela, e portanto ora esperando, ora temendo e sempre curiosa e anelante, ela fixava seus belos olhos no rosto do mancebo, querendo apanhar-lhe ou adivinhar-lhe no olhar que êle lançava sobre o doente, e nos movimentos de sua fisionomia ou uma esperança de vida ou de um desengano de morte.

Além disso se era ela quem ia hábil e delicadamente entornar por entre os lábios do doente a colher de remédio prescrito, era também o Juca que determinava a hora em que isso devia ser feito, e conseqüentemente preciso se fazia que os dois jovens se falassem, se entendessem, e mutuamente se coadjuvassem.

Assim a moléstia do velho Anastácio tinha vindo estabelecer relações constantes e pacíficas entre Rosa e o Juca. Nos dias de perigo a necessidade tinha forçado a interessante moça a dirigir-se mil vezes ao mancebo, que nem uma só vez e nem um só momento havia esquecido os deveres de um amigo dedicado. Depois, quando veio a bonança, quando passou o receio da morte, era possível que Rosa deixasse de tratar com docilidade ao menos aquêle que tanto fizera por seu tio?... era possível que ela negasse alguns sorrisos àquele que chorara quando a tinha visto chorar?... decerto que não.

Finalmente, a primeira vez que rompeu dos olhos do velho Anastácio um olhar de vida, esse olhar saiu todo cheio de amor e cravou-se ora na bela sobrinha, ora no estudante, que tão devotados ambos lhe tinham sido; depois seus lábios se moveram, e o pobre doente podendo apenas articular a primeira palavra deixou ouvir uma frase repassada de gratidão, que abrangeu ao mesmo tempo os dois jovens, que foi como um terno laço que os uniu um ao outro, para enfim prendê-los juntos e unidos ao coração do homem grato. Ele murmurou baixinho:

— Meus filhos...

E duas grossas lágrimas rolaram então por suas faces rugosas e pálidas, e como lhe fôsse ainda difícil falar, ele com um movimento de cabeça chamou para perto de si os dois interessantes enfermeiros, e querendo apertar entre as suas as mãos deles, apertou também uma contra a outra essas duas mãos de amantes despeitados: ao toque da mão do moço, Rosa corou fortemente, e o velho tio que a olhava lembrando-se talvez do segredo da sobrinha sorriu-se docemente e balbuciou algumas palavras, que nenhum dos dois pôde perceber.

Aí temos, pois, à vista destes ligeiros incidentes, que a moléstia do velho Anastácio que foi realmente um mal, talvez que viesse para bem daquela moça, na verdade um pouco viva e exaltada, e daquele mancebo por certo extravagante e traquinas, mas enfim ambos excelentes no fundo e merecedores de um bom destino. Deus escreve direito por linhas tortas.

A verdade é, que depois que o velho conseguira melhoras e os corações de seus amigos sossêgo, os dois jovens começaram a sentir em si alguma coisa nova, e que sem dúvida alguma pode-se assegurar que era inteiramente velha para eles. Em uma palavra o Juca já tinha repugnância de se lembrar da velha Irene, e Rosa estremecia tôda quando se recordava do comendador.

No entanto havia em ambos uma boa soma de vaidade, para que nenhum dos dois quisesse dar o primeiro passo para uma feliz reconciliação. Qualquer dos dois se acreditava fortemente ligado por sua palavra a um terceiro, e profundamente ofendido pelo outro; qualquer dos dois se supunha com direito e no caso de perdoar, e nenhum com o dever de pedir perdão. É positivo que o homem devia quebrar por si; mas neste caso o homem era um estudante endiabrado e intratável em negócio de amor.

Graças à Providência porém, estava aí para fazê-los chegar à razão esse bom velho, que eles tinham ajudado a arrancar da sepultura. Com efeito desde que Anastácio se foi sentindo melhor, começou a meditar nos meios de fazer a felicidade de dois arrufados animando-se ainda mais com a idéia de pregar um mono ao comendador; à primeira vista podia parecer a questão bem fácil de ser resolvida; bastava que o velho roceiro dissesse ao Juca tudo quanto lhe havia confiado a sobrinha, para que, no seu entender ao menos, o

estudante se visse na restrita obrigação de cair de joelhos aos pés da encantadora moça, e dizer *mea culpa*; mas Anastácio tinha dado palavra de guardar segredo, e êle era sobretudo homem de palavra.

Outrora o casamento da sobrinha com o Juca não sorria ao espirito do velho roceiro, senão como um meio de livrá-la das garras do comendador, que era na sua opinião o mais indigno dos noivos; então o estudante ou outro qualquer lhe servia, porque o estudante ou outro qualquer era sempre melhor que o pobre Sancho; mas últimamente o caso tinha mudado de figura: depois do que observara durante sua moléstia, depois dos desvelos e cuidados que êle estava devendo ao Juca, êste mancebo se havia tornado a seus olhos o melhor dos homens, o mais beio e o mais nobre dos noivos, o mais desejado dos sobrinhos, um tipo de grandes virtudes, um-moço de futuro; e enfim, fôsse o que fôsse, ou êle seria o marido de sua sobrinha, ou pelo contrário rebentaria a mais furiosa das trovoadas na casa de Maurício.

Entretanto Anastácio sentia-se ainda muito fraco para trevejar, se fôsse isso preciso; e não se conhecendo com fôrça suficiente para a luta, assentou que lhe cumpria esperar pelo seu restabelecimento, a fim de tratar então dessa importante matéria com tôda a seriedade e segurança, aproveitando porém tôdas as ocasiões que lhe apparecessem de ir deitando água fria no coração de sua sobrinha, que êle supunha em brasa.

As circunstâncias começavam a apresentar-se bem favoráveis aos projetos do velho Anastácio. O Juca não tinha podido passar tantos dias junto de Rosa sem sentir o amor que lhe votava tornar-se mais veemente ainda. Desde os primeiros tempos em que a conhecera, nunca mais gozara senão durante horas passageiras a companhia da encantadora moça; vivendo agora a seu lado como um irmão, êle pôde apreciar na filha de Maurício essas doces virtudes que só brilham no remanso doméstico; apesar de despeitado ficou cada vez mais cativo de uma afabilidade sem afetação, de encantos para êle novos que naturalmente se mostraram livres de adornos e de enfeites, que quase sempre são demais em uma donzela formosa; e finalmente foi reconhecendo todos os dias na primeira escolhida de seu coração qualidades brilhantes que até então lhe haviam escapado, e que a tornavam cem vêzes mais sedutora, mil vêzes mais desejada.

À medida que Anastácio ia obtendo progressivas melhoras, sentia-se o estudante atacado cada hora mais fortemente por uma moléstia da qual se acreditara quase restabelecido. Uma tarde achou-se pior do que nunca; é de notar que os sintomas de sua enfermidade tornavam-se mais graves, quando mais bela e interessante se mostrava Rosa; exatamente na manhã, e em todo êsse dia a filha de Maurício tinha-se apresentado verdadeiramente feiticeira; o nosso estudante perdeu de todo a cabeça; maldisse as suas passadas loucuras, e a viúva Irene também; acusou-se por ter deixado a cidade da Bahia.

acusou Rosa de ser inconstante, leviana e não sei que mais; acusou Maurício por não fechar a porta de sua casa ao comendador Sancho, Anastácio por ter tido uma congestão cerebral, e acusaria ainda o mundo inteiro, se no meio de suas cruéis reflexões não fôsse interrompido por um escravo, que lhe trazia da casa da velha Basília tôdas as suas riquezas e ao mesmo tempo a sua roupa em uma canastra, felizmente em bom uso ainda.

⊙ caso era muito simples: Anastácio continuava de cama, e depois deveria passar por uma longa convalescença; mas tinha-se dado tão bem com seu enfermeiro, que teimava em não querer vê-lo ausentar-se; o Juca de sua parte hesitava, e Maurício cortando tôdas as dificuldades mandou buscar-lhe a roupa à casa de Basília sem preveni-lo disso.

O Juca era um homem habituado a essas mudanças de habitação feitas assim de repente; não se admirou pois de ver, bem que temporariamente, transportados todos os seus trastes e riquezas da casa da velha Basília para a de Maurício; riu-se da surpresa, suspirou não sabemos por que outra razão, e foi mandar pôr a canastra no seu quarto, que era paredes-meias e se comunicava por uma portinha com o de Anastácio.

O portador tinha trazido mais do que a canastra, e entregou ao Juca uma cartinha, que lhe escrevera a irmã de Faustino. O estudante leu-a com alguma dificuldade, porque a moça escrevia ao modo de tabelião velho no officio: "Sr. Juca, parabéns! o velho da roça melhora, e a moça da cidade vai provavelmente sentindo-se incomodada. O comendador Sancho deve estar com dores de cabeça, e a velha Irene pouco mais ou menos no mesmo estado; o mano Faustino anda furioso, e eu alegre com o que acontece; mas com muitas saudades suas: avante, Sr. Juca! não desminta a sua fama, e... acabe de uma vez e quanto antes o seu *romance não acabado*. Minha mãe manda-lhe lembranças e eu sou como sempre sua amiga do coração — Clara".

O Juca depois de despedir o portador rasgou a carta em pedacinhos homœopáticos, e sorrindo-se disse consigo mesmo:

— Esta D. Clarinha que está quase não quase definitivamente condenada a entrar para o rol das tias, tem no entretanto um coração menos mau: vai perdendo a esperança de achar marido, e já se põe no caso daqueles, de quem se diz, que não podendo beber na taverna, folgam nela.

Um momento depois o estudante fêz-se muito sério, suspirou, e disse:

— Havia porém na sua carta uma idéia, que me cumpre aproveitar... oh!sim!... eu devo continuar a escrever o romance da... *minha rosa*; minha!... ah! ainda ousou chamá-la minha!... embora; seja como fôr... escreverei sempre...

E o ligeiro mancebo ia já executar o seu novo pensamento, quando se suspendeu, acrescentando:

— Mas antes de tudo vejamos em que estado, se acha esta arca, de que há tantos dias me vejo separado...

E abriu a sua canastra. Ordena a prudência que ela não seja descrita: do meio de sua desordem saíam dez longos, capítulos. Basta pois parar com o mesmo Juca diante dessa caixinha, que êle contemplou sorrindo-se, e que depois abriu cuidadoso.

O estudante foi tirando um por um de dentro da misteriosa caixinha uma multidão de objetos talvez de grande valor para êle, e de nenhum para qualquer outra pessoa: eram flores murchas, tranças, e anéis de madeixa, um pedacinho de pau assim a modo de figa para livrar de quebranto, cartas e bilhetes de todos os tamanhos, um palito, e três grampos, uma liga, algumas fitas, e finalmente além de um número infinito de outros *nadas* iguais a êsses, um pequeno embrulho de papel cuidadosamente arranjado:

— Ei-lo aqui!... exclamou o estudante; eis aqui o meu querido talismã!

E guardando tudo mais, foi sentar-se à mesa levando o seu embrulho, que depois de aberto deixou ver o tesouro inapreciável, que encerrava: era apenas um botão artificial de flor de laranjeira provavelmente tirado de alguma coroa de noiva.

— Agora sim, continuou o Juca depois de beijar cem vêzes o insensível botão; agora sim, poderei continuar a escrever o romance da minha Rosa: êste botão me vai inspirar!... mãos à obra...

O nosso estudante pôs em ordem o papel, experimentou uma pena, acomodou a cadeira... pensou... tornou a pensar... bateu na testa... e nada de novo.

O pobre rapaz estava em maré de esterilidade: em vão pretendeu achar um nexo para ligar a narração dos fatos outrora passados, e por êle já escritos, aos novos que desejava historiar: se conseguia escrever algumas linhas, via logo depois que o estilo era abominável, os pensamentos triviais e baixos, em uma palavra tudo ruim, tudo muito aquém do seu objeto.

Debalde a cabeça do estudante queria fazer alguma cousa; o coração do amante apaixonado o estava chamando fora daquele quarto; e finalmente para ainda mais invencível se tornar a distração, Rosa deixou ouvir a sua voz conversando com o velho Anastácio.

O Juca deixou cair a pena dentre os dedos, e ficou por muito tempo escutando aquela voz doce e maviosa, como se estivesse ouvindo uma harmonia celestial. Enfim a conversa parou, e o estudante estava ainda mudo e quêdo, esperando que de novo soasse a voz encantadora, quando em vez dela chegou aos ouvidos o forte ressonar do velho Anastácio.

— O bumbo depois da flauta!... murmurou o estudante.

E de novo tomou a pena: desta vez um pouco menos infeliz o Juca se não conseguia escrever a continuação do seu romance não acabado, ao menos pôde compor uma declaração, uma invocação, ou o que quer que seja, que êle destinou para servir de prólogo à segunda parte da história da sua rosa. A composição tinha o mérito da originalidade, porque era na verdade a primeira vez que se encaixava um prólogo no meio da obra: o invento era digno daquela cabeça extravagante.

Seja porém o que fôr, prólogo ou não, êle escreveu:

"Rosa! outrora escrevi a história de nossos inocentes amôres, e parei naquela tristíssima hora, em que tu me fugiste num batel demasiadamente ligeiro deixando-me no coração o amor e a saudade: passaram anos... e agora continuando êsse belo romance da idade da pureza, e da poesia, o que eu posso escrever é só a história de um amor!... Rosa! lembrar-te-ás tu do passado?... guardas porventura a flor de teu nome, que eu salvei do abismo do lago, como eu guardo o botão da flor de laranjeira, que me destes num momento feliz?... Rosa, já não és a mesma; ingrata, tu me esqueceste, volúvel, tu amas a outro; ah teme!... o passado que é minha glória é para ti um sonho; o presente que é para mim um tormento horrível é para ti a ventura: o futuro... teme... será para ti o remorso: Rosa! eu te amo ainda! Rosa! eu te amo sempre!..."

O tal prólogo prometia ir ainda muito além; mas um recado importuno veio interromper o Juca. Maurício o mandava chamar à sala; não havia pois que dizer. O estudante pelo sim pelo não dobrou o papel, em que tinha escrito a introdução à segunda parte do seu romance, e o guardou no bôlso da calça com o pequeno embrulho, onde se asilava o botão de flor de laranjeira: feito isto endireitou a gravata, alisou o cabelo, e saiu a saber o que dêle queria Maurício.

Ao aproximar-se da sala conheceu pelo ruído que lá se fazia que haviam visitas femininas em casa; apressou o passo... mas apenas tocou a porta, surpreso e contrariado.

O infeliz tinha esbarrado com os olhos na velha Irene.

Desde que adoccera o velho Anastácio era essa a primeira noite, em que apareciam de novo os amigos de Maurício; a viúva e o comendador que há muitos dias não tinham podido ver seus jovens noivos, se haviam apressado a vir fazer parte da sociedade. Duas mesas de voltarete já estavam formadas e completas, e Rosa se achava no meio da sua côrte costumada.

Enfim... o Juca não teve remédio senão entrar: tomou uma larga respiração e apareceu.

— O nosso doente já se acha livre de perigo, disse Maurício

ao estudante; não há pois necessidade de se deixar ficar prêso e escondido lá dentro; tanto mais que todos os nossos amigos desejam extremamente felicitar ao jovem dedicado e nobre, que penhorou a minha família e a mim com tantos e tão grandes obséquios.

O Juca viu então cair sôbre êle uma chuva de cumprimentos exagerados e lisonjeiros.

— E' muito por tão pouca cousa! exclamou quando pôde fazer-se ouvir, mal vai o mundo se aquilo que eu fiz chama-se virtude! Senhores, eu fui apenas um bom amigo, se não fui sômente um estudante de medicina.

— Foi o que é o que será sempre sem dúvida — um homem de bem!

— Basta! basta! exclamou o estudante; declaro que vou apadrinhar-me com as senhoras.

— Para aqui... para aqui, Sr. Juca, disse a velha Irene apontando uma cadeira que já lhe havia preparado ao pé da sua, ande, venha conversar...

Que remédio! porém ao menos se a viúva lhe havia de ficar à mão direita, viu o estudante que do lado de seu coração se sentaria Rosa, embora junto dela e dando-lhe a direita, estivesse sentado o comendador Sancho.

Todos conversavam: havia porém um não sei quê de acanhado e contrafeito tanto em Rosa como no Juca, que mutuamente se observavam com admirável habilidade.

— Há que tempo que nos não vemos... balbuciou Irene ao ouvido do estudante.

— Há oito dias... creio eu...

— Doze, meu senhor! doze!

— Pode ser... pode ser... no que diz respeito a contas eu tenho uma cabeça de ferro!

— Eu tive o cuidado de lhe escrever algumas vêzes dando-lhe notícias minhas...

— Fico-lhe muito obrigado.

— Mas o portador voltou-me sempre com as cartas... nunca lhe pôde falar...

— Pois olhe... devo confessar-lhe... que... quase que me envergonha dizê-lo.

— Sim então é melhor não falar nisso.

— Não ... quero sempre confiar-lhe... tive ardentes e desesperados ciúmes...

— Ora...

O Juca suava suores frios; pôsto que Rosa sustentasse e entretivesse a conversação geral dirigindo-se já a uma já a outra, e enfim a tôdas as senhoras, que tinham vindo passar com ela a noite, nem por isso o comendador deixava de aproveitar tôdas as ocasiões de

soprar-lhe ao ouvido segredinhos, que o estudante daria dias de sua vida para poder escutar; mas que não o conseguia nunca, principalmente porque a tal senhora sua noiva não o deixava pôr pé em ramo verde.

— Então o senhor não me diz nada?... perguntou a viúva um pouco despeitada.

— Creio que sempre tenho dito alguma cousa...

— Exijo uma resposta! murmurou um pouco mais alto o comendador.

O Juca fêz-se todo ouvidos.

— Esperava encontrá-lo mais saudoso e terno... continuou a viúva.

Rosa ia balbuciando algumas palavras...

— O Sr. ama-me sempre?... tornou Irene.

— Diabo!... disse por entre os dentes o estudante, a quem tinha escapado a resposta de Rosa.

— Diabo?! pois é assim que me responde?...

— Como?...

— O senhor deixou escapar o nome do diabo...

— Eu?... creio que está enganada.

— Ouvi perfeitamente!

— Pois então... então... rogo-lhe que me desculpe.

— Isto pede uma explicação, Sr.

— A ocasião é pouco oportuna...

— Vamos à janela...

— Seria... quase dar-nos em espetáculo...

— Eu salvarei as aparências... vou dizer que faz um calor insuportável, e convidá-lo-ei para gozar comigo a frescura da noite...

— Tenho medo do sereno... estou endefluxado...

— Lembre-se, que está falando à sua noiva!

O Juca estremeceu.

— O Sr. Juca parece actuar-se em cadeira de espinhos!... exclamou uma moça que estava sentada em uma cadeira defronte d'êle, e que aborrecia profundamente a velha Irene.

— Então por quê?... perguntou esta formalizando-se.

— Ora... porque está a estremeecer, como se se espinhasse a cada momento.

— E' natural, acudiu outra; o Sr. Juca está sentado ao pé de uma rosa.

— Ah! é isso? disse Rosa: pois eu o liberto da minha maligna influência.

E levantou-se de repente indo sentar-se no meio das senhoras que acabavam de falar. O comendador e o Juca exalaram ao mesmo tempo dois profundos suspiros.

— O senhor parece-me que suspirou, disse Irene, que já estava vermelha como um pimentão bem maduro.

O Juca tinha os olhos cravados em Rosa e foi preciso que a interessante noiva lhe tocasse no ombro:

— Então nem ao menos quer ouvir-me?...

— Ah!... sim!... pois não, minha senhora.

— Exijo que me fale a verdade.

— Eu sou como Epaminondas, de quem se dizia *neque joco mentiretur*.

— Senhor, juro-lhe que não conheço esse Sr. Epaminondas! se lhe disseram alguma coisa de mim, é intriga, é calúnia de meus inimigos!

É esta!...

Ou talvez seja uma invenção sua... quer se fingir com ciúmes... para... sim... talvez para abandonar-me!

— Senhora! balbuciou o estudante assustado: não chore aqui à vista de gente...

— Quero que todos sejam testemunhas da minha dor e do seu crime... o senhor é um ingrato... um...

— Bravo! exclamou um dos parceiros do voltarete; *codilho contra chalupa*, três trunfos um rei, e cortando os outros dois naipes!

— Parece impossível! disse o Juca erguendo-se para escapar das garras da noiva: parece impossível!...

— Foi tal e qual, respondeu Maurício.

— Sr. Juca faz o favor de ouvir! disse a velha.

— Perdão, minha senhora! mas não se pode resistir a um *codilho* destes!

— *Codilhada* creio eu que fica a velha Irene, disse uma moça à outra que lhe ficava ao pé.

Irene estava em *brasas*, e o *comendador Sancho* pouco mais ou menos como ela.

Rosa não tinha tratado o seu noivo com a meiguice e ternura que elle devia esperar: havia-lhe dado constantemente respostas rápidas, fugitivas, insignificantes; declarara-se rouca, quando lhe pediu que cantasse alguma coisa e com as mãos dormentes quando lhe mostrou desejos de a ouvir tocar piano. Como o Juca havia negado a Irene, negou ella também ao comendador o pequeno obséquio de ir conversar a sós com elle alguns momentos à janela, e finalmente aproveitando a observação da amiga que lhe ficava de frente, a respeito dos *espinhos* que incomodavam ao estudante, fugiu da cadeira em que estava sentada ao lado de Sancho, e occupando uma outra fronteira a elle nem por isso o animou, e obsequiou com seus olhares...

O pobre Sancho deu voltas ao juízo para explicar semelhante metamorfose; sua modéstia não lhe consentia admitir um rival no coração de Rosa; julgava-se muito superior a todos os apaixonados da interessante moça para conceber semelhante pensamento; a causa do terrível fenómeno devia ser por força outra: ah! no fim de uma

hora o bom do homem resolveu o problema: tinha vindo de sobrecasaca!... não se usa trazer comenda senão na casaca; e eis tudo!...

O comendador Sancho jurou aos santos de sua maior devoção enforçar, mandar para o leilão, ou enviar de presente a algum belchior tôdas as suas sobrecasacas, gôndolas, e paletós. Era realmente um homem de juízo fino e seguro... como há tantos.

Enquanto os dois velhos agitados e descontentes se esforçavam para encobrir os tormentos de que estavam sendo vítimas os dois jovens, Rosa e o Juca, se observavam incessantemente, e com o mais fino cuidado; uma palavra, uma ação, um olhar de um não escapava ao outro, e era logo estudado e compreendido; afastados sempre, quase nunca se falando, e apenas a furto e de relance se olhando pareciam dois inimigos, que mutuamente se espreitavam, e por fim de contas não eram mais do que dois amantes, que o ciúme tinha separado, e que um raio de esperança começava a querer fazê-los aproximar-se de novo.

O que porém se fazia mais notável era a amabilidade com que Rosa estava tratando em tôda essa noite a velha Irene, e os obséquios e cumprimentos que fazia o Juca ao comendador Sancho: o estudante e a filha de Maurício entendiam-se perfeitamente! eram dois hábeis jogadores que se pagavam sempre na mesma moeda!

Chegou no entretanto a hora do chá, e a velha Irene, aproveitando o ensejo, apanhou o Juca descuidado e fê-lo assentar de novo ao pé de si; o estudante não pôde conter um aí, que ficou assim meio duvidoso entre o suspiro e o gemido.

— O senhor geme?... perguntou a velha que estava como uma pólvora.

— Ah! não... suspiro.

— Pensei que o tinha ouvido gemer.

— E era possível; porque ando muito incomodado.

— Senhor... não abusarei da sua bondade... quero apenas uma resposta... franca... leal... decisiva...

— Bem... compreendo.

— O senhor é o mesmo ainda?!

— E' boa! pois chegou a duvidar disso?

— Pergunto-lhe se os seus sentimentos a meu respeito são os mesmos...

— Oh! sim!... tais e quais... palavra de honra!

— Disseram ainda agora que o senhor era um homem de bem...

— E' verdade... lembro-me disso.

— Pois então digo-lhe que é necessário que o senhor proceda como tal... agora... Quanto a mim... creia que sou sempre a

mesma... oh! sim; eu lhe amo sempre: nada sei dessa história com que me desorientou inda há pouco... não conheço, nunca vi esse Epaminondas...

— Oh! não tenha receio: o diabo me leve se o tal Epaminondas me causar ciúmes uma só vez na minha vida...

— Sr. Juca, pois deixa-me assim tão depressa?...

— Vou servir-me de uma chávena de chá!...

— Prefere uma chávena de chá à minha companhia!... isto é demais! as minhas suspeitas...

— Oh! minha senhora, não é exactamente o chá; mas eu sou doido por pão-de-ló, e creio que se não fôr acudir a tempo, o comendador Sancho devora tôda aquela bandeja... até logo.

A viúva ficou furiosa: o Juca além de desamoroso estava até grosseiro com ela.

O comendador Sancho tinha decorado desde três dias um cumprimento muito espirituoso, de que já se havia servido dez vêzes; mas ainda não em casa de Mauricio. Apareceram balas de estalo, e êle achou a ocasião própria para fazer a décima-primeira edição do seu cumprimento; escolheu uma bala, e foi direito a Rosa.

— Peço a V. Ex. que estale esta bala comigo: dentro dela está o nosso destino envolvido num versinho, como existe o meu coração envolvido nas graças de V. Ex.!...

E sorriu-se orgulhoso do que acabava de dizer.

— Perdoe-me, respondeu Rosa: o médico que trata de meu tio achou-me hoje muito nervosa, e proibiu-me estalar balas...

O comendador recuou confuso.

— Eis aqui como se perde um destino!... observou uma senhora.

— Nunca mais visto sobrecasaca!... murmurou Sancho.

Enfim chegou a hora da retirada: o Juca que durante o resto da noite conseguira estar sempre quatro braças longe de sua velha noiva, descuidou-se no momento das despedidas, e só deu com Irene, quando ella lhe puxou fortemente pelo braço.

— Quem é?... ah!... sim... minha senhora...

— Queria despedir-me dizendo uma verdade...

— Qual?...

— Declaro que o senhor tem-se tornado intratável, depois que ficou homem de bem!

E de outro lado já ao pé da escada o pobre Sancho murmurava ao ouvido de Rosa:

— E eu lhe juro que nunca mais lhe apareço sem casaca e sem comenda.

## XXVIII

## Dois acasos

Rosa não pôde conseguir adormecer, senão pela madrugada: agitavam seu espirito mil pensamentos, uns que a encantavam, porque eram filhos mimosos da esperança; outros que a faziam vacilar, porque os inspirava o receio; outros finalmente que a atormentavam, porque provinham de um tardio arrependimento.

A filha de Mauricio ruminava docemente em sua alma tudo quanto se tinha passado entre ela e o Juca desde que adoecera seu tio; recordava tôdas as palavras que lhe havia dirigido o estudante, os olhares cheios de fogo que sobre ela a furto lançara, os cuidados de que a cercava, a meiga atenção com que sempre a ouvira, e enfim a má vontade com que parecera estar sofrendo as ridículas pretensões da velha Irene nessa noite que ia então acabar, e refletindo sobre tudo isso, a moça concluía dizendo a si mesma com um brando sorrir a brincar-lhe nos lábios:

— Oh! sim... êle ainda me ama!

Mas depois Rosa lembrava-se também daquela vida louca volúvel e extravagante do Juca; vinham-lhe à memória as horríveis palavras que o ouvira proferir a outra moça no primeiro baile, em que o viu depois de tantos anos de ausência: então tôdas as deslealdades, tôdas as traições que lhe fizera o estudante, se desenhavam a seus olhos mais feias e negras que nunca; de novo seu orgulho se revoltava contra a audácia e a barbaridade daquele homem, que mesmo diante dela ousava mostrar-se apaixonado de uma, de três, de vinte outras senhoras. Então acreditando apreciar devidamente o caráter desse mancebo que por sua infelicidade amava, ela o acusava de fátuo, de inconstante e vaidoso; julgava-o incapaz de amar seriamente, e só ambicioso de conquistas, que uma vez conseguidas, perdiam para êle todo o valor; e em opposição ao seu brando sorrir de há pouco, Rosa ficava triste e abatida, e murmurava apenas:

— Oh!... quer talvez enganar-me de novo!...

E quando seu pensamento queria voltar a repetir as primeiras e mais doces reflexões, uma idéia terrível vinha fazê-lo parar, e dela tôda se apoderava: a filha de Mauricio estremecia súbitamente recordando-se de uma fatal imprudência; seu coração já repleto de amargosa melancolia lhe trazia à memória a sua louca promessa feita ao comendador, e mais do que isso ainda a declaração pública e inteiramente voluntária que em sua casa, e diante de vinte testemunhas fizera, de que aceitava a mão do comendador Sancho. Oh! como faltar agora à palavra como aparecer diante daquelas pessoas que a tinham ouvido, e logo depois feito retumbar a seus ouvidos mil parabéns lisonjeiros, fingidos, sarcásticos; como aparecer-lhes outra

vez para lhes dizer que tudo isso estava acabado, que ela não se casaria mais com o comendador?!!

Rosa sentia todo o pêso do castigo que caía sôbre ela pela estranha louçura que cometera. Meditando nesse triste episódio de sua vida de moça, ela perguntava a si mesma, como se atrevera contra tôdas as leis da delicadeza, e mesmo do pudor virginal que ela tinha, a abrir a bôca diante de tanta gente para dizer aquelas palavras, que em outra ocasião pronunciadas por seu pai ou por um noivo bem amado, a teriam feito corar. A filha de Maurício começava a experimentar que excessos pode a paixão fazer praticar a uma cabeça ardente, a uma alma cheia de fogo: ela se arrependia; mas já tarde... e compreendendo a natureza do dever que a prendia ao comendador Sancho, e aborrecendo êsse homem que a tinha agrilhoado pela sua palavra, a mísera moça exclamava soluçando:

— Oh, meu Deus!... que futuro!... que futuro!...

E lembrando-se de novo do Juca, que era a causa de tudo isso, ela começava a maldizê-lo, como se maldiz um inimigo; no meio porém de suas maldições sentia que o coração desmentia seus lábios... sorria-se de si mesma, e tornava por uma transição, bem fácil de operar no ânimo da moça, a embeber-se em seus primeiros pensamentos de amor e de esperança.

Embalada enfim por essas idéias deleitosas e encantadas, adormeceu Rosa pouco antes de romper o dia.

E' belo o sono da virgem! em um leito cercado de cortinas côr de neve descansa a interessante filha de Maurício: das telas brancas e finas que escondem o seu mimoso corpo surgem um rosto engraçado e lindo, e um colo gracioso, onde pululam mil encantos através de negras e atrevidas madeixas, que sôltas vão nublar graças, onde pousam retorcendo-se em um sem número de anéis; um braço nu, que escapara das cobertas, mostra-se tipo de perfeição, dobrando-se docemente, e conchegando as telas contra o seio, como se o instinto do pudor ainda no sono dominasse a virgem. Ela dorme; a dois passos ninguém perceberia o seu respirar, tão brando é êle: é o hálito da inocência que se exala por entre êsses lábios da mulher, que é anjo ainda; mas... ela parece inquietar-se... seu peito se eleva... sua respiração torna-se ansiosa... gôtas de suor correm de sua frente... seus lábios se movem... murmura frases imperceptíveis... depois... estende os braços, sorri, é feliz no sono... e acorda deixando ouvir um fraco grito:

— Minha mãe!...

Que sonho foi êsse que pôde tanto, que deixou pensativa e melancólica a filha de Maurício?... é um mistério de seu leito, e de sua alma: cumpre respeitá-lo.

Era dia e mesmo um pouco tarde: uma hora depois de haver despertado Rosa desceu para almoçar, e já encontrou à mesa seu pai e o Juca que a esperavam: ela correu a ver seu tio como tinha pas-

sado a noite e voltou logo depois a fazer companhia aos dois satisfeita de ter encontrado o seu doente muito melhor.

Rosa comeu pouco, Maurício sofrivelmente, e o Juca muito: não há nada nesta vida que tire o apetite a um estudante.

Enfim os dois levantaram-se e foram conversar com o velho Anastácio: ficou só e sentada junto da mesa Rosa que parecera a seu pai ter acordado nesse dia de muito bom humor.

Alguns minutos depois aproximou-se deia uma escrava, que trazia um papel e um pequeno embrulho na mão.

— Que papéis são êsses?... perguntou Rosa.

— Fui ao quarto do Sr. Juca tirar a roupa que se devia lavar, e agora achei lá dentro êstes papéis no bôlso de uma calça.

O coração da moça palpitou fortemente; mas ela, disfarçando a perturbação que sentia, respondeu sem olhar para a escrava:

— Deixa aí os papéis.

Logo que se achou livre de testemunhas a filha de Maurício não pôde vencer a imensa curiosidade que a excitava. Lançou a mão primeiro ao pequeno embrulho que tinha diante dos olhos, abriu-o e viu o botão de flor de laranjeira: uma expressão de alegria indizível se espalhou em seu semblante.

— O botão de flor de laranjeira que eu lhe dei em outro tempo!... disse ela.

Depois hesitou, e corando como se alguém a estivesse vendo, Rosa mudou de tom, sua alegria dissipou-se quase inteiramente e balbuciou!...

— Que louca! que criança que eu sou!... quantos botões de flor de laranjeira não terá como êste que vejo aqui, e como êsse que outrora lhe dei, aquêle jovem muçulmano!... quem sabe se o papel que vou ler não me fará conhecer a origem desta florzinha?...

E com viveza abriu o papel e leu; era o tal prólogo extravagante e ultra-romântico que tinha de ser encaixado no meio do *romance não acabado*.

A alma de Rosa se abriu tôda inteira à doce esperança, à consolação inexplicável que naquela feliz leitura deparava. Não leu uma vez; leu duas, três e mais vêzes, o tal prólogo desengraçado, trivial e obscuro na opinião do próprio autor que no entretanto pareceu à filha de Maurício um hino de inimitável poesia.

— Sou amada!... sempre amada!... muito amada!... disse ela a custo sentindo-se sufocada pelo prazer: bendito seja êste papel!... sou sempre amada!...

Ficou muito tempo engolfada nos mais brilhantes sonhos: oh! depois de tantos dias de dor vinha, enfim, para ela, a ventura!... depois do desespero, glória!...

— E' uma espécie de ressurreição? murmurou enfim Rosa sorrindo...

E chamou a escrava que prontamente apareceu.

— Toma estes papéis, disse a filha de Mauricio, pode ser que sejam de importância... não posso, nem devo examiná-los, vai daqui a pouco levá-los ao Sr. Juca que está no quarto de meu tio: não convém que ele suspeite, que seus papéis poderiam ser lidos por mim, se eu os quisesse ler; entendes?

A escrava guardou os papéis e retirou-se.

— Segue-se, tornou Rosa, falando consigo mesma; segue-se, que ele representava uma comédia? segue-se que ele sempre me teve amor, que nunca se esqueceu de mim; mas que duvidando da minha constância, tratava de experimentar-me. Estes homens!... pois bem: agora há de ele vir finalmente curvar-se a meus pés, e pedir perdão; porque todos os meus sustos estão acabados... a tempestade passou; sou feliz!!! mas ao menos por divertimento continuemos a comédia.

E festiva, alegre, venturosa a bela moça ergueu-se e dirigiu-se para o quarto de seu tio.

Em seus momentos de prazer e entusiasmo Rosa se havia completamente esquecido do comendador Sancho, e da palavra que lhe dera.

Maurício já tinha saído, e sua filha encontrou somente o Juca fazendo companhia ao velho Anastácio.

— Oh! muito bem aparecida, Sra. minha sobrinha! disse este: vê-se que gasta tanto tempo em almoçar, como em se vestir.

— Por quê, meu tio?...

— Porque teu pai e o nosso estudante há mais de uma hora que te precederam aqui.

— Ah! estava ocupada lá dentro.

— Ainda bem que já te ocupas em alguma cousa!

— Bom: meu tio vai pouco a pouco tornando ao que era dantes.

— Hein?...

— Já começa de hoje a entender comigo, e isso me alegra o mais que é possível. Quero sentar-me aqui mesmo na sua cama, e a seus pés, meu tio.

— Anda lá que não me enganas, minha vivatona; preferes sentar-te aí para ficares defronte do Juca!

— Meu tio! exclamou Rosa levantando-se da cama e correndo a sentar-se na cadeira.

O velho Anastácio ria-se com a melhor vontade.

— Ainda bem! accitaste agora a cadeira porque viste que ficavas sentado do lado do coração do estudante!

— Meu tio! exclamou de novo Rosa levantando-se da cadeira, e indo sentar-se outra vez na cama.

— Aquieta-te, rapariga, disse o velho; não vês que eu estou brincando?...

— Mas são uns brinquedos...

Uma escrava que entrou no quarto livrou a bela moça das zombarias de seu tio.

— Que temos?... perguntou Anastácio franzindo os supercílios.

— São estes papéis... balbuciou a escrava dirigindo-se ao Juca.

— Que papéis?...

— Estavam em uma calça de meu senhor, que eu levei para lavar.

Rosa séria, calma, imperturbável, e indiferente ao que se passava, tinha no entretanto os olhos embebidos no rosto do estudante.

O Juca reconheceu os papéis ao primeiro lançar d'olhos; mas perfeitamente sereno e dissimulado estendeu a mão e recebeu os papéis, sobre os quais lançou apenas um olhar descuidado: Rosa só conseguiu observar no rosto impassível do mancebo uma ligeira contração dos músculos labiais.

— Não valia a pena... disse o Juca guardando os papeis no bolso do seu paletó.

A escrava saiu...

— Sr. estudante, disse o velho Anastácio rindo-se, convém que tome mais cuidado nos seus papéis... olhe, que é perigoso deixá-los assim cair nas mãos das lavadeiras...

— Ora... importava pouco que o perdessem: são os apontamentos de um doente, ao qual prestei alguma atenção pela natureza da moléstia.

— De que sofria o seu doente?... perguntou o velho.

— Do coração, respondeu o Juca sem hesitar.

Rosa mordeu os lábios para não rir.

— Mas que diabo de apontamentos de moléstia do coração podia encerrar aquêlê embrulhozinho de papêl, que lhe trouxeram também?...

— Ah! sim... o embrulhozinho...

— Sim; o que tem êle com o coração, meu estudante?...

— Nada... nada absolutamente: o embrulhozinho é simples: contém apenas uma lâmina de pus vacínico.

— Como são mentirosos êstes homens, todos!... pensou consigo mesma Rosa.

— Ah! meu estudante! meu estudante! desconfio muito dos seus papéis: olhe, creio tão pouco nos apontamentos da moléstia de coração, como na lâmina de pus vacínico.

O Juca julgou que a melhor resposta que podia dar era sorrir-se e levantar um pouco os ombros, como quem diz:

— Não faz mal que pense assim.

— Sr. Juca, tornou o velho Anastácio; observe que minha sobrinha pensa justamente como eu a respeito dos tais papéis.

— Ah! não, meu tio, acudiu Rosa; eu não penso nada.

— Já viu, Sr. Juca?... esta inocente sobrinha que tenho, é tão simplês, que não pensa nada!

— Meu tio acordou hoje disposto para zombar de mim?...

— Que diz a isto, Sr. estudante?

O Juca não estava ali muito à sua vontade, desde que a escrava lhe trouxera os papéis; reconhecia que a sua explicação não tinha sido a melhor possível e receando que o velho Anastácio continuando a gracejar chegasse a exigir que lhe mostrasse os apontamentos da moléstia de coração, e a lâmina de pus vacínico, ardia em desejos de se ver longe dali; aproveitou pois a ocasião, e respondeu ao velho.

— Digo que me parece que não é conveniente ao Sr. Anastácio o falar por tanto tempo; está muito melhor, mas ainda se acha um pouco fraco; no entretanto, continuou sorrindo-se, não tenho esperança de vê-lo silencioso enquanto tiver com quem conversar, e como neste caso o único remédio que temos é deixá-lo só, vou já pela minha parte dizendo-lhe adeus por umas compridas duas horas.

E saiu sem esperar resposta.

— O nosso estudante foi esconder os papéis!!! disse o velho rindo-se com força.

Rosa fêz-lhe sinal com a cabeça que sim."

— Hein?... perguntou o velho curioso.

A sobrinha pôs o dedo sobre os lábios para recomendar silêncio e levantando-se foi pé ante pé e com todo o cuidado até a porta do quarto, e pôs-se a escutar com apurada atenção.

— Lá vai êle para a sala, disse enfim ela tornando para o seu lugar.

— Então o que há?... inquiriu o velho.

— Muita cousa; respondeu a sobrinha.

E' preciso aqui advertir que a moléstia do velho Anastácio tinha tido o poder de ligar a êle a sobrinha com os laços da mais decidida confiança. Diversas razões e tôdas excelentes haviam para explicar essa confiança: primeiro que tudo Anastácio já era senhor do terno segredo, que se escondia no coração de Rosa; em segundo lugar a amizade que o tio votava à sobrinha tornara-se imensamente maior depois dos incessantes cuidados que ela soubera e estava sabendo empregar no decurso de sua enfermidade; além disto Rosa não podia ser indiferente ao empenho que Anastácio mostrava por vê-la casada com o seu querido Juca; e finalmente o velho roceiro havia descoberto um não sei quê de parecido com êle no gênio de sua sobrinha. Com efeito ambos eram igualmente francos, e apenas em Rosa essa franqueza era menos rude do que em seu tio; qualquer dos dois não ficava devendo nada ao outro em decisão e firmeza; e se Anastácio era veemente, colérico e pertinaz, Rosa era pela sua parte, viva, ardente, exaltada e teimosa.

Resultou do conhecimento dêsse segredo, o da justa apreciação de seus mútuos sentimentos, que o velho e a moça se fizessem amigos íntimos; e que dissessem um ao outro com a expansão da amizade e com a maior lealdade tudo quanto se passava com êles, ou dentro de seus corações.

— Dizes que há muita cousa, sobrinha? vamos a isso, exclamou o velho animando-se.

— Meu tio, primeiro que tudo o segredo continua...

— Ora...

— A sua palavra ainda como até agora continua a esconder dentro do seu seio tudo quanto lhe eu confiar?...

— Sim... sim... sim..., pois que não há partido a tirar contigo: anda, fala.

— Pois lá vai: o que vossa mercê pensava é a pura verdade.

— Mas... que diabo pensava eu?

— Que aquêl papel não continha os tais apontamentos sôbre moléstia do coração...

— Ah!...

— Nem o embrulho a lâmina de pus vacínico.

— Então... tu?...

— Vi o papel e o embrulho.

— Ah! velhaquinha!

— Qualquer outra no meu lugar faria o que eu fiz.

! — Estou por isso; tôdas vocês lêem pelo mesmo breviário.

— Concordo, meu tio.

— Mas então o que continham os tais papéis?

— Meu tio está muito curioso?

— Muito!

— Então lê também pelo nosso breviário.

— Vingativa! não vês que é por tua causa que eu me ando intrometendo nestas intriguinhas, que tanto me aborreciam?... anda, fala.

— O embrulho... não, o embrulho não; é melhor que eu comece pelo papel.

— Pior!... o que me parece é que tu me estás embrulhando.

— Não se exaspere!

— Pois então acaba...

— Acabar?... como, se ainda não comecei?...

— Queres fazer-me perder a paciência?!... disse Anastácio um pouco mais exaltado.

— Basta; não se agaste comigo; eu lhe confio tudo: o papel continha uma verdadeira declaração, ou antes uma ratificação de...

— De quê?... hein?...

— De amor... murmurou Rosa hesitando.

— Hum!... e a quem se dirigia?...

— O cartucho...

— Por ora não se trata de cartucho!

— Assim não vamos bem... deixe-me acabar.

— Pois acaba, teimosa de uma figa.

— O cartucho encerrava um botão de flor de laranjeira...

— E o que mais?

— Mais nada.

— E a quem era dirigida a declaração, ou ratificação de amor?

fala!

— Era...

— Dize... estás aí a gaguejar!

— Pois meu tio não adivinha?

— A ti, Rosa?

— Sim, meu tio, murmurou a moça abaixando os olhos.

— Olhem lá a tal moléstia do coração!... bem, bem; às mil maravilhas; e a lâmina de pus vacínico que se transformou em botão de flor de laranjeira?

— Era mesmo um botão de flor de laranjeira.

— Isso já tu o disseste; mas que quer dizer esse botão... eu não entendo nada dessas nicotices... escapei de ser padre, já te disse mil vezes.

— Esse botão?...

— Sim... o que tem?

— Pois meu tio não quer adivinhar outra vez?

— Tens-me acaso por feiticeiro?

— Como vossa mercê adivinhou perfeitamente inda agora...

— Ah!... entendo; esse botão de flor de laranjeira destinava êle para te oferecer...

— Qual... não...

— Então se não é isto!... diabo! não me entendo com estas cousas!

— Adivinhe, meu tio.

— Qual adivinhe! pelo contrário.

— Ah, meu tio! disse a moça abaixando a cabeça para ocultar a sua perturbação, vossa mercê está adivinhando; é mesmo pelo contrário.

— Pelo contrário o quê, sobrinha?

— Pelo contrário do que estava dizendo há pouco.

— Ah! então se não era êle que te destinava o botão, e deve-se entender isso pelo contrário... foste tu... sim, foste tu que lho deste.

— E' certo...

— Rosa, disse o velho mui sèriamente; fizeste mal!

— Meu tio!

— Digo-te que fizeste mal; a mulher não deve nunca descer até o homem; mas sim esperar que o homem suba até a posição que ela ocupa!

— Eu era tão criança, ainda.

— Como criança, pois tu te supões criança?

— Ah, não! meu tio, não foi agora que lhe dei êsse botão de flor de laranjeira.

— Temos outra! então quando foi?

— Ainda em vida de minha mãe!

— Tens razão, minha filha, eras uma pobre criança, que não sabia o que fazia.

— Oh! mas foi bem feliz êsse tempo, em que vossa mercê diz que eu não sabia o que fazia!... quê de sonhos loucos, mas brilhantes! quê de esperanças doces e inefáveis vinham embalar êsse belo amor da idade da inocência e dos risos!

Duas lágrimas rolaram pela face de Rosa.

— E *minha cunhada*, perguntou o velho, não viu nada do que se estava então passando?

— Minha boa mãe!... exclamou a moça; sim... ela via tudo, e sorria-se ao contemplar nossos inocentes amôres!

— Imprudente!

— Não... imprudente, não: boa, extremosamente boa, fêz mais do que contemplar, abençoou o primeiro amor de sua filha, e parece que ainda hoje do alto céu vela por êle.

— Essa é melhor! então como?

— Meu tio, despertei esta manhã no meio de um sonho, em que eu via minha mãe alegre, risonha e festiva, cercada de cem anjinhos, e prendendo com um laço de flores a minha mão à do homem que...

— Sonhos!... sonhos! deixemo-nos de sonhos, minha doidinha; e vamos ocupar-nos bem sèriamente da realidade.

Ficaram ambos em silêncio, e como que refletindo por algum tempo; a moça um pouco envergonhada tinha os olhos pregados no colo, onde seus dedos descuidadamente brincavam, fazendo e desfazendo mil pregas em seu lençinho branco. Anastácio arrancou-se enfim a suas reflexões, e disse:

— Então que é isso, Rosa? estás triste?

— Meu tio não ralhou comigo?

— E' boa essa!... comprehendes tu que eu possa suportar a vida sem ralar cem vèzes por dia?...

— Mas, paciência, enfadado comigo...

— Qual enfadado, tôla; estou muito satisfeito.

— Ah! então o que eu fiz foi bem feito?

— Não digo isso; porém o que acontece é que está muito bom acontecido.

— Como?... por quê?

— Porque a consequência de tudo quanto me disseste é que tu tens uma cabeça de vento!

— E meu tio está muito satisfeito porque descobriu que eu tinha cabeça de vento?... fico-lhe muito obrigada.

— Ora, temos outra!... quero dizer que com esse juízo de teias de aranha andavas a fazer castelos no ar; estavas desesperada por causa da inconstância e crueldade do Juca, quando o pobre rapaz não fazia senão pensar em ti.

— Ah! isso é outra cousa!

— Portanto os receios, suspeitas e furores devem ter completamente desaparecido.

— Vamos indo, meu tio.

— E dentro em pouco, mato com uma cajadada dois coelhos! exclamou o velho esfregando as mãos alegremente.

— Como assim?

— Olha, primeiro que tudo terei a satisfação de ver-te casada com esse diabólico estudante com quem tanto antipatizava, e que teve a habilidade de me obrigar a querer-lhe bem, como se fôsse meu filho!

Rosa abaixou os olhos corando muito; no fundo de seu coração porém ela bendisse aquelas palavras de seu tio.

— E depois... depois ainda um outro prazer... um prazer menos doce que o primeiro, é verdade, mas que me deve fazer dar boas risadas.

— E que prazer será esse, meu tio?

— Ora... o de ver o comendador Sancho ficar com cara d'asno! aquêle velho cheio de posições é o meu pesadelo... deseja ainda... porém que é isso que tens?

Rosa apenas ouviu pronunciar o nome do comendador Sancho. foi-se tornando muito vermelha e acabou por desatar a chorar.

— Então o que é isso? repetiu o velho; o que tens? por que choras? fala, ou ver-me-ás desesperar!

— Meu tio, disse Rosa com voz entrecortada pelos soluços, meu querido tio, eu sou muito desgraçada.

— Tu desgraçada!... exclamou Anastácio sentando-se na cama.

— Oh, muito! muito!

— Querem ver que temos o caso ainda mais embrulhado?! e eu metido nisso, quando já devia ter juízo! quem me mandou vir a esta habilitação chamada cidade! mas agora não há remédio... principiei a asneira, e é preciso levá-la ao fim: anda rapariga, fala.

— Eu me fiz infeliz por minhas mãos.

— Ainda bem; não tens de quem te queixar; porém o que fizeste, o que há, conta-me.

— Desesperada, como sabe, que eu estava; acreditando esse moço... de quem vossa mercê gosta...

— Sim... sou eu que gosto... entendo; fala para diante.

— Supondo-o falso, desleal, mau e não sei que mais, deixei o comendador acreditar que seus impertinentes cumprimentos eram bem aceitos...

— Cabeça de doida! já me disseste isso.

— Chegamos a um ponto decisivo...

— Sim, êle pediu-te a teu pai... e depois...

— Na noite em que vossa mercê caiu doente, todos estavam na sala... ainda era tempo de salvar-me; mas o Sr. Juca arrojou-me ao precipício...

— Como... acaba...

— Êle já sabia de tudo... e em vez de serenar-me, em lugar de mostrar-se desesperado com o comendador, furioso contra mim, ostentou alegria... eu sei... quase entusiasmo...

— Era orgulho e falta de juizo; tu e êle são dois malucos de primeira ordem.

— Fêz mais do que isso, meu tio; pareceu a todos loucamente apaixonado pela viúva Irene.

— E pudeste acreditar que êle amasse aquela velha coroca e detestável?

— Oh! eu estava fora de mim... disse-lhe que me ia casar; êle me respondeu que pretendia fazer o mesmo; mostrei-lhe o meu noivo apontando para o comendador, e êle mostrou-me a sua noiva apontando para a velha Irene.

— Ah, palmatória! palmatória!

— Perdi de todo a cabeça.

— Não... já a não tinhas... isso agora é basófia.

— Fiquei completamente louca, e completamente decidida ao horrível sacrifício; meu pai acabava de deixar a sala; eu estava só... sem amparo... sem autoridade sôbre mim... a paixão cegava-me... não vi nada... não vi ninguém... meu tio, esqueci-me do meu pudor, ou sopitei-o e tive forças para dizer em alta voz, e diante de todos que aceitava.

— O quê?... o quê... desgraçada?...

— Que aceitava o comendador Sancho por meu marido!...

— Imprudente! exclamou o velho Anastácio.

Rosa tinha esgotado tôdas as suas forças, e escondendo o rosto no seio de seu tio começou a chorar soluçando fortemente.

O velho roceiro mudo, mas aflito, contrariado pelo que acabava de ouvir e cada vez mais indisposto com o comendador Sancho, resmoneava frases que se não podiam perceber, e meditava talvez em algum meio, mercê do qual pudesse salvar a sobrinha.

No entretanto os soluços de Rosa e a meditação do velho facilitavam um acaso que deveria compensar um outro acaso que pouco

antes pusera a filha de Maurício ao fato dos sentimentos do Juca a seu respeito.

Na verdade fôra por um desses felizes acasos que tantas vêzes nos servem na vida, que tinham vindo parar por alguns minutos nas mãos de Rosa o prólogo ou declaração de amor, e o pequeno embulho com o botão de flor de laranjeira; mas agora por compensação não menos feliz nem Rosa nem o velho Anastácio ouviram os passos do Juca, que se aproximava.

Com efeito o nosso estudante de novo se dirigia para o quarto do velho, quando parou escutando os soluços da sua bela querida.

— Soluços!... disse consigo o Juca; que quererá isto dizer? aqui há cousa: e quem sabe se eu me acho envolvido ou não na meada?

E sem mais refletir entrou pé por pé no seu quarto e chegando-se para junto da portinha que se abria para o do velho doente, pôs-se a escutar.

Depois de um muito longo refletir Anastácio levantou com suas mãos a cabeça de Rosa, e perguntou-lhe:

— O que me contaste é verdade, menina?...

— Oh! é a pura verdade!

— Que diabo lhe contaria ela?! disse consigo o Juca

— Então, continuou o velho tio fria e tristemente; estás presa pela tua palavra... agrilhoadá pelo decôro!

Rosa soltou um pungente gemido.

— A palavra é sagrada! prosseguiu Anastácio; tu te fizeste infeliz pela tua má cabeça...

— Basta, meu tio!...

— Eu to adverti!... briguei, ralhei contigo...

— E' certo...

— Agora... não sei o que se possa fazer.

— Meu Deus!...

— No entretanto...

— No entretanto o quê, meu tio?...

— E' verdade, no entretanto o quê?... tornou a dizer consigo mesmo o estudante; eu estou por ora inteiramente alheio a esta intriguiinha... estão falando em grego para mim.

— No entretanto Deus é grande!... talvez...

— Sim... eu ainda espero...

— Rosa, fala-me, como se estivesses falando a um padre, de joelhos junto de um confissionário...

— Ora enfim... agora que vai começar a confissão, hei de por força compreender alguma cousa, tornou o Juca.

— Sobrinha, consulta bem o teu coração, e responde: tu amas o Juca?...

O estudante aproximou-se mais para perto da portinha, e pôs o ouvido na fresta.

— Meu tio, eu já lhe confiei tudo.

— Tu o amas então?...

— Oh! foi o meu primeiro, e será o meu único amor!...

O estudante apertou um lenço entre os dentes para sopitar um suspiro.

— Conhece alguém êsse teu segrêdo?

— Vossa mercê, meu tio.

— Mais ninguém?

— Pode ser que alguém desconhe que eu amo êsse moço; mas ninguém o sabe com certeza.

— Nem êle?...

— Hoje, nem êle.

— Pois é preciso que todos continuem a ignorá-lo, proseguiu Anastácio; a tua posição é critica; a tua palavra é um abismo que te separa do estudante.

— Abismo de palavras! pensou o Juca; quem fez caso disso; um abismo de palavras basta o vento para fazer desaparecer.

— Então... não me resta esperança alguma?... perguntou Rosa tristemente.

— Uma só; é preciso que êsse indigno comendador te deixe livre... que te desobrigue enfim...

— Ah, meu Deus! quem sabe se êle o fará!...

— E mais do que isso ainda; é preciso que o Juca ignore sempre que tu chegaste a dizer públicamente, que aceitavas a mão do comendador...

— Mas por quê, meu tio?...

— Porque se eu fôsse o estudante e o viesse a saber, por mais amor que te votasse nunca seria teu marido!

— Oh!... porém êle também ouviu o que eu disse.

— Então desgraçada... estás perdida!... exclamou o velho Anastácio dolorosamente.

— Como, meu tio?... é que vossa mercê ignora ainda o resto da história...

— O que há pois?...

— O Sr. Juca logo que me ouviu dizer aquela grande asneira, abriu a bôca, e disse outra ainda maior...

— Que asneira disse eu, que já me não lembro!... tornou sempre consigo o estudante.

— E o que foi que êle ousou dizer?

— Participou a todos que se achava tratado e decidido o seu casamento com a velha Irene.

— Ah! então isso é outra cousa! exclamou Anastácio a rir; vocês se entendem perfeitamente; é o que eu disse ainda agora, são dois malucos! se chegarem a casar-se, teremos de ver uma casa de orates.

— Meu tio acha que à vista do que lhe acabo de dizer...

— Acho que agora em lugar de uma palavra há duas, em vez de uma só prisão há duas, e que portanto... não sei... vocês não têm juízo... e isto vai ter um fim muito triste...

Rosa abaixou a cabeça e ficou em silêncio.

— Menina, continuou Anastácio; repito-te que tomes cuidado, não deixes transpirar o teu amor; e sobretudo convém que o Juca o ignore por ora.

— Vem a tempo o seu conselho! disse ainda consigo o Juca, que adivinhando que a conversação chegava a seu termo saiu outra vez do quarto e foi de novo para a sala.

— Bem! tornou êle chegando-se à janela; agora estou mais contente, e posso melhor forjar os meus planos; Rosa ignora ainda o verdadeiro estado do meu coração, e eu conheço perfeitamente o dela!... foi uma felicidade não terem caído os meus papéis em suas mãos.

No quarto de Anastácio a cena havia também terminado:

— Sobrinha, dissera concluindo o velho; vai descansar e deixa-me dormir um pouco; zela o teu segredo e tem ainda esperança.

— Sim, meu tio, hoje eu confesso que posso fazer tudo isso mais facilmente; porque o Sr. Juca continua ainda a duvidar do meu amor, e não pode saber o que se passa na minha alma, e eu já tenho certeza de que êle me ama com ardor.

E saiu.

Os dois amantes estavam muito ufanos com as descobertas que haviam feito, ignorando que por dois acasos tinham sido mutuamente atraçados.

## XXIX

### Avó e neta

— Não teimes, Laura, dizia à sua neta a velha Juliana, não teimes comigo; tu não conheces êste mundo, onde talvez em breve te devo deixar.

— Que idéia essa agora, minha avó!...

— Que tem isso?... não vêem todos, que já estou com os pés na cova?...

— Vossa mercê está muito bem conservada.

— Bem conservada ou mal conservada, não tenho vontade de te deixar só e sem amparo neste mundo; se ainda tivesse um irmão, um bom cunhado... um tio velho... passe; mas sem um único parente na terra?!!

— Mas então o que hei de fazer, minha avó?...

— Casar-te, menina.

— Isso quero eu, palavra de moça, vovó.

— O que te falta pois?...

— O principal... marido.

— Deveríeis já tê-lo procurado.

— Quer porventura vossa mercê que eu mande pôr um anúncio no *Diário*?...

— Decerto que não; mas quero que não desfaças com os pés o que fazes com as mãos... por exemplo...

— Eis aí vossa mercê com a sua teima!...

— Teimo e hei de teimar! a cousa estava em muito bom caminho!... por que havias de ficar mal com D. Rosinha?!...

— Pela mesma razão por que ela ficou mal comigo.

— Foi uma grandíssima asneira, que é preciso reparar quanto antes, ouviste?...

— Não dou o meu braço a torcer, minha avó.

— Laura, tu não és feia, pelo contrário todos te acham bonita e jeitosa; mas lembra-te que se dizemos a todos que só tens vinte anos, diz a conta do vigário, que é quem fala a verdade, que já chegaste aos vinte sete, seis meses e onze dias.

— E o que tem isso agora?...

— Isto quer dizer que já não é cedo para o casamento. Tínhamos pôsto os olhos naquele estudante que apesar de meio adoidado, servia-nos perfeitamente; pois sei de boa parte e com certeza que o pai é rico e éle filho único.

— Minha avó, lá diz o ditado, que águas passadas não movent moinho. O Sr. Juca morreu para mim...

— Por quê? tola?

— Eu sei!... porque eu morri para éle.

— Deixa-te de tolices, menina; não sabes das últimas notícias?

— Importo-me pouco com elas.

— Olha que a tua antiga camarada está de candeias às avessas com o brejeiro estudante.

Laura encolheu os ombros.

— A Rosinha parece agora tôda inclinada ao comendador...

— Bom proveito lhe faça.

— Mas a consequência disso é que o Juca está vago.

Laura corou até a raiz dos cabelos.

— Não percebes, menina?...

— Minha avó quer então que eu me abaixe para ir apanhando o resto das outras?...

— Rapariga, deixa-te dessas vaidades mundanas; o que eu quero, digo-te em quatro palavras.

— Bem, eu lhe escuto.

— Primeiro que tudo exijo que vás à casa de Mauricio fazer as pazes com D. Rosinha.

- Eu?!!
- Sim, tu; então o que tem?... pois vocês tão camaradas que eram haviam de ficar inimigas para sempre! a Rosinha é uma excelente menina...
- E'... é... uma hipócrita... uma traiçoeira...
- Laura, lembra-te que ela fazia o mesmo que eu quero que tu faças: trabalhava para si.
- Pois que continue a trabalhar.
- Digo-te que hás de ir comigo à casa de Maurício!... gritou a velhinha exaltando-se.
- Mas com que fim, minha avó?... perguntou Laura abrandando-se um pouco.
- A ver o que por lá vai: se não é mentira o que dizem, o Juca está em maré de vazante e a ocasião é boa para ficares em maré de enchente.
- Sempre os restos de D. Rosinha!...
- O estudante há de estar ressentido, e mais facilmente se voltará para ti. Veremos se se arranja êste casamento; realizado êle, morrerei descansada.
- Vossa mercê já disse tudo que tinha para me dizer?...
- Sim, já.
- Pois então saiba, que tem calculado muito mal.
- Por quê?...
- Porque eu conheço aquela hipócrita, aquela sonsa como as palmas de minhas mãos, e sou capaz de apostar cem contra um, que ela nem ama, nem quer, nem há de casar com o comendador Sancho...
- Então...
- Aquêlê anjinho inocente que vossa mercê ainda há pouco tanto elogiava, não faz senão um jogo muito trivial e grosseiro com o pobre comendador: arma um laço à custa do infeliz Sancho para nêle apanhar o Juca.
- Estás certa disso?...
- Certíssima; sou capaz de jurar.
- Tanto melhor, menina.
- Melhor?!
- Sim, porque nesse caso são duas probabilidades em lugar de uma só; se falhar o Juca, temos o comendador Sancho, que é muito bom homem.
- O comendador Sancho!...
- Sim; pois o que tem?...
- Vossa mercê deveras estimaria ver-me casada com aquêlê velho e presumido comendador?
- Olá se estimaria!... digo-te mais; prefiro o comendador ao estudante...

— Minha avó! exclamou Laura; estou reconhecendo que sou muito desgraçada!...

E a neta de Juliana desfez-se tôda em lágrimas.

— Já se viu cabeça mais sem juízo?... bradou a velha; por que choras tu, rapariga? dize...

— Oh!... sou muito infeliz!...

— Infeliz como?... por quê...

— Eu... moça... talvez mesmo bonita... eu cumprimentada, requestada por tantos... eu que sonhava com um futuro tão belo, tão gracioso, tão brilhante, enxergar agora a possibilidade de me ver condenada a casar com um homem tolo, ridículo... sem espirito... em uma palavra um velho!...

— Laura, tu fazes muito pouco dos velhos!...

— Quando se trata de um marido, sim senhora.

— Não tens uma migalha de juízo nessa cabecinha! disse a velha: escuta; atende bem à lição de uma experiência de perto de oitenta anos...

— Há de ser experiência de outro tempo, minha avó, respondeu ainda por entre lágrimas a neta.

— Ai... não me venhas com palavreados, e escuta: pensas tu que um marido deve ser ou é um namorado?...

— Sim, senhora, penso e torno a pensar.

— Bem digo eu!... eis aí o grande erro da mocidade!... ai!... quem me dera estar aos vinte anos com o conhecimento que tenho agora do mundo!...

— Pois então o que é um marido, minha avó?... perguntou Laura já um pouco curiosa.

— *Um marido, tornou Juliana, é um amigo, um companheiro que ajuda sua mulher a carregar a cruz da vida; um marido não precisa ser bonito, nem engraçado, nem moço, basta que seja bom, sério e honrado.*

— Que mais, minha avó?...

— A beleza e as graças do marido, se êle não é bom, desaparecem dentro em poucos dias; a mocidade no fim de poucos anos, ou viste?...

— Ouvi, sim senhora; mas o velho?...

— O velho, se é sòmente velho, não se pode realmente suportar; mas quando êle ocupa uma posição distinta na sociedade, e é senhor de grande fortuna, como o homem de quem tratávamos ainda agora, Laura? oh! então é ouro sòbre azul!

— Não sou ambiciosa, minha avó: não quero saber de dinheiro... não me importam riquezas...

— Sim... tôdas vocês dizem isso; não querem saber de dinheiro, mas importam-se muito com aquilo que só se obtém a poder de ouro...

— Vossa mercê está pregando no deserto... eu detesto o comendador Sancho... é um homem insuportável...

— Lembra-te que é um senhor condecorado....

— Oh! isso ninguém pode esquecer; porque êle não sabe falar em outra cousa senão na sua comenda.

— Lembra-te mais, Laura, da vida que êle te pode dar: terás riquíssimos vestidos, jóias preciosas, flores e borboletas de brilhantes, adereços de pérolas... xales de touquim, de lã de camelo, e todos os dias sêdas, blondes... modas nôvas e novos enfeites, riqueza... luxo... ostentação...

Laura suspirou.

— E depois, menina, não hás de gostar de te achares cercada de criados trajando ricas librés, e de saíres todos os dias em um elegante carro puxado por magnificos cavalos?...

Laura tornou a suspirar.

— E sobretudo, sobretudo, as tuas antigas companheiras vendo-te passar assim tão brilhante... mordendo-se tôdas de inveja, mostrando-te umas às outras... hein?... hein?...

— Isso é verdade minha avó; porém o velho! ter de aturá-lo constantemente!

— Que tem o velho, tôla? serás obrigada a vê-lo e a conversar com êle duas horas por dia e mais nada. Olha: acordas às onze horas; almoças com o velho ao meio-dia; vais para o teu gabinete, e ficas aí lendo romances, escolhendo vestidos, examinando enfeites até a hora de jantar; de tarde passeias no jardim, e apenas anoitece toucador no caso, e duas horas depois baile que termina muito além da meia-noite! oh que vida! que vida feliz que havias de passar!

A ambição da avó de Laura lhe estava inspirando aquella lição perigosa de imoralidade; e a moça que tanto antipatizava com o comendador Sancho, ouvia já o que lhe dizia a velha com certa espécie de enlêvo, pois que tinha sido tocada no seu fraco: tratava-se de enfeites, de moda, de ostentação e de luxo, que são certamente as armas mais poderosas para subjugar uma mulher jovem ainda.

— Então, que dizes a isto, Laura?

— Oh! minha avó, o que eu digo é que não amo, nem amarei nunca o comendador Sancho.

— Mas se por acaso te viesses a casar com êle?

— Ah!... nessa conjuntura difícil, sim... eu não teria remédio senão amar os brilhantes, os vestidos e o carro que meu marido me desse.

— Ah! já te vais chegando à razão, rapariga!

— Minha avó tem uns argumentos!...

— Confessa que te convenci, Laura, e cede-me em tudo, já que começaste a ceder em parte: vamos, dispõe-te a ir fazer as pazes com D. Rosinha.

— Para proceder com ela, como ela procedeu comigo, minha avó?... deveras aconselha-me a isso?...

— Doida... inexperiente... queres endireitar o mundo? quando se trata de enganar, antes enganes do que fiques enganada! ora, que é preciso dizer tudo às crianças!

Logo depois desta observação unicamente moral a velha Juliana acrescentou:

— Basta de conversa... deixa-me rezar.

Laura levantou-se, e dirigiu-se para a janela.

— Ah! murmurou a velha olhando para a neta que se ia, se eu a faço comendadora!

E logo depois emendou a frase com um *padre nosso*.

Havia meia hora que Laura se achava à janela, quando viu vir pela calçada fronteira o célebre publicista, que caminhava de olhos baixos, meditando e com uma cara de crise ministerial.

A moça deu um salto para dentro e exclamou:

— Minha avó!

— O que é, menina?

— Podemos ter noticias frescas da casa do Sr. Mauricio... lá vem o filho de D. Basília.

— Pois bem, deixa-o vir; não se precisa fazê-lo falar, êle toma isso à sua conta: aquilo é uma língua de serpente! saiu à mãe que eu conheci perfeitamente no meu tempo.

— A irmã dêle é outra que tal, acrescentou Laura; mas olhe, minha avó, que êle vai passar.

— Ah! pois então chama-o; eu pensei que êle vinha visitar-nos.

Laura já estava outra vez à janela, e quando Faustino foi se aproximando, teve ela um acesso tão oportuno que o publicista olhou para cima, e acudindo ao sinal que lhe fêz, entrou no corredor.

Faustino foi obsequiosamente recebido por Juliana e Laura; pela sua parte o publicista não se deixou ficar atrás. Começaram por mentir muito todos três.

— Desculpe tê-lo chamado, Sr. Faustino, disse a moça: apenas disse à minha avó que o tinha visto, ela não pôde conter-se, e quis por força que eu o convidasse a entrar: estamos mortas de saudades de D. Basília e D. Clara! há um século que nos não vemos... isto não pode continuar assim.

— E' verdade; eu sou muito amiga de D. Basília: quando passo muito tempo sem vê-la ando como tonta; parece que me falta alguma coisa!

— Oh! elas não ficam devendo nada, respondeu Faustino; estão sempre a pedir-me noticias das senhoras; a mana Clara bebe os ares por D. Laura; quanto a minha mãe... isso é amizade velha, não se fala.

— Sim; mas o senhor é um ingrato... não se parece com elas.

— Afazeres e trabalhos!... creio que acabarei por morrer de cansado! tenho uma vida de prêto do ganho!...

Era a primeira verdade que saiu dos lábios do publicista!... foi um acaso.

— E o Sr. Juca passa bem?... perguntou a velha.

— O Juca? pois as senhoras não sabem?...

— Não; o quê? casou-se?

— Ah! não, porém fugiu-nos.

— Fugiu? para onde?

— Para casa de Mauricio.

— Bravo! essa não se conta a ninguém!

— A pretexto de servir de enfermeiro ao velho Anastácio, que esteve por um triz a dar à costa, deixou-se lá ficar, e não arreda pé da casa de D. Rosinha.

— Ora, quem diria!... então a moléstia do tio acaba decerto com o casamento da sobrinha...

— Eu sei, minhas senhoras! ai há ainda seus conformes; D. Rosinha deu a palavra de casar-se com o comendador Sancho.

— Ah!...

— No entretanto sou capaz de jurar que ela estará bem pronta a faltar à palavra; dizem mesmo que na última reunião que houve em casa de Mauricio, o pobre comendador ficou completamente desesperado e aflito pela maneira por que foi tratado pela noiva.

— Isto agora é que é inexplicável!

— Ao contrário, explica-se com tôda a facilidade.

— Como?...

— A noiva se aborreceu do noivo antes de casar.

— Portanto acontece o que dizíamos há pouco: a moléstia do velho da roça termina com o casamento da moça da cidade!

— Mas com quem, se ela já maltrata o noivo?...

— Com quem?... com o Juca.

— Resta saber se o estudante está agora pelos autos.

— Que enbrulhada!... pois diziam que êle era o primeiro amor de D. Rosinha.

— Afirmam que sim, e eu tenho razões para o crer.

— Sim?... acudiu Laura; pois que o Sr. Faustino se mostra tão bem informado, poderá dizer-me, quantos primeiros amôres tem tido D. Rosinha?...

— Laura!... disse a velha.

— Minha senhora... ia dizendo Faustino.

— Deixe essa linguaruda, tornou Juliana; não faça caso do que ela diz, Sr. Faustino; e explique-nos as dúvidas que aparecerem para a realização do casamento da filha de Mauricio com o estudante.

— Senhora D. Juliana, o caso é simples, o caso é simples; o Juca é menos amante do que ambicioso.

— Deveras?...

— Sem dúvida alguma; e atualmente se acha mais apaixonado do dote da velha Irene, do que dos belos olhos de D. Rosinha.

— E' impossível!...

— A viúva Irene já não está em idade de casar!

— Mas se elle não casa com ella!

— Então com quem?

— Com o dote, minhas Sras., com o dinheiro da velha.

— E' uma cousa horrível!

— Abominável!...

— Isso mesmo tenho eu repetido cem vêzes àquele rapaz; tudo porém é baldado!... hoje a sua mania é ter dinheiro.

— Semelhante ação é indigna de um moço de bem! observou Juliana.

— Um homem, que anda à procura de mulher pelo dote que ella lhe pode trazer, tem por força caráter baixo e vil! exclamou Laura exaltando-se.

— Assim penso eu, exactamente da mesma maneira, disse com imperturbável sangue-frio e sem vergonha nenhuma o publicista.

— Homens tais não deviam ser admitidos em nenhuma sociedade! merecem todos um castigo exemplar.

— E' verdade! tornou Faustino; e reprovo tanto o procedimento do Juca, que estou agora nas minhas horas vagas escrevendo uma obra contra os noivos interesseiros.

— Faz muito bem, Sr. Faustino, eu lhe asseguro que a sua obra há de ter muitos assinantes.

— Mas deveras, perguntou Laura, o Sr. acredita que o casamento da velha se realizará?...

— Não se pode escrever nada neste mundo; no entretanto como o Juca além de ambicioso é pertinaz...

— E como a viúva Irene morre por casar outra vez... acrescentou Juliana.

— E' uma desgraça!...

— E' uma calamidade!...

— E' uma cousa muito comum nos homens, observou Laura.

— Salvas as honrosas exceções! disse Faustino endireitando a gravata.

Reinou silêncio por algum tempo: dir-se-ia que estavam os três occupados em meditar sobre os futuros dissabores do estudante. Finalmente o publicista, que tinha mais que fazer, levantou-se, fez as suas despedidas, e saiu carregado de lembranças e saudosas recomendações para a velha Basília, e D. Clara.

Ficaram sós Juliana e Laura.

— E agora, minha avó?... disse a moça: lá se foram todos os seus projetos a meu respeito, porque o Juca desposa a viúva rica

e D. Rosinha, pelo sim pelo não, há de se contentar com o velho comendador. Ainda bem que assim acontece; não passo pela baixeza de quebrar por mim apresentando-me na casa daquela presumida.

— Ao contrário, Laura, hoje mesmo lá iremos; o combate está travado... há desordem entre elles todos... e portanto, diz-me uma coisa cá dentro, que tu ficarás triunfante: apronta-te; e não te faças tôla.

— O que dirão de mim as outras!...

— Se te virem casada com o comendador, hão de dizer cobras e lagartos certamente; mas no fundo do coração terão inveja de ti, quando passares diante delas em teu brilhante carro puxado por quatro cavalos.

Aquêles argumentos de ricos vestidos, jóias preciosas, bailes, festas, pompa, luxo e carruagem tinham uma influência indizível sobre o ânimo de Laura.

— Mas o velho!... o velho!... balbuciou ainda ela.

— O velho... disse com abominável cinismo Juliana, o velho deve provavelmente passar desta para melhor vida antes da moça...

— Ah! minha avó!...

— E' a ordem das cousas!

A moça abaixou os olhos.

— Então farás o que te digo?... perguntou a velha Juliana no fim de alguns minutos.

Laura ergueu a cabeça suspirando, e disse:

— Bem, minha avó; para lhe obedecer farei o mais vil papel nessa triste comédia; mas eu sei que vou cometer um peccado, e Deus me há de castigar.

### XXX

#### André

Nessa mesma manhã em que Faustino estivera conversando com Laura e sua avó, e ao mesmo tempo pouco mais ou menos que isso tinha lugar, estavam deifronte um do outro, e occupados de matéria muito diferente o comendador Sancho e o velho André.

A cena se passava no mesmo gabinete pequeno e escuro, onde alguns dias antes o publicista falava ao milionário: o comendador mostrava-se, como de costume, ridiculamente vestido no rigor da moda e depois de haver sustentado longa conversação com o repugnante dono da casa, conservava-se silencioso, meio vexado, e voltando a miúdo os olhos para a porta, como receoso de ver entrar alguém, enquanto André escrevia cuidadosamente em um papel que tinha diante de si, e do qual apenas levantava os olhos para observar.

o seu hóspede. O comendador ocupava o tamborete em que também se sentara Faustino, e o usurário a sua cadeira de pau junto da mesa de jacarandá. Nada tinha mudado no feio casebre, nem mesmo seu dono se vestia de outro modo; trazia sempre o seu rude barrete de sarja preta na cabeça, a sua jaqueta de lila preta com as nódoas roxas, as suas calças de ganga azul, e os seus sapatos de cordovão repousado.

Enfim o velho milionário acabou de escrever, e estendendo para o comendador uma mão trêmula, que prendia com força entre os dedos o papel e a pena, disse com a sua habitual concisão:

— Assine.

Sancho ergueu-se prontamente e assinou o seu nome no papel que lhe dera André, e no mesmo lugar em que este lhe apontava com o dedo indicador.

Recebendo outra vez o papel, o milionário examinou com admirável cuidado a assinatura do comendador; depois abaixou-se até o chão, e com a rama da pena varreu sobre o papel a poeira do soalho, que lhe servia de único areeiro; enfim levantou-se e desapareceu pela porta do gabinete que lhe ficava à mão direita.

O pobre Sancho observava tudo com ar humilde e contrariado; não pôde porém sopitar um suspiro escutando o ruído das chaves, que seguramente abriam o cobre do usurário.

Pouco depois André tornou a aparecer trazendo um volumoso maço de bilhetes do tesouro que haviam sido contados e recontados no gabinete, e que o foram de novo sobre a mesa e na presença do comendador.

— Eis aí o dinheiro, disse finalmente o milionário suspirando; conte-o agora o senhor...

— Não é necessário; está contado.

— Descontei os juros que deviam ser vencidos no fim do próximo semestre... achará pois essa diferença...

— Mas...

— Nada de mas, meu caro, ou não temos feito senão perder o nosso tempo; o que eu digo uma vez não volta atrás: se o Sr. comendador se tivesse lembrado de trazer-me ao menos os juros das suas dívidas antigas, ainda bem; porém...

— Basta, meu amigo e Sr. André; eu me submeto, porque preciso...

O comendador lançou a mão ao dinheiro, e enquanto enrolava os bilhetes para mais comodamente guardá-los, os olhos do usurário, brilhantes como raios, acompanhavam o movimento das mãos do seu devedor. Quando o dinheiro desapareceu de todo no bolso da casaca de Sancho, André, que ainda se achava de pé, deixou-se cair suspirando em sua cadeira de pau.

— Fico sem vintém em casa!... murmurou.

O comendador lançou-lhe um olhar de revés, onde se podia apanhar a desconfiança, e quase que o ódio.

— Despojei-me de tudo quanto tinha para servi-lo!... veremos como me paga.

— O Sr. André tem para sua segurança a hipotéca de todos os meus bens, disse Sancho tomando o chapéu.

Transluziu nos lábios do usurário um rir medonho; e êle apenas balbuciou imperceptivelmente:

— E' o que me vale.

— As ordens do Sr. André! tornou o devedor que se dispunha a sair.

— Meu caro comendador, espero que possamos saldar as nossas contas no fim de seis meses; eu tenho também obrigações a cumprir... e... sentiria ver-me obrigado a vexar os meus amigos.

— Farei tudo por satisfazê-lo, respondeu Sancho; espero em breve achiar-me em melhores circunstâncias; no entretanto, se me não fór possível pagar de uma vez tôdas as minhas letras, conto que...

André encolheu os ombros de um modo muito significativo, e disse com um tom desabrido:

— Quem não pode com a carga, arceia.

E levantando-se, despediu o seu devedor, acompanhando-o até à porta da entrada da saleta.

— Daqui a seis meses, disse êle consigo voltando a sentar-se; não esperarei mais... teremos chegado ao tempo de depenar êste gafo velho! ah! sim! leva o meu dinheiro hoje, como já o tem levado por outras vèzes; mas espero em breve desferrar-me! O que êle possui ainda vale um pouco mais do que está a dever; porém nós lhe faremos as contas...

Alguém que batia na rótula do terrível casebre interrompeu o mundo milionário.

— Oh!... teremos algum dos outros meus amigos!...

O comendador Sancho, satisfeito de levar consigo a quantia de que seguramente muito precisava, saiu todavia um pouco preocupado com a despedida que tinha tido: dentro de seis meses reberitaria uma forte borrasca sôbre êle; André era um homem de coração de pedra, e estaria pronto para sem dó nem piedade arrancar de um seu devedor o último pedaço de pão, que lhe restasse para matar a fome.

De casas, como essa do velho usurário, sempre se sai com a vergonha no rosto, e se deseja não ser visto. Sancho antes de pôr o pé na rua olhou para ambos os lados, e não descobrindo pessoa conhecida aventurou-se à retirada; mas apenas tinha dado vinte passos encontrou-se com Faustino, que o cumprimentou de uma maneira que pareceu desacostumada ao comendador, o qual, também pela sua

parte curioso, fingiu dobrar a primeira esquina, e pondo-se de espreita, viu que o publicista entrava pela sua vez em casa de André.

— Mais um infeliz!... balbuciou Sancho, que tinha as suas dúvidas pesando-lhe sobre o coração.

Faustino não pensara como o comendador; vendo-o sair do casebre do usurário, lembrou-se do seu *negócio*, e disse consigo:

— Dar-se-ia o caso de também êste velho impertinente calcular com o dote da minha querida viúva?...

Enfriu o publicista mostrou-se à porta da sala de André, que, apenas o viu, estremeceu todo na cadeira e sentiu que o fogo da cólera lhe acendia o rosto: começou então a tossir com muita força, e acenou com a mão ao recém-chegado para que se sentasse.

— Sinto que se ache incomodado, disse Faustino, quando pôde ser ouvido.

André já tinha serenado.

— Isto não vale nada... há de passar... foi o tabaco, que me caiu no goto; mas o que quer o senhor?...

— Não me conhece?...

— Ah!... sim!... tornou o milionário revolvendo o olhar de tigre sobre o rosto de Faustino: se bem me lembro é a mesma pessoa, que me veio falar sobre um negócio um pouco extraordinário.

— É a quem o senhor disse que tornasse a lhe vir falar no fim de oito dias.

— Ah!... e não me achou em casa?... é porque eu tinha saído.

— Provavelmente; mas voltei três dias depois...

— Os negócios me não deixavam então ficar em casa.

— Ainda tornei no fim de outros três dias.

— Mas enfim...

— Encontrei-o hoje.

— Diga o que quer.

— Uma resposta a respeito do negócio de que lhe falei.

— Por ora, meu caro, não temos feito nada; faltou-me o tempo para pensar nisso.

— Deveras?... perguntou o publicista com um sorriso de ironia nos lábios.

— Palavra de honra!... respondeu o velho, sorvendo uma enorme pitada de pó, cujos restos se espalharam por toda a saleta, fazendo com que Faustino tossisse por sua vez.

André acabava de apelar para o tabaco, como pouco antes apelara para a tosse: o -- *Deveras?*... — de Faustino o havia desconcertado por alguns instantes. Também êstes dois personagens haviam perdido o caráter com que se tinham apresentado um ao outro em sua primeira entrevista: André de colérico, violento e apressado se tornara paciente, e se esforçava para abafar sempre os ímpetos de sua natural irascibilidade; Faustino de um pouco condescendente que

se mostrara, transformou-se em altivo e exigente. O milionário, desde as primeiras palavras, que ouvira, não encarava mais de face, porém só de través o publicista: êste conservava os seus olhos pregados sôbre o rosto daquele, como para não perder uma só contração de músculos, ou a menor expressão fisionômica.

— Então deveras?... tornou Faustino.

— Palavra de honra, repetiu André.

— Pois não me aconteceu outro tanto: tenho pensado muito no caso, e sei de muita cousa nova.

— O quê?... perguntou o milionário com um interêsse que o atraçoava.

— Sei das suas visitas a seu irmão Daniel, e a sua prima Irene...

— Espiam-me! bradou o usurário desconcertando-se.

— Sei do que nelas se passou... e o que o senhor pretende esconder-me sacrificando a sua palavra de honra!...

— Querem roubar-me a todo transe!... exclamou o velho desesperado, e deixando a marca de suas unhas crescidas e imundas em um peito vermelho e cabeludo, que se deixou ver pela abertura da camisa.

— Já vê que sei de alguma cousa, disse friamente o publicista.

— Pois então! gritou o usurário levantando-se: revoltam-se contra o meu sossêgo, conspiram contra a minha vida, contra a minha honra, contra o meu dinheiro, e não querem que eu me defenda!... oh!... pretendem reduzir-me à miséria, a pedir esmolas de porta em porta!... é uma infâmia!...

— Modere-se, homem! pensemos no caso com sangue-frio, e discutamos a questão com franqueza.

O usurário lançou sôbre o publicista um olhar de serpente, e atirou-se de novo sôbre a cadeira.

— O senhor tem em seu poder a fortuna de sua prima, a Sra. D. Irene: essa fortuna deve hoje montar a muito mais de um milhão...

— E' falso! exclamou o velho.

— Isso é questão à parte; o Sr. Daniel fará as contas, quando fôr tempo...

Uma imprecação violenta veio quebrar-se contra os dentes cerrados de André.

— Ora pois; com a mira nesse bom-bocado, que o senhor quer só para si, apresentam-se dois pretendentes à mão de sua prima, ou antes ao dinheiro dela: um estudante, e eu.

— Que infames!...

— O estudante inspirou paixão à Sra. D. Irene, e pouco lhe importa os desgostos que lhe deve causar, quando vier buscar o dote da noiva; eu, que não sou amado, trato de opor-me a êste casamento e ofereço vinte por cento do dote, a quem me ajudar no empenho

de casar-me com sua prima, e fizer com que eu consiga êsse desideratum: então, compreendeu?...

— Homens honestos!... homens honrados!... murmurava espumando de raiva o milionário.

— Falei bem claramente, disse outra vez Faustino; acabemos pois com isto. O senhor quer os vinte por cento?...

— Não!... não!...

— Bem: vou oferecê-los ao Sr. Daniel.

O velho ergueu-se de novo. Estava trêmulo de cólera, e seus olhos pequenos brilhantes ora se fixavam sinistramente em Faustino, ora se voltavam para a porta do gabinete, que lhe ficava à direita. Ele deu dois passos para o terrível publicista e quis falar; mas a custo pôde arrancar do peito uma única palavra.

— Não...

— Antes porém de retirar-me, quero dar-lhe um conselho de amigo: tome suas medidas sôbre o nosso estudante; olhe, que se têm últimamentee passado cousas...

André deu um pulo para Faustino, e agarrando-lhe no braço, exclamou:

— Fale!...

— Mas para quê?

— Quero saber.

— Tanto me faz, que o dote de sua prima fique na sua mão, como que vá para a do estudante.

— São todos meus inimigos!...

— As ordens do Sr. André! disse o publicista fazendo ao milionário uma profunda barretada.

— Onde vai?

— À casa do Sr. Daniel.

— Escute.

— O que quer? aceita os vinte por cento?

O usurário parecia ter serenado; mas Faustino mostrava desconfiar daquela aparência de sossêgo.

— Sente-se; disse êle.

— Estou bem de pé; não posso demorar-me.

— Quero falar-lhe sôbre o nosso negócio.

— Bem; mas depressa, porque tenho que fazer.

— Eu não posso resolver-me assim de repente... preciso calcular...

— Então vou primeiro entender-me com o Sr. Daniel.

O nome de seu irmão fazia sempre estremecer a André: como uma serpente, que se enrosca pelo corpo da vítima, êle estendeu os braços, e abraçou Faustino pelo pescoço.

— Meu amigo! disse com a mais estudada docilidade o velho; veja que se trata de uma questãozinha, que pode reduzir-me à maior miséria!...

— Creio tanto nisso, como na sua palavra de honra de inda há pouco.

*André não se ofendeu; pelo contrário* continuou ainda com a mesma doçura.

— Oh! dê-me ao menos o tempo necessário para meditar: isto não é negócio de faca aos peitos... nós somos dois homens de bem...

— Seguramente! respondeu Faustino desatando a rir.

— Olhe; venha daqui a quinze dias...

— Não.

— Bem: seja de hoje a oito dias...

— Não.

— Daqui a três em uma palavra...

Faustino olhou fixamente e por algum tempo para André, e depois respondeu:

— Concedo: até daqui a três dias, e então... ou dente, ou queixo...

E saiu acompanhado por André, que o levou até a porta com tôdas as atenções.

*Logo que o publicista desapareceu, rebentou de novo a cólera* sopitada do usurário.

— Querem roubar-me!... arrancar de minhas mãos o dinheiro, que é meu... separar-me do que faz a minha felicidade! oh!... um milhão e ainda mais!... isto faz escurecer a vista, perder a cabeça... endoidecer... morrer!... o meu dinheiro!... o dinheiro por que rindo-me tenho visto chorar pais, mães, esposos, e filhos! o dinheiro que é a minha lei, a minha honra, a minha religião, a minha alma, e o meu Deus!... não e não!... tentarei tudo.

O sinal de meio-dia dado pelo sino de uma próxima igreja interrompeu o solilóquio daquele miserável milionário.

— Meio-dia!... disse êle; é a hora em que se mostram os preguiçosos, e aquela, em que mais facilmente poderei fazer-me ouvir do meu perseguidor atual: vamos!

Abrindo então uma gaveta da mesa, tirou dela um lenço preto velho, que amarrou ao pescoço, pôs na cabeça o seu enorme chapéu, que sem dúvida tinha já atravessado mais de uma geração, e depois de examinar o gabinete do lado direito, fechou as portas, e saiu.

## XXXI

## O novo rival do Juca

Faustino em sua entrevista com André tinha, conforme os seus hábitos, misturado verdades com mentiras: de fato sabia das visitas que o usurário fizera a seu irmão Daniel, e a sua prima Irene; menos verdadeiro porém havia sido, quando asseverava que não se achava alheio ao que se passara nessas duas visitas. Estava pois bem longe de saber, que Daniel homem honrado a tôda a prova, mas de caráter ríspido e austero recebera mal a seu irmão, e se revoltara tanto contra a loucura, que se dizia estar sua prima a ponto de realizar; e que André se fôra depois lançar aos pés de Irene, e fazer-lhe protestações de uma paixão em tudo simulada, e que finalmente, mesmo diante do usurário a constante e impagável viúva se mostrara firme, como o Pão de Açúcar, no amor do seu querido Juca.

Corriam portanto mal os negócios para André. O miserável milionário tinha contra si a nobreza e honestidade de seu irmão, as pretensões de Faustino e a paixão inspirada pelo estudante. Contra o primeiro sabia que todos os seus esforços seriam baldados; ao segundo esperava vencer com facilidade: restava-lhe o terceiro. Depois de muito meditar e de se ter informado a respeito do Juca, tomou a deliberação de ir falar-lhe mesmo na casa de Mauricio.

A segunda entrevista que o velho usurário tivera com o publicista determinou-o a apressar o mais possível a sua visita ao estudante, e foi exatamente para realizá-la, que êle saiu logo que ouviu dar meio-dia.

O velho Anastácio tinha obtido nos três últimos dias tão sensíveis e progresivas melhoras, que tivera licença de seu médico para levantar-se, e saindo pela primeira vez do seu quarto nesse mesmo dia, em que devia ter lugar a visita de André ao estudante, achava-se com êste e com sua sobrinha na sala desde as dez horas do dia.

Maurício saíra logo depois do almoço, como tinha de costume, e se declarou enfadado e mal com o Juca, que na mesa havia participado a seus hóspedes que o estado lisonjeiro do doente dispensava já ali a sua presença, e que conseqüentemente se retiraria na noite que ia chegar.

A retirada do estudante fôra objeto de uma discussão calorosa travada na sala entre êle e o velho roceiro. Rosa que se achava presente e que tornara, a pesar seu, sensivelmente melancólica desde o almoço, não tinha dito palavra sôbre a matéria. Teimavam o velho e o moço como dois galos de boa raça, ou dois demandistas inveterados. Não aparecia juiz que acabasse a questão com uma sentença final, até que o bom Anastácio aproveitando uma inspiração feliz acabou por exclamar:

— Teimoso de uma figa!... hei de mostrar-te, que ficarás vencido!

— Duvido, respondeu sorrindo-se o Juca.

— Bem: e se abandonares o teu propósito?... se te não fores embora hoje, estás pronto, meu valentão, a te sujeitares a uma pena, que eu te impuser, e que ficará muito à minha escolha?...

— Estou pronto; sujeitar-me-ei.

— Vê lá o que dizes, meu cabeça de ferro!

— Repito o que disse, e com tanto maior certeza de não ser vencido, que já o Sr. Anastácio me faz o obséquio de dar-me uma cabeça de vento.

— Ora pois, tornou o velho roceiro, que em verdade já não era o mesmo homem do outro tempo; dizes tu, meu Juca, que por fas ou por nefas te retirarás hoje daqui, e digo eu, que hás de aqui ficar por força, e quer queiras, quer não. Leváramos todo o dia em um dize tu, direi eu, que não prestaria para nada; decida-se portanto a questão já e já: venha o juiz! oh lá, minha sobrinha!...

O Juca estremeceu, e Rosa sentiu que todo seu sangue lhe acudia ao rosto.

— Rosa, continuou Anastácio; nomeio-te juiz: decida lá: queres que o Juca se vá ou que fique?...

O estudante sem pensar no que fazia, fixou os olhos nos lábios de Rosa, como se dêles tivesse de sair para êle uma sentença de vida ou morte; comprimiu sua respiração, e ficou esperando ouvir uma palavra saída daquela bôca de anjo.

A interessante filha de Maurício por sua parte se perturbara a ponto de não poder falar; mas na sua perturbação havia um discurso inteiro cheio de poesia e de amor.

— Então decides, ou não?... tornou o velho da roça; queres que o Juca vá, ou fique?...

Rosa fez sôbre si mesma um esforço sôbre-humano, e baibuciuo tremendo:

— Quero, que fique...

— E ficou!... exclamou Anastácio desatando a rir com a melhor vontade dêste mundo.

Rosa tinha olhado para o Juca; mas encontrando fitos nela os olhos do estudante, abaixara os seus, corando muito. Um sorrir de bem-aventurança passou ligeiro como a felicidade pelos lábios do mancebo: a questão estava decidida; a retirada era impossível.

Finalmente Anastácio pôde falar, e voltando-se para o estudante, perguntou:

— E agora, camarada?...

— Quero saber qual é a pena que me impõe, disse o Juca.

Rosa voltou-se tôda para esconder duas lágrimas de prazer indizível, que lhe rolavam pelas faces.

— Saibamos primeiro quantos dias ficas ainda?...

— Três.

— Tôda a vida!... disse dentro do peito, e só em muito segredo à sua dona, o coração de Rosa.

— Orá pois, não quero ser mau, tornou Anastácio; por castigo da tua teima cantarás esta noite com minha sobrinha um dueto que eu escolher.

— Mas como? eu não canto há seis meses... disse o estudante.

— Nem eu há seis semanas, acudiu Rosa sorrindo-se com a alma nos lábios!

— Dou-lhes tôda esta tarde para estudar.

— E qual é o dueto?...

— Ainda não sei; que diabo entendo eu dessa língua de carcamanos?...

— Mas então?... ia dizendo o estudante.

— Não te incomodes, rapaz, tornou Anastácio; Rosa me porá em trocos miúdos a letra de seus duetos, e eu escolherei o que julgar mais a propósito.

— Meu tio, para quê isso?...

— Ah! minha senhora, disse o Juca, para dar-me um prêmio em vez de um castigo.

O velho roceiro esfregava as mãos de contente: os seus projetos iam tomando muito bom caminho; o comendador Sancho e a viúva Irene deviam ir se preparando para ficar com a cara à banda.

Mas alguém que acabava de bater palmas interrompeu a conversação do velho e dos dois moços: daí a pouco um escravo veio anunciar o Sr. André que procurava o Sr. Juca.

— O Sr. André!... disse o estudante; o diabo me leve se algum dia na minha vida conheci alguém com semelhante nome!

Depois, como despertado por uma idéia, o mancebo exclamou com vivacidade:

— Ah?... quem sabe se é algum tropeiro que me traz cartas de meu pai!... praza ao céu que o fôsse?...

— Seja quem fôr, pode entrar; disse Anastácio.

Momentos depois ouviu-se os passos pesados de André que se aproximava, e que enfim mostrou-se à porta da sala.

Rosa vendo a figura imunda e o rosto repulsivo do milionário pôde apenas abafar uma exclamação de espanto, e foi ligeira sentar-se ao lado de seu tio como um apoio; depois, observando melhor o recém-chegado, disse baixinho ao ouvido de Anastácio:

— Sou uma tôla... confesso que me assustei com a vista dêste homem; e no entanto parece que é apenas um pobre que vem pedir esmola.

— Pode sentar-se, disse o velho da roça.

O usurário sentou-se e descansou o chapéu debaixo da sua cadeira.

— O Sr. veio procurar-me?... perguntou o Juca cheio de curiosidade.

— Desejava falar ao Sr. José de... de... não sei bem de que... ao Sr. José que foi... ou que é de medicina.

O Juca não gostou daquelle que foi ou que é, que lhe trazia à memória a sua vadiação; corou, e respondeu:

— O Sr. especia-se no passado e apóia-se no presente, e faz nisso muito bem: êsse tal José, estudante que foi ou que é, está às suas ordens.

— Ah! é o senhor?... disse André levantando-se e fazendo uma respeitosa cortesia.

— Não se incomode, tornou o estudante; queira sentar-se e dizer-me ao que devo a honra dê sua visita.

O usurário sentou-se, e volveu o seu olhar de repente por tôda extensão da sala, parecendo abismar-se diante de todos os objetos de arte que ali se achavam, e que sendo em verdade dignos de alguma atenção, não mereciam todavia a espécie de êxtase em que os contemplava André.

— Este pobre homem nunca entrou em uma sala! disse Rosa em voz baixa a seu tio.

No entretanto a moça se enganava; o milionário apenas se espantava de que houvesse no mundo quem gastasse alguns contos de réis para ornar uma sala: não lhe admiravam nem a linda mobília de pau-cetim, nem o rico piano, nem os vasos de Sèvres que ali se viam; êle chorava apenas tanto dinheiro que fôra gasto com êsses objetos, e que na sua mão tão bem guardado seria.

Foi preciso que o Juca de novo se dirigisse a André:

— Senhor, estou à sua disposição!

— Perdoe-me, disse o milionário; estava absorto diante de tanta riqueza!...

— Coitado do pobre homem! murmurou Rosa sentidamente; quem sabe quantas misérias não passa êle na vida?... vê-se logo que é um desgraçado que não tem nada de seu!

— Meu caro senhor, disse André; tenho ouvido fazer tantos elogios à sua bondade e ao seu nobre coração que me animo a apresentar-me a V. S. para occupá-lo de uma questão importante que nos diz respeito a ambos, e que...

— Que nos diz respeito a ambos? no entretanto eu juro que é a primeira vez que tenho o gôsto de vê-lo.

— Sim, senhor, é verdade isso; e todavia vai V. S. fazer-me um mal terrível sem me conhecer?...

— Eu?! como é isso então?...

— O negócio é de segredo, senhor... e se fôsse possível...

Anastácio e Rosa ergueram-se.

— Perdão! disse o estudante; eu rogo que os senhores se não retirem da sala; não tenho segredos, nem remorsos: poderão acusar-me de extravagante, de vadio e mais nada; isso todos sabem que sou e eu mesmo o sei; mas a emenda fica por minha conta.

Anastácio e Rosa ficaram indecisos, e André deixou cair a cabeça um pouco contrariado.

— Peço que se não retirem, insistiu o Juca; o senhor disse que o negócio era de nós ambos, e não dêle só; fale pois em voz alta e diante de todos; há um não sei quê de extraordinário e feiamente romanesco nesta entrevista... vamos... tudo luz do dia e nada de tenebroso.

O velho usurário lançou um olhar satânico sobre o estudante; Rosa, que o percebeu, sentou-se de novo, convidando seu tio a fazer o mesmo.

— Então não tenho remédio senão falar diante dos senhores?! pois bem, eu me sujeitarei a tudo, já que as minhas críticas circunstâncias a isso me obrigam.

— E' melhor assim: fale sem susto e com certeza de que todos aqui são de segredo.

Anastácio fez uma careta a Rosa, como quem dizia:

— Menos tu.

— Meu caro senhor, disse André, eu sou um pobre homem já carregado de anos, e incapaz de mais trabalhar para ganhar a vida: graças à confiança que tenho merecido pela minha honestidade e bom proceder, fui encarregado por uma parenta minha de tratar de seus negócios, e pôr em giro os seus dinheiros, mediante uma pequenina gratificação que me dá os meios de ir vivendo pacamente, mas sossegado.

— Até aí não compreendo nada que tenha relação comigo, observou o Juca.

— Eu bem sei, continuou o velho, que essa fortuna que está em meu poder me não pertence; mas na posição em que me acho, arrancar-na das mãos, quando eu vivo só da gratificação que recebo, é reduzir-me à última miséria, é mandar-me pedir esmolas de porta em porta; em uma palavra, é matar-me de fome.

— Mas o que tenho eu com isso? explique-se pelo amor de Deus!

— Meu querido senhor, meu respeitável ancião, minha nobre senhora, tenham dó de mim, continuou o vil usurário com voz sentida: essa minha parenta é pouco mais moça do que eu, e por isso me dava esperanças de nunca mais tomar estado.

— Ah!... enfim!... trata-se de um casamento, exclamou o Juca sem se desconcertar.

Rosa estremeceu escutando as últimas palavras do velho, e começou a ouvi-lo com dobrada atenção.

— Continue, continue, disse o estudante.

— Pois ainda me não percebeu?... perguntou André olhando com um olhar vesgo para o Juca.

— Por ora juro-lhe que não.

— Ah! sim: é porque ainda lhe não disse o nome da minha parenta. E' uma prima minha, viúva, e velha já, e que decerto não devia esperar encontrar um moço que se quisesse casar com ela, a não ser movido por um interesse que não tem nada de bonito.

— Mas quem é esse moço?... quem é essa velha?... acabemos com isto, explique-se de uma vez.

— Esse moço... disse o usurário com os dentes quase cerrados, esse moço... é V. S.?...

— Eu!

— Oh! meu estudante, exclamou Anastácio, por esta não esperávamos nós.

Rosa tinha empalidecido.

— Está bem, continuou o Juca rindo-se, já se sabe o nome do noivo, saibamos agora o da velha.

— Bravo!... disse o velho roceiro batendo palmas; antes isso... o diabo não é tão feio como se pintava.

Rosa havia tornado a si da terrível impressão que causara a história contada por André lançando sobre ele um olhar curioso e indagador, pareceu fortemente espantada, e perguntou:

— Então o senhor é o primo de D. Irene?... é aquêlê mesmo que tomou a seu cargo o cuidar nos bens e na fortuna dela?...

— E' verdade, minha nobre senhora, sou eu mesmo.

— Meu tio, disse Rosa apontando para o usurário, êste homem tem milhões de seu!

E desviou seus belos olhos da imunda e torpe figura daquele paupérrimo milionário.

— Ora pois, tornou o Juca, agora nos entendemos; compreendi finalmente o seu caso, resta-me apenas saber o que quer o senhor de mim.

— Meu caro senhor..., ia dizendo André.

Rosa estava revoltada contra aquêlê homem abjeto, de quem tinha ouvido contar um sem número de atos de bárbara usura; sentiu dentro de si um desejo ardente de martirizá-lo durante algum tempo; de fazê-lo sofrer e gemer pelo que êle unais amava, pelo dinheiro: interrompeu portanto a André, e tomando aquêlê ar brincalhão, que tão bem lhe assentava no vivo rosto, disse:

— Fui hoje nomeada juiz para sentenciar, e ainda não abdiquei o meu pósto: o negócio de que se trata é grave; mas seja o que fôr, o dia de hoje é meu.

— Minha senhora, eu lhe dou todos os poderes para tratar em meu nome com o Sr. André; acudiu o estudante, que acabava de descobrir nos olhos de Rosa a disposição com que ela se achava.

— Temos travessuras, disse por entre dentes Anastácio.

O velho usurário mordía-se interiormente do que se estava passando; mas o instinto lhe dizia, que naquela ocasião os ímpetos de sua cólera, a violência e o insulto de nada lhe poderiam servir; habituado a dobrar-se a tôdas as circunstâncias, naturalmente hipócrita, e falaz, dissimulou, escondeu a sua fúria, e de novo se ia dirigindo ao Juca.

— Meu querido senhor...

— Camarada, respondeu o estudante; eu agora sou uma espécie de oito e nove na bisca; estou fora do baralho; dirija-se ali àquela senhora a respeito do seu negócio; tudo o que ela fizer, será bem feito.

— Mas...

— Nada de mas: ela é rainha e nós vassalos; dirija-se a ela, meu pobre homem.

André mordeu os beiços de raiva; e como costumava, quando lhe era preciso encobrir alguma forte impressão, tirou a caixa, e tomou uma enorme pitada de tabaco.

Rosa desatou a espirrar.

— Mau! disse ela; eu quando espirro muito, fico de mau humor, e por consequência exponho-me a dar sentenças injustas.

O usurário ou não compreendeu a zombaria, ou fingiu não compreendê-la e sujeitou-se a ela.

— Minha nobre senhora, estou pronto a submeter-me ao seu juízo; mas rogo que se não previna contra mim. Eu sou um pobre diabo, que pouco ou nada tem de seu... dizem, que possuo mil riquezas, bem sei; porém Deus também sabe, que se me tirarem a procuradoria de minha prima, ficarei reduzido à última miséria!...

— Convenho, que isso lhe não deve fazer muita conta, disse Rosa; as quatrocentas apólices de D. Irene hão de deixar um vácuo horrível nos seus cofres!

O velho arregalou os olhos terrivelmente.

— E principalmente, se, como me consta, o futuro marido de sua prima entrar no exame e quizer receber juroz antigos, e mais uma multidão de cousas e lousas, de que não entendo nada, mas que diz êle importarem em muito e muito dinheiro!

As mãos de André tremiam convulsivamente, embora descansadas sôbre os joelhos, e seu rosto se contraia todo de aflicção e de cólera.

— E' indigno, exclamou êle, que um moço no verdor dos anos, ainda cheio de futuro, podendo fazer a felicidade de alguma senhora moça, como êle, se abaixe a ir casar com uma velha só pelo dinheiro

que ela deve trazer... ainda que êsse casamento faça a desgraça de um seu semelhante!...

— Contudo, observou Rosa sèriamente: se o noivo promettesse ao menos, que continuaria a deixar-lhe o cuidado de tratar dos negócios da sua casa... mas qual! o Sr. Juca jurou que no dia seguinte ao do seu casamento quer todo o dote da mulher em casa!...

O usurário olhou para o estudante, e vendo-o sorrir-se maliciosamente, bateu com o pé, como um possesso, e deixou ouvir a sua frase habitual:

— Querem-me roubar!...

O Juca fêz um movimento; mas a um olhar significativo de Rosa, sentou-se e continuou a rir-se.

— Revoltam-se, conspiram contra a minha fortuna, contra a minha honra, contra a minha vida!...

— Que miséria humana!... exclamou Anastácio sèriamente.

— Oh!... se é miséria humana... se eu sou um miserável... disse retorcendo-se e passando do furor à submissão e ao rebaixamento o velho André; se eu sou um ente vil... imundo... um usurário... um desgraçado... enfim... tenham pena de mim... condoam-se; mas não me queiram matar...

— No entretanto, tornou Rosa: sua prima tem seus direitos e sua razão...

— Não tem nenhuma! um moço como aquêlê não deve casar-se com uma velha... deve casar-se com uma jovem moça... bonita... digna de ser amada... como por exemplo a senhora...

Rosa corou, mas respondeu depressa.

— Não se trata de mim, senhor; porém, sòmente de sua prima. D. Irene foi casada e gostou do casamento, pelo que parece; ainda está muito bem conservada, e capaz de rivalizar com qualquer moça de vinte anos; tem espírito, e não é feia; é benfeitora e não é pobre...

O Juca começou a comprehender que a zombaria estava passando além do usurário.

— Por consequência, proseguiu a moça, D. Irene faz muito bem de procurar casar-se.

— Mas...

— Mas o quê, senhor?

— Deveria procurar fazer um casamento menos desigual.

— Ela casa com quem a ama: o amor é como a morte, iguala todos.

— Pois que se casasse com quem a ama; mas não com aquêlê senhor, que só tem os olhos no dinheiro dela.

— Ah! isso é outro caso! então D. Irene tem algum outro apaixonado?

André hesitou.

— Responda, senhor, isso muda inteiramente o caso.

O usurário cravou os olhos no rosto de Rosa, que se conservou séria e imperturbável.

— Oh! tenham pena de mim!... exclamou o usurário: sim, é verdade, ela tem outro apaixonado, ou antes o único homem que a ama de veras!... tem um homem de bem, que estaria pronto a recebê-la por sua mulher, e que bendiria sempre a memória daquele senhor, se êle desistisse de seu feio propósito!...

— Porém êsse homem...

— Ama a minha prima, como um louco... há muito tempo, há muitos anos...

— E êle quereria...

— Casar com ela,

— E quem é êle? perguntou Rosa com vivacidade.

— Eu! disse o usurário, pondo-se em pé e direito como um rapaz de vinte anos.

Rosa olhou fixamente para André, e ao ver-lhe a figura ridícula e repugnante, um barriga enormemente desproporcional sôbre duas finissimas pernas, e todo êle coberto de vestidos velhos e imundos, como os de um mendigo, pensou que tinha ouvido mal, e repetiu a pergunta:

— Quem é pois o tal apaixonado, senhor?

— Eu! eu mesmo!...

A moça não pôde mais; começou a rir-se como uma louca, o riso tornou-se contagioso para Anastácio, e o Juca principalmente pela carranca horrorosa e ridiculamente feroz que apresentava o usurário. Não era mais possível ouvir-se uma palavra no meio de tantas e tão ruidosas risadas que soavam. André furioso e desesperado tomou o chapéu, e pondo-o na cabeça mesmo dentro da sala saiu, e foi esconder-se com sua raiva em seu pestífero casbre, como uma fera que, sentindo-se ferida, corre a ocultar-se no seu covil.

Quando o velho Anastácio e os dois moços se puderam entender, disse aquêlê:

— Ora pois, minha sobrinha, deve confessar que se regalou com o rival do Juca.

A moça sorriu-se, e em vez de responder a seu tio, foi para o estudante que se voltou:

— O Sr. Juca me desculpará sem dúvida; não me veio nem por sombras a idéia de me rir à custa de D. Irene, a quem aliás estimo muito e muito: eu quis apenas atormentar um homem mau e cruel; mas, palavra de honra, que isso nem de leve foi feito com intenção de me intrometer nos seus projetos de casamento.

— Eu o compreendi desde logo, acudiu o estudante, e tanto

assim que se aqui apparecessê alguma velha prima do comendador Sancho para entender-se sôbre alguma cousa com a Sra. D. Rosinha, ea lhe pediria licença para tomar a velha à minha conta.

— Estão pagos! disse Anastácio; agora retire-se S. Juca, enquanto minha sobrinha vai fazer-me a tradução dos seus duetos.

## XXXII

## Muita gente, muita guerra

Rosa tinha traduzido fielmente para o portuguez todos os seus duetos italianos, conforme o exigira seu tio; uinguém pense que isso é cousa que qualquer faz, e senão certos libretos de óperas italianas, que correm por aí traduzidos, que appareçam para depor sôbre a matéria.

O velho rocciro se mostrava difficil de contentar: êle que tantas vêzes bradava que, tendo estudado para se ordenar, não entendia das cousas mundanas, estava-se mostrando tão condescendente como hábil no que dizia respeito aos amôres de sua sobrinha e do Juca.

Rosa foi pois traduzindo um por um todos os seus duetos, sem que um só dêles contentasse sufficientemente a Anastácio.

— Enfim, eis o último... disse Rosa.

— Como se chama êsse?

— E' um dueto da ópera de Torquato Tasso.

— Torquato Tasso! parece-me que já ouvi falar nesse bicho: dizem que foi poeta que andou de juízo virado por amor; é isso?

— Tal e qual.

— Rapariga, creio que achei o que procurava: trata-se de um doído...

— Um grande poeta..., meu tio!

— E' o mesmo, sobrinha; trata-se pois de um poeta, ou de um doído, e assim me convém: acho um não sei quê parecido com o Juca num homem de pouco juízo e de muito talento... Ora vamos, faze lá a tradução do dueto.

Rosa traduziu com fogo e verdade: era o dueto do primeiro ato do Torquato.

— Êste serve às mil maravilhas!... exclamou o velho Anastácio.

— Meu tio há de me perdoar; mas eu não canto êste dueto com o Sr. Juca.

— Então por quê?

— E' muito difficil, e não estou bem certa nêle.

— Tens a tarde tôda para recordá-lo.

— E' pouco tempo.

— Sim! pois digo-te que leio nos teus olhos que me estás mentindo; tu conheces esta música como qualquer das outras.

— Eu o confesso meu tio; mas há muito amor e muita ternura nos versos, que me ouviu traduzir.

— Ora pois gostei que me disseses isto, e gostaria ainda mais que agora me faças a vontade.

— Porém... eu...

— Rosa! eu não sou para estas cousas... não gosto de mistérios, nem de intrigas, nem de namoros; mas visto que te não destinás a ser freira, quero ver-te casada, e quanto antes; e se não há de ser com outro, seja com o Juca. Este é o pensamento e o desejo de nós todos.

— De nós todos?...

— Sim... sim... pois então pensas que teu pai é algum tolo, que não veja o que se passa ao pé dele, tendo na cara dois olhos que Deus lhe deu!...

Rosa curvou a cabeça suspirando.

— Então cantas ou não, rapariga?

— Canto, meu tio; murmurou a moça.

— Pois então passa ainda uma vez os olhos pela música.

— Não é preciso; eu a sei de cor.

— Nesse caso vou prevenir o Juca.

Mas não foi preciso ao velho roceiro ir ter com o estudante; porque quase imediatamente elle appareceu.

— Está escolhido o dueto! exclamou Anastácio com ar triunfante.

— Qual é?...

— Ei-lo! disse o velho apresentando a música ao Juca.

— Oh!... excelente e muito meu conhecido; já o ouvi cantar ao Ribas e ao Tati no nosso teatro; é verdadeiramente um canto de amor de poeta!...

Rosa não se atrevia a levantar os olhos desde que a música passara ás mãos do estudante.

— Tomara eu que o comendador Sancho seja esta noite tão pontual como das outras... disse Anastácio.

O Juca olhou meio confuso para Rosa e para o velho roceiro; este pôs-se a rir maliciosamente, e a moça, que sentiu-se mais perturbada que nunca, levantou-se e daí a um instante desapareceu da sala.

As oito horas da noite começaram a entrar os amigos que costumavam concorrer ás noites de voltarete em casa de Mauricio.

As primeiras pessoas que appareceram foram o amigo que a tudo respondia — *paciência*, e a sua irmã D. Fabricia.

Depois destes entrou o comendador. Sancho vinha nessa noite um pouco melancólico, e encontrando na sala o velho Anastácio, tornou-se completamente amuado.

O pobre homem tinha suas razões para não estar contente. Compreendera desde muito tempo que, não podendo fazer-se recomendável nem pelas armas, porque sofria do mal dos nervos, nem pelas letras, porque apenas lhe tinham feito aprender a ler, preciso lhe era, pois, que a todo custo queria ser admirado, tornar-se notável pela ostentação de riqueza. Herdara de seus pais uma boa fortuna; mas, supondo-a inesgotável, gastara sem medida e sem prudência, e em poucos anos consumira grande parte do que possuía em carruagens, preciosos brilhantes, e em mil objetos de luxo; incapaz de correção, e querendo a todo o custo sustentar sempre o mesmo tratamento, sujeitara-se a contrair dívidas, e escravo enfim do terrível usurário André, seu bárbaro credor, anteviu a miséria arreganhando-lhe as garras no fim de seis meses, e não tinha mais esperanças de salvação senão em um casamento rico, como era, por exemplo, o que procurava então na pessoa da filha de Maurício. O que com ele e o usurário se passara na manhã desse dia avivava os seus pesares e era a causa única da tristeza que o obunbrava.

— O Sr. comendador Sancho está hoje com cara de estudante que acaba de sair reprovado! observou Anastácio.

— Rogo ao Sr. Anastácio que tenha a bondade de me deixar em paz esta noite, respondeu seriamente o comendador.

— Senhores! tornou o velho roceiro, na noite de hoje o Sr. comendador não está para graças! haja todo o cuidado com ele.

Nesse momento apareceu Faustino à porta da sala:

— Fruta nova em terra velha!.. exclamou Maurício indo receber o recém-chegado, que, como amigo do Juca, foi cercado de todas as atenções.

— Oh! eis o meu publicista!... disse o estudante correndo para ele apertando-lhe a mão; meus senhores e senhoras, tenho a honra de lhes apresentar um dos nossos mais conspícuos publicistas, e um dos mais conscienciosos políticos!... isto é trigo sem joio... É uma raridade no século atual!..

— Pois então, acudiu Anastácio, faça-o tomar lugar ali junto do Sr. Comendador Sancho...

— Pior está essa!... disse este de mau humor.

— Faustino, murmurou o Juca ao ouvido do publicista, tu não vens aqui por bom, tens na cabeça alguma diabrura das tuas...

— Deixa-te de asneiras, Juca, vim visitar-te, e mais nada.

Foram os dois interrompidos por um escravo que anunciou as Sras. D. Juliana e D. Laura.

— D. Laura!... exclamou Rosa.

E involuntariamente voltou os olhos para o Juca.

Apareceram a avó e a neta: depois de um curto momento de insensível hesitação, as duas moças correram uma para a outra.

— Laura!...

— Rosa!...

— Há que tempo!...

— Estavas mal comigo?...

— Não.

— Nem eu.

A velha Juliana dava-se os parabéns daquela reconciliação; a velha esquecia-se do seu tempo de moça, e por isso não compreendia que mais cedo ou mais tarde viria outra vez o ciúme quebrar de novo aquela amizade mal soldada, se porventura não eram já fingidos os mútuos protestos de estima, que entre si trocavam Rosa e Laura.

Anastácio quis tomar à sua conta o dirigir a conversação, e sem cerimônia nenhuma contou em alta voz a tóda a sociedade que espécie de visita havia de manhã recebido o Juca, e tudo mais que então se passara.

Escutando o nome do usurário fatal, o comendador Sancho e Faustino encontraram-se com os olhos, lembrando-se do seu encontro nesse dia.

— E' mais um rival que eu tenho! pensou o publicista.

— E' ainda um triste devedor como eu! disse consigo o pobre Sancho.

A história da visita de André, e do que nela se passara, divertia a sociedade. Cada qual comentava o caso como melhor lhe parecia, e os epigramas se sucediam uns aos outros. O próprio Juca não pudera conter-se e pôsto que mostrasse querer poupar a sua noiva presuntiva, tal foi o peso do ridiculo que fez cair sobre o usurário, que uma porção dêle foi caber irremissivelmente à velha Irene.

Faustino concorreu também com o seu contingente para divertir a reunião à custa de André; foi porém ao mesmo tempo pensando no proveito que poderia tirar do que acabava de ouvir.

O único que se conservou sério e silencioso foi o comendador Sancho: pareceu até cair em profunda meditação um momento depois de escutar o caso. Uma idéa singular e luminosa acabava de lhe surgir no espírito: aquela velha, a quem êle até ali tanto aborrecera, começou a mostrar-se a seus olhos sob um aspecto muito mais lisonjeiro; a lembrança de um dote tão rico, qual o dela, operava o milagre da *regeneração das graças*. Com quatrocentas apólices Sancho compreendeu que todos os estragos de que a sua fortuna se mostrava ressentida desapareceriam como por encanto. E depois o prazer de se ver transformado de réu em autor?... de devedor em credor?... essa idéa poderosa começou a germinar no coração de Sancho, e a contrabalançar o poder que nêle tinha a beleza de Rosa.

As reflexões do comendador eram feitas ao som das risadas do resto da sociedade; mas de súbito as risadas e as reflexões foram interrompidas pela chegada da velha Irene, e logo depois, de muitas outras pessoas que nessa noite se apresentaram.

Os amantes do voltarete, acudiendo à voz de Mauricio foram sentar-se às mesas que se achavam preparadas.

— Aquêles senhores nos abandonam hoje, como sempre, exclamou Rosa; vinguemo-nos pois, fazendo-lhes uma bulha de desesperar!

Se Rosa bem o disse, melhor o fizeram todos; falou-se em vestidos e modas, em novelas e teatro, em passeios e saraus, e finalmente em baile mascarado e política; mas no fim de meia hora, durante a qual falaram todos ao mesmo tempo, a conversação mudou de tom, e de forma.

A velha Juliana, que calculava mais com o comendador, do que com o Juca, foi sentar-se junto de Rosa, e tomou exclusivamente conta dela.

Laura, a quem fazia mais arranjo o moço estudante, do que o velho condecorado grudou-se à viúva Irene, e nem tempo lhe dava de olhar para o Juca.

Faustino entreteve-se com o comendador, e Anastácio passeava pela sala observando cuidadosamente o que por ali ocorria e procurando apanhar um ou outro dos segredinhos, que se estavam dizendo aos ouvidos uns dos outros.

Laura contou a Irene o que se fizera e dissera pouco antes da sua chegada, e pintou o procedimento do Juca com as mais terríveis côres: segundo ela o estudante havia feito rir a todos, ridicularizando tanto o usurário André, como a prima dêle. A pobre viúva ficou desesperada.

A velha Juliana tanto fêz, tanto disse, tanto perguntou, que por fim obrigou Rosa a falar, e conheceu que o comendador Sancho em vez de ser amado, era pelo contrário objeto do mais decidido desprezo.

— Férias às línguas! exclamou enfim o velho roceiro.

— Oh! sim; é verdade, meu tio, disse Rosa: é tempo de dançarmos uma quadrilha.

— Menos isso por agora, minha sobrinha; o que deves fazer é levantar-te para cantar.

— Querem ver que o tapiucano está com fumaças de mestre-sala!... observou Irene dirigindo-se a Laura.

— Havia de ser engraçado!... vamos a ver o que êle faz: creio que nos fará rir até não poder mais...

— Sim... sim... vai divertir-nos com a sua costumada selvaticidade: silêncio... vejamos, o que sai daquela cachola.

— Vamos ao meu dueto, Rosa! disse o velho.

— O dueto dêle! tornou Irene levando o lenço à boca para comprimir uma risada; se este papa-farinha vai cantar, eu não poderei conter-me... rio-me por força.

— Excelente! veja a sobrinha como já está vermelha de vergonha.

— Aquilo é sestro...

— Sr. Juca, vá buscar minha sobrinha para o piano...

O Juca obedeceu; Rosa comovida e palpitante aceitou o braço do mancebo, que pela sua parte, desde que se levantara, sentia-se como suspenso acima da terra.

Laura deu um beliscão na sua vizinha que estava vermelha como um pimentão bem maduro, e sentindo tanto calor que começou a abanar-se com o leque desesperadamente.

— Que lhe parece isto, Sr. comendador?... perguntou Faustino.

— Uma traição abominável!... murmurou Sancho; eu vou tocando ao desespero.

— E eu vou nutrindo minhas esperanças, disse consigo mesmo o publicista.

Aos primeiros avisos harmônicos do piano os jogadores deputeram suas cartas sobre a mesa.

Reinou completo silêncio.

Todos conhecem o belo dueto do primeiro ato do Torquato Tasso de Donizetti: o feliz estudante dispunha de uma excelente voz, e que perfeitamente se casava com o melodioso soprano de Rosa. Corria pois tudo às mil maravilhas; o recitativo foi bem interpretado, o adágio executado pelo Juca com perfeito conhecimento da letra e da música; mas quando teve de romper esse allegro, que parece de súbito transbordar do coração de Torquato como uma catadupa, que por muito tempo reprêsa finalmente se desaba, ah! então o estudante abandonou-se todo ao poder da arte, e às exaltações do seus próprios sentimentos, suas vistas se encontraram com as de Rosa, e ambos com os olhos embelhados um no outro, esquecidos do passado e como que olvidando o lugar onde estavam, e o mundo que os cercava, cantaram com o mesmo ardor, com a mesma paixão, com a mesma efusão e entusiasmo, com que cantariam Torquato e Eleonora.

Retumbavam as palmas e os bravos, enquanto o Juca ainda junto do piano e folheando a música procurava disfarçar a profunda impressão que lhe deixara o canto e o olhar de Rosa, a qual também simulando fugir aos cumprimentos, que choviam sobre ela, saíra correndo da sala para enxugar as lágrimas que inundavam seus olhos.

A causa do comendador Sancho e da viúva Irene devia-se considerar perdida desde aquêle momento.

O Juca deixou o piano sem reparar que nesse mesmo momento a sua pretendida noiva se dirigia para êle: no entretanto Irene, não

querendo deixar perceber que se tinha ofendido, fingiu também ir examinar a música, que acabava de ser cantada.

O comendador Sancho estava fora de si. Levantou-se, e sem talvez pensar no que fazia, ou pelo contrário de propósito para começar a recomendar-se ao coração da velha rica foi çolar-se ao lado dela.

— Zombam de nós! balbuciou êle; e não se lembram de que podemos vingar-nos nobremente!!!

Irene ia responder, quando escutou a voz terrível do velho Anastácio:

— Então que é isto?... temos agora um outro dueto pelo Sr. comendador e a Sra. D. Irene?... ora havia de ser bonito!... havia de ser muito engraçado.

— O Sr. Anastácio pensa...

— Essa é boa! não penso nada de mal; acho até a cousa muito natural: depois do drama a farsa...

— O senhor não merece resposta, disse Irene furiosa; é uma espécie de selvagem, de bugre, que não sabe tratar com senhoras de consideração!

— Êle confunde sempre os elegantes salões da côrte com as casas de fazer farinha e os terreiros de café! exclamou o comendador.

Anastácio não pôde responder, porque Mauricio e Juca já estavam às voltas com êle.

No entretanto o dueto que acabava de ser cantado tinha produzido ainda impressão muito desagradável em outra pessoa: Laura não o pudera tolerar.

— Esta D. Rosinha, tinha ela dito a sua avó, cada vez está mais desafinada!

— Cala-te, pateta, respondeu-lhe Juliana; quem vai desafinando horripavelmente é o comendador, e isso nos faz conta.

— Ah! minha avó! mas pela sua regra o Sr. Juca se vai tornando muito afinado e isso me desanima!

Rosa veio sentar-se ao pé de Laura; Juliana foi conversar com o comendador; Faustino tratou de festejar Irene; o Juca ficou à sombra de Anastácio.

— Vê-se bem, que você já fêz as pazes! disse Laura com um sorriso muito significativo.

— Ah! sim! respondeu-lhe Rosa no mesmo tom; nós tôdas acabamos por fazer as pazes com os nossos amigos: não se pode ficar mal para sempre com aquêles de quem gostamos.

— Mas isto é uma verdadeira confissão, Rosa!

— Confissão de quê?...

— De que você ama ao Juca?...

— Ah! não; eu não falei em amar, falei em gostar.

— Eu pensava que era o mesmo. Quando digo que sou uma tôla!

Rosa sorriu-se e olhou-a com essa malícia particular, com que sabem olhar certas moças que têm olhos bonitos.

— Também devo dizer, que agora me admirava, mais que nunca, uma tal confissão.

— Por quê?

— Porque ouvi dizer, que tinhas prometido a tua mão ao comendador Sancho.

— Disseram-te a verdade, Laura; prometi.

— E quando te casas?

— Falando sério, não sei.

— Oh! Rosa, depois daquele dueto ficou um pouco duvidoso o casamento do comendador; eu apostaria cem contra dez a favor do Torquato.

— Ora..., observou Rosa sorrindo-se outra vez; mesmo dado o caso que eu fôsse Eleonora, o Juca não podia ser Torquato, Laura.

— Por quê?... nós tôdas sabemos, que êle já é Petrarca há muito tempo.

A neta de Juliana lembrou-se imediatamente que a amada de Petrarca chamava-se Laura, e compreendeu o epigrama.

— Agradecida, respondeu; toma porém o meu conselho, Rosa; se estás em maré de ciúmes, vai conversar com a nossa amiga Irene.

A filha de Maurício lançou um olhar de solene desprezo sobre a viúva, e depois começou a conversar com a antiga camarada a respeito dos últimos figurinos chegados de Paris.

— E' o que lhe digo, Sr. comendador, resmungava do outro lado ao pé de Sancho a velha Juliana: conheço aquela sujeitinha como as palmas de minhas mãos; andou no colégio com minha neta, e se parecem tanto uma com outra, como uma pomba com uma cobra! olhe, é tão má como fingida!...

— Custa-me a crer, Sra. D. Juliana; assevero-lhe que deu-me provas de um amor desesperado!... foi ela a primeira que... que... em bom português, que me namorou!

— Ora!... o seu costume!... o que há nisso de admirar?

— Escreveu-me...

— Como tem escrito a mais de dez ou vinte...

— Jurou-me...

A velha soltou uma gargalhada.

— A senhora ri-se!

— Que quer que lhe faça?... pois quando ela a mim mesmo me diz, que não ama, que não gosta do Sr. comendador... olhe, meu amigo, tem tido questões com minha neta a seu respeito, que uma cousa é ver e outra é dizer!

— Então a Sra. D. Laura...

— Coitada, simpatizou com V. S.

O sensível Sancho deixou escapar um suspiro.

— Já estiveram mal por sua causa umas poucas de semanas...

— Pois foi por minha causa, Sra. D. Juliana!... será possível?!

— Ah! Sr. comendador, V. S. não sabe o que vai pelo mundo: creia que muita gente se ocupa da sua pessoa, e o lastima pela desgraça, que lhe vai acontecer; pode ser que viva bem, mas eu duvido.

— Minha senhora, agradeço-lhe de todo o coração o vivo interesse que mostra tomar por mim; no meio porém de tudo isto, e apesar de quanto me disse, o que mais me custa a crer é que eu tenha sido tão indignamente enganado pela mulher, que já me deveria olhar como seu noivo.

— Custa-lhe a crer?! pois deixe estar, que talvez nesta mesma noite eu lhe dê uma prova irrecusável do que lhe tenho dito.

— Uma prova irrecusável, Sra. D. Juliana?...

— Sim, senhor, eu nunca abri a bôca, que mentisse, e conto podê-lo mostrar ainda hoje. Não estejamos porém conversando a sós tanto tempo que podem desconfiar da muita amizade, que eu lhe tenho: Sr. comendador, vá conversar um pouco com minha neta, ou com algum amigo... e... até logo.

Sancho levantou-se e deixou a mestra Juliana.

Faustino estivera ocupado em atacar o coração de Irene, em desacreditar na opinião dela o Juca seguindo pouco mais ou menos o mesmo sistema, que empregara a avó de Laura dirigindo-se ao comendador; mas, preciso é dizê-lo, o publicista fôra menos feliz em seus ataques, do que a velha Juliana; a viúva Irene não podendo resistir à evidência revoltava-se a cada momento contra o repreensível proceder do seu noivo, acusava-o de traições e perjúrios a cada passo; porém no fim de tudo, quando chegava à conclusão, a boa da velha declarava, que ninguém era capaz de lhe tirar da cabeça que o Juca morria de amôres por ela.

Eram dez horas da noite. Serviu-se o chá; o comendador Sancho contentou-se com estalar duas ou três balas com D. Laura, olhando de vez em quando para Rosa, como desejoso de lhe causar ciúmes; mas a inconcebível noiva estava sempre distraída ou olhando para alguma outra pessoa.

Anastácio tinha-se preparado para deixar essa noite marcada nos anais de suas façanhas: descobriu o Juca preso enfim nas garras da velha Irene, e suando sem dúvida suores frios, porque a viúva tinha os olhos afogueados e falava com o ardor e a veemência de um deputado, que namora uma pasta de ministro. Anastácio riu-se com ar triunfante, e chamando um criado que trazia uma bandeja de doces, onde haviam balas de estalo, tirou *sorratamente* uma bala do bolso do seu colête, colocou-a entre as outras, e foi ter com os

dois singulares noivos. Chegou junto d'êles no momento em que Irene furiosa dizia ao estudante:

— Positivamente não quero que o senhor cante mais duetos, nem faça versos, nem seja enfermeiro de ninguém neste mundo!...

— Ciúmes no caso!..., exclamou o velho roceiro; ora minha senhora, isto na sua idade já não é cousa que se possa desculpar! deixe o pobre rapaz...

— O Sr. quer ter a bondade de se não intrometer com a minha pessoa? disse Irene.

— Essa é boa! pois assim é que me trata, quando eu vinha repreender o Juca por não havê-la cercado esta noite com as atenções que um noivo deve à sua noiva?... chama-se isto pagar o bem com o mal.

— Digo-lhe que não preciso dos seus favores.

— Nada: não a quero ver assim tão arrufada comigo. Oh, rapaz! vem cá, disse Anastácio chamando o criado da bandeja, que êle já conhecia.

E depois voltando-se para o Juca continuou:

— Anda, meu Juca, toma esta bala, estala-a com a Sra. D. Irene.

E deu-lhe a bala, que lhe tinha pôsto na bandeja: o estudante não teve outro remédio, senão aceitá-la, e oferecê-la à viúva.

Irene era como o comendador perdida por estalar balas; decorava os versos que lhe saíam, e às vêzes os repetia de cor ainda daí a alguns meses; fêz pois um momo, olhou com ternura para o Juca, estendeu o braço, e pegou na bala.

— Atenção, meus senhores, gritou Anastácio: a Sra. D. Irene vai estalar uma bala; atenção!

Irene fechou os olhos, a bala estalou; ela deu um grito para fingir que tinha tido medo; o estudante procurou o verso.

— Uma quadra em manuscrito! exclamou êle.

— Eu quero ler! disse o velho roceiro.

O Juca entregou-lhe o papel: Anastácio pôs os óculos, tossiu, concertou a garganta, e leu:

"Mulher de mais de cinqüenta

"E' doida, se quer casar;

"Se lhe falta em que se ocupe

"Crie pintos, vá rezar.

Foi impossível aos ouvintes suster o riso: Irene levantou-se cheia de furor, e dirigindo-se a Rosa declarou-lhe que nunca mais voltaria à sua casa, enquanto nela estivesse um homem tão incivil e intratável, como seu tio; apesar de tôdas as satisfações dadas muito formalmente por Maurício e sua filha, a viúva exigiu que lhe dessem o

seu chapéu e aceitando o braço de Faustino, que estava dentro de si pulando de alegria, retirou-se, despeitada, e quase delirante.

— Mano, isto também é demais!... disse Maurício dirigindo-se ao velho roceiro.

— Quê, demais! pois então eu teho a culpa de que houvesse uma bala com um verso, que veio cair a talho de foice sôbre aquela velha presumida?...

— Ora... mas se o verso está em manuscrito!... olhe, aqui está a sua letra... você foi apanhado agora em flagrante delito...

Anastácio pôs-se a rir, e voltando-se para Sancho que estava de novo conversando com a velha Juliana, disse-lhe:

— Eia, meu comendador!... uma balinha de estalo!... deixe-lhe escolher...

Sancho levantou-se enfezado; parecia preparar-se para descarregar sôbre o seu constante perseguidor uma longa catilinária, mas abriu a bôca e exclamou apenas:

— Ora... vá para a roça!

E voltando as costas dirigiu-se para uma das janelas a tomar fresco.

Rosa, que tinha saído da sala acompanhando Irene, apareceu outra vez: a velha Juliana fixou um olhar satânico sôbre ela.

— Que calor que faz! disse erguendo-se e dirigindo-se para a filha de Maurício: passeemos um pouco, D. Rosinha.

— Com todo o prazer, D. Juliana.

— Já viu o que foi fazer aquêlê judeu de seu tio?...

— Eu o senti profundamente; meu tio não perde ocasião de zombar daqueles que lhe parecem fazer na sociedade um papel ridiculo e impróprio da sua idade; mas sou a primeira a confessar que leva muito longe as suas zombarias.

Tinham as duas chegado junto da janela, onde estava o comendador, que espremendo-se entre a parede e a grade, ficou escutando oculto no canto da janela: a velha Juliana voltou as costas para a rua e parou.

— Corre aqui um fresquinho agradável! disse.

— Mas observe que começa a choviscar; talvez o ar úmido lhe faça mal...

— Não, não; mas tornando à nossa conversa: quer saber o que seu tio pretendeu ainda fazer?

— Sim... o que foi?...

— Quis dar também uma bala ao comendador.

— É êle? perguntou Rosa rindo-se.

— Rejeitou-a, e deu-lhe uma má resposta.

— Coitado!

— Está visto que a senhora não havia de consentir que com êle zombasse da mesma maneira.

— Não desejo que se zombe de ninguém em nossa casa, isso é verdade.

— Mas quando se trata do comendador... o caso muda muito de figura... o seu noivo...

— D. Juliana, já lhe confessei tudo a semelhante respeito: dei imprudentemente a minha palavra ao comendador... está dada; mas eu não o amo, nem poderei amá-lo nunca.

— Ande lá; como já tem a certeza da sua felicidade, e do triunfo do seu amor...

— Menos isso! ria-se de mim à sua vontade; não misture porém a palavra amor no meio desta miséria...

— Pois deveras, não o ama?...

— Amá-lo-!!! um velho ridículo e pedante! um pobre homem que faz rir a todos.

O comendador Sancho arrependeu-se mil vèzes de ter condescendido com a velha Juliana até o ponto de esconder-se para ouvir o que d'ele pensava Rosa: sôbre os tormentos por que estava passando, acrescia ainda que começara a chuveirar, que elle já se sentia molhado, enfluxado, e com uma vontade de espirrar desesperada.

— D. Rosa, não diga semelhante cousa! exclamou a velha Juliana.

— Disse a verdade, tornou aquela, e pode crer que olho para o tal noivo com verdadeiro desprezo!

O comendador não pôde mais conter-se, e principiou a espirrar. Juliana voltou-se fingindo-se surpresa, e exclamou:

— E' muito mau costume pôr-se a escutar o que os outros conversam em segredo.

Rosa que havia já compreendido tudo, sorriu-se e disse:

— D. Juliana, eu lhe rogo que fique dizendo *dominus tecum* ao Sr. comendador Sancho.

E voltando as costas foi sentar-se ao piano, e daí a pouco disse:

— Senhores! uma quadrilha! as senhoras ainda não dançaram esta noite.

Laura estava sentada então ao pé do Juca, e receosa de se ver obrigada a dançar com o comendador, voltou-se para elle e perguntou:

— O senhor dança hoje?...

— Por que não, minha senhora?...

— Como D. Rosinha vai tocar...

— Mas V. Ex. provavelmente dançará.

O que Juca tinha dito não era em verdade um pedido formal; Laura porém julgou dever entendê-lo como muito positivo, e respondeu:

— Sim, senhor, estou pronta.

Não havia aí nada mais que dizer: o estudante conheceu que ia bem depressa achar-se em novas dificuldades; mas que remédio!...

Os pares levantaram-se e procuraram os seus lugares. Quando Rosa viu que o Juca trazia pela mão a sua antiga rival, sentiu que de novo se abria em seu coração a ferida que começara a cicatrizar-se ainda há tão pouco tempo e quase que se arrepende do que tinha dito à velha Juliana junto da janela: no entretanto tocou; mas sua cabeça se voltava a cada momento para observar a quadrilha e seus ouvidos atentos procuraram não perder uma só palavra da conversação que se travava entre o Juca e Laura; apesar disso apenas pôde apanhar algumas frases destacadas da sua rival, e bem pouco, ou quase nada do que disse o estudante, que talvez de propósito falou sempre muito baixo.

— O senhor tem sido muito mau para mim... tinha dito Laura.

A resposta do Juca não foi ouvida.

— Pelo menos no meu coração não tem havido lugar para mais ninguém, tornara ela.

Era uma indireta lançada contra Rosa.

— Sempre reconheci as suas virtudes, dissera o estudante.

Essa resposta podia ser tanto ingênua, como irônica; a filha de Maurício tomou-a no pior sentido para si mesma.

Laura fez ainda uma outra pergunta, da qual apenas foi percebida a última palavra: "*o passado*".

O Juca respondeu logo; mas também só se lhe apanhou a derradeira frase: "*o futuro*".

— Eis-me entre o passado e o futuro! disse consigo Rosa despeitada; fique mesmo no presente, isto é, em cousa nenhuma.

— Eu ainda espero que o senhor me faça plena justiça, tornou a neta de Juliana.

A resposta do estudante ficou inteira no ouvido de Laura, pôsto que Rosa tivesse reduzido toda a música a um pianíssimo que desesperava os que dançavam.

A quadrilha ia tocando o seu termo.

— Ao menos prometa que nos renovará as suas visitas... fugiu de nossa casa de uma maneira inexplicável...

O Juca pareceu dizer que sim.

Rosa levantou-se do piano inflamada de novos zelos, e viu que Laura era amavelmente conduzida à sua cadeira pelo seu cavalheiro, e que respondia aos últimos agradecimentos com um sorriso encantador, e com olhares repletos de amor.

A reunião só se desfez às duas horas da manhã, prolongando-se pois além de costume: o comendador Sancho constipado e triste empregou as últimas horas em dirigir os seus cumprimentos à neta de Juliana, consolando-se de sua desgraça com ver sensivelmente contrariada a sua bárbara noiva. Ignorando a causa da agitação em que ela se achava, e que já debalde pretendia esconder, o modesto Sancho atribuía a ciúmes que lhe estivesse causando.

A velha Juliana dava-se os parabéns da boa direção que ia tendo o *negócio* de sua neta; e o Juca alegre com a saída precipitada, e com o desespero de Irene, e certo do amor de Rosa, achava nos zelos, que nos lindos olhos lhe estava lendo, ainda uma prova evidente de que era feliz.

O velho Anastácio tinha-se recolhido à meia-noite.

Enfim chegou a hora da retirada; Rosa e Laura aproximaram-se de novo, abraçaram-se e beijaram-se como as melhores amigas d'êste mundo.

— Ora bem, Rosa, disse Laura, com um sorriso angélico nos lábios, estão pois feitas as pazes!...

Rosa não pôde resistir a um ímpeto no coração; chegou seus lábios ao ouvido da rival; e respondeu:

— Não, Laura; sejamos francas: está de novo travada a guerra!...

### XXXIII

#### Depois dos três dias

Passaram finalmente os três dias que o Juca se vira forçado a ficar ainda em casa de Mauricio obedecendo à sentença proferida pela mais interessante dos juizes. O estudante não quis mais atender aos pedidos de Anastácio nem aos do irmão d'êste; despediu-se dos seus hóspedes, que não sabiam mais como agradecer-lhe os desvelos, e cuidados, que êle empregara no tratamento do velho roceiro; despediu-se de Rosa que lhe tinha parecido muito fria e melancólica nesses últimos três dias, e que lhe disse apenas um — *adeus, Sr. Juca, estimarei que seja feliz* — muito desenxabido, e saiu daquela casa abençoada, onde êle estimaria ficar morando tôda a sua vida, mas donde o afastava o respeito e as considerações devidas ao — senhor mundo — que é o culpado de uma grande parte dos sacrificios humanos.

O Juca não se dirigiu mais para a casa da velha Basília. Tinha perdido a antiga amizade, que consagrava a Faustino; não o considerava mais como um rapaz apenas extravagante; começava a julgá-lo com muito mais severidade, e por isso não quis continuar a viver com êle: desde muitos dias que já havia tomado as suas medidas sobre êste ponto, e arranjado um quarto em casa de estudantes. Endireitou portanto para a rua, onde ela deveria existir, e foi procurando pelo número que tomara com antecipação.

Chegou assim enfim diante de uma grande casa de dois andares e sótão, e exclamou:

— E' aqui!

A tal casa podia muito bem trazer a memória de qualquer torre

de Babel ou a antiga Babilônia; em baixo havia na frente, além do corredor dos sobrados, uma loja de vigésimos, quartos e oitavos de bilhetes de loteria, e nos fundos moravam quatro ou seis mascates italianos; no primeiro andar a sala da frente servia de escritório a um procurador de causas, que poucos meses antes ainda era caixeiro de taberna, sendo ocupado o resto dêsse andar por três costureiras, uma viúva, uma casada e a outra solteira, que levavam a cantar desde a manhã até a noite; no segundo andar moravam os estudantes em número de seis, fora o Juca que ali foi completar o número dos pecados mortais; e enfim o sótão era habitado por dois rapazes, um dos quais aprendia a tocar rabeça, e outro que já tocava a clarineta.

O Juca foi recebido com uma triplice bateria de bravos, vivas e palmas pelos seis estudantes, que por acaso se achavam reunidos em casa; e ao mesmo tempo cantavam as costureiras, e tocavam os dois rapazes do sótão rabeça e trompa, de modo que havia uma verdadeira *bulha infernal*.

— Excelente!... exclamou o Juca; vocês aqui devem passar uma vida de fidalgos! também para se estudar em sossêgo não se achava em todo o Rio de Janeiro outra casa igual a esta!

— E' um céu aberto! respondeu um dos seis; temos em baixo a califórnia na loja de vigésimos, a aliândega nos fundos da casa dos mascates, um pouco mais acima o tribunal da justiça no escritório do procurador, aqui está o templo de Minerva, que tem por baixo um teatro italiano, e por cima uma academia de música!...

Os estudantes continuaram a gracejar, a brincar e a rir-se por muito tempo; mas enfim foram chegando as horas, em que cada um delles tinha que fazer, e o Juca acabou por se achar só.

O isolamento convidava de ordinário à reflexão, e o Juca sempre que refletia ficava triste: vivo, desinquieta e extravagante, aquêle mancebo tinha no entretanto o melhor dos corações; entregue a si mesmo aos 18 anos de idade, longe de seu pai, abandonado ao seu caráter, o Juca olvidara seus deveres escolásticos, aprendera música em vez de botânica, dança em lugar da física, o florete fôra preferido à química, e assim por diante; graças a seu talento, conseguira apesar disso vencer alguns anos da escola de medicina; mas por último se abandonara à mais decidida vadição. Em suas horas de reflexão êle recordava tudo isso, e tinha remorsos; lembrava-se mil vezes de seu pai, e mil vezes chorava no silêncio da noite. Era o que então ainda uma vez lhe acontecia.

Estirado sôbre uma esteira, e com os olhos no teto, estava pois o Juca pensando no seu estado. Recebera depois da sua chegada da Bahia uma carta de seu bom pai: o velho o repreendia fortemente em tôda ela; mas acabava perdoando-lhe, e ordenando-lhe que se emendasse e que estudasse, sob pena de lhe ser suspensa a mesada; depois dessa carta nenhuma outra chegou às mãos do Juca, e to-

davia era tempo de haverem chegado não só uma, como muitas. O seu correspondente se queixava, e isso começava a inquietar o Juca, que apesar da solene proibição que recebera de seu pai, e dos conselhos que lhe dava o correspondente, já projetava fazer uma viagem à roça, fôsse como fôsse.

No meio destas tristes reflexões aparecia-lhe a imagem de Rosa, bela e melancólica: o estudante acusava-se dos tormentos que fizera sofrer a essa angélica criatura, amava-a cada vez mais; amava-a perdidamente; descobrira um não sei quê de favorável ao seu amor na fisionomia do pai e do tio de Rosa; sabia que era por ela amado; mas não podia conceber qual o fim que podia ter o seu amor. O estudante, vivendo apenas da mesada que lhe dava seu pai, sem futuro ainda, queria apesar de tudo Mauricio dar-lhe sua filha por esposa?...

Laura também lhe vinha à lembrança, porém como um sonho do passado, que se misturava com outros sonhos da mesma natureza; Irene lhe recordava a célebre Bonifácia, e por um momento tornava um pouco risinho seu semblante melancólico e sentido. A promessa de casamento feita à viúva não incomodava muito ao estudante: nesse ponto êle confiava tudo da sua fortuna que, em questões dessa natureza, ainda não o havia uma só vez abandonado.

Todo entregue a êste tropel de idéias estêve por muito tempo meditando o Juca, até que um sono amigo veio fazer-lhe esquecer os pesares da vigília, e obrigá-lo a sorrir docemente aos sonhos deleitosos que o vinham felicitar em seu dormir.

No entretanto outros também refletiam, e muito na marcha que iam tendo os acontecimentos, e na posição duvidosa em que se achavam.

O comendador Sancho recebera na última noite de partida em casa de Mauricio um golpe profundo nas suas esperanças de casamento com Rosa: positivamente êle não era amado. A sua noiva, para cumprir a palavra que dera, estava pronta a sacrificat-se; mas em resultado era sempre um sacrifício: deveria porventura aceitá-lo?... A tal qual generosidade de Sancho estava em luta aberta com o mau estado de suas finanças: o dote de Rosa podia salvá-lo. E' verdade que, segundo lhe afirmava a velha Juliana, Laura não lhe era indiferente, e o seu casamento com ela principiava a lhe parecer bem fácil; mas a neta de Juliana não era tão rica como a filha de Mauricio, e isso significava então muito para o comendador. Ainda ao seu espírito aparecia a viúva Irene com suas quatrocentas apólices, e o mísero Sancho sentia-se dobrar ao peso de uma tal consideração: era por isso que, no curto espaço de três dias, o comendador fizera três visitas à velha Irene, e pelo sim pelo não, outras tantas a Juliana.

Irene começava também a desconfiar do resultado de seus amôres

com o Juca. Teimava ainda que era louca e apaixonadamente amada, e que Anastácio, seu inimigo jurado, procurava intrigá-la com o estudante; mas por segurança já recebia menos duramente os cumprimentos de Faustino, e o tratava até com alguma meiguice; e por último acabou por dizer ao próprio comendador que tinha sido sempre muito sua amiga, e que êle podia estar certo de que lhe pertencia um cantinho do seu coração.

Na casa da velha Juliana nova discussão se travara entre a avó e a neta: a velha reprendera sèriamente a moça pelo seu comportamento em casa de Maurício.

— Tu te voltaste tôda para o estudante clamara ela, e esqueste em um canto o nosso nobre comendador.

— Mas minha avó, com que idéias saímos nós de casa!... tratava-se de prender um dos dois, pouco importava qual, dizia vossa mercê...

— Não há tal, eu sempre votei pelo nosso nobre comendador.

— E eu... disse Laura, completando o seu pensamento, como na verdade prefiro o moço ao velho...

— Tôla!...

— Procurei fazer pazes com o Sr. Juca, enquanto vossa mercê se ocupava de me recomendar ao outro.

— Pois, sim senhora, com a minha experiência fiz o que tu não pudeste fazer com os tens bonitos olhos.

— Ora... o que foi que vossa mercê fêz?...

— Pus o comendador de cadeias às avessas com a Rosinha.

— E eu fiz as pazes com o Sr. Juca.

— Que tôla!... que pateta!... depois daquele dueto não há mais nada a esperar do Juca, rapariga.

Laura deixou cair tristemente a cabeça, como quem se via obrigada a ceder à evidência dos fatos, e a velha Juliana aproveitando o ensejo foi repetindo tudo quanto fizera, e o muito que esperava fazer ainda.

No meio porém dessas disposições, no meio desse drama, em que a velha Juliana egoísta e surda à voz da moral, fazia entrar sua neta, uma cousa é preciso reconhecer; se ouvindo falar em brilhantes, em sêdas, bailes, carruagem e luxo, o rosto de Laura parecia acender-se, e ela se mostrava por um instante dócil aos loucos conselhos de sua avó, logo depois o coração da moça generosa e nobre se revoltava contra tudo isso, e a imagem do comendador ficava de lado.

Enfim enquanto dormia o Juca, meditava também a sua formosa amante.

— Como é abominável êste mundo!... dizia ela consigo: cadeias de enganos... teatro de ilusões... falar de mentiras... baile mascarado interminável... eis tudo!... eu não quero viver mais em um mundo como êste.

Quando uma moça solteira se põe a filosofar, ninguém pergunte o que se passa em seu coração; e diga, sem medo de errar, que há dentro d'êla amor contrariado.

Com effeito, Rosa profundamente se ressentira do último episódio daquela noite, que tão docemente correrá até o meio para eia; depois de ter cantado um tão terno e apaixonado dueto com o Juca, depois de haver chorado diante d'êle, quando lhe deixava ouvir cantando a confissão e a certeza do seu amor; depois de haver cantado êsse dueto com os olhos em fogo, ou com a alma ardendo nos olhos, e ainda mais olhando para êle, e ainda mais devorando o olhar que encontrava fito no seu, ir êsse mesmo homem procurar para dançar a sua antiga apaixonada... falar-lhe... ouvi-la, e falarem ambos *quase em segredo*, e se dizerem tantas cousas ali ao pé dela!... eis o que a filha de Maurício não tinha podido esquecer em três dias, eis o que ela não se sentia com forças de perdoar ao seu amante.

Enquanto o Juca se demorou em sua casa, Rosa estêve sempre triste, e quase que desejou ver passar de relance êsses três dias que lhe haviam sido concedidos; mas, quando se foi aproximando a hora da retirada, o coração da pobre moça começou também a apertar-se, e ao escutar o adeus do estudante a sua primeira idéia foi que êle a deixava, que êle saia do seu lado para correr à casa da velha Juliana.

Quando se ama e se teme, a imaginação é um algoz: tormentos dolorosos torturavam a infeliz Rosa, que adivinhava traições que o Juca estava bem longe de cometer, e supunha até prever um desprêzo, para o qual já não tinha forças a alma do estudante, ainda mesmo que êle pensasse em tal.

Rosa trabalhou debalde todo o dia por arrancar-se a suas tristes reflexões. A imaginação a retinha presa em suas garras de fogo, e não a deixava um momento: vagando de temor em temor, de absurdo em absurdo, a pobre moça pensou em tanta coisa, criou por si mesma tantas causas de aflicção, que chegou finalmente a ter medo.

Aproximava-se a noite: Rosa passou a mão pela testa, e sentiu que a fronte lhe ardia; *chegou-se ao espelho e viu seus olhos em fogo*:

— Oh!... eu tenho febre!... exclamou: eu tenho febre! eu sou capaz de endoidecer!...

E medrosa, como uma criança, deixou o seu quarto e desceu a escada precipitadamente para ver se serenava junto de seu pai ou de seu tio.

Maurício e Anastácio estavam com effeito na sala e havia muito tempo que conversavam exatamente sôbre aquilo mesmo que causava os tormentos de Rosa.

— Convenhamos no entretanto, meu irmão, tinha dito Maurício

depois de longa hora de conversação, sim, convenhamos sempre, que o seu protegido é um famoso extravagante.

— Mauricio, respondeu Anastácio, não me fales de flor que não cheira, de menino que não traquina, de velho que não ralha, nem de estudante que não quebre a cabeça!

— Mano, isso já passa de predileção!

— *Pode ser que o rapaz me enfeiticasse... confesso... confesso, que gosto dêle; mas também se me engano com aquela cara, declaro que dou baixa de fisionomia.*

— Pois sim, meu irmão, devemos alegrar-nos, porque neste ponto somos ambos do mesmo parecer.

— E, o que não é pouco, do parecer de Rosa também.

— Lá nessas indagações apenas agora começo a querer entrar; você tem tomado esse negócio à sua conta, e feito o diabo a quatro... quanto a mim contentei-me com informar-me miudamente a respeito da família do tal estudante.

— E então?... tive razão ou menti?...

— *Não senhor; é tudo como me disse; é filho de gente honrada; o pai, que ainda vive, e que o ama com o ardor com que se idolatra um filho único, é um velho lavrador um pouco rude, um pouco original, mas da tempera daqueles nossos antigos, que se chamavam pés-de-hoi; finalmente dispõe de grande fortuna, e que para mim não significando uma grande e importante descoberta, nem por isso deixa de ser uma consideração de mais a favor do rapaz.*

— E por consequência?... perguntou Anastácio.

Nesse momento ouviram os dois os passos precipitados de Rosa que se aproximava.

— Silêncio! disse Mauricio; é Rosa que chega.

— Qual silêncio, nem meio silêncio, respondeu o velho rocciro; agora é que eu quero falar.

Rosa entrou na sala e correu a lançar-se nos braços de seu bom pai:

— Minha filha! exclamou este.

— Ah! meu pai, tenho atrozes dores de cabeça!... estou a ponto de enlouquecer...

— Sim?... disse Anastácio; pois eu vou te dar um específico, que te há de pôr boa imediatamente.

— Meu irmão, poupe-a; olhe como ela tem os olhos vermelhos...

— Mas se eu quero curar-lhe os olhos!

— Minha filha, tu estás com febre!

— Eu curo-lhe a febre; deixa o negócio por minha conta, Mauricio.

— Mano, pelo amor de Deus não teime! eu vou mandar chamar o médico, minha filha...

— Alto lá! o médico serei eu; juro-te que vou curar a pequena; pois se eu possuo o específico!...

— Não tenho necessidade de médico, meu pai, disse Rosa *sentando-se*; o que eu preciso é de *sossêgo*; no entretanto deixe meu tio dizer o que pretende.

Maurício sentou-se ao pé de sua filha.

— Rosa, disse então Anastácio; falávamos de ti quando entraste.

— Bem; e o que diziam vossa mercê e meu pai!...

— Uma coisa, que te deve ser bem agradável: *convinhámos* ambos, em que era chegado o tempo de te casarmos.

— *Casar-me?! meu pai, eu não me quero casar.*

— Esta agora é melhor!... exclamou o tio.

— Rosa, disse Maurício, olha que não se trata daquele impertuno e ridículo comendador.

— E' o mesmo, meu pai; positivamente declaro que me não quero casar.

— Rapariga, bradou-lhe o velho roceiro; vê, que o negócio *entende-se* com o nosso *espalha-brasas!*

— Meu pai, disse Rosa *erguendo-se*, tomei hoje, uma solene e decidida resolução.

— Fala, minha filha; podes contar com tôda a minha ternura.

— Vamos a ver o que *sai dali!*... *murmurou já meio enfestado* Anastácio.

— *Senhor, tornou Rosa dirigindo-se a Maurício*, peço-lhe licença para entrar para o convento de Santa Teresa.

O pobre pai ficou estupefato.

— Agora sim, exclamou o velho roceiro, *inflamando-se*; mande quanto antes chamar o médico, porque minha sobrinha está atacada de alienação mental!...

### XXXIV

#### Um homem honrado

Em uma das ruas mais desertas da cidade do Rio de Janeiro há uma casa pequena e apenas sobremontada de um sótão, que conservando-se sempre muito limpa e caiada tinha em si um não sei quê de simpático e atrativo: era ela habitada por um homem de 50 e tantos anos, e por dois lindos meninos, que faziam as delícias daquele.

Em um dos dias que se seguiram à última noite de partida do voltarete na casa de Maurício, estava êsse homem sentado em um sofá de muito simples trabalho na sala de seu sótão, ora lendo mudamente artigos destacados em um volume da *Minerva*, que tinha en-

tre as mãos, ora observando os dois meninos, que sentados a curta distância estudavam lendo alto, em livro de moral.

A sala em que se passava esta cena era breve, pobre, porém muito decente: tinham-na forrado de papel ordinário, sim, mas de muito bom gosto, e o seu teto alvejava, sem que a mais pequena mancha nêlle apparecesse; a mesa, os aparadores, o sofá e as cadeiras, tudo demonstrava que o dono dessa casa tinha bem pouco de seu, porém que era um desses homens minuciosos e impertinentes, que se revoltam quando se afasta o menor objeto de seu lugar, quando se arranha o pé de um consôlo, ou se deixa rolar um pedaço de papel pelo chão: uma dessas criaturas que julgam o desleixo um vício enorme, e o extremo asseio uma verdadeira necessidade para sua vida.

O homem que estava lendo e que mostrava, como fica dito, contar já mais de 50 anos, era alto, magro, e bem feito; começava-lhe a alvejar o cabelo, tinha a fronte elevada, os olhos negros, o rosto oval, e o nariz aquilino; não usava suíças, mas apresentava a sua barba sempre feita com todo o esmero; estava vestido de calças de brim branco, tinha ao pescoço um lenço da mesma côr, trazia um rodaque de riscadinho fino ahotoado até acima, e calçava enfim sapatos de tapête.

Das duas crianças, uma era um menino moreno pálido, de semblante melancólico, e que poderia ter quando muito 12 anos de idade; a outra era uma menina loira, esperta, bonita e um pouco desinquieta, um ano talvez mais moça que o primeiro. Ambos êsses meninos estavam vestidos completamente de branco.

O homem que lia o livro e observava as crianças chamava-se Daniel: era o irmão do usurário André.

Daniel tinha sido empregado público desde a idade de 20 anos, e depois de trinta de serviços embirroou um dia em querer a sua aposentadoria, e enfim a conseguiu, deixando na repartição a que pertencia um nome sem mancha: honrado até o extremo, de caráter independente, bom, mas irascível, Daniel vivia retirado ocupando-se da educação daqueles dois meninos, que nem seus filhos eram: não tendo nunca querido casar-se, fôra obrigado pelas leis da amizade a adotar as duas crianças, e achava-se pai sem ter filhos. Ele fôra amigo devotado de um primo seu, irmão da viúva Irene, o qual tendo a desgraça de morrer de repente e sem fazer testamento deixou em completo abandono êsses dois inocentes frutos de um amor ilegítimo; tôda a sua fortuna passou para as mãos de Irene, então ainda casada, e os pobres meninos ficariam reduzidos à última miséria, se o amigo do finado, mais humano que a própria irmã dêle, não os trouxesse para sua companhia, e não tivesse passado para êles tôda a amizade que tributara ao pai.

O tempo foi correndo, e Daniel pouco a pouco sentindo nascer-

-lhe no coração um sentimento novo para elle: era um arremêdo de amor paternal, que acabou por prendê-lo de tal modo e com tal força às duas crianças, que já lhe seria impossível viver sem elas.

Em seus dias de reflexão, quando se punha a meditar no futuro de seus dois filhos adotivos, Daniel se entristecia lembrando-se de que, pobre como era, não poderia deixar nada àqueles dois inocentes; mas ao mesmo tempo consolava-se com a idéia de que Irene, não tendo filhos, nem sendo de presumir que outra vez se casasse, não tinha outras pessoas a quem legar sua enorme fortuna, senão a seus sobrinhos naturais.

No entretanto Daniel era orgulhoso; e, ressentido de que a sua prima nunca lhe pedisse os sobrinhos para ver, nunca também lhos tinha querido apresentar.

E' certo que a natureza lhe havia dado um irmão, a quem a fortuna de mãos dadas com a vileza se esmeravam em enriquecer prodigiosamente, desse irmão, porém, Daniel não queria ouvir falar; detestava suas riquezas, que de tantas e de tão amargosas lágrimas eram causa; e continuava a viver isolado com os dois meninos no seu retiro, confiando na Providência, e esperando tudo só de Deus.

Todavia em atenção a essas crianças, e movido de piedade por sua prima, consentia em tomar a seu cargo o cuidado e o exame das contas, que todos os anos dava André do estado da fortuna de Irene. Daniel tremia de vergonha, vendo-se obrigado a reconhecer, que a não ser elle, seu irmão já teria roubado sua prima.

Por último vieram ainda as noticias do projetado casamento de Irene tornar dobradamente duvidosas as esperanças, que Daniel havia concebido a favor dos dois meninos.

Eminentemente colérico Daniel ao receber a nova de semelhante loucura, rompeu em invectivas e sarcasmos contra sua prima:

— Sobre ser extravagante e ridícula, exclamou elle, é ainda má, irreligiosa, e perversa!... não se lembra de que metade de sua fortuna devia pertencer e aos olhos de Deus pertence, a dois inocentes!... ela os despojou outrora, ela os rouba ainda hoje!... não! eu não verei mais nunca uma tal mulher: se a tornasse a ver, seria para lançar-lhe em rosto seu nefando crime!... deveriam pô-la na cadeia para castigá-la do passado, e agora cumpria que a fechassem na casa dos Orates para impedi-la de fazer parvoíces no presente!...

Após a cólera, no fim de algumas horas, a reflexão que se foi prolongando por todos os dias que se seguiram, e imprimindo no semblante austero de Daniel o cunho de uma acerba melancolia.

Era ainda sob a impressão dessa forte contrariedade, que elle se apresentava no dia em que o encontramos lendo, e ao mesmo tempo observando os dois meninos que também lia.

— Olha, Clotilde, disse êle à menina, que deitava olhos cheios de curiosidade para a janela, ao tempo que passava pela rua um carcamano a tocar realejo, tu não estás atenta à lição!...

— Mas se eu já sei, papai!

— Ah! já sabes?... tu dizes que já sabes?... pois vamos ver.

Clotilde correu para junto de Daniel e disse tôda sua lição, apontando para os nomes que lia com o seu formoso dedinho; quando chegou ao fim levantou os olhos para o mestre à espera de lhe ouvir um elogio ou uma admoestação.

— Está bem... está bem... dois erros sômente, amanhã será preciso não errar vez nenhuma, ouves Clotilde?

— Sim, papai, mas agora posso ir ver a minha boneca.

— Ainda não: ontem Américo foi mais pronto do que tu, e no entanto ali se deixou ficar estudando, até que *soubesses* também a lição. Queres que Américo seja melhor do que tu?...

A menina, fêz um momo que obrigou a sorrir a seu pai adotivo, e já ia voltando para o seu lugar, quando Daniel a suspendeu dizendo:

— Espera: tiveste juízo hoje, e quero dar-te um beijo.

Clotilde ergueu-se na pontinha dos pés e apresentou sua nívea fronte ao lábios do ancião; mas apenas recebeu o beijo foi de novo sentar-se a ler, lançando de instante a instante os olhos para seu irmão, como quem lhe pedia que andasse mais depressa.

Mas antes que Américo pudesse levantar-se para dar contas de si, Daniel ergueu-se ouvindo bater, e foi mandar abrir a porta e fazer entrar quem o procurava. Daí a pouco foi introduzido na sala um elegante mancebo: era Faustino.

O filho da velha Basília tinha voltado, como prometera, à casa de André no fim de três dias, mas, à imitação das vêzes passadas, o usurário procurara demorar a sua entrevista com êle, saindo de casa a pretexto de importantes negócios, e deixando-lhe um recado, no qual convidada o publicista a voltar passados outros três dias.

Faustino compreendeu que nada devia esperar do velho André, e apesar de tudo quanto lhe diziam da austeridade de Daniel, resolveu-se a ir procurá-lo e tentá-lo.

— Dizem, que é um homem de bem às direitas, pensou consigo mesmo o publicista; pois bem! é porque não lhe chegou ainda a vez de aviltar-se: a humanidade é tôda assim...

E mudando um dos têrmos de um velho, mentiroso e insolente pensamento, continuou:

— Todo homem se vende; a dúvida está em chegar-se ao preço; enfim não se perde nada em tentar: suponhamos que o tal Sr. Daniel me repele... paciência, será mais um passo perdido; no entanto estou resolvido a oferecer-lhe o dôhro do que ofereci ao irmão.

Foi possuído destas imprudentes idéias, que o publicista se apresentou na casa do homem, que tinha uma reputação de honradez e desinteresse desde longa data estabelecida.

Daniel recebeu a Faustino com tôda a delicadeza, fêz retirar os meninos da sala, e rogou-lhe que lhe dissesse ao que vinha. O filho da velha Basília não pôde deixar de hesitar antes de explicar-se com aquêle homem, de cuja fisionomia transpirava o brio, e a honestidade.

— Creio que tenho a honra de falar ao Ilmo. Sr. Daniel, disse Faustino um pouco trêmulo.

— Sou um criado, e estou à disposição de V. S.

— Pois, meu senhor, um negócio de suma importância me traz aqui, e deixando de parte todos os circumlóquios que se costuma procurar...

— Sim; é melhor ferir logo a questão de face.

— Não sei se a V. S. já chegou a noticia, continuou Faustino esforçando-se, de que um certo estudante projeta casar-se com a sua digna prima, a Sra. D. Irene...

Antes que Faustino tivesse acabado a frase, a fronte de Daniel enrugou-se terrivelmente, seus supercílios encontraram-se e ficaram formando uma só e longa linha negra por cima de seus olhos brilhantes.

— Já o sei, disse Daniel.

— É' essa a questão de que o quero ocupar...

— E por quê?... e como?...

— Êsse casamento não pode convir a V. S. que, como um dos dois únicos parentes da Sra. D. Irene, tinha direito a esperar, que por morte dela, lhe coubesse uma parte da sua fortuna.

— Eu jamais em minha vida calculei com o dinheiro dos outros! exclamou Daniel agitado.

— Espere, ouça-me até o fim, tornou Faustino.

— Fale, acabe.

— Êsse casamento, que em meu entender lhe não deve fazer conta, também a mim eu o declaro francamente, me contraria muito.

— E por quê?... poderia eu sabê-lo?...

— Porque também tinha eu a idéia de casar-me com a senhora sua prima.

Daniel desfechou sôbre o publicista um olhar de solenissimo desprezo.

— Lembrei-me pois de vir fazer-lhe uma proposição que poderá convir a V. S., e que positivamente me convém.

— E qual é ela?... acabemos com isto.

— V. S. goza da maior influência para com sua prima, e seus conselhos são sempre e com tôda razão atendidos: ora eu propunha-lhe que fazendo a Sra. D. Irene abandonar o projeto de casar-se com o estudante, a movesse a atender-me e a aceitar-me por espôso.

— Sim... entendo... e que mais? perguntou Daniel, que já estava vermelho como uma língua de ferro em brasa: que mais? é provável que a sua proposição não pare ai...

— Decerto... decerto, disse Faustino; eu vou concluir imediatamente.

— Pois vamos... estou ansioso.

O publicista começou a nutrir esperanças; animou-se e prosseguiu.

— Supondo, que por morte da senhora sua prima, ficassem V. S. e seu irmão por únicos herdeiros dela, o que lhe caberia em tal caso era a metade dos bens da Sra. D. Irene: ora eu não quero o prejuízo do Sr. Daniel, e comprometo-me a dar-lhe, como indenização cinquenta por cento do dote, que eu receber, se V. S. conseguir o meu casamento com a senhora sua prima.

Os lábios de Daniel pálidos e convulsivos deixavam entrever a cólera, de que ele se achava dominado. Foi-lhe preciso um esforço sobre-humano para conter-se ainda e perguntar:

— Então, se eu lhe arranjar esse casamento, dá-me o senhor cinquenta por cento do dote da noiva?...

— Sim, senhor.

— Mas, meu caro, o senhor sabe que estes negócios são muito sérios, e graves; palavras o vento leva, e hoje em dia...

O publicista sem ler o furor nos olhos do nobre ancião e a cólera transpirando-lhe do rosto, sentiu pular-lhe de contente o coração, julgando triunfante a sua causa, e apressou-se a responder:

— V. S. tem toda a razão, Sr. Daniel; é a primeira vez, que me vê, e não pode adivinhar se sou ou não um homem de bem.

— Oh!... essa é boa!... está se vendo... a cara de V. S. não pode enganar a ninguém!

Faustino ficou um pouco desconfiado do cumprimento, e respondeu meio desconcertado:

— Agradeço a V. S.

— No entretanto, prosseguiu Daniel, todos nós sabemos que neste mundo há morrer e viver, e por consequência qualquer segurança nunca é demais.

— Oh!... certamente!...

— Se pois o senhor... como é mesmo a sua graça?

— Faustino, criado de V. S.

— Se, pois, o Sr. Faustino quisesse ter a complacência de assegurar-me com pena e tinta, o que acaba de prometer-me sob sua palavra...

— Não tenho a menor dúvida,

— Então, se me dá licença, vou buscar o que é necessário para se escrever...

— Pois não, meu caro amigo!...

Daniel levantou-se e saiu da sala.

Faustino aplaudindo-se do bom resultado de sua tentativa, esfregava as mãos e pensava:

— O que dizia eu!... a honra é quimera ou não?... está dito: todos os homens se vendem contanto que lhe cheguem ao preço; eis aqui um homem de bem, comprado por duzentos contos pouco mais ou menos.

— Aqui tem o papel, pena e tinta, que lhe trago, exclamou Daniel entrando na sala.

Faustino voltou o rosto e viu um enorme pau de vassoura erguido sobre ele; levantou-se para fugir; mas foi tarde: o pau de vassoura soava sobre suas costas furiosamente. Daniel parecia um ferreiro a malhar com o martelo na sua bigorna.

O ilustre publicista nem se animou a resistir; correu sempre perseguido por Daniel, que lhe dava pancadas sem piedade; chegando à escada atirou-se de cambalhotas, e foi rolando por ela abaixo levado aos pontapés e às pauladas pelo velho terrível, que só o deixou na porta da rua.

Ansiado de fadiga e de cólera, Daniel subiu de novo a escada, deixando ouvir repetidas vêzes estas únicas palavras:

— Insolente!... patife!... brejeiro!...

O rosto do velho ardia em fogo; suas mãos já mal podiam sustentar a arma, com que havia castigado a Faustino: tão trêmulas estavam! Entrou de novo na sala, e ia atirar-se sobre o sofá quando os dois lindos meninos correram para ele chorando e de braços abertos:

— Papai!... papai!... gritavam ambos.

As lágrimas da inocência desarmaram a cólera do nobre ancião, contemplando aquêles dois anjinhos; o rosto de Daniel se foi pouco a pouco amolecendo; um momento depois, o bom homem abraçou-se com êles, beijou-os com indizível ternura, e exclamou:

— Meu Deus!... perdoai os ímpetos de minha cólera, e felicitai estas duas pobres criancinhas!...

### XXXV

#### O Juca no quarto de Faustino

O infeliz publicista estava desde alguns dias como D. Quixote depois de certas proezas, com o corpo reduzido a uma espécie de salada. O pau de vassoura manejado pela mão forçosa de Daniel o havia pôsto em miserável estado; mas por honra da firma, Faustino, apesar de chegar à casa com o chapéu transformado em rodilha, e a casaca rôta, dissera primeiro que tinha virado e tombado com

um tilburi, o que era muito natural nas ruas da nossa cidade, e logo depois se declarou doente de reumatismo: o certo era, que o pobre rapaz estava com as costas cheias de nódoas, e fôra obrigado a ficar de cama durante alguns dias.

*Em tais circunstâncias o Juca esqueceu todos os motivos de ressentimento que supunha ter, e não desamparou Faustino: vinha vê-lo muitas vezes por dia, consolando-o, animando-o, e prestando-lhe enfim todos os officios de uma boa amizade.*

O publicista foi pouco a pouco melhorando do que êle chamava o seu reumatismo, e uma manhã achou-se mais forte, e mesmo capaz de passear pelo seu quarto independente de apoio algum: *quando chegou o estudante, êle apressou-se a dar-lhe a noticia feliz.*

— Estimo muito, Faustino, disse o Juca.

— E eu ainda mais, tornou aquêlé; porque recebemos ainda hoje uma visita de Mauricio e um convite formal para um banquete e sarau, que pretende dar em sua chácara em festejo do restabelecimento de seu irmão.

— Já sei; e também fui convidado.

— Ora! estava visto! tu nesse dia serás um dos santos da festa, como enfermeiro que fôste do velho roceiro.

O Juca não se havia esquecido da intriga, que o publicista lhe fizera na noite dos anos de Laura. Protestara tomar uma desforra de estudante, mas ainda não tinha apparecido occasião propícia; ouvindo o que lhe acabava de dizer Faustino, lembrou-se de que não podia achar ensejo mais favorável para sua vingança, do que êsse que se lhe preparava na chácara de Mauricio; mudou portanto immediatamente de conversa, disposto a meditar depois em sossêgo no gênero de vingança que deveria tomar.

— Faustino, e se o teu reumatismo se agravar?... se tiveres uma recaída? perguntou sorrindo-se.

— Qual!... isto não volta mais.

— Tens certeza disso?...

— Tenho-a, sim; por que te estás a rir?

— *Publicista, rio-me por uma razão, que te não daria, se te não visse já forte, e capaz de outra.*

— Hein?...

— Agora que te achas muito melhor, podes ouvir uma idéia extravagante, que me passou pela cabeça.

— Dize lá.

— Durante a tua moléstia, sempre que eu queria dizer reumatismo, vinha-me à bôca — *sova de pau!*...

— Ora... que asneira!... balbuciou Faustino.

— Não é tanto asneira assim: um dia que te achei dormindo, quis te endireitar as cobertas, e descobri...

— O quê?... o quê?... homem dos diabos!...

— As tuas pobres costas cobertas de nódoas negras!...

— Fizeste-me uma traição, Juca!... exclamou o publicista.

— Faustino! disse o estudante, levaste uma sova de tirar couro e cabelo!... anda, fala; quem foi que te fez esta obra de misericórdia?...

— Tratemos de outra cousa... não vês que isso pode fazer tornar-me a febre?...

— Qual!... em ti não ha afecção moral capaz disso: anda, conta-me a tua aventura.

— Juca, todos nós estamos expostos ao punhal dos sicários, como também ao dente venenoso da calúnia!...

— Isso lá é verdade, então tu...

— Fui neste caso apenas a vítima de um engano; não houve sicário, nem calúnia; deram-me com um pau depois disseram-me: *queira perdoar, não era para o senhor.*

— Duvido, publicista!

— Palavra de honra, Juca.

— Então não te deves ofender, se eu contar o caso a alguns amigos.

— Pelo amor de Deus, não faças tal; não há nada que ridicularize mais um homem, do que uma sova de pau.

— Está bem; protesto não dizer nada.

— Juras-me, Juca?...

— Sim: guardarei segredo.

Faustino respirou.

— E agora em que te pretendes ocupar, publicista?... esta vida de inação não te pode convir... és um diabo sem officio nem beneficio...

O filho da velha Basília coçou a cabeça e disse:

— Tenho lutado com cem mil dúvidas! já me veio a idéia de atirar-me de novo na política...

— Ora... já naufragaste nos baixios, que há nesse mar... por aí não vais bem.

— Enganas-te, só os tolos é que morrem na política; quem tem juízo sempre ganha com ela mais ou menos. A pátria é uma vaquinha gorda, que por mais que a ordenhem sempre lhe fica leite para dar aos filhos; todavia já te apresentei minhas observações a semelhante respeito; não quero aparecer agora para não causar maior furor aparecendo daqui a tempos. Isto de política é uma grande comédia: as cenas muito longas, e os atores muito vistosos acabam por aborrecer a gente. E' preciso fazer mutações e representarem atores novos.

— Começas a divertir-me!

— Oh! sim: o grande é pouco mais ou menos, como o pequeno teatro. Conforme as exigências da peça as personagens se

abraçam, ou se descompõem na cena; a platéia bate palmas ou assobia, os cômicos recolhem-se aos bastidores, e riem-se do público, que quase sempre é um tolo, e depois vivem às mil maravilhas uns com os outros, intrigando-se apenas às vêzes em honra da fôlha dos ordenados.

— Publicista, és admirável!... tens a mania de encontrar Faustinos por tôda a parte!... pois olha; enganas-te: há muita gente de bem no mundo, e eu aposto que encontraste um homem honesto ainda há pouco tempo.

— Qual?

— Aquêlê que te fêz a obra de misericórdia que te obrigou a ficar de cama tantos dias; porque eu juro que tu não apanhaste por engano: pelo contrário recebeste o prêmio de alguma das tuas falcatruas.

— Ainda teimas?...

— Esqueçamos isso. Ora dize: por que não te resolves a entrar de caixeiro em alguma casa de commercio?

— Essa é boa!... porque nasci para amo.

— Tens razão, Faustino; mas ainda neste caso me admiro de que com tal convicção não tenhas já aberto uma grande casa commercial.

— A razão é simples: desconfio de que não acharei quem me empreste dinheiro.

— Pois é uma injustiça que te fazem; tu havias de ser muito pronto nos pagamentos.

— Isso lá é verdade; deixa porém estar que eu ainda espero vingar-me dêste mundo... olha, se não fosses tu, Juca!...

— Eu?!!!

— Sim, tu tens sido um mau amigo; sabias que todo o meu futuro, a minha glória, os meus triunfos, tudo enfim dependia de um casamento... e por simples desejo de zombar comigo ou de fazer cócegas no coração de alguma das tuas namoradas te levantaste como um muro de bronze entre mim e a velha Irene!...

— Ainda?...

— E sempre! confesso-te que cada vez me sinto mais loucamente apaixonado pela maldita velha! ah, Juca da minha alma, desengana de uma vez aquela bruxa; acaba com essa intriga, deixa-me um/vão, um canto desocupado naquele coração de tartaruga!

— Camarada, faze por ser bom cavaleiro; se te atrapalho, a culpa é tôda tua, pois me tens convencido da conveniência dêsse casamento.

— Então, pensas que eu engulo essa, Juca?... tu basbaque do século, tu papalvo que crês em honras e virtudes, em generosidades,

e não sei que mais, havias de te querer casar com uma mulher velha com cara de macaco?...

— Porém tu...

— Eu? eu sou franco; quero casar-me com o dinheiro dela; amo-lhe as apólices, adoro-lhe o dote, e conservo-me firme nos meus princípios.

O estudante sorriu-se a um pensamento que nesse instante acabava de conceber.

— Faustino, a quanto monta a fortuna da velha Irene?...

— Pois já te não lembras?... olhem que cabeça! se fôsse um sonêto seria capaz de conservar de cor!

— Que queres?... eu sou assim, esqueci-me.

— Abre a gaveta, Juca, e consulta o meu catálogo de noivas.

— Oh! é verdade: recorramos ao teu trabalho de pouca vergonha.

O estudante abriu a gaveta, e depois de procurar durante algum tempo, achou enfim a famosa coleção de noivas.

— Eis aqui disse o Juca; ora pois, vou examinar tudo isso de fio a pavio.

E com uma estudada expressão de curiosidade no semblante começou o malicioso estudante a ler nome por nome e muito descansadamente as notas do publicista sobre as vinte e cinco noivas documentadas.

Faustino cedeu à sua fraqueza no fim de meia hora, e deixou-se adormecer: quando o Juca o percebeu engolfado no sono, dobrou a fôlha de papel, guardou-a no bolso do paletó, e fechou a gaveta fazendo de propósito ruído com ela.

— Acabaste?... perguntou Faustino abrindo os olhos.

— Sim, retiro-me para te deixar descansar.

— E a coleção das noivas?...

— Guardei-as outra vez na gaveta: adeus!

— Juca, lembra-te dô que te pedi!

— O que é?... já não me recordo,

— Desengana a velha bruxa; e deixa ver se eu faço víspora nas quatrocentas apólices!

— Faustino, respondeu-lhe o Juca; toma o meu conselho; corrige-te, abandona o mau caminho que segues, torna-te homem de bem... aliás...

— Aliás o quê, pateta?...

— Corres o risco de teres muitas recaídas do teu reumatismo especial.

## XXXVI

## Uma sombra

Preparava-se com efeito uma bela festa para demonstrar o prazer que Maurício e Rosa sentiam pelo restabelecimento de seu irmão e tio: numerosos convites haviam sido feitos, e o dia designado para o banquete e sarau batia já à porta.

Depois de ter passado um ou dois dias de violentos ciúmes, Rosa modificara um pouco, e como era muito de esperar, as suas últimas idéias; ainda teimava em dizer que se não queria casar, ainda se conservava ressentida contra o seu incorrigível amante; esfriara-se-lhe porém o desejo de se retirar para o convento de Santa Teresa, e quando o velho roceiro para fazer-lhe zombaria lhe falava nisso, ela apenas respondia para não dar o braço a torcer:

— *Se meu pai quiser, estou pronta.*

No entretanto desejava ardentemente que chegasse o dia da festa que se projetava para observar o procedimento do Juca, e ter enfim um desengano completo.

O Juca não passava bem: continuava a esperar debalde notícias de seu pai: receoso de que elle se achasse doente e ainda mais a possibilidade de receber uma dessas novas terríveis, que caem sempre como um raio sôbre o coração de um filho, vivia triste e aflito procurando em vão distrair-se.

Quando um temor dessa natureza se apodera do espírito do homem, não há nada que possa arrancá-lo da idéia pesada que o domina e que o atormenta: a imaginação acha aberto um espaço imenso para seus vãos, um vastíssimo teatro para o jôgo cruel de suas quimeras. Então parece que o céu nos avisa de uma desgraça a cada momento: o ruído que se escuta de noite, a borboleta negra que por acaso veio pousar à janela, a frase destacada que se escuta de passagem na rua a um desconhecido, o carro fúnebre que passa defronte da porta, tudo, tudo parece um anúncio misterioso do infortúnio, que se receia. Então vêm à memória uma a uma tôdas essas histórias de mortes de parentes e amigos ausentes que foram, diz-se, adivinhadas ou sabidas a muitas léguas de distância, e na mesma hora do passamento; então o ateu estremece e medita, e quase crê, o desabusado torna-se religioso e êste degenera em fanático ou pelo menos em visionário.

O Juca estava tocando a êste ponto: acusava-se em sua consciência de haver causado mil desgostos a seu pai, lembrava-se de seus conselhos, e do olvido em que elle os deixara, e, pensando que poderia com a sua vida extravagante e louca ter contribuído para alguma desgraça, que porventura houvesse acontecido ao autor de seus dias, arrependia-se dos erros passados, chorava lágrimas amar-

gas, e sofria martírios indizíveis labutando entre o temor e a esperança.

As vezes tentava refletir friamente sobre o seu estado, e concluía depressa que se tinha tornado um algoz de si próprio; que suas aflições não apresentavam uma causa real, e que impossibilitado de correr aos braços de seu pai, o único partido que lhe cumpria tomar, era divertir-se, procurar distrações, e abafar nos prazeres seus terrores e suas dúvidas.

Então atirava-se com ardor verdadeiramente febril na vida das festas, e no meio da multidão; corria ao baile e ao teatro, como um homem infeliz se precipita contra o seio de um amigo em horas angustiadas; mas nada disto valia ao exaltado estudante: o seu tirano, o seu algoz estava dentro d'ele mesmo e em toda parte o seguia. O seu algoz era a consciência que o oprimia com a recordação das loucuras passadas, e com o aspecto de um triste futuro.

No baile, ao lado de uma jovem bela, ao som da contradança alegre, ou da rápida valsa, no meio do mais agradável passeio, o Juca via erguer-se diante de seus olhos a imagem de seu pai, que o acusava de ingrato, e que em rosto lhe lançava todos os seus erros e extravagâncias; outras vezes em lugar de repreensões eram lágrimas que corriam pelas faces rugosas do velho, que estendia seus braços para nêles receber o filho que tão mal pagara seu grande amor.

No teatro não sofria menos o estudante; aí apanhava, ouvindo as censuras lançadas sobre o filho desobediente, uma alusão dirigida a êle próprio; e escutando a maldição fulminada por um pai justamente irritado, curvava a cabeça, como se fôra êle que a tivesse recebido, e voltando os olhos ora para um lado, ora para outro lado, parecia temeroso de que todos o estivessem olhando e apontando, como um exemplo de mau filho.

O misero jovem tinha chegado a tal ponto de exaltação, seu espirito sofria tanto, sua imaginação se achava tão excitada, que aqui o mesmo que dantes tanto prazer lhe dava, agora nem ao meos o distraía, e pesando-lhe quase sempre a sociedade de seus bulhentos e alegres companheiros, nem sequer lhe restava a solidão para pensar livremente, ou debater-se a sós com seus pesares.

Enfim nos últimos dias que precederam à festa preparada por Mauricio, uma nova idéa se apoderou da alma do estudante; persuadiu-se que um homem desconhecido e misterioso o acompanhava por toda parte observando-o e seguindo seus passos.

O Juca não era medroso; mas tal impressão lhe causou aquêlê incógnito e talvez perigoso companheiro, que êle não se pôde vencer, e perguntou a seus colegas o que devia supor desse personagem incompreensível que o não perdia de vista.

— E' um homem vestido de preto, dizia elle; anda sempre embuçado em uma longa capa, nunca deixa ver o rosto, nem ouvir a voz. Um ladrão não pode ser, porque mil vézes já me poderia ter atacado; um inimigo menos, porque certamente não se quzeria denunciar por semelhante maneira; um amigo?... é difficil de admitir, porque poucas vézes um amigo esconde o rosto.

Os companheiros do Juca em lugar de aconselhá-lo e sossegá-lo, mofaram d'ele, riram-se da história que acabavam de ouvir, e obrigaram-no assim a não lhes falar outra vez em tal objeto.

No entretanto o que dizia o Juca, não era uma mera ficção que o atormentava: havia realmente alguém, quem quer que fôsse, que por tôda a parte o acompanhava, e que em tôda parte lhe apparecia como a sua sombra.

Se o estudante ia ao teatro, esbarrava-se ao subir uma escada com o homem embuçado, que desaparecia logo depois de lançar-lhe um olhar ardente, para de novo apparecer-lhe de relance na hora da retirada.

Ao voltar de um baile o vulto parecia esperá-lo sentado à porta de sua casa, e fugia ao vê-lo aproximar-se, tendo-se mostrado horas antes defronte da casa, onde o estudante fôra procurar distrair-se na embriaguez do sarau.

No passeio um cavaleiro passava perto d'ele, e atraía suas vistas; era o homem vestido de negro e cuidadosamente embuçado. Daí a pouco, voltando a recolher-se, a mesma figura e com o mesmo mysterio apparecia como por encanto ao voltar de uma esquina, para sumir-se logo depois dobrando rapidamente pelo canto da rua mais próxima.

Em vão tinha o estudante trabalhado para descobrir ao menos as feições daquele mysterioso personagem: nunca conseguira ver-lhe o rosto como jamais pudera ouvir-lhe a voz.

A curiosidade do Juca vivamente excitada por tão constantes e repetidas aparições e por um procedimento tão extraordinário, acabou por fazer-lhe tomar a resolução, aliás muito natural, de perseguir esse homem inexplicável a primeira vez que o encontrasse, a fim de obrigá-lo a dar-se a conhecer.

Com semelhante desígnio levantou-se o estudante na manhã da antevéspera do dia em que deveria ter lugar o banquete e sarau de Mauricio. Vestiu-se e saiu resolutu a executar seu pensamento. Não tendo destino algum, determinou ir à casa de seu correspondente a ver se já havia notícias de seu pai, pôsto que lá tivesse estado na tarde antecedente.

Logo ao sair à rua o Juca lançou os olhos para um e outro lado; não descobrindo porém o desconhecido foi caminhando, e insensivelmente deixou-se engolfar em suas tristes reflexões.

De repente um longo e sentido suspiro fêz o estudante levantar a cabeça: o homem misterioso estava a dez passos d'êle, e parecia contemplá-lo com indizível ternura.

O Juca hesitou um momento; mas logo depois decidido e ligeiro atirou-se sôbre o desconhecido, que, como quem de antemão estivesse preparado para aquêlê ataque, voltou as costas, e fugindo a passos precipitados entrou em uma carruagem, que se achava parada a breve distância, e que immediatamente desapareceu aos olhos do estudante.

Vendo assim burlada a sua primeira tentativa, o Juca jurou a si próprio, que seria mais hábil e feliz na primeira ocasião; de balde porém passeou todo o resto d'êsse dia, de balde vagou por tôdas as ruas e praças da cidade no dia seguinte: o desconhecido não tornou a aparecer mais a seus olhos.

### XXXVII

#### Uma moça e uma flor

Tinha enfim chegado o dia da festa oferecida por Mauricio aos seus amigos. Desejando escapar à monotonia e às pesadas etiquêtas dos bailes da côrte, havia êle determinado dar o seu jantar e o sarau na sua bela chácara, aquêla mesma que fôra teatro dos primeiros e inocentes amôres de Rosa e do Juca, e depois de ter tudo prevenido viera de véspera dormir aí com tôda a sua família.

Contra todos os seus hábitos Rosa despertou ao romper da aurora e saindo de casa desceu ao jardim, e foi sentar-se em um banco de relva. Diante dela corria o pequeno mas límpido rio de... que se deslizava pelo vale, a pouca distância e a seu lado direito ficava o labirinto, e em tôrno dela mil flores orvalhadas e belas embalsamavam o ar.

Sôbre a cabeça de Rosa pendia uma flor de seu nome, que ao brando mover do ramo que a sustinha impellido pelo sôpro da aragem entornava no espaço êsse aroma deleitoso e especial, que lhe conservará sempre o cetro da rainha das flores.

Mas nem o canto dos passarinhos, que saudavam a aurora, nem a beleza do sítio, nem o rio, nem o labirinto, nem as flores desafiavam a atenção da filha de Mauricio. Indiferente para todos êsses objetos, ela deixava seu espírito ocupar-se todo de idéias melancólicas e voltava sua alma para o passado, deixando ver pendentes de seus cilios duas lágrimas brilhantes, como as gôtas de orvalho, que por ali se observavam penduradas nas pétalas das flores.

Rosa começara por lembrar-se de sua mãe. Tantas vêzes por ali passara com ela; tantas vêzes escutara seus sâbios e preciosos

conselhos à margem dêsse mesmo rio, tantas vêzes brincando com ela, como com uma de suas camaradas, se fôra perder naquele mesmo labirinto, que, apesar de haverem corrido já bastantes anos depois da sua morte, ainda a extremosa filha se recordava dos mais simples acontecimentos, como nos primeiros dias da sua dor de órfã.

Insensivelmente, porém, o imenso amargor daquelas lembranças se foi abrandando, e os olhos de Rosa acompanhando uma fôlha que a corrente do rio levava, como que foram também levando seu espírito para outras idéias; pouco a pouco a imagem do Juca começou a mostrar-se ora correndo por entre as flores, ora arrojando-se no lago para salvar uma rosa, enfim em tôda a parte onde uma cena, um episódio do mais inocente amor se havia passado.

Quando a alma se entrega à recordações do passado, e quando essas recordações são gratas e amenas, aquêlê que pensa, que se recorda, se esquece do tempo que passa, do mundo em que vive, do futuro que lhe ameaça ou mesmo que lhe sorri, de tudo enfim, e até de si próprio. Era o que estava acontecendo a Rosa: longa hora passou sem que ela pensasse que sua ausência poderia ter sido já por demais sentida e que talvez houvessem mesmo chegado algumas das famílias, que se esperavam.

Ninguém poderia dizer até onde chegaria o encanto, em que Rosa se deixara prender; ninguém poderia marcar a hora de triunfo do presente sôbre aquêlê viver do passado; pois que nem o ruído dos passos de alguém que chegava teve o poder de distrair a filha de Maurício de suas doces recordações; para que ela desatasse um suspiro, tornasse ao mundo e à vida da realidade, preciso foi que uma mão pousasse sôbre seu ombro e uma voz bem querida soasse a seus ouvidos:

— Em que pensas, Rosa?...

A moça voltou os olhos e viu seu bom pai a seu lado: o rosto de Maurício estava sereno embora um pouco melancólico.

— Ah!... meu pai!... disse Rosa.

E enxugando depressa os olhos umedecidos pelas lágrimas, continuou:

— Demorei-me muito meu pai!...

— Não, Rosa; ainda é cedo; mas em que pensavas tu?... por que choravas?...

A moça sentiu que o fogo do peito lhe abrasava o rosto; o pai viu que a filha hesitava, e compreendeu a causa de sua hesitação.

— Por que hesitas em abrir-me a tua alma, minha filha!... duvidas da minha ternura, porventura tenho eu sido para ti um tirano!...

— Oh!... não!... pelo contrário: tendes sido o melhor dos pais.

— Pois então por que não confias em mim!... por que não vens sempre, todos os dias e a tôdas as horas contar-me as tuas alegrias e os teus pesares, e dizer-me todos os teus segredos!... Oh!... os filhos são todos bem imprudentes, e bem cegos!... Deus e a natureza lhes dão o melhor, o mais seguro dos amigos, e contado é aquêlê que prefere o seio de seus pais aos camaradas de um momento para asilo de suas confidências!...

— Meu pai, por que me dizeis isso hoje!...

— Rosa, eu não te repreendo: perguntei-te por que choravas, e em que pensavas, e não me quiseste dizer; pois bem, não preciso que mo digas; eu já o sei; ou antes, eu já o sabia, quando vim procurar-te.

— Vós, senhor!...

— Sim, minha filha: tu choravas pela mesma razão por que eu chorei também hoje...

— Oh!... sim... talvez!

— E pensavas no que eu estava pensando há pouco também...

— Como, meu pai?...

— Sim: tu choraste lembrando-te da mais extremosa das mães, como eu chorei lembrando-me da mais carinhosa das espôsas!

— E' verdade! exclamou Rosa desatando a chorar, com a cabeça apoiada no seio de seu pai.

— Basta, minha filha: tua mãe está no céu, gozando o prêmio de suas virtudes, e rogando a Deus pela nossa felicidade. Agora tratemos de ti.

— De mim?...

— Sim, tu pensavas, como eu também estava pensando, em um mancebo que te é caro: não é verdade, Rosa?

— E' verdade, meu pai, balbuciou a moça abaixando os olhos.

— Julgas que eu não adivinei antes de todos o segredo de teu coração?... julgas que os meus olhos não têm estado sempre fitos em ti e nesse mancebo desde que tive a primeira suspeita do teu amor?... acreditavas porventura que tinhas um pai fraco, cego, negligente ou louco, que não via o que todos viam?... oh! Rosa! eu tenho passado longas noites de vigília pensando no teu futuro!... eu tenho hesitado mil vêzes entre o receio de te ver espôsa de um moço inexperiente e extravagante, e o desejo de cumprir uma vontade sagrada, e satisfazer o teu amor.

— Uma vontade sagrada...

— Sim, a vontade de tua mãe: uma predileção decidida e invencível, ou uma inspiração de amor materno fazia com que ela olhasse para êsse mancebo, que tens distinguido, como o único homem digno de ti, e capaz de fazer a tua felicidade.

Insensivelmente Rosa pôs as mãos em cruz sôbre o peito, como se começasse a rezar.

— Eu sei tudo, Rosa, continuou Maurício; não ignoro que uma hênção de moribunda caiu sobre vossas cabeças, e sagrou solenemente o vosso amor. Tua mãe nunca teve para mim um segredo; eu sei tudo pois.

— Obrigada, meu pai! exclamou Rosa beijando com vêzes a mão de Maurício, que cobria de lágrimas, e apertava entre as suas.

A comoção de que Maurício e Rosa se achavam possuídos fêz com que êles não ouvissem os passos de um estranho, que se vinha chegando e que ao escutar talvez as últimas palavras que se disseram os dois, occultou-se por detrás de uns bambus, que a breve distância cresciam e engrossavam à beira do rio.

— Rosa, continuou o bom pai; eu não vivo, eu não trabalho neste mundo senão para ti. Os pais vivem somente por seus filhos e para seus filhos; a felicidade ou desgraça dêles faz a sua glória, ou o seu desespero. Agora, escuta: o casamento é talvez o fato mais importante da vida da mulher, é a origem de todos os seus infortúnios, ou de tôda sua dita; tôda prudência se faz pois necessária antes de se realizar um ato de tanta transcendência. Fala-me pois com franqueza, Rosa; abre-me o teu coração. Não te pergunto se amas, porque já o sei; mas quero que me digas tudo quanto se tem passado contigo e com êsse mancebo, para que eu não ignore nada, e julgue com minha prudência de pai, se convém afastar êsse moço, ou recebê-lo para sempre, como meu filho bem amado. Fala, minha filha.

A voz doce, ao tom amoroso e terno que lhe dava Maurício, abriu-se todo o coração de Rosa: a moça com os olhos fitos no rio falou a seu pai, como se estivesse conversando com uma amiga do peito. No fim de um quarto de hora Maurício estava ao fato dos mais insignificantes episódios do amor de sua filha.

Sucedera a essa narração alguns minutos de silêncio e meditação: ouvia-se apenas o murmúrio das águas do rio, o ruído das fôlhas embaçadas pela aragem, e a respiração talvez um pouco ansiosa da moça.

— Não tens nada mais a dizer-me? perguntou enfim Maurício.

— Nada mais; respondeu Rosa.

— Nada mais se passou entre vós?...

— Eu vos confessei tudo, meu pai.

— E não te contaram, não te disseram mais cousa alguma a respeito dêsse moço? disseste-me tudo quanto sabes dêle?...

— Tudo.

— Bem, minha filha; nada do que ouvi muda o juízo que já tenho feito.

— E qual é, meu pai? posso eu sabê-lo?

— Sim; amas um homem, que está na flor de seus anos, e que tem todos os defeitos próprios de uma idade verde e ardente.

— Oh! tendes razão.

— Amas um estudante, que desapreciando a inteligência, o talento com que Deus o dotou, despreza os seus livros pela dança, e as aulas pelo prazer e pelas festas.

— E' assim mesmo, meu pai.

— Amas um moço, que cedendo aos ímpetos de seu caráter, é livre e inconstante no que êle supõe amor; ou o que é ainda pior, toma por seu divertimento o zombar de um sentimento sagrado, que êle faz por plantar no coração de quantas senhoras o querem ouvir, para depois fugir delas, ou... quem sabe? rir-se talvez das lágrimas que faz correr por suas extravagâncias.

— Oh! então êle é muito mau, meu pai...

— Pintei-te ao vivo todos os seus defeitos, minha filha, e o fiz muito de propósito; agora ouve-me ainda: tôdas essas falhas que se notam no caráter desse moço podem e devem desaparecer; o talento não morre, não se apaga, e desde que êle se dispuser a estudar fará progressos; o desejo de parecer e fazer-se amado, ou irá pouco a pouco esfriando, à medida que forem correndo os anos, ou se êle se casar, morrerá afogado nos afagos com que o saberá prender uma espôsa querida: temos portanto que os senões desse mancebo, em vez de serem defeitos capitais são apenas faltas, que poderá o tempo corrigir.

— Ainda bem, disse consigo Rosa.

— Não te esconderei também suas virtudes, minha filha; o escolhido do teu coração é um mancebo afável e modesto, amigo devotado; há de ser um cidadão prudente; é já um homem de honra, cuja palavra quando não se trata de moça vale talvez as barbas de D. João de Castro; e nem nos é possível esquecer os obséquios que lhe devemos.

— Ah! então êle é bom, meu pai?... perguntou Rosa com lágrimas de prazer nos olhos, e feiticciro sorriso nos lábios.

— Minha filha, disse Maurício, docemente eu creio que êle é capaz de te fazer feliz.

— Oh! minha mãe!... exclamou Rosa, levantando os olhos para o ceu.

— Convencido disso, continuou o pai, e seguro de teus sentimentos a respeito dêle, queria ir continuando a observá-lo, consentindo em deixar-vos amar, fingindo ignorar tudo, até que o teu escolhido, tendo completado os seus estudos, ou achando-se nêles mais adiantado, tornasse mais conveniente a vossa união, que eu saberia promover; todavia as pressas e o gênio ardente de teu tio, que quando quer as cousas, não admite observações, modificaram todos os meus projetos: força me foi ceder à vontade absoluta de um irmão doente, velho, rabujento e teimoso, mas bom, amigo, e todo nosso. Mandêi pois informar-me a respeito da família do nosso estudante; e, graças a Deus, minha filha, posso dizer-te, que tôdas as informações

são favoráveis a êle; seu pai é um velho lavrador laborioso e honradíssimo, e pôsto que não tenhamos necessidade de sua fortuna, nem isto importe para a nossa questão, convém dizer que o jovem que amas é filho único e herdeiro de muito boa fortuna. Eis o que te queria dizer.

— Ah! mas para quê, com que fim me vindes dizer tudo isso, meu pai?...

— Para alegrar-te, minha filha; para dizer-te que é bem provável que teus desejos se realizem: espero ter uma explicação com o Juca, ou antes o mano Anastácio se encarregará disso e, seguramente, o resultado dessa explicação será o nosso estudante escrever ao pai pedindo licença para casar-se contigo. Eu também escreverei ao bom velho, e tenho a esperança de nos entendermos: a gente honrada gosta de se entrelaçar.

— E acreditas, que serei feliz, meu pai?...

— Sim, respondeu Maurício abraçando a filha. O Juca se corrigirá de suas extravagâncias, e tu lhe perdoarás as loucuras, que êle tem praticado até hoje...

O pai e a filha davam o primeiro passo para se retirar quando surge de repente de detrás dos bambus, e vem cair de joelhos diante de Maurício e de Rosa o próprio Juca.

— Perdão!... perdão de mais um crime, que eu cometi, e que ignoravam!!!

— Qual?... perguntou Maurício espantado.

— O de haver praticado a indiscrição de estar escondido atrás daqueles bambus escutando tudo que disseram...

Rosa escondeu o rosto no seio de seu pai para ocultar a sua perturbação.

— Ah! Sr. Juca... ia dizendo Maurício.

— Senhor! senhor! é verdade que me não negareis a mão de vossa filha?... é verdade que eu não sou um miserável?... ou antes é verdade que eu sou digno do maior tesouro dêste mundo?... dizei! dizei!... é verdade, que eu posso esperar ser espôso de vossa filha?...

— Se isso fôr da vontade de vosso pai, meu amigo! disse Maurício com as lágrimas nos olhos, e abraçando o estudante.

Enquanto Maurício desprendendo-se dos braços de sua filha, estreitava o Juca nos seus, Rosa sentindo-se quase desfalecer, deixou-se outra vez cair sentada no mesmo banco de relva; mas nesse movimento batendo primeiro de encontro ao ramo da roseira, que para êsse lado se estendia a rosa, que durante seu longo meditar, estivera pendente sobre ela, desarticulando suas pétalas coradas deixou-as cair, como uma chuva de flores sôbre aquela que era noiva desde aquêlê instante.

## XXXVIII

## Desforra de estudante

A uma hora da tarde a casa de Maurício já estava cheia de convidados. As senhoras divididas em belos grupos passeavam umas pelo jardim, outras debruçadas no parapeito de grades de ferro espelhavam-se no lago, outras corriam e iam perder-se no labirinto, outras deixando-se ficar em casa tocavam, cantavam, e dançavam; os satélites d'esses planetas, os mancebos, não as perdiam de vista, e cada um de per si se deixava arrastar pelo grupo, onde tinha uma apaixonada; os homens casados e os velhos, isto é, os reformados e os inválidos cercavam mesas de jôgo, onde as cartas os enfeitavam e prendiam, ou enfim no bilhar e no gamão faziam por passar as horas divertidamente. A viúva Irene, e o conendador Sancho tinham chegado às 10 horas do dia; Faustino não perdia ocasião de embarcar a sua bisca ao pé do objeto de seus *ternos cuidados*, a viúva das quatrocentas apólices.

O Juca pela primeira vez há muitos dias se sentia verdadeiramente alegre: é verdade que de hora em hora ainda lhe vinha a imagem do pai perturbar por momentos sua inensa felicidade; mas não tardava a sossegar a si próprio.

— E' impossível, pensava êle consigo mesmo, é impossível que Deus me quisesse deixar ver tão de perto a felicidade, se me não houvesse já perdoado tôdas as minhas loucuras; e é ainda mais impossível que o meu coração estivesse tão cheio de alegria e de esperança, se mesmo ao longe a desgraça lhe tivesse desfechado algum d'esses golpes tremendos, que eu receava tanto até hoje de manhã.

E todo ocupado da sua dita, não pensava, não vivia, senão pela encantadora moça, cuja posse já lhe era dado esperar.

O caráter do estudante parecia ter passado por uma muito sensível revolução: ainda era, como dantes, o mesmo jovem alegre, e brincador, buliçoso e cheio de espirito; mas já não se mostrava como até há bem pouco tempo o volúvel adorador de tôdas as belas; já não trazia mais dependurado nos lábios um cumprimento amoroso, ou uma frase terna e apaixonada para cada moça; pelo contrário todo dedicado à filha de Maurício, não tinha olhos senão para contemplá-la, não tinha lábios senão para louvá-la; seguia-a por tôda a parte, e espantava nesse dia a tôdas as senhoras porque não se dirigia a nenhuma. D. Laura sentia-se incomodada, e a viúva Irene já havia declarado dez vêzes, que a tal festa de Maurício não prestava para nada.

O que porém acendia ainda mais o ciúme das duas, e desafiava as desconfianças de tôdas, era a brilhante e mesmo estrepitosa alegria de que se mostrava possuída D. Rosinha: ligeira, incansável e

buliçosa, não descansava um instante; suas amigas viam-se doidas com as travessuras que ela fazia, e os adoradores que as acompanhavam incessantemente, desapontavam a cada momento com os epigramas de que eram vítimas... O comendador Sancho andava com um nó na garganta; mas para disfarçar e aproveitar o seu tempo ia-se desfazendo em cumprimentos á velha Irene, e ao mesmo tempo atirava olhares flamejantes sôbre a neta da velha Juliana.

No entretanto o que mais admirava aquêles que combinando a alegria de Rosa com o insólito proceder do Juca, pretendiam daí tirar diversas conclusões, era que a bela moça não só não procurava encontrar-se, falar com o estudante, mas ainda fugia claramente dêle. Com effeito ou fôsse que o receio de deixar perceber alguma coisa aos estranhos, ou que o seu pudor de virgem a contivesse, a filha de Mauricio empregava todos os seus esforços para furtar-se às vistas e ao cuido do feliz mancebo.

De sua parte o Juca trabalhava em sentido absolutamente contrário áquele pelo qual conhecia empenhar-se a sua bem-amada; e pela volta das quatro horas da tarde alguma nova razão veio acender nêle tanto o desejo de falar a Rosa que para uma vez aplinar tôdas as dificuldades, julgou que o mais acertado era pedir-lhe isso em voz alta.

— D. Rosinha! disse êle; posso merecer o obséquio de uma palavra?...

— Oh! pois não!... murmuraram algumas vozes femininas de modo que se pudesse bem ouvir.

A zombaria das amigas decidiu prontamente a Rosa, que se voltou risonha, mas um pouco corada para o estudante:

— Aqui estou, disse.

O Juca chegou-se para hem perto da interessante moça, e falou em voz baixa:

— A senhora tem fugido hoje tanto de mim, que...

— Foi só para isso, que me chamou?... perguntou Rosa sorrindo-se.

— Por que o pergunta?...

— Perdão, Sr. Juca; porém já estou com vontade de fugir outra vez.

— Oh! disse o estudante tristemente, deveras eu não o podia esperar!...

— Mas não vê quantos olhos nos observam para zombarem de mim ao depois!...

— Tem razão, tornou o Juca; farei por combater o meu coração: no entretanto queria pedir-lhe um obséquio.

— Qual?...

— Preciso muito falar em particular ao Sr. Anastácio.

— E então?...

— Está grudado a um tabuleiro de gamão, vendo jogar a dois dos mais teimosos parceiros que tenho visto, e não há força que o arranque de lá.

— O que quer então, que eu faça?...

— Que opere o milagre de libertar o seu tio daquela prisão ao menos por cinco minutos.

— Eu já volto, disse Rosa; e apressando os passos entrou em casa, e dirigiu-se à sala onde se jogava o gamão.

O velho Anastácio estava com efeito sentado a ver jogar o gamão. Preciso é antes de tudo notar que êle era apaixonadíssimo dêsse jôgo, e tinha balda de o jogar perfeitamente; mas quase sempre fugia de empunhar o copo, porque tinha-se por muito infeliz nos dados e irritava-se violentamente quando falhava.

Achavam-se pregados ao tabuleiro um tabelião velho e aquêlê célebre parceiro de Maurício no voltarete, que a tudo dizia— *paciência* — e que por isso já era designado pela alcunha — Pachorra.

Positivamente o Sr. Pachorra jogava mil vêzes melhor do que o tabelião; no entretanto os dados se mostravam tão decididos por êste, que cada partida era um gamão cantado, que o outro levava; o tabelião tinha sempre uma graçola, ou um anexim que dizer; e o parceiro infeliz, conforme o seu costume não respondia senão: *paciência!*

O velho Anastácio havia tomado o partido do Sr. Pachorra, e mostrava-se tão furioso contra os dados como se estivesse jogando.

Rosa entrou no momento em que o tabelião estava com quatro pedras na mão para entrar, e o lado contrário apenas apresentava a casa do ás aberta.

— Pegue-lhe agora com um trapo quente, Sr. tabelião! exclamou Anastácio esfregando as mãos de contente.

— Enfim... ainda pode ser... respondeu êste.

— Meu tio, dá-me uma palavra! disse Rosa aparecendo na sala.

— Não posso agora.

— E' negócio de importância...

— Deixa-me, rapariga!

— Ases!... exclamou o tabelião.

— Então, meu tio...

— Senas para sair! tornou a exclamar o tabelião.

Anastácio ficou vermelho de cólera, e Rosa conservou-se de braços cruzados e em pé a seu lado.

— Cinco e quatro, dou-lhe em duas!... disse o tabelião desatando uma gargalhada.

— Fale agora, meu senhor!... disse Anastácio ao pobre Pachorra, que sacudindo os dados atirou sôbre o tabuleiro umas quinas capazes de fazer desesperar ao mais santo dos homens.

— Quinas e repimpinas!... falhou meu caro, disse o tabelião.

— Paciência! respondeu o Pachorra.

Os dados pareciam dispostos a zombar com o velho Anastácio pelo partido que tomara; o Sr. Pachorra deitou quatro vèzes seguidas quinas!

— Se deita quinas pela sexta vez, atiro com êsses dados fora do tabuleiro! exclamou o velho roceiro.

— Quinas pela sexta vez!

Palavras não eram ditas e já Anastácio furioso se havia arrojado sôbre os dados, que escorregando por entre seus dedos trêmulos foram cair aos pés de Rosa, que os apanhou prontamente.

O velho serenou.

— Faz o obséquio dos dados, minha senhora?... disse o tabelião.

— Sem dúvida; mas com uma condição.

— E qual?...

— Que meu tio me acompanhe por cinco minutos.

— Essa é boa!...

— Aliás...

— Aliás o quê?...

— Levo comigo os dados.

— Senhora minha sobrinha, disse Anastácio meio enfiado, vá para o convento!

— Não quero mais, meu tio: respondeu a moça sorrindo-se.

— Os dados!

— Cinco minutos!

A questão entre o tio e a sobrinha continuou ainda por alguns momentos, até que à força de instâncias e mútuas concessões os dois chegaram a um acôrdo: Rosa entregou os dados, e Anastácio deu palavra de a atender no fim daquêlê jôgo, cujo resultado não se fêz muito esperar.

— Ainda um gamão cantado! bradou o tabelião.

— Paciência!... disse o outro.

— Paciência! paciência! murmurou surdamente o velho roceiro levantando-se; êste senhor Pachorra nunca há de ser capaz de quebrar um copo de marfim entre os dedos!...

Um instante depois Anastácio ouvia atentamente o Juca, demonstrando o maior contentamento.

Chegou a hora do jantar.

Cada cavalheiro ofereceu o braço a uma senhora: a mesa era bastantemente grande para acomodar de uma vez a todos os convidados.

No momento em que se sentaram, Faustino sentiu que alguém lhe batia no ombro; voltou os olhos e deu com o Juca a seu lado.

— Oh! mestre estudante!...

— Publicista! disse o Juca: lembra-te da noite dos anos de D. Laura.

— Hein?...

— Eu te prometi sob palavra de estudante, que havia de desferrar-me; cumprirei minha palavra... desferrar-me-ei hoje...

— Juca!

— Publicista! lembra-te da noite dos anos de D. Laura!

Faustino queria falar, e pedir pazes ao Juca; mas já o estudante tinha corrido para ir sentar-se defronte d'ele do outro lado da mesa.

— Juca! diz em meia voz o publicista ao seu terrível adversário, quando o viu sentado diante de si, jura-me que não hás de falar hoje contra mim!

— O que é que dizes, Faustino?...

— Dou parte de fraco perante tôdas estas senhoras; mas peço-te em nome de D. Rosinha, que me jures que não falarás hoje contra mim.

— Pois bem; juro-te por D. Rosinha, que não falarei hoje contra ti.

— Ah! estou sossegado.

— Sr. Faustino, observou uma senhora, o senhor parece que tem grandes culpas no cartório do Sr. Juca!...

— Nem por isso minha senhora; mas é que aquêlle rapaz é o diabo em pessoa, e eu pelo contrário um homem muito vexado.

— Cheio de pudor virginal! acrescentou o Juca.

Depois das primeiras cobertas começaram os brindes: entre outros o comendador Sancho propôs um *aos amantes do belo sexo*; mas querendo fazer um discurso que a êsse respeito havia preparado, perdeu-se no meio, gaguejou, e ouvindo o velho Anastácio concertar a garganta, perdeu-se completamente. A viúva Irene pediu que todos a acompanhassem em uma saúde aos — ingratos.

— Agora tu, Faustino! disse o Juca; propõe o teu brinde... anda!

— Pois lá vai!

— Atenção! o Faustino vai pedir uma saúde, atenção!...

— Ao desinterêsse e à dedicação!... exclamou o publicista esvaziando o seu copo.

— Bravo! disse o Juca.

O velho rocciro bateu palmas.

— Oh! temos versos?... perguntou uma senhora.

— Hão de ser muito bonitos! respondeu Faustino.

— O que é isso, mano?... perguntou Maurício, quer repetir algum sonêto?...

— Não; é uma epopéia completa.

— Atenção, pois!

— A propósito de *desinterêsse e de dedicação*, declaro a tôdas as meninas, moças e velhas, que se não fiem naquele Sr. Faustino.

— Essa é que é a epopéia? perguntou o publicista.

— Não; a epopéia está escrita pela sua letra: quem conhece a letra daquele sujeitinho?...

— Eu, disse um moço.

— Eu também, acudiu outro.

— Pois vejam lá êsse papel, e digam, quem o escreveu: vamos; falem livremente.

— Não há dúvida responderam os dois depois de examinar o papel; a letra é de Faustino.

— Mas que escrito é êsse?... leia lá! disse o publicista, que não podia suspeitar o que era.

— Lá vai, e principiemos pelo titulo, tornou Anastácio, que começou a ler: — Catálogo das minhas vinte cinco noivas.

Faustino empalideceu, e lançou um olhar de tigre sôbre o Juca.

— Leia! leia! bradaram as moças.

— Com licença, disse Faustino levantando-se.

— Nada... não sai! clamaram prendendo-o pelos braços as duas senhoras, que lhe ficavam aos lados.

O publicista ficou imóvel e petrificado.

— A tal história é muito longa, e portanto contentem-se com dois ou três capítulos, que dizem respeito a senhoras que estão presentes.

-- Vamos! vamos!

O velho roceiro lendo:

— "D. Laura...

— Eu?... exclamou a neta de Juliana.

— "D. Laura, moça ainda de 20 anos, pouco mais ou menos; não é feia; órfã; vive na companhia da avó, cujos bens chegarão, quando muito a sessenta contos de réis: coube-lhe em legítima seis escravos, um piano e uma mobília velha; mas é a única herdeira da avó, e morreu-lhe há pouco uma tia, que lhe deixou uma chácara no valor de vinte e quatro contos de réis".

As moças desataram a rir.

— Sr. Faustino, observou Laura, agradeço-lhe muito; mas olhe que o senhor sabe dos meus negócios muito melhor do que eu mesma!...

— E' uma calúnia!... aquilo é falso!... não fui eu quem escrevi!...

— Adiante! adiante!

O velho continuou a ler.

—"D. Rosa!

— Bravo, Sr. Faustino! também eu?...

— “D. Roça, filha de Maurício; legítima materna trinta e três contos de réis, pela morte do pai caber-lhe-á o triplo, porque é filha única, e Maurício tem fortuna sólida; supõe-se que um tio de nome Anastácio a deixará por sua herdeira; D. Rosa é fazenda fina, bela, espirituosa, e muito moça; mas tem veia de maluca: diz que não quer casar”.

As risadas tornavam-se estrepitosas.

— Sr. Faustino! à sua saúde! disse Rosa, tocando com os lábios em um cálix de vinho.

— Silêncio! bradou o velho; aqui vai a última.

Todos prestaram atenção.

— “D. Irene...

— Risque! risque! risque o meu nome daí! gritou a velha com toda a força de seus pulmões.

Anastácio prosseguiu:

— “D. Irene, viúva, idade cinquentá e cinco anos...

— E' falso, exclamou Irene.

— “Dentadura postiça; tinge os cabelos; é um pouco corcovada... &c., &c., &c., tem quatrocentas apólices, e não deve nada a ninguém... é um anjo!

— Sr. Faustino! exclamou a velha; o senhor... o senhor... o senhor é um homem perdido! Meus senhores, saíham todos que este Sr. Faustino anda há três meses me atormentando a ver se consegue casar comigo!

— Pois se êle diz que a senhora é um anjo!...

— Viva o Sr. Faustino!...

— Oh! observou uma senhora, êle é como quase todos!...

— Ao menos tem a virtude da franqueza!...

— Cala a bôca, tôla, disse uma senhora ao ouvido daquela que acabava de falar; tu chamas franqueza a pouca vergonha?

— Minhas senhoras, ousou dizer Faustino meio sufocado, fui horrivelmente caluniado! sou a vítima de uma cabala infernal... eu vos explicarei tudo isso, e defender-me-ei cabalmente!

— Explique-te já!

— Agora é impossível: estou muito comovido!

— Oh!... oh!...

— Minhas senhoras, acudiu o Juca, eu posso em duas palavras dar a explicação, a que se nega o nosso ilustre desinteressado publicista: desejais saber a razão do que acaba de se passar?

— Sim, sim, diga...

— Foi simplesmente a palavra de um estudante que se cumpriu à risca.

## XXXIX

## Uma carta

A noite viera dobrar os prazeres que se tinham gozado de dia: ninguém estava em inação! uns dançavam, outros jogavam, e muitos passavam conversando agradavelmente! o próprio Faustino conseguira, é verdade que com algum trabalho, achar senhoras que, dêle compadecidas, se prestassem a dar-lhe quadrilhas.

As salas ostentavam-se cheias de jovens encantadoras; no meio porém de tôdas elas distinguia-se a filha de Mauricio por suas graças e beleza. Havia em Rosa nessa noite o quer que seja, que por assim dizer dava mais luz a seus naturais encantos! era talvez aquela sua antiga viveza e espontânea alegria, que depois de longos meses de melancolia, de novo tinham vindo resplandecer em seu rosto, com uma aurora brilhante que rompe serena e bela depois de uma noite de tempestade.

Tão formosa e irresistível se mostrava Rosa, que o comendador Sancho, a despeito de tôdas as suas reflexões egoísticas, não se podia lembrar de Laura, nem se lembrava mais de fazer a côrte a Irene, e todo finezas, se derretia de continuo aos ouvidos da filha de Mauricio, dirigindo-lhe cumprimentos, e tecendo-lhe elogios que divertiam a todos que o escutavam: também era preciso que o comendador aproveitasse o tempo, porque Rosa nunca estivera de melhor humor e sobretudo o velho Anastácio havia prometido deixar em paz em tôda essa noite ao seu Pipelet: Sancho estava como um estudante vadio em dias de férias.

O que porém se fazia sobremodo notável, era que estando Rosa nessa noite tão alegre, tão afável para com todos, tão disposta a conversar, a brincar e rir com quem quer que a ela se chegasse, fôsse o Juca o único, para quem fizesse uma exceção àquela boa regra.

Com feito, de noite como de dia Rosa procurava por todos os meios evitar seu amante! tivera a crueldade de não lhe guardar uma só valsa, e em uma única quadrilha que com êle consentiu em dançar à força de mil rogativas, estêve tão distraída ou tão surda, que quem lhe ouvisse as respostas que dava às perguntas do Juca, pensaria que aquêlê interessante par se divertia jogando o jôgo dos despropósitos. Terminada que foi a quarrilha, a filha de Mauricio livrou-se do passeio que lhe propunha o Juca apelando para o toilette; de modo que às onze horas da noite ainda o nosso estudante não tinha podido conseguir meia hora de atenção, e via-se sofrendo ali uma nova espécie de martírio de Tântalo.

Sabem todos que não há nada neste mundo que aguce mais o desejo do que a opposição e a dificuldade: era por isso que o Juca empregava cada vez mais esforços, rogativas e empenhos para alcançar um passeio de Rosa; mas, pobre do estudante! se de um lado se sentia contrariado pela habilidade com que a bela moça, fértil sempre em plausíveis desculpas, se afastava d'ele, por outra parte uma velha feia, rabugenta, impertinente e teimosa o perseguia sem cessar, e como vulgarmente se diz, não o deixava pôr pé em ramo verde: essa velha, como todos adivinham já, era a viúva Irene.

Depois de uma luta desabrida, na qual o estudante no decurso de algumas horas se bateu em constante retirada diante da viúva com uma perícia, que faria honra aos mais habilitados generais, viu-se êle enfim de súbito apertado entre a porta do toilette das senhoras, que lhe ficava adiante, e a velha Irene que por fim o alcançava: não havia mais fuga possível: a viúva fê-lo prisioneiro.

O Juca tomou desde logo o seu partido.

— Até que enfim!... disse Irene.

— E' verdade, respondeu o estudante sem se desconcertar; é verdade, apanhou-me.

— Confessa então que me fugia?

— Sra. D. Irene, o vinho de champanha é o gênio da franqueza!

— Que quer dizer com isso?

— Que quando a tal champanha cai no estômago empurra as verdades pela bôca fora...

— Visto isso...

— Bebi uma garrafa de champanha minha cara senhora!...

— Que lhe faça muito bom proveito...

— A nós ambos... a nós ambos...

— Cada vez o desconheço mais! o senhor era um moço nobre e delicado, e agora é um...

— Não sou um, minha senhora; creia que quando bebo o tal vinho fico elevado a dois: falam dois seres na minha pessoa, eu e êle, ou se melhor lhe parecer, êle e eu.

— Não o entendo...

— Confesso que fiquei muito metafísico depois do jantar...

— Sr. Juca, quer fazer-me o favor de dar um passeio comigo pelo jardim?

— Pois não, minha senhora, com sumo prazer: creio mesmo que o ar fresco da noite deve-me fazer muito bem.

O estudante deu o braço à velha, e desceram ambos para o jardim, que se estendia diante da casa, e que se achava brilhantemente iluminado.

— Aqui conversaremos mais em liberdade, disse Irene.

— E' certo; não há ninguém que nos ouça, respondeu o Juca querendo levar a viúva para um grupo de moços que fumavam encostados ao parapeito.

— E é por isso que pretende ir para o meio daqueles homens?...

— Oh! eu penso que eles não entendem português.

— Sr. Juca, passemos para este lado, e conversemos seriamente: eu quero lembrar-lhe o passado!

— Mas como, se eu não vivo senão a sonhar com o futuro?... olhe, minha senhora, eu nunca me lembro do dia de ontem.

— Pretende em vão embarçar-me... hei de por força lembrar-lhe uma promessa que me fez.

— Promessa?... só se foi de casamento...

— Sim senhor, é isso mesmo.

— Eu logo vi: o casamento é a única coisa que tenho prometido na minha vida; mas já fiz essa promessa a tanta gente, que a tal respeito reina confusão indizível na minha memória.

— Pois digo-lhe que o senhor me prometeu casar comigo muito seriamente, e que o meu crédito...

— Oh! não tenha medo: o seu crédito não sofre nada por isso, visto que ninguém acreditou na minha promessa.

— Ninguém acreditou?... então por quê?...

— Ora! porque todos sabem que eu sou o maior mentiroso que pisa sobre a terra.

— Não o sabia eu... desgraçadamente.

— Tem razão; foi na verdade uma desgraça.

— Sim?... então por quê?...

— Porque se soubesse, não me teria acreditado e agora não se estaria expondo a uma defluxão passeando comigo ao sereno.

— Agradecida pelo cuidado, disse a velha com os dentes cerrados de cólera.

— Receio que já se ache um pouco incomodada; noto que a voz começa a alterar-se...

— Oh! não tenha medo... mas acabemos com isto; diga de uma vez: o senhor me... me... desengana?

— Pois deveras V. Ex. queria casar comigo?... exclamou o estudante: ah! como eu me compadeço da senhora?... queria então fazer-se assim desgraçada?...

— O senhor pretende zombar de mim?...

— Menos isso; já disse que estou em horas de franqueza: eu sou incapaz de fazer a felicidade da mulher com quem me casar... tenho um gênio desesperado... furioso...

— Não acredito.

— Seria capaz de dar pancadas em minha mulher... sei que isso é horrível; mas o que hei de fazer... é gênio meu...

— Quisera fazer a experiência.

— Fidelidade conjugal é cousa que não compreendo.

— Seria em tal caso um marido à moderna.

— Tenho a bossa do jôgo muito desenvolvida.

— Pois que jogasse.

— Bebo como um Polaco.

— E não dorme depois de beber?

— Qual! dá-me para fazer desordens de espantar: uma vez já me veio a idéia de deitar fogo à casa.

— E o que mais?...

— O que mais?... pois a Sra. D. Irene ainda acha pouco?...

— Desejo conhecer todos os defeitos.

— Então lá vai mais um, pôsto que este seja todo independente da minha vontade: quando durmo, tenho pesadelos terríveis, sonhos horrorosos, e acordo sempre dando bordoadas em tudo quando encontro!...

— E a consequência que pretende tirar de tudo isso!... perguntou a viúva, que já não se podia conter.

— A consequência é que eu sinto pela Sra. D. Irene a mais ardente simpatia, tributo-lhe o amor o mais decidido e desinteressado...

— Deveras, meu senhor!

— Oh! sem dúvida, e eis aqui uma prova evidente e irrecusável: esse amor abriu-me os olhos, fêz-me comparar as suas virtudes, os seus merecimentos com os meus vícios e péssimas qualidades; e então, pela primeira vez na minha vida, cheio de santa abnegação, exclamei, dizendo a mim mesmo: "oh! eu sou indigno daquela celestial criatura! não a farei pois desgraçada, não me casarei com ela!..."

A viúva deixou escapar uma dessas risadas, que só o sarcasmo ou a cólera têm o poder de desatar; o Juca prosseguiu imperturbável;

— E' um sacrificio imenso que me imponho a mim mesmo; mas ao menos deve-se-me fazer justiça; mostrei-me um dia capaz de uma boa ação... sim... abafu um amor que me queima, para não tornar infeliz a mulher que mo inspira! confesse, confesse, Sra. D. Irene, o meu procedimento é neste caso tão louvável, que se não vivêssemos em uma época de fingimento, de egoísmo, e de não sei que mais, eu seria por certo levado à imortalidade!

— Está pois decidido que o senhor rompe os laços que nos deviam unir? perguntou a viúva batendo com o pé.

— E' o único meio que descubro para livrá-la das garras de um homem mau, e cheio de vícios!

— Oh!... não posso deixar de prestar a minha admiração a tanta virtude!...

Nesse momento Rosa passou por diante do Juca e de Irene, rápida como um passarinho que voa.

— No entretanto, continuou a viúva, que surpreendera um olhar de chamas dardejado sôbre a filha de Mauricio; no entretanto se se tratasse de um casamento com esta criança que acaba de passar...

— E' verdade... confesso que não me desagradaria a proposição...

— O senhor atreve-se a dizê-lo?!!

— Sim, senhora; e pela mesma razão que lhe dava há pouco.

— Pode fazer-me o favor de repetir?

— Pois não! escute: eu detesto aquela criança; tenho-lhe uma antipatia invencível, um ódio mortal; ousa mesmo dizer que desejo vê-la desgraçada! e por consequência estimaria casar-me com ela; ora, eis aí tudo, e não há nada mais claro!

— Tem razão, meu senhor; não há nada mais claro!... eu devia ter acreditado no que me diziam há muito tempo a seu respeito.

— Então o que diziam?... poderei saber?...

— Que o senhor é um homem sem palavra...

— E' exato; estou, como já declarei, em horas de franqueza: é exato isso; sou um homem sem palavra.

— Que o seu gôsto é andar enganando pobres senhoras com falsas promessas de casamento...

— Tal e qual!... vejo que me vão conhecendo.

— Que é um mentiroso...

— Isso já está dito.

— Um estudante vadio, e um futuro...

— Pouco mais ou menos.

— Um traidor, um pérfido...

— *Et cætera, et cætera*, é verdade.

— Extravagante, cabeça doida...

— Tudo ajusta, tudo ajusta, minha senhora!

— E sabe a consequência que de tudo isto eu tirei?...

— Ora, é bem fácil de adivinhar.

— Pois digo...

— Que não se devia nem se podia casar com um tratante da minha qualidade!

— Sr. Juca quer saber uma cousa?

— Sim, minha senhora.

— Fique certo de que eu não preciso da sua pessoa.

— Ora... está visto!

— Quando me vier à cabeça o casar-me, todo o meu trabalho se limitará à escolha do marido.

— Não há dúvida nenhuma!

— Tive o louco pensamento de querer fazê-lo feliz...

— Ao menos me veio a tempo a idéia de a não tornar des-graçada: ainda espero que a senhora reconheça êste favor que me fica devendo.

— Basta! não o posso sofrer por mais tempo! tôdas as nossas relações se acham quebradas desde êste momento... conduza-me à sala!

— Ah! Bonifácia!... Bonifácia!... exclamou com emoção teatral o estudante conduzindo Irene.

— O que é que diz? perguntou a viúva.

— Nada, respondeu o Juca arranjando um suspiro; foi simplesmente uma recordação do passado!...

Chegaram à sala de dança: a velha arrancou-se do braço do estudante, e sem ao menos lhe dizer obrigada, atirou-se sôbre uma cadeira.

— Oh! minha boa fortuna!... balbuciou o Juca dando alguns passos.

— Estimo que fôsse muito feliz! murmuraram-lhe então ao ouvido.

O estudante voltou os olhos, e deu com D. Rosinha junto dêle.

— Sim! o mais feliz que se pode imaginar!... êste dia tem sido para mim todo êle bem-aventurado!

— Pois dou-lhe os parabéns...

— Quisera que me desse ainda outra cousa.

— O quê?...

— Um passeio.

— Com muito prazer; mas não posso deixar de adiar por alguns minutos essa minha dita, visto que meu tio recomendou-me que lhe dissesse que precisa muito falar-lhe: vá ver o que êle quer primeiro, e volte: eu lhe espero aqui.

O Juca foi correndo ter com o velho Anastácio.

— Estou às suas ordens, disse.

— As minhas ordens para quê?... perguntou Anastácio.

— D. Rosinha disse-me que o Sr. lhe recomendara, que me mandasse aqui, pois que tinha alguma cousa que me dizer.

O velho desatou a rir.

— A tal senhora minha sobrinha está hoje divertindo-se à nossa custa! meu Juca, a rapariga pregou-te um mono, eu não lhe disse cousa alguma.

O estudante não respondeu ao velho para não perder tempo e voltou prontamente à sala, onde tinha deixado D. Rosinha; porém por mais que voltasse os olhos para todos os lados, não pôde mais dar com ela.

— Escapou-me ainda uma vez, disse consigo o Juca; mas protesto, que não admitirei mais desculpas; ou hei de obrigá-la a dar-me um passeio, ou a dizer-me — *não quero*.

E depois de esperar em vão por cinco minutos para tornar a ver aparecer Rosa o estudante deixou a sala de dança, e dirigiu-se à outra que lhe ficava contígua.

Um criado chegou-se a êle e apresentou-lhe uma carta em uma pequena salva de prata.

— O que é isto?...

— Um homem acaba de entregar esta carta.

— E êsse homem?...

— Entregou a carta, e retirou-se logo.

— Bem, disse o Juca.

Uma idéia triste, aflitiva, um não sei quê de doloroso se apoderou da alma do mancebo: o criado tinha já desaparecido, e êle hesitava ainda antes de abrir a carta.

De repente uma palidez mortal cobriu o rosto do mancebo, que acabava de notar que a obreia que fechava a carta era de côr preta: com mãos trêmulas e já arquejante rompeu o sêlo, abriu o papel; mas apenas leu as primeiras palavras, soltou um grito terrível, e caiu estendido e como morto sôbre o soalho.

Nada pode explicar a confusão que reinou naquela casa durante os primeiros instantes, que sucederam a êste lamentável acontecimento: todos rodearam o mísero estudante, que estava sem sentidos nos braços de alguns amigos. Rosa chorava como uma louca correndo de um lado para outro lado: Anastácio gritava pelo médico; Maurício tinha o pobre mancebo descansando sôbre seu peito.

— Senhores! disse enfim o médico, o nosso amigo não está morto... mas é preciso que deixem esta sala... tanta gente junta e parada aqui não pode convir...

— Mas o que foi isto?... perguntava pela vigésima vez Maurício.

— Foi a notícia da morte do pai que lhe chegou neste momento; disse um moço que acabava de apanhar e ler a carta, que caíra no chão.

— Coitado!... disseram as senhoras.

O médico recomendava outra vez que deixassem a sala; o Juca começava a tornar a si, e alguns iam já saindo, quando viu-se entrar um homem desconhecido, que empurrando rudemente para um e outro lado todos aquêles que encontrava diante de si, foi cair de joelhos junto do corpo do Juca, exclamando:

— Meu filho!... meu filho!...

Escutando aquêle grito, o mancebo, que principiava a reanimarse, abriu os olhos, sorriu-se de um modo sublime e inexplicável...

quis estender os braços, e não pôde, abriu a bôca para falar e faltou-lhe a voz... e como se tivesse assim esgotado o resto da vida que ainda tinha, deixou escapar um longo suspiro, fechou os olhos e expirou, ou desmaiou outra vez.

— Eu matei meu filho!... eu matei meu filho!... bradou com uma voz desesperada o desconhecido que se abraçou com o corpo do Juca.

— Doutor! e agora?... perguntou Mauricio.

— Agora, eu não sei; respondeu tristemente o médico.

## XL

### Consequências de uma obreia preta

Na casa de Mauricio, ainda há pouco tão ruidosa de prazer, de músicas vivas e de alegres cantares, tudo era somente confusão e lamentos misturados com a bulha das carruagens que se retiravam.

— Que novidades há? perguntou um moço que acabava de entrar; fui mandar chegar a minha carruagem, demorei-me muito procurando-a, e não sei se o Juca morreu, ou tornou a si.

— Não se sabe nada, senão que ainda vive: levaram-no para um gabinete e não entra lá ninguém senão o médico, Mauricio, o velho Anastácio e D. Rosinha que desenvolve um talento admirável para enfermeira, e enfim aquêlê esquisito desconhecido, que dizem ser o pai do Juca.

— Desastrado pai!...

— Oh! por certo era aqui ocasião de dizer, mudando o pensamento do poeta!

“Que tal pai de tal filho se esperava!”

— Diabo! tu nem perdoas aos moribundos.

— E' boa! sou amigo do Juca, e eu cá acompanho os meus amigos até a cova.

— Que é feito de Faustino?...

— Agora não sei: ainda há pouco vi-o estar tomando notas com um lápis; provavelmente medita já em algum artigo necrológico para fazer imprimir no *Jornal do Comércio*.

— Se o Juca não vai desta, o publicista dá o cavaco por perder o seu artigo...

— Qual! êle terá o cuidado de guardá-lo para servir pela morte de qualquer outro; eu conheço um sujeito que tem um sonêto que lhe serve para cantar todos os aniversários passados, presentes e futuros!

— Oh! silêncio! silêncio...

— Então que temos?...

— Lá vem a velha Irene... atenção.

— Que novidades há, minha senhora?... como vai o doente?

— Vão-se perdendo tôdas as esperanças de salvá-lo! dá gemidos que cortam o coração; e está com um delírio, que faz mêdo chegar ao pé dêle.

— Pobre rapaz.

— E' uma cabeça doida; porém faz pena!

— Quem tem culpa de tudo é o tal senhor pai resuscitado...

— Dizem que pretendeu fazer uma experiência sôbre o coração do filho: *também é a única maneira de explicar o seu procedimento.*

— Podia muito bem ter guardado as suas experiências para ocasião mais oportuna.

— E' verdade!

— Eu perdi não menos de cinco quadrilhas e duas valsas com a tal graça!...

— E eu?! e eu?!!

— Tu o quê? tu não danças nunca: que poderias tu perder?...

— Cousa muito superior à dança: perdi a ceia.

— Êste homem não tem alma!...

— Oh! minha senhora, devemos conceder que êle a tenha, porém no estômago.

— Creio que êstes gracejos não vêm muito a propósito; preferia antes que um dos senhores me fizesse o obsêquio de mandar chegar o meu carro.

— São duas calamidades juntas!

— Quais?...

— O faniquito do Juca, e a retirada de V. Ex.!

Alguns minutos depois o circulo daqueles importunos gracejadores se desfez; a velha Irene e muitos dêles deixaram a chácara de Maurício e voltaram para a côrte.

A viúva Irene, egoísta como uma velha que quer casar, pouco se docu do triste acontecimento que havia ocorrido: pelo contrário, *refletindo maduramente durante a viagem na conversação que tivera com o Juca, e na morte provável que o esperava segundo o pensar e os temores do médico, concluiu que devia abandonar completamente a idéia de casar-se com o estudante; que lhe cumpria voltar seus olhos para outro lado, e portanto começou desde logo a mais minuciosa comparação entre o comendador Sancho, que já principiara a fazer-lhe proposições muito formais, Faustino, que apesar do que dêle soubera no jantar de Maurício, tinha sempre o mérito de ser um moço da moda, e finalmente o velho usurário André, seu primo e procurador.* Em qualquer dêstes três pretendentes Irene achava defeitos horrorosos; mas que defeitos não desculpará e enfim não

chegará mesmo a transformar em virtudes uma mulher de perto de sessenta anos, que quer por força casar?...

O comendador Sancho tinha ficado ainda na chácara de Maurício: não que lhe causasse o menor cuidado o estado crítico em que se via o Juca, mas somente porque ainda também se demoravam lá a velha Juliana e D. Laura.

Considerações da mesma natureza das que tinham operado no ânimo de Irene uma completa revolução em suas idéias de casamento, influíam no espírito do comendador. Ele não podia desconhecer que era só objeto do desprezo de Rosa, e ajuntando a isto as reflexões que era obrigado a fazer a respeito do mau estado de sua fortuna, convencera-se de que lhe convinha ir tratando o mais cedo possível de arranjar um casamento de interesse, como por exemplo, o da viúva Irene, ou enfim o de Laura, que embora fôsse menos rica, era em compensação moça bonita.

No entretanto o pobre Sancho dava tratos à sua imaginação para achar um meio de se sair com honra dêsse empenho em que se metera, e já havia jurado cem vêzes que aproveitaria o primeiro ensejo para quebrar os frágeis laços que até certo ponto o prendiam a Rosa; o que sobretudo êle não podia sofrer era que alguém chegasse a pensar que tinha sido repellido pela filha de Maurício.

Uma hora pouco mais ou menos depois da retirada de Irene, não restavam dos convidados na chácara de Maurício senão a velha Juliana e sua neta, o comendador Sancho, mais quatro ou seis senhoras amigas de Rosa, e outros tantos amigos velhos da familia.

Enquanto Maurício com seu irmão se ocupavam em prestar socorros ao mancebo doente, que via além dêstes inseparáveis do seu leito o médico e seu velho pai, o comendador Sancho na sala conversava com as pessoas que com êle se tinham deixado ficar.

— Foi pena! dizia êle; o baile estava na sua hora de ardor e de febre!... aquêlê desmaio foi como um balde de água deitada num fogareiro?...

— Que comparação! disse uma moça ao ouvido de Laura.

— O Juca portou-se mal, continuou Sancho; desde que viu obreia preta na carta, devia retirar-se para não perturbar o prazer alheio! eu confesso que não lamento nada tanto como as valsas que perdi!

Uma das senhoras que ali se achavam não se pôde conter, e respondeu:

— Pelo que ouço, creio que o Sr. comendador Sancho se tivesse uma carta igual àquela que recebeu o Sr. Juca, e nas mesmas circunstâncias em que o infeliz moço se achava, abria a carta, e depois de lê-la, punha-a no bôlso, e adiava um desmaio para o dia seguinte!...

— Menos isso, minha senhora! disse Sancho atrapalhando-se.

— Sr. Comendador, as dores e pesares oficiais são realmente muito mais cômodos do que os sofrimentos por que está passando o pobre moço.

— Que sofrimentos!... exclamou a velha Juliana, que entendeu que lhe cumpria acudir em socorro do comendador; que sofrimentos!... se aquilo tivesse acontecido a uma senhora, fingiriam todos muita compaixão, mas pela bôca pequena haviam de dizer também que os tais desmaios eram faniquitos de mulher!... eu aposto cem contra um, que antes de 24 horas o Juca está de saúde perfeita...

— *Deus permita!*...

— Quer me acreditem, quer não, eu sustento que aquilo que tantos supõem tragédia, não passa de um simples entremês!

O comendador Sancho ia abrir a bôca, sem dúvida para aplaudir os rasgos de eloquência da velha Juliana, quando teve de suspender-se sentindo os passos precipitados de Rosa; voltaram todos os olhos, e a moça entrou na sala.

A dor falava com tôda sua suprema eloquência no rosto de Rosa, onde se tinha derramado: grossas lágrimas caíam em torrente de seus olhos e inundavam suas faces e seu colo, onde iam enfim cair; alguns anéis de madeixas escapados e em desordem volviam-se sobre seu lindo vestido branco; a triste moça entrara na sala apertando um lenço entre seus dentes para não soluçar.

— O que há?... o que há?... perguntaram as senhoras, que cotreram a receber Rosa, a qual por única resposta apertou dolorosamente as mãos sobre o peito.

— Mas o que há?... morreu?...

Rosa fêz com a cabeça um sinal negativo, e atirando-se sobre o sofá deitou a chorar desabridamente.

— O que tem?... *D. Rosinha!*... *se êle não morreu, por que chora assim!*...

Só no fim de um quarto de hora a filha de Mauricio sentindo-se mais aliviada da dor imensa, que a oprimia, ergueu a cabeça, e olhando para todos com um olhar desvairado, disse:

— Eu ouvi a voz do médico... o que êle disse foi horrível!... *oh!*... *êle disse, que tudo ia mal... tudo quase perdido... eu não pude conter-me... e quando se ouviram os meus soluços, o doutor veio dizer-me assim: "os seus soluços vão acabar de matá-lo!"* *oh!*... eu fugi, para que êle não me sentisse chorar... não posso ir lá... não me atrevo... quem vai por mim?... eu quero saber como êle está; mas não digam que vão por mim... não... ninguém fale no meu nome... talvez me queiram encobrir a verdade.

Uma amiga de Rosa levantou-se e foi saber noticias do Juca. Logo que a viu ir, a triste moça ajoelhou-se, ergueu as mãos, e exclamou:

— Meu Deus!... salvai-o!...

E pôs-se a rezar em meia voz; ninguém ousava proferir uma só palavra; todos observavam em silêncio aquela mulher encantadora, que a dor e a fé atiravam de joelhos.

A amiga de Rosa voltou e disse:

— Parece conservar-se no mesmo estado, mas o doutor diz que começa a conceber esperanças!...

— Isso é verdade?... perguntou Rosa.

— Eu to juro por minha mãe.

— Oh!... muito obrigada... exclamou a filha de Mauricio correndo a abraçar a amiga.

O comendador julgou que devia dizer alguma coisa, e foi bastante estulto para acreditar, que vinha ali um pouco a propósito uma espécie de ciúme.

— Mas o que eu não compreendo, disse êle, é que se deva sentir tão forte dor por um estranho!...

Rosa, como se sentisse ferida por uma serpente, voltou-se de súbito, e cravando no comendador Sancho dois olhos, que brilharam a despeito das lágrimas, perguntou:

— O que é que diz?...

O pobre Sancho cometeu a loucura de repetir a observação.

— E o que tem a ver o senhor comigo, com a minha dor, e com o que quer que seja, que me diga respeito?...

— O que tenho que ver, minha senhora?...

— Sim: diga... a ocasião é oportuna. Oh! é um bom meio de fazer parar o meu pranto.

— Creio que se passou entre nós alguma coisa... que existe algum compromisso...

— Não; o que o senhor deve crer, é que houve um tempo em que eu andei louca, e que então por não sei que raciocínio inexplicável, e até risível, cheguei a concluir que se me fazia preciso ser muito e muito desgraçada, e que o mais curto caminho para sê-lo era casar-me com o senhor!... eis aí tudo.

— E' possível!...

— Oh!... mas eu tinha um pai para me arredar do abismo, e livrar-me das garras de um homem presumido... e, digamos tudo de uma vez, de um velho ridículo!...

O comendador Sancho escapou de desmaiar por sua vez: sentiu-se sufocado de cólera, e quando, a muito custo, pôde falar, exclamou:

— Minha senhora, eu podia explicar o segredo, e o que querent dizer essas suas últimas idéias; como porém elas me convêm, e só a obrigação de cumprir minha palavra, me forçava a pensar ainda em uma união, que ia penalizar-me muito, aproveito a ocasião que

me dá, para dizer-lhe, que me julgo livre dos ferros pesados que me prendiam, desligado da minha palavra, e inteiramente desembaraçado!

Rosa respondeu ao comendador com um soberano olhar de desprezo.

O mísero Sancho pensou que podia ali mesmo vingar-se da mulher, que o insultara, e fiado do que lhe dizia a velha Juliana a respeito dos sentimentos de Laura para com elle, voltou-se para a velha e disse:

— Sra. D. Juliana, o momento é talvez impróprio; mas eu não quero e nem posso perder um instante da felicidade a que aspiro: peço-lhe desde já a Sra. D. Laura em casamento, e serei muito ditoso, se...

— Pois não, meu caro Sr. comendador! exclamou a velha Juliana; isso é para nós uma fortuna que vem do céu: eu podia responder por minha neta; mas quero que o Sr. comendador ouça a resposta que deseja da própria bôca dela: Laura o illustre Sr. comendador Sancho te distinguiu, e te pede para sua esposa; tu que dizes?...

— Que o rejeito, respondeu Laura sem hesitar.

O comendador caiu sôbre uma cadeira, como fulminado por um raio.

## XLI

### Os três pretendentes

— Deo gratias! disse a voz de alguém, que subia a escada da casa da viúva Irene.

Um momento depois a viúva, que se achava recostada no sofá lendo um romance modernamente traduzido, fechou o livro, vendo aparecer à porta da sala a figura inunda de seu primo André.

— Oh! vossa mercê por aqui, meu primo!...

— Pois o que quer que faça, quando a senhora arrasta a gente! disse arranjando um sorriso, o velho usurário.

— No entanto vossa mercê quando me vem visitar, é sempre mais cedo.

— Tive receio de incomodá-la... cuidci que hoje estivesse muito cansada, e que por isso levasse tôda a manhã a dormir.

— Pelo que vejo julga-me bem preguiçosa!...

— Nada... nada... mas como ontem foi dia de grande função... E' verdade! já me contaram a desgraça que aconteceu! Pobre rapaz!... e disseram-me que não escapa! Minha prima, já teve noticias dêle hoje?...

— Ainda não.

— Pois é admirável!... a prima dava tanta importância áquelle moço...

— Não me fale mais disso, primo.

— Pois quê! abriria os olhos ainda a tempo?..... será possível que...

— E' verdade... acho-me finalmente curada de minha loucura.

— Ora, graças! eu logo vi que por fim de contas o seu juízo havia de vencer os caprichos do coração.

— Pelo que vejo, esta noticia causa um grande prazer ao primo?...

— Certamente... certamente... a prima sabe quais são os meus desejos... qual a única esperança de felicidade, que me resta neste mundo! Eu não retiro a minha palavra, e estou pronto a renovar os meus pedidos; olhe: ninguém ousará dizer, que desejo casar-me com vista no seu dinheiro... sou pobre... bem pobre; mas me contento com o pouco que tenho...

— E' pena que só agora se lembrasse de casar!...

— Oh! não estou tão velho como isso! disse o usurário levantando-se: tenho uma saúde de ferro, e um gênio mesmo próprio de homem casado!... Prima, eu aposto que havemos de passar uma vida de anjos!

— Sim?...

— Até hoje vivi no retiro e no isolamento, mas agora têm-me vindo umas cócegas de ir ao teatro e aos bailes... uma vontade de aparecer e de divertir-me, que uma cousa é dizer e outra é sentir!...

— E por que não faz isso, primo?...

— Ora, tenho vergonha de andar só por meio dessa gente, que nunca me viu... quisera ir, sim; mas com uma companheira, que me guiasse, e introduzisse na sociedade.

— Digo-lhe, que está com muito boas idéias!

— Sem dúvida... é preciso não trabalhar tôda a vida... o prazer, o divertimento também alimenta a gente; de que serve o dinheiro senão para se gastar?...

André fêz um tão grande esforço para pronunciar aquelas palavras que êle considerava uma blasfêmia, que sentiu-se meio perturbado, e logo apelou para a sua caixa de tabaco.

— E será sempre essa a sua opinião?... terá sempre a mesma vontade?... perguntou Irene.

— Vontade!... exclamou o usurário; pois se eu me casar, me darei ao trabalho de ter vontade? essa é boa! então cuida que não me bastará na vida a vontade de minha mulher?

— Oh, meu primo! olhe que isso é muito!...

— E' assim que eu entendo as cousas, e não vou adiante, porque tenho mêdo de parecer hipócrita! disse o velho André encruzando as mãos sôbre o peito com o ar do mais santo dos homens.

— Primo, vossa mercê está me fazendo vontade de casar outra vez! olhe, o meu defunto era uma pomba sem fel...

— Lembro-me bem! e o mais é que elle dizia que no gênio se parecia comigo, bom homem que era! trigo sem joio... palavra honrada... ah! às vêzes tenho umas saudades...

Irene julgou que lhe cumpria chorar um pouco naquela ocasião, e começou a soluçar; o velho André enterneceu-se, e cobrindo o rosto com o seu lenço de tabaco, pôs-se a fingir que também chorava.

Passado o tempo necessário para as lágrimas de uma viúva de anos, Irene disse:

— Meu caro primo, fico certa dos seus sentimentos, mas agora acho-me tão comovida, que lhe não posso responder definitivamente...

— Ah! porém ao menos, prima do coração, anime este pobre André com algumas esperanças...

— Sim... sim... eu espero, que ficaremos por fim de contas muito contentes.

O usurário despediu-se e saiu; quando se achou na rua, foi dizendo consigo:

— Deixa-te estar, minha velha bruxa, que em me pilhando casado, eu te ensinarei!... ora pois, continuava elle; não me enganaram... houve decerto briga entre ella e o brejeiro do estudante... por isso é que se pôs ás boas comigo!... deixa-te estar velhinha gaitadeira, deixa-te estar!...

Irene também tinha ficado refletindo a sós:

— Este, pensava ella, este só em último lugar; é um velho, de que todos hão de rir, e que me envergonhará.

As reflexões da viúva não puderam ir adiante, porque bateram na escada, e daí a pouco appareceu na sala o comendador Sancho.

— Oh! Sr. comendador!... bem-vindo seja: tenho passado um dia aborrecido... a sua visita é uma felicidade para mim.

— Minha senhora, devo ser franco; não é uma simples visita que venho fazer a V. Ex... é uma visita extraordinária... isto é, fora do comum...

— Sim?... então o que há?...

— Não quis perder um momento; vir cair aos pés de V. Ex.: em uma palavra, vim oferecer-lhe o meu coração e pedir-lhe o seu...

— Ah! mas o coração não é uma cousa que se dê assim de repente... é preciso a gente pensar nisso.

— Minha senhora, desde muito tempo, que eu teria já implorado a graça que lhe peço hoje de joelhos, se não pensasse que outrem mais feliz merecia a atenção de V. Ex.; ontem porém tive a fortuna de ver êsse, que eu julgava preferido, pôsto de lado, atirado a um canto, como cousa ruim que é, por V. Ex. Desde logo pois, minhas dúvidas se dissiparam, e eis me aqui...

— Todavia Sr. comendador nós nos conhecemos há muitos anos, e eu nunca mereci...

— Oh! não me traga à memória um tempo de cegueira e de desespero!... chegaram a fazer-me acreditar que V. Ex. me detestava, falava mal de mim, e escarnecia da minha pessoa...

— Será possível?

— Nada mais certo; conheci porém ainda a tempo essa vil intriga...

— E quem ousava caluniar-me assim?...

— A filha de Mauricio, e a neta de D. Juliana.

— Oh! que serpentes!...

— Não se afflija V. Ex.; eu vinguei-a de ambas; queria afastar-me de V. Ex. porque conheciam o amor que eu lhe tinha; a D. Rosinha punha em ação todos os meios para conseguir casar comigo e confesso que estive por um triz a cair na esparrela; a avó de D. Laura trabalhava também da sua parte para empurrar-me a neta; ontem porém descobri o fio da intriga, desenganei a ambas aquelas senhoras, que desesperadas contra mim, disseram cobras e lagartos contra V. Ex., para assim melhor me ofenderem.

— Sr. comendador, eu nunca me enganei com aquelas duas inimigas que tenho!

— Não se exaspere V. Ex., a vingança está em nossas mãos; podemos fazê-las morrer rebentando de raiva...

— E como?...

— Casemo-nos: o dia do nosso casamento será o de infável felicidade para mim...

— Ai, Sr. comendador! estou já tão acostumada com esta vida, que tremo só com a idéia do casamento!... o casamento será um sacrifício para mim: juro que não tenho vontade de me casar.

— Minha senhora, V. Ex. sabe que eu não sou nenhum pobre-tão, como êsses que andam por aí a farejar noivas com dotes... sabe que eu sou um homem condecorado e rico, e que portanto só venho pedir-lhe a sua mão, e oferecer-lhe o meu nome, movido por uma paixão veemente que me abraça o peito, que me transtorna o juízo, que me tira o sono e a vontade de comer, e que é bem capaz de levar-me às portas da morte!!!

O comendador Sancho nunca na sua vida tinha dito tanta coisa junta; a memória desta vez não lhe fôra infiel, e êle pudera dizer o seu recado de fio a pavio tal qual o havia estudado.

Irene pareceu meditar por alguns momentos; e depois respondeu:

— Meu caro Sr. comendador, o que me propõe é matéria muito importante: eu lhe peço licença para refletir por alguns dias; mas fique certo de que sou uma senhora muito grata, e tenho pelo Sr. comendador a mais decidida predileção; vá pois convencido, de que me deixa enternecida... e muito disposta a seu favor...

O comendador retirou-se animado, e cheio de lisonjeiras esperanças.

— Este dia é de bom agouro! disse Irene vendo sair o illustre Sancho, dois pretendentes em uma hora é felicidade que não cabe a todos!...

Bateram palmas outra vez na escada.

— Oh!!! havia de ser engraçado se fôsse outro!...

Entrou o publicista. Irene entendeu que devia mostrar-se resentida.

— *Minha senhora, disse Faustino, apenas se sentou; leio no seu rosto, que está agastada comigo!...*

— Talvez que a sua consciência lho dissesse antes do meu rosto!

— V. Ex. tem razão; mas eu também tenho.

— Isso é que me parece impossível.

— *Minha senhora, eu não quis deixar passar um só dia sem vir dar a V. Ex. uma explicação formal e completa a respeito do fato mais desagradável que comigo se tem passado.*

— Seria melhor não falar nisso...

— Perdão... é preciso que eu me lave de uma nódoa terrível. Acusaram-me de interesseiro... a mim... que desconheço o poder do dinheiro; a mim, que tenho no coração a religião da honra! acusaram-me ainda de haver escrito cousas horrorosas contra V. Ex... a mim, que... que... que amo perdidamente a V. Ex.!!! Ah! quem me dera que V. Ex. fôsse pobre, pobre como essas mendigas, que pedem esmolas pelas ruas, para que eu pudesse mostrar o desinteresse e a pureza do meu amor a êsses detratores... a êsses assassinos da minha honra... a êsses invejosos do meu talento, da minha fama, e do meu nome, que por tôda a parte me hostilizam!!!

— Mas aquêlê papel? aquêlê papel, senhor!

— Aquêlê papel?... V. Ex. ainda o pergunta? dar-se-á a possibilidade de que não saiba que o Juca é meu inimigo jurado, e o velho Anastácio jurado inimigo de V. Ex.?...

— Lá isso é verdade! aquêlê velho merecia ser queimado vivo?

— Pois então que mais explicações precisa?... não sabe que se ligaram ambos contra nós?... que o tal estudante tem uma habilidade rara para imitar a letra dos outros, e que o velho Anastácio aproveitou-se dessa habilidade para envergonhar, e ferir a V. Ex.?... Haverá cousa mais clara neste mundo?

— E por que não disse o senhor isso tudo lá mesmo?...

— Ah! minha senhora? porque eu não podia insultar o irmão do dono da casa.

— Sr. Faustino! o que acaba de me dizer é verdade?...

— Eu o jurô.

— O senhor não escreveu aquêlê papel?

— Não! não! palavra de honra!

— Então aquêlê velho e aquêlê moço são dois entes abomináveis, e... eu os condeno a um completo e perpétuo desprezo!...

— Bravo, minha senhora!...

— Sr. Faustino, aceito a sua explicação, e reconheço a sua inocência.

— Acho-me pois restabelecido no seu conceito?...

— Sem dúvida alguma.

— Então nada mais podem contra mim os meus pérfidos inimigos!... a intriga não colheu fruto algum?

— Pelo contrário, aumentou as minhas boas disposições e a minha amizade para com o senhor.

— O que diz, minha senhora?...

— Estou resolvida a não dar o gosto aos nossos inimigos!...

— Sra. D. Irene, êles nos unem, nos casam em seu ódio, e em suas tremendas maquinações!...

— Estou certa disso.

— Pois bem... se V. Ex. quisesse...

— O quê?... diga.

— Como êles se mordêriam de raiva!...

— Explique-se...

— Bastava uma só palavra da sua boca, para esmagá-los a todos, e fazer a minha completa ventura...

— E como?...

— Aceitando a proposição que por mais de uma vez já tenho tido a honra de lhe dirigir.

— Ah!...

— Por que não havemos de felicitar-nos?... tudo está em nossas mãos... o que quer V. Ex.? o amor?... não pode haver mais ardente, desinteressado e puro do que o meu...

— Ah! Sr. Faustino... eu sinto que as suas palavras me fazem andar com a cabeça à roda... tenho medo de me perder...

— Uma palavra só... um *sim*.

— Tão depressa?... um *sim* não é uma palavra que se arranque assim com essa facilidade da boca de uma senhora...

— Um pobre como eu está pronto a abraçar-se com a mais leve esperança...

— Pois bem... nesse caso...

— Diga!...

— Escute... talvez.

Ouvindo aquêle talvez, Faustino viu como que passar por diante dos seus olhos as quatrocentas apólices da velha.

A conversação não foi muito adiante. Pouco depois de pronunciado o esperançoso talvez, o publicista ergueu-se:

— Minha senhora, disse êle, não devo por mais tempo abusar da sua bondade. Retiro-me; porém espero ainda merecer de V. Ex. o obséquio de consentir que eu, cedendo aos impulsos de meu cora-

ção venha algumas vezes depositar aos pés de V. Ex. os protestos do amor o mais delicado, e da mais doce ternura.

— Venha, venha muitas vezes, Sr. Faustino; a sua visita será uma festa sempre nesta casa.

Depois dos cumprimentos de despedida, o publicista desceu a escada rapidamente, e apenas se achou na rua, disse consigo mesmo:

— Estou quase não quase com a partida ganha! oh!... quatrocentas apólices valem bem a pena de se aturar uma velha, que já está com os pés para a cova, e onde cairá facilmente com um empurrão dado a jeito!

No entanto a viúva Irene reclinando-se suavemente no sofá, dizia cheia de si:

— Já são três!...

E ia abandonar-se tôda às suas agradáveis reflexões, quando de novo se suspendeu, ouvindo bater palmas pela quarta vez:

— Oh!... exclamou ela: seria possível que fôsse ainda um quarto pretendente!... não... não... era muita fortuna junta...

E cravando na porta uns olhos cheios de curiosidade e de avidez, viu aparecer-lhe um nobre ancião, que conduzia dois meninos pelas mãos.

*Era Daniel.*

## XLII

### Daniel

— Seja bem-vindo, primo Daniel! disse a velha; êste dia é por força bem afortunado!...

Daniel tratou primeiro de fazer sentar os dois meninos, de quem Irene não mostrou fazer muito caso, e veio depois ocupar uma cadeira defronte de sua prima: o rosto do ancião exprimia o quer que seja de grave e solene.

— Pôsto que você, sempre que vem aqui, continuou a viúva, seja para ralar comigo, declaro que estava com muitas saudades suas.

— Obrigado, minha prima: confesso que ralho às vezes... mas creio que nunca o faço sem razão.

— Ora pois, diga-me, que longa ausência foi esta?... por que não tem querido vir visitar-me?...

— Porque... hesitava.

— Primo, que tem você?... acho alguma coisa de extraordinário no seu semblante... querem ver que me veio pregar algum sermão?...

— Vim contar-lhe uma história, prima.

— Pior... pior...

— Há de ouvi-la, prima; dê no que der.

— Pois já que não há outro remédio, vamos a isso.

— Mas antes de contar-lhe a história, preciso dizer-lhe primeiro algumas palavras a certo respeito.

— Estou à espera: palavras ou histórias, acabaremos sempre por ter sermão.

— Prima, disse Daniel com seriedade; as suas loucuras continuam a servir de tema para as conversações dos faladores e dos vadios do Rio de Janeiro: eu sei de tudo quanto se tem passado nestes últimos dias...

— Então o que há?

— Você continua com a sua ridícula mania!... não se lembra de que já é uma senhora idosa, e faz rir os seus inimigos com suas idéias de casamento!...

— E você também não se lembra de que mil vêzes lhe tendo dito que o não quero para meu tutor?

— Chegue a um espelho, senhora... mire-se num espelho, e diga com verdade se ainda se acha bonita e capaz de merecer que a requestem?... sim... diga se a sua consciência não lhe denuncia que êsses que a estão pretendendo não andam, não querem, não namoram senão o seu dinheiro!...

— E que tem você com isso?...

— O que tenho eu com isso?... perguntou o nobre ancião com voz grave; porventura já supôs um só instante na sua vida, que eu negocio com suas riquezas, ou que calculo com cousa alguma que lhe pertence?... o que tenho eu com isso?... pois ainda não sabe a razão por que me intrometo na sua vida?...

Irene abaixou a cabeça: apesar de se sentir ferida em sua louca vaidade, curvou-se diante do homem austero e rude sem dúvida, mas também honrado e amigo sempre fiel e dedicado.

— Primo, disse enfim a viúva: é que você tem um modo de falar que ofende.

— Talvez que seja assim, tornou Daniel, serenando; sou grosseiro... confesso que o sou; porém que quer?... gosto da verdade nua e crua.

— Pode-se dizer a verdade sem atacar... sem ferir.

— Bem... bem... desculpe-me: diga-me no entanto, e seja franca, que loucura é essa que lhe entrou na cabeça?... que idéia é essa de casar-se?... não sabe que uma senhora idosa que se casa é uma escrava, uma triste mulher de quem se zomba, a quem se engana, de quem se não faz caso algum no fundo do coração; uma mulher enfim, cuja morte se deseja?...

— Meu primo, pode ser que isso tudo seja assim: mas como me pede que seja franca, confesso-lhe que não me julgo salva se não passo a segundas núpcias... estou pronta a sujeitar-me a tudo contanto que eu tenha um marido...

— Que mania!...

— Olhe que eu não dou a conhecer esta minha fraqueza senão a você...

— Ainda bem.

— Além disso... quer saber uma coisa?... não me julgo tão velha como você me supõe; pelo contrário, creio que estou muito bem conservada, e não sou lá das mais feias... pelo menos muita gente de gravata lavada me diz isto... em palavra, tal qual me acho não me troco por muitas mocinhas que andam por aí com presunção de bonitas e bem feitas...

— Pobre humanidade!... murmurou Daniel.

— Se as suas duas palavras eram a êste respeito, vamos à história, porque já agora não há argumentos que mudem a minha resolução.

— Então está absolutamente resolvida a casar-se?...

— Absolutamente.

— Já se viu maior loucura!... bradou o velho erguendo-se.

— Primo, tenha dó de mim.

— Está bem: não posso, nem devo dizer mais nada. Quem sabe se a senhora não pensaria que tenho esperança de vir a ser seu herdeiro, e...

— Meu primo...

— Pois se alguma vez o pensou, digo-lhe que...

— Meu primo!... quem é que não faz justiça ao seu caráter!... oh! se você não fôsse o que é, eu aturaria as suas impertinências e os seus sermões com a paciência com que os aturo?...

Daniel, que tinha ficado vermelho de cólera, tornou pouco a pouco ao natural.

— Vamos à história, disse Irene rindo-se para agradecer ao primo.

— Sim, vamos, respondeu êste.

E voltando-se para os dois meninos que imóveis e sérios observavam a cena que se passava a seus olhos, disse-lhes:

— Vão para a janela, mas não façam travessuras: não voltem cá sem eu lhes chamar.

Os dois meninos levantaram-se e obedeceram prontamente às ordens do ancião, que voltando os olhos para Irene e apontando para os dois meninos que iam pôr-se à janela, disse:

— A minha história tôda está resumida ali naquelas crianças.

Irene não respondeu, nem fêz observação alguma; pareceu porém vexar-se um pouco. Daniel tornou-se muito mais sério do que tinha entrado.

— Sabe que meninos são aquêles, prima?...

A viúva lançou um olhar descuidado para a janela e não disse nada.

— Sabe que meninos são aqueles?...

— Suponho, balbuciou Irene.

— Ah!...

— Ouvi dizer que você tinha consigo duas crianças, presumo que são aquelas.

— E mais nada?...

A viúva guardou silêncio.

— Supõe talvez que sejam meus filhos?...

— Não; eu sei que você nunca teve filhos.

— Então por que motivo eu, um homem frio, severo e grosseiro como sou, havia de recolher para a minha casa dois estranhos?...

— Não sei: cada um faz o que entende que deve fazer.

— Não é isso: você não diz a verdade, exclamou Daniel; você está mentindo diante de sua própria consciência!...

— Meu primo!...

— Você não ignora que aqueles dois meninos são seus sobrinhos!...

— Ora, deixe-se disso...

— Deixar-me disso... não: nunca!... venho lembrar-lhe de-  
veres que até hoje tem esquecido; repreendê-la pelo seu criminoso  
procedimento para com dois inocentes que lhe pertencem ainda mais  
do que a mim, e que até hoje nunca lhe mereceram nem um afago...  
nem uma lembrança... nem um cuidado!...

— E que queria que eu fizesse?...

— Você deve uma restituição àqueles meninos!

— Uma restituição?!

— Sim: a herança que lhe coube por morte de seu irmão, cabia,  
diante de Deus, a seus sobrinhos.

— Essa é boa!...

— Prima, basta de cegueira, basta de ofender a Deus; consulte  
o seu coração e no fundo dêle achará as provas do que eu estou di-  
zendo: basta de ser ingrata, e má parenta, lembre-se de seu irmão,  
honre as suas cinzas, honre sua memória reconhecendo seus so-  
brinhos.

A voz de Daniel tinha tomado um tom doce e brando, que lhe  
não era usual. Irene quis falar e não pôde; o ancião continuou:

— Poderá negar, que seu irmão muitas vezes lhe falou em dois  
filhos que tinha?... diga!... responda!... oh!... não se recorda,  
que um dia conversando nós três sobre as incertezas da vida e do  
futuro, o meu pobre amigo tornou-se melancólico, e voltando-se de  
repente para nós ambos, disse "se eu morrer, cuidem vocês ambos  
de meus dois filhos!... pelo amor de Deus não os desamparem...  
minha irmã, eles são seus sobrinhos!" fale! prosseguiu ainda o no-  
bre Daniel: não foi isto assim?... ah! e o meu desgraçado amigo  
morreu poucos dias depois e sua irmã, esquecendo as recomendações

que elle lhe fizera, abandonou seus sobrinhos, menosprezou seu sangue... e, o que é mais, usurpou a herança, que devia pertencer a dois inocentes!!

— Meu primo, basta!...

— Não, de hoje por diante hei de vir todos os dias lançar-lhe em rosto tão abominável ingratidão!...

Irene escondeu o rosto entre as mãos.

— E fala em casar-se!... fazer passar às mãos de um estranho uma fortuna, metade da qual não é sua; porque é sem dúvida alguma de seus sobrinhos!... não, prima, você não se deve, e não se há de casar. Confesso que a considero uma senhora fraca, sem juízo, e vaidosa; mas nunca a julguei uma mulher sem consciência, um ente mau e indigno: não! você não se casará, não quererá por tal maneira sacrificar os filhos de seu irmão.

Irene não pudera resistir às observações de Daniel; começara a sentir-se comovida, e já disposta a favor dos sobrinhos; mas quando escutou as últimas palavras de seu primo, quando viu que elle a convidava a abandonar a sua idéa dominante, sufocou dentro do peito o grito da natureza.

Não casar?! pedissem à Irene tudo, menos isso: não casar era condená-la a passar por velha e feia; era como que julgá-la já incapaz de acender amor no coração de um homem; e isso, nós já o sabemos, a interessante viúva não podia conceder por preço algum.

Convém dizê-lo: por alguns momentos Irene pensou que lhe seria possível ceder uma parte de sua fortuna a seus sobrinhos, que Deus lhe impunha o dever de reconhecê-los; mas bem depressa compreendeu que um tal corte em sua riqueza podia bem diminuir o fogo e a paixão dos seus adoradores, e por consequência lá se foi a inspiração da virtude, diante das exigências da vaidade.

Seguiu-se pois uma calorosa discussão, que se prolongou até a noite, e na qual cada um dos contendores queimou até o último cartucho. Mil vezes esteve Daniel a ponto de levantar-se, e de deixar para sempre aquella casa, abandonar a mulher desajuizada, que assim sacrificava tudo ao louco desejo de ter um marido, que não podia ser senão um namorado de seu dinheiro; mas outras tantas vezes sentou-se de novo vendo perto de si os dois meninos, cuja causa defendia. A questão devia por fim chegar a seu termo: os dois primos estavam já arquejando de fadiga.

— Ora pois! exclamou Daniel; o seu destino se completará: a senhora casar-se-á, e passará o último quartel de sua vida, como uma vil e miserável escrava.

— *Quem morre por seu gosto, acaba por seu regalo,* respondeu Irene.

— Aposto mil contra um, que os seus pretendentes, hão de ser por força muito recomendáveis: um conheço eu, e elle também me

conhece bem, porque já experimentou a força do meu braço, e o peso da minha bengala... chama-se Faustino... que diz?... acertei ou não?... oh! é um rapaz tão nobre e desinteressado que me foi oferecer cinquenta por cento do seu dote para eu lhe arranjar o casamento!...

A viúva ficou pasmada a olhar para Daniel, que prosseguiu no mesmo tom.

— Quais são os outros?... faz o favor de me dizer?... vamos, franqueza até o fim.

— Um dos outros, murmurou Irene que ceia sempre à influência do honrado primo: um dos outros é seu próprio irmão.

— André!... bradou o ancião; André!... oh, meu Deus!... que crime cometeu minha nobre mãe para que a castigásseis dando-lhe um filho como aquê?... André!... mulher desgraçada, mulher cega e doída, diga, já pensou um instante só em praticar o tremendo sacrifício de casar-se com o usurário?...

Irene abaixou a cabeça. Daniel guardou silêncio por alguns instantes, procurando sossegar; depois perguntou:

— Quais são os outros?...

— Falta um sómente; é o comendador Sancho.

— O menos ruim dos três... não passa por velhaco, mas deve mais do que possui, segundo dizem, e quer salvar-se da própria ruína... no entretanto é o menos ruim dos três: se a virem casada com êle, juro que todos repetirão o antigo provérbio: "Deus os criou e êles se ajuntaram!"

— Nesse caso aconselha-me que o prefira aos outros dois?... perguntou a viúva timidamente.

— Qual aconselhar! conserve-se viúva como está.

— Mas se eu lhe digo que me hei de casar por força!... isto é uma cousa decidida.

— Já se viu que desespêro?... exclamou Daniel.

— Sim... sim... declaro que me hei de casar.

— Pois case-se... case com... com quem fór... com o primeiro que lhe aparecer.

— O que quer que faça!... disse Irene tristemente; isto é um destino... é uma mania; embora: não quero que as outras se riam de mim, e se julguem melhores do que eu... Quero ter um marido que me acompanhe, me defenda e me ame... e toda minha desgraça é não ser pretendida por um homem melhor que êsses três; porque eu confesso que não amo a nenhum dêles.

Daniel ergueu-se desesperado. Durante uma longa hora passou ao longo da sala, guardando um silêncio que só era interrompido pelos suspiros de Irene; a viúva com os olhos embebidos no primo, via-o torcer as mãos, tornar-se de repente vermelho, e logo depois empalidecer de súbito. Havia necessariamente uma luta desabrida

dentro do coração daquele homem, que finalmente depois de longo meditar, parou inopinadamente no meio da sala, depois correu a pegar no chapéu, chamou com voz áspera os dois meninos; mas vendo-os aproximar-se trêmulos e medrosos, hesitou um instante, e deixando cair o chapéu no chão, deu dois passos para Irene, e disse solenemente:

— Deus é testemunha do que se passa dentro de mim, e do que me obriga ao passo que vou dar.

Avançou mais um passo, e continuou falando com a viúva.

— Senhora!... eu lhe ofereço o meu nome: proponho-me a ser seu marido, com a condição de que uma hora depois de realizado o nosso casamento havemos de assinar ambos um ato público, adotando por nossos filhos a estas duas crianças.

O braço do nobre ancião estendeu-se por cima das cabeças dos meninos, a quem acabava de designar; e êle ficou mudo, sério e imóvel, olhando para a viúva Irene, que gaguejava e não sabia o que lhe cumpria responder.

### XLIII

#### Amante, pai e filho

O Juca não corre mais perigo: no fim de três dias os receios se foram pouco a pouco dissipando, e no quinto declarou o médico que suspendia as suas visitas.

Voltaram com a vida as esperanças do amor.

Durante a sua moléstia o estudante tivera constantemente a seu lado Rosa e seu pai. Em suas horas de maior perigo, quando na maior fôrça da febre abria os olhos e lançava em torno de si um olhar ardente e desvairado, encontrara sempre o nobre rosto de um velho, e o formoso semblante de uma donzela: foram ambos êles, como dois anjos, que velaram incessantemente pela conservação de seus dias. Então os dois fiéis enfermeiros uniam os seus esforços, ajudavam-se mutuamente, e dirigiam-se um ao outro sem vexame algum, sempre que se tratava de alguma cousa que dissesse respeito ao doente. Reconheciam que a causa era de ambos, e despidos de todo o egoísmo em face da morte que os ameaçava, respeitavam seus competentes direitos, e nunca nenhum dêles se lembrou de pôr em dúvida a competência do outro: quando o pai tinha de sair por instantes do lado do filho, estinuava poder deixar ao pé dêle a moça; e esta se algumas vêzes desviava seus olhos do mancebo, era para embê-los tímida e docemente no rosto daquele velho, para quem olhava com o mais santo respeito.

Desde porém que as melhoras do Juca chegaram a tal ponto, que não houve mais fundamento para os temores daqueles que mais

o amavam, o procedimento do velho para com a moça nudou completamente. Em vez de estimar vê-la ficar junto do filho, quando elle o deixava, como acontecia até então, trabalhava com indizível cuidado para que isso não tivesse lugar; de modo que Rosa não deveu senão ao acaso, e a algum raro descuido do velho, uma ou outra ocasião de se achar a sós com o Juca. Já lhe não era também permitido levar ella mesma o copo de remédio aos lábios do doente nem trinchar-lhe e oferecer-lhe o frango, que lhe concedera o médico: o pai não reconhecia mais outros direitos que não fossem os seus, e era quase com aspereza que elle arrancava o copo ou o prato das mãos da moça que, submetendo-se silenciosa a tudo, apenas abaixava tristemente a cabeça, cravando seus olhos no chão.

Na manhã do sexto dia, Rosa aproveitou-se de um dos felizes acasos que tão poucas vêzes lhe deixava apanhar o cuidadoso velho; entrou no quarto do doente, e perguntou ainda na porta:

— Está dormindo?...

— Não, disse o Juca levantando a cabeça; mas o que é verdade é que ainda há pouco fingia estar.

— Olhe, Sr. Juca, eu creio que não é bom fingir; pelo menos... depois de um certo tempo... convém que se vá perdendo esse costume.

O estudante sorriu-se e respondeu:

— As vêzes se faz preciso fingir-se: se meu pai não me julgasse adormecido, não abandonava o seu pôsto.

Rosa tornou-se melancólica, e disse:

— Eu tenho uma cousa muito triste para lhe dizer: hesitei muito tempo... mas não posso vencer-me, e vou lha confiar...

— Então o que é?...

— Creio que seu pai não gosta de mim, Sr. Juca.

— Oh! não: faça justiça a meu pai; é um homem da tèmpera de seu tio; o exterior é rude e severo; mas o coração... ah!... não há coração melhor e mais sensível do que o de meu pai.

— E' que elle me olha e me trata de um modo bem singular... às vêzes faz-me vir as lágrimas aos olhos.

— D. Rosinha, meu pai tem ciúmes da senhora.

— Ciúmes?... ora... não se pode acreditar...

— Sim: eu sou o único amor de meu pai, e elle teme que eu o ame menos do que a senhora.

— Era mais justo que seu pai repartisse comigo êsse amor tão grande que lhe tem.

— Eu também sou da mesma opinião.

A moça abaixou os olhos; fêz-se muito corada e balbuciou:

— Em tal caso eu pensava que o senhor já deveria ter intercedido a meu favor...

O Juca sentiu que os olhos se lhe arrasavam d'água; tomou entre

as suas uma das mãos de Rosa, e arrojou sôbre ela beijos e lágrimas de mistura.

— O senhor está chorando!... disse Rosa assustada.

— E' de prazer!... respondeu o estudante: a senhora é o anjo que o céu destinou para me salvar!

— Quem sabe se seu pai pensará do mesmo modo?

— Há de pensar, eu lho juro; o desejo de me fazer feliz de um lado, e do outro as suas graças, em que êle ainda não teve tempo de reparar, nos darão uma bem fácil vitória.

— Oh Deus permita!...

— No entanto, D. Rosinha, para que essa melancolia?... deixe brilhar a sua natural alegria; não se importe com a frieza de meu pai, e ria-se também com êle.

— Eu sinto passos; parece que é seu pai que chega... ah!... quase estou com medo.

— Não receie nada, mas deixe-me só com êle.

Com efeito um momento depois o pai do Juca entrou no quarto. Era um homem de estatura ordinária, seu corpo não estava desfigurado por excessiva gordura, mas indicava o gozo de uma saúde de ferro. Quem visse êsse homem, que já contava sessenta anos, dar-lhe-ia dois lustres de menos: os seus cabelos começavam apenas a embranquecer; tinha os olhos negros e belos como os do Juca, e seu rosto, dados os descontos da idade, era um perfeito e completo retrato do rosto de seu filho, ou vice-versa. No entretanto o caráter de ambos se distinguia singularmente; um era alegre e vivo, o outro sério e grave; o moço ligeiro e volúvel, o velho pensador e firme. Sobretudo porém tornava-se admirável a indiferença da expressão fisionômica daqueles dois semblantes tão iguais: no Juca tudo indicava favor, tolerância e confiança; no rosto de seu pai todos liam austeridade, reflexão e consumada prudência; ninguém antipatizaria com êle, mas também era sempre hesitando que se lhe falava pela primeira vez. Êsse homem chamava-se Mariano.

Entrando no quarto de seu filho, e encontrando aí Rosa ao pé dêle, Mariano franziu os supercílios e passou por diante da moça sem lhe dizer palavra; sentou-se depois nos pés da cama do Juca, cravando no rosto do filho um olhar austero e desconfiado.

— Passeou muito?... perguntou Rosa, querendo ensaiar-se na nova maneira de tratar o velho, conforme pouco antes lhe tinha aconselhado o estudante.

— Sim, senhora, talvez demais: respondeu sêcamente Mariano.

— O dia está fresco, e excelente para se passear...

— Mas a senhora parece que nos dias frescos gosta mais de se deixar ficar em casa.

— Ao contrário; não quis que o Sr. Juca estivesse muito tempo sôzinho; porém agora que o senhor chegou, saio eu: até logo.

Rosa saiu e deixou os dois a sós.

— José, disse o velho depois de refletir um instante, está visto que dormiste pouco...

— Não dormi nada, meu pai.

— Quando sai deste quarto... julguei...

— Eu tinha os olhos fechados.

— E não dormias?...

— Não, senhor.

Mariano tornou-se muito mais sério.

— Meu pai, continuou o Juca; não fique enfadado comigo; não posso esconder-lhe a verdade, tenho sido até hoje um rapaz extravagante; mas estou no firme propósito de corrigir-me...

— Estimarei muito...

— *E princípio por não lhe encobrir nada do que se passa comigo.*

— Não de haver cousas, que eu não quererei saber: contento-me que me obedeças em tudo.

— Juro fazê-lo, meu pai.

— Começo por dizer-te, que estou muito incomodado nesta casa, e quero me ir embora quanto antes.

— Não era melhor esperar pelo meu completo restabelecimento, meu pai!... pois havemos de nos separar outra vez tão depressa?...

— Separar-nos?... então pretendes ficar aqui, se eu me retirar?...

— Ah! não senhor, eu não tenho vontades: farei tudo, que meu pai quiser, mas como me acho ainda muito fraco... pensava...

O velho guardou silêncio: a pronta obediência, que ia sempre lhe prometendo o filho, o desarmava a todos os instantes.

— Meu pai... vossa mercê tem sofrido muito por mim... sou causa de seus desgostos, e...

— Basta: vim da fazenda para ralar contigo, e punir-te severamente; mas...

Os olhos do velho encheram-se de lágrimas.

— Mas o quê?... diga tudo...

— Mas... apesar de tôdas as tuas extravagâncias... adquiri a certeza de que me amas... e quase que te ia matando com uma falsa notícia... estou pois desarmado, e já te perderei...

— Ah, meu pai!... obrigado!...

— Com a condição, porém, de me obedeceres de hoje por diante cegamente...

— Sem dúvida, meu pai; obedecer-lhe-ei em tudo.

— E' preciso que acabes de uma vez com essa vida de loucuras e de vadiação, que levavas!... eu fui testemunha dela durante alguns dias... O desconhecido, que te acompanhava por tôda a parte, e que em tôda parte encontravas, era eu, que vi tudo, e que tudo que-

ria ver para amaldiçoar-te, ou punir-te de que já és homem, e que servirás de peso à sociedade em que vives, se fores sempre, como até agora, ocioso e vadio?

— Meu pai, eu já lhe jurei que havia de me corrigir completamente.

— Muito bem; mas vamos a ver, o que pretendes que eu faça de ti. Vindo para a côrte eu tinha a idéja de te levar comigo: já que me bastavam tantos anos de despesas perdidas, queria agora experimentar se tens jeito para lavrador.

— Vossa mercê pode fazer de mim o que quiser; porém julgo dever preveni-lo de que hei de ser um péssimo fazendeiro.

— Visto isto, queres continuar nos teus estudos?...

— Sim, senhor, se tal fôr a vontade de meu pai.

O velho ia cada vez mais se enchendo de alegria com aquela submissão completa do filho: o Juca, que conhecia a fundo o gênio de seu pai, sabia bem o grande proveito que poderia tirar da sua, aliás mui justa, e louvável obediência.

— E tens a certeza, perguntou Mariano, de que serás capaz de vencer-te a ponto de seguir um caminho absolutamente contrário daquelle que até hoje tens seguido?

— Creio que sim; principalmente se vossa mercê me der licença para...

— Acaba...

— Eu declaro antes de tudo, que nada farei que não seja com aprovação de vossa mercê...

— Vamos...

— Meu pai... eu amo...

O velho fêz um movimento de surpresa, e olhou para o filho com severidade.

— Eu amo, meu pai; e a mulher que amo, é digna de ser sua filha...

— Nesse caso ela te não quererá, por ora, ao menos, para seu marido: respondeu rispídamente o velho.

— Ah! por quê, meu pai?...

— Porque deve ser prudente para ver que um simples estudante ainda não tem com que a sustente e trate, como deve.

— Porém ela é rica, senhor!

— Quê!... exclamou o pai batendo com o pé!... Quê!... meu filho calcula com o dote de uma mulher, e quer viver à custa dela!

— Oh não!... não... meu pai; mas eu que não daria nunca este passo sem o seu consentimento, contava sempre com a proteção e socorro de vossa mercê.

Mariano abafou dentro do coração o prazer, que lhe dera aquella resposta, e disse:

— E tu não te darei mais essa proteção nem esses socorros, se fizeres uma loucura tal!...

— Ah! então eu não pensarei mais nisso; meu pai não quer... e basta; no entretanto se vossa mercê conhecesse bem a pessoa, que com glória lhe chamaria de pai!...

— Seja quem fôr... não quero... não consinto.

— E ofender-se-á, se eu lhe disser quem é, meu pai!... ao menos quisera que a conhecesse!...

— Que me importa?...

— Estêve aqui há pouco!...

— E' o mesmo; ou antes é uma razão de mais para nos irmos embora.

— Ah, senhor! tem tantas virtudes!...

— Não duvido.

— Tanta pureza e tantas prendas!... seu pai é um homem honrado como vossa mercê.

— Sim... tenho ouvido fazer-lhe muitos elogios; mas repito que não darei nunca o meu consentimento para uma loucura dessas... Casar-se não tendo futuro!... Casar-se sem ter casa! José, o homem que toma uma mulher deve ser capaz de sustentá-la independentemente de todos.

— Então jamais me casarei.

— Por quê?

— Porque seja eu o que fôr na sociedade, tenha a posição e as riquezas que tiver, sempre me considerarei dependente de meu pai.

Mariano voltou o rosto para esconder um sorriso; o filho o desarmava a todo o momento; estava decidido que o velho não poderia ralar com o Juca nesse dia.

Os dois guardaram silêncio por algum tempo. Finalmente Mariano tornou dizendo:

— José, não tratemos mais disso: por ora nada de casamento: é esta a minha última decisão.

— Paciência, meu pai; farei por vencer o meu amor.

— Dentro em pouco partiremos daqui. Visto que ainda te achas fraco, demorar-me-ei ainda dois ou três dias; mas findo êles, nem mais um instante no seio desta boa família, cujo sossêgo poderíamos perturbar; e isso fôra um crime que eu jamais te perdoaria. Agora descansa.

Mariano saiu do quarto; compreendeu que convinha dar ao filho ocasião de desenganar a Rosa e deixou-o por isso em liberdade.

Pouco depois de sair o velho, Rosa entrou pálida e trêmula.

— O que tem, D. Rosinha?... perguntou o Juca.

— Ouvi tudo! exclamou ela; perdoe-me!... eu estava ali... pregada na porta... e ouvi tudo!...

— Então o que pensa?... o que receia!...

— Ainda pergunta?... o que posso eu esperar depois do que lhe disse seu pai, e de que o meu já não ignora!...

— Ah! D. Rosinha! devemos esperar tudo: a senhora não conhece meu pai!... êle quando não se exaspera, está sempre a ponto de ceder; sobretudo ainda a não conhece... temos por nós três dias... trabalhemos de acôrdo, que seremos felizes.

— Sr. Juca, quer saber uma cousa?

— Diga.

— Eu estou com o pé na porta de um convento.

— D. Rosinha, quer saber uma cousa?

— Fale.

— Nós estamos com os pés na porta da Igreja.

— Resta saber para quê!

— E' boa essa! para nos casarmos.

## XLIV

### Os dois velhos roceiros

Mariano tinha descido para o jardim: a submissão de seu filho, e as atenções que lhe merecia e exigia mesmo na convalescença de uma perigosa enfermidade, não haviam sido os únicos motivos por que seu gênio naturalmente irascível não prorrompera ouvindo falar em casamento àquele mesmo que até então vivera vida tão repreensível e tantas extravagâncias fizera. Outras considerações ainda sobraram ao velho pai para moderar-se e ouvir a sangue-frio as confissões amorosas de seu filho.

Primeiramente Mariano julgava dever uma compensação ao Juca, pois que estava convencido de que tinha praticado uma imprudência indesculpável escrevendo aquella carta falsa para experimentar o coração de seu filho, e que no entretanto tão más consequências ia produzindo: em segundo lugar havia adivinhado o amor do estudante, e não podia deixar de reconhecer o merecimento da bela filha de Mauricio. Os cuidados, os extremos que Rosa empregara durante a moléstia do Juca, as lágrimas que chorara nas horas terríveis em que o próprio médico recebera ver expirar o doente, ficaram impressos na memória do honrado velho: um pai nunca se esquece, e antes agradece do fundo do coração todos os obséquios que se fazem a seus filhos.

Mariano já estimava a Rosa; mas o casamento é um fato tão importante na vida do homem, tem influência tal no seu futuro, que jamais um pai desvelado e prudente deseja ver casado seu filho, sem que primeiro as mais evidentes provas do mérito da mulher escolhida o venham convencer que dêsse fato tenha de partir a feli-

cidade para aquêles em cujas veias gira o seu próprio sangue, para aquêles enfim por quem trabalha e vive no mundo, e a quem ama como a continuação do seu mesmo ser, do seu — eu.

Era por isso que depois de resistir e de procurar destruir as idéias e projetos do Juca, estava Mariano passeando, ao longo das ruas do jardim da chácara de Mauricio, refletindo sobre o que acabava de lhe ser tão seriamente confiado.

O passeio do pai do estudante durava já meia hora, quando ao voltar de uma rua, o velho Anastácio o interrompeu.

Apesar de tudo quanto dissera o Juca, Rosa tinha saído do quarto aflitíssima, e encontrando-se logo com seu tio, contou-lhe o que acabava de ouvir. Anastácio procurou sossegar a sobrinha; prometendo-lhe ir falar a Mariano, e como era seu costume cumprir tão fiel como prontamente o que prometia, sem mais nada esperar, *nem refletir, foi explicar-se com o pai de Juca.*

Os dois velhos encontraram-se, como dissemos, ao voltar de uma rua do jardim.

— Andava à sua procura, disse Anastácio.

— Estou à sua disposição, respondeu o outro.

— Amigo, sou da roça como o senhor; e lá nos nossos matos, quando se quer dizer alguma coisa, não se procura rodeios; é tudo como deve ser: pão pão, queijo queijo.

— E' como eu gosto: verdade nua.

— Pois bem; lá vai sem mais preâmbulos. Digo-lhe que o senhor tem um excelente filho, e eu uma sobrinha excelente!...

— Quanto à sua sobrinha concordo; mas a respeito de meu filho, confesso-lhe com pesar que ainda me restam algumas dúvidas.

— Isso agora é modéstia que não tem lugar!

— Não: é certo que espero vê-lo seguir doravante um bom caminho; porém até hoje o rapaz tem sido um vadio dos quatro costados!...

— Embora... eu cá gosto dêles como se fôra meu filho!... Quando estive há pouco tempo às portas da morte, velou junto de mim noites inteiras sem pregar olho!...

— Ao menos já fez alguma coisa boa em sua vida: os extravagantes apresentam às vêzes dêsses rasgos.

— E como não tenho a fortuna de ser pai de seu filho, entrou-me uma idéia na cabeça, que me tem dado imensa alegria: ora, a tal idéia não se pode realizar sem que o senhor entre na festa, e portanto...

— Vamos a saber.

— Visto que o Juca não é, nem pode ser meu filho, estou com vontade de fazê-lo meu sobrinho.

— Mas como?...

— E' boa pergunta!... casando-o com minha sobrinha: penso que não há outro meio.

— Sr. Anastácio, isto é um negócio muito sério!...

— Temos outra!.. pois eu lhe disse que pretendia arranjar casamento de brincadeira?

— Meu filho está ainda muito moço...

— Ah! então guarda-o para casá-lo depois que ficar velho!... olhe que se tem êsse pensamento, vai por muito mau caminho.

— Mas o que quer dizer casar-se um rapaz que ainda não acabou os seus estudos?...

— Quer dizer felicitá-lo, pois que êle ama desesperadamente a minha sobrinha, que de sua parte paga-lhe na mesma moeda.

— Recio muito que meu filho não possa fazer a felicidade da mulher com quem se casar.

— Isso lá deixemos por conta da rapariga.

— O José por ora tem uma cabeça de vento.

— Minha sobrinha lhe fará assentar o juizo.

— Ponho-lhe minhas dúvidas.

— Então por quê?... Pensa o senhor que minha sobrinha é alguma dessas doidinhas, que não vivem senão à janela, e que não sabem senão dançar, e dar à taramela com os rapazes?...

O velho Anastácio tinha levantado a voz, e o outro, que não gostava que lhe gritassem, foi-se fazendo vermelho, e respondeu no mesmo tom.

— Não digo nada contra sua sobrinha, senhor; mas vejo bem que é uma criança como meu filho!...

— E' uma senhora de juizo!...

— Pois dou-lhe muitos parabéns.

— Então o senhor não convém em que...

— Não!

— Pior vai ela! O senhor me interrompe, e nem ao menos me deixa acabar a frase!!

— Quero cortar tôdas as dúvidas de uma vez: para quê gastar tempo?... declaro que não consinto que meu filho se case!

— Está no seu direito; mas fique bem certo que não lho estou pedindo de joelhos!... minha sobrinha pode fazer casamento muito mais brilhante... digo-lho eu; está dito!...

— Pois é bom que não corte sua fortuna!

— O senhor parece que pretende atirar-nos sua ironiazinha de vez em quando...

— O que me parece é que sua mercê não tem nenhum direito de me estar a gritar nos ouvidos!...

— Fiz-lhe proposições muito honrosas!

— Mas faça de conta que eu sou maluco, e que por isso não as quero aceitar!

— E' a única explicação possível!...

— Esta é boa!... Querem-me arrancar o rapaz à força!... ouviu!... deixe-me cá com meu filho!

— E quem mandou a seu filho apaixonar a rapariga!...

— E quem lhe pediu que não corressem com êle pela porta fora!...

— O senhor é um homem desalmado!...

— O que é que diz!...

— O que digo!... digo-lhe e torno a dizer que a única coisa que sinto é... é... ora adeus... fale-se claro logo... é ser amigo do coração do Juca, que não tem culpa do que se está passando; aliás...

— Acabe... nada de reticências...

— Aliás não estaria aqui a perder o meu tempo.

Mariano fazia indizíveis esforços para conter-se: a lembrança dos obséquios que na pessoa de seu filho e na sua própria recebera da família, em cuja casa ainda estava, punha um freio à sua cólera.

— Senhor, disse êle enfim; os favores que lhe devo e aos seus parentes...

— Não nos deve nada; fique certo de que tudo que fizemos foi ao Juca.

— Pois é o mesmo: os favores que lhe deve meu filho, me impõem a obrigação de morder comigo e de engolir um mundo de cousas que eu tinha para lhe dizer; mas agradeça-me sempre a boa vontade, porque eu não sou um homem de meias medidas.

— Achava outro, meu caro!...

— E para livrar-me de perder o resto de paciência que por agora me contém, faço-lhe os meus cumprimentos, porque vou já e já pôr-me ao fresco.

O velho Anastácio ficou calado e foi depois seguindo vagarosamente a Mariano, que a largos passos se dirigia para a casa.

Quando Anastácio entrou na sala, encontrou a sobrinha que ansiosa o esperava:

— O que há, meu tio!... perguntou ela.

— Não sei... tenho esta cabeça pelos ares.

— O Sr. Mariano entrou por aqui desesperado e foi logo ter com o filho.

— Estão provavelmente preparando-se para partir.

— Para partir!!

— Sim.

— Meu tio! conte-me o que se passou.

Anastácio pôs a sobrinha ao fato do que havia acontecido.

Rosa deixou-se cair sobre uma cadeira, como fulminada por um raio; no fim de um quarto de hora levantou a cabeça, e vendo ainda Anastácio diante dela, disse:

— Meu tio, não procedeu bem.

— Sim... está-me parecendo que fui logo às do cabo... mas agora o que está feito, está feito.

— O Sr. Juca tinha razão... murmurou a moça: êle conhece bem o gênio de seu pai... pode ser que eu pudesse... porém agora... talvez seja muito tarde...

Anastácio não compreendendo nada do que Rosa estava dizendo, foi sentar-se em uma cadeira de braços, pôs-se a ler para disfarçar a aflição, e talvez arrependimento de que se achava possuído.

Rosa meditou por alguns momentos, depois chegando-se a uma janela, percorreu o horizonte com os olhos e disse:

— Creio que vai chover: se houver tempestade hoje... oh! sim!... farei que ela se torne em bonança para mim.

Pouco depois Mariano apareceu na sala.

— Senhor, disse Rosa ao pai do seu amante, posso merecer-lhe o obséquio de um instante de atenção!...

— Estou à sua ordem, minha senhora.

— Disseram-me, que se dispõe a deixar-nos...

— E' verdade; já são demasiados os incômodos que temos dado.

— Não se trata de incômodos, e no entretanto sou a primeira a compreender que não devo empregar meio algum para retê-lo entre nós.

Mariano não teve que responder; olhou porém para Rosa, e não pôde deixar de sentir-se um pouco comovido ante aquêllo formoso rosto de donzela a que um não sei quê de melancólico e doce dava mais interêsse ainda.

— Vai pois partir, continuou Rosa com uma voz repassada de ternura; e por mais que tenhamos todos trabalhado em vão por agradar-lhe, convirá ao menos em que eu nem lhe ofendi jamais, nem...

O velho começou a sentir-se incomodado, a voz de Rosa produzia-lhe uma impressão inexplicável: estava com pena de parecer mau à pobre moça, e respondeu interrompendo-a...

— Oh! não... não... menos isso: nós vamos cativos de tantos obséquios, e de tanta bondade.

— Pois bem... se é assim... faça de conta que eu sou muito interessera, e que lhe peço um favor em paga dos meus pretendidos obséquios.

Mariano pensou que a moça lhe ia pedir para ficar, e como que se doeu, sentindo que a agradável impressão que pouco antes recebera, começava com essa idéia a desfazer-se.

Rosa adivinhou o que se passava no espirito do velho, e apressou-se a acrescentar...

— Observe que eu não lhe vou pedir para se demorar aqui nem cinco minutos, sem que o faça muito por sua vontade.

— A rapariga está forte! murmurou lá consigo o velho Anastácio!

Mariano respirou ouvindo as últimas palavras de Rosa, e disse:

— Pode dizer o que quer, minha senhora.

— Servir-me-á?

— Experimente.

— Pois bem: o senhor quer ir-se, e ir-se-á embora; mas não vá ao menos mal com nenhum de nós: já sei de tudo quanto se passou no jardim... Sr. Mariano... eu lhe juro por minha mãe, que está no céu, eu lhe juro que, por minha vontade, meu tio não faria o que fez; digo-lhe mais, e com uma franqueza e uma verdade que me saem do coração: aprovo tão pouco aquilo que teve lugar no jardim, que eu lhe afirmo que jamais consentirei em ser mulher de seu filho, sem que venha o Sr. Mariano em pessoa pedir-me a meu pai, e a mim mesma. Oh!... não me interrompa, continuou a moça suspendendo o velho que queria falar; perdoe-me; tratou-se de mim... era pois preciso que eu dissesse alguma coisa: conclua do fogo que me queima o rosto o quanto me custa a falar!...

Com efeito, Rosa tinha corado fortemente.

— Sossegue..., disse Mariano meio atrapalhado; sossegue..., eu cada vez lhe faço mais justiça... e creia que é só...

— Perdoe-me outra vez: ainda não disse o que lhe queria pedir, e não desejo que se trate de outra coisa.

— Pois fale, minha senhora: diga o que quer.

— Peço-lhe, disse Rosa docemente e com um sorriso tão feitiço, que não era possível resistir a êle! peço-lhe que faça as pazes com meu tio, e que aceite a mão que êle lhe vai oferecer.

E apenas o disse, Rosa correu a Anastácio, e o trouxe para junto de Mariano:

— Meu tio, ofereça a mão, e abrace o pai do nosso amigo...

Os dois velhos olharam um para o outro durante um curto momento, depois abriram os braços ao mesmo tempo, e abraçaram-se apertadamente.

Quando Mariano pôde olhar outra vez para Rosa, viu caindo dos olhos da moça lágrimas, que corriam a misturar-se com um sorriso encantador, que se derramara em seus lábios!

Apesar de tudo isto, o pai do Juca teimava ainda tanto em partir, como a filha de Maurício teimava em não lhe pedir que ficasse.

As três horas da tarde chegou o carro, que devia conduzir à corte Mariano e o Juca! o velho declarou porém, que esperaria ainda uma hora para se despedir de Maurício, que devia vir jantar na chácara.

As quatro horas da tarde o céu coroou as esperanças de Rosa: rebentou uma horrorosa tempestade, que se prolongou até às oito horas da noite!...

Mariano foi pois obrigado a deixar a sua viagem para o dia seguinte.

Maurício não tinha podido arrostar a tormenta, e se havia deixado ficar na cidade; o Juca passava cada vez melhor! não houve portanto inconveniente em deixá-lo só no seu quarto, reunindo-se na sala os dois velhos e a moça: era a primeira vez que tal sucedia!

— Como havemos passar a noite de hoje?... perguntou Anastácio.

Mariano encolheu os ombros, como homem habituado às noites monótonas da roça.

— Infelizmente enrouqueci de repente, disse Rosa! senão cantaria um pouco para matar o tempo... poderia talvez tocar! mas... é verdade, o Sr. Mariano não joga o gamão?...

Anastácio abriu uns olhos de meter medo!...

— Eu sempre movo com as pedras, disse Mariano.

— Pois olhe, tornou Rosa, meu tio tem a presunção de não reconhecer superior no tal jôgo.

— Engana-se, minha sobrinha! sempre abaixe a cabeça aos dois reis do gamão!...

— Quais são eles?

— Os dados, meu caro senhor.

— Olhe... nisto mesmo se está conhecendo a presunção de meu tio... eu desejaria vê-lo batido pelo Sr. Mariano.

— Se êle quiser experimentar...

Os olhos do velho Anastácio faiscavam: Rosa mandou vir o tabuleiro.

— Eu não jogo sem uma condição, disse Anastácio arranjando logo as pedras.

— Qual é ela?... perguntou Mariano.

— E' que se eu falhar muito, o Sr. não há de dar o cavaco, ouvindo-me dizer asneiras, descompô-lo, descomper-me e descompor a todos que estiverem à roda de mim.

— Vá feito!

— O Sr. Mariano não se zanga no gamão?...

— Ralho um pouco, disse o pai do Juca.

Ralho um pouco, na bôca de Mariano, queria dizer: ralho muito.

Os dois velhos começaram o combate. Dentro em pouco Anastácio reconheceu que tinha de se haver com um mestre: as primeiras partidas correram regulares; mas na terceira o tio de Rosa apanhou em uma pedra, falhou dez vêzes seguidas, e perdeu um gamão cantado!

— O que foi isso, meu tio?... perguntou Rosa.

Anastácio estava mordendo os beiços, e não respondeu.

A seguinte partida teve o mesmo resultado: Rosa não pôde conter-se, e riu-se:

— Olhe que você se põe a rir, eu digo-lhe das últimas! bradou-lhe o tio.

— Não se exaspere...

— Ainda em cima de me estar encaijorando, quer se divertir à minha custa?!!

— Basta, meu tio.

Os dados estavam decididos a maltratar o pobre Anastácio, que além de perder as partidas mais bem paradas, falhava a fazer penal. Dentro em pouco tempo êle perdeu toda a paciência, e foi descompondo os dados, a si próprio, ao parceiro e à sobrinha, e cada vez perdendo mais e mais se enfezando: pois Mariano e Rosa não se podiam conter, e riam-se com as juras e extravagantes insultos que lhes dirigia o infeliz jogador.

O suor corria em bicas pelo rosto de Anastácio, que vermelho, furioso e sempre resmoneando, descompondo, batendo com o copo, e machucando as mãos à força de querer machucar os dados estava cada vez mais prêso ao maldito jôgo!

Era já meia-noite, e nenhum dos dois dava parte de cansado; mas enfim... Anastácio via chegar o momento da vingança... Mariano não podia escapar de um gamão... seria talvez um caso novo ver-se perder aquêlê jôgo.

— Pois ainda se atreve a lançar os dados?... perguntou Anastácio.

— Por que não?... respondeu o outro: se eu deitasse dois e ás agora, e o senhor lançasse depois quinas, e me viessem logo uns ases, batia-lhe eu uma pedra, o senhor podia falhar três ou quatro vêzes, e então... bastavam-me umas senas para sair, e o mais ficava *por minha conta*.

— E o senhor não acha que isso seria um desafôro, uma pouca vergonha dos dados?... não acha que se tal acontecesse, eu como homem de vergonha, devia atirar com os dados no inferno? diga!...

— Vamos ver, disse Rosa.

Mariano lançou os dados:

— Dois e ás!... bem!... bem!

Anastácio deitou quinas logo depois, e ficou petrificado; pareceu cousa de encanto!... os ases com que calculara Mariano. acudiram-lhe imediatamente: êle bateu em uma pedra de Anastácio.

— E' dos seus olhos, minha senhora!... disse Mariano alegremente.

Anastácio olhou para a sobrinha com uma espécie de furor; e lançando os dados, falhou; no entretanto o outro saiu com senas, e recolheu-se todo, ao mesmo tempo que o parceiro infeliz foi sempre falhando até o fim, em que levou novo gamão cantado!

— Bravo!... exclamou Rosa.

Anastácio lançou-se furioso sobre os dados, e correndo à janela, atirou-os fora.

— Podem chamar-me um velho sem-vergonha!... podem desprezar-me... insultar-me... podem ter-me na conta de maluco, se eu pegar uma só vez mais na minha vida em semelhantes ossos de satanaz!!!

## XLV

### A feiticeira

A lembrança que Rosa tivera do gamão havia sido uma verdadeira inspiração: sem o pensar ela havia acertado em um dos fracos do velho. Mariano era perdido, como Anastácio, pelo tal jôgo; e quando encontrava um parceiro pronto para o aturar, ficava dias inteiros grudado com o tabuleiro, sem que mais nada lhe importasse no mundo.

Depois de ter alcançado vitória tão estrondosa sobre a seu adversário, Mariano foi deitar-se e adormeceu imediatamente, passando a mais agradável e sossegada noite. Pouco antes de amanhecer acordou, como era seu costume, e não querendo incomodar os donos da casa, e vendo o filho defronte dêle dormindo tranqüilamente, deixou-se ficar na cama, meditando sobre os acontecimentos do dia antecedente.

Exasperado com o procedimento que com êle tivera o velho Anastácio, tinha mandado vir da cidade, para retirar-se com seu filho, um carro que devia ainda estar aí às suas ordens: o que lhe cumpria fazer?... ficar?... demorar-se?... é certo que lhe parecia indispensável esperar por Mauricio para agradecer-lhe sua obsequiosa hospitalidade; não podia no entanto a sua demora parecer fraqueza, ou um princípio de disposição para ceder à proposta de casamento que havia sido feita para seu filho?... Mariano hesitava muito diante desta idéia: não lhe era ainda possível tolerar o pensamento de ver o filho casado; julgava-o com efeito ainda muito criança para ser marido; e sobretudo o casamento se lhe figurava como um rapto que lhe queriam fazer do coração do Juca.

Todavia no meio de tôdas essas reflexões principiava a recordar-se com prazer da imagem de Rosa. A interessante moça tinha passado quase despercebida ou mal compreendida por êle até o dia anterior: durante a enfermidade do Juca não pudera, não tivera tempo de reparar bem nela, e nos últimos dias, quando já o doente não inspirava mais receio algum, Rosa nunca se chegara a Mariano senão tremendo, nunca lhe falara senão balbuciando, de modo que o velho trabalhou em vão para fazer dela um juízo que correspondesse completamente aos elogios que ouvia da boca do filho: por último Anastácio o tinha indisposto com Rosa.

No entretanto a maneira nobre e talvez altiva do proceder da moça ao encontrá-lo na sala logo depois da sua questão com o tio, o obrigara a reconhecer que Rosa não era uma mulher comum: a declaração formal que ela fizera de que jamais seria mulher do Juca, sem que o pai viesse em pessoa pedi-la e merecê-la, havia produzido no ânimo de Mariano a mais agradável impressão.

Além disso o semblante vivo e encantador de Rosa, sua voz doce e insinuante, seu espírito que transluziu durante a partida do gamão, tudo enfim tinha sido observado e sentido por Mariano, que já confessava muito em segredo a si próprio, que estava simpatizando com a filha de Mauricio; e no fundo do coração achava que o Juca não merecia a mais leve censura por se haver apaixonado por ela.

Por fim de contas, e apesar deste principio de simpatia, entendeu Mariano, que era prudente retirar-se, e que sendo prejudicial qualquer demora, podia muito bem fazer suas despedidas e dar seus agradecimentos a Mauricio na cidade: com estas disposições, apenas ouviu rumor na casa, levantou-se para mandar aprontar o carro.

Passando pela sala, a primeira pessoa que viu foi o velho Anastácio... jogando o gamão sôzinho!

— Oh!... isto é que se chama paixão pelo tabuleiro, meu caro!...

Anastácio ficou meio vexado; mas respondeu imediatamente:

— Estava vendo como tinha sido possível, que eu perdesse aquêlê jôgo de ontem!... não pude dormir... passei a noite em claro, lembrando-me do desafôro daqueles dados infernais, e apenas amanheceu, vim para aqui a ver se podia repetir os mesmos pontos, e... e...

— E o quê, homem?...

— Quer ver o que é um diabo infeliz?...

— Sim.

— Comecei a jogar eu só por ambos os lados; succedeu, que tanto as pretas como as brancas ficassem com pedra para entrar, e eis-me aqui há meia hora a falhar tanto por um lado, como pelo outro!... Que me diz a esta?...

— Quer saber uma cousa?... o senhor ainda está muito atrasado no gamão...

— Posso ensinar-lhe tôdas as regras dêle!! exclamou Anastácio.

— Ali é que se vê! respondeu rindo-se Mariano.

— Pois caia! gritou-lhe o outro.

— E o meu carro?!

— Leve o demo o carro!

— Vá feito.

Os dois velhos agarraram-se de novo ao tabuleiro; mas apenas começavam a primeira partida, quando Rosa apareceu.

— Meu tio, disse ela depois de cumprimentar a ambos os jogadores, meu tio, e os juramentos de ontem?...

— Sai-te daqui, caipora, e fica sabendo que jogador não tem vergonha.

*Rosa quis sentar-se ao pé d'êles.*

— A senhora pode fazer-me o favor de não vir atrapalhar-me!... disse o velho Anastácio, que falhara nesse momento pela primeira vez.

— Está bem, meu tio, eu vou trabalhar ali naquele canto da sala.

E mandando trazer uma mesa para defronte dos dois velhos, Rosa começou provavelmente a desenhar, pôsto que repetidas vezes parecesse embebida com os olhos fitos ora em Anastácio, ora em Mariano.

O jôgo apenas se interrompeu por meia hora, que se gastou à mesa almoçando; logo que acabou o almoço, foi Mariano o primeiro a correr para o gamão, e não se lembraria mais do carro, se um criado não lho viesse trazer à memória.

— O boleciro, que ontem trouxe o carro manda perguntar se deve ir embora ou ficar.

— Que espere: respondeu o pai do Juca, e acrescentou logo vendo o ponto, que acabava de lançar — *ases o que me trazes!*...

— Traz-lhe um dardo, que o atravessel... exclamou Anastácio; êste homem é capaz de fazer desesperar um santo!...

— Agüente-se nas pernas, parceirinho de um anjo; que nesta viagem ferro-lhe um gamão cantado! cinco e quatro, dou-lhe em duas!...

Anastácio lançou os dados, e conforme costumava falhou.

— Assim, carniça! bradou êle; apanha e falha! que mais falhas tens tu no juizo!... ora já se viu um lorpa maior do que eu?! está visto; preciso de um tutor, que me dê uma grosa de bolos de cada vez, que me sentar ao gamão!...

Anastácio estava infeliz, como de ordinário, e foi perdendo e raihando sempre até o meio-dia, em que foram de novo interrompidos pelo criado em um momento decisivo de uma partida.

— O boleciro manda lembrar a meu senhor, que está com o carro à espera...

— Pois se não quer esperar, que se vá embora, e não me atrapalhe mais! gritou Mariano.

O criado voltou-se para sair, e Rosa disse-lhe em meia voz:

— Vai dizer ao boleciro, que se vá embora.

Maurício chegou às três horas da tarde; mas os dois parceiros apenas se levantaram às quatro para ir jantar.

— E' verdade! disse Mariano; como estará o Juca?...

— Passa às mil maravilhas, respondeu Maurício.

— E o meu carro?... o meu carro?... perguntou olhando para o criado.

— Eu disse ao boleiteiro, que o Sr. o mandava embora...

— Como?... eu mandei-o embora?... e está aquêlê maldito jôgo!...

No entanto, apesar dêsse maldito, logo que saíram da mesa Anastácio e Mariano tornaram a êle; mas se até o jantar o primeiro dos dois velhos estivera infeliz nos dados, foi depois tão formal e decidida a conspiração da sorte contra o infeliz jogador, que o seu desespero não teve mais limites: três vêzes atirou com o copo e os dados ao chão, três vêzes levantou-se, outras tantas voltou ao jôgo; finalmente porém Anastácio viu-se tão contrariado, tão torturado em uma partida, o seu furor chegou a tal extremo, que levantando-se de repente, agarrou com ambas as mãos no tabuleiro, correu carregando com êle na cabeça para o jardim, e lá depois de atirar com os dados e tôdas as pedras dentro do lago pôs-se aos tombos, e às pancadas com o tabuleiro até fazê-lo em pedaços.

Anastácio voltou arquejando para a sala, e encontrando com Mariano a rir-se, disse-lhe com os dentes cerrados, e com fúria concentrada:

— E' mestre, meu senhor, é mestre!

E caiu sôbre uma cadeira sob o pêso da fadiga e da cólera.

Enquanto Maurício procurava sossegar o irmão, Mariano chegou-se para a mesa, onde trabalhava Rosa.

— Ora, vamos a ver; o que é que tem feito, e em que tanto tem trabalhado hoje?

A jovem estendeu o braço e entregou uma fôlha de papel de desenho ao velho, o qual depois de alguns momentos de atenção desatou em gargalhadas tão estrepitosas, que Maurício e Anastácio correram a ver o que era, e logo depois começaram a rir-se ambos, como o primeiro.

Rosa, que desenhava muito sofrivelmente, ocupou-se durante o dia em retratar os dois velhos a jogar o gamão.

— Bravo!... bravíssimo!... exclamou Mariano, quando pôde falar: está superior!... aqui está o nariz todo inteiro do Sr. Anastácio, e a minha cabeça de ouriço cacheiro representada ao vivo!... exatíssimo!... esta cara é a mesma do Sr. Anastácio quando falha!...

— E a sua?... perguntou-lhe o outro.

— Que dúvida! é exatamente a cara que eu devia ter, quando lhe dava nalguma pedra!

— O diabo do homem sempre se supõe de cima!... bradou Anastácio.

Mariano estava entusiasmado com o desenho de Rosa, e sem

saber o que fazia, correu com êle para mostrá-lo ao Juca. Quando voltou à sala, dirigindo-se à moça, disse:

— A senhora dá-me esta pintura?...

— Com muito prazer.

— Obrigado: vou mandá-la pôr num quadro para me lembrar, primeiro da senhora, e depois da sova que dei no Sr. Anastácio.

Era já noite: acenderam-se as velas, e Rosa sentou-se ao piano e começou a tocar.

A filha de Mauricio não tocava para se fazer admirar, tocava para se sentir. Sentada ao piano, cada tecla, obedecendo ao toque de seus dedos, exprimia uma idéa e falava ao coração; ninguém a escutava que se não dobrasse à influência do pensamento da música que executava; e ela nunca tocava peça alguma, sem que primeiro a tivesse compreendido perfeitamente.

Desde que ouviu as primeiras harmonias que se escapavam docemente por entre os leves dedos côr-de-rosa da encantadora moça, Mariano ficou como que suspenso entre o céu e a terra; levado de sensação em sensação, de surpresa em surpresa, de êxtase em êxtase, já Rosa tinha concluído e deixado o piano, e ainda o velho, mudo imóvel e extático, parecia estar bebendo os últimos acordes espalhados pela sala.

— Então, que lhe parece?... perguntou Mauricio orgulhoso de sua filha.

— E' um prodigio!... balbuciou o velho.

Rosa tocou ainda diversas músicas, que ela soube com arte escolher, produzindo sempre o mesmo, ou dobrado efeito.

Mariano não tirava mais os olhos da encantadora moça: quer ela tocasse, quer não, êle a estava contemplando sempre absorto, e prêso por um encanto inexplicável.

Logo depois de servido o chá, Mauricio convidou sua filha para cantar.

— Enrouqueci ontem com a chuva, meu pai, respondeu ela, e hoje não me acho ainda boa; receio que me falte a voz.

— Não faz mal; o nosso amigo te perdoará; não é assim, Sr. Mariano?...

— Perdoar-lhe eu?... disse o velho atrapalhando-se todo; o que é que eu hei de perdoar?...

Rosa não se fêz rogar, e tornou ao seu querido piano: daí a pouco principiou a cantar.

A voz da filha de Mauricio era doce e melancólica às vèzes, e às vèzes vibrante e arrebatadora, conforme a natureza de seu canto. Se ainda há pouco ouvindo-a tocar, Mariano ficara suspenso e absorto, agora, escutando aquêlê falar do coração, aquêlê conversar de anjos que escapava do seio da donzela, não soube mais de si, e com todo o seu ser absorvido em harmonias, com os lábios entre-

abertos e os olhos perdidos nos lábios de Rosa, parecia temeroso de perder uma só nota, um suspiro só daqueles que em seu cantar de feiticeira vertia a encantadora moça.

Quando o canto acabou, Mariano foi despertado, arrancado de seu êxtase por uma exclamação de Maurício.

— Oh!... Sr. Juca!...

O velho voltou os olhos e deu com o filho em pé na porta da sala, em vez de repreendê-lo, disse-lhe:

— Anda, José, vem sentar-te aqui ao pé de mim... isto cura a gente.

Rosa estava bendizendo a seu pai, que lhe tinha mandado ensinar a música.

— Meu pai, disse o Juca em voz baixa; eu estou bom... e vossa mercê nunca me ouviu cantar...

— Pois tu és capaz, José?... tu?...

— Dê licença, meu pai?...

— Não; depois dela não; talvez me fizesse mal...

— Pedir-lhe-ei para cantar comigo...

— Tu?... mas se te fôsse nocivo...

— Juro-lhe que antes me fará bem...

— Está bom... vai... vai... já agora eu quero ver e ouvir tudo.

O Juca foi ter com Rosa, e daí a pouco estavam ambos juntos do piano.

Era outra vez o dueto de Torquato. Eles cantaram, como o podem cantar dois amantes, que apaixonadamente se idolatram, e que se vêem em uma hora solene e decisiva para o seu amor.

O que se passou durante êsse canto no coração de Mariano, ninguém poderia explicar: quando a Rosa e o Juca deixaram o piano, êle estava chorando; mas contendo o pranto depressa correu a abraçar o filho, e depois de hesitar alguns momentos, abriu os braços, e foi apertar contra o peito a filha de Maurício.

— Não posso mais, disse êle enfim; isto é capaz de me fazer mal... basta... eu quero descansar... quero dormir.

Também já não era cedo, e todos se recolheram.

Ninguém por certo deixará de prever que naquela noite duas pessoas não dormiram: Juca, que tudo esperava, porque conhecia seu pai; e Rosa, que se dava os parabéns pelos triunfos que havia alcançado; mas que todavia hesitava ainda entre a esperança e a dúvida.

No entretanto não foram os dois jovens os únicos que passaram a noite em claro. Mariano não pôde dormir um só instante: a imagem de Rosa com tôdas as suas prendas, com todos os seus encantos estava sem cessar presente à sua imaginação.

Apenas rompeu o dia, o velho vendo que o filho estava acordado, chamou-o, e disse:

- Jpsé, convém que realize o teu casamento.  
 — Eu penso do mesmo modo, senhor.  
 — Olha, que esta moça é por força feitiçoira, continuou a velha; e se tu te não casares com ella, não sei, o que será de mim... sou capaz de me apaixonar também!...  
 — Em tal caso, meu pai, creio que o mais acertado é tratar de me casar quanto antes!...

## XLVI

## O castigo do mau

Os relógios dos templos acabavam de dar o sinal das oito horas aos habitantes da cidade do Rio de Janeiro.

André, o velho usurário, estava só em sua imunda saleta como uma fera recolhida ao seu covil: a porta da rua tinha sido trancada desde o anoitecer, e o miserável milionário sentado em sua cadeira de pau, com os cotovelos apoiados sobre a mesa, e a cabeça pousada entre as mãos, meditava sobre os meios de triplicar a enorme fortuna que já possuía.

Uma fina veia de sebo presa em um velho castiçal de latão todo azinhavrado ardia diante d'elle: entre os seus cálculos entrava sempre o dote de Irene, como um dado essencial. André contava como certa a realização do seu casamento.

Oito dias se haviam passado depois das suas explicações com Irene: desde então elle não deixava de ir vê-la tôdas as tardes e em tôdas as tardes voltava o avarento da casa da prima para o feio casebre com o seio arfanço de esperanças e de ambição.

Nesses oito dias porém Irene pusera a provas a docilidade e condescendência do primo: uma vez exigira d'elle as suas contas, outra lhe pedira minuciosas explicações a respeito de tôdas as circunstâncias, e estado em que se achava a sua fortuna, e por último, na manhã desse dia, lhe mandara pedir os seus papéis, e tôdas as clarezas e cadernetas de apólices.

André conhecia que naquelas exigências entrava seu irmão Daniel, como conselheiro; mas não podendo deixar de condescender com Irene, receando desagradar-lhe por qualquer modo, e completamente iludido pelas promessas, e pelos juramentos da prima, foi, hem que a pesar seu, obedecendo a tôdas as ordens, que ella lhe transmitia.

No entretanto o coração do usurário se havia horripelmente contraído, quando fôra entregar as apólices, clarezas, e mais papéis a Irene; e pedindo-lhe ella, que os fôsse buscar na manhã do dia seguinte, estava André a contar as horas, ansioso por ver passar aquella noite.

Pouco depois das oito horas levantou-se, pegou no castiçal, e abrindo a porta do gabinete que lhe ficava à mão direita, entrou e foi parar diante de um grande e velho cofre de madeira cercado de chapas de ferro. Estêve aí muito tempo em pé contemplando aquêl cofre, que era para êle uma arca sagrada; depois puxou uma banquinha, que estava perto, sentou-se, e abrindo as três fechaduras, que cerravam o cofre, levantou-lhe a tampa.

Com um olhar magnético e cintilante, com as mãos trêmulas e a respiração ansiada, o avarento foi tirando pouco a pouco de dentro daquela caixa tremenda, tão cheia de riquezas e de lágrimas, um número prodigioso de pequenos embrulhos de moedas de ouro e uma quantidade enorme de letras e de escrituras. O velho usurário possuido de não sei que prazer infernal, que lhe rebentava dos olhos em chamas e dos lábios em convulsivo sorrir, contou repetidas vêzes, uma por uma, tôdas aquelas letras e escrituras! no meio porém de sua última conta suspendeu-se ao ver, que a vela lançava, como em um soluço mortal, os derradeiros e intermitentes clarões: então ergueu-se, e indo buscar outra vela, acendeu-a e deitou-a no castiçal, esmagando o pavio da que se acabara de extinguir; em sua ânsia de contemplar de novo as riquezas que contava, o miserável usurário nem reparou, nem sentiu, que queimara os dedos no castiçal que estava muito quente.

Mas apenas se ia outra vez assentando, André suspendeu-se ouvindo bater desesperadamente em sua porta: escutou por alguns instantes... as pancadas se repetiram com dobrada força...

O usurário saiu, pé por pé, do gabinete, cuja porta fechou, guardando a chave no bolso: e no escuro, pois tinha deixado a luz no gabinete, foi indo às apalpadelas até a porta da rua, e pôs-se a espreitar pelo buraco da chave.

A pessoa que batia mostrava estar no mais apertado transe; cansada de bater inútilmente, começou a gritar:

— Senhor André!... Senhor André!...

O usurário reconheceu a voz de Faustino.

— Quem está aí?... perguntou.

— Abra!... abra depressa!...

— Então o que há?...

— Uma desgraça horrorosa... abra...

— Mas o que aconteceu?...

— Sua prima vai casar-se...

André, apenas ouviu o que acabava de dizer Faustino, deu volta à chave, e de um pulo achou-se em frente dêle na rua.

— O que diz?! perguntou agarrando-o com ambas as mãos.

— Sua prima vai casar-se... já... nesta mesma noite...

— E' mentira!... e com quem?...

— Com seu irmão Daniel.

Um grito horroroso, como o último bramido do tigre mortalmente ferido, escapou do seio do usurário, que sem mais refletir trancando a porta por fora, e tirando a chave, deitou a correr para casa de Irene.

Faustino apenas podia acompanhar o velho, que arquejando e gemendo lhe levava contudo sempre a dianteira: chegados à porta da casa da viúva, encontraram um escravo.

— Minha prima?... bradou André.

— Saiu, meu senhor.

— Para onde foi?...

— Para a igreja.

— Que igreja?...

O escravo acabava de satisfazer à última pergunta do usurário, e já ele corria outra vez para o templo, que tinha sido designado.

Apesar de toda a sua presteza, André e Faustino chegaram tarde: o casamento se havia celebrado, e Daniel e Irene já tinham tornado para casa.

Ouvindo semelhante noticia, o mísero publicista desanimou, e deixou-se cair sentado na porta da igreja.

No entretanto o avarento, só, sem chapéu, e quase descalço voltava apressadamente para casa de Irene: sem tomar fôlego, sem descansar, e sem ao menos se fazer anunciar, subiu com precipitação a escada, e entrando de repente na sala, parou e ficou extático diante do que via.

Irene estava vestida como quem tinha acabado de se casar, e Daniel tendo ao pé de si dois lindos meninos, apresentava uma pena e um papel à sua mulher: diversas pessoas elegantemente vestidas testemunhavam a cena.

— Quem está aí?... perguntou Daniel.

A voz rebentou da garganta de André:

— Estão me roubando!... gritou êle.

— Não, disse o homem honrado; minha mulher e eu estamos apenas assinando um ato solene pelo qual adotamos e reconhecemos por nossos filhos estas duas crianças.

André sentiu-se como sufocado, a cabeça começou a andar-lhe à roda e ia decerto cair por terra, se por acaso um outro acontecimento não lhe viesse dar novas forças.

Os sinos da igreja começaram a dar sinal de incêndio.

Escutando aquêlle dobre terrível, o usurário tornou a si, e desprendendo um novo grito tão horroroso, como o que soudara quando Faustino lhe dera a noticia do casamento de Irene, precipitou-se pela escada abaixo, e foi correndo pela rua.

O coração do avarento havia adivinhado; a casa, que ardia, era a dele.

Saindo do gabinete ao ouvir as pancadas que lhe batiam na porta, André não reparou que o castiçal, quente como estava, começara a derreter a pobre vela de sebo, que tinha acabado de acender. Sucedeu o que era de prever: a vela tomboou, os papéis arderam, o fogo passou para o soalho velho e podre do gabinete; e logo depois começou a devorar a casa toda com rapidez espantosa.

Quando o usurário voltou à esquina da sua rua, e viu a casa em chamas, perdeu completamente a razão; arrojou-se contra os soldados, que já cercavam a rua, e bradando — socorro!... socorro!... abriu caminho por entre eles, e como um louco furioso, foi atirar-se ao fogo, pretendendo entrar no velho casebre já completamente incendiado.

Uma nuvem de fumo e um borbotão de flamas que prorrompeu, como a lava de um vulcão pela porta da casa, fez recuar o mísero avarento... três vezes ele tentou de novo entrar para salvar o seu cofre, aliás já há muito consumido, três vezes o fogo e a fumaça o empurraram para trás... e o desgraçado ousava ainda avançar... quando viu o telhado abater com um estrondo medonho...

André não pôde gritar!... abriu a boca... levantou os braços, e caiu no meio da rua sem sentidos.

---

## CONCLUSÃO

### Notícias da Pacotilha

Era uma segunda-feira de tarde.

O comendador Sancho um pouco triste e abatido em consequência do casamento de Irene, que três dias antes tinha tido lugar, estava sentado junto de uma das janelas de sua casa, e procurava distrair-se, ora observando o que na rua se passava, ora lendo um jornal que tinha nas mãos.

O que o comendador lia era a célebre *Pacotilha*, que então publicava o *Correio Mercantil* nas segundas-feiras.

De repente o pobre Sancho deixou cair o periódico e exclamou: — Coitados!... em tal caso fui eu o menos infeliz dos três pretendentes logrados... ao menos valha-me essa consolação.

E apanhando o jornal, tornou a ler em meia voz e pausadamente as seguintes notícias dadas ao público pela *Pacotilha* desse dia.

“Duas tristes celebridades muito conhecidas no Rio de Janeiro acabam subitamente de desaparecer da cena.

“A primeira é o velho usurário André: êsse homem notável por sua avareza proverbial, endoideceu de repente vendo o terrível incêndio, que em duas horas devorou a sua casa, e a enorme fortuna que nela guardava; e ontem à tarde foi recolhido à casa dos alienados.

“A segunda, e não menos triste celebridade, é aquêlle moço de nome Faustino, que em certa época escreveu na côrte três jornais a um tempo, dando a cada um dêles uma côr política absolutamente oposta à dos outros: êsse publicista de nova espécie, reconhecendo que já não podia fazer fortuna no Rio de Janeiro, tomou a resolução de partir, e definitivamente saiu ontem no vapor americano *Mississipi* para *Califórnia*.

— O Faustino para *Califórnia*!... disse o comendador admirado!...

E ia talvez continuar na sua leitura, quando o ruído de algumas carruagens chamou a sua atenção para a rua.

O comendador Sancho levantou-se, olhou, e quase que tornou a cair na cadeira desmaiado.

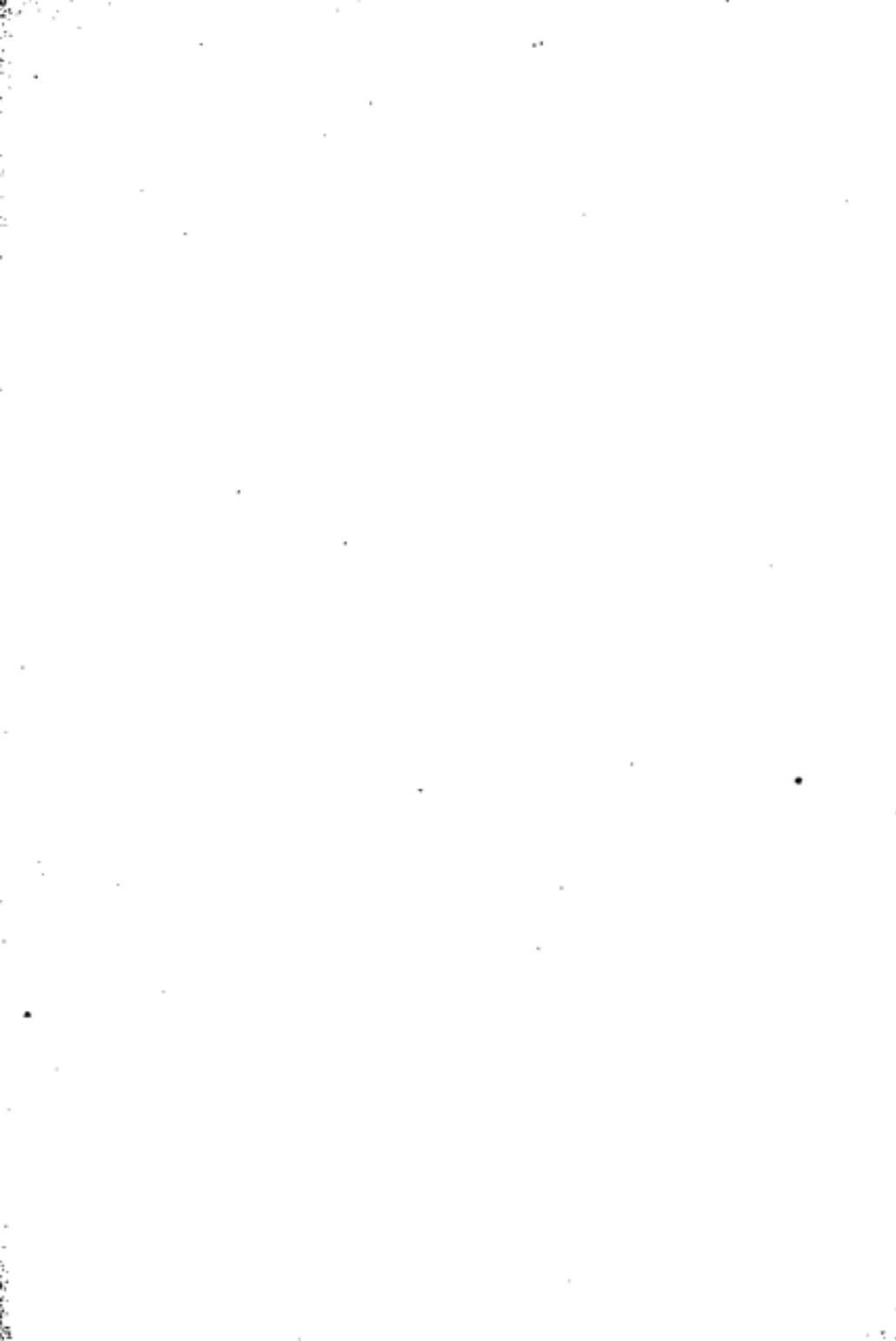
A carruagem que vinha adiante conduzia a Rosa e o Juca: a moça trazia na cabeça um véu e uma coroa de noiva, e estava radiante e bela como um anjo; no rosto do Juca resplandecia o amor e a felicidade.

As outras carruagens levavam os pais dos noivos e as testemunhas do casamento.

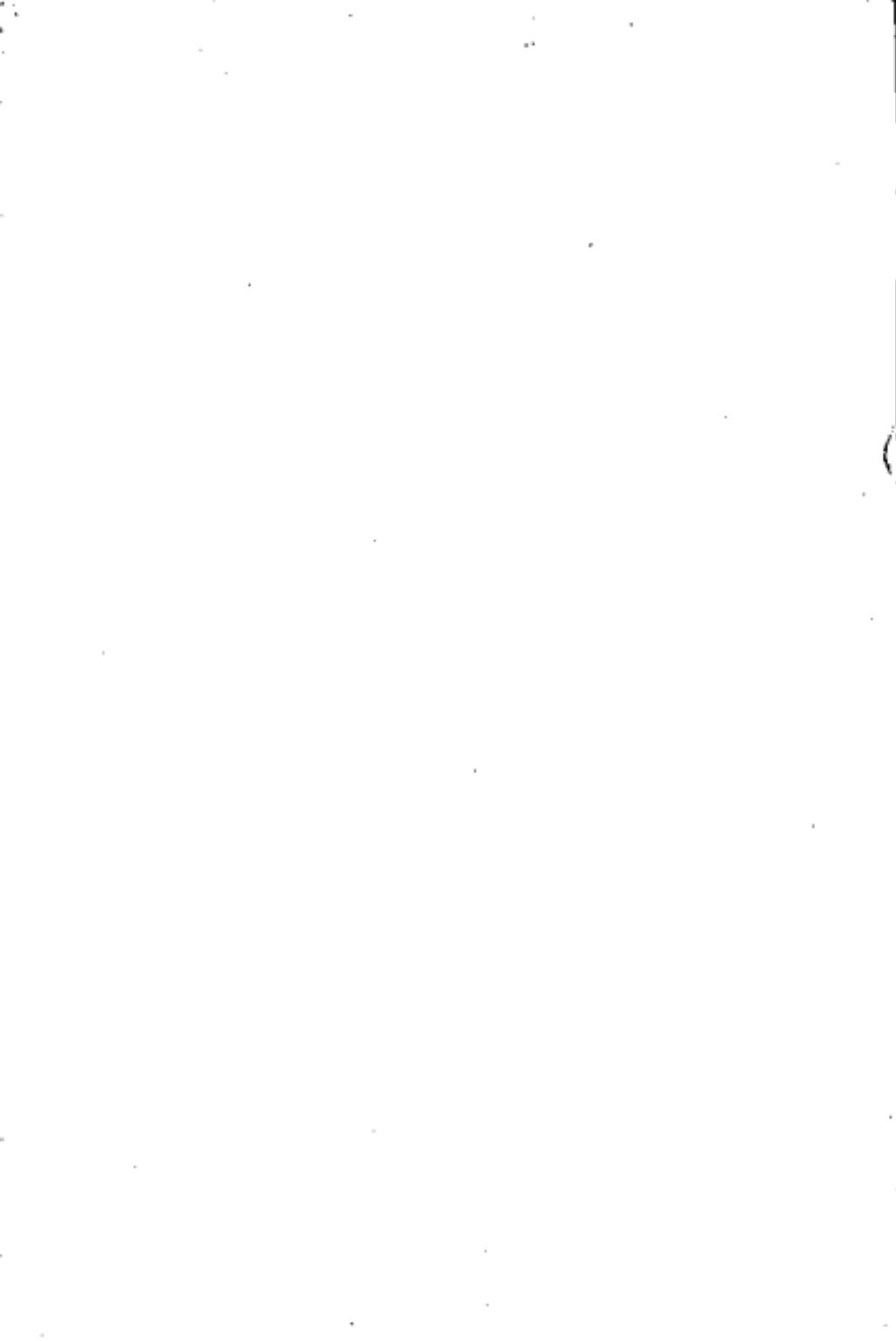
— Casados!... exclamou o pobre Sancho quando pôde falar: ei-la enfim também casada, e eu esquecido no isolamento do celibato!...

E depois, saindo da janela, foi-se para dentro murmurando:

— Eis a dona Rosinha também casada!... é a trigésima -sexta-noiva que me escapa!... mas o diabo me leve, se me escapar a trigésima-sétima!...



**O RIO DO QUARTO**



## PARA SE LER OU NÃO SE LER

Um célebre poeta polaco, descrevendo em magníficos versos uma floresta encantada do seu país, imaginou que as aves e os animais ali nascidos, se por acaso longe se achavam, quando sentiam aproximar-se a hora de sua morte, voavam ou corriam e vinham todos expirar à sombra das árvores do bosque imenso, onde tinham nascido.

O amor da pátria não pode ser explicitado por mais bela e delicada imagem.

*Coração sem amor é um campo árido, quase sempre ou sempre cheio de espinhos e sem uma única flor que nêle se abra e o amenize.*

Haveria somente um homem em quem palpitasse coração tão sêco, tão enregelado e sem vida de sentimentos; o homem que não amasse o lugar do seu nascimento.

Depois dos pais que recebem nosso primeiro grito, o solo pátrio recebe nossos primeiros passos: é um duplo receber que é duplo dar.

As idéias grandes e generosas dilatam o horizonte da pátria; a religião, a língua, os costumes, as leis, o governo, as aspirações fazem de uma nação uma grande família, e de um país imenso a pátria de cada membro dessa família.

Mas, deixem-me dizer assim, a grande não pode fazer olvidar a pequena pátria; dessa árvore majestosa que se chama a nação, o país, não há quem não sinta que a raiz é a família e o berço pátrio.

Há nesse santo amor uma escala ascendente que vai do lar doméstico à paróquia, da paróquia ao município, do município à província, da província ao império: ama-se o todo, porque se ama cada uma de suas partes.

Com efeito é impossível negar que em suas naturais e suavíssimas predileções o coração distingue sempre entre todos os distritos, cidades e diversos pontos do país o torrão limitado do berço pátrio; pobre ou mesquinho, esquecido ou decadente, agreste ou devastado é sempre amado por nós e sempre grato para nós.

E' por isto e por muito mais, é porque foi meu berço, e berço daqueles a quem mais amei e amo, é porque no seu seio tenho sepulturas queridas, é porque me guarda em seus lares amigos dedi-

cados, é porque desejo ter em seus campos um abrigo na minha velhice que começa, e no seu cemitério um leito para dormir o último sono, é enfim por todos esses laços da vida e da morte que a vila de Itaboraí me é tão querida.

Diz a consciência que tenho envidado esforços, embora sem fruto, para dar a meu pátrio berço a animação e progresso a que tem direito e de que precisa; mas nem me desanimou ainda a má fortuna que até agora esterilizou meus empenhos; nem me creio desobrigado de pagar novos tributos de amor à terra a quem devo tanto, e a seus filhos que são meus irmãos.

Agora, pois, e enquanto mais prósperos tempos se esperam, e mais oportunos ensejos se demoram para trabalhos de outra natureza, procurarei com a rude pena de que posso dispor, escrever cousas da minha terra, e tornar conhecidos alguns encantos que a enbelezam.

Vou referir em pequenos romances diversas tradições e histórias de tempos que já foram, de que hoje poucos se lembram, de que ninguém mais se lembraria daqui a alguns anos.

Há sempre mais ou menos poesia nas tradições, nas velhas histórias do passado.

Sei que no nosso país ainda há sábios que maldizem de tudo quanto tem relação com a poesia.

Não escrevo para os sábios:

Escrevo para ser lido por aquêles que compreendem que as tradições romanescas do passado enchem de interesse e de encanto a terra, que as soube guardar, perpetuando-as nos nomes dos seus rios, nas cruzeiras levantadas à beira das estradas, e nas capelas e ermidas solitárias.

Protesto, que não inventarei.

Hei de repetir o que tenho ouvido — tradições bem fundadas umas — evidentemente filhas da imaginação outras; — tôdas porém convergindo para poetizar o belo torrão, onde nasci.

Já comecei a escrever a história do meu país, e tenho escrito romances, imaginando, como melhor pude, nestes últimos por minha conta e risco: que muito é que eu reproduza agora em dois ou três volumes as histórias e os romances que outros me contaram ou imaginaram?

Sou neste ponto pecador velho e incontrito, mau grado certos *homens sérios* que me condenam.

Rio-me dos tais juizes, e escrevo.

## Capítulo sem título

A vila de Itaboraí, cabeça de uma das comarcas da provincia do Rio de Janeiro, está assentada sôbre uma graciosa colina pouco elevada mas em situação tão feliz, que do alto dela se domina e aprecia o mais belo quadro da natureza campestre. Por qualquer lado que os olhos se dilatam, os olhos se esquecem embebidos em imensos vales sementeados de campos e estabelecimentos agrícolas, *fazendas, sítios*, e montes isolados; e enfim ao longe, muito ao longe, a serra dos *Órgãos* alcantilada e imensa remata esse painel magnifico, levantando uma trincheira que se perde nas nuvens diante do olhar cobiçoso e insaciável.

Formosa pela sua posição, a vila, pequeno povoado que consta de pouco mais de cem casas, oferece uma edificação pouco regular, e sem dúvida defeituosa, como tôdas as cidades, vilas e povoações que tiveram seu principio no tempo colonial: entretanto ella se distingue por alguns edificios relativamente dignos de menção: a sua igreja matriz é uma das melhores e mais espaçosas da provincia: possui uma casa da câmara municipal muito decente, uma casa de mercado, um teatro e entre as principais habitações particulares, a mais importante de tôdas, a casa, em que se hospedaram el-rei D. João VI, e o S. D. Pedro II, quando visitaram este ponto da provincia.

Uma grande praça formando um semicírculo em tórno da matriz, e quatro ruas quase fronteiras umas das outras, e comunicando com a praça, compõem a vila de Itaboraí.

Dessas quatro ruas uma tomou o nome do orago da paróquia, chama-se *São João*, e é nela que se levanta a *casa do mercado*: a segunda que forma com a de *S. João* um ângulo reto, recebeu um nome triste, chama-se do *Cemitério*; porque descendo-se por ella, pobre rua sem casas, chega-se ao asilo dos mortos, ao *cemitério* da vila, que prima pela decência e pelo zelo com que é conservado.

A terceira rua fica fronteira à de *São João*, embora de uma não se aviste a outra, porque a matriz o impede: chamava-se outrora do *Senhor do Bonfim*, e chama-se agora do *Theatro*; porque este edificio, tendo a sua frente para a praça, oferece uma das suas faces laterais à rua que desce até terminar junto da capella do *Senhor do Bonfim*, e cortando em dois ângulos retos outra pequena rua que não mencionei por constar de cinco ou seis casas apenas, e que toma

o nome do *Senhor do Bonfim*. De frente da porta lateral da capela há uma casa com um limitadíssimo pátio que eu não posso deixar de lembrar. Essa casa foi há perto de quarenta anos um pequeno teatro, e aí encetou a sua gloriosa carreira artística o primeiro ator dramático brasileiro o célebre e inspirado Fluminense João Caetano dos Santos.

A quarta rua enfim, que fica quase fronteira à do Cemitério, chamou-se no outro tempo da *Ladeira*, como se de ladeira não fôsem tôdas as outras, descendo como ela da colina, e atualmente se chama da *Carioca*, porque serve de caminho para a mais abundante das fontes públicas da vila.

O leitor estará certamente fatigado desta descrição demasiado minuciosa e que na realidade não tem relação com a história que me proponho a contar, e tanto mais que algum dos edifícios de que falei, e alguma lembrança que deixei notada, pertencem a tempos posteriores àquela, em que se passou o caso funesto de que recebi e publico a tradição; mas sem me arrepender do que escrevi, protesto que pouparei doravante a paciência que pus em tributo.

Entretanto é indispensável descer pela rua da *Carioca*, para que cheguemos ao lugar em que deve começar a nossa história.

A rua da *Carioca*, rua mesquinha, que tem de um lado uma linha continua de casas humildes e rudes, e do outro uma ou duas casas somente, deixando em breve à mão esquerda um *caminho* que vai ter à fonte pública, continua ou é substituída por uma estrada. aliás muito concorrida, e que apresenta de ambos os lados diversos *sítios*, ou pequenas chácaras mais ou menos insignificantes.

Quando se acaba de descer a colina, encontra-se um tênue regato que se chama do "*Lavapés*". A origem deste nome é simples. Diz-se que no outro tempo a gente pobre que vinha às festas, e às missas dominicais na freguesia, fazendo caminho a pé para poupar o calçado, ao chegar a esse regato lavava em suas águas os pés, e se calçava para entrar mais decentemente na freguesia.

Este e outros são costumes antigos que não se observam mais: entretanto o nome ficou ao regato que provavelmente não o perderá nunca.

Além do *Lavapés* a estrada se alarga e ainda não há muitos anos, abria-se um campo plano e pouco extenso, a que chamavam. não sei por que motivo, o *Campo do Rocío*.

Cerca de cem braças mais adiante um outro regato também humilde, menos insignificante porém do que o do *Lavapés*, atravessa a estrada, e a esse o povo deu no último século o nome que ainda conserva de "*Rio do Quarto*".

Até o ano de 1754 essa tênue corrente ainda não tinha recebido a mal merecida graduação de rio, e menos a denominação do *Quarto*, e toda a gente da terra a chamava simplesmente o *riacho*.

Riacho ou rio certo é que em todos os meses do ano o passageiro pode vencê-lo de um salto e sem molhar os pés, exceção feita somente daqueles dias em que alguma copiosa chuva o engrossa por algumas horas.

Mas por que o chamaram rio do *Quarto*?

Achei sempre infeliz e tristemente prosaica semelhante denominação antes de conhecer-lhe a origem; depois que esta me foi explicada, aquêlê nome pareceu-me lúgubre.

E' um nome que encerra a história de um grande crime e do terrível castigo que caiu sôbre o homem que o perpetrou.

Vou contar a história do *Rio do Quarto* tal qual a ouvi de um velho, cuja memória era um arquivo das tradições da terra do meu berço.

### O sobrinho que chega da ilha

Em um dos dias do mês de abril de 1750, um homem, ainda na flor dos anos, e que à primeira vista mostrava ser tão vigoroso e forte como desajudado da fortuna, tendo descido da povoação, já freguesia de S. João de Itaborai, adiantava sua marcha pela estrada do Lavapés.

Esse homem tinha a côr branca do rosto maltratada pelo sol: a fronte baixa e estreita desaparecia sob os cabelos pretos, lisos e condenados pelo desmazêlo: suas sobranceiras eram quase unidas e espessas, o nariz aquilino, a boca pequena mas reta, os lábios finos, as mãos e os pés grandes.

Vinha êle vestido de calças e véstia de grosseiro tecido escuro, anunciando urgente necessidade de sucessores; calçava grossos sapatões e trazia na cabeça um velho chapéu, e no ombro, pendendo de um pau, uma pequena trouxa.

Êste mancebo, que não podia contar mais de vinte e quatro anos, passou além do *Riacho*, depois chamado *Rio do Quarto*, e prosseguindo em sua marcha chegou logo a um lugar em que a estrada se divide em duas, abrindo-se um dêstes ramos para o lado esquerdo.

Eram três horas da tarde, o sol estava brilhante e ardente e o pobre viajante achava-se coberto de suor e poeira.

Chegando ao ponto em que a estrada se duplica, parou, menos pela fadiga que devia estar sentido, do que pela contrariedade da dúvida sôbre qual dos dois caminhos devia seguir.

— Mil diabos! disse êle.

— Não se chama pelo *inimigo* no dia da aleluia! bradaram-lhe algumas vozes.

calho: adj. e subst. o avião; *calhoar = latir do cavalo*  
" = próprio do cão / " = fazer um quinhão a

*negar-se a ceder*  
*o outro pelo que cria seu orgulho*

O mancebo voltou-se e viu alguns rapazes, sem dúvida lavradores das vizinhanças, os quais vinham da freguesia com ares de festa.

Esquecia-me dizer que o dia em que isto se passava, era um sábado, não sábado como outro qualquer, mas um sábado da *alcluia*. Na freguesia tinha-se celebrado a semana santa, e o officio sagrado dêsse dia terminara pouco antes.

O mancebo tirou o seu chapéu com tôda a cortesia e perguntou logo:

— Saberão vossas mercês dizer-me, onde fica o sítio do senhor reverendo padre Martim?

— Siga pela esquerda, respondeu um dos rapazes, e a primeira cancela que encontrar à mão direita é a do sítio do velho padre Martim; mas olhe que, se vai pedir esmola, é melhor procurar a afilhada, sobrinha ou quer que seja do padre Martim, do que ao cainho do velho que tem as mãos mais apertadas do que uma barriga de cavalo ensilhado.

— Leva de má língua! exclamou o mais velho da companhia: é pecado meter o dente na vida alheia; o padre Martim é unhas-de-fome, mas isso fica por conta dêle, que há de responder a Deus nosso senhor por tudo quanto tem feito e deixado de fazer na terra.

— Para servir a vossas mercês, mas fiquem sabendo que eu sou sobrinho do senhor reverendo padre Martim, e que vim da minha terra para fazer-lhe companhia.

— Pois então siga à esquerda, chegue à cancela da mão direita e bom proveito lhe faça.

— Para servir a vossas mercês!

Os lavradores seguiram o seu caminho e o viajante que se declarara orgulhosamente sobrinho do padre Martim, adiantou-se pela estrada do lado esquerdo.

Mas evidentemente os modos ou as palavras dos rapazes tinham desagradado ao viajante, que voltando a cabeça alguns momentos depois de se separarem, lançou sôbre elles um olhar de despeito.

Quem então tivesse observado o viajante houvera talvez feito dêle boa idéia, pensando que ao seu ressentimento dava causa o epigrama lançado contra o padre de quem dizia ser sobrinho; em breve porém mudara de parecer, ouvindo-o murmurar de mau humor, mas sem demorar o passo:

— Mil diabos! afilhada, sobrinha ou quer que seja parece que há algum contrapêso de saia lá na casa do tio! com o demo! isso não pôs êle na carta que mandou para o Faial... mas que monta? antes uma saia que umas calças... porque calças levo eu. Saia já era a sotaina do padre e bastava essa... e ainda em cima há lá outra! mas que monta? havemos de ver quem é a saia que há na casa do tio.

O viajante falava a sós e rápido; falava baixo e andava sem-

pre; mas nesse seu solilóquio enunciava-se a confissão de seu caráter, e transpirava o cálculo de um proceder futuro.

Ele prosseguiu em sua marcha, denunciando a fadiga no suor que lhe corria do rosto, e que às vêzes enxugava com a manga da véstia, mas sem que por um só instante moderasse o andar que diligente levava.

Finalmente appareceu aos olhos do viajante uma cancela ao lado direito da estrada.

A cancela abria-se para um campo de limitadas dimensões e que se estendia por um terreno que pouco e pouco e docemente se elevava. Defronte da cancela e no ponto mais elevado do campo mostrava-se uma casa térrea e branca, cuja frontaria apresentava uma porta e duas janelas de cada lado desta.

No campo estavam pastando um cavallo, duas vacas, dois novilhos e alguns carneiros.

Ao lado direito da casa uma cêrca de pau separava do campo um pomar que não podia ser muito extenso; na frente via-se um terreiro limpo e defendido à grama.

— Deve ser aqui a casa do tio; murmurou o viajante.

E logo depois gritou:

— Oh de casa!

— Pode chegar! bradou-lhe a voz de alguém que se não mostrou à porta.

O viajante passou além da cancela e seguiu um trilho, que se estendia para a casa como uma fita branca por entre a verde grama do campo.

A meia distância da casa o viajante viu um enorme e raivoso cão apparecer no terreiro, e teve de preparar o bastão em que levava a trouxa, ouvindo o latir feroz e terrível do fiel defensor daquelle teto.

O cão, vendo que um desconhecido se aproximava, soltou um último e sinistro latido e arremeteu contra elle; mas de súbito mostrou-se à porta da casa a *figura esbelta e graciosa de uma moça, com voz argentina*, gritou:

— Aqui, Relâmpago!

O cão fazendo imediatamente uma curva na carreira em que ia, voltou com a mesma rapidez, e prostrou-se debruçado, lambendo os pés da moça que o chamava.

Havia um não sei quê de encantador e stave naquella menina contendo a seus pés o animal em fúria!

O viajante parou diante da porta e tirou o chapéu, cortejando com humildade.

Relâmpago ergueu-se sobre as mãos, e rosnou, como se adivinhasse que estava um inimigo diante da moça, mas caiu de novo aos pés dela, ouvindo-a dizer:

— Então? Relâmpago?

— Com perdão de vossa mercê, é aqui a casa do senhor reverendo padre Martim?

— E' aqui mesmo.

— Pois eu sou o sobrinho que sua reverendíssima mandou vir do Faial.

— Entra, rapaz! disse alguém cuja voz saía do interior da casa.

A moça apartou-se um pouco, e o viajante fêz-lhe uma segunda cortesia e entrou.

Tendo dado alguns passos para o terreiro a jovem voltara-se observando com natural curiosidade o recém-chegado, e junto dela, também Relâmpago olhava para dentro da casa com desconfiança, e rosnando ainda.

Quase ao mesmo tempo um mancebo alto, garboso e alegre, vestido com trajes domingueiros, embora pobres, appareceu, e dirigindo-se à moça disse-lhe:

— Senhora Luisinha, hoje é sábado da aleluia: já houve festa lá na freguesia e agora aí temos o judas no sítio.

— Cala a bôca, ou não fales assim, Milo; olha que este homem diz que é sobrinho de meu padrinho.

Milo fitou em Luisinha dois belos olhos negros, nos quais deixava ler a admiração.

— Não apanhes sol, Luisinha! gritou uma voz.

A moça sorriu-se para Milo e entrou correndo para a casa.

— Sobrinho ou não sobrinho, morra eu de um raio, se o sujeito não me pareceu judas: murmurou o mancebo, a quem Luisinha chamara Milo.

### III

#### O padre Martim na opinião do povo

Na época em que tem seu começo esta breve história bebida na fonte da tradição popular, o padre Martim devia estar se aproximando dos sessenta anos de idade.

Era um homem alto, magro e muito vigoroso: tinha a côr morena, o rosto comprido, e as feições rudes: trazia a fronte quase sempre encrespada pela rigidez do gênio, e mostrava-se pouco acessível.

Em 1740 chegara à freguezia de São João de Itaborai, como um forasteiro que procurava oculto retiro: comprara no fim de poucos dias o sítio que ficou descrito no capítulo antecedente e nêle definitivamente se estabelecera.

Trouxera o padre consigo uma linda menina de quatro a cinco

anos, a quem chamava Luísa, e dizia ser sua afilhada. Além da menina três escravos compunham toda sua família.

Não sendo conhecido de pessoa alguma na freguesia de Itaboraí, quando a ela chegou, o padre Martim depois de estabelecido no sítio, mostrou preferir o isolamento à sociedade, pois não procurou relações, e ainda menos amizades íntimas. Saía de casa ao romper da aurora para ir à matriz da freguesia dizer missa, e voltava logo depois para o sítio, donde não se arredava mais, a menos que fôsse chamado para prestar algum socorro espiritual, como padre que era.

Em suas curtas viagens à matriz trocava apenas uma ou outra palavra com o acólito que o ajudava à missa, raramente conversava durante alguns minutos com o vigário, e de volta satisfazia somente ao dever da cortezia complimentando os vizinhos que por acaso encontrava e que o saudavam com respeito devido ao seu caráter sacerdotal.

Homem de tão poucas palavras devia por força excitar a curiosidade de muitos, e como não era fácil fazê-lo sem falar, os curiosos não se descuidaram de interrogar os escravos que às vezes, e especialmente nos dias santificados, apareciam fora do sítio.

Os escravos limitavam-se a dizer que o padre era natural das ilhas, e que durante muitos anos fôra morador da capitania de São Paulo, donde fugira receoso de ser assassinado por motivos que tinham relação com a menina Luísinha.

Completando a insuficiente narração dos escravos, a voz do povo espalhou que o padre havia seduzido uma senhora de boa família, que tivera dela uma filha, e que os parentes da vítima tinham querido lavar com o sangue do sedutor a afronta recebida.

E' possível que a imaginação do povo tivesse adivinhado a verdade.

O padre Martim soube o que se dizia a seu respeito e não se mostrou ofendido, nem procurou desmentir a voz pública: confissão muda da falta cometida, ou desprezo à difamação, deixou falar os maldizentes.

Este proceder do padre, e o seu teimoso isolamento excitaram cada vez mais censuras, e desde os primeiros meses do seu domicílio em Itaboraí, não se lhe perdoou o escândalo de apresentar-se aos olhos do mundo com uma filha, que elle, conforme as regras da igreja, não podia ter.

E ninguém pôs em dúvida que a menina Luísinha fôsse filha do padre Martim; porque no outro tempo era corrente que em casa de padre *padrinho* era sinónimo de pai.

Esta ofensa à pureza da lingua já passou; esse absurdo sinónimo já foi corrigido: hoje em dia o padre não esconde o seu pecado,

chama o filho filho, e alguns há que não hesitam em chamar "a minha senhora" a pessoa a quem dantes teriam docemente chamado *sobrinha*.

Não discuto, se, procedendo assim, o padre moderno merece escusa pela franqueza com que confessa o peccado, ou agrava o peccado pela ostentação com que o patenteia. Neste ponto limito-me a pensar, que, sendo o padre homem feito como os outros homens, melhor fôra deixá-lo ser homem com tôdas as condições naturais e sociais, do que imporem-lhe sacrificios e deveres que a natureza repele, e que nunca foram e nunca serão cumpridos, se não por aquêles diletos de Deus, que, apesar de homens, parecem viver não sôbre a terra, mas entre o céu e a terra.

Esta ligeira observação que deixo enunciada não a podia fazer o povo da freguesia de Itaborai naquele tempo, e nem que pudesse, a teria feito; porque não estimando o padre Martim, aproveitava aquêle indício de impureza para censurá-lo e feri-lo, não se querendo lembrar de que, até bem poucos anos antes, o clero do Rio de Janeiro se celebrizava por abusos tais e tão graves, que comparativamente ao peccado, de que dava testemunho a menina Luisinha, era apenas a mais leve das faltas, uma falta que se perdoaria sorrindo, a menos que houvesse circunstância criminosa que a agravasse.

Mas ainda não paravam aí as censuras do povo: dizia-se e era recebido como incontestável na freguesia que o padre Martim guardava em seus cofres não pequena riqueza, e que tendo sido assim protegido pela fortuna, cometia um crime imperdoável, não abrindo nunca a mão para socorrer um pobre.

Assegurava-se que nunca um desgraçado mendigo se chegara ao padre Martim, pedindo-lhe esmola, que não ouvisse um simples e enregelado *Deus lhe favoreça* por única resposta ao seu gemido de miséria e de fome.

Assim pois, dizia o povo, que no padre Martim a avareza se unia à imoralidade.

Entretanto êste homem excêntrico e rude, como vivia só consigo, não pedia favores, e nem mesmo uma só vez, se desferrara das murmurações de que era vítima, murmurando também dos seus agressores, conseguiu ir vivendo do modo que mais parecia agradar-lhe, em paz e na solidão.

A medida porém que os anos foram passando, modificou-se um pouco o juízo do povo, e na época em que o sobrinho vindo do Faial chegou ao sítio do tio, a voz pública se pronunciava na freguesia, dizendo assim:

— O padre Martim é um mau; mas a menina Luisinha é uma santa.

## IV

## Os dois amôres do padre Martim

O juízo do povo era sem dúvida severo; mas em verdade não de todo injusto a respeito do padre Martim.

Um padre que se quer mostrar digno da alta missão que lhe cabe na terra, não pôde viver somente para o altar e para si; aquêlê que supõe desempenhar o seu sagrado ministério, vivendo somente para o altar e para si, engana-se, e nem vive para o altar; vive pelo altar somente para si.

Mais do que os outros homens o padre deve viver para os seus semelhantes: sua vida deve ser um exemplo de caridade: rico, ou pobre, cumpre que se mostre sempre caridoso; rico, espalhando o seu ouro; pobre, repartindo as suas migalhas com os necessitados: êle é o médico dos corações e das almas, e onde houver um coração que sofra, e uma alma que precise de conforto ou de luz, chamado ou não chamado cumpre que o padre corra a levar a esmola da sabedoria, a lição da paciência, o tributo do amor do próximo àqueles que se debatem na dor, no infortúnio e no êrro. Pão que mate a fome, conselho que illumine o espirito, oração que conforte, são todos esmolas que êle não pode negar: se as nega, é indigno da sua missão, não comprende Deus a quem julga servir.

Ora o padre Martim era padre pelas missas que celebrava, pelas solenidades religiosas em que tomava parte, pelos sacramentos que administrava, quando era chamado, e nada mais. Seu coração parecia fechar-se aos homens: sempre silencioso e melancólico não sabia levar nas asas de uma angélica espontaneidade o bálsamo das consolações do catolicismo ao seio de um infeliz, ou de uma familia mergulhada na aflição; e pior do que tudo isso, era como dizia o povo, escravo do vicio da avareza, essa horrivel inimiga da caridade.

O padre Martim sem ser milionário, era rico, e aferrolhava sua riqueza; o ouro que chegava uma vez às suas mãos, desaparecia logo caindo em um abismo, o cofre da avareza que nunca mais se abria.

Há homens que são responsáveis perante Deus e a sociedade não pelo mal, pois que o não fazem, mas pelo bem que deixam de fazer: o padre Martim pertencia ao número dêsses: jamais suas mãos se haviam desonrado, tocando no dinheiro alheio, ou no que não lhe pertencesse legitimamente; mas também nunca sua mão se estendêra para oferecer ao pobre faminto um pedaço de pão das sobras da sua mesa.

Entretanto êsse padre não era mau: doía-lhe o grito da fome; mas não podia vencer a paixão que o dominava. O amor do ouro podia mais que a sua razão, e o tinir das moedas que caíam no seu cofre era como uma música infernal, que o não deixava ouvir dis-

tintamente as lamentações do desgraçado, e que o fazia desprezar as maldições do povo.

A paixão da avareza é vil; mas é uma paixão, tem força que subjuga, e também oferece gozos embora ignóbeis àquele que a sente e que pode alimentá-la.

E a paixão é exclusiva; não admite competência no coração do homem; não há duas paixões fervendo com igual força no mesmo seio; se uma nova aparece, a luta se declara; ou vence, ou é vencida; fica sempre de uma ou outra o poder que se agita, que se esforça por combater; mas é somente uma que predomina, como a principal senhora e soberana do coração.

A avareza tinha sido sempre o sentimento dominador do padre Martim; mas a natureza fêz um dia brotar naquele coração empedernido um outro amor, que devia lutar e vencer o amor do ouro.

O padre Martim amou uma criança, essa menina Luisinha, com quem chegara à freguesia de Itaboraí; chamava-a sua afillhada; mas estremecia, quando a chamava assim; porque do seio lhe partia e lhe chegava aos lábios outro nome mais doce e mais mimoso.

Luisinha era filha do padre Martim; mas as conveniências sociais, o respeito às exigências do mundo, a condição, o ministério do homem a quem devia o ser, lhe usurpavam o nome sagrado que ele não devia dar-lhe.

A medida que essa menina foi crescendo e que se foram desenvolvendo suas graças infantis, o padre Martim começou a sentir uma nova dominação que se apoderara de sua vida. Um sorriso de Luisinha abria-lhe o paraíso na alma; um grito soltado por ela ao longe o fazia precipitar-se em ânsias, procurando-a receoso de algum sinistro acontecimento; um afago, uma carícia dessa menina obrigavam a rir e a chorar a um tempo, a rir e a chorar de alegria e de encanto.

Quanto dera ele para chamá-la filha! quanto dera, apesar da sua avareza! mas era padre e corava; não tinha, como os outros homens, o direito de confessar a sua falta, ostentando a bênção do céu no próprio fruto do erro.

Assim chegou Luisinha aos sete anos de idade; muito menina ainda, o amor que inspirava nunca pusera em prova o seu poder, em oposição ao poder da avareza, o outro, mais antigo amor do padre. Se é possível, a existência da filha aumentava o amor do ouro no pai; porque, de cada vez que êste lançava em seu cofre mais uma moeda de ouro, dizia consigo: E' para ela.

Mas aos sete anos Luisinha adoeceu; uma febre terrível veio ameaçar os seus dias; o único *licenciado* que havia então em Itaboraí, pobre homem que não conhecia mais do que as rudes lições de uma prática mal compreendida, perdeu a cabeça e a esperança; e declarou a moléstia sem remédio e a doente prestes a morrer.

Três dias e três noites, o padre Martim passou a rezar de joelhos diante do seu oratório, e a chorar de joelhos, abraçado com os pés da menina. Na terceira noite, o estado de Luisinha parecia desesperado; examinando-lhe o pulso, que se abatia, e o rosto que se desfigurava, o licenciado franziu as sobrancelhas e suspirou tristemente:

— Pobre anjinho! murmurou logo depois.

O padre desatou a chorar e bradou:

— Sou rico, Sr. licenciado! sou rico, e dar-lhe-ei tôda a minha riqueza; mas salve minha filha! Sou padre; mas Luisinha é minha filha! é minha filha!...

— Agora só Deus: disse o licenciado, que pouco depois retirou-se, deixando o padre em desespero, e furioso contra êle pelo abandono em que ficava a menina.

A noite foi tormentosa; mas Luisinha resistiu.

O padre que chorava sem cessar, sem cessar pensava nos meios de salvá-la; de repente, e quando vinha rompendo a aurora, lembrou-se que perto do seu sitio morava uma velha curandeira, de quem ouvira contar prodígios.

Essa velha chamava-se Marta; era uma mulher pobre, que vivia de esmolas e dos presentes que recebia pelos remédios que desinteressadamente dava a quantos se queriam utilizar dos seus reais ou supostos conhecimentos.

Era uma velha pobre, bem pobre, a quem o padre Martim, por mais de uma vez, negara esmola com a sua rudeza habitual.

Mas o caso urgia; o padre correu à casa da velha, e pediu-lhe soluçando que fôsse ver Luisinha.

— Bendito seja Deus! disse Marta; lá vou.

E uma hora depois Marta, acompanhada de um menino de nove anos, seu neto, chegou à casa do padre Martim.

Luisinha dormia; estremecimentos freqüentes perturbavam o seu sono febril.

A velha examinou a doente com delicadeza e cuidado.

— Com o favor de Deus hei de curá-la, disse ela.

O padre abençoou aquêlê raio de esperança que a velha acendia em seu coração; e a esperança não foi illusória; três dias depois Luisinha entrava em convalescença, graças aos medicamentos applicados pela curandeira, ou à reação da própria natureza da doente.

Mas, embora já convalescente, a menina exigia ainda os mais assíduos cuidados; e o padre não consentiu que Marta se arredasse por um só momento da cabeceira da querida afilhada, que pouco a pouco ia reconquistando as fôrças.

O perigo que correrá a vida de Luisinha parecia ter dobrado o amor estremecido do padre; o receio de uma recaída fêz, como quase sempre em tais casos se observa, que fôsse lei para o pai o mais im-

pertinente capricho da filha. Um desejo manifestado por ela era ordem que se cumpriria sem hesitação e imediatamente.

Luisinha encontrara facilmente o que melhor podia distraí-la, um companheiro de travessuras.

O neto de Marta, dois anos apenas mais velho que ela, era um menino vivo, engraçado e desinquieto; reunia, pois, tôdas as condições para agradar-lhe.

O menino recebera na pia batismal o nome de Camilo; mas a avó, única parenta que lhe restava, acostumara-se a chamá-lo — Milo.

Luisinha também o chamava assim, e assim o chamou mil vezes por dia durante a sua convalescença; porque não tolerou mais a sua ausência.

Milo sujeitou-se com repugnância, e às vezes somente à força, ao sacrificio de ficar alguns dias prêso no quarto da menina doente; traquinas, amava o espaço como os passarinhos; teve, porém, de obedecer à vontade e ao capricho da dêsprotazinha convalescente; e, se em algumas ocasiões conseguia sorratoeiro escapar à prisão, o padre Martim adivinhava no olhar de Luisinha a necessidade da presença do menino, e, correndo à porta, bradava:

— Milo! Milo! vem, meu filho! Luisinha precisa de ti... vem.

E lá voltava Milo de mau modo, e lá o recebia, e o abraçava, e o acariciava o padre, que de severo se tornara meigo, afável e fagueiro.

Em breve pôde Luisinha sair do quarto; sua saúde se restabelecera completamente; os cuidados de Marta não eram mais necessários.

Pela primeira vez a avareza e o amor filial encontraram-se em opposição no ânimo do padre; o amor filial exigia uma prova de reconhecimento à pobre Marta, e a avareza defendia o cofre que até então nunca se abria.

E, convém dizê-lo, o padre Martim não hesitou, contou, é certo, uma por uma as moedas de ouro de que encheu uma bolsa; o seu coração palpitou com fôrça a cada moeda que caiu na bolsa; mas sua mão não tremeu, quando teve de oferecê-la a Marta.

A velha sorriu e rejeitou a bolsa.

— Nunca recebo dinheiro pelo bem que faço, disse ela ao padre; basta que me dê um pedaço de pão, quando eu e meu neto tivermos fome.

Não estava na intenção de Marta ofender o padre; êste, porém, sentiu uma repreensão nas palavras que ouvira, e respondeu, abandonando a cabeça:

— Perdão pelo que não soube fazer no passado; eu serei melhor para o futuro.

A resposta do padre indicava uma regeneração do pai pelo amor da filha.

Mas a velha insistiu em rejeitar a bolsa.

Em breves minutos se passou esta cena entre Marta e o padre Martim; chegada, porém, a hora da despedida, foi preciso abraçar Luisinha, e esta não compreendeu a necessidade do apartamento.

— Eu não quero que Marta e Milo se vão embora! exclamou a menina.

— Mas é indispensável, observou o padre; elles têm sua casa, que desde muitos dias abandonaram por teu respeito... precisam tornar a ela... hão de vir ver-nos muitas vêzes... todos os dias... agora porém...

Luisinha abraçou-se com o pequeno Milo.

— Não quero que se vá embora! repetiu.

O padre Martim via-se em transes; por fim bateu palmas, supondo ter tido uma inspiração; ajustou com Marta que a retirada se efetuará, quando Luisinha dormisse.

Foi fácil a execução do plano.

No dia seguinte Luisinha, acordando, achou-se só com o padre Martim e com os seus três escravos, e desatou a chorar.

Não houve meio de sossegá-la; nem consolações nem ameaças, nem promessas nem distrações.

A menina déspota não cedeu; o amor do padre e as condescendências dos dias de convalescença a tinham habituado aos gozos do absolutismo, e não a deixavam admitir opposição. Com o tacto e a inata habilidade das crianças e com a sua própria e notável intelligência, Luisinha adivinhou como podia melhor exasperar e dominar seu padrinho.

A menina cansou de chorar, e chorou ainda; teve fome, e não quis comer.

O padre Martim resistiu horas inteiras; sucessivamente encolerizou-se e ralhou, enterneceu-se e cedeu, mandando em último resultado chamar a velha Marta e o pequeno Milo.

A velha e o menino chegaram, e a alegria reapareceu na casa.

Ficou assentado que os dois hóspedes se conservariam no sítio do padre Martim ainda uma semana; no fim da semana adiou-se a retirada por alguns dias; passados êstes, adiou-se ainda, e continuou a adiar-se indefinidamente.

Marta e Milo aumentavam um pouco as despesas da casa; no outro tempo, um ano antes, êsse aumento de despesa perturbaria o sono das noites e amarguraria os dias do padre Martim; mas um novo sentimento se apoderara do coração dantes todo entregue à avareza.

Custava ao padre o dinheiro que gastava; mas Luisinha era feliz; brilhava inefável sorriso nos lábios dela, e a sua alegria era um sol, cujos raios refletiam na alma do padre.

O amor da filha vencía o amor do ouro.

## V

## A caridade na casa da avareza

Os anos foram passando, como sempre passam — vagarosos para a primeira juventude que vive a sonhar com o futuro; — em vôos rápidos para a velhice que vive das recordações do passado e sente que pouco a pouco se aproxima do dia derradeiro.

Os anos foram correndo em uma cadeia de flores para Luisinha e Milo, que cresciam à sombra dos cuidados do padre Martim e da boa velha curandeira.

A velha e o menino tinham ficado como já se viu, definitivamente pertencendo à família do padre, que nem mais se lembrava de livrar-se do peso daqueles hóspedes, observando o amor que uma tributava à sua Luisinha e o prazer que dava a esta a companhia do outro, constante sócio de agradáveis e inocentes travessuras.

E tal foi a intimidade que dentro em pouco reinou entre o padre, a menina, a velha e Milo, que o nome da boa curandeira ficava completamente esquecido, de modo que os dois, à imitação de Milo, habituaram-se a chamá-la *minha avó*.

Aquêles que por leviandade repreensível, por grave falta de educação ou enfim por inexplicável rudeza de espírito, zombam da velhice trêmula e desfigurada, podem não compreender quantas idéias belas e suaves encerram êsse nome de *avó* que pressupõe uma velha já curvada sob o peso dos anos, embora hajam muitas avós ainda no vigor da idade.

A *avó* é mulher que ama dois entes em um único ente, que ama o neto por êle e por seu pai ou sua mãe — isto é, que ama seu neto e também em seu neto seu filho ou sua filha: o amor da avó é o amor que não sabe ralar, é o amor complacente, sempre risonho, sempre cheio de condescendências que chegam às vêzes a ser excessivas, é o amor que mais remoça o velho: a avó vê no berço da neta a repetição do berço da filha, na infância, nos risos, nas travessuras da neta a reprodução da infância, dos risos, das travessuras de vinte anos passados: a neta ou o neto é para ela um amor composto de dois amores; em uma avó há duas mães: em um neto dois filhos.

A velha curandeira não era a verdadeira avó de Luisinha; mas amava-a como se o fôsse; velava incessante por ela, como pelo seu Milo, não os deixava nunca de dia, entretinha-os de noite, contando-lhes histórias que o próprio padre Martim ouvia, sorrindo, e nos dias santificados acompanhava os dois meninos à freguesia, onde os levava a ouvir missa.

O padre Martim não foi indiferente a essa dedicação da *avó*: e do mesmo modo que ela dividia o coração entre seu neto e Lui-

sinha, éle igualmente procurou dividir os seus cuidados entre sua filha e Milo: assim, quando Luisinha chegou aos nove anos de idade, empregou o padre algumas horas por dia em ensinar a ler e escrever aos dois meninos, acendendo no espirito de um e de outro a flama de uma emulação que a ambos muito aproveitou.

Já se observou como o estremecido amor que o padre Martim dedicava a Luisinha vencendo os maus conselhos da paixão da avareza, o obrigaram a aumentar as despesas de sua casa, acrescentando com dois novos membros a sua familia; mas esse milagre do amor paternal não tinha ido além, e o padre avarento continuava como dantes a mostrar-se surdo ao gemido do pobre, e a parecer alheio ás lições de caridade dadas por aquêlé de quem se dizia sacerdote.

Felizmente Luisinha, que reinava despoticamente no coração do padre, era e devia ser a inimiga vencedora da sua avareza.

Luisinha era formosa; não tinha porém somente o rosto, também tinha o coração de um anjo.

Uma vez, a primeira em que, indo à freguesia, chegou-se a ella uma pobre mulher a pedir-lhe esmola, a formosa menina sentiu profunda e verdadeira dor por não levar consigo dinheiro algum.

A pobre comprehendendo o que se passava na alma da menina, enterneceu-se, abençoou-a e chorou.

Luisinha, vendo as lágrimas que banhavam as faces da pobre mulher, tirou o lençinho branco que levava ao pescoço, e deu-lho.

— O seu lenço, minha filha— disse a pobre.

— Hoje não tento outra cousa para dar-lhe, respondeu Luisinha; o meu lenço servirá ao menos para enxugar as suas lágrimas.

E dizendo isso, a menina retirou-se apressada, chorando por sua vez.

Desde então nunca mais foi à freguesia nos dias santificados sem exigir de seu padrinho algum dinheiro, que era o tesouro dos seus pobres.

E' inútil dizer que esse óbulo de caridade era sempre o fruto de um combate, e arrancado pelo amor à avareza.

O padre Martim pregava debalde contra a ociosidade e os mendigos, sustentando que era um peccado alimentar o vicio dos mendicantes.

O padre pregava no deserto.

Havia no coração de Luisinha uma disposição tão decidida para fazer o bem, achava ella tão suave encanto em ver brilhar a alegria em olhos habituados ao pranto, doia-lhe tanto na alma o aspecto da miséria, a idéia dos martírios da fome, que sempre lhe sobravam forças para vencer a resistência que seu padrinho opunha ao exercício da sua santa virtude.

E demais Luisinha, generosa, boa, rica de sentimentos nobres, era também uma menina um pouco ou mesmo muito exigente e decididamente teimosa em consequência dos núnos com que fôra e estava sendo criada: achava-se acostumada a ver seus desejos realizados por seu padrinho, e qualquer opposição que encontrava, servia sòmente para inflamar sua vontade.

Luisinha *queria*: o padre Martim acabava sempre por ceder, murmurando de balde.

Dentro em pouco a bela e boa menina ficou sendo conhecida e amada do povo da freguesia.

Os pobres começaram a aparecer no sitio do padre Martim; era uma emprêsa arriscada em que se metiam: porque se o padre percebia algum que se aproximava, espantava-o com um grito de ameaça ou com pragas terríveis: mas era certo que aquêle que conseguia chegar à porta da casa, e falar à Luisinha, não se retirava sem levar ao menos com que matar a fome durante dois dias: então a menina não pedia dinheiro ao padrinho, mas corria à despensa, e achava sempre alguma cousa que pudesse dar.

O padre esbravejava; mas Luisinha fazia a sua esmola, e dizia ao pobre sorrindo-se:

— Meu padrinho ralha, mas não é máu; é êle que me ensina a ser caridosa: quando tiver fome, volte.

O pobre abençoava a menina, e o padre no meio de sua cólera, sentia às vèzes uma consolação naquela bênção: os votos dirigidos a Deus pela vida e pela felicidade de sua filha não podiam deixar de achar eco em seu coração de pai.

Quando o pobre voltava as costas o padre Martim ainda colérico dizia à Luisinha:

— Estás satisfeita, não?

— Muito, meu padrinho; é tão bom dar esmola!

— Tu tens compaixão de todos, menos sòmente de mim.

A menina era viva demais para não saber como lhe cumpria responder à queixa de seu padrinho: corria a abraçá-lo, fazia-lhe mil carícias, e, o que valia mais que tudo, ela dizia:

— Sou tão feliz!

O padre serenava.

Assim pois a caridade e a avareza moravam debaixo do mesmo teto no sitio do padrê Martim.

E era por isso que o povo repetia:

— O padre Martim é um mau homem; mas a menina Luisinha é uma santa.

## VI

## Relâmpago

No campo, ou antes, para falar como fala a nossa boa gente do interior do país, *na roça*, a distração mais comum e mais constante, é o passeio, o passeio que para alguns pouco ou raramente varia; porque qualquer que seja o lado, por onde se passeie, a natureza é quase sempre a mesma para aquêles que não sabem apreciá-la.

Mas embora essa distração freqüentemente repetida ofereça ao espirito uma aparente monotonia que alguém possa supor fatigante, que diferença entre o passeio nas grandes cidades e o passeio na roça!

Nas grandes cidades o luxo obrigado, o respeito a certas conveniências acanhadoras, o ar impuro, a ausência da natureza virgem, o concurso da multidão, a impossibilidade de se sentir o encanto suave da solidão, roubam ao passeio muitas das suas melhores condições.

Na roça, pelo contrário, o passeio não é só mais aprazível, mas *também muito mais útil*: os olhos perdem-se na vastidão das campinas, ou ficam esquecidos na contemplação das florestas, dos rios, e sítios romanescos; o aroma das flores, o canto das aves, o ruído misterioso do bosque, os pequenos animais que fogem espantados atravessando a estrada, o ar suavíssimo que se respira, tudo enfim é uma festa da natureza que dá alegria ao espirito, força ao corpo e dilatação à vida.

E quanto mais se avança para o interior do país, mais se aprecia esta verdade; porque, seja dito de passagem, à medida que se povoam os nossos municípios mais vizinhos do litoral, a civilização mal dirigida vai destruindo muitos tesouros, e muitos encantos da natureza que poderiam e deveriam aliás ser poupados. Por exemplo: não há leis que regulem os cortes das matas, nem os tempos e condições das caçadas, e em resultado, o fogo destrói sem regra e sem cautela florestas seculares com todos os seus preciosos gigantes vegetais, e as aves e as caças fogem espavoridas dos bosques incessantemente batidos por dezenas de caçadores, e vão abrigar-se nas serras longínquas.

Mas ainda bem que no século passado não era assim em Itaboraí, onde por isso o passeio oferecia tôdas as suas belezas, tôda a sua dominadora magia.

Ora, o passeio era uma das distrações habituais de Luisinha: gostava ela de saudar o sol ao amanhecer, e de saudá-lo outra vez em despedida ao crepúsculo da tarde.

O padre Martin, que gostava pouco de sair de casa, nem sempre acompanhava a menina que conseqüentemente passeava com o seu amigo Milo debaixo dos cuidados e da vigilância da boa avó.

Os meninos corriam como loucos, soltavam gritos de alegria descobrindo um ninho de beija-flores, que era logo cruelmente roubado às inocentes avezinhas pelo travesso e intrépido Milo, perseguiram os bandos de rôlas, brincavam com as borboletas, ou entusiasmavam-se apanhando cigarras.

A boa velha seguia-os a custo; mas revivia com aquêlê prazer dos meninos, admoestava-os sorrindo, e voltava para casa arquejando de fadiga.

Um dia entre tantos outros que assim se passavam, o passeio se estendeu pela estrada.

Era uma tarde bela e fresca.

Depois de muito sorrir e brincar, Luisinha e Milo obedecendo enfim às instâncias da avó que os acompanhara, já voltavam para casa, quando pararam, vendo chegar um outro menino que pouco mais velho seria do que êles.

Na roça quase todos se conhecem: o menino era filho de um pobre lavrador da vizinhança do sítio do padre Martin.

— Onde vais a estas horas tão apressado, João? perguntou Luisinha.

— Vou ao rio, senhora Luisinha.

— Ao rio?

— Sim, e vou depressa para estar de volta em casa antes da noite.

— Mas que vais tu fazer ao rio?

— Vou lançar nêlê êste cachorrinho.

— Um cachorrinho! deixa ver...

Luisinha e Milo chegaram-se para junto de João, que lhes mostrou um cachorrinho de poucos dias nascido e que êle trazia embrulhado em um pano.

— Venham, meninos! é tempo de voltar para casa! gritou a velha.

— Já vamos, minha avó; respondeu Luisinha, que examinava curiosa o cachorrinho.

O pobre animal, embora tão pequeno ainda, parecia deixar ler nos olhos e na cara a fidelidade e a especial inteligência própria da sua raça.

— Como é bonito! disse Milo.

— Que idade tem? perguntou Luisinha.

— Ainda não fêz um mês, respondeu João.

— E por que traz êle esta pedra atada ao pescoço?

— Para ir logo ao fundo.

— Como?

— E' que a Medusa teve quatro filhos, está muito magra e não pode criar todos êles.

— E então?

— Não há remédio senão livrá-la de tantos cachorrinhos: meu pai já deu um ao nosso vizinho Lopo e agora vou eu deitar êste no rio: se não levasse a pedra ao pescoço, o pobre animal custaria a morrer, e penaria muito.

— Que maldade! disse Luisinha.

— Isto não é maldade, é compaixão: se não fôsse a pedra ao pescoço, êle penaria muito tempo.

O coração de Luisinha revoltou-se contra aquela espécie de compaixão, que mandava matar depressa. A menina olhava ora para o cachorrinho com piedade, ora para João com espanto. Ela não podia compreender que assim se matasse um inocente animal, e menos que o menino tomasse para si o papel de algoz.

O sentimento de Luisinha era natural; a frieza e insensibilidade com que João ia praticar aquela ação repugnante e cruel era o resultado de um grave defeito de educação; porque há pais que toleram os martírios que os filhos fazem sofrer aos passarinhos e aos animais, e que às vêzes os levam a praticar atos como êsse, de que João servia de instrumento, não refletindo que assim lançam nos corações das crianças os germes de verdadeira crueldade.

— E há de morrer! balbuciou a menina.

— Coitado! disse Milo: um cachorrinho é tão bom para se brincar!

— Vamos, meninos! bradou a velha.

— João, disse Luisinha, eu quero para mim êste cachorrinho.

— Melhor: se há de morrer, seja antes seu e eu volto mais depressa para a casa: meu pai não ralhará comigo por isso.

Luisinha recebeu o cachorrinho; Milo tirou-lhe a pedra do pescoço e ambos correram para a avó, soltando gritos de alegria.

— Temos um cachorrinho! temos um cachorrinho! gritavam êles.

A velha ouviu a história do pobre animal condenado à morte, e salvo por Luisinha, e limitou-se a dizer:

— Contanto que o senhor reverendo não ache mau ter um cachorro em casa.

E a velha refletia bem; porque o padre Martim até então nunca tivera animal algum doméstico dêsses que acompanham o homem e o servem, sem dúvida porque calculava que alguma cousa lhe custaria o cuidado de nutri-los.

Mas Luisinha não se lembrava de pensar em tal, e voltando para o sitio, discutia com seu amigo Milo sôbre a escolha do nome que deveria ter o cachorrinho.

Milo queria dar-lhe o nome — Tigre. Luisinha sustentava que seria melhor chamá-lo — Gentil.

No meio do debate travado entre os dois meninos, o cãozinho fez um movimento e olhou para Luisinha com olhos brilhantes.

— Que fogo tem êle nos olhos! exclamou a menina; está decidido, há de chamar-se — Relâmpago.

— Seja — Relâmpago, respondeu Milo.

E chegaram nesse momento à casa.

O padre Martim, recebendo a afilhada viu logo o novo agregado que ela trazia, e mostrou-se de mau humor.

— E' mais uma extravagância! E' preciso mandar levar êsse cachorrinho a seu dono, disse o padre.

— Êle não tem dono; já estaria morto, se não fôsse eu, respondeu a menina.

— E' uma loucura...

— Não, meu padrinho; é uma distração para mim.

— Não te basta Milo?

— Milo é muito diferente de um cachorrinho.

— Os cães ficam facilmente danados; é um perigo horrível!

— Eu hei de ter todo o cuidado em Relâmpago.

— Eu nunca consenti que houvessem cães em minha casa... aborreço os cães...

— Mas há de amar a êste, há de amar a Relâmpago, porque é nosso.

O padre bateu o pé e gritou:

— Não quero cães em minha casa!

Luisinha estremeceu; deixou cair das mãos o cachorrinho e chorou.

Chorar era vencer.

*Relâmpago* foi adotado.

— E' uma boca de mais que vou ter em casa, murmurou o padre; Luisinha! Luisinha! tu és os meus pecados.

Os dois meninos começaram logo a ocupar-se muito sèriamente da criação de *Relâmpago*; o empenho não era tão fácil, que não exigisse bastante cuidado; mas felizmente o amor *maternal* poupou a Luisinha e Milo metade do trabalho.

A Medusa, que João pintara tão magra e tão incapaz de criar todos os seus cachorrinhos, escapava tôdas as noites da casa de seu dono, e vinha ao sítio do padre Martim deitar-se no terreiro e oferecer uma de suas tâtas a *Relâmpago*.

A chegada de Medusa era uma festa para os meninos, e ainda mais para *Relâmpago*. Só o padre Martim é que a olhava com maus olhos; porque Luisinha, sempre incorrigível, teimava em guardar para ela uma parte das sobras do jantar.

Este excelente acolhimento produziu uma consequência que era de prever; Relâmpago deixou de mamar; Medusa porém não deixou de vir fazer a sua visita noturna, e de receber a ração costumada.

Em vez de uma, foram duas bôcas de mais em casa.

Mas quem guardava as sobras do jantar para Medusa, era Luisinha.

O padre Martim ralhava sempre; aborrecia profundamente Medusa; mas cedia, embora murmurando, ao capricho e à vontade despótica da querida menina.

## VII

### A predição da moribunda

A boa velha curandeira, a quem todos no sítio do padre Martim chamavam *minha avó*, era uma mulher de excelentes costumes, educada com as lições do amor de Deus e do próximo, lições que ela devera a seus pais, e que resumem plenamente o ensino de tôdas as virtudes e de todos os deveres.

Profundamente religiosa antes de tudo, a idéia de um pensamento ou de uma ação que ofendesse a Deus, era o maior dos seus tormentos; e ela nem sofria somente pelos seus próprios escrúpulos de consciência; sofria não menos pelos outros, e especialmente por aquêles com quem convivia, e em quem notava uma infração dos preceito divinos.

Rude mas humilde, incapaz de murmuração e de maledicência, receosa sempre de causar a mais leve mágoa a quem quer que fôsse, a boa mulher nem sabia censurar nos outros as faltas que observava, contentando-se em rezar pela salvação de todos.

Entretanto, notava-se que, depois a certo tempo, ficava ela às vezes esquecida a meditar tristemente, olhando com indizível expressão para o padre Martim; e, se este por acaso lhe perguntava o motivo da sua melancolia e das suas reflexões, ela parecia querer abrir-lhe o coração e hesitar temerosa; e por fim respondia sempre do mesmo modo, encarando-o fixamente.

— Sr. reverendo, penso na morte; creia que é muito necessário pensar nas contas que devemos dar a Deus do que fizemos na vida.

O padre encolhia os ombros, e a velha nada mais acrescentava. Luisinha e Milo corriam a acariciá-la, e em breve venciam a sua tristeza com afagos e abraços.

Mas de noite, quando se recolhia para dormir, a boa mulher murmurava:

— Eu devia ter falado... o meu silêncio é um pecado que tenho na consciência... Se eu dissesse tudo quanto penso, tudo quanto

sinto, pode ser que o reverendo se arrependesse... Deus me dê ânimo... eu hei de falar amanhã...

E o dia seguinte chegava, e ela não se animava a falar.

O que afligia à religiosa velha era a avareza do padre Martin, e mais do que isso ainda, era o pecado da usura que esse homem recentemente começara a cometer. A pobre mulher tivera conhecimento desse novo desvio dos bons caminhos, em que o padre corria para sua perdição; e, portanto, sofria e desejava falar para salvá-lo.

Mas o padre Martin fazia-lhe medo; ela receava provocar sua cólera; estremecia, vendo as rugas de sua fronte severa; e, apesar dos impulsos de sua consciência, não se animava nunca a oferecer-lhe os conselhos da virtude.

A boa velha consolava-se da sua fraqueza, rezando horas inteiras pelo padre Martin.

Agora essas tristes meditações da velha, que a miúdo se estavam repetindo, passavam serenos e prósperos os dias no sítio do padre Martin.

O padre e a velha mostravam-se fortes, prometendo viver ainda longos anos.

Os dois meninos cresciam radiantes de saúde e alegria.

Os escravos viviam contentes sob a proteção de Luisinha.

Relâmpago tinha-se tornado um grande e forte cão de terceiro; era um animal bravo e terrível, a cujo ímpeto nenhum homem poderia resistir; mas ao mesmo tempo dócil e submisso à voz de Luisinha e de Milo, ao lado dos quais sempre se achava, e de quem parecia ser o mais fiel, vigilante e intrépido defensor. Nada podia igualar à expressão de amor com que o cão olhava para os dois meninos, à pronta obediência com que ele se deitava aos pés de qualquer deles, ao mais leve sinal que recebia, e à braveza e ao furor em que se acendia, quando desconfiava das intenções de algum desconhecido que se aproximava dos seus dois senhores.

Medusa, enfim, que era também um pouco-da casa, não interrompia a série das suas visitas noturnas.

O padre Martin acabara por tolerar sem má vontade o fiel Relâmpago, que lhe prestava o importante serviço de sentinela da casa; continuava, porém, e cada vez mais, a detestar a importuna Medusa, por causa das sobras do jantar que ela devorava.

Corriam assim plácidamente as cousas no sítio do padre Martin, até que um dia a boa velha não se levantou, como de costume, ao romper da aurora.

Os meninos esperavam por ela no terreiro para o seu passeio costumado.

O padre Martin já tinha dito três vezes, como perguntando a si próprio.

— Que terá hoje a avó?

Relâmpago uivava tristemente.

Enfim, Luisinha e Milo correram ao quarto da velha e voltaram logo, chorando:

— Minha avó está mal! gritaram ambos ao mesmo tempo.

E com efeito a boa mulher tinha chegado ao seu último dia.

O padre Martim foi vê-la.

— Sr. reverendo, disse a velha com voz fraca, não há tempo a perder; poucas horas me restam de vida; faça-me ainda uma esmola; mande chamar imediatamente o Sr. vigário para ouvir-me em confissão e preparar-me para morrer.

Enquanto esperava pelo vigário, a virtuosa velha consolava os dois meninos, que desabridamente choravam abraçados com ela: deu-lhes seus últimos conselhos: e, pondo suas mãos trémulas sobre as cabeças de ambos, ainda uma vez orou a Deus por eles.

O vigário chegou, e a moribunda recebeu todos os sacramentos com um doce sorriso nos lábios.

Ao despedir-se do santo pastor, desfez-se em lágrimas: e, de mãos postas, rogou-lhe que olhasse para o seu Milo, que ficava só no mundo.

O vigário, muito comovido, prometeu-lhe solenemente que, enquanto visse, seria o protetor e o pai de Milo.

Instantes depois, a velha mandou por Luisinha chamar o padre Martim, e ficou só com ele.

O padre, justo é dizê-lo, tinha os olhos rasos de lágrimas: apertou entre as suas uma das mãos da velha, e perguntou-lhe:

— Que me quer, boa avó?

— Sr. reverendo, disse ela, eu não posso morrer tranqüila com um pêso que tenho na consciência; até hoje tive medo de falar; agora, porém, sinto a animação da morte, e falo.

O padre mostrou-se curioso.

— Sr. reverendo, uma moribunda já está metade fora da terra, e a sua voz tem alguma cousa da voz do túmulo, que é a voz da eternidade; escute bem a minha voz, que sai do coração, e que é talvez inspirada pelo seu anjo da guarda...

— Fale... fale...

— Senhor reverendo, vossa mercê foi e é avarento, e a avareza é um pecado horrível; vossa mercê é desde algum tempo mais do que avarento, é usurário! O avarento é um grande pecador, porque não faz o bem que pode; o usurário é ainda muito pior; porque faz mal o que não deve. Ouça-me! o avarento e o usurário são malditos!

O padre largou a mão da velha, e recuou um passo, vendo-lhe os olhos brilhantes e a face cheia de uma animação imprópria da morte que próxima estava.

— Senhor reverendo! continuou a velha; Luisinha é sua filha, é filha do pecado; mas Deus lhe perdoou esse pecado; pois lhe deu em Luisinha um anjo de bondade e de virtudes. Veja bem o que Deus fez por vossa mercê, e ouça a voz de Deus, senhor reverendo! A filha do avarento saiu caridosa para ensinar ao pai o caminho da salvação: ouça a voz de Deus! agarre-se às asas desse anjo de caridade e salve a sua alma!

— Sim! sim! eu me arrependo... exclamou o padre caído de joelhos.

A velha sentou-se na cama: seus olhos brilhavam com uma flama ainda mais viva, e ela disse, como se delirasse, ou como se estivesse lendo no futuro:

— Não! não! não te arrependerás! o avarento é e será também usurário, e o seu destino é horrível... padre! a tua paixão foi e é o ouro... tu morrerás pelo ouro! padre! eu vejo ali sangue e cadáver! padre, tu morrerás pelo ouro!

E a velha caiu na cama e expirou.

E o padre Martin, aterrado, fora de si, saiu cambaleando para fora do quarto, e atirando-se sobre uma cadeira na sala, ficou imóvel, trêmulo, assombrado, sem ouvir os meninos que se desfaziem em lamentos e lágrimas abraçados com o cadáver da avó, e sem ouvir o fiel Relâmpago que uivava desesperadamente no terreiro.

## VIII

### Porque o avarento se tornara usurário

O amor de Luisinha não transformara, não regenerara completamente, tinha apenas domado o coração do padre Martin: escravo obediente dos desejos, dos caprichos da menina, não podendo ver uma sombra de tristeza em seu rosto, e ainda menos uma lágrima em seus lindos olhos, o padre chegara a sacrificar-lhe a avareza, consentira em ter em sua casa, e como membro de sua família, a velha e o travêso Milo, tolerara que Luisinha vestisse e nutrisse os seus escravos, como dantes eles nunca o tinham sido, habituara-se à presença de Relâmpago, suportara as visitas noturnas de Medusa, e, o que é mais, chegara a condescender com a caridade da excelente menina, dando-lhe algumas insignificantes quantias, que ela destinava para os seus pobres.

Tôdas essas concessões custavam muito ao padre Martin; êle porém as fazia; porque a vontade de Luisinha era uma lei para o seu coração.

Mas no íntimo da alma o padre chorava o seu dinheiro, e lamentava as despesas loucas da amada menina.

E' verdade que essas que elle chamava despesas loucas, não diminuíam o seu capital; mas também não lhe permitiam aumentá-lo tanto quanto desejava.

Desta obediência passiva e filha do amor extremo, e da persistência da paixão do ouro no ânimo do padre, nasceu como um recurso, como uma consolação; a prática da usura.

Longe dos olhos de Luisinha, a coberto da sua irresistível influência, livre das suas imposições, o padre Martim cuidava nos meios de aumentar sua riqueza.

E o próprio amor de Luisinha lhe inspirava um sofisma para satisfazer a paixão do ouro: o padre devia preparar para sua filha um futuro de abastança; que quanto mais rico se tornasse, mais rica a deixaria por sua morte.

Avarento como era, não comprehendia a felicidade senão na riqueza.

Assim pois o amor da filha vencía certamente o amor do ouro, onde quer que a voz de Luisinha se fizesse ouvir; quando porém a voz desse anjo não se ouvia, a paixão infernal sentia-se solta, e como dantes governava as ações do padre Martim, e, se é possível, mostrava-se mais violenta ainda, como se se vingasse dos sacrificios feitos ao amor filial.

Até então o padre Martim nunca tinha sido usurário, não por virtude; mas por excesso de avareza.

O padre gemia profundamente ao só pensar na idéia de se separar de uma parte do seu ouro: não havia seguranças, nem crédito de devedor que tranqüilizassem o seu espirito suspeito: nunca houve espôso mais ciumento da consorte amada, do que esse avarento da riqueza que possuía e amontoava.

Mas as *despesas loucas* de Luisinha roubaram ao avarento o seu mais doce prazer, em seu cofre não caíam mais tantas moedas, como outrora; o monte de ouro não se elevava bastante: uma das condições da felicidade da avareza faltava ao padre Martim.

Como neutralizou as conseqüências dos desperdícios de Luisinha? O padre Martim pensou muito, e concluiu abraçando o recurso da usura.

Uma grande dificuldade porém mostrou-se em breve ao espirito do padre Martim: onde poderia elle desenvolver os seus novos projectos e realizá-los? Em sua casa havia um perigo: as queixas, e os rogos dos devedores chegariam em alguns casos aos ouvidos de Luisinha, algumas das vítimas da usura lembrar-se-iam de recorrer a ella, implorando compaixão, e em tal hipótese, a luta se travaria como tantas vêzes, e a vitória seria provavelmente da menina dominadora.

A avareza do pai tinha medo da caridade da filha. O inferno calculava com o poder do céu.

Um dia o padre Martim supôs ter tido a mais feliz inspiração. Lembrou-se de João-Maneta.

João-Maneta morava em uma pequena casa que se levantava à beira da estrada entre os riachos do Lavapés, e do que havia de chamar-se do *Quarto*.

João-Maneta contava perto de setenta anos de idade: era natural da cidade do Rio de Janeiro, e recebera a alcunha de — *maneta* — porque no combate dado contra Duclerc em 1710, perdera a mão esquerda, que a espada de um soldado francês lhes decapara.

Perdera a mão esquerda com honra batalhando pela pátria, e pena foi que lhe dessem por isso uma alcunha ridícula.

Mas também parece que o único dia de honra de João fôra êsse em que perdera a mão, e ganhara a alcunha.

Ficou dito que João-Maneta era brasileiro.

A observação parece demonstrar que em cem brasileiros, sessenta são mais ou menos perdulários; trinta e nove mais ou menos sãbiamente econômicos, e um é avarento.

Mas o brasileiro que é avarento sabe sê-lo.

João-Maneta não era exclusivamente avarento, porque era antes de tudo usurário.

A casa de João-Maneta era pequena; tinha porém o que mais importava, as portas e janelas muito seguras, o que se tornava indispensável; porque sôda a família que a habitava, compunha-se do usurário e de uma sua sobrinha que, caindo em orfandade, êle adotara para servir-lhe de criada.

A sobrinha de João-Maneta chamava-se Fabricia, e contava já quarenta anos: era solteira, e durante algum tempo tinha sido objeto de maus juízos suspeitos de suas relações com o tio.

João-Maneta era conhecido como usurário; nem podia deixar de sê-lo, porque, segundo êle próprio dizia, viera estabelecer-se em Itaboraí, trazendo por tôda a sua fortuna — doze dobras em ouro.

Ora isto se passara em 1725, e João-Maneta não podendo trabalhar, e vivendo apenas dos seus rendimentos, deveria antes achar-se na miséria, do que em pobreza; e entretanto assegurava-se com fundamento que êle já havia acumulado considerável fortuna.

Semelhante milagre fôra operado pela avareza do próprio João-Maneta, e de Fabricia, digna sobrinha de seu tio; pois que ambos sabiam viver quase sem despender coisa alguma, e pela prática da usura em que o primeiro era mestre.

João-Maneta foi pois o homem de quem por um momento de infernal inspiração lembrou o padre Martim.

Um dia o padre foi procurar o *Maneta*, confiou-lhe em segredo a sua situação, e a sua fraqueza; confessou-lhe que guardava em

seu cofre algum dinheiro disponível e propôs-lhe fazerem sociedade no bom negócio da usura.

Teria sido curioso poder acompanhar os dois avarentos nas discussões que tiveram para chegarem a pôr-se de acôrdo sôbre as condições e bases da sociedade; porque naturalmente empenharam-se ambos em enganar um ao outro: infelizmente os debates começaram e acabaram tão em segrêdo que sômente os dois agraciados poderiam referi-los.

Enfim acordaram ambos, em que cada um dos sócios entraria com parte igual para a caixa; que João-Maneta seria o único representante e gerente da sociedade; que o padre em compensação daquele trabalho entraria para a caixa com dez por cento mais, além da sua parte e que os lucros se repartiriam igualmente.

A concessão dos dez por cento custou muito ao padre; êle porém vingou-se nas exageradas cautelas que tomou para segurança do seu capital.

As entradas realizaram-se e o negócio começou e foi-se desenvolvendo sob os melhores auspícios, graças à experiência e à habilidade de João-Maneta.

A caixa esvaziava-se e enchia-se regularmente e o ouro que voltava para ela vinha quase sempre molhado de lágrimas.

Os usurários enriqueciam-se, empobrecendo os desgraçados que caíam em suas garras; ao menos porém o amaldiçoado pelo povo era sômente João-Maneta.

E ainda assim o padre chorava os seus dez por cento.

Mas o padre Martim tornara-se tão amigo de João-Maneta, e tão assiduamente o visitava, que o fato deu que pensar a muita gente, e por fim de contas foi o mistério decifrado e todos souberam que o padre Martim era sócio de João-Maneta.

A noticia desta sociedade cruel e imoral chegou aos ouvidos da boa velha curandeira no sitio do padre Martim, e deu causa a que a pobre mulher caísse tantas vêzes no abismo de dolorosas meditações e tivesse aquêles escrúpulos de consciência de que sômente se libertou na hora solene e terrível da morte.

Viu-se como o padre Martim escutando a voz tremenda da moribunda, e a sinistra previsão do seu futuro, recuara assombrado; e depois de deixar escapar em um — sim! instintivo, grito involuntário arrancado pelo mêdo, a promessa do seu arrependimento, e da sua emenda, fugira do quarto, onde já deixava um cadáver.

O padre passou um dia terrível cheio das mais penosas reflexões, dormiu de noite um sono agitado e interrompido por sonhos aflitivos: na manhã seguinte porém o cadáver da velha seguiu o caminho do cemitério, e como se com êle seguisse o mesmo caminho a influência dos conselhos da moribunda, o espirito do avarento e

usurário pouco a pouco se foi tranqüilizando, e a promessa feita começou em breve a ser julgada vã e pueril.

Para maior mal em um dos seguintes dias o padre Martim teve de ajustar contas com o seu sócio, e tão avultados foram os lucros que arrependido ficou êle de ter pensado em arrepender-se.

Assim pois infrutuosa se tornara a predição da moribunda.

O demônio do ouro, a tentação da avareza e da usura continuava ainda a lançar nos desvios do pecado a alma do padre Martim.

Havia talvez um meio único de regenerar aquela alma perdida: o meio era a influência do anjo da caridade, da formosa e boa Luisinha, cuja voz, e cuja vontade chegavam sempre à alma do padre, fazendo caminho pelo coração.

Mas Luisinha era uma inocente menina que nem compreendia a prática do mal, e que julgava do padre Martim pelas inspirações do seu amor; chegara com pesar seu a reputar seu padrinho pouco amigo dos pobres; longe porém estava de pensar que havia um vício infernal chamado usura, e que o padre se tornara objeto de maldições e pragas por êsse vício.

Seria preciso que alguém, conhecendo o poder que sôbre o padre exercia a menina, fôsse bater ao coração desta, e dizer-lhe a verdade que todos sabiam, e que só ela ignorava e não compreendia.

Então fôra provável uma dessas lutas extremas entre o anjo da caridade e o demônio da usura, e é bem possível que o céu desse fôrças à filha muito amada para salvar o pai, obrigando-o a sacrificar sua paixão vil e pecaminosa.

Mas todos amavam Luisinha; todos diziam: "O padre Martim é um mau homem; mas a menina Luisinha é uma santa", e por isso mesmo ninguém se animava a fazer corar as faces da menina querida, todos diante dela respeitavam o padre Martim, e não ousavam censurá-lo.

Luisinha acreditava piamente que seu padrinho, se não era amado, pelo menos não era aborrecido, e até no empenho de torná-lo menos antipático aos pobres, muitas vêzes, com uma dessas generosas mentiras que Deus perdoa sorrindo, dava esmolos em nome dêle.

Milo era o único que poderia ter sem vexame e com explicável confiança referido a Luisinha quanto se dizia do padre Martim: mas também Milo era um menino como ela, e, além disso, amava o padre, devia-lhe gratidão, e em sua santa e nobre generosidade dos primeiros anos, lembrar-se-ia antes de defender, do que de acusar aquêle que lhe dava o pão.

Tudo portanto conspirava contra o padre Martim, que corria livre e à rédea solta para a sua perdição na outra vida.

No mundo era êle alvo das maldições dos homens; além da morte só a misericórdia de Deus poderia salvá-lo do inferno.

No sítio e na casa do padre Martim vencia o anjo da caridade e das virtudes.

Fora do sítio o demônio da avareza e da usura governava o padre Martim.

A predição da velha moribunda era um mistério do futuro.

## IX

### Por que foi chamado o sobrinho do Faial

A morte da boa avó tinha deixado na família do padre Martim um vácuo que um outro homem, que tão avarento não fôsse, teria feito em breve preencher.

Luisinha ficara sem diretora que por ela zelasse na idade em que precisava tê-la.

A vigilância e a fidelidade de Relâmpago não poderiam defender a *bela menina daqueles perigos, de que havia de salvá-la a própria virtude*, mas que também e sempre devem ser vencidos pelos conselhos e pela vigilância solícita do amor maternal, ou de um amor que dêsse se aproxime.

Além do moço Luisinha e Milo tinham crescido, ela já era uma formosa moça, êle um mancebo ardente e bonito.

O padre Martim que os via todos os dias e a tôdas as horas era quem menos notava nessas mudanças que os anos iam operando; a idéia de admitir uma senhora para companhia de Luisinha não podia ser por êle espontaneamente concebida, e menos realizada por *causa de alguma despesa que teria de fazer, e assim deixou que as cousas continuassem como dantes, que Luisinha e Milo vivessem em relações constantes, que nos domingos fôsem ambos acompanhados por uma escrava e pelo inseparável Relâmpago à freguesia, onde deviam ouvir missa, e enfim, atendendo a idade a que Milo já havia chegado, apenas se lembrou de exigir uma simples modificação na vida que vivia o mancebo.*

— Já estás grande, meu Milo; disse-lhe o padre um dia; já estás grande e é necessário que te ocupes em alguma cousa: dora-vante ficará por tua conta o cuidado do pomar e dos animais.

Milo aprendera como Luisinha a chamar o padre — *meu padrinho*.

— Sim, meu padrinho; respondeu êle; pode descansar em mim a êsse respeito.

O padre sorriu-se; mas Luisinha saiu logo com embargos.

— Meu padrinho, disse ela; eu quero antes que Milo se ocupe em preparar-me um jardim: desejo ter flores, e êle será o meu jardineiro.

— De que servem as flores? perguntou o padre de mau humor.

— As flores são belas e servem para o encanto dos olhos, além do aroma que embalsamam o ar.

— E que lucro dão?

— Não haja dúvida por tão pouco; tornou Milo: eu posso tratar do pomar, e dos animais, e preparar o jardim para Luisinha.

— Sacrificarás o pomar e os animais às flores...

— Meu padrinho verá.

E o padre Martim aplaudiu-se do que viu.

Milo era inteligente e infatigável: o pomar do sítio mudou em breve de aspecto; não só tornou-se mais viçoso, como aumentou de proporções; os animais engordaram, e em um canto do pomar apareceram em poucos meses lindos tabuleiros de flores.

Nenhum dos escravos do padre Martim trabalhava tanto como o inteligente Milo.

O padre exultou vendo que contava um trabalhador de mais.

Continuou pois o mesmo sistema de vida da família: Luisinha e Milo não se separavam, e quando aos domingos iam ouvir missa na freguesia, aquêles que os viam passar tão jovens, tão alegres, e tão amigos, diziam:

— Que galante par!

Preciso porém é dizê-lo, os dois jovens eram ainda tão inocentes, como as flores do seu jardim; no coração de ambos morava a pureza dos anjos: nenhum dêles pensava que havia um outro amor que os pudesse ligar a não ser êsse amor fraternal, que desde a infância tinham ambos sentido.

Os primeiros que observaram com malícia essa estima recíproca de Milo e Luisinha, e pensaram nos riscos a que ela expunha a menina, foram João-Maneta e Fabrícia.

Dois sentimentos diferentes tinham inspirado a malícia ao tio e essa sobrinha.

João-Maneta pesou em seu espirito todos os inconvenientes de um casamento possível: o marido de Luisinha bem podia querer tomar sobre si o cuidado dos negócios do padre Martim, que não saberia resistir às instâncias de sua filha: em todo o caso o casamento de Luisinha era um perigo para a sociedade de usura. João-Maneta começou a aborrecer o pobre Milo.

Fabrícia estava de perfeito acôrdo com seu tio em suas idéias interesseiras; mas ainda tinha uma razão particular para ver com maus olhos a intimidade de Milo e Luisinha.

Fabrícia contava quarenta anos, nunca fôra bonita nem corte-

jada por mancebo algum que lhe houvesse feito entrever a esperança de casamento.

Não há inveja que iguale a de uma celibatária que o é a próprio pesar, e principalmente quando ela chega à idade em que começa a perder a esperança de achar marido.

Milo era um lindo jovem, e Fabrícia compreendia ou pensava que devia ser bem feliz a mulher que o tivesse por espôso: bastava esta consideração para aticar-lhe a inveja.

A inveja é mãe do ódio mais criminoso; do ódio gratuito, do ódio que não tem desculpa, que o atenua.

Fabrícia odiava Luisinha por duas razões: odiava-a porque era moça e bela, e porque Milo era bonito.

E portanto a exemplar virtude da sobrinha de João-Maneta alvoroçava-se, vendo a estima recíproca de Luisinha e Milo e a perigosa intimidade em que viviam os dois jovens.

Uma vez o tio e a sobrinha viram passar Luisinha e Milo conversando, e rindo, como dois irmãos que se amam extremosamente.

João-Maneta apontou para elles com sinal de reprovação.

Fabrícia benzeu-se com o ar mais santo.

— Isto não pode continuar assim; disse João-Maneta.

— E' uma horrivel imoralidade! respondeu Fabrícia.

— E' preciso falar ao padre Martim.

— Sem dúvida: o tio já deveria ter-lhe dito alguma souse.

— Falai no mau, preparaí o pau; observou o tio.

*Era o padre Martim que nesse momento chegava.*

Como de costume os cumprimentos foram curtos entre os dois sócios.

Fabrícia retirou-se modestamente.

— Acabávamos de conversar a seu respeito; disse João-Maneta.

— E a propósito de quê? perguntou o padre.

— Tínhamos visto passar para a freguesia a menina Luisinha e esse rapaz que o senhor reverendo tem em sua casa.

— Sim? e que mais?

— Minha sobrinha, que é a virtude em pessoa, perguntou-me, se o senhor reverendo pretende casar a menina Luisinha com esse pobretão.

O padre encrespou as sobrançellas.

— E qual foi a sua resposta?

— Eu disse à minha sobrinha que duvidava muito que um homem de tanto juizo caísse em semelhante asneira.

— E respondeu bem.

— Mas Fabrícia observou-me, que sendo assim, ninguém poderia explicar a espécie de indiferença ou de abandono, com que o senhor reverendo deixa a inocente menina Luisinha viver em tanta intimidade com o tal velhaquete.

O padre pareceu contrariado, e respondeu depois de momentos de reflexão:

— São dois meninos criados como irmãos: ainda não pensam no mal.

João-Maneta era hábil: conheceu que já havia lançado suficiente dose de veneno no coração do padre, e por isso tornou, dizendo:

— *Exatamente o mesmo fiz eu observar à minha sobrinha, o que a fez calar, porque ela tem sobretudo a maior confiança na prudência do senhor reverendo.*

— Sua sobrinha é uma excelente senhora.

— Não tratemos mais disto: vamos aos negócios, que mais nos interessam. Tenho ótimas notícias a dar-lhe.

— Homem, no trimestre passado lucramos muito pouco.

— Pouco! lucramos no trimestre passado mais do que nunca lucrei em tempo algum; mas no trimestre que terminou ontem ainda fomos muito além.

— Muito?

— Reccebi de Manuel Peres, em pagamento da sua dívida, um sítio que vendi quatro dias depois pelo dôbro da quantia, pela qual o recebi.

— E que mais?

— Examine o senhor reverendo o nosso livro e pasmee à vista do que tenho feito.

Os dois sócios começaram o exame das contas, e dos lucros, e o padre Martim esqueceu Luisinha e Milo admirando os prodígios da usura de João-Maneta, sem contudo manifestar a sua admiração, e antes protestando que seu sócio poderia ter lucrado muito mais.

*Concluído o exame das contas e já de volta em casa o padre Martim estava à porta, quando vieram chegando Luisinha e Milo, e então, lembrando-se do que acabara de ouvir a João-Maneta, reparou que com efeito a menina se havia tornado uma formosa moça, e o menino um galante mancebo.*

O padre reconheceu que João-Maneta ou Fabrícia tinha razão, e quando, à noite, se recolheu a seu quarto, passou horas inteiras refletindo.

Despedir Milo era um recurso prudente; mas certamente Luisinha protestaria contra êle.

Deixar correr a vida como até então, era um perigo, a menos que fôsse adotável a idéia do casamento de Luisinha e Milo.

Essa idéia porém aterrava o padre. Êle não podia admitir que a sua riqueza viesse um dia a passar às mãos de um estranho.

E Milo além de estranho não tinha nome, nem família, nem esperanças de futuro.

O padre então lembrou-se de que na ilha onde nascera, vivia

ainda uma sua irmã casada e com filhos, um dos quais muito desejava vir fazer ou procurar fortuna no Brasil.

Esse seu sobrinho chamava-se Manuel Pereira, e muitas vezes lhe havia escrito, manifestando-lhe o seu empenho de passar-se para o Brasil a fim de fazer-lhe companhia.

O padre não acreditava muito nos protestos de amor de um parente que nunca o tinha visto; mas por fim de contas Manuel Pereira era seu sobrinho, e seu patricio, e se viesse e se casasse com Luisinha, nunca se lembraria de arrancá-la da sua companhia.

Estas e muitas outras considerações levaram o padre a tomar uma pronta resolução.

No dia seguinte elle escreveu para o Faial mandando vir Manuel Pereira para o Brasil.

A carta, mandada em confiança a um Português negociante da cidade do Rio de Janeiro, seguiu o seu destino, sem que pessoa alguma suspeitasse do que se tratava.

Luisinha e Milo não pensavam na existência de Manuel Pereira, e João-Maneta e Fabricia ainda menos.

O padre guardava impenetrável o seu segredo.

Elle passados oito meses apresentou-se em um sábadô da aieluia no sitio do padre Martim o sobrinho chegado das ilhas.

## X

### Manuel Pereira

Quinze dias se tinham passado depois da chegada de Manuel Pereira à casa de seu tio.

O padre apresentara Manuel a Luisinha como um sobrinho que o devia acompanhar em sua velhice, recomendara a um e outra que se estimassem mutuamente, e ficou esperando que o tempo o ajudasse a realizar o projeto que concebera.

Durante os quinze dias Luisinha, Milo e Manuel observaram-se e estudaram-se.

Milo não era invejoso; reconheceu porém que ao pé de sua camarada se apresentava um mancebo que na casa do padre Martim tinha natural e legitimamente mais direito do que elle e notou com pesar que Manuel parecia olhá-lo desconfiado e de mau humor desde o primeiro dia.

Luisinha a principio divertiu-se muito, escutando Manuel contar histórias da sua ilha; mas logo depois aborreceu-se de ouvi-lo e continuou a viver como dantes, sem pensar que o sobrinho de seu padrinho pudesse exercer influencia alguma sobre o seu futuro.

Milo o pobre órfão sentira instintivamente que a sua posição ia modificar-se desagradavelmente no sítio do padre Martim.

Luisinha, a menina amada, nem se agitou nem temeu; estava habituada a não sofrer; viu pois com indiferença o suposto companheiro da velhice de seu padrinho.

Manuel Pereira foi mais positivo, mais aturado e minucioso em suas observações, ou antes foi ele entre todos o único que estudou e observou os outros.

O pensamento que o fizera deixar a família e a pátria e passar para o Brasil fôra o desejo de fazer fortuna. Era pobre e almejava enriquecer.

Como tantos outros contava encontrar no Brasil a famosa *árvore das patacas*: a árvore das patacas era para ele antes de tudo seu próprio tio; porque o padre Martim sendo padre não podia ter filhos, e portanto seus cabedais deveriam pertencer ao parente que ele adotasse.

O raciocínio era perfeito segundo as regras da lógica do egoísmo, e da ambição.

Mas chegado à casa de seu tio, Manuel Pereira sobressaltou-se, vendo suas esperanças em parte anuladas.

O sobrinho chegado da ilha encontrou ao lado de seu tio uma menina querida, a quem o padre dava o nome de afilhada, evidentemente por não convir dar-lhe outro, o verdadeiro, o nome do amor mais sagrado.

Luisinha era filha do padre Martim: a filha devia naturalmente ser herdeira do pai, e isso era horrível para Manuel Pereira.

Porque a herança do padre era grande, ou melhor, a única, a essencial questão.

E' claro que um pensamento consolador veio logo acender-se na alma do sobrinho ambicioso: se a filha devia ser a herdeira o sobrinho sê-lo-ia também, casando-se com ela. Pouco importava em tal hipótese que a noiva fôsse bonita ou feia; mas, para maior consolação, Luisinha era formosa.

Entretanto uma suspeita instintiva contrariava êste recurso esperançoso.

No sítio do padre Martim vivia um jovem de belo parecer, e a quem Luisinha mostrava estimar muito. Êsse jovem não era afilhado nem parente do padre; parecia porém objeto de muitas atenções na casa, e portanto podia bem tornar-se em uma barreira diante dos projetos ou dos sonhos da ambição de Manuel.

Por último, e para dar conta de tôdas as primeiras impressões do sobrinho chegado da ilha, cumpre dizer que ele achou seu tio muito mais moço e muito mais robusto, do que calculara, não sentiu por isso grande prazer.

O padre Martim errara gravemente.

O velho rico que manda vir para sua companhia um sobrinho a quem nunca viu, a quem nunca amou, e que nunca o amou, e que o recebe, sabendo que êle traz a esperança de ser seu herdeiro, expõe-se a perigos reais, ou pelo menos a ter junto de si um falso amigo, que fará votos pela sua morte.

Ligações de ordem tal só aproveitam, quando a estima as aperta e santifica. Laços forjados pela ambição raramente deixam de ser nocivos: quem precisa de cuidados e extremos peça-os ao amor, e não ao egoísmo.

E' uma imprudência chamar para o scio da familia um homem de quem não se tem conhecimento, e ainda maior imprudência, se a fortuna do protegido pode mais depressa realizar-se com a morte do protetor.

Estas considerações não tendem a semear a desconfiança entre parentes, e ainda menos a tornar menos gratos os laços de sangue: a idéia é clara, e indica somente a necessidade do conhecimento do caráter e das qualidades daqueles que aproximamos de nós, e que ligamos a nós.

O padre Martim errara; mas ainda era cedo para serem sentidas as conseqüências do seu êrro.

Manuel Pereira não perdeu o seu tempo nos quinze dias que se passaram depois daquele em que se apresentara na casa de seu tio.

Laborioso e infatigável tomou a direção dos poucos escravos do padre e na roça trabalhava com êles assiduamente, animando-os com o seu exemplo, e chamando-os à sua confiança com um tratamento quase fraternal.

Em breve os escravos o fizeram sabedor dos segredos da familia e da casa, o que era essencial para Manuel Pereira.

No fim de poucos dias o ambicioso mancebo conhecia perfeitamente o caráter e as fraquezas de seu tio, o poder de Luisinha, e a condição de Milo.

Era um general que explorava o campo da batalha.

Manuel Pereira compreendeu tôda a situação, e tôdas as circunstâncias: enganou-se porém em um ponto: reputou o amor do ouro ainda mais forte e poderoso do que o amor da filha no coração do padre.

Partindo dêste falso princípio, deu no fim dos quinze dias o primeiro combate, dirigindo os seus ataques contra Milo.

Foi na tarde de um sábado.

Luisinha tinha ido ao jardim, onde Milo estava trabalhando.

O padre Martim e o sobrinho por seu lado saíram a visitar o pomar, e de volta para casa, supondo que os dois jovens ainda não haviam entrado, sentou-se Manuel Pereira defronte do tio, e dispôs-se a falar.

Luisinha e Milo estavam a dois passos na sala de jantar, e descansando silenciosos podiam ouvir tudo.

— Tio padre, disse Manuel, há muitos dias que vossa mercê não vai à roça ver como a negralhada atira de enxada; mas que monta? o trabalho anda!

— Sim; eu sei que tu não és pèco, continua, que vais bem assim.

— A quem no diz, tio padre? leve o demo a preguiça! mas que monta? uns trabalham, e outros vadiam, e tanto comem uns como os outros.

— Trabalha tu, e deixa os outros.

— Nanja que eu morda no próximo, tio padre; mas eu tinha uma cousa para dizer a vossa mercê.

— Dize lá.

— E' que quando há na mesa uma bôca de mais, fica um pão de menos.

— Isso é verdade.

— E um pão que não se compra, é dinheiro que fica em casa.

— Também é verdade.

— Que diabo serve o Sr. Milo que água as flores, e enxerta faranjas? Eu cá que trabalho na roça, bem posso fazer a rega do jardim à noitinha, e cuidar das frutas aos domingos.

— Manuel, disse o padre Martim com cuidado e olhando para a porta: deixa Milo, e não te envolvas com êle...

— Pois que vá aguar as flores; mas eu lho digo por amor da casa, porque bôca de mais é pão de menos.

— Manuel, nem palavra sôbre Milo, atende bem: trata de agradar a Luisinha; é preciso que agradeas a Luisinha.

— E' que o Milo...

— Basta; tornou o padre: nem mais palavra sôbre êsse rapaz.

Milo tinha ouvido o que o tio e o sobrinho acabavam de dizer, e corando até a raiz dos cabelos, levantou-se do banco, onde estava sentado e retirou-se para o seu quarto.

Luisinha entrou pouco depois na sala: tinha o rosto enrubicado, e os olhos em fogo.

O padre Martim fingiu não ver o sentimento que transluzia do rosto da jovem.

Anoiteceu e chegou a hora da ceia.

Milo não appareceu para cear: pretextara um ligeiro incômodo para não vir sentar-se à mesa.

Luisinha não quis comer.

O padre Martim não pôde conter-se e perguntou:

— Por que não queres cear, Luisinha?

— Para que fiquem dois pães de mais, meu padrinho.

— Menina!

— Uma bôca de mais na mesa equivale a um pão de menos. Manuel Pereira levantou a cabeça, e olhou para Luisinha, que encarando-o com expressão de cólera, disse:

— Quero concorrer para a alegria da casa; há de haver na ceia de hoje uma sobra de dois pães.

## XI

## Duas flores

Amanheceu o dia seguinte que era domingo.

Luisinha acordou com a aurora, penteou-se com esmêro, vestiu o seu simples mas bonito vestido branco, apresentou-se enfim para ir, e como de costume, ouvir missa na freguesia.

Quando saiu do seu quarto a bela moça já não encontrou Milo em casa; mas adivinhou que achá-lo-ia no jardim.

Era fácil adivinhá-lo; porque Luisinha costumava, quando ia à freguesia, ou a algum passeio, levar no cabelo um botão de rosa.

Era um enfeito campestre, e muito no gôsto da época nas povoações do interior, porque as senhoras usavam então trazer flores naturais nos cabelos.

Luisinha preferia a tôdas as flores um botão de rosa, e preferia bem; porque o botão de rosa é o mais fiel emblema de uma jovem donzela.

Ora quem sempre escolhia para Luisinha o mais lindo botão de rosa era Milo.

Luisinha adivinhou por isso que o seu amigo Milo deveria estar no jardim, e com efeito lá o encontrou.

Mas em vez de ver o mancebo correr para ela e oferecer-lhe o botão de rosa, Luisinha achou-o olhando muito triste para as flores.

— Bom dia, Milo; disse ela.

Milo saudou com voz um pouco trêmula e comovida a Luisinha, que sobressaltou-se vendo a palidez do seu rosto e duas olheiras roxas sob seus olhos.

— Que tens hoje, Milo, estás desfigurado.

— Não pude dormir.

— Estás doente?

— Não, graças a Deus.

— Choraste?

— Também não, mas pensei.

— Pensaste em quê?

— Em quem não vale a pena de ser lembrado; pensei em mim.

— Milo!

— Manuel Pereira acordou-me de um sono bem agradável, mas inconveniente. Dormi até ontem; êle acordou-me.

— Foi então aquêlê impertinente...

— Êle disse a verdade: eu sou demais nesta casa, o senhor padre *Martim* não precisa do meu trabalho, e não tem obrigação de alimentar-me, e de vestir-me; já não sou criança, tenho ânimo e força e devo procurar a minha vida.

— Procurar a tua vida? queres porventura dizer que vais deixar-nos?

— Assim é preciso.

Luisinha nunca tinha pensado na possibilidade de se separar do seu camarada da infância; foi portanto com um estremecimento do coração que ouviu aquelas últimas palavras de Milo.

— Deixar-nos, Milo?!?! perguntou ela.

— Sim, Luisinha, eu sou demais aqui.

A jovem viu pela primeira vez na vida desenhar-se uma nuvem negra no seu futuro; sentiu uma dor profunda e inexplicável, teve um desejo ardente de lançar-se nos braços de Milo, corou sem compreender por que corava, e de seus belos olhos caíram duas lágrimas em suas faces, como gótas de orvalho em duas rosas.

— Deixar-nos, Milo!!! disse ella dolorosamente e como se lhe escapasse um gemido pungente.

— Luisinha! Luisinha! exclamou o pobre Milo.

E o pobre Milo sentia também pela primeira vez uma dor profunda no coração, uma dor que o perturbava, e cuja natureza ainda não comprehendia bastante.

Luisinha achava-se como que confusa, hesitava, quis fazer um esforço para escapar àquella situação que a fazia sofrer muito, e que a obrigava a experimentar um sentimento ainda para ella indefinível.

Sem enxugar as duas lágrimas que conservava nas faces, Luisinha ensaiou um sorriso que foi uma contradição dos lábios e da alma.

Ela sorriu-se e disse:

— Milo, és um louco; meu padrinho ralhará contigo.

Milo moveu a cabeça, indicando-lhe incredulidade.

Luisinha fingiu não ver êsse movimento, e acrescentou:

— São horas de irmos à freguesia, e nem te lembra que ainda não me deste um botão de rosa.

— Luisinha, disse Milo, queres fazer-me um favor?

— Que favor posso eu fazer-te?

— Em vez de botão de rosa, aceita da minha mão e leva nos teus cabelos a flor que eu te vou oferecer.

— Dá-me a flor que escolheres; aceito-a.

Milo deu alguns passos, e colheu uma *saudade*, que ofereceu a Luisinha.

— Uma *saudade*?!! disse ela; levá-la-ei nos meus cabelos, mas espero não senti-la no coração.

Milo estava radiante de alegria, vendo a *saudade* nos cabelos de Luisinha, que ficara pensativa.

— Vamos; disse o mancebo,

— Um momento ainda, tornou a jovem; também quero pedir-te um favor, Milo.

— Fala.

— Farás o que eu te pedir?

— Responde a ti mesma, Luisinha.

— Pois bem; aceita da minha mão e leva no teu peito a flor que eu te oferecer.

— Luisinha, eu dei-te uma *saudade*, que flor me darás tu?

A bela moça avançou por sua vez alguns passos, chegou ao arbusto que procurava, colheu um *não-me-deixes*, e apresentou-o ao mancebo dizendo: chama-se *não-me-deixes*, Milo.

O mancebo aceitou a flor com a mais viva expressão de júbilo, aceitou-a da mão trêmula de Luisinha, que sem saber por que tinha o rosto abrasado em flamas do mais santo pudor.

Logo depois deixaram ambos o jardim.

O que acabava de passar-se era um simples e duplo presente de flores. ou, se quizerem, uma troca de flores, mas espontânea, não calculada, não esperada, e feita com a mais pura inocência.

Cada uma dessas flores revelara um pensamento daquele que a ofertara.

Cada um dos dois pensamentos era diferente do outro.

Um desses pensamentos, o que a *saudade* exprimia, estava dizendo: — vou separar-me de ti.

O outro, o que o *não-me-deixes* exprimia, estava dizendo: — não te separe de mim.

E ambos esses pensamentos, que eram diferentes, exprimiam, ou revelavam um sentimento recíproco, idêntico.

Mas nem Luisinha nem Milo compreendiam ainda a natureza do sentimento, que, sem querer, acabavam de revelar um ao outro.

Chegando à casa, de volta do jardim, Milo pouco antes tão abatido e triste, mostrava-se nadando da mais ardente alegria, e Luisinha, que se dirigira ao jardim tão feliz e tão contente, voltara docemente pensativa.

Por que estava Milo tão alegre? Ele não o sabia.

Por que estava Luisinha tão pensativa? Também ela não o sabia.

E' que nos corações inocentes o amor começa sendo um segredo para os mesmos que o estão já sentindo.

Segredo angelico é esse que pouco e pouco se revela, como o botão de uma flor que vai naturalmente se desabrochando.

## XII

## O segredo do amor

Os moradores dos pequenos povoados são em geral muito curiosos e igualmente muito minuciosos em suas observações.

Essas qualidades, que de ordinário os levam à maledicência, não são contudo denunciadoras de um sentimento maléfico.

Conhecendo-se todos uns aos outros, vivendo todos uma vida monótona, sem variedade, não tendo, senão raramente, assuntos sérios que venham dar novidade às suas conversações, encontrando-se todos os dias, e precisando ter de que falar, procuram e colhem com avidez, muitas vezes inocentes, tudo quanto lhes pode servir para dar foiga às velhas e cansadas histórias da terra, entreteuendo-se com alguma nova matéria, embora pouco interessante, e às vezes também um pouco arriscada.

Os moradores da nascente e pequena freguesia de Itaboraí não eram isentos desse defeito da curiosidade e das observações minuciosas.

Ora quem se deixa dominar por esse espírito de curiosidade, não poupa nem os próprios amigos.

Foi por isso que Luisinha e Milo ao chegarem à igreja matriz da freguesia, onde vinham ouvir a missa, excitaram logo as observações e as reflexões dos rapazes que estavam à porta da igreja, e das senhoras velhas e moças que dentro já estavam, ou que foram entrando.

E o que provocava a curiosidade de tanta gente era-o trazer Milo um — *não-me-deixes* no peito, e Luisinha uma *saudade* nos cabelos.

Todos se lembravam de que Luisinha tinha por costume trazer em seus cabelos um botão de rosa, e ninguém se lembrava de que Milo houvesse um só domingo aparecido com uma flor no peito.

Por que então trazia Luisinha nesse dia uma — *saudade* — em vez de um botão de rosa?

E por que pela primeira vez aparecia Milo com uma flor no peito?

E demais por que trazia êle um *não-me-deixes* em vez de outra, qualquer flor?

Os curiosos e observadores foram adivinhando explicações, e formando juízos, que iam confiando uns aos outros.

— E' célebre! disse um deles; é célebre acontecer isto no mesmo dia!

— Acontecer o quê? perguntaram.

— A menina Luisinha ter trocado o botão de rosa pela *saudade*, e Milo trazer pela primeira vez um *não-me-deixes*.

— E que se segue daí?

— Parece que se ajustaram ambos para fazer esta inovação de flores.

— Nada de malícias: disse outro.

Estas últimas reflexões foram ouvidas por Manuel Pereira que acabava de chegar também para ouvir missa, e que tratava de apurar o ouvido para não perder palavra do que se disse, quando a conversação foi interrompida pelo começo do sagrado sacrifício.

A discussão ficou pois adiada.

Ninguém mais se ocupou da história de flores nem de juízos maliciosos.

As horas do mundo que zomba e murmura tinham parado ao soar a hora do culto de Deus.

A oração vinha purificar os lábios nodoados pela murmuração.

A missa chegou ao seu termo no fim de meia hora: o vigário que a celebrara desceu do altar.

Saudaram-se todos, dando-se o *bom dia* fraternal, e pensavam já em retirar-se, quando apareceu de novo o vigário, e, à sua voz, aproximaram-se do altar um mancebo e uma jovem acompanhados de alguns amigos.

Eram dois noivos que iam ligar-se para sempre com os laços sagrados do himeneu.

Um casamento é um ato solene e grave para aquêles que vão transformar em uma só vida suas duas vidas, para os pais e amigos dedicados dos noivos, cuja felicidade tanto os interessa; mas é também um ato que apraz aos próprios indiferentes, que correm à testemunhá-lo ainda que seja somente para ver se a noiva é ou não bonita, e para apreciar em seu rosto as suaves emoções de um amor que se exalta e que o mais sublime pejo refreia.

Um casamento é sobretudo um ato cheio de poesia, de encanto, e de indizível magia para aquêles que se amam e que não sendo ainda casados, desejam sê-lo.

Assim pois não admira que todos quantos se achavam na igreja, homens e senhoras, se aproximassem também do altar, e fôsem assistir à cerimônia.

Luisinha e Milo fizeram como os outros, foram cercar os noivos.

Do lado da noiva ficaram tôdas as senhoras, do lado do noivo todos os homens, e por feliz acaso Milo defronte de Luisinha.

Milo, cuja fervente alegria não tinha ainda arrefecido, foi-se tornando pouco a pouco docemente melancólico, e como que todo embebido no ato solene que se celebrava.

Luisinha que tão pensativa ficara desde a troca das flores no jardim, mais pensativa se tornou ainda, e respirando ansiosa parecia às vêzes reprimir um suspiro.

Nem um, nem outra tinham desviado por um instante os olhos daquele par sem dúvida amoroso que se ligava para sempre; mas quando as mãos do noivo e da noiva se uniram, e quando, ouvido o sagrado juramento, o sacerdote abençoou nesse enlace de duas mãos o enlace de duas vidas, Luisinha e Milo involuntariamente levantaram um pouco as cabeças, olharam-se, entrecolharam-se a olhar-se coraram ambos, ambos suspiraram, e ambos curvaram de novo as cabeças, confundidos e vergonhosos.

As cerimônias daquele ato sagrado e cheio do mais puro sentimento acabavam de ensinar à Luisinha e Milo que havia um amor, que sendo abençoado por Deus, podia unir um homem e uma mulher em laço mais estreito do que os laços que unem os pais e os filhos, o que ligam os irmãos entre si; que a bênção de um ministro de Deus podia santificar a aliança de dois corações amantes, e perpetuar sua união.

Compreendendo tão bela e tão animadora lição, Milo e Luisinha lembraram-se de que poderiam ser bem felizes, e não se separarem nunca durante a vida, se um dia chegassem a ligar-se com os mesmos laços. Olharam-se então, e nesse rápido olhar Milo leu nos olhos de Luisinha, e Luisinha leu nos olhos de Milo o mesmo pensamento e o mesmo desejo.

Foi por isso que coraram e ficaram ambos confundidos e vergonhosos.

Tinham um e outra conhecido o segredo de seus corações, e reconheceram então a natureza de sentimentos que determinara a sua troca de flores poucas horas antes.

Luisinha e Milo sabiam enfim que se amavam.

Quem lhes tinha dito o que era que eles sentiam; mas ignoravam embora o sentissem?

O anjo das flores já lhes havia procurado revelar no jardim o belo segredo; mas em sua inocência eles não tinham compreendido o anjo.

Deus acabava de esclarecer suas almas com um raio daquela pira de himeneu que ele santificara com a bênção do seu ministro.

A voz de Deus não podia deixar de ser ouvida, e o puro amor que assim se revelava devia ter por si a proteção do Céu.

Luisinha e Milo saíram pois da igreja, sabendo que se amavam.

Mas como se tivessem delinqüido, cometendo um grave pecado, os dois jovens amantes voltaram para o sitio silencioso, não se atrevendo a olhar-se, suspirando às vèzes e estremecendo ao suspirar, confusos, temerosos, abstratos, e nesse estado da alma em que a melancolia é um encanto que prende, enleva e felicita.

## XIII

## Morte de Medusa

Manuel Pereira voltou da freguesia triste e preocupado: tinha ouvido a reflexão maliciosa sobre a *saudade* de Luisinha e o *não-me-deixes* de Milo; tinha observado no ato do casamento o encontro eloqüente dos olhos dos dois jovens; tinha apreciado a suave melancolia e doce confusão que de ambos se apoderaram logo depois, e suspeitando em tudo isso a manifestação de um amor que ameaçava os seus cálculos de futuro, levava no coração a cólera e o ímpeto dos maus instinctos.

Pouco lhe importava o amor de Luisinha; mas a riqueza do padre Martin era tudo para elle.

O plano que desde alguns dias havia traçado mostrou-se então ao seu espirito, como um recurso extremo, que com o mais pronto e ardente empenho devia ser pôsto em ação: esse plano consistia simplesmente em ganhar pela adulação a estima do padre, e em perder ou ao menos comprometer, ainda mesmo por meio do alceve e da intriga, aquêlle que lhe *fazia sombra* na casa, merecendo a mais viva afeição de Luisinha.

Chegando ao sítio do padre Martin, Manuel Pereira reconheceu-se tão despeitado que receou atraçoar-se, não podendo encobrir os sentimentos que o agitavam: determinou pois fugir de todos os olhos, e pretextando uma caçada, tomou uma espingarda e saiu.

A espingarda fôra o primeiro e único presente que até então Manuel Pereira recebera de seu tio; e ainda assim fôra um presente condicional e calculado pela avareza do padre.

Um dia Manuel Pereira, que achara a espingarda em esquecido descanso a um canto da sala, pediu licença ao tio para limpá-la, e ir caçar com ella: o padre aquiesceu ao pedido de mau humor; vendo porém no fim de algumas horas voltar o sobrinho com uma caçada, que bem podia alimentar a familia durante dois dias, e isso com uma insignificante despesa que custavam a pólvora e chumbo, aplaudiu a habilidade de Manuel Pereira, bateu palmas de gosto, e disse-lhe:

— Rapaz, visto que sabes caçar, a espingarda é tua, enquanto morares comigo.

E quando via passar muitos dias sem caçada, perguntava ao sobrinho:

— Já não caças, Manuel? olha, que é preciso não trabalhar incessantemente: a distração faz bem à saúde.

Manuel Pereira tinha pois ampla liberdade para ir à caça tódas as vêzes que isso lhe aprouvesse.

A espingarda era de Manuel Pereira, embora condicionalmente. E fôra o padre Martim que lhe dera a arma mortífera.

E era o padre Martim quem comprava a pólvora e o chumbo.

Manuel Pereira internou-se no bosque vizinho, levando marcha apressada e pouco própria de um caçador; às vêzes e instintivamente sua mão afagava o feixe da espingarda, como se ali estivesse para êle encerrada uma esperança; então um tiritar sinistro desfigurava-lhe os lábios.

Manuel Pereira, que tinha o costume de falar em voz alta a si próprio, quando estava só, guardava nêsse dia teimoso silêncio.

Calculava com raiva a riqueza que por morte do padre Martim deveria passar a Luisinha, e arrancava do peito surdos gemidos.

Era então uma fera que gemia.

Dominado pela ira esquecia os cuidados e as precauções da caça; mas em compensação êle, que nas outras caçadas poupava os tiros para empregá-los sómente nos corpulentos macucos, nas belas trocazes, nas arapongas, e nos jacus, nesse dia de furor e raiva ia matando os mais pequenos passarinhos.

O padre Martim ouvia de casa os ecos dos tiros amudados, e esfregando as mãos de contente, repetia a miúdo:

— Que excelente caçada nos traz hoje o Manuel.

Luisinha e Milo, que estavam sentados diante do padre, pareciam absortos e não pensar na caçada.

— Que têm vocês hoje que não me dizem nem me respondem palavra? perguntou enfim o padre.

Milo estremeceu como se tivesse acordado de repente e no meio de um sonho.

Luisinha mais hábil, por isso mesmo que era mulher, e mais animosa pela confiança que depositava no amor do padrinho, respondeu sem hesitar:

— Eu estava pensando nas flores do meu jardim.

— Ora esta! quando eu falava na excelente caçada que está fazendo o Manuel!

— Não gosto de caçadas, meu padrinho.

— Mas por quê?

— Ora... porque nas caçadas o prazer consiste em matar...

— Isso é puerilidade... ia dizendo o padre.

E parou ouvindo novo tiro.

— Mais um exclamou.

E imediatamente ouviu-se também o latido doloroso e pungente de um cão.

*Relâmpago*, que estava deitado no terreiro, deu um salto, e lançou-se para o bosque vizinho em desesperada carreira.

— Que será isto? disse o padre levantando-se.

Sairam todos três para o terreiro e no fim de muitos breves minutos chegou a seus ouvidos um grito horrível.

— E' a voz de Manuel! exclamou o padre.

— Sem dúvida corre algum perigo: cumpre ir socorrê-lo, disse Milo.

— Milo! tu és bom; tornou o padre, lembrando-se da noite antecedente.

E o padre, Milo e um escravo dirigiram-se apressadamente para o bosque.

O latir furioso de Relâmpago ensinava o caminho que devia ser seguido.

Em breve Milo e o padre Martim encontraram Manuel Pereira, e testemunharam uma triste cena.

Manuel Pereira estava trepado em uma árvore, e em uma de suas pernas a calça mostrava-se manchada de sangue.

Em baixo da árvore via-se no chão a espingarda.

Relâmpago latia com furor, mostrando seus dentes ameaçadores a Manuel Pereira, e só interrompia essa ameaça para correr e uivar junto de Medusa, que a poucos passos jazia sem vida.

O caso passara-se do seguinte modo.

Os tiros repetidos do caçador tinham atraído Medusa ao bosque e Manuel Pereira, vendo-a e conhecendo-a lembrou-se de que a pobre Medusa era agradecida a Luisinha e Milo, e aborrecida pelo padre Martim que não lhe perdoava os restos do jantar que se guardava para ela.

A morte de Medusa devia portanto ser motivo de desgosto para Luisinha e Milo, e de consolação para o padre avarento.

Manuel Pereira não pensou mais: sem dó nem piedade desfechou um tiro sobre Medusa, que soltou um latido, e morreu.

Mas Relâmpago ouviu o latido de morte soltado pela mãe e voou furioso em seu socorro: chegou tarde para salvá-la; mas logo vingativo lançou-se sobre o assassino, que para escapar ao desespero do amoroso cão, largou a espingarda que não tivera tempo de carregar, e subiu a uma árvore, desprendendo um grito de dor; porque Relâmpago conseguira de um salto cravar-lhe os dentes em uma perna.

Duas lágrimas correram dos olhos de Milo ao ver Medusa estendida e morta.

Relâmpago latia desesperado, olhando às vezes para Milo, como a pedir vingança.

— Sossega este cão, disse o padre Martim a Milo.

O mancebo nem se quer olhou para Manuel Pereira: chamou Relâmpago, segurou-o pelo pescoço, e retirou-se, levando-o quase à força.

Quando o padre Martim, e Manuel Pereira chegaram á casa, Luisinha já sabia tudo, e chorava.

Manuel Pereira vinha coxando pela ferida que recebera na perna.

Milo teve de intervir de novo para conter a raiva de Relâmpago.

— Luisinha, disse o padre; eis aí o que fêz o teu Relâmpago... vê como está ferido o pobre Manuel!

— Relâmpago era filho de Medusa; disse Luisinha, estacando o pranto.

— E ainda o defendes?

— Meu padrinho, respondeu a jovem com voz pausada, mas repassada de dor; meu padrinho, ouça-me bem: aquêlê que assim matou a pobre Medusa, é bem capaz de matar um homem.

— Menina!

— Esconda ou quebre essa espingarda, meu padrinho; porque êsse homem que matou Medusa é capaz de matar a qualquer de nós!

E saiu logo da sala.

Manuel Pereira tratava de curar a ferida que recebera.

O padre Martim chegou-se a êle e disse-lhe em voz baixa:

— Manuel, não foi um grande mal o teres morto Medusa; mas toma cuidado agora: não toques em um só pêlo de Relâmpago.

## XIV

### João-Maneta e sua sobrinha

A chegada de Manuel á casa de seu tio o padre Martim, causara a principio vivas apreensões a João-Maneta e por consequência também a sua sobrinha.

Se um e outra se arreccaram do possível casamento de Milo e Luisinha, temendo que êle viesse a pôr termo á sociedade da usura, de que João-Maneta recolhia tantos lucros, pela mesma razão e talvez com dobrado fundamento Manuel inspirou receios de igual natureza.

João-Maneta quase se arrependeu da intriga que urdira contra o pobre Milo; mas pondo-se em cuidadosa observação, começou dentro em pouco a serenar e no fim de breves semanas chegou a aplaudir-se da vinda de Manuel.

Em breve tinha chegado ao seu conhecimento o antagonismo que existia na casa do padre Martim entre Milo e Luisinha de um lado, e Manuel do outro, e pensando bem o poder que exercia a menina no coração do padre, compreendeu que o sobrinho recém-chegado das ilhas precisaria de auxiliares para lutar com vantagem.

João-Maneta ainda antes de ter encontrado Manuel e com êle falado, já lhe apreciava devidamente o caráter pelas informações circunstanciadas que cautelosamente conseguira obter: estava pois certo que o sobrinho do padre Martim era um homem ambicioso e capaz de tudo para enriquecer.

Sobre todos êstes dados formou pois o velho usurário o seu plano de campanha.

João-Maneta visava um único fim: — o não ser privado de negociar com o dinheiro do padre Martim.

E nem podia levar além o seu empenho, porque o padre, tão hábil como êle, armava-se sempre na sociedade com tantas seguranças, que não deixava nunca meio de ser enganado.

Tendo portanto em mira aquêle único fim, João-Maneta calculou perfeitamente o seguinte:

Que Manuel, sobrinho legítimo do padre Martim, podia vir a ser o seu único herdeiro, dadas certas eventualidades.

Que Manuel fortemente contrariado na casa do tio pela influência de Luisinha teria necessidade de um auxiliar para realização de seus projetos ambiciosos:

Que o melhor auxiliar que Manuel poderia procurar e encontrar era êle João-Maneta.

Que finalmente Manuel viria em breve à sua casa, oportunamente lhe falaria nos seus negócios e em suas pretensões e que o resto ficaria por sua conta.

João-Maneta calculou tudo isto tão só consigo, que sua própria sobrinha não lhe adivinhara a obra da observação e do raciocínio perverso, até que um dia, era um domingo, ao cair da tarde, achando-se sentado defronte dela, disse-lhe, arranjando um feio sorriso:

— Fabricia, pela cara que de certo tempo a esta parte me mostras, vou percebendo que te chegou o desejo de tomar estado!

Fabricia arregalou os olhos, benzeu-se e respondeu:

— Santo breve!

— Anda lá: bem conheces que não me engano.

— Tio João, que lembrança é essa?

— Uma lembrança, Fabricia: estou velho; mais dia menos dia vou-me dêste para o outro mundo, e não queres ficar ao desamparo: digo-te que tens razão.

— Mas eu nunca pensei em semelhante cousa.

— Pensaste, pensaste, e pensas; e eu sou um tio tão extremoso, que não só adivinho os teus desejos, como chego a ocupar-me de levá-los a efeito.

— Como é isso, tio João?

— E' uma cousa que me entrou na cabeça.

— Vossa mercê está falando sério?

— Se eu viver mais alguns anos, ficarás, por minha morte, her-

deira de uma pequena fortuna, mas nem por isso se segue que te devas casar com algum pobretão: e teu marido há de ser um rapagão de encher o olho, e um pouco mais rico do que nós: que dizes a estes projetos?

A jovem quinquagenária respondeu com um suspiro que não pôde abafar.

— Que dizes a isto, Fabricia? Fala: achas má a minha idéia?

Fabricia estava admirada e suspeitosa; porque nunca tinha ouvido o tio, dirigindo-lhe a palavra em tom semelhante.

— Tio João, disse ela; duvido que vossa mercê descubra o tal mocetão.

— Já o achei.

— Quem é?

— O sobrinho do padre Martim.

— O Manuel?

— Éle mesmo.

— O que veio das ilhas?

— Sem dúvida.

— Éle nunca me viu.

— Mas há de ver-te.

— E gostará de mim?

— Que importa isso?

— Ah tio João!

— Asseguro que tu gostas d'ele, e é o que basta.

— Eu gosto d'ele?

— Gostas: por que não? E' o sobrinho e será o herdeiro do padre Martim.

— E a menina Luisinha?

X — Far-lhe-emos as contas.

— O Manuel já falou a vossa mercê?

— Nunca.

— Alguém lhe disse alguma cousa a respeito dessa idéia de casamento?

— Não.

— Então foi o senhor padre Martim?

— Menos.

— Tio João, vossa mercê está zombando comigo.

— És uma tóla: porque o Manuel ainda não me falou, não se segue que éle não me venha falar.

— Ah! é uma esperança...

— E' uma certeza... O Manuel precisa de mim, e há de vir procurar-me.

— E em tal caso...

— Eu lhe darei os meios de herdar a fortuna do padre com a condição de que essa fortuna seja por nós partilhada.

— E êle estará pela condição?

— Que remédio!

— E se não gostar de mim?

— Há de fingir que gosta: a questão não é a tua pessoa, é o dinheiro do padre.

— Mas depois que vida me dará êle?

— Fabricia, nunca há espinhos em um leito de ouro.

Fabricia curvou a cabeça como profundamente convencida da sublime verdade que ouvira, sòmente porém na realidade agradavelmente impressionada pela idéia e pela esperança daquele casamento, embora ainda problemático; porque enfim a sobrinha de João-Maneta no segrêdo da sua consciência reconhecia que não estava mais na idade das noivas, o que era uma razão para mais ardentemente desejar casar-se sem lhe importar a escolha do marido e o cuidado do futuro.

Mas êsse princípio imoral enunciado por João-Maneta "*nunca há espinhos em um leito de ouro*" por ser falsissimo, e inspirado pela corrupção, nem por isso é menos observado ainda no século actual, como o era no passado, e na nossa sociedade como o fôra na outra.

Cada um de nós, volvendo os olhos em tórno da sociedade em que vive, encontrará sacrificadas a êsse princípio infernal algumas vítimas que devoram silenciosas uma existência tormentosa, ou que escandalizam as famílias com o quadro repugnante de lutas, cujo pesar passa além das paredes do iar doméstico.

Aquí são pobres senhoras dadas pelos pais aos cofres opulentos de maridos que não podem ser amados: ali são miseráveis mancebos que se casam com os ricos dotes de noivas, a quem não amavam, e de quem se transformam em verdugos. Em todo o caso a mulher é a vítima, ou porque o homem se venda ao seu ouro ou porque o homem a compre com seu ouro nesses casamentos imorais determinados e forjados pelo falso e maléfico princípio: "*nunca há espinhos em um leito de ouro*".

Mas o que agiganta êste mal, o que torna ainda mais perigosa esta lição corruptora, é que as exigências da vaidade e do luxo, a têm feito adotar por pais verdadeiramente extremosos, e, o que é, mais, por aquelas mesmas que, adotando-a, se expõem a uma vida inteira de aflições e de amarguras.

Quando pois em tão grande escala se vêem na nossa época celebrarem-se casamentos sôbre uma base exclusiva de interesse material, não admira que tão fàcilmente concebesse João-Maneta o projeto de casar sua sobrinha com um homem que êle não conhecia e que a não conhecia; porque enfim João-Maneta vivia no tempo em que às vêzes os noivos viam-se pela primeira vez, quando entregavam um e outro suas mãos ao padre que devia abençoar sua união.

Por isto e porque a idéia do casamento lhe era muito agradável, Fabricia, que havia abaixado a cabeça, levantou-a alguns momentos depois, e olhando o tio, perguntou:

— Tio João, vossa mercê diz que o Manuel há de vir procurar-nos?

— Digo, sim.

— Então está resolvido a não dar o primeiro passo para êle?

— Certamente.

— E por quê?

— Porque é êle que precisa de mim, já o disse uma vez.

A improvisada noiva sobressaltou-se um pouco: era natural; na sua idade Fabricia devia ter pressa.

— Mas se êle não vier?

— Há de vir, e cedo.

— Quando?

— Já me tarda muito; há de vir qualquer dêstes dias, amanhã, ou depois, talvez hoje mesmo.

Nesse momento bateram à porta.

João foi observar quem era, olhando pela janela e imediatamente retirou a cabeça, e disse, rindo-se para Fabricia:

— Eu não te disse?... é êle.

— Êle... quem?

— O Manuel.

## XV

### Dois velhacos e uma noiva

João-Maneta calculara tudo com exatíssima precisão.

Manuel tinha vindo procurá-lo e pedir-lhe a sua amizade, ao que êle respondeu como convinha, pois que tratava com o sobrinho do seu amigo, o padre Martim.

Pouco a pouco estreitaram-se as relações entre Manuel e João-Maneta, que hábilmente esperou ser consultado sôbre os negócios da casa do padre.

Fabricia, nas curtas e calculadas ausências de seu tio, recebia Manuel, e provocava-o a falar sôbre Luisinha e Milo, acendendo-lhe o ódio contra ambos, e procurando recomendar-se, e tornar-se interessante ao mancebo.

João-Maneta auxiliava a sobrinha, fingindo-se obediente à sua influência, diante de Manuel.

Este sistema produziu os seus efeitos.

Manuel começou a fazer suas confidências a Fabricia, e a pedir-lhe a sua protecção para mover João-Maneta a influir no espírito do padre Martim a seu favor e contra Luisinha.

João-Maneta declarava a Manuel não poder e não querer envolver-se nesses negócios de família.

Fabricia cada dia se tornava mais carinhosa para Manuel, e tanto que acabou por não deixar-lhe a menor dúvida sobre a natureza dos sentimentos que elle lhe inspirava.

Manuel a principio recuou ante a idéia daquela paixão de mulher velha; mas dobrando-se em breve á lei da necessidade, acabou por fingir-se amável, e até apaixonado.

Não compreendendo ainda que lhe estavam armando um laço, Manuel, ao ver que Fabricia não se contentava com os mais ardentest protestos de amor em palavra, violentou-se um dia, e procurou abraçar a sobrinha de João-Maneta; ella porém o repeliu ofendida e revoltada, bradou contra o insulto, que recebera, e ameaçou Manuel com a cólera do tio.

O pobre rapaz desculpou-se com a flama irresistível da sua paixão; mas Fabricia declarou-lhe que só podia ser abraçada por seu marido.

Manuel não teve ânimo de responder, e nesse dia faltando-lhe o patrocínio de Fabricia, não conseguiu de João-Maneta a mais leve esperança.

Manuel retirou-se aflitissimo; no fundo do coração detestava Fabricia desde o primeiro dia em que lhe pareceu que ella lhe impunha o seu amor; a ambição da riqueza porém o dominava sobre tudo: elle precisava de João-Maneta, o sócio de seu tio, e João-Maneta só dobrava-se á vontade de Fabricia.

Fabricia era portanto a sua única esperança.

Quantos homens, ainda mesmo na flor da idade, não vão á igreja, de dia com a cabeça erguida, com o sorriso nos lábios, dar a mão de espôso a mulheres velhas e feias, que só se recomendam pela riqueza que devem levar a seus maridos?

Manuel tinha vindo da sua ilha para o Brasil com a idéia exclusiva de ser o herdeiro do padre Martim.

Na casa do padre Luisinha e Milo contrariavam terrivelmente os seus projetos, e João-Maneta era o único homem que podia ajudá-lo a realizar o empenho da sua ambição.

Com João-Maneta, Manuel nada podia sem o concurso de Fabricia.

Que fazer?

A situação era embaraçosa; mas o rude Manuel concebeu uma idéia, como outro qualquer nas suas circunstâncias e como com o seu caráter qualquer outro conceberia igual; resolveu-se a prometer casamento a Fabricia, e não cumprir a sua promessa, senão em caso desesperado.

Fabricia era o menos; João-Maneta era o mais.

Manuel reconhecera em João-Maneta um grande velhaco, e supôs ainda assim poder enganá-lo.

Eram dois velhacos em frente um do outro: um com a presunção própria da mocidade o outro com a malícia, e a mestrança de longos anos de experiência.

O tempo que Manuel gastara em refletir, João-Maneta levava a rir, e a dizer à sobrinha:

— Ele há de vir, há de vir.

E Manuel foi, embora com a disposição formada de enganar.

Três dias depois daquele em que o abraço repellido motivara o simulado ressentimento de Fabricia, Manuel apresentou-se na casa de João-Maneta, e fez as pazes com Fabricia, jurando-lhe que seria oportunamente seu marido.

João-Maneta, que estava fora, chegou a propósito e encontrou Manuel aos pés de sua sobrinha: seguiu-se logo uma cena de ameaças e de protestos de um e de lágrimas da outra, terminando tudo por explicações que satisfizeram o velho tio irritado.

Mas de súbito João-Maneta, que parecera sossegado, encolerizou-se de novo e bradou:

— Casar com Fabricia; eu não dou minha sobrinha em casamento, senão a um homem, que tenha de seu pelo menos tanto, quanto ela deva ter por minha morte, e o senhor Manuel é um pobretão, que nem possui dez palmos de terra onde se deite!

Fabricia abraçou-se chorando com o tio, e Manuel, aproveitando o ensejo respondeu:

— Com os diabos, senhor João; eu sou deveras um pobretão; mas que monta? dentro em pouco serei rico, se o senhor quiser ser por mim.

— Essa é boa! estou vendo que também deseja que eu lhe dê o meu dinheiro para negociar.

— No inferno esteja a minha alma se eu pensei nessa negociada, senhor João.

— Então que queria dizer?

X Quero dizer que sou sobrinho de meu tio o reverendo senhor padre Martim que tem dinheiro à bruta, e que eu posso e devo ser o seu legítimo herdeiro.

— Mas seu tio é padrinho ou mais alguma cousa da menina Luisinha e portanto...

— Pois é aí que está o enredo do negócio, em que o senhor João bem me poderia valer; porque se herdasse os mil cruzados do padre, ficava tão rico como a senhora Fabricia ou mais ainda.

— E apanhando-se rico, mandava a senhora Fabricia procurar marido.

X — Veja lá, senhor João, que eu não tenho alma de Judas.

— Mas eu declaro que não quero envolver-me nas questões de família do senhor padre Martim.

Fabricia compreendeu que era chegada a ocasião de intervir, e desfez-se em rogos, exclamações e lágrimas: Manuel fez côro com ela, e no fim de uma hora de calculada resistência, João-Maneta abrandou-se, e fingiu que começava a refletir sôbre o caso.

João-Maneta sabia perfeitamente tudo quanto se passava na casa do padre Martim; mas, simulando ignorância, interrogou Manuel a respeito das relações de Milo e Luisinha, e da sua posição na casa do tio, e ouviu, pacientemente, o que o ambicioso manco lhe quis referir.

Enfim o velho usurário pronunciou o seu juízo, ou antes regulou o plano de ataque.

— A empresa é difficil e arriscada; mas não impossível de se levar ao cabo: precisamos antes de tudo de duas cousas, uma ficará por minha conta e a outro por conta do senhor Manuel.

Manuel estendeu o pescoço e prestou a mais cuidadosa atenção.

— E' indispensável, continuou João-Maneta, pôr Milo fora da casa do padre Martim: isso pertence ao senhor Manuel: e convém quanto antes saber, se o padre Martim tem ou não tem testamento feito: isso fica ao meu cuidado.

— Mas com os diabos! como hei de eu deitar o Milo fora da casa do tio padre? Desejo de o fazer tenho eu; mas que monta, se a senhora Luisinha governa a casa e anda de namoricos com o maiandro?

— Senhor Manuel, ou seu tio padre aprova ou não aprova êsses namoricos: se os aprova, não faremos cousa alguma; mas se os não aprova, é exactamente por causa dos tais namoricos que o senhor porá o Milo na rua.

— E se ainda fora de casa o tal velhaco continuar a fazer das suas?

— Pois não há capitão-mor na terra? Há, senhor Manuel, e o Milo me parece nascido para ser um bom soldado... e então agora que o senhor vice-rei precisa de gente para o sul.

— Com os diabos! exclamou Manuel; o senhor João é um sábio! creio que dêste modo arranja-se tudo direito como um fuso.

— Sim; mas depois será necessário fazer mais alguma cousa; tornou João-Maneta com um sorrir diabólico.

— E que mais?

— Até aqui tratei sômente dos seus negócios; agora devo occupar-me dos interesses de minha boa sobrinha.

Manuel não soube o que devia dizer.

João-Maneta continuou:

— Em todos os negócios devem haver seguranças... que diz?

— Não entendo: respondeu Manuel.

— O Sr. Manuel é um homem muito de bem e de palavra...

— Isso diziam todos a minha mãe lá no Faial: o que eu digo, digo.

— Mas ninguém sabe quando o diabo entra no corpo de um homem e lhe vira a cabeça: ora pode acontecer que mais dia menos dia e na pior ocasião possível o diabo entre no corpo do Sr. Manuel e lhe vire a cabeça.

— Não entendo: repetiu Manuel meio desconfiado.

— A cousa é simples: o Sr. Manuel promete casar com Fabricia, se arranjarmos a herança do padre?

— Com o demo! eu já disse.

— E se quando estiver segura a herança, virar a cabeça?

— Não viro.

— Sendo assim, que mal fazem certas seguranças?

— Eu asseguro tudo quanto quiser...

— As palavras voam... alguns papéizinhos assinados não fazem mal nenhum.

— E que papéis?

— Umhas inocentes clarezas de dívidas de algumas dezenas de mil cruzados... por exemplo... tôdas elas importando em uns sessenta mil cruzados...

X — Santo breve!

— E' muito menos da metade da fortuna do Sr. padre Martin...

— Mas eu...

— Se não herdar a fortuna de seu tio, não terei donde lhe tirar um vintém, e as clarezas valerão tanto como cousa nenhuma; se herdar: ou casa com Fabricia e tudo fica no mesmo cofre, ou não casa, e paga com o dinheiro a falta de palavra.

Manuel reconheceu que não era mais velhaco do que João-Maneta.

— Olhe, continuou êste: faremos todo êste negócio muito em segredo: está visto que, para maior segurança, os nossos papéis hão de ser assinados por testemunhas; mas eu posso responder pela discrição das pessoas que chamarei para darem, com as suas assinaturas, testemunho de que me viram entregar-lhe o dinheiro de que rezarem as clarezas.

— Mas o Sr. João quer dar-me dinheiro? perguntou Manuel tôlamente.

— Eu? de certo que não.

— Então...

— E' um arranjo inocente... eu lhe mostrarei, como isso se faz. Manuel pôs-se a coçar a cabeça.

João-Maneta acabava de pô-lo na maior dificuldade.

De repente o mancebo ambicioso olhou para o velho usurário com um movimento de decisão, e disse:

— Com os diabos! está tratado.

João-Maneta apertou a mão de Manuel.

Fabricia abraçou seu tio.

E Manuel retirou-se pouco depois pensando nos meios de enganar João-Maneta.

E João-Maneta ficou tão desconfiado de Manuel, como estava dantes.

## XVI

### Manuel em campo

Manuel começou logo no dia seguinte a trabalhar no desempenho da tarefa de que o encarregara João-Maneta.

Ao levantar-se da mesa do jantar, achando-se a sós com o padre Martim, disse-lhe bruscamente.

— Oh tio padre, parece-me que o Sr. Milo está se adiantando muito com a Sra. Luisinha!

— Bruto! exclamou o padre com os olhos em fogo.

— Mas que monta... ia dizendo Manuel.

O padre o interrompeu, e com os dentes cerrados disse-lhe:

— Se ousares pronunciar uma só palavra ofensiva a Luisinha, lançar-te-ei fora de minha casa.

E voltou-lhe as costas.

Manuel abaixou a cabeça e foi trabalhar.

Em sua grande rudeza ele tinha encetado mal a intriga contra o pobre Milo; mas ainda assim deixara no espírito do padre o germe de uma suspeita que devia produzir seus frutos.

A pesar seu, o padre não se pôde dominar: tinha em Luisinha aquela cega confiança que nasce do amor paternal mais extremoso; mas ainda assim principiou a observar os dois jovens amantes.

Luisinha e Milo amavam-se com todo ardor e com tôda pureza da inocência; sua paixão transpirava de seus olhos que trocavam flamas, brilhava no rubor do pejo que se acendia nas faces de Luisinha, falava nos suspiros que rompiam dos seios de ambos; mas afora êsses sinais traiçoeiros dos segredos do coração, o seu amor não tinha ainda passado além de algumas palavras ternas e de eloqüentes trocas de flores.

Mas a flama dos olhos, o rubor do pejo e os suspiros mal contidos de Luisinha e Milo não escaparam mais ao padre Martim que sobressaltou-se com o que observava.

O padre tornou-se triste e meditabundo. Que lhe cumpria fazer? Despedir Milo da sua casa? Mas que causa daria para fazê-lo? Como vencer a oposição de Luisinha sem envergonhá-la?...

O padre Martim tão severo e agreste para com todos, tão grosseiro mesmo em seu falar e em seus modos, tinha para Luisinha tôdas as delicadezas próprias de um santo amor.

O pobre velho atormentava-se com a idéia das lágrimas que faria derramar a Luisinha, e não sabia resolver-se a tomar providência alguma.

As vêzes maldizia da condescendência que o fizera introduzir no scio de sua familia o menino, que se tornara tão caro a Luisinha: às vêzes arrependia-se de ter mandado vir do Faial o abelhudo sobrinho.

Assim correram alguns dias.

Manuel conheceu bem depressa que as suas venenosas palavras não tinham sido perdidas; mas não tendo bastante paciência para esperar da ação do tempo o resultado das suspeitas que lançara no ânimo do tio, determinou adiantar a sua obra.

Tinha êle reparado que Luisinha e Milo nas manhãs dos domingos costumam antes de partir para a freguesia, onde ouviam missa, encontrar-se no pequeno jardim para colher flores.

Dantes era sòmente Milo que se incumbia dêsse suave trabalho, e Luisinha esperava à porta da casa que êle lhe viesse trazer as suas flores; desde porém que se fizera aquela troca, ou aquêlo duplo presente da *saudade* e do *não-me-deixes*, os dois jovens namorados modificaram o antigo costume, e de acôrdo encontravam-se no jardim.

O que lá se passava entre Luisinha e Milo podia passar-se aos olhos de todos sem vexame para êles: amavam-se no meio das flores como à vista do padre Martim, olhando-se, corando e suspirando e se em alguma breve frase escapava a sutil expressão do mais nobre e puro sentimento, aquêlo que pronunciava recebia o seu castigo, vendo fugir confundida aquela que a escutava.

Entretanto Manuel não compreendendo que se pudesse amar assim, acreditava que Luisinha e Milo deviam aproveitar os seus encontros no jardim para trocar protestações de um amor grosseiro, e talvez abraços, e afagos, como êle certamente o faria.

Penhando assim, Manuel, na manhã de um domingo quando os dois jovens foram encontrar-se no jardim, instou com o tio para acompanhá-lo, pretextando ter de mostrar-lhe alguma cousa curiosa no pomar.

Seguido do padre encaminhou-se Manuel por entre as árvores na direção do jardim, contando apanhar desapercibidos os dois jovens, e já próximo estava do lugar a que se dirigia, quando o vigilante Relâmpago, que nunca se apartava de Luisinha, pressentindo a aproximação do inimigo, soltou um latido, e avançou contra êle.

Milo e Luisinha correram a ver o que provocara a fúria de

Relâmpago, acharam-se diante do padre Martim e de Manuel, e logo depois voltaram todos juntos para casa.

Aproveitando um momento oportuno, Manuel murmurou aos ouvidos do padre:

— Diabo leve o Relâmpago que não me deixou mostrar ao tio padre o que eu queria; mas que monta? o que não fiz hoje, farei outro dia.

O padre Martim franziu as sobrancelhas e disse baixinho:

— Miserável! se outra vez espiares Luisinha, serás um homem perdido!

— Mas... tio padre...

— És um infame... queres perdê-la no meu conceito... e eu sei por quê... tens fome do meu dinheiro... calculas com uma herança... és vil.

Manuel esforçou-se por chorar, e não o conseguindo retirou-se, jurando que Luisinha era um anjo, e que o demônio era somente Milo.

O padre Martim ficou durante tôda manhã profundamente triste. À mesa do jantar preparou êle próprio um prato farto, e chamando Relâmpago para junto de sua cadeira deu-lhe pela primeira vez a sua ração.

Luisinha e Milo olharam para o padre Martim admirados.

— Luisinha, disse o padre com a maior gravidade: Relâmpago é um amigo seguro, e como tal deve ser tratado: Relâmpago é bom, é melhor do que muitos homens; talvez que nos preste ainda grandes serviços: cuida de Relâmpago, Luisinha; é um cão que não dorme, e que há de ser sempre fatal aos nossos inimigos.

Depois voltando-se para Manuel disse-lhe:

— Eu sei que não gostas de Relâmpago: êle te mordeu uma vez, porque tu lhe mataste a mãe: Relâmpago teve razão de morder-te, e tem razão de odiar-te; Manuel, pede ao céu que Relâmpago não te agarre outra vez.

Manuel, não menos admirado do que Luisinha e Milo, olhou para o tio sem saber o que lhe diria em resposta.

O padre Martim levantou-se da mesa pensativo e triste.

A cena que se passara perto do jardim, na manhã dêsse dia, lhe causara profunda impressão: o padre chegara a conceber sérias suspeitas do perigo que ameaçava Luisinha, se continuassem as suas íntimas relações com o seu camarada da infância. Do fundo do coração agradecia a vigilância de Relâmpago o tê-lo poupado ao grande desgosto de ver Luisinha confundida diante de Manuel; mas compreendeu também que a presença de Milo em sua casa tornara-se absolutamente intolerável.

Chegada a noite, o padre Martim recolheu-se mais cedo do que costumava; quando porém horas depois sentiu que todos dormiam,

levantou-se do leito e pé por pé, como receoso do mais leve ruído, dirigiu-se ao quarto de Milo.

O mancebo dormia profundamente; o padre despertou-a com cuidado.

— Quem é? perguntou Milo, sentando-se na cama.

— Sou eu, Milo: tenho necessidade de falar-te em segredo: vem ao terreiro; não faças bulha.

O padre saiu e pouco depois Milo foi encontrar-se com ele.

## XVII

### Relâmpago — Sentinela

A resolução tomada pelo padre Martim era o resultado de um cálculo maduramente refletido.

O amor de Luisinha e Milo ameaçava o avarento com o infortúnio mais lamentável e cruel para ele.

Esse amor deveria ter por consequência natural o casamento dos jovens amantes, e Milo tinha o pior de todos os defeitos na opinião do padre Martim: era pobre.

Como impedir semelhante desgraça?

O padre, conhecendo que não triunfaria da vontade forte de Luisinha, a quem habituara a ver-se em tudo e sempre obedecida, e não se achando com ânimo e força para sustentar contra ela uma luta porfiada, apelou para a astúcia e para a violência empregada por outrem.

Com a astúcia devia explorar a generosidade do pobre Milo, e conseguir d'ele que saísse da sua casa.

O caráter de Milo prestava-se perfeitamente ao plano do padre Martim: o pobre mancebo não hesitaria em retirar-se da casa do seu protetor, e em tomar com nobreza toda responsabilidade desse ato.

Luisinha não teria motivo bem fundado para queixar-se de seu padrinho, que, pela sua parte, se preparava para queixar-se da ingratidão daquele que de súbito os deixava.

Mas a retirada de Milo não era tudo: ausente, porém habitando nas vizinhanças ou na mesma paróquia, e inda mesmo ausente, mas podendo voltar em um prazo dado ou imaginado como provável pela jovem amante, continuava Milo a ser um mancebo perigoso para o futuro de Luisinha.

Preciso se tornava que a distância e a causa que separassem os dois namorados, fossem uma tão grande e a outra tão forte, e desanimadora, que tirassem a Luisinha toda esperança.

A astúcia inventara o meio de separar Milo e Luisinha: a maldade lembrou-se do mais seguto meio para dar enormes proporções

à distância da separação e para tornar muito duvidosa a esperança da volta.

A astúcia devia explorar a própria virtude da vítima.

A maldade calculara com a violência da autoridade e com um flagelo social.

Rebentara a guerra no sul do Brasil entre portugueses e espanhóis: o governador-geral organizava tropas, e os capitães-mores e agentes do governo enchiam-se de glória quando podiam mandar um bom soldado para a cidade do Rio de Janeiro.

O padre Martim compreendeu que lhe era muito fácil fazer recrutar o pobre Milo, pondo-se a coberto de qualquer comprometimento.

Milo não tinha por si pessoa alguma no mundo: era só, absolutamente só no meio dos homens.

Que melhor soldado que esse mancebo, por quem não haveria nem mãe, nem um irmão, nem um parente, nem um amigo que derramasse uma lágrima, ou fôsse pretextar uma isenção a favor do recrutado?

O cálculo do padre Martim era bem simples: parecia-se com tantos outros então e agora mesmo combinados.

Mas o avarento nem calculou nem podia ter calculado com o símbolo da fidelidade e com um respresentante da caridade evangélica.

Um cão devia começar a destruir a pérfida teia urdida pelo padre Martim.

O vigário da freguesia tinha de tomar a si anular a parte principal do plano traiçoeiro.

O cão não se põe aqui a par do padre: é a fidelidade instintiva do animal que se coloca ao pé da caridade do sacerdote de Deus; não há desrespeito na lembrança de dois sentimentos grandiosos.

Por que é fiel e agradecido o cão? Não sabemos; sabemos porém que o é, e tanto, que não há homem que mais o seja ao seu amigo e benfeitor.

O cão parece às vêzes farejar o inimigo que se esconde sob a capa da hipocrisia; o cão parece adivinhar com o instinto.

Como se explica isso? Ninguém o sabe; mas o homem o reconhece e admira a fidelidade e a gratidão do animal amigo.

Quando o padre Martim, abrindo muito de manso a porta da casa, saiu para o terreiro, Relâmpago, que perto dormia, despertou, deu um salto e soltou um latido ameaçador.

O padre ameaçou o cão; este porém, dobrando-se à autoridade do senhor que reconhecia, em vez de festejá-lo, rosnou, como desconfiado.

Logo depois chegou Milo, e Relâmpago aos saltos foi lambe-lhe as mãos de modo a impacientar o cauteloso padre que disse:

— Aquieta esse cão, Milo.

— Abaixo, Relâmpago! falou o mancebo em voz baixa, batendo na cabeça do cão que obediente se deitou a seus pés.

— Maldito cachorro! murmurou o padre.

— E' um bom amigo; tornou o mancebo; podíamos agora matá-lo sem que êle soltasse um genido.

E Milo amimava o cão, que Luisinha amava tanto como êle.

— Milo, disse o padre Martim, acordei-te a estas horas, e chamei-te a este lugar, porque preciso falar-te em segredo, e abrir-te o meu coração, que sofre muito.

— E' possível, senhor padre?

— Sim, e tu és a causa, inocente sem dúvida; mas por fim de contas és sempre a causa dos tormentos que desde muito vão me arrastando para a sepultura.

— Eu?!!

— Escuta, Milo: se eu não confiasse em ti, se eu não soubesse e reconhecesse que és um excelente rapaz, não te chamaria por certo para ouvir as minhas queixas e para pedir-te consolação e conselhos. Milo, eu sei que és meu amigo, que és um nobre mancebo, em cujo seio nunca deixou de palpar a mais santa gratidão. Pois bem: é para esta virtude que eu apelo: *escuta o que te vou dizer.*

— Fale, senhor padre.

— Tu provavelmente já adivinhaste de que assunto vou tratar...

— Como posso eu saber? Como adivinhar? perguntou o mancebo.

O padre sem hesitar, e para ir depressa ao seu fim, disse abaixando ainda mais a voz:

— Milo, eu não ignoro que tu amas Luisinha...

O pobre Milo, como ferido por um raio, soltou um gemido, e caíra por terra, se o padre Martim não o sustivesse nos seus braços.

Relâmpago levantou-se pôs as patas aos ombros de Milo, deixando ouvir tristes gemidos.

— Aquieta esse cão: disse o padre com impaciência.

Milo ameigou o cão que, correspondendo aos afagos que recebia, ainda mais incomodou o padre.

Finalmente Relâmpago foi dominado pelo poder do amigo, tranquilizou-se, mas ficou sempre deitado aos pés de Milo.

Dir-se-ia vigilante sentinela que previa iminente perigo.

Mas o ruído que tinham feito Relâmpago festejando Milo, e Milo aquietando Relâmpago, não deixara o padre Martim perceber que uma janela que olhava para o terreiro se entreabrira um pouco, e cautelosamente.

Relâmpago acabava de destruir as primeiras teias do plano do padre Martim.

## XVIII

## Uma janela entreaberta

O ouvido sutil da mocidade e do amor colara-se à janela de manso entreaberta sem que o padre Martim nem Milo se apercebessem. Apenas Relâmpago espanejava de leve o chão com a cauda como em festejo de pessoa amiga.

Relâmpago tinha presentido Luisinha; mas instintivamente dominava-se para não atraioá-la.

— Milo, repetiu o padre; eu sei que tu amas Luisinha: não podes negá-lo; não és capaz de mentir.

— Senhor reverendo; balluciou o mancebo a tremer; eu nunca disse que amava a senhora Luisinha a pessoa alguma; e nem mesmo a ela.

— Mas é verdade que a amas...

— Ah! senhor padre! eu não sei mentir; o meu amor porém nasceu sem que eu o pensasse, e ficou-me no coração, mas tão triste que me parece o corpo de um anjinho sepultado em cova de cemitério.

— E por quê?

— Porque eu conheço, senhor, que sou um desgraçado e que não posso merecer a senhora Luisinha.

— E todavia tu comprometes a sua reputação.

— Eu!!!

— Escuta, Milo: tu és bom e eu te estimo: deves-me tudo, o pão, e a educação; os cuidados do corpo e da alma; deves-me a hospitalidade de muitos anos prestada a tua avó; deves-me enfim a sepultura de tua avó, e quase o teu berço.

— Eu o sei; murmurou Milo.

— Amas Luisinha, e era natural que a amasses; porque Luisinha é formosa e, além disso, não será tão rica de fortuna como dizem, mas será em todo caso um partido vantajoso...

Milo corou e disse, levantando a cabeça:

— Antes fôsse pobre como eu, com perdão de vossa reverendíssima.

☉ O padre sentiu que ferira a delicadeza do jovem rude mas generoso e nobre.

— Ah! tornou; estou pronto a jurar que nunca pensaste nisso, eu te conheço bem, e por te conhecer quis abrir-me contigo. Milo, tu amas e és amado; as más línguas já murmuram de ti e de Luisinha, e por pouco que continue o viver, e a convivência em que andamos, eu ou te casarei com Luisinha, ou esta acabará desacreditada.

— Entendo, senhor padre...

— Ouve-me até o fim, rapaz: nada me é mais fácil do que efetuar o teu casamento com a menina, ou despedir-te da minha

casa; hesito porém, e te digo tudo francamente: consulto a tua razão e farei o que decidires. Milo; porque confio em ti; se te despeço de casa, Luisinha se declarará em guerra contra mim, me afogará a velhice no dilúvio de suas lágrimas, maldirá de mim, deixará de amar-me, fará a desgraça do resto dos meus dias; se te caso com ela, destruo todas as esperanças do seu belo futuro; Luisinha não tem nome de família, nem posição, e tu nem tens nome para lhe dar, nem posição para elevá-la; viverias com ela na obscuridade e apenas gozando os frutos do seu dote, que não poderá ser grande cousa, e entretanto é certo que Luisinha não deixará de achar um noivo de família nobre, de gente limpa, e talvez rico e bem considerado.

— E' assim, senhor reverendo.

— Pensas que é assim, Milo?

— Sem dúvida.

— Que devo pois fazer?

— Nada: é a mim que compete cortar as dificuldades.

— Como?

— Senhor padre, vossa reverendíssima não me despedirá de sua casa, nem recerá mais a possibilidade da glória com que nunca sonhei refletidamente.

— Milo, tu me pareces ressentido... não me entendeste... julgas mal de mim...

— Senhor reverendo, por minha avó e por mim devo-lhe gratidão sem limites, dedicação até a minha morte...

— Pobre Milo!

— Dê-me a sua bênção e vá dormir sossegado, senhor padre.

— Milo!

— Dê-me a sua bênção! disse Milo ajoelhando-se.

O padre Martim abençoou-o.

Milo beijou a mão do padre e tornou-lhe:

— Reze pelas almas de minha avó, de minha mãe e de meu pai algumas vezes, senhor padre: eu lhe agradeço e nunca em minha vida esquecerei os seus benefícios; adeus!

— Milo! disse o padre Martim fingindo voz comovida; tu queres fazer-me chorar? adeus: amanhã conversaremos mais friamente sobre este assunto: adeus, Milo! vamos dormir.

E o avarento, seguro das conseqüências do golpe que desfechara, entrou para casa, sendo imediatamente seguido pelo pobre Milo.

A astúcia do mau acabava de explorar a generosidade do bom.

Logo que o padre Martim e Milo desapareceram, Relâmpago atirou-se para a janela entreaberta, e firmando-se nos pés, foi com as mãos arrimar-se à parede, que parecia querer vencer, e com a cabeça alçada, e com os olhos úmidos e brilhantes festejou Luisinha banhada em pranto.

## XIX

## Nossa Senhora do Amparo

Luisinha compreendera tãda a imensidade da hipocrisia e da dissimulação e astúcia do padre Martim e da nobreza e generosidade do pobre Milo. O seu seio tornou-se ardentíssimo vulcão de amor; ela teve ímpetos de escancarar a janela, e de bradar ao padre:

— Milo será meu marido!

Dominadora, imponente, habituada a querer e a vencer, um sentimento todavia aquebrantou-lhe então a fôrça, enfraqueceu-lhe a vontade imperiosa, e abriu-lhe as fontes das lágrimas nos formosos olhos: êsse sentimento foi o pudor virginal, o santo recato de donzela, que prefere a dor, o sacrificio à ostentosa manifestação dêsse voto da natureza que beatifica e enleva o coração, mas sobressalta a pudicícia.

E Luizinha deixou-se à janela, chorando, soluçando com profunda e pungentíssima aflição sem reparar ao menos no fiel Relâmpago que se debruçara tristemente abaixo da janela já aberta de todo.

Passou assim meia hora, e a porta da casa de novo se abriu, e Milo appareceu, trazendo na mão esquerda o pequeno embrulho que envolvia a sua roupa.

Ele chorava amargamente; Relâmpago levantou-se e uivou com tristeza e dor.

— Milo! disse Luisinha.

O mancebo estremeceu e parou.

— Vem cá, Milo! tornou ela em pranto.

O mancebo aproximou-se da janela

— Por que te vais?

— Porque devo fugir de ti...

— E tens razão... mas voltarás...

— Eu?...

— Ah! sim Milo! porque... escuta bem... eu te amo!...

— Luisinha!...

— Não to diria... talvez nunca; hoje to digo, Milo!... eu te amo!...

— E eu, Luisinha?!?! exclamou o pobre mancebo soluçando.

— Vai-te... debes ir-te... tu foste despedido, mas voltarás; porque eu te amo!... Esta noite fiquei sendo tua noiva; se tu quiseses, eu quero, serei tua espôsa à face do altar de Deus.

E Luisinha repetiu — *eu quero* — com aquêlê acento de vontade soberana, que até então não encontrara resistência.

— Adeus! disse Milo.

— Espera ainda: és meu noivo, beija-me a fronte.

E Milo perdido de amor, entusiasmado, feliz no infortúnio, imprimiu seus lábios ardentes na fronte pura da donzela.

Depois caiu de joelhos, adorando Luisinha, e recebendo em seu rosto, como orvalho celeste, as lágrimas que corriam pelas faces da linda moça.

— Oh Luisinha! oh minha irmã e meu anjo! exclamou êle.

— Milo! tornou ella; o nosso amor é puro, e Nossa Senhora a Mãe Sagrada de Jesus o abençoará; toma, eu te dou um talismã, eu te dou celeste esperança...

E tirou do pescoço um cordão de ouro do qual pendia uma pequena imagem de Nossa Senhora do Amparo.

— Foi de tua avó, de nossa avó, e passou a ser minha; doravante será nossa, e por nosso amor... Nossa Senhora do Amparo que há de amparar o nosso amor.

E com as suas pequenas e formosas mãos Luisinha passou o cordão ao pescoço do pobre Milo.

— Por Nossa Senhora do Amparo, disse êle, em tôda minha vida eu só amarei a ti, Luisinha!

— Por Nossa Senhora do Amparo, disse Luisinha, eu só a ti amarei, Milo!

E ambos, Luisinha primeiro, Milo depois, beijaram a imagem de Nossa Senhora do Amparo.

— Adeus!

— Adeus!

E Milo fugiu, correndo.

Ao chegar à cancela do sitio, viu ao pé de si um amigo: era Relâmpago que o seguira.

Milo curvou-se, abraçou-se com o cão, que lhe lambeu as mãos, abraçou-o, beijou-o, chorando, abraçou, beijou Relâmpago, o cão, o amigo fiel que instintivamente triste dêle se despedia.

— Adeus, Relâmpago! exclamou desfeito em lágrimas o pobre Milo.

E Milo não pensava que era a última vez que via Relâmpago.

## XX

### A conspiração dos maus

Luisinha não dormiu: passou o resto da noite a refletir, quanto a aflição e o pranto lho permitiram.

Sem que o suspeitasse, o padre Martim tinha feito com que a inocente donzela ouvisse a franca e leal confissão do amor do pobre Milo, que nunca ousara tanto dizer-lhe.

Da cruel entrevista, a que de parte e não presentida assistira, ficaram-lhe uma convicção triste, e uma resolução inabalável.

A convicção fôra-lhe inspirada por seu virginal recato: comprehendera que as suas íntimas e embora inocentes relações com o pobre Milo não podiam continuar sem perigo para a sua reputação.

A resolução fôra determinada pelo amor e pela firmeza da vontade habituada a vencer contrariedades; jurara a si própria que jamais se casaria, ou só de Milo seria espôsa.

E também instintivamente adivinhara que de Manuel Pereira havia partido o golpe que viera separá-la de Milo.

Na manhã seguinte Luisinha appareceu ao padre Martim com os olhos inflamados, e o rosto contraído pela dor; mas com essa expressão de tranquillidade triste e grave que assinala a determinação segura de um ânimo forte.

O padre estremeceu, prevendo tempestade; simulou, porém, não reparar no semblante confrangido da menina, e disse:

— Já sabes que o estonteado Milo deixou-nos a casa sem explicações nem despedidas, e nem ao menos uma palavra de gratidão?...

Luisinha revoltou-se, ouvindo o bárbaro aleive; mas dominada pelo respeito que devia ao padre, a quem aliás muito amava, respondeu simplesmente com voz trêmula:

— Já sei, e sei tudo, senhor.

— E' um doido...

— Meu padrinho!

— Um ingrato...

A menina gemeu, sentindo-se ferida no objeto do seu amor, e com generoso impulso, disse:

— Meu padrinho, Relâmpago, o bom e fiel amigo, despertou-me esta noite...

— E então...

— Eu assisti à sua conversação com o pobre Milo: entreabri uma janela e ouvi tudo.

O padre Martim deixou-se cair sentado em um banco, e escondeu o rosto com as mãos.

Luisinha ajoelhou-se diante do padre, e falou comovida:

— Meu padrinho, mais que benefícios, mais que a educação, o seu amor, e o meu coração desde muito me disseram que doce nome esconde este nome de padrinho que lhe dou; sei bem quanto lhe devo de obediência, de santo respeito, de dedicação...

O padre soluçava.

Luisinha prosseguiu:

— Eu amo o pobre Milo, senhor; digo, juro que o amo; mas estou pronta para obedecer a meu padrinho, abafando, sacrificando este amor, que vossa mercê não abençoa...

— Luisinha!

— E' tudo quanto posso fazer; peço, porém, a meu padrinho que me perdoe uma resolução que tomei e que é irrevogável; senhor eu juro que não me casarei, senão me casar com o homem que amo.

— Louquinha!

— Loucura ou bom-senso, meu padrinho, é decisão inabalável; estou de joelhos, e juro por Deus que assim há de ser.

O padre não respondeu.

— Agora um pedido, meu padrinho...

— Que é?...?

— A aversão não é ódio, e, se é pecado, Deus mo perdoe; eu tenho aversão a seu sobrinho, não o desejo ver, e peço licença para almoçar e jantar no meu quarto a fim de não me sentar com êle à mesma mesa.

— E eu?... exclamou com desespero o padre Martim.

— Haverá sempre para vossa mercê um talher à minha mesa, meu padrinho.

— Por causa de um miserável sem família, sem nome, e sem fortuna! bradou enraivecido o padre, levantando-se do banco.

— A sua bênção! não ma negue! disse Luisinha, estendendo os braços.

O padre Martim voltou-se prontamente e, vencendo a cólera, abençoou de um modo solene a menina, que se ergueu e deixou a sala vagarosa, e triste, como a vítima que se sujeita ao martirio, mas conserva intacta e pura a sua fé.

Contrariado, aflito, ora aceso em ira, ora sofrendo em dôbro os sofrimentos de Luisinha, furioso contra Milo, contra Manuel Pereira, contar Relâmpago, o padre Martim tomou o chapéu e a bengala e saiu apressado.

No terreiro encontrou Relâmpago, e em transporte de vingativa cólera levantou a bengala para feri-lo e dar-lhe a morte... mas de súbito a mão cruel tremeu-lhe, e a bengala caiu a seu pés.

O pai respeitara no cão a amizade da filha.

O padre Martim dirigiu-se precipitadamente à casa de João-Maneta.

O sócio do avaro tornado usurário já estava prevenido de quanto ocorrera relativamente ao pobre Milo.

Manuel Pereira tinha madrugado, e não contando com o tio padre, occupava-se em planos de futuro com João-Maneta e Fabricia.

— Com os diabos! disse Manuel; custou-me os olhos da cara, mas pus o Milo fora da granja, e lá não torna, inda que vente ou chova; mas que monta, se ficar grimpado por aí além?

— Irá para o sul que precisa de soldados; observou João-Maneta; não é melhor do que eu, que combati contra os franceses; vai semear chumbo em campo de espanhóis.

— Isso é bom de se dizer; mas enquanto o pau vai e vem, folgam as costas.

— Não lhe corra o risco a dedo; em três dias, quando muito, estará com a farda às costas.

— E o testamento do tio padre? Ai é que se arreganha o dente, e a senhora Fabricia não quererá noivo depenado.

— Não que eu seja interesseira, disse Fabricia caricaturando um momo; é melhor, porém, um marido que traga para o monte, do que um gastador do pouco que a gente ajuntou.

— Isso lá não é da minha conta, senhora Fabricia; eu sou o sobrinho do tio padre, e o negócio do testamento é arranjo que o senhor João tomou por seu trabalho: o que eu digo é que padre não tem filha, e sobrinho herda do tio; antes morra o tio sem testamento; porque nos entrementes da morte e das heranças o sobrinho presente bem sabe as contas que fará por amor da senhora Fabricia, embora fiquem a ver navios os sobrinhos velhacos que lá ficaram na ilha.

— E o mais é que tem razão! observou João-Maneta.

— Que tem razão em quê?... perguntou Fabricia.

— Que te importa?... em nada.

E João-Maneta abismou-se em cálculos sinistros.

— Senhor João! gritou uma voz à porta da casa.

— E' o padre Martim; disse João-Maneta.

— Misericórdia! balbuciou tremendo Manuel Pereira.

— Fabricia, tornou o Maneta; faze o senhor Manuel Pereira sair pelos fundos da casa.

E quando Fabricia ia saindo com Manuel Pereira, João Maneta disse a este.

— Venha falar-me hoje à meia-noite sem falta.

E enquanto Manuel Pereira se escapava furtivamente pelos fundos da casa, o padre Martim entrava pela porta da frente, e era amigavelmente recebido por João-Maneta.

## XXI

## Conspiração do mal

O padre Martim estava inquieto e preocupado como o homem que se atira a empresa trabalhosa e arriscada.

Aceitou o tamborete que João-Maneta lhe ofereceu, sentou-se e balbuciou, falando consigo mesmo:

— E' preciso ir ao extremo... já que principiei, cumpre acabar.

— Vossa reverendíssima fala comigo?

— Vim falar-lhe.

João-Maneta sentou-se defronte do padre.

— Senhor João, disse êste; sei que não lhe faltam boas amizades e eu preciso de um serviço da sua.

— Vossa reverendíssima sabe que pobre diabo como sou, acho-me sempre ao seu dispor.

— Despedi da minha casa o Camilo; porque me pareceu que a sua companhia poderia ser motivo de murmurações, e comprometedora da reputação de minha afilhada.

— Ah!

— Julga que fiz mal?

— Ao contrário penso que o devia ter feito a mais tempo.

— Todavia... ainda não estou sossegado...

— Nem pode estar.

— Por quê?

— Enquanto a onça anda perto, não há aprisco seguro.

— E' o que também me diz a razão.

— A senhora Luisinha é uma menina inocente, e o Milo faria proezas do Malasartes para lhe voltar a cabeça.

— Enfim... o caso em que me acho, é êste, e não tenho outro recurso, lembrou-me...

— O que a todos lembraria.

— O quê?

— Fazer Milo soldado, e mandá-lo para a guerra, não é?

— É, sim.

— Não vejo cousa mais fácil: bastam duas palavras ao capitão-mor do distrito.

— Eu preferia que êle fôsse como voluntário...

— Que idéias!...

— Não haveria suspeita de intervenção minha...

— Ah! entendo; mas o Milo cairá na esparrela?...

— Venho pedir-lhe que o encaminhe a isso: o rapaz é simples e atacado pelo fraco da generosidade...

— Descanse vossa reverendíssima; por bem ou por mal eu porei a farda às costas do Milo antes do fim da semana.

O padre Martim respirou.

João-Maneta refletiu durante alguns momentos e depois disse:

— Olhe que receber em casa um filho alheio é beneficio que às vêzes dá na cabeça do benfeitor!

— Diz bem! tornou-lhe o padre.

— Se o digo bem!... vossa reverendíssima me desculpe a ousadia, mas nestes últimos dias tem envelhecido dez anos!

— Tenho sofrido muito, senhor João; sinto que isto não pode durar muito tempo... mais um empurrão e caio na cova.

— Ora! também não é assim: vossa reverendíssima ainda atira com trinta anos ao mundo...

— Prouvera a Deus que eu ainda vivesse quinze anos! precisava viver... precisava; começo porém a pressentir a morte próxima...

— Efeitos de melancolia... entretanto o homem nasceu para morrer, e as previsões da morte próxima têm ao menos uma consolação.

— Qual é?

— O homem se prepara com vagar e cuidado para fazer a viagem do outro mundo, deixando neste arrançados os negócios.

O padre Martim suspirou tristemente.

— E' um arranjo de viagem muito sombrio e desagradável; mas...

— E' necessário cuidar nêle, tem mil vêzes razão.

— Vossa reverendissima me entendeu mal; eu falava por conversar, e não dava conselho algum.

— E que o desse, o conselho era sábio.

— Eu não seria tão pateta, que me metesse a conselheiro da vossa reverendissima, principalmente em tal assunto.

— Por quê?

— Quer que eu fale claro?

— Fale.

— Porque em primeiro lugar vossa reverendissima é o homem mais acautelado, que tenho conhecido, e possuindo a fortuna de que estou no caso de fazer idéia, é impossível que não tenha prevenido um futuro que ainda está longe, mas que é certo.

— E em segundo lugar?

— Leve-me o diabo, se a senhora Luisinha não é mais do que afilhada de vossa reverendissima... e, além dela, o Manuel Pereira, que por sua ordem veio das ilhas, é seu sobrinho...

— Por minha ordem? quem lho disse?... perguntou o padre Martim, encrespando as sobrancelhas.

João-Maneta compreendeu que acabava de adiantar-se mais do que lhe convinha e respondeu:

— Ninguém mo disse; eu porém o adivinho ou suspeito.

— Bem: e depois?

— Pois não disse tudo? Não se tem afilhada, como a senhora Luisinha.., nem se manda vir, ou se asila o sobrinho que deixou a ilha, sem testamento feito por causa das dúvidas.

O padre Martim fitou por algum tempo os olhos no rosto de João-Maneta que nem de leve se perturbou.

— E se eu não tiver feito o meu testamento?... perguntou enfim o padre.

— Não é acreditável.

— Ao menos supondo, que ainda não o fiz?...

— Melhor para o Manuel Pereira, se vossa reverendissima

morresse hoje, e pior para a senhora Luisinha que ficaria na miséria; mas é impossível semelhante descuido...

O padre Martim desconfiado, suspeito, e não podendo ler na alma de João-Maneta, cujo caráter conhecia, o fim, ou o motivo particular das observações, e dissimulada inquirição que ouvira, dissimulou também as suas dúvidas, e conjeturas, e disse friamente:

— Obrigado, senhor João: bem inspirada foi esta visita que lhe fiz hoje; além de um favor, acabo de receber bom conselho; demore-se ou não a morte, é indispensável que ela não nos apanhe desprevenidos, e eu tenho sido doidamente descautelado; ainda bem que entre nós as transações e os negócios não precisam precauções: qualquer de nós que morra, não pode deixar prejuízo ao outro.

— Lá isso é verdade; observou sorrindo-se com os lábios, mas com raiva no coração João-Maneta que não fôra enganado, porém não pudera enganar o padre nos ajustes e condições da sociedade da usura.

— Tomo ao pé da letra o seu sábio conselho; tornou o padre Martim; Deus Nosso Senhor me concederá ainda alguns dias para que eu disponha as cousas de modo, que nem Manuel Pereira se queixe do tio, que o mandou vir do Faial, nem... O padre hesitou.

— Quêl exclamou João-Maneta; pois vossa reverendíssima esqueceu-se até hoje de fazer testamento?

O padre levantou-se irritado pela exclamação que acabara em pergunta:

— Ou já fiz ou não fiz testamento: se o não fiz, fá-lo-ei; espero em Deus que não morrerei tão cedo, como talvez haja quem o deseje.

E tomando o chapéu saiu sem dar atenção às desculpas e explicações de João-Maneta.

## XXII

### No armazém do Rodrigues

A riqueza teve e terá poder em todos os tempos na sociedade dos homens: o porquê é simples, e nem se faz preciso dizê-lo mais; há porém uma triste observação que assinala a influência ainda mesmo da riqueza não bem empregada e não merecida.

Há também ricos que não conhecem como é suave e ditoso fazer o bem, que encheram os seus cofres com as lágrimas e os infortúnios de muitos, e que ainda depois de tornados opulentos, nunca reservam para o pobre o óbolo da caridade, e vão sempre amontoando tesouros com o furor da usura mais exagerada, com ardilosos contratos, transações vergonhosas e sem consciência, e com processos que arruinam as fortunas de muitas vítimas de latrocínio dissimulado.

Estes homens, conhecidos e amaldiçoados por todos, nem por isso encontram francas manifestações de reprovação do público e ao contrário recebem e gozam tributos de consideração que não merecem. E' o poder do ouro que se ostenta e o mundo que se ajoelha para adorar-lhe a majestade.

João-Maneta era aborrecido pela gente da paróquia de São João de Itaboraá; quando porém aparecia por acaso em qualquer lugar ou reunião, ninguém deixava de saudá-lo com atenção apesar do seu parecer, do seu traçar e dos seus modos desprezíveis, e tão indignos de quem muito possuía.

Não admira pois que, chegando à freguesia na mesma manhã da sua conferência com o padre Martim, e dirigindo-se ao armazém do Rodrigues, que ficava na rua da Ladeira à entrada da povoação, fôsse tão cortêsmente recebido pelas pessoas presentes, e pelo dono da casa que se apressou a oferecer-lhe um tamborete.

O armazém do Rodrigues era casa de negócio, a melhor da terra, e ponto de reunião: nêle se vendiam gêneros alimentícios, vinhos do reino, vinho de mel e aguardente da terra, fazendas para os mais ricos e os mais pobres vestidos; tinha ao lado uma ferraria, e no quintal um jôgo da bola.

O mestre Rodrigues era notabilidade na paróquia, menos por ser habilíssimo ferreiro e negociante muito acreditado, do que pelo seu gênio alegre, obsequiador, beneficente e por entreter com a melhor gente da terra boas relações de amizade.

Não havia nas circunvizinhanças figurão que vindo à freguesia não parasse à porta do Rodrigues ou para dizer-lhe adeus, ou para hospedar-se em casa dêle.

João-Maneta, sentara-se, tomando parte em um grupo de seis ou oito ociosos conversadores, que aliás, se calaram todos à entrada do famoso usurário.

— O senhor pela freguesia! disse Rodrigues; isto é novidade grande!

— Vim saber o que há de novo... porque me disseram...

— Que o pobre Milo foi despedido da casa do padre Martim?... pois é verdade! disse o mais velho da roda.

— Era cousa certa, desde que chegou o Manuel à casa do tio padre: a fortuna é para gente que vem do reino.

— Mas o Manuel é das ilhas.

— E' o mesmo; vindo de fora é melhor que a gente da terra.

— E por que o Milo foi despedido?

— Ora, por causa da menina Luisinha que bem pudera gostar dêle, deixando o Manuel sem noiva e sem dinheiro.

— Leva de má lingua! observou Rodrigues: cada um governa a sua casa, como lhe parece.

Nas pequenas povoações ameniza-se a vida monótona aproveitando-se com avidez os assuntos ainda mesmo pouco importantes que acaso vão surgindo, e que entram em longa e teimosa ordem do dia.

Era por isso que o infortúnio do pobre Milo já ocupava as reflexões daquele grupo.

João-Maneta que não saíra de casa com outra idéia que não fosse o encontrar-se com o pobre rapaz, ia pedir notícias d'ele, quando Milo entrou no armazém, e disse a Rodrigues:

— Como me deu a escolha, vim dizer-lhe que o jôgo da bola não me convém; prefiro aprender a ferreiro.

— Ora! ve lá, rapaz: tomar conta do jôgo é mais divertido e fácil: a forja chamusca.

— Eu sei; mas a ferraria dar-me-á um officio.

— Bem respondido! exclamou João-Maneta: não quer ser vadio!... mas é pena... um guapo mancebo? eu era, como és Milo, quando em 1710 e 1711 me bati com os franceses! ah! se eu não tivesse ficado maneta, outro galo me cantaria, estaria hoje official do exercito...

— Lembrei-me também de ser soldado, senhor João; mas o senhor Rodrigues abriu-me as suas portas, e me tirou da cabeça êsse pensamento.

— E fez bem, tornou João-Maneta; o mister do soldado é cheio de perigos: comigo o caso era especial: onde me vêem, eu era pobre a não ter onde cair morto, e amava doidamente uma bela e rica moça; sonhei ganhar postos e glória para merecê-la; batalhei, como um leão, e jurara continuar no serviço da guerra; veio porém uma bala, que escapou de matar-me, e deixou-me neste estado de maneta! — Milo, o mestre Rodrigues tem razão; o exercito pode dar facilmente postos, fortuna e glória aos bravos, principalmente agora que temos guerra com os espanhóis no sul; mas pode também levar o bravo a ficar maneta, ou coxo, ou o que é pior, a morrer com uma bala na cabeça.

— E que mal me era o ser morto?...

— Que tolo! não aprenderias a ferreiro.

— E se eu me distinguisse, me illustrasse, e vencesse, senhor João?...

— Com certeza de tanta fortuna eu preferiria ser soldado a ser frade do Carmo; são porém raros os felizes...

— E' um jôgo, observou Milo; perder-se uma vida infeliz, ou ganhar-se um futuro brilhante, não é?

— A falar a verdade é.

— Senhor João, disse Rodrigues; não desencaminhe esta cabeça de vento...

— Pois se eu estou dizendo que escapei de ser morto e que fiquei maneta!

— Mestre Rodrigues, disse Milo, eu quero ser soldado.

— E não o serás; disse a voz de alguém que chegava nesse momento.

Todos os olhos se voltaram para a porta, e viram a veneranda figura do vigário da paróquia.

— Milo, tornou o velho pároco; tua avó pouco antes de expirar pediu-me que eu fôsse teu protetor: nunca te perdi de vista; és uma herança da caridade, um legado de moribunda. Criança, não podes dispor de ti: eu sou teu pai; obrigado pela tua bondade e beneficência, mestre Rodrigues; mas este mancebo pertence-me; vem, meu filho, vem em nome de Deus, meu filho!

E o pároco lançou a todos a sua bênção, e retirou-se, levando pela mão o pobre Milo.

Ficaram todos boquiabertos, dispondo-se para entrar no exame e discussão do novo episódio do romance de Milo.

João-Maneta não quis perder mais tempo; despediu-se da companhia, e voltando para casa, repetiu trinta vezes, falando consigo mesmo:

— Pelo santarrão do vigário não esperava eu; o caso se complica: mas ou não serei João-Maneta, ou porei o Milo de espingarda ao ombro, e de farda às costas.

João-Maneta não descansou: nesse mesmo dia e no dia seguinte pôs-se a cavalo e andou de Herodes para Pilatos.

E venceu:

Quatro dias depois, mas, providencialmente, antes dos cálculos de João-Maneta e contra as condições de uma plano malvado, Milo estava recrutado e recolhido à cadeia da vila de S. Antônio de Sá, a despeito de todos os protestos e oposições do venerando pároco da freguesia de S. João de Itaboraí que ressentido oficiou ao bispo do Rio de Janeiro, pedindo-lhe proteção para o filho da sua caridade, e providências que mantivessem a sua força moral, e robustecessem a sua influência benéfica de pastor do seu rebanho paroquial.

Deus escreve direito por linhas tortas.

A sabedoria da Providência Divina tinha feito mais pelo pobre Milo, do que a dedicação caridosa do pároco de Itaboraí.

A cadeia e um cão tinham de salvar Milo do mais horrível perigo

## XXIII

## A tentação

João-Maneta não se ocupara somente em conseguir que o pobre Milo fosse recrutado e recolhido à cadeia da vila de Santo Antônio de Sá a fim de ser oportunamente mandado para a cidade.

No mesmo dia em que estivera no armazém do mestre Rodrigues, procurando seduzir o infeliz mancebo para alistar-se no exército como voluntário, não se esqueceu de que havia emprazado Manuel Pereira para uma conferência à meia-noite, e pôsto que se sentisse fatigado dos sinistros passeios da manhã e da tarde, velou, esperando o sobrinho do padre Martin.

A casa de João-Maneta estava completamente às escuras; êle porém deixara a porta entreaberta, e sentado junto a ela meditava sombriamente.

Manuel Pereira chegou enfim, e não precisou bater à porta que se fechou apenas João-Maneta o fêz entrar.

A conferência devia passar-se nas trevas: convinha ao perverso usurário a escuridão que dá audácia para as mais arriscadas proposições.

Entretanto João-Maneta tirou fogo com um rude fuzil e acendeu um cigarro.

Manuel Pereira encontrou um banco e sentou-se ao pé de João-Maneta.

— Falemos baixo, disse êste; diga-me: que houve hoje lá pela casa do padre?

— Estive na roça com sol de rachar, e deram-me a sopa quase na estrebria: parece que a cachopa amou e não me quis á mesa.

— Que tratamento!

— Tirei língua e fiz desembuchar a negra da cozinha, e soube que o tio padre andara engolfinhado a gavetar a papelada e que a menina Luisinha chorara como duas bicas d'água.

— E que mais?

— Nanja que eu lhe esconda coisa de se dizer..... leve-me o diabo a alma, se mais vi, ou mais sei.

— Pois eu sei muito mais.

— Do caso do Milo?

— Isso é o menos, que o tenho já em bom pé; mas do seu.

— O tio padre abriu-se? Com perdão de meu tio, aquilo é caixa com vinte ferrolhos.

— Quer saber? Perdeu o seu tempo, vindo das ilhas.

— Que é lá?

— O padre adora sua afilhada...

— E daí além?

— A menina Luisinha aborrece o sobrinho do padre...

— Mas que monta?...

— Que monta?... ela governa o padre.

— É eu cá não sou sobrinho de meu tio?

— Ela é mais do que isso, é filha de seu pai.

— Filha torta, que padre não tem filhos.

— E' bom de se dizer.

— Então tio padre me desencaminhou do Faial para me deixar X  
à matroca?

— Talvez lhe pague a passagem de volta, e lhe dê alguns pata-  
cões por consolação...

João-Maneta sorveu com fôrça o cigarro, cuja débil flama lhe  
deixou ver o semblante decomposto de Manuel, cuja ambição se al-  
vorozara.

— Ora esta! um demônio de mulher vadia, que não sabe tem-  
perar um caldo, nem cuidar no galinheiro.

— O padre só se ocupa da sua Luisinha, e hoje a revolução  
que fêz em casa, prova que lembrou-lhe um cuidado que esque-  
cera...

— E... e... o cuidado do tio padre...

— No meio de suas aflições deixou-me perceber que ainda não  
tinha, não tem testamento feito... e que se morresse sem fazê-lo,  
ficaria a sua Luisinha na pobreza... na miséria...

— E por que carga d'água veio-lhe a idéia do testamento?

— Para que os seus parentes não herdem a grande, a imensa  
riqueza, que destina tôda a Luisinha.

E à luz do cigarro João-Maneta apreciou uma flama sinistra  
nos olhos de Manuel Pereira.

— Mil raios partam a quem faz testamento, sendo padre! Ainda  
bem que o tio não caiu nessa...

— Mas vai cair...

— Com os diabos!

— Qualquer destes dias... /

— Oh alma de chicharro! quem sabe se foi hoje, que êle andou X  
tão metido no papelório? Foi hoje! estou como parreira nos dias  
de poda!

— Não foi hoje: o testamento precisa ser aprovado por um  
tabelião...

— Eu cá nunca entendi dessas cousas...

— O padre Martim irá à vila, quando quiser fazer ou legalizar  
o seu testamento, que então trará consigo... fará pois em tal caso  
uma pequena viagem a cavallo...

— Ah! percebo agora a embrulhada...

— E' uma desgraça: o senhor fica sem dinheiro, e como che-  
gou da ilha; e a minha pobre Fabricia sem noivo, e sem futuro!  
no entanto era uma riqueza... uma riqueza imensa!

— Vai tudo então rio abaixo? Com mil diabos! para que me mandou o sovina vir do Faial?... não é uma como não há outra, Sr. João.

— E olhe que já lhe dão a sopa na estrebaria!

— Mas que monta? Não se pode engatinhar para dentro da casa?

— Ainda se o padre que já está velho morresse hoje ou amanhã de alguma febre padre...

— Sim... porque se o tio padre entessasse a canela hoje ou amanhã...

— Morria sem testamento.

— Isto põe a cabeça a andar à roda, como um moínho!

— É o que eu sinto, lembrando-me de Fabricia...

— O tio padre...

— Já tem vivido tanto!... se morresse, o senhor Manuel Pereira e Fabricia nadariam em mar de ouro...

— Mas que monta? Aquilo é burro como um burro; se não o matarem, o tio padre não morre...

— Abrenúncio! exclamou João-Maneta: matar é cousa que não se diz; é verdade que o padre Martim, coitado, tem muitos inimigos, e se alguém o matasse antes do testamento, nós colheríamos os frutos... nós, digo eu, falando em nome de Fabricia.

— Está entendido... eu não sou bruto...

— Ninguém o toma por bruto... o senhor é até muito inteligente; se herdasse a fortuna do padre, seria logo juiz almotacel, e vereador da câmara...

— É o diabo de saia... a intronete da filha torta... o tio padre é um padre maldito... Deus o condenou pelo pecado da filha que não podia ter...

— Que importa? Ainda assim fará testamento...

— Mas não acha que está fora da lei de Deus? Por ser meu tio, não lhe engasgue a verdade...

— Deixemos isso: a noite se adianta e eu preciso dormir.

— Nanja que eu durma esta, nem a noite que vem!

— Pois eu estou caindo de sono... basta de conversar inútilmente...

— Sim, e lá vou eu entruviscar-me com as investidas do Relâmpago: já em casa todos são meus inimigos desde o tio padre até o cão; mas para o cão levo eu duro cajado, que não lhe poupo, quando passo...

— Boa noite!

— Boa é conforme cada um que a dorme, ou que a atura sem dormir... e o diabo do testamento! senhor João, isto é sério?

— Sem tirar nem pôr mais vírgula, nem ponto...

— E' tentação do demônio!

— Boa noite! vou dormir.

— Voltarei amanhã; disse Manuel Pereira, levantando-se.

— Não, respondeu João-Maneta; nem amanhã, nem nestes cinco próximos dias poderei recebê-lo.

— Por quê?

— Porque não estarei em casa, e Fabricia a ninguém recebe em minha ausência.

— Então boa noite, e ponho-me ao largo...

Manuel Pereira ia sair, quando João-Maneta, pondo-lhe a mão no braço, perguntou-lhe:

— Que dia é hoje?

— Terça-feira.

— Não; é mais de meia-noite: já é quarta-feira.

— Mas que monta?

— Comecei a arranjar, e arranjaré as cousas de modo que o Milo seja recrutado e prêso no domingo sem falta, isto é, nem antes, nem depois do domingo.

— Não penetro o fundo do negócio...

— E' que eu ouvi dizer e já está correndo, que o malvado Milo pretende assassinar o padre Martim: é uma vingança perversa e atrocíssima... e é claro que se até sábado matarem o padre Martim, o assassino será provavelmente êsse monstro que se chama Camilo, ou por diminutivo Milo...

— Mas...

— Eu dou-lhe esta noticia para que, se quiser, previna o padre Martim...

— E o Milo...

— O padre Martim sairá de sua casa ou sítio no sábado pela manhã... se sair antes a cavalo o Milo aproveitará a ocasião... se sair na tarde do sábado para vir entender-se comigo, como eu conto...

— O Milo...

— Tenho certeza de que a pretexto de recado ou convite da menina Luisinha o Milo virá disfarçado e o mais escondidamente que puder ao lugar aprazado no sítio do padre; tenho também a certeza de que três ou quatro pessoas hão de ver o Milo dirigir-se com um certo cuidado e mistério para êstes lados, e então desconfio muito que se encontrará com o padre Martim... e que furioso e vingativo o mandará desta para melhor vida antes de feito o maldito testamento...

— E o Milo pagará as favas? murmurou tremendo Manuel Pereira, que acabava de compreender perfeitamente a tentação do demônio.

— Senhor Manuel, respondeu João-Maneta, empurrando o sobrinho da vítima ameaçada para fora de casa; Senhor Manuel, o

caso é tremendo, mas decisivo: o Milo é capaz de tudo; se julgar conveniente, previna o padre Martim.

*E trancou a porta, pela qual saíra Manuel Pereira com a tentação do demônio a ferver-lhe no espírito deslumbrado pelas chamas infernais da ambição da riqueza.*

## XXIV

## A punição começa

O padre Martim estava passando dias de amargura.

Luisa tão alegre e radiosa, tão habituada a querer e poder no coração de seu padrinho parecia ter mudado de natureza e de caráter, engolfando-se em profunda melancolia, e mostrando no seu silêncio embora tristíssimo, e na obediência sem queixa, a mais completa submissão à vontade do padre Martim.

O aspecto doloroso da menina atormentava incessantemente o padre que só achava felicidade e alegria no sorrir e no contentamento de Luisinha.

— Isto há de passar; dizia êle às vêzes consigo mesmo para consolar-se; há de passar e ela tomará juízo...

Mas seus olhos se embebiavam na menina, e seu coração, calculando-lhe os sofrimentos, o fazia sofrer mil vêzes mais do que ela.

— Oh! que teimosos! antes bradasse, e ralhasse, e se revoltasse contra mim! apagou-se-lhe o gênio veemente, e morreu-lhe a vontade de menina dominadora da casa!...

E o padre chorava às escondidas.

Luisa manifestava com insistência sômente um desejo, o de não ser forçada a tolerar a presença de Manuel Pereira, e seu padrinho, aliás muito contrariado pela significação e influência futura do sentimento que inspirava êsse desejo, satisfê-lo todavia sem hesitar.

— Tem paciência, Manuel; dissera ao sobrinho; a menina tem capricho e está aflita; viverás por alguns dias sem aparecer-lhe; depois o tempo arranjará tudo a nosso contento.

E o padre Martim vingou-se da dor de Luisinha, ocupando-se ainda mais zeloso da sorte da menina, e procurou consolações nos gozos turvos da sua paixão dominante, a avareza.

A conversação que tivera com João-Maneta despertara em seu ânimo sinistras apreensões: apesar de tãda a manha do usurário, êle reconhecera que havia quem calculasse com a sua fortuna e quem se empenhasse em saber da existência ou da não existência de testamento seu.

A quem podia interessar a questão? A afilhada, e ao sobrinho, Luisinha não tinha relações com Fabricia e João-Maneta, e nem que as tivesse, deixaria surgir em sua alma de anjo um pensamento interesseiro, e manchado pelo lodo da terra.

Manuel Pereira freqüentava a casa de João-Maneta, e nem sabia esconder, nem escondia, o empenho de fazer fortuna, e a ambição de riqueza.

O padre Martin não refletiu mais: para êle tornou-se evidente que Manuel Pereira e João-Maneta se achavam de inteligência, e que ameaçavam o futuro de Luisinha. X

O padre sentiu-se ferido no ponto mais delicado do seu coração e dispôs-se a proceder com prudência. Tinha testamento feito desde alguns anos e nem precisava reformá-lo; mas lembrou que por sua morte Manuel Pereira seria capaz de destruí-lo, e que por outro lado uma parte de sua fortuna confiada a João-Maneta, para a sociedade de usura, poderia, apesar de tôdas as seguranças que tomara, ser defraudada pelos dois chatins que facilmente enganariam uma inocente menina deixada no mundo sem protetor. A

Destas duas considerações resultaram dois conselhos adotados: pôr termo à sociedade de usura e a todos os negócios com João-Maneta, e despedir da casa ou afastar para longe Manuel Pereira; mas em um e outro caso com dissimulação e cautela para não provocar ressentimentos perigosos.

O padre Martin, tomadas essas decisões, empregou dois dias em examinar os seus papéis, e o seu livro de assentos, no qual fêz cuidadoso a declaração, de que deixava testamento e nêle por universal herdeira de quanto possuía a menina Luisa, a quem reconheceria por filha naquele documento; estudou ainda uma vez muito miudamente o seu contrato com João-Maneta, e ficou tranqüilo porque podia sob a condicional de divisão igual dos títulos de dívidas tôdas por hipotecas seguras desfazer a sociedade no dia e na hora em que quisesse; sondou enfim os seus cofres e exultou, abrasando seus olhos no brilho do ouro, e engolfando-se no abismo da sua riqueza.

Só em casa na solidão em que o abandonava a dor de Luisinha, a avareza lhe oferecia consolações indizíveis; quando percebia a menina querida mais angustiada, quando para isso mil torturas o despedaçavam, corria ao seu gabinete, abria os cofres, via o ouro, e ficava extasiado a contemplá-lo horas inteiras, adorando os montes de moedas que aferrolhava nos cofres, como um sultão as odaliscas do seu serralho. A

Más à noite e no leito o sono lhe fugia, e velando meditava e o seu meditar era amargurado.

Via ameaçado o futuro da filha, lembrava o pecado, tinha medo da eternidade, e chorava, chorava muito, rezando, pedindo a Deus a felicidade de Luisinha; vinha-lhe às vezes a idéia de que era fácil felicitá-la casando-a com o pobre Milo, e dando-lhe nêle protetor legítimo; a avareza porém logo se alvoroçava: Milo nada tinha de seu, e o padre Martim queria para Luisinha um noivo rico, visto que seu sobrinho não convinha mais a êle, e nunca pudera convir a ela.

Pensava em Manuel Pereira e maldizia o êrro que cometera, mandando-o vir do Faial; reconhecia tarde que é imprudência e quase loucura introduzir no lar doméstico parente a quem não se conheceu antes, que não se ama e de quem não se é amado nem pela criação, nem pela educação, parente que vem por interesse, que calcula com a herança que pode lucrar com a morte do imprudente que o chamou; e o padre estremeceia horrorizado, medindo a profundeza do precipício, que provávelmente lhe estava cavando e afundando a ambição de Manuel.

E lembrava que em sua opulência nunca por si enxugara a lágrima de um aflito, nunca por si matara a fome de um indigente, nunca se mostrara misericordioso, caridoso, êle sacerdote do Deus da caridade e da misericórdia, e estorcia-se devorado pelos remorsos; mas não tinha coragem para o arrependimento, que lhe mandava tirar de um dos cofres a quarta parte do ouro para socorros dos pobres! O avareto tremia e tratava ainda enganar a Deus, murmurando: oh Luisinha deus por mim! que eu me salve nas asas dêsse anjo!

E para seu maior martirio o padre Martim recebeu uma carta anônima, e depois seguidamente mais duas, anunciando-lhe que, furioso e vingativo, Milo conspirava contra sua vida e pretendia assassiná-lo.

Milo assassino!... o padre Martim conhecia bem o pobre manco e desprezou a denúncia; as cartas anônimas porém se multiplicaram aconselhando precauções, e o padre Martim sobressaltado, aturdido, temeroso e fora de si, foi ter com Luisinha, apresentou-lhe as cartas, e disse-lhe:

— Lê.

A menina leu as cartas, e devolveu-as ao padre, tremendo de horror.

— Tremes, Luisinha?

A menina respondeu com voz convulsa, e abraçando o padre:

— Oh meu pai! meu pai! vele pela sua vida!...

— Acreditas então?...

— Sim... querem assassiná-lo! mas não é Milo; eu juro que não é Milo...

O padre murmurou sombriamente:

— Talvez tenhas razão.

## XXV

*Milo e Manuel Pereira*

Quando se aproxima o desenlace de uma intriga, ou a ação extrema de um plano sinistro os sucessos como que se unem e se precipitam com celeridade que transforma os cálculos dos mais astutos.

As cartas anônimas recebidas pelo padre Martim produziram resultados que João-Maneta e Manuel Pereira estavam longe de esperar: o primeiro em resposta à comunicação de que Milo seria infalivelmente recrutado e prêso no próximo domingo, recebeu do padre além de agradecimentos a prevenção do termo e dissolução da sociedade da usura, devendo ser concluídos todos os negócios e fechadas tôdas as contas no sábadô ao meio-dia.

Manuel Pereira que andava já desconfiado do modo que seu tio o tratava desde três dias, sentiu-se fulminado ouvindo a intimação para em vinte e quatro horas retirar-se da casa, sem ao menos ter licença de tornar a ella.

Ainda hipócrita e sem que o brio o contivesse Manuel desfez-se em pranto e caíra de joelhos aos pés do padre, se este não lhe voltasse rudemente as costas.

Ambos êstes fatos realizaram-se na tarde de sexta-feira dessa tempestuosa semana, que começara com a despedida de Milo, e que havia de acabar horrivelmente.

Milo também não sofria pouco: além das saudades de Luisinha, e desesperação do seu amor, tinha ido a calúnia persegui-lo no próprio seio que lhe abrira a caridade do virtuoso pároco.

Espalhara-se, correndo de bôca em bôca, sem que se soubesse de quem partira, nem em que fundamento se baseava, a noticia perversa de que Milo jurara matar o padre Martim e que procurava ensejo seguro para perpetrar êsse crime.

A calúnia atroz chegou à casa do pároco, em cujo nobre coração encontrou patente barreira. Milo, mal podendo conter a sua justíssima indignação, dissera ao pároco a tremer de cólera:

— Senhor reverendo vigário, eu quero fugir para sempre desta terra...

— Que mal te fêz a terra, onde estão a pia na qual te batizaste, e as sepulturas de teus pais, meu filho!

— Mancharam-me com a mais negra calúnia!

— E, fugindo, lavarias a nódoa?

— Mas a suspeita infame?

— Deus mandará que o tempo a mude em confusão dos aleivosos, e em triunfo da tua inocência.

— E eu tão pobre e desvalído... Oh! pois que me ferem assim perversamente... como me hei de vingar?

— Meu filho, o pobre como o rico, o desvalído como o poderoso, quando são bons, e tementes a Deus, sabem e podem vingar-se; mas só de um modo.

— Qual, senhor vigário?...

— Perdoando.

Milo desfez-se em soluços, e o pároco abençoou-o, e disse:

— Tem fé em Deus.

O crime pressentia em outros corações a iminência do castigo da Providência.

Manuel Pereira, aturdido pela intimação que recebera do padre Martin, correu à casa de João-Maneta, a quem encontrou conversando com dois pobres lavradores que passavam naquele momento, e tinham acudido ao seu chamado.

Manuel Pereira incomodou-se com a companhia, e tanto mais que João-Maneta o avistara a alguma distância, e ou de propósito ou inoportunamente chamara os dois passageiros.

— Boa tarde, Sr. João, disse Manuel.

— Boa tarde; respondeu sêcamente João-Maneta.

Os lavradores fizeram um movimento para retirar-se.

— Demorem-se; conversaremos um pouco... isto de trabalho também não vai a matar, disse-lhes o velho avaro.

— Com os diabos! tenho novidade a desembuchar; murmurou-lhe Manuel ao ouvido.

— Oh! Sr. Manuel Pereira! exclamou João-Maneta com voz de furacão: já lhe disse mil vêzes que não quero saber dos seus negócios, nem da vida que leva na casa do seu tio padre: deixe-me! deixe-me! deixe-me!

Manuel retirou-se espantado daquela fúria inesperada e para êle inexplicável; quando porém já estava longe da casa de João-Maneta, parou e disse consigo:

— Com trezentos diabos, que burro fui! o João não me quer falar de dia, porque sabe as linhas com que se cose; aquilo é finório, como frade velho.

É à meia-noite foi bater à casa de João-Maneta; bateu de manso, depois com força, depois como se quisesse arrombar a porta.

Abriu-se enfim uma janela, e João-Maneta disse de mau modo:

— Suspenderam-se ou romperam-se as nossas relações; o senhor atraçou-me; se tornar a incomodar-me, hei de queixar-me à justiça; vá-se com os diabos.

E trancou a janela.

Manuel Pereira voltou desesperado para a casa onde ainda lhe era facultado dormir uma noite.

João-Maneta nem acreditava, nem pensava em traição alguma

de Manuel Pereira; mas a prevenção que recebera do padre Martim para ser dissolvida a sociedade da usura, e ajustarem-se as competentes contas, o pusera de sobreaviso, fazendo-o desconfiar de suspeitas que podiam comprometê-lo seriamente; por isso, vendo à tarde o sobrinho do padre que vinha a passo puxado, aproveitara os dois lavradores que por acaso passavam, para torná-los testemunhas do mau recebimento, e da estudada declaração, com que então o despediu e espantou; e pelo mesmo motivo o repeliu à meia-noite, pretextando ter sido atraçoado, embora não dissesse em quê, ficando-lhe em todo caso êsse pretexto para desculpa da sua rudeza, e extraordinário comportamento na hipótese de conveniência de melhores relações no futuro.

Manuel Pereira não dormiu um instante em tôda a noite; enxotado, desprezado por todos, sem teto no dia seguinte, sem amparo, sem esperança, sem luz, viu desfeitos seus queridos sonhos de ambição, seus cálculos de riqueza, suas aspirações de herdeiro do tio padre; o seu futuro estava reduzido à enxada de trabalhador, ao mister de caixeiro de taberna, ou de outro qualquer recurso modestíssimo, laborioso, e de muito problemática fonte de opulência.

E semelhante desilusão era no tempo em que o Brasil se imaginava a árvore das patacas.

Digno sobrinho do padre Martim pela ambição e pela avareza, em instrução mais rude que êle, em educação ainda menos moralizado, Manuel Pereira não comprehendu que o trabalho honesto muitas vêzes enriquece, e sempre honra; e desesperou com a idéia sinistra de perder a herança do tio. Sua cabeça ardia: a febre da ambição, que é suscetível de inspirar o crime, agitava o sangue palpitante em suas artérias, e o ambicioso frenético foi dominado pelo demônio.

João-Maneta havia ensinado a Manuel Pereira as conseqüências da morte súbita do padre Martim, se êste não deixasse testamento; e o informara de que o padre ainda não tinha feito, mas se preparava a fazer testamento.

— Se o tio padre não morre, fico pobre, e tôda sua riqueza cai no regaço do diabo da filha maldita! repetira cem vêzes o sobrinho que viera do Faial com a esperança de ser o herdeiro do tio.

E quando rompeu a aurora, Manuel Pereira tinha os olhos em sangue, o cérebro em fogo, a loucura na alma.

O desgraçado concebera, adotara a idéia de um crime horrível.

O sobrinho pensava em matar o tio para herdar-lhe a fortuna.

O dia que amanhecera era o de sábado.

Enquanto Manuel Pereira ruminava o projeto que João-Maneta despertara em seu ânimo, e calculava em seu proveito com as suspeitas que corriam de premeditação do assassinato do padre Martim concebida pelo pobre Milo, a autoridade militar da paróquia, im-

pressionada por êsses mesmos ameaçadores boatos, apressava a ordem para que fôsse recrutado e prêso ó inocente e desvalido mancebo.

E Deus, que escreve direito por linhas tortas, permitiu que, na manhã do sábado, Milo, ao sair da casa do pároco, e ao dirigir-se à matriz, de cujo asseio estava incumbido, ouvisse a voz que lhe anunciava prisão de suspeito e farda de soldado.

Milo, a inocência, acabava de ser prêso, quando se achava entre o santo asilo da caridade donde saía e a sagrada casa do Senhor, para onde ia.

## XXVI

### Sábado ao meio-dia

As onze horas da manhã do sábado, o padre Martim, já vestido e pronto para sair, chegou à porta de sua casa e, chamando um escravo que limpava o pomar, ordenou-lhe que selasse o cavalo.

A ordem, dada em alta voz, foi ouvida por Luisinha, que estava no seu quarto, e por Manuel Pereira, que então entrouxava a sua roupa.

— Sair! e a ameaça de morte?... exclamou Luisinha, correndo a falar ao padrinho.

— O testamento! murmurou com os dentes cerrados Manuel Pereira.

A menina abraçou-se com o padre, e pediu-lhe com os olhos em pranto que não se afastasse de casa.

O padre Martim, enternecido, feliz pela manifestação dos cuidados da querida afilhada, procurava tranquilizá-la, dizendo-lhe:

— Sossega; não passarei da casa do João-Maneta; é muito perto, e a estas horas ninguém se lembra de perpetrar um assassinato; voltarei daqui a pouco...

Luisinha chorava sempre.

— E' por ti que eu saio, e que é indispensável que eu saia, menina; cuido do teu futuro...

— O meu futuro é meu padrinho... e que se perca tudo mais, que me importa?...

O padre Martim depositou o mais puro dos beijos na fronte angélica de Luisinha; e, arrancando-se de seus braços, avançou alguns passos, voltou-se ainda, abençoou-a chorando, e precipitado lançou-se para fora, montou a cavalo e partiu.

A menina foi debruçar-se a uma janela, e ficou imóvel com os olhos fitos no caminho.

Manuel Pereira tinha entrado pelos fundos da casa; dirigira-se a seu quarto, cuja porta trancara por dentro; logo depois saltara

pela janela, e furtivamente atravessara o pomar e se metera pelo mato.

O padre Martim chegou antes do meio-dia à casa de João-Maneta; mas immediatamente viu que perdera a viagem, e que nesse dia não ajustaria suas contas; o velho usurário estava com o licenciado à cabeceira, e punha a casa em alarma com gemidos atroadores, revolvendo-se no rude leito em ânsias terríveis que se sucediam, determinando vômitos.

O licenciado havia já sucessivamente diagnosticado seis moléstias, cada qual mais perigosa e ameaçadora.

Todavia o caso era de extrema simplicidade: João-Maneta, para demorar o ajuste de contas, lembrara-se de tomar um vomitório, e fingia-se doente, aproveitando os efeitos do medicamento.

Suspeitasse ou não da malícia e do ardil, o padre Martim, retirou-se de mau modo e sem dar importância, nem se mostrar compadecido dos sofrimentos de João-Maneta, e montando de novo a cavalo, deu-lhe de rédea para casa.

Luisinha deixara-se à janela: palpitava-lhe agitado o coração, como adivinhando desgraça: aumentava-lhe a solidão a tristeza; porque ela estava só, quase absolutamete só, porque havia ali uma fiel amizade a velar por sua dona. Relâmpago deitara-se de bruços defronte da janela, e embebera olhos amorosos no rosto da menina.

Passado algum tempo o sino da freguesia deu meio-dia: Luisinha, sem pensar no que fazia, foi maquinalmente contando as badaladas, e ao contar doze, a última, estrondou um tiro de espingarda.

A menina soltou um grito saído d'alma, e instintivamente bradou: — Relâmpago!...

O cão entendeu o brado: saltou no campo e rompeu em velocíssima carreira.

Luisinha chamou os escravos, e triunfando da comoção violenta, correu com a veemência e com as asas do amor filial pela estrada e em direção ao tiro.

Os escravos apenas podiam segui-la de perto.

De súbito ouviram-se quase a um tempo um ladro raivoso e horrível de Relâmpago, e um grito de pungente dor.

— Relâmpago pegou, disse um dos escravos.

Luisinha correu ainda mais.

Chegaram enfim Luisinha e os escravos ao teatro do crime.

O espetáculo era medonho.

A duas braças do ribeiro que ainda então não tinha nome, ou cujo nome antigo perdeu-se, jazia no chão e junto do cavallo o cadáver do padre Martim, cujo coração fôra atravessado por uma bala.

Dois lavradores da vizinhança olhavam em triste silêncio para o corpo da vítima.

Outros dois seguravam com mãos de ferro Manuel Pereira de cujo pescoço corria sangue que já lhe havia ensopado os vestidos.

Relâmpago com as carnes despedaçadas e também nadando em sangue latia fracamente, cada vez mais debilmente, mas ainda ameaçando o assassino.

Luisinha caíra desmaiada sobre o cadáver de seu pai.

A catástrofe se passara assim:

Na perversidade de sua ambição de ouro Manuel Pereira se pusera naquele sítio de emboscada para matar seu tio: no empenho de segurar o tiro firmara o cano da espingarda no ramo de uma goiabeira (1), e sem que a consciência do crime lhe fizesse tremer o braço disparara contra o padre Martin a bala assassina que o matou.

Fôra tão forte a carga, que a espingarda, coiceando, destruiu no ponto de apoio a casca do ramo da goiabeira (2).

Vendo porém tonibar a vítima, o assassino correrá para fugir pelo mato, mas embarçando-se logo em uma rede de cipós, caíra, e quando se ia levantar depois de desembaraçar-se, soara-lhe o leão terrível de Relâmpago, cujos dentes se lhe aferraram no pescoço, obrigando-o a soltar o grito de dor.

*Manuel Pereira agarrado pelo cão tirara da cinta uma faca que trazia, e com ela dera vinte golpes profundos no enraivado Relâmpago, que o retinha imóvel, despedaçando-lhe o pescoço.*

Chegaram então as primeiras testemunhas do crime, os primeiros instrumentos da Providência Divina que acudiram ao grito do assassino mordido, agarrado pelo nobre cão.

Sem querer o crime chamara a justiça.

A cena lúgubre terminou com o mais enternecedor episódio.

Luisinha estava desmaiada ao lado e junto ao cadáver de seu pai, o padre Martin.

*Relâmpago pouco a pouco deixara de latir com debilitado furor, e desviando os olhos do rosto do assassino os esquecerá no da menina desmaiada.*

Logo depois o cão, gemendo, e arrastando-se dolorosamente pela terra chegou até encostar-se ao corpo de Luisinha, com indizível esforço conseguiu levantar a cabeça, e pousá-la no seio da menina, abriu a boca, estendeu para fora a língua, lambeu as mãos de Luisinha, e expirou.

(1) É o que diz a tradição popular.

(2) Tradição.

## CONCLUSÃO

O crime perpetrado por Manuel Pereira, produziu, com a indignação geral, ruidosa e quase entusiástica reação a favor do pobre Milo.

Não foi mais necessária a intervenção do bispo, aliás prontamente reclamada pelo pároco de Itaboraí, para que as portas da cadeia da vila de S. Antônio de Sá se abrissem, deixando sair livre e alençado o inocente e nobre mancebo.

Milo tornou-se o simpático de todos.

Luisinha, rica, mas sempre fiel ao seu amor suavíssimo da infância, viveu em melancólica e honestíssima solidão um ano de luto; mas no fim dêle consumou o voto de seu coração, desposando Milo com aplauso de todo o povo da paróquia.

Manuel Pereira sofreu todo o rigor da legislação criminal do tempo, e não podendo negar o seu crime, deu testemunho da cumplicidade de João-Maneta, que pagou até morrer na prisão a sua perversidade.

O assassino do padre Martim subiu a vergonhoso patíbulo, e enforcado pelo carrasco, ainda depois de morto horrorizou os homens com o horror de um castigo bárbaro. Seu corpo foi esquartejado, e sua cabeça e seus quartos entregues, abandonados ao tempo e aos abutres em lugares que avizinhavam do sítio, onde cometera o tremendo crime.

Um de seus quartos ficou exposto e suspenso perto do ribeiro, a cuja margem caíra assassinado o padre Martim.

Diz-se que os próprios corvos repugnaram a carne do assassino, e que o *quarto* de Manuel Pereira exposto junto ao ribeiro apodrecera, e se desfizera ao tempo; mas tão longamente ali se deixou ver, que a pobre e tênue corrente d'água recebeu do povo o nome de — Rio do Quarto (1).

E diz finalmente a tradição popular, que a goiabeira em que se firmara a espingarda do assassino do padre Martim amanhecera no dia seguinte ao do assassinato completamente sêca (2), e morta.

Eis aqui pois a origem e fundamento dessa triste denominação de *Rio do Quarto*, que coube ao inocente ribeiro, cuja doce corrente ainda não pôde lavar a lúgubre memória de um crime perpetrado há mais de um século.

(1) Tradicional.

(2) Tradicional.



UMA PAIXÃO ROMÂNTICA



## I

Um estudante é um homem excepcional que não se parece senão com outro estudante. O seu viver, o seu pensar, o seu proceder tem pontos de notavel dessemelhança do viver, do pensar e do proceder dos outros homens.

Um estudante reputa-se membro de uma república independente, na qual o chefe do Estado é o director da escola, e são ministros os lentes e professores, e não reconhece mais autoridade legal abaixo do bedel.

Um estudante é o mais altivo dos aristocratas: para êle são nobres os seus mestres, nobres os outros estudantes; e todo o resto da humanidade vale tão pouco a seus olhos que designa com o nome *bicho* tanto ao mendigo como ao milionário, tanto ao plebeu como ao mais graduado dos titulares.

Um estudante é poeta, ainda que não faça versos; não é pobre nem mesino quando não tem um real de seu, e não é bastante rico, embora tenha uma mesada sufficiente para sustentar quatro ou seis estudantes; nunca lhe falta e nunca lhe sobra o dinheiro.

Um estudante ri de tudo, e de tudo zomba: tem um coração tão grande que lhe chega para guardar dez amôres a um tempo; tem uma imaginação tão feliz que engendra dez romances em uma noite, e uma esperança tão lisonjeira, tão bela e tão falaz que não enxerga no futuro senão felicidade e glória.

Um estudante é o Cabrião do inspetor de quartirão; é objeto de tôdas as considerações do subdelegado de policia que não quer graças com êle: é nas platéias dos teatros uma potência altamente considerada; é simpático aos olhos de tôdas as senhoras ainda moças, e temido por tôdas as senhoras já velhas.

Um estudante tem sempre uma declaração de amor à flor dos lábios, e um epigrama na ponta da lingua. E' franco e leal, mas ao mesmo tempo impertinente e desastrado; é generoso e ousado; é tão dócil que qualquer o domina, e violento e indomável apenas de leve suspeita a idéia do domínio.

Um estudante é em política sempre da opposição e em literatura sempre da escola mais exagerada; em regra quer o que os outros não querem. Ama em primeiro lugar a sua independência, em segundo a originalidade, e em terceiro a tôdas as senhoras.

Um estudante é o melhor e o mais feliz dos homens; sabe que o é, vive como entende que deve viver, não troca a sua casaca velha

pela farda bordada de nenhum ministro, nem a mesa de um colega pelo *banquete do mais rico figurão*; tira partido de tôdas as circunstâncias para divertir-se, e nunca se lembra de dar satisfações ao mundo.

Se nem todos os estudantes são assim, não é porque tôda regra deva ter exceções, é somente porque há homens que caminham em sentido oposto da sua vocação.

Felizmente, o jovem, que é o herói da história que vou contar, é um verdadeiro estudante porque estuda, e porque tem todos os defeitos e tôdas as virtudes da sua classe.

Luciano acaba de ser aprovado *optime cum laude no quinto ano* da escola de Medicina do Rio de Janeiro; está habituado a êsses triunfos acadêmicos; no imperial colégio de Pedro II onde ganhara o título de bacharel, tinha sido quatro vêzes apontado como o primeiro entre os seus colegas de aulas, e quatro vêzes pela mão do imperador havia sido a sua fronte coroada de louros.

E' um belo mancebo de vinte e dois anos: alto, fronte elevada, onde brilha a inteligência, pálido, olhos ardentes, imaginação exaltada.

Corria o ano de 1860.

Terminados os seus exames, Luciano deixa a cidade do Rio de Janeiro para ir passar três meses de férias na casa de seu pai, rico fazendeiro do município de...

Luciano vai alegre de caminho para a roça; leva porém algumas saudades e um receio no coração.

Vai alegre porque ama extremosamente a seus pais e arde em desejos de abraçá-los e de viver junto dêles algumas semanas; vai alegre, porque deve encontrar-se com os seus amigos da infância, respirar doces auras na terra do seu herço, tornar a ver os campos, os bosques, os rios e as fontes que lhe lembram mil gozos, mil travessuras, mil romancesinhos de criança.

Leva porém no coração saudades da escola e dos colegas, dos teatros e das festas, de algumas moças bonitas, a cada uma das quais jurara um amor eterno, de uma corista da defunta companhia lírica italiana com que cantava duetos, e da confeitaria Carceler, onde tôdas as tardes costumava ir comer pastéis.

O receio que o acompanha, é mais sério; desde dois anos seu pai procura convencê-lo da conveniência de um casamento que tem o grande defeito de ser muito prosaico ou poético demais, e Luciano teme com razão que novas instâncias o continuem a obrigar a resistir à vontade daquele a quem deve sempre obedecer.

Mas também é muito exigir!

Eugênio, que assim se chama o pai de Luciano, é íntimo amigo de Guilherme, um rico negociante da côrte, e possuidor de uma excelente fazenda que confina com a dêle; desde longos anos existe

a mais perfeita intimidade entre ambos: tinham-se casado no mesmo dia e aos pés do mesmo altar; suas esposas se tornaram tão amigas, como sabiam sê-lo os maridos, e por fim, tendo o céu dado um filho a Eugênio, e dois anos depois uma filha a Guilherme, os dois felizes pais e as duas extremosas mães comprometeram-se mutuamente a casar Luciano com Dionísia.

Esses pais amigos resolveram assim do futuro de seus filhos sem calcular com os caprichos de um coração de moça, com os ardores de um coração de mancebo, e com um ou dois amôres possíveis, que poderiam fazer Luciano afastar-se de Dionísia, ou ambos correrem em direções opostas.

Circunstâncias imprevistas vieram tornar os dois pretendidos noivos quase que absolutamente estranhos e desconhecidos.

Luciano só se pôde lembrar de ter visto Dionísia duas vezes: na primeira tinha êle cinco anos de idade, e a menina três, e ficou furioso contra ela, porque fêz-lhe em pedaços um lindo carrinho puxado por dois cavalos de chumbo.

Na segunda vez, dois anos depois, o encontro não foi mais feliz; a menina tinha-se tornado admiravelmente traquinas; e além de perturbar todos os brinquedos do noivo, fazia-lhe caretas quando o parecia desapontado.

Então, aos sete anos, Luciano à vista de seus pais, e dos pais de Dionísia, disse a esta em um momento de briga e de enfado:

— Deixe estar que eu nunca hei de casar-me com você!

E a menina desatou a rir e a saltar, exclamando:

— Que me importa! que me importa!...

Os dois noivos nunca mais se tornaram a ver.

Se até êsse tempo Guilherme apenas uma ou outra vez tinha podido vir passar alguns dias em sua fazenda, daí por diante uma distância enorme o separou do seu amigo. Negócios da maior importância o levaram à Europa, onde se demorou quinze anos.

Apesar desta longa separação, nem esfriou a amizade de Eugênio e Guilherme e de suas consortes, nem foi esquecido o ajuste do casamento dos filhos. Os dois noivos mandavam, sem mesmo o saber, lembranças e saudades um ao outro nas cartas dos pais, que pareciam *namorar-se em nome dos filhos*.

A menina tornou-se moça, recebeu em França uma educação esmerada, e talvez se tornou um pouco romanesca; o que porém se passava em seu coração, e o que pensava do projeto de casamento que seus pais acariciavam tanto, é um segredo que eu não posso descortinar. Quando sua mãe lhe falava de Luciano, ela corava, sorria e calava-se.

Quem não se calava, era Luciano. A principio e enquanto foi menino, repugnou-lhe a idéia dêsse casamento, recordando-se das travessuras e das caretas da noiva: depois, quando cresceu em anos e

acabou de estudar filosofia, tomou ao sério os direitos do homem, não compreendeu mais um casamento que não tivesse por base o amor, acreditou que o fatal projeto era um atentado contra a sua liberdade; revoltou-se pois, e declarou muito respeitosa e a seus pais que não se casaria com a *Sra. D. Dionísia*.

As insistências provocaram dobrada oposição de sua parte, e finalmente Luciano acabou por aborrecer Dionísia.

A pobre moça era para êle um fantasma pavoroso que o perseguia por tôda a parte: irritava-se só ao ouvir pronunciar o nome de Dionísia.

E entretanto, e a pesar seu, não podia chamá-la feia: recebera o retrato de Dionísia, e duas ou três vêzes que olhara para êle, não pôde deixar de reconhecer que a moça era encantadora, teve medo de convencer-se demasiadamente dessa verdade, e fêz presente do retrato à sua mãe, nunca mais o quis ver, esqueceu a imagem e continuou a aborrecer o original.

Esta revolta não era de coração, era da imaginação, e portanto mais violenta ainda, e tão violenta que levava Luciano a esquecer os deveres da mais simples cortesia.

Um mês antes dos exames do seu quinto ano, Luciano soube com verdadeiro pesar que no paquete inglês acabava de chegar ao Rio de Janeiro Guilherme, com a sua família, e foi bastante fraco para nem ao menos ir fazer uma visita ao primeiro amigo de seu pai; e recebendo dêste por isso mesmo uma severa repreensão e uma ordem terminante para ir abraçar o recém-chegado, o estudante independente obedeceu, mas de um modo ainda mais irrepreensível: procurou Guilherme em sua casa de comércio, e merecendo um convite para ir jantar e passar alguns dias na chácara do negociante, desculpou-se com os estudos prolongados do fim do ano letivo, e nem uma só vez apareceu a Dionísia.

De sua parte Guilherme pagou a Luciano a visita, e não o procurou mais.

Entrando no gozo de suas férias e já de caminho para a fazenda de seu pai, o jovem estudante recebe uma noticia desesperadora: o seu pajem que lhe viera trazer os cavalos para a viagem, anunciou-lhe que havia em casa grande alegria; porque Guilherme e sua família tinham na última semana chegado à sua fazenda, e que desde então os dois velhos amigos quase que viviam juntos, vingando-se de quinze anos de separação.

O anúncio era pelo menos desagradável. O estudante previu que tinha de entrar em novas lutas, de ser obrigado a encontrar-se com Dionísia, de falar-lhe e de tratá-la com a consideração que todo o cavalheiro deve a uma senhora, e finalmente de resistir ao mesmo tempo às ordens e, mais do que às ordens, aos pedidos de seus pais,

e aos obséquios de uma família interessada em chamá-lo ao seu grêmio.

Luciano concebeu mil projetos de oposição e de resistência: lembrou-se de diversos tipos que estudara nos romances e nos teatros; pensou em mostrar-se extravagante como o pior dos libertinos, frio como o mais profundo dos egoístas, grosseiro como um barão que tivesse começado por varredor de armazém; mas por fim de contas, quando entrou no campo da fazenda de seu pai, desprezou como indignos todos êsses planos, e disse consigo:

— Nada... nada; hei de mostrar-me tal qual sou, e resistir com um simples — *não quero* — que é a expressão da minha vontade, e a prova da minha independência.

## II

O tempo das férias ia correndo de um modo inteiramente diverso do que calculara o estudante, que por isso mesmo começava a sentir-se desapontado.

Luciano esperara ter de sustentar uma luta incessante, opondo-se aos projetos do seu casamento com Dionísia, e encontrara seus pais quase indiferentes a semelhante respeito.

E' verdade que no dia seguinte ao da sua chegada, Eugênio lhe falara sobre aquêlê assunto; logo, porém, que ouvira suas primeiras palavras anunciadoras de oposição e de repugnância, não só deixara de insistir, mas ainda lhe afirmara que não se affligia com isso.

E sua mãe, abraçando-o, lhe dissera ao mesmo tempo: "Não seremos nós, meu filho, que exigiremos jamais de ti um sacrificio doloroso: um casamento que te repugna, não poderia fazer a tua felicidade, que é tudo quanto no mundo desejamos".

Luciano recebera também ser obrigado a entrar em estreitas relações com a família de Guilherme, e ter portanto de cumprir para com Dionísia pelo menos os deveres de cortesia; e no entanto apenas foi com seu pai visitar uma vez aquêlê amigo, e ainda nessa ocasião não encontrou em casa nem Dionísia nem sua mãe; depois um incômodo sofrido por esta impedia as visitas que ela poderia fazer à sua amiga, a mulher de Eugênio, que pela sua parte nunca levou o filho em sua companhia quando ia à fazenda de Guilherme.

Por outro lado, o pai de Dionísia encontrando-se muitas vezes com Luciano, jamais deixou de tratá-lo com estima, e mesmo com carinho; mas também nunca lhe dirigiu uma única palavra que fizesse lembrar a idéia daquele casamento, que tão afagada tinha sido pelo sentimento generoso da amizade.

A princípio Luciano aplaudiu-se desta situação pacífica, que êle atribuiu a uma vitória brilhante alcançada pela força da sua von-

tade: em breve, porém, começou a sentir-se fatigado de uma paz tão inalterável, e contrariado por não ver uma só demonstração de sentimento pela sua decisão que destruíra um plano de futuro.

Em seu orgulho estava convencido de que pelo menos o pai de Dionísia devia mostrar-se exasperado por não ter podido felicitar sua filha, dando-lhe um noivo de tanto merecimento.

O contentamento ou a serenidade das duas famílias pareceu-lhe indiferença, e a indiferença amargou-lhe como um insulto.

O estudante incomodou-se, e principiou a aborrecer-se das fêrias que estava gozando; queria ouvir dizer que Dionísia estava furiosa contra êle, e ninguém lhe falava dela; desejava que seus pais de novo se esforçassem por obrigá-lo a casar com a tal noiva da infância, e seus pais mostravam-se absolutamente esquecidos de semelhante projeto.

Os dias foram parecendo a Luciano pesados e tardos, e o mau humor do estudante tornou-se bastante sensível para que um dia seus pais lho fizessem notar, sorrindo.

Esse sorriso foi um tormento novo; Luciano suspeitou que seus pais adivinhavam a causa do seu *mal-estar*, e revoltando-se contra essa idéa, que ofendia o seu orgulho, resolveu-se a ostentar uma alegria que estava longe do seu coração, e a procurar no movimento e no trabalho uma distração.

Ganharam com isso os doentes pobres das circunvizinhanças, a quem Luciano prestou com ardor os socorros da sua ciência; e com isso perderam os veados e as pacas dos bosques vizinhos, que foram perseguidos pelo estudante, que se tornou em um novo e infatigável Nemrod.

Mas, pobre orgulhoso! a idéa de Dionísia, a lembrança e o nome da *Sra. D. Dionísia* foram persegui-lo no meio das suas nobres ocupações de *médico* dos pobres e das suas caçadas fatigadoras.

Na caça, as longas horas passadas em solidão na *espera* eram forçosamente aproveitadas pela imaginação dominadora, irresistível, que traçava aos olhos do estudante quadros quase nunca verdadeiros, e onde sempre aparecia a *senhora dona Dionísia* zombando dos despezos do estudante, e essa imagem chegava às vêzes a ser formosa, e podia sem inconveniente parecer tal, visto que Luciano já nem de leve se lembrava dos traços fisionômicos da sua antiga noiva.

Nas visitas dos doentes pobres a perseguição da *senhora dona Dionísia* tornou-se muito mais séria: parecia haver um acôrdo geral para recomendar a filha de Guilherme ao coração de Luciano.

Uma vez, o estudante encontrara abatido pela enfermidade um pobre velho a quem a miséria privara de todos os meios de tratamento, e quando no dia seguinte, ao fazer-lhe a segunda visita, lhe levava todos os socorros precisos, achou o velho em um excelente leito, e sem mais experimentar a menor privação.

Quem precedera o estudante naquela obra de caridade?... Dionísia.

Uma infeliz e pobre viúva, que tinha perdido havia dois meses seu marido e único protetor, morrera dando à luz uma menina. Luciano chegara tarde para socorrer a mãe, e nem pudera depois cuidar da recém-nascida, porque esta tinha sido logo adotada... por Dionísia.

Na humilde cabana a que chegava, o estudante, enquanto procedia cuidadoso ao exame de um doente, ouvia perto o nome de Dionísia, abençoado pelos rudes, mas agradecidos lavradores, que a chamavam — O anjo dos pobres.

Dominando-se ainda, o estudante mostrava-se indiferente aos elogios que ouvia; nunca dirigia uma pergunta sôbre Dionísia; mas a sua imaginação recolhia pressurosa tudo quanto a voz da gratidão espalhava a respeito dela.

Um dia perguntaram-lhe:

— Tem visto a *moça bonita*?...

— Quem é a *moça bonita*?...

— Ora! é D. Dionísia.

— Não, respondeu Luciano ríspidamente.

— Pois olhe, Sr. doutor, é tão virtuosa como bela: onde ela chega, entra o encanto dos olhos e a felicidade do coração.

— Que me importa!

— Ainda ontem vimos-la passear a cavalo! como estava linda! Jevava um chapéu e um vestido... A mulher do Almeida, que sabe de modas como uma francesa, diz que aquela roupa chama-se vestido de amazona; mas, seja amazona ou não seja, a moça arrancava os olhos da gente! e como é boa cavaleira! o seu cavalo corre que parece um passarinho que voa! ah! senhor doutor! V. S. e aquela moça...

O estudante interrompeu o panegirista de Dionísia, e retirou-se apressado.

De volta para casa, respirando o ar livre, entregue a si mesmo, e pela primeira vez seriamente refletindo, consultou o seu coração, e estremeceu reconhecendo que não sentia mais a antiga repugnância pela *senhora dona Dionísia*, e que, pelo contrário, se pudesse ao menos vê-la sem ser visto, fã-lo-ia com verdadeiro prazer.

Não amava Dionísia; mas...

Este *mas* era o segredo, a história e a contradição do seu orgulho...

Luciano teve medo de amar a filha de Guilherme.

Como continuar a desprezá-la, se ninguém mais se lembrava de o querer obrigar a amá-la?...

Agora, porém, como ir procurá-la e vê-la sem o abatimento do seu orgulho?...

E aquêlê sorriso de seus pais?... confessar-se arrependido e vencido não era fraqueza indigna de um estudante?...

Luciano ufanava-se de ter sido notável estudante de lógica, e determinou raciocinar sôbre o seu estado com todos os preceitos da arte de refletir: raciocinou pois por duas horas inteiras, e no fim delas reconheceu espantado que dos mesmíssimos princípios tinha tirado cinqüenta conseqüências diversas e opostas.

O estudante ainda não compreendia que a lógica do coração é mil vêzes uma inextricável meada de inconseqüências.

Assim, pois, descontente de si mesmo e sem ter acertado com o caminho que lhe cumpria seguir, Luciano entrou em casa; mas, ao tocar à porta da sala, parou de súbito, ouvindo pronunciar o seu nome e o de Dionisia.

Eugênio conversava com Guilherme e o objeto da conversação era o projetado casamento de seus filhos.

Luciano escutou atento.

— Enfim, meu amigo, dizia Eugênio concluindo; Deus nos ajude; mas receio muito que a pertinácia inexplicável de meu filho acabe por destruir de todo as nossas esperanças.

— E eu não receio nada, respondeu Guilherme; devemos acreditar que Luciano começa já a pensar muito sèriamente em Dionisia, e eu aposto que antes de dois meses morrerá de amôres por ela. Temos empregado um sistema admiravelmente combinado: o rapaz vai ficar prèso na rêde que lhe aruamos.

Luciano viu brilhar a seu olhos conio um luz no meio das trevas: o seu orgulho reanimou-se de súbito: saudou a luta que para êle principiava de novo, e ufano e decidido entrou na sala, e, depois de breves momentos de conversação, disse:

— Perdão, meu paí; perdão, Sr. Guilherme: preciso recolher-me e dormir cedo, pois que me preparo para uma importante caçada amanhã. Dizem-me que o monte vizinho da fazenda do Sr. Guilherme é rico de pacas soberbas, e se não houver nisso ofensa do direito de propriedade, protesto que nestes últimas quinze dias que me restam de férias na roça, o Sr. Guilherme ouvirá diàriamente da sua fazenda nos tiros da minha espingarda os sinais das minhas vitórias.

— Sabemos que é um excelente caçador.

— Determinei sê-lo e fui: quando me decido a qualquer cousa, nem recuo, nem desanimo.

Luciano retirou-se.

Eugênio e Guilherme olharam um para o outro e puseram-se a rir.

— Tem uma cabeça de fogo! disse o primeiro.

— É ao mesmo tempo tem a balda de todos os moços, que pensam sempre que enganam os velhos, observou o segundo.

## III

O companheiro que nas suas caçadas mais agradava a Luciano era Batista, lavrador vizinho e compadre de seu pai, e que com os seus sessenta janeiros não se trocava em vigor, agilidade e destreza por nenhum dos velhos de trinta anos que vivem no seio dos prazeres da cidade.

Batista era realmente o melhor dos companheiros que poderia ter encontrado o estudante: conhecia tôdas a florestas, como Luciano o Jardim Botânico e as ruas da capital: marcava todos os pontos dos bosques por uma árvore mais notável, por alguma fonte, pedra ou furna que nêles havia; designava com certeza as melhores *esperas*, e os lugares mais seguros para se fazer uma caçada feliz, e, além disso, era a crônica viva daquelas circunvizinhanças; sabia dez mil histórias a respeito da gente da terra, tinha sempre um caso novo que referir, e mordaz sem que fôsse naturalmente mau, e sómente pelo desejo de parecer engraçado, divertia sempre o estudante na ida e na volta, e nas horas de reunião no fim das caçadas.

Batista aplaudira muito a lembrança que tivera o estudante de ir caçar na floresta vizinha da fazenda de Guilherme, e mais alegre e falador do que nunca ia de caminho enterrando vivos e desenterrando mortos.

Já havia dado conta dos nomes e da vida dos moradores de quantos sítios iam encontrando perto da estrada, quando, ao tomarem por um trilho que os levava à floresta, ao chegarem ao sopé do monte que buscavam, disse êle a Luciano:

— Este bosquezinho que nos fica à mão direita separa êste monte do campo da fazenda do Sr. Guilherme, e pode atravessar-se em um quarto de hora: se lhe aborrecer a caçada, e preferir a dar tiros nas pacas, armar laços a uma moça bonita, a viagem é curta.

O estudante fêz um movimento de mau humor.

— Não vá desconfiar: a cousa não é para isso: não gosta da filha do Sr. Guilherme eu já sei: são gostos, e se não houvesse mau gosto, o amarelo não teria extração.

— Subamos o monte, ou, se lhe parecer, soltemos já os cães.

— Não: isso há de ser um pouco mais acima: veja porém que sitiozinho bonito vamos deixar aqui à mão esquerda, e logo à subida do monte: ouve êste ruído de água? é de uma pequena cachoeira que vem do alto, e cai no meio de um grupo de árvores formando um formoso lago junto do sítio.

— Fico ciente: subamos...

— Sim; mas o que não sabe é que o sítio pertence ao meu compadre Pereira, que é casado com a minha comadre Antônia...

— A notícia é realmente interessante...

— Mete-me a bulha, hein? pois saiba mais que a comadre Antônia tem parentes na cidade...

— Deveras? isso então é extraordinário!

— Morreu-lhe, há um ano, uma irmã que lá tinha casado com um pobre diabo, e deixou uma filha a quem o pai condenou a vir morar na roça com a tia, reccoso de que a rapariga se extraviasse...

— Uma cabecinha de vento...

— Qual? uma cabeça de fogo: dizem que é capaz de ler latim como o Sr. reverendo vigário; fala que parece um advogado, e anda sempre com o juízo por esses ares fora...

— E feia como um bicho, teve a boa idéia de vir esconder-se na roça...

— Bela como uma rosa, perigosa como uma feiticeira, tentadora como o diabo...

— Compadre Batista, quer me parecer que o senhor tem sua queda para poeta?...

— Então?... improviso meus versinhos quando canto em desafio nas nossas noites de *fado*...

— Eu logo vi: e ainda não se soltam os cães?...

— Agora.

Dois escravos aproximaram algumas trelas de cães, estes, soltos, sacudiram as caudas, e por algum momento andando em tórno a rastejar com os focinhos o cheiro da caça, saíram logo depois, e desapareceram.

Os caçadores foram seguindo, e a breves passos acharam-se juntos de um arroio que corria sôbre um leito de pedras.

— Fique aqui, disse Batista, terá uma caçada certa, e para distrair-se, subindo àquele ingazeiro, verá à sua vontade a fazenda do Sr. Guilherme, e o sitio do compadre Pereira. Até logo.

Batista internou-se na floresta.

O dia vinha apenas rompendo.

Dentro em pouco os latidos dos cães anunciavam a descoberta da caça, e passada uma hora Luciano, disparando o primeiro tiro, alcançou a primeira vitória.

Três cães chegaram ao mesmo tempo arfando de fadiga, mas ufanos de seu triunfo: o estudante deixou-os descansar por algum tempo, e logo depois banhou-os na água fresca do arroio e outra vez os lançou na floresta.

Ao longe ouviam-se os gritos de Batista incitando os cães que lhe respondiam latindo, como para demonstrar que zelosos, prosseguiram na sua empresa; mas os latidos cada vez se desprendiam mais afastados.

— Creio que terei de esperar muito tempo; disse consigo Luciano.

Lutou um pouco com a própria consciência; vencido porém,

olhou cuidadoso em tórno de si, e certo de que se achava absolutamente só, dirigiu-se para o ingazeiro, e subiu a êle.

O sol brilhava; era a sua primeira hora.

Luciano viu um panorama belo e magnífico dilatando-se a seus olhos; indiferente porém a todos êsses encantos na natureza, embebeu suas vistas na casa e no campo da fazenda de Guilherme, e ali as esquecia involuntariamente, quando estremeceu escutando um canto melodioso entoado por uma voz de mulher.

Olhou... e viu...

O sítio de Pereira estava por assim dizer debaixo de seus pés, e a mais curta distância do que havia calculado, e uma mulher, de figura graciosa, e tôda vestida de branco dirigia-se cantando para um bosquezinho, onde a cachoeira formada pelo arroio caía, espraia-va-se e dava lugar a um lago.

Luciano deu um salto do ingazeiro abaixo e sem refletir um só momento desceu o monte por entre as árvores, desejoso de ver de mais perto a sobrinha de Antônia, que, segundo dizia Batista, tinha cabeça de fogo, era capaz de ler latim como o vigário, falava *que parecia um advogado, e andava sempre com o juízo por êsses ares fora...*

O canto tinha cessado: sucedera-lhe silêncio profundo.

A medida que se ia aproximando, o estudante media cauteloso os passos e procurava fazer o menor ruído possível, empregando para isso tôda a sua habilidade de caçador; às vêzes ria-se pensando na decepção por que ia passar esbarrando diante de uma mulher feia, ou pelo menos desjeitosa...

Enfim chegou à entrada do bosquezinho, e por entre as árvores olhou, e ficou embevecido...

À sombra de uma árvore frondosa, sôbre cujo tronco se sentara, estava uma moça talvez de vinte anos, delicada, formosa, encantadora; lendo atentamente um livro, que segurava com suas mãos pequeninas e brancas; seus cabelos negros caíam em anéis graciosos e imensos sôbre uns ombros e um colo admiráveis; seus olhos, que às vêzes levantava para o céu, eram grandes, negros e brilhantes.

Batista não mentira: aquela moça era realmente encantadora.

Como porém esta criatura angélica, que parecia ter sido educada com tanto zêlo, com tanto extremo, esta moça cujas mãos eram tão finas, e tinham a côr tão branca, esta menina tão delicada, e por assim dizer de formas tão vaporosas e de espírito que se dizia tão romanesco, viera esconder-se, sepultar-se naquele obscuro cantinho, na casa de tão pobres lavradores?

Não era, não podia ser uma infeliz mulher perdida pelo vício, não: a pureza brilhava nos seus olhos e na sua face.

Como explicar o mistério?...

O estudante não se movia do lugar onde estava, com as mãos no peito comprimia a respiração anelante: dominava-o sobretudo o

receio de ver ao mais leve ruído desaparecer como um sonho aquela mulher encantadora.

A caçada estava de todo esquecida: o compadre Batista como que não existia no mundo: de balde os cães se tinham aproximado perseguindo as pacas levantadas... Luciano não ouvia o latido dos cães, nem os gritos descompassados de Batista.

E duas longas horas passaram rápidas como um instante para o estudante absorto.

Enfim a moça fechou o livro, levantou-se, e com um andar gracioso retirou-se para a humilde casa de seus tios...

Luciano deixou seus olhos irem presos aos pés mimosos da mulher formosa... até que ela desapareceu de todo...

— E as pacas, compadre?... perguntou Batista rindo e batendo-lhe no ombro.

#### IV

Aquela jovem que de um modo sem dúvida romanesco aparecera aos olhos de Luciano, era verdadeiramente bela; mas a imaginação do estudante emprestou-lhe ainda encantos indizíveis, e lha afigurou mil vezes mais formosa.

Arrancado do seu êxtase pela retirada da bela incógnita e pelas palavras pronunciadas por Batista, Luciano sentiu que uma flama violenta lhe abrasava já o coração, e que uma mulher que apenas havia duas horas vira pela primeira vez, devia fazer a glória ou o martírio da sua vida.

Pode ser que houvesse exageração nesse súbito sentir; um estudante porém raramente se apaixona de outro modo, e trinta vezes que se apaixone, é sempre assim; se poucos são os estudantes que se casam antes de ser doutôres, é porque poucas são as moças que sabem aproveitar-se oportunamente da violência das paixões que inspiram; o que salva os estudantes de casamentos imprudentes não é a reflexão, é a duração efêmera de suas paixões: cada um dêles, quando deixa a academia, leva no coração a lembrança de cem amôres e de cem romances, que acabaram antes de tempo ou ficaram por acabar.

Ora, aquêlê novo amor que começava para Luciano tinha tôdas as condições de um verdadeiro amor de estudante; porque sobretudo havia nêlê o encanto do romanesco e do mistério, que abriam espaços aos mais arrojados voos da imaginação.

A bela incógnita tinha-se mostrado inesperadamente.

Luciano nem a conhecia, nem ao menos lhe sabia o nome, e a encontrara de súbito no seio da solidão e à margem de um lago.

Não era preciso mais para que o estudante morresse de amôres por ela.

Batista, encarregado de colhêr informações mais positivas a respeito da formosa moça, veio ainda mais aumentar o mistério que a

rodeava, porque soube e declarou a Luciano que a bela incógnita não era sobrinha de Antônia, como se supunha, mas uma menina que ainda no berço fôra confiada à sua irmã, e cujos pais deviam ser bastante ricos, pois que pagavam com uma avultada pensão os cuidados de sua educação. O motivo de sua vinda para aquêlê lugar do interior da provincia não tinha sido a morte da irmã de Antônia, e sim a necessidade de furtar a interessante jovem às pesquisas e talvez à perseguição de parentes inimigos: o segredo da sua vida e do seu retiro era tão profundamente guardado, que nem mesmo Pereira e sua mulher sabiam o seu nome.

Decididamente, Luciano não podia escapar a tanta magia. No fim de três dias amava a sua incógnita, como nunca Petrarca amou a Laura, nem Torquato Tasso a Eleonora.

E' inútil dizer que nesses três dias fêz êle três novas caçadas ao monte, dunde corria o arroio que ia lançar-se no lago do feliz bosque vizinho; cumprindo, porém, entender-se que ao compadre Batista ficou reservado exclusivamente ao empenho de matar as pacas, enquanto Luciano limitava o seu prazer a subir ao ingazeiro, ver a bela incógnita sair da cabana dos lavradores e dirigir-se para o lago, e, enfim, depois de tê-la contemplado de longe, correr para o lugar ditoso, donde escondido adorava em êxtase aquêla formosa criatura.

A lembrança do projetado casamento com Dionisia já nem sequer por um só instante ocupava o espirito do estudante: que lhe importava Dionisia?... Se outrora revoltava-se contra a idéia daquele casamento, sem um motivo real, desde três dias nem mesmo admitia a possibilidade de sujeitar-se a um laço, que seria uma barreira eterna e insuperável levantada entre êle e a bela incógnita.

Dionisia estava positivamente condenada ao esquecimento e o esquecimento é ainda muito mais fatal do que o ódio; o esquecimento é quase a morte.

Mas três dias passados em contemplanções e em saudades não podiam mais satisfazer o coração do estudante: Luciano precisava inebriar-se, escutando a voz e devorando com os olhos, os olhos daquella jovem romanesca.

Na manhã do terceiro dia, quando no seu posto de extática adoração estava êle contemplanço a sua incógnita, chegou um momento em que, impellido por uma força irresistível e sem pensar no que ia fazer, lançou-se de súbito para a árvore, a cuja sombra descansava a bela moça, e caindo de joelhos aos pés desta exclamou:

— Eu a amo!

A incógnita deixou ouvir um grito de surpresa e de susto, e levantou-se para fugir; mas, tomada de súbito tremor nervoso, deu apenas um passo e sentou-se outra vez, dizendo:

— Meus Deus!...

O estudante aproveitou o ensejo, e de joelhos como estava, trêmulo também, inspirado porém pela paixão fez mil protestos de ternura e mil juramentos de amor.

Pouco a pouco a moça foi serenando: no ardente discurso que ouvia, o respeito dominava sempre o ímpeto do amor: reconheceu bem depressa que tinha a seus pés um escravo e não um sedutor, e banindo de sua alma o receio, fitou no mancebo um olhar cheio de angélica doçura, e disse:

— Por que vem perturbar a paz do meu retiro?... onde e como pude eu inspirar-lhe êsse amor?... e êsse amor, se um dia eu o tivesse também, que me daria êle?

Luciano quis falar.

— E' inútil, continuou a incógnita com voz segura. Ama-me, não é assim?... porém como? viu-me por acaso algumas vêzes nesta solidão, agradou-lhe o meu rosto, achou-me bela talvez, impressionou-o o mistério da minha vida, e vem cair a meus pés. Que amor é êsse?... sabe se por ventura sou digna dêle?... se vítima de um erro ou de um remorso vim aqui esconder o meu opróbrio?... sabe se eu mereço reprovação ou piedade?...

— A pureza brilha no seu angélico semblante: não me enganei, não me engano.

— E quem sou eu?

— E' um anjo!

— Também há anjos decaídos, Sr. Luciano, disse a moça sorrindo-se.

— Sabe o meu nome... conhece-me... balhuciou o estudante.

— Oh! sim... conheço-o, e sei um pouco a história de sua vida. Sei que desde três dias procura descortinar o segredo do meu nascimento, do meu passado, e do meu futuro.

— E quem lho disse?... perguntou Luciano surpreso.

— Dionisia, respondeu a moça sorrindo outra vez.

O estudante levantou-se irritado, ouvindo o nome da sua pretendida noiva.

— Escute, continuou a incógnita: pronunciei êste nome para lembrar-lhe um dever que tem esquecido.

— Nunca!

— Mas por quê?...

— Até há três dias porque não tolerava a idéia de casar-me com essa senhora, depois de três dias porque a amo, nenhuma outra mulher terá o meu nome.

— E seus pais?...

— Meus pais hão de adorá-la desde o primeiro instante em que chegarem a vê-la.

— E meus pais?

— Oh! diga-me quem são, e eu correrei a falar-lhes... quem são?...

— Não sei, balbuciou a moça baixando vergonhosa a cabeça.

— Pois bem: terá por seus pais os meus e por defensor, amigo, escravo o mais apaixonado dos esposos.

— Não; a minha vida está presa a um mistério que eu mesma não compreendo: eu nem devo, nem posso animar o seu amor.

— Entendo tudo, disse o estudante exaltando-se; Dionisia adivinhou o meu amor pela senhora, e tratou de perder-me no seu conceito.

— Eu menti ainda há pouco, senhor, tornou a moça: não conheço a sua noiva... nada lhe ouvi... vivo longe de todos, e de todos me escondo.

— Como pôde então saber que se projetara êsse casamento que me repugna?

— Falou-me disso a mulher do lavrador em cuja casa me asilaram.

— E com que fim?... a que propósito?...

A moça descansou uma de suas mãos sobre o ombro de Luciano, que estremeceu a êsse doce contacto: depois encarou o mancebo com um olhar mágico e suavíssimo, sorriu com a mais encantadora graça e disse:

— Que lhe importa?...

— Meu Deus!... exclamou Luciano caindo outra vez de joelhos.

A jovem recuou um passo, como se arrependida ficasse da ação que praticara e do tom em que falara: corou, parecendo sentir que deixara sensivelmente escapar dos lábios uma frase que começava a atraioçar um segredo do coração; mas logo depois, fingindo-se medrosa, disse:

— Sinto rumor... alguém se aproxima...

Luciano ergueu-se, pensando que era Batista que o vinha perturbar no momento em que a fortuna lhe concedia um sorriso ainda duvidoso... voltou-se para o lado do monte e ouviu imediatamente o leve ruído dos passos ligeiros da incógnita, que fugia correndo.

— Oh! por compaixão... disse, elevando a voz e estendendo os braços para a fugitiva.

Ela parou: voltou o rosto para Luciano, seus olhos brilharam com divino fogo, seus lábios sorriram de novo com encanto e doçura e murmuraram enfim:

— Até amanhã.

## V

Naquela simples, mas animadora frase "até amanhã!" e no olhar e no sorriso que a acompanharam, havia um futuro imenso de esperanças e de amor.

Luciano passou o dia a sonhar mil venturas: a bela incógnita fizera-lhe adivinhar o paraíso, pronunciando duas palavras.

Ao meio-dia um pobre lavrador da vizinhança viera pedir ao estudante que fôsse ver sua mãe que enfermara no dia anterior.

Luciano aprontou-se depressa para sair, e enquanto esperava que lhe trouxessem o cavalo, perguntou ao lavrador:

— Supõe que seja grave o estado de sua mãe?...

— Tenho medo de que venha a tornar-se tal: ontem caiu com uma febre que parecia fogo, e, bem que ao amanhecer de hoje ficasse livre daquela maldita fervura do sangue, diz a senhora D. Dionísia, que foi ver a minha boa velha, que é provável ou quase certa a volta da febre.

— Então... a Sra. D. Dionísia...

— Aquilo é um anjo, meu senhor! lá ficou ao pé de minha pobre mãe...

Luciano voltou ao seu quarto, e tornando a aparecer ao lavrador, deu-lhe algum dinheiro, e disse-lhe:

— Há um excelente médico na freguesia: aí tem com que pagar-lhe até dez visitas, vá chamá-lo; eu não posso ir ver sua mãe.

E vergonhoso da ação que praticara, recusando-se a um serviço de caridade, correu para furtar-se às vistas do lavrador, que ficara surpreso e boquiaberto.

Luciano tinha hesitado ante a idéia de encontrar-se com Dionísia; pareceu-lhe que vê-la e falar-lhe naquele dia, chegaria a ser uma ofensa feita à bela incógnita, cuja imagem devia ser a única que ocupasse toda a sua alma e todos os seus cuidados.

*O amor sufocou-lhe a consciência.*

A noite, Eugênio perguntou ao filho se pretendia caçar na manhã seguinte.

— Talvez, meu pai, respondeu o mancebo corando.

— Entretanto eu contava poder conversar contigo alguns momentos amanhã de manhã.

— Meu pai, se quisesse, poderia marcar-me uma hora para...

— As nove da manhã.

— Ah! então a minha caçada não será incompatível com a minha obediência.

— Tens te tornado um caçador incansável! observou Eugênio, sorrindo; mas não importa, aproveita as tuas férias.

Ao romper da aurora dêsse dia mimoso que fôra apazado pela formosa incógnita, Luciano correu, como era de supor, não para o ingazeiro do monte, mas imediatamente para o lago do bosquezinho.

A jovem romanesca já ali estava. O estudante affligiu-se com razão por ser o segundo a chegar: um meigo e carinhoso sorriso sossegou-o porém imediatamente.

— Eu o esperava, disse com acento comovido a bela incógnita, não dormi... preocupou-me tôda a noite esta hora que vamos passar juntos, e que é uma hora solene, que vai decidir do meu destino.

Luciano sentiu-se fortemente abalado por aquella voz suave e melancólica, que lhe parecia um canto entoado por um anjo.

— Antes de tudo, uma observação que o vai penalizar, mas que a minha franqueza não me consente esconder. Ontem o senhor negou-se a ir ver uma pobre velha doente: fêz mal. Saberei um dia, em breve, romper êste mistério e mostrar-me na altura da posição que apaixonada ou generosamente me oferece.

O estudante ia falar; mas a bela incógnita como para obrigá-lo ao silêncio, pôs uma de suas mimosas mãos sobre os lábios do mancebo, que imprimiu nela um ardente beijo.

Recolhendo vergonhosa a mãozinha provocadora, a bela incógnita tirou do seio uma pequena imagem de ouro que representava a Mãe Santíssima.

— Eis aqui a imagem da Mãe de Deus, o símbolo do mais profundo amor e de celeste pureza; jura-me, Luciano, que serás meu espôso no dia em que eu provar que sou digna do teu amor, digna do teu nome e da bênção de teus pais!

— Juro! disse Luciano, caindo de joelhos.

A bela incógnita beijou nos pés a pequena imagem; o mancebo depositou no mesmo lugar um outro beijo.

— E quando será êsse dia? perguntou Luciano, cheio de ardor e de esperança.

— Mais cedo do que pensas, respondeu a moça.

— Oh! dize!...

A bela incógnita levantou os olhos para o céu, procurando o sol, e de novo olhando para Luciano, observou-lhe sorrindo.

— O tempo correu voando; devem ser mais de sete horas: não te lembras de que prometeste a teu pai estar em casa às nove horas da manhã?...

— Quem te pôde referir o que ontem se passou entre mim e meu pai?...

— Esqueces que eu te amo, e que a minha alma te acompanha por tôda a parte?... Minha alma estava contigo quando teu pai te falava... ela disse-me tudo. Basta. A hora se adianta: teu pai te espera. Adeus!

E desta vez disseram ambos a um tempo:

— Até amanhã.

## VI

As nove horas da manhã Eugênio e Luciano estavam sentados em frente um de outro.

— Fôste pontual, meu filho, disse Eugênio.

Luciano sorriu e corou.

— Devo hoje ocupar-te com um assunto que a todos nos interesse, e cuja terminante decisão não pode ser por mais tempo adiada.

O mancebo fêz um movimento.

— Ouve-me até ao fim.

— Mas, meu pai, eu creio que posso adivinhar qual seja o assunto de que pretende tratar, e nesse caso...

— Não importa; ouve-me sempre.

— Uma antiga e verdadeira amizade liga-me a Guilherme; desejosos de prender-nos ainda mais estreitamente com novos laços, prometemos ambos um ao outro tornar de nossas famílias uma só família casando-te com Dionísia. Esse desejo rebentou em nossa alma quando tu e ela estáveis ainda nos berços. Sonhamos um futuro de imensa felicidade para todos nós, e o dia chegou em que ou deve realizar-se, ou esvaecer-se para sempre êsse belo sonho.

— Senhor...

— Sei tudo quanto mais pretendes dizer; ouve-me porém ainda. Tu não conheces Dionísia: primeiro, os cuidados de tua educação, depois uma longa ausência de Guilherme e sua família separaram-te daquela que te destinamos para esposa, e que assim ficou sendo para ti inteiramente desconhecida. Sem razão alguma, sem o menor fundamento, demonstraste a mais viva repugnância a êste casamento que projetamos; não foi somente indiferença por Dionísia, foi um sentimento que não tem nome, porque não posso admitir que seja ódio o que fêz rebentar em tua alma a idéia desta união. Um homem de juízo, meu filho, nem ama nem tem repugnância a uma mulher sem um motivo para isso, e eu não poderia compreender que amasses como não compreendo que desprezes a filha do meu amigo.

— Meu pai tem razão neste ponto, mas eu também a tenho. O casamento é uma aliança perpétua, um laço que só a morte deve romper; e em tal caso é justo que aquêles que assim se prendem, soldem com o amor essas cadeias, que de outro modo se tornariam pesadas e fatais.

— E por que não amarias tu Dionísia?

— Ah! meu pai! e por que amá-la-ia eu?... O amor não se obriga, rebenta espontâneo do coração.

— Mas êsse futuro que faria a felicidade de teus pais e de teus melhores amigos não tem a menor importância no teu espírito?...

— A felicidade de nossos amigos é muito e a de meus pais é tudo para mim: no entanto, eu seria ingrato se desconhecesse que a

felicidade de meus pais depende principalmente da minha, e eu seria completamente desgraçado se me casasse com Dionísia.

— E por quê?

— Porque não a amo, nem jamais poderei amá-la.

— Quem sabe?

— Eu sei, meu pai.

Eugênio sorriu.

— Meu pai duvida da força da minha vontade?

O pai tomou pela primeira vez um ar severo.

— Penso que não se trata de força de vontade, e tanto assim que ainda não mais lembrou fazer sentir a minha; não creio que meu filho fizesse o propósito de contrariar-me pelo simples gosto de parecer forte e indomável.

— Perdão, meu pai; não era isso o que eu queria dizer.

— Ainda bem! disse Eugênio serenando. Insinuava eu que era possível que viesse a amar Dionísia; e por quê não?... Afirmo-te que é uma jovem cheia de encantos e de prendas, e duvido que haja quem possa vê-la sem amá-la. Ensaíemos pois: tu frequentarás dora avante a casa de Guilherme e se, em oito dias, não te sentires dominado pelos encantos da tua noiva, não terei nenhuma palavra que dizer, nenhuma queixa a fazer pela oposição com que procuras tornar impossível este casamento.

Era tão razoável este conselho de Eugênio, que Luciano viu-se verdadeiramente embaraçado para negar-se a segui-lo; no fim porém de algum momento de reflexão, levantou a cabeça e disse.

— Meu pai, a minha frequência naquela casa seria inútil; a aliança que vossa mercê deseja é impossível.

— Impossível! e por quê?...

— Porque eu amo outra mulher, e oportunamente espero que meu pai aprove e abençoe o meu casamento com ela.

Eugênio pareceu desagradavelmente impressionado por aquela franca declaração do filho.

— E quem é essa senhora que deve ser minha filha?... perguntou êle.

Luciano corou e não respondeu.

— Como se chama ella?

Luciano mediu toda a dificuldade de sua situação, e pareceu confundido.

— Quem são os pais dessa senhora?... qual é o seu passado?... sabes se é digna de ti?... Responde-me.

Luciano ficou aterrado.

— Guardas silêncio, meu filho?... que mistério é esse?... Teu pai é o teu primeiro amigo, e deve saber tudo. Que mulher é essa que tu preferes à Dionísia?... Fala!...

— Mais tarde, meu pai, mais tarde!... disse enfim o estudante.

— Meu filho!

— Perdão, meu pai, mas eu não posso ainda satisfazer a sua justa curiosidade; juro-lhe porém que nunca me casarei sem prestar-lhe a obediência devida, que é para mim ao mesmo tempo uma obrigação e uma glória.

— Luciano, disse Eugénio; êsse mistério faria estremecer a qualquer homem prudente e ajuizado. O amor de um pai lê no futuro: cuidado, meu filho, ou eu me engano muito, ou te armam uma cilada ou zombam de ti...

— Não, meu pai!

— Sim, meu filho.

— Como pode assim afirmá-lo?

— O coração mo está dizendo: felizmente, essas intrigas não duram quando a vítima escolhida tem bastante consciência do seu dever para não esquecer-se da sua própria dignidade. Luciano, não te falarei mais de Dionisia.

— Oh! ainda bem, meu pai!

— Continua em teus loucos amôres... vai... repete tôdas as manhãs as tuas romancescas e interessantes caçadas...

— Meu pai!

— Sim... mas eu te asseguro que dentro de poucos dias, em lugar de pedir-me que aprove essa paixão imprudente por uma desconhecida que ninguém pôde dizer que não seja uma mulher perdida, por uma moça astuta e perigosa que se arma com o encanto do mistério para acender a imaginação de um mancebo exaltado e ardente, eu te asseguro que, em lugar de vir pedir-me que chame essa mulher de minha filha, virás arrependido rogar-me de joelhos que eu me apresse a realizar um projeto que fará a tua e a nossa felicidade.

Eugénio saiu, deixando o filho confundido e envergonhado.

Apesar disso, ao romper do dia seguinte já Luciano achava-se no lago do bosquezinho.

Dessa vez chegou êle primeiro...

Mas o tempo foi correndo... as horas foram passando, e a bela incógnita não aparecia.

Luciano não sabia como explicar êsse esquecimento da promessa que recebera em um doce — até amanhã!

Cansado de esperar, veio-lhe à mente correr à casa dos lavradores; teve porém medo de desgostar à bela incógnita procedendo assim.

O dia adiantava-se, e finalmente o compadre Batista veio lembrar-lhe que era chegado o momento de retirarem-se.

Luciano levava o inferno no coração.

Acabando de descer o monte, os dois caçadores montaram a cavalo e seguiram.

Batista falava por dois, e fazia bem porque falava por si e ainda por Luciano que nesse dia guardava um silêncio de finados.

Ao chegarem a um ponto da estrada em que havia uma encruzilhada, um cavaleiro desconhecido que ali estava parado, chegou-se para Luciano, entregou-lhe uma carta e imediatamente partiu a galope.

Luciano abriu a carta e leu com avidez e comoção indizível: "Luciano! adeus! Sabem que nos amamos, e separam-nos: arrastam-me para bem longe de ti... não sei para onde, provavelmente para a cidade do Rio de Janeiro. Embora! um dia, talvez bem cedo, me encontrarás inesperadamente. Adeus! deixo-te a minha alma e levo comigo o teu amor. Adeus! adeus!"

— Para que lado tomou aquêlê cavaleiro? perguntou Luciano guardando a carta no seio.

— Por ali, respondeu Batista, espantado do olhar de fogo do mancho.

Luciano enterrou as esporas no ventre do seu cavalo, que partiu à desfilada seguindo a direção indicada.

Batista sacudiu a cabeça, desatou a rir e continuou o seu caminho, depois de dizer duas vêzes, como falando consigo mesmo:

— Êstes rapazes! êstes rapazes!...

Luciano chegou à casa às duas horas da tarde, furioso por não ter encontrado o cavaleiro portador da carta da bela incógnita.

## VII

Era terça-feira do carnaval que acabamos de ver passar.

Luciano achava-se já de volta na cidade do Rio de Janeiro, e bem que na companhia de seus pais, que com êle tinham vindo, conservava-se triste, silencioso e quase intratável, como um pequeno gentio que do seio da floresta é à força trazido para o mundo da civilização.

O estudante aborrecera profunda e terrivelmente a vida do campo e as suas caçadas desde que lhe haviam roubado a sua bela incógnita: e atribuindo êsse fato à influência ou intervenção de Guilherme começara a trocar por aversão a repugnância que a princípio lhe causara a idéia do seu casamento com Dionisia.

Violento como era, esquivou-se a acompanhar seu pai à fazenda de Guilherme, e enfim, tornando à cidade, empregou oito dias inteiros a correr tôdas as ruas da capital, e a tirar informações, que nenhuma luz lhe deram, para encontrar a bela incógnita, como ardentemente desejava.

Aborrecido de tudo, aflito e inconsolável, perdida a esperança de descobrir o lugar misterioso onde lhe escondiam a amada, encerrou-se

no seu quarto, e aí ficou outros oito dias dias sonhando com a bela incógnita, e amaldiçoando Dionísia.

Alguns colegas que o vinham repetidamente visitar, procuraram debalde chamá-lo de novo à vida da alegria e das festas, e declararam a uma voz que Luciano voltara da roça completamente embrutecido, e que precisava ser de novo educado, passando outra vez pelas provações impostas aos calouros.

Chegou o carnaval.

No domingo Luciano revoltou-se contra os colegas que se esforçavam por arrancá-lo de casa, e despediu a todos no meio de uma tempestade de injúrias.

Na segunda-feira ainda o estudante deixou-se ficar no seu quarto, resistindo aos pedidos de sua mãe que se empenhava por vê-lo sair e distrair-se.

Na terça-feira enfim Luciano, que não cedera nem aos seus colegas, nem à sua mãe, obedeceu ao impulso de um mau pensamento. Veio-lhe à mente que indo ao teatro, e podendo lá encontrar a família de Guilherme teria ocasião de vingar-se em Dionísia das saudades e das aflições que estava experimentando.

Cabeça de estudante! conceber um plano e executá-lo é sempre obra de poucos momentos.

Imediatamente mandou procurar duas dúzias de trajos e disfarces, e chegados êstes, trancou-se no quarto, e depois de muito escolher preferiu um belo *Pierrot*.

Apesar de todos os seus cuidados, sua mãe observou tudo quanto êle fazia, espiando-o cuidadosa pelo buraco da fechadura da porta, e sorriu ao vê-lo trajando as roupas preferidas: sorriu talvez ou por achá-lo bonito, ou por ver que o filho resolvia a ir divertir-se.

Às dez horas da noite Luciano entrou no teatro de S. Pedro de Alcântara.

Realmente, era um *Pierrot* magnífico.

Mas ninguém diria que a sua máscara escondia o rosto de um estudante!

Luciano estêve estúpido, durante duas horas completamente estúpido, porque limitou-se a correr as salas e corredores, e a observar todos os camarotes.

O estudante perdera o seu tempo: a família de Guilherme não tinha vindo ao teatro de S. Pedro: pelo menos êle não descobrira um só homem que com Guilherme se parecesse.

A meia-noite lembrou-se Luciano de que bem podia ser que a família que procurava tivesse preferido ir ao teatro Provisório, e determinando-se logo a realizar ali o seu plano, descia da terceira ordem dos camarotes, onde então se achava, quando ao chegar à es-

cada da segunda ordem encontrou-se com dois dominós que pararam diante d'êlé.

Os dois dominós eram provavelmente um homem e uma senhora, e pelo menos assim pareciam pela diferença da estatura, do andar, e dos modos.

O mais alto dos dois, que era um *dominó preto*, disse algumas palavras ao ouvido do outro, que era um lindo e gracioso *dominó de cetim azul*, e enquanto o primeiro se deixou ficar imóvel no lugar, em que estava, o segundo, o *dominó de cetim azul*, avançou dois passos para Luciano, e tocando-lhe no ombro, disse-lhe:

— Conheço-te!

— Pouco me importa: respondeu o estudante sem atender ao *dominó azul*, e sem ao menos contrafazer a voz.

— Vim procurar-te... escuta, tornou o *dominó azul*, tomando a mão de Luciano.

Dessa vez o estudante estremeceu ao som da voz que lhe falava.

— Quem és?... perguntou.

— Prometi que um dia e cedo viria encontrar-te inesperadamente: eis-me aqui!

Luciano acabava de reconhecer a voz suave e pura da bela incógnita.

— Meu Deus! exclamou êle, e prendendo entre as suas uma das mãos do dominó, levou-o para o fundo do corredor, onde era menos numeroso o concurso.

— És tu? és tu? perguntou êle.

— Sou eu, sim! respondeu a bela incógnita atirando para trás o capuz do dominó, e libertando seu formoso rosto da máscara que o ocultava.

Era com efeito ela mesma, e mais encantadora do que nunca.

Luciano não sabia o que dizer-lhe: apertava-lhe a mão, e chorava.

— Fala! conta-me... diz-me tudo quanto contigo se tem passado! balbuciou êle enfim.

— Não, respondeu a jovem: a história fôra demasiado longa, e não nos sobra tempo. Ouve-me Luciano: amas-me sempre?...

— Oh! sempre! sempre! cada vez mais!...

— Escuta: não te lembras quando me juravas que me farias tua esposa, e que me daria o teu nome, a tua família e teu futuro, que eu te respondi então que seria tua um dia, e breve, e quando pudesse provar-te que era digna de ti e da bênção de teus pais?...

— Sim... sim... e então?

— Amas-me ainda, Luciano?...

— Muito... como nunca se amou no mundo.

— Pois o dia afortunado chegou...

— Como?...

— O dia, Luciano, é hoje!

— Hoje?...

— Dentro de meia hora, poderás ver meus pais, saber o meu nome, conhecer o meu passado e decidir se mereço a dita de ser tua esposa.

— Oh é demais! é muita felicidade nesta vida de sofrimento e de aflições!

— Vem!

— Onde?

— A minha casa, à casa de meus pais.

Luciano não pôde deixar de olhar admirado para a bela incógnita.

— Hesitas?... perguntou ela?

— Não; mas teus pais quem são?...

— Sabê-lo-ás bem depressa...

— E eles sabem...

— Tudo...

— Vamos.

O *Picrot* deu o braço ao *dominó azul*, e ao descer a escada passou junto do *Dominó preto* que se conservara ainda no mesmo lugar, em que ficara; mas logo depois sentindo que era por ele seguido passo a passo, lançou-lhe um olhar de desconfiança, e perguntou à sua bela incógnita:

— Quem é este *dominó*?...

— O teu maior amigo.

— Como se chama?...

— Pois ignoras o nome do teu maior amigo?...

— Intrigas-me.

— E' uma cousa muito natural em um baile de máscaras.

— E que quer ele conosco?...

— Sem a menor dúvida seguir-nos.

Os três máscaras tinham chegado à porta do teatro, e a um sinal do *dominó preto*, que então se adiantou alguns passos, aproximou-se um elegante carro.

— Seguir-nos?... disse admirado Luciano.

— Sim, e entrar conosco nesta carruagem.

Com efeito, o *dominó preto* saltou para dentro do carro logo que viu dentro d'ele a bela incógnita e Luciano, que cada vez mais surpreendido se mostrava.

O carro partiu.

— Para onde vamos?... perguntou o estudante.

— Que te importa, uma vez que me levas a teu lado?... disse a moça.

— Oh! mas parece que durmo e que sonho, e tenho medo de acordar.

— Tranqüiliza-te: acordaremos todos no seio da felicidade.

— Todos?...

— Sim: não posso dizer *acordaremos ambos*; porque estás vendo que já somos três...

— Mas o nosso terceiro companheiro é mudo?...

— Ah! se soubesses como o seu coração palpita de alegria, ouvindo-nos!...

— *Dominó preto*, quem és tu?...

O dominó não respondeu.

— *Pergunta-me o que quizeres: eu responderei por êle.*

— Pois começa por dizer-me o seu nome.

— Que empenho é êsse, se ainda não sabes o meu?... disse a moça com doçura.

— Quem és então?... quem és, mulher encantadora?... perguntou de novo Luciano, beijando com amor a mão da bela incógnita.

— Quem sou? pois não te diz o coração que sou a espôsa que êle te escolheu; que sou a mulher que te prendeu e conquistou-te?...

— Sim! sim! é isso mesmo!

— Vês? disse a moça com um tom de irresistível magia; eu sou a soherana, e tu és o escravo...

— Sempre!

— Ninguém te obrigou a amar-me, e tu amaste-me, e amas-me; ninguém te arrastou para junto de mim, e tu ofereceste os pulsos às minhas cadeias!... és meu! és meu escravo; não é assim?...

— Oh! e como é doce poder sê-lo!...

O carro parou nesse momento à porta de uma casa de campo.

Luciano nem tinha reparado no caminho por onde fôra trazido.

O criado abriu a portinhola da carruagem, os dois jovens apearam-se, e logo após êles o *dominó preto*.

Luciano viu a casa brilhante de luzes, como para uma noite de festa.

— Vem! disse-lhe a bela incógnita, tomando-lhe o braço.

O estudante não hesitou: o que se estava passando, começava a parecer-lhe um conto das *Mil e uma Noites*, e sua imaginação exaltada o impelia para ver o fim dêsse romance, em que êle tinha uma parte tão notável.

Entretanto o seu coração palpitou mais fortemente, quando sentiu que chegavam à porta da sala.

— Enfim! disse em alta voz a moça antes de entrar.

— Quem é?... perguntou alguém, que na sala estava.

— Sou eu, meu pai: sou eu que trago o rebelde vencido, e para sempre encadeado!

Luciano soltou um grito de surpresa encontrando-se face a face com Guilherme, a esposa dêste, e sua própria mãe, que o vieram receber com os braços abertos.

— Meu Deus! exclamou o estudante chorando de alegria; e meu pai!... onde está meu pai?...

— Disfarçado em um dominó pela primeira vez na sua vida!... disse o *dominó preto*, arrancando a máscara.

Luciano caiu de joelhos.

— Que queres? perguntou Eugênio sorrindo.

Luciano não pôde falar; mas apontou para aquela que fôra a sua bela *incógnita*, e que acabava de ser *incógnita*, continuando sempre a ser bela e encantadora.

— Não dizia eu, observou Eugênio; não te dizia eu que dentro de pouco tempo tu me pedirias de joelhos que abençoasse o teu casamento com Dionisia?...

Adivinha-se o resto. O casamento de Luciano com a filha de Guilherme vai em breve efetuar-se, o estudante, maldizendo o seu *louco orgulho* que o fazia voltar o rosto à felicidade, reconhece e diz a todos que a bela *incógnita* não perdeu nenhum dos seus encantos por chamar-se Dionisia.

O VENENO DAS FLORES



## — INTRODUÇÃO —

Dizeis que o suicídio é um ato de loucura?... a vossa opinião tem incontestavelmente um duplo merecimento: o da reprovação dessa horrível ofensa das leis naturais e divinas, por que somente a admitis no homem, cuja razão se aliena; e o da caridade pelo suicida, porque, reputando-o louco, o tornais objeto apenas da nossa comiseração.

Também eu creio que muitas vèzes o suicídio é um ato de loucura; mas quem pode assegurar que em todos os casos o seja?... Raciocinais, apoiando-vos no grito da natureza, que é ouvido e obedecido pelo instinto?... Mas vós chamaes a educação uma segunda natureza, e sabeis que ella tem a fôrça e poder de domar, de corrigir, e de corromper o instinto.

Os muçulmanos são homens e a facilidade com que se viam alguns dêles, recebendo o cordão fatal que lhes era mandado pelo sultão, apertar com as próprias mãos o nó assassino, e a placidez com que alguns outros se suicidavam muito voluntariamente, explicam-se menos por uma cega obediência, e por um ato de loucura do que pelas idéias do fatalismo e pelas esperanças daqueles gozos sensuais e eternos que a sua falsa religião estabeleceu e promete.

Lastimais a repetição dos casos de suicídios que últimamente se tem observado?... Não há lástima que mais justa seja; não sei porém o que mais se deva lastimar, se os suicidas, se a sociedade.

Lastimemos pois a sociedade, além de lastimarmos os suicidas: lastimemo-la, menos ainda pelo funesto exemplo que êstes lhe deixam, do que pelos vícios profundos que a corrompem, e que são os preparadores do desespero que determina o suicídio.

Admitindo mesmo em hipótese que o suicídio seja sempre um ato de loucura, é fácil de provar que a depravação dos costumes e uma educação defeituosa e ruim podem levar o homem, por um caminho em cujo termo não poucas vèzes a razão chegue a alienar-se, e o abismo do suicídio abra-se para receber o desesperado.

Porque a corrupção e a educação mal regrada não hão de produzir, embora por idéias e princípios diversos, o mesmo resultado que produz a religião dos maometanos?...

Falarei especialmente a respeito do que se passa entre nós; limitar-me-ei por agora a uma única, mas sem dúbida principal consideração.

Como preparamos nós a mocidade de ambos os sexos?... O Estado e os pais de família cuidam um pouco em dar instrução aos meninos e jovens; mas da sua educação e particularmente da educação religiosa tratarão eles tanto como deviam?...

Ornam-se os espíritos e estragam-se os corações!...

Saltamos de um para outro extremo. Outrora preparavam-se os meninos para serem padres ou frades, e quando o menino, tornando-se homem, não conseguia ser nem padre nem frade, ao menos ficava quase sempre sendo fanático. Corrigiu-se o erro; corrigiu-se porém de mais: hoje, em vez de fanáticos, estamos fazendo incrédulos.

Esta verdade sente-se a cada momento, todos os dias, e no entanto em lugar de se aplicar um remédio capaz de melhorar a situação, nem se atende à educação da mocidade, nem ao menos se trata de fortalecer a religião, regenerando o nosso clero pela inteligência e pela moralidade. Quem sabe?... talvez se conte muito com o potente auxílio dos frades barbadinhos e de certas corporações que vão lançando raízes no país e que não podem senão levar-nos outra vez aos tempos do fanatismo: quem sabe?... talvez se esteja sonhando e desejando a volta dos Jesuítas ao Brasil, como se fôssem precisas as suas roupas negras para que ainda mais negro se nos mostre o horizonte do futuro da pátria.

Entretanto, é positivo que a falta de educação religiosa, e religiosa sem fanatismo, deixa submergir-se a juventude nas sombras uma incredulidade fatal.

Essa incredulidade, esse ceticismo apaga a fé, e mata a mais suave e a única infinita das esperanças: a fé e a esperança em Deus.

Sem a luz da fé, sem o conforto da esperança em Deus que tudo pode, como não há de o homem enfraquecer, desesperar, ou, se quiserem, enlouquecer quando esbarra diante de uma desgraça que lhe parece irremediável e irresistível?...

Sem a luz da fé, sem o conforto daquela esperança ilimitada, infinita, o homem em tais e tão horríveis circunstâncias, não se podendo voltar confiadamente para Deus, volta-se para o suicídio; não acreditando no céu, arranca-se violentamente da terra.

Como então vos surpreendeis, vendo avultar o mapa sinistro dos suicídios?...

Não vos admireis; a árvore está dando os seus frutos; a demoralização e a depravação dos costumes não podiam nem podem produzir outros resultados.

Tende paciência: a história de cada suicida é a história íntima dos vícios que corrompem a sociedade.

A recordação e o estudo desses horríveis casos são tristes e profundamente dolorosos; podem fazer-vos chorar, eu sei; mas deverão por isso deixar de ser referidos?

Chorai, embora: não há lágrimas estéréis senão as da hipocrisia. Vou contar-vos uma dessas histórias.

Tenho-vos feito ler não sei quantos romances alegres e brincões; em compensação, permiti que eu agora vos ofereça um outro de um gênero absolutamente diverso.

Será um romance triste; mas tão simples como breve: tolerai-o: e se nem com a tolerância quiserdes animar-me, não o leiais.

O título deste romance é o *Veneno das flores*: por quê o intitulei assim?... lêde-o, se desejais sabê-lo.

## I

Cândida festejava o aniversário natalício de sua querida filha, a bela Juliana.

O brilhantismo das luzes, as ondas de mil perfumes entornados pelas flores, a viva alegria do sarau, a harmonia dos cantos não explicam a magia indizível que dava animação e enlêvo a essa festa que o amor maternal forjara.

O segrêdo desse encanto estava na idéia suave de uma aurora que pressagiava um formoso dia, na idéia do despontar do décimo sétimo ano de uma menina de surpreendente beleza, na admiração da graça arrebatadora que enchia de fulgor e de fascinação os traços angélicos do rosto, e as formas puras e maravilhosas do corpo de Juliana.

Ela brilhava no meio de trinta lindas gentis e faceiras jovens, como Vênus no seu esplendor matutino: não tinha rivais; era uma princesa formosa cercada de sua côrte magnífica.

Seus cabelos eram negros, longos e ondedados, seus olhos da mesma côr de um fixar irresistível, seu rosto de um perfeito oval e de côr moreno-clara finíssima; o seu sorrir era um prodígio de elevadora graça; seu colo admirava pela majestade; seu peito, como suas espáduas, arrebatava pelas flamas voluptuosas que acendia: a sua voz era cheia de uma celeste harmonia; e enfim tôda ela ostentava formosura como a dos anjos, delicadeza como a das flores, frescura como a do orvalho, ligeireza como a dos passarinhos, alegria como a infância.

Juliana estava vestida com uma simplicidade magistralmente calculada. Seu vestido de gaze branco, cujo corpinho degolado e liso concedia a vista de encantos que o pejo não veda, e desenhava encantos que êle resguarda, na saia ampla afigurava nuvem fantástica e dava à formosa moça um não sei quê de aéreo e vaporoso, que lhe requintava a magia da beleza.

O motivo da festa era um feliz pretexto para uma preferência que ninguém se lembrava de dissimular.

Juliana via-se incessantemente abismada em um dilúvio de felicitações e de flores.

## II

Cem vèzes naquela noite de festivo culto a bôca mentirosa da lisonja tinha pronunciado aos ouvidos da bela moça o nome — anjo.

Mas Juliana nem tinha as virtudes que emprestam na terra o nome de anjo à mulher, nem as condições para esperar na vida o gôzo da felicidade, que pode fazer do mundo um reflexo do Paraíso.

Ela era o que a educação que lhe haviam dado a tinha feito.

Filha única, foi objeto de uma idolatria para seus pais; desde criança, sua vontade e seus caprichos foram leis de amor no scio da família; desde criança soube que era formosa, mas não aprendeu que alguma cousa há preferível à beleza.

Seu pai deu-lhe mestres que abrihantaram-lhe o espirito, e ensinaram-lhe bastante para que ela aos quinze anos se pudesse reputar mais instruída do que em geral o são as senhoras.

Completaram-lhe a educação com os encantos das belas-artes.

O pai de Juliana era um homem ilustrado, mas discípulo da escola de Voltaire, e entusiasta do patriarca de Ferney, não querendo compreender que êsse gigante demolidor misturou em suas doutrinas grandes verdades com funestos erros; que em sua gloriosa guèrra contra o fanatismo foi em arrôjo fatal atacar também a pureza da religião; que no seu facho de civilizador incendiário havia fogo do céu e fogo do inferno; o pai de Juliana enregelou o coração de sua filha com um horrível ceticismo que nêle plantou, e morrendo quando ela tocava o seu terceiro lustro de idade, escapou ao castigo de ver o fruto de seus princípios no tremendo futuro que esperava Juliana; mas nem por isso deixou de ser punido; pois que embora seu cadáver fôsse molhado pelas lágrimas da pobre órfã, sua alma não subiu ao céu nas asas puras da oração de sua filha.

Passado um ano de luto, Cândida levou Juliana ao seio ardente do mundo elegante.

As sociedades abriram em par suas portas à nova e esplêndida beleza que vinha encantá-la; os turíbulo da adulação queimaram incenso embriagador aos pés da donzela; a sensualidade civilizada derramou no coração da menina o seu ativíssimo veneno misturado com o mel suave e delectoso das mais odorosas flores.

E Juliana, moça engraçada e lindíssima, foi o que a sua educação a tinha feito, caprichosa, altiva, temerária, vaidosa, acreditando inexperiente nos homens, incrédula, sem fé em Deus, tudo esperando no mundo, nada esperando do céu.

## III

Entre os mancebos que mais ardentes e cobiçosos devoravam com olhos ávidos a encantadora jovem distinguia-se Fábio, tanto pelo seu enlêvo, como pelo respeito afetuoso que lhe enfreava a paixão.

Fábio era um moço pálido, de olhos belos e penetrantes, e cuja frente alta dava testemunho de uma inteligência feliz.

Camarada da infância de Juliana, começou a amá-la em menina, ama-a ainda mais em sua esplêndida mocidade, e amá-la-á tóda a vida.

Não desconhece os defeitos da mulher que adora, não pode porém dominar seu coração; ama-a, como também o marinheiro ama o oceano, apesar de conhecer-lhe a inconstância, as tempestades e o perigo.

Anima-o a luz de alguma esperança?... sim; mas luz tão fraca e duvidosa, como a flama extrema e moribunda de uma lâmpada que prestes vai apagar-se.

Fábio é pobre; conta porém enriquecer pelo trabalho, e então correrá aos pés de Juliana, e lhe oferecerá a posição faustosa que ela aspira, e que sem um espôso rico não conseguirá jamais, pois que a fortuna de sua mãe é apenas mediocre.

Dói ao mancebo apaixonado a idéia de que é essa âncora, de ouro a única a que se pôde prender seu amor para não ser levado pela corrente do mais triste engano.

Dói-lhe; ama porém ainda e sempre, zeloso como um infeliz, da duvidosa esperança que lhe sorri no futuro, Fábio estremece ao ver algum cavalheiro aproximar-se cobiçoso da bela Juliana, e geme de aflição escutando as palavras que o galanteio entorna no ouvido vaidoso da donzela, que as recebe às vêzes simulando uma indiferença que não desanima.

São onze horas da noite: o sarau está na sua hora de mais vivo fervor.

Um novo convidado entrou na sala: é Jorge de Almeida.

Ao vê-lo aparecer, Fábio empalideceu e acanhou-se; Juliana corrou e sorriu.

## IV

Jorge de Almeida era um jovem de 22 anos de idade, bem feito e de fisionomia insinuante e simpática, apesar da ousadia do seu olhar magnético e da expressão sensual de seus lábios eróticos. Tinha o rosto claro, já porém um pouco desbotado pela fadiga e pelos excessos de uma vida tóda passada em ardentes prazeres e levada pelo caminho que ensinaram os falsos intérpretes das doutrinas de Epicuro.

Nada haveria que notar na extrema elegância desse mancebo; nas suas maneiras, no seu falar, nos seus vestidos apreciava-se esse esmalte da boa sociedade; não perdia pela afetação nem pela incúria.

Infelizmente, o coração de Jorge era frio como o mármore e árido como um solo estéril.

O pai de Jorge era um abastado e importante fazendeiro do interior; mandara-o para a corte a fim de prepará-lo para entrar em alguma das academias científicas do Império; cego porém pelo amor mais extremo, deixando-se levar pelos caprichos do filho, facilitando-lhe todos os gozos e tôdas as distrações com o ouro que fazia chover sobre êle, surdo ou prestando de má vontade o ouvido aos prudentes avisos de amigos dedicados, acabou por carregar a sociedade com o pêso de um novo e elegante libertino, em vez de oferecer-lhe um cidadão útil e honesto.

Que outro resultado podem esperar os pais que abandonam os filhos aos seus próprios impulsos, e que, ainda mais, os trazem fartos de ouro na idade em que a inexperiência é um véu que esconde o mal, a paixão um fogo em que os desejos refervem, e a imprudência a sinistra conselheira que sempre lisonjeia e precipita ainda os mais loucos anelos?...

Jorge de Almeida aprendeu pouco ou quase nada nos livros, alguma cousa na boa, muito na má sociedade.

Os livros deram-lhe apenas em uma lição incompleta e nunca meditada aquelas noções vagas e insuficientes que antes perturbam do que esclarecem o espirito, à semelhança dos raios vacilantes da lâmpada noturna do templo, que deixam afigurar-se quadros quiméricos, e imagens fantásticas nos espaços onde não chegam com a sua luz.

A má sociedade chegou-lhe aos lábios o néctar da concupiscência e de todos os gozos sensuais, néctar envenenado que êle bebeu até a saciedade; lançou-lhe no coração o germe do vício, desmoralizou-se enfim.

A boa sociedade armou-o com as exterioridades que seduzem; além de mau que era, tornou-o perigoso, porque deu-lhe um parecer de perfeito cavalheiro, e ornou-o com o sorrir que mente, com o olhar que enreda, com o agrado que atraiçoa, com a palavra que perjura.

Em sua vida tumultuosa e desregrada, em suas relações naturalmente muitas vêzes mal escolhidas, Jorge tinha já contado vinte falsos amigos e outras tantas pérfidas amantes: em breve aprendeu a rir de uns e de outras, e não sabendo distinguir as fezes da nata da sociedade, nem os seus espinhos das suas flores, descreu dela e só acreditou no poder e na influência da riqueza, que lhe abria tôdas as portas e lhe proporcionava mil deleitosos prazeres.

## V

Jorge entrou na sala, dirigiu-se logo a Juliana, e inclinando-se respeitavelmente diante dela, oferecendo-lhe um formoso ramalhete de violetas.

— Por quê tão tarde?... perguntou docemente Juliana.

— Ah! praza ao céu que eu me tivesse feito desejar! respondeu o mancebo, cravando no rosto da jovem um olhar atrevido e cheio de fogo.

— Se foi êsse o seu desejo, tornou ela abaixando os olhos, realizou-o cruelmente.

— Em tal caso receba eu um generoso perdão dessa felicidade que me custou um doloroso sacrificio de metade de uma noite d'rosa!

Juliana ofereceu a mão a Jorge, que a beijou com respeitosa cortesia para os olhos de todos, e com um ardor que somente a donzela sentiu.

Jorge foi cumprimentar a mãe de Juliana, que o recebeu com amizade e confiança.

O ramalhete de violetas era mais um depois de tantos que bem pudera passar quase despercebido; ficou porém em todo o resto da noite na mão de Juliana, que aspirando suavemente e a cada momento o doce aroma das flores, parecia querer passá-lo todo para o coração.

Amava Juliana as violetas de preferência a tôdas as outras flores, ou o encanto daquelle ramalhete provinha do mancebo que o oferecera?... Era fácil adivinhá-lo.

Todos o adivinhavam talvez, porque os homens murmuravam segredos, observando Juliana, e as senhoras sorriam olhando para ela.

No entanto, a donzela radiava de prazer e felicidade, e tão preocupada ou embevecida se achava que estremeceu ouvindo a voz de Fábio que se aproximara, sem que fôsse sentido.

## VI

— Fábio! tu me fizeste mal, disse Juliana.

O mancebo sufocou no seio um gemido pungente, e ficou alguns momentos sem dizer palavra, olhando com tristeza indizível para a formosa moça.

— Que me queres?... dize.

— Um passeio, Juliana, balbuciou Fábio.

— Não: tu és exigente de mais: já contradançasmos, já valsamos, já passeamos: hoje não tornaremos a passear.

— Um passeio, Juliana: um passeio ainda menos por mim, do que por ti.

Fábio estava tão triste que a sua camarada de infância, dêle se compadecendo, levantou-se e tomou-lhe o braço.

— Vamos, disse ela sorrindo; mas confessa que faz mau ver.

— Não, Juliana; todos sabem que somos como-dois irmãos, e que também como irmãos nos amamos.

— Como irmãos só!... tornou ela rindo outra vez.

— Juliana, tu zombas de mim como a criança que atormenta aquêle que por amá-la muito se deixa por ela escravizar, e cede sempre aos seus caprichos...

— Julgas-me pois criança, Fábio?...

— Oh! muito! muito criança és ainda, e precisas bem de um amigo devotado que vele por ti!

— E esse amigo... provavelmente...

— Serei eu, e nenhum outro o seria como eu, tu o sabes.

— Fábio, esse nosso passeio começa um pouco melancólico, o que não é muito admissível em uma festa.

— Mas indispensável é que assim seja; escutá, Juliana: tu estás ameaçada de um grande perigo...

— Aqui?...

— Aqui mesmo, e em toda a parte: na tua mão estou vendo um anúncio da desgraça que pressinto...

— Na minha mão?... será este ramalhete de violetas?... perguntou a moça, comprimindo uma risada.

— Sim, e não rias: tu aspiras com insaciável deleite essas flores, e não te lembras de que as flores às vezes têm veneno e às vezes matam.

— Oh! a violeta é uma flor sem espinhos, e tem um perfume suavíssimo...

— Juliana, os perfumes das flores podem matar.

— Não creio.

— Já se tem visto amanhecer morta a pessoa que dormiu em uma sala fechada onde se deixaram flores odoríferas.

— Agradecida; dormirei com o meu ramalhete de violetas, deixando aberta a porta do meu quarto.

— Há porém nas flores venenos de outra espécie; há o veneno de sedução, Juliana, o veneno que lança nelas o homem perigoso e fatal que as oferece a uma donzela inexperiente.

— Fábio!...

— Jorge de Almeida te faz a cõrte, e tu o amas...

— Que te importa?...

— Que me importa!... meu Deus!... Juliana, não é ciúme, é o próprio amor sem esperança que me inspira, e me obriga a falar. Foge dêsse homem, repele-o, porque é indigno de ti; não o conheces: é um libertino, um miserável estragado, corrompido pelo vício, que não respeita nem a família que o recebe, nem a honra da mulher pura que o ama.

— Fábio, disse com seriedade Juliana, compreendo o ciúme que despedaça o coração: não compreendo porém a calúnia que mancha os lábios de um amante infeliz.

— Juliana!

— Estou fatigada; leva-me à cadeira que deixei.

— Deus permita, minha amiga, que não te lembres nunca chorando do que me ouviste nesta sinistra noite!

— Sim... farei por esquecer-me, para estimar-te como dantes.

— Juliana!... atira para longe de ti êsse ramalhete de violetas! acredita no que te digo: há flores que envenenam e matam.

— Deve ser uma morte deliciosa!... uma morte de flores!...

— Criança! louca!

— Se um dia resolver-me a acabar com a vida, matar-me-ei com o veneno das flores.

— *Desgraçada! desgraçada!...*

Fábio e Juliana entraram na sala do baile, e puseram termo à sua conversação; quando porém ela sentou-se e agradeceu ao mancoço, êste repetiu ainda com um tom profético:

— Teme o veneno das flores!

## VII

Nos bailes a hora mais propícia para os namorados é aquela em que a fadiga começa para os indiferentes; então êstes olham e quase que não vêem, ouvem e quase que não escutam. E' a hora da solidão no seio da multidão, hora em que o espaço se abre para o amor, que voa audacioso de coração em coração.

Jorge de Almeida conhecia perfeitamente a teoria dos bailes, e foi portanto quando sentiu que tinha chegado aquela hora, que foi oferecer o braço a Juliana, convidando-a para um passeio.

— Deí-lhe, quando chegou, a minha mão a beijar, disse Juliana depois de alguns minutos de conversação apaixonada; diga-me: foi um prêmio ou um castigo?...

— Um prêmio que mereci, respondeu Jorge.

— Por quê?...

— Porque cheguei tarde ao seu baile pelo cuidado do nosso amor e da minha ventura.

— Longe de mim?...

— Apesar disso.

— E como?...

— Recebi cartas de meu pai e de minha mãe, e tive de entreter o portador que é um bom amigo da nossa família.

— E as cartas? perguntou Juliana ansiosa.

— Como as desejava.

— Então seus pais convêm no nosso casamento?...

— Meus pais aprovam a minha escolha; já se informaram a respeito de sua família, e dentro de um mês chegarão à côrte para abençoar sua nova filha.

Juliana reteve uma exclamação de prazer; não pôde porém abafar um suspiro.

— Suspiras, Juliana?...

— Oh! sim! e este suspiro saiu-me do fundo do coração.

— Amas-me, então?

— Ainda o perguntas?...

Jorge apertou o braço de Juliana contra o peito, e a donzela comovida e feliz inclinou a cabeça e quase que a encostou no ombro do mancebo, que sentiu em sua face o brando contacto das madeixas de sua amada.

Tinham ambos entrado em um terraço que dominava um belo jardim: as auras da noite sopravam suaves, e o aroma das flores embaçava a atmosfera.

— Oh! Juliana! disse Jorge; como está formosa a noite, e como é delicioso o aroma das flores respirado junto de ti!...

Juliana sorriu.

— De que te estás rindo?...

— De uma lembrança que tive: passei ainda há pouco com um cavalheiro que me deu uma lição sobre o veneno das flores, e que me aconselhou a que tivesse medo dos seus perfumes, que podem matar.

— Sacrilego! maldizer das flores ao pé de ti é um sacrilégio, e além do sacrilégio, é mentiu.

— Mentiu?...

— Mentiu; as flores são os turibulos do céu; junto das flores ninguém poderá ser mau, Juliana! uma idéia poética e dulcíssima, embora ousada.

— Dize...

— Uma prova de confiança e de amor...

— Qual?...

— Dá-me uma hora, em que só comigo, sem receio de indifferentes nem de importunos, passes ouvindo inocentes juramentos de amor no meio daquelas flores...

— Jorge!

— Sou teu noivo... não o podes mais duvidar: eis aqui as cartas de meus pais que deixo nas tuas mãos, autorizando-te a apresentá-las à tua mãe.

Juliana recebeu as cartas tremendo.

— Dá-me uma hora! repetiu Jorge.

— Oh! não!...

— Dá-me uma hora, ou ficarei com a certeza de que não confias em mim.

— E o dever, Jorge?...

— E o amor, Juliana?...

— Não; julgar-me-ias indigna.

— Eu sou teu noivo, Juliana!

— Embora, ainda não és meu espôso.

— Duvidas ao mesmo tempo da tua e da minha virtude. Tens razão... eu desejei mais do que podia merecer... deixemos este terraço...

— Jorge? tu te afliges?... pois nesta noite queres entristecer-me?...

— És tu que me entristeces, que me ofendes, Juliana; és tu que julgas o teu noivo indigno de um inocente favor, e capaz de uma infâmia; és tu que me abates e me injurias!...

— Jorge!... murmurou ternamente Juliana, apertando a mão do amante.

— Dá-me uma hora!

A moça não respondeu.

— De hoje em diante não deixarei de visitar-te um só dia; virei tôdas as tardes, e amanhã ou depois, quando as circunstâncias mais nos favorecem, colocarás sobre o teu piano esse ramalhete de violetas, que então estarão murchas, e que ainda assim me parecerão lindíssimas; porque me darão o sinal de que me esperas no jardim às duas horas da noite.

E Juliana nem respondeu, nem se lembrou do veneno dos flores.

## VIII

A vaidade tinha tornado Juliana ao mesmo tempo loureira e ambiciosa de riquezas.

Em loureira, pelo desejo de ser incensada e adorada, pela vanglória de se ver cercada de uma numerosa côrte de submissos namorados, como uma rainha por uma multidão de lisonjeiros cortesãos; pelo maligno prazer, enfim, de encher de inveja os corações de cem rivais, jovens vaidosas como ela, e a quem se ufanava de humilhar com o quadro de seus triunfos e de suas conquistas.

E ambicionava riquezas, porque são as riquezas que pagam o luxo, a ostentação e as festas em que ela almejava brilhar, e ser idolatrada ainda depois de casada.

E a louca de vaidade não compreendia que essa ambição de riqueza tendia a rebaixá-la, porque a levava a vender o coração, e as mais puras e suaves afeições, aviltando-se dêsse modo aos olhos de sua própria consciência.

E a loureira nem via que tesouros que fãcilmente se prodigalizam, são desestimados depressa; que sorrisos de amor e galanteios

que se concedem a muitos, perdem o encanto da sua pureza, e ficam sendo antes os brincos das fantasias do que os enlevos dos corações daqueles que de passagem os vão recebendo.

A moça loureira, por mais formosa que seja, desmerece progressivamente e na razão direta das conquistas de que se vai desvanecendo: suas vitórias são como as de Pirro, derrotas reais para a vencedora; que importa que ela desdenhe em um dia do amante que animara na véspera?... é ele, sim, que rejeita o culto dos escravos e vencidos que já serviram bastante para o esplendor dos seus triunfos; cada vencido, porém, e cada escravo que se retira desprezado, leva consigo um despójo de amor, embora fingido, uma história de galanteio finalmente, que depõe contra a virgindade do coração da conquistadora.

Bem cedo nenhum mais a ama de veras, e todos a galanteiam por insueto entretenimento de horas; e fazem da jovem loureira o recreio dos olhos, a zombaria do amor, a rosa interessante que mil borboletas festejam um momento, e abandonam sem saudade logo depois.

E sucede às vèzes que a moça loureira, no meio dos seus vôos de incostância e do galanteio, sem o pensar e sem o querer, deixa-se cativar de um homem mais hábil e astuto, e de ordinário de um homem desapiedado, que, iludindo-a com traiçoeiras finezas, prepara-lhe não um altar em que a adore, mas uma pira vergonhosa em que a sacrifique.

E a vaidosa perde-se em um casamento infeliz, ou ainda pior, em um desengano aviltante, e depois vêm as lágrimas, o arrependimento, os remorsos; lágrimas, arrependimento e remorsos, provindos daqueles gozos loucos de funesta vaidade... veneno das flores enfim.

## IX

Juliana aspirava com voluptuosidade e confiança o perfume daquelas flores, e ainda não sentia os efeitos do seu veneno.

Mas o caminho em que ia, era o caminho do abismo e da perdição.

Como tantas outras, deixara-se prender pelas asas no seu adejar contínuo e irrefletido de borboleta galanteadora.

Viu uma noite Jorge de Almeida, achou-o elegante, supô-lo talvez pretensioso, e quis encadeá-lo ao seu carro de conquistadora: irritou-se porque o mancebo ousou ou fingiu resistir: soube depois que ele era rico, e teve um pensamento de ambição; provocou-o e exultou, porque chegou a acreditar que o tinha domado.

A luta porém se havia prolongado por alguns meses, em que a simulada indiferença de Jorge de Almeida inflamara a vaidade da

formosa moça: e quando Juliana soltou dentro do coração o grito de vitória, o coração respondeu-lhe com uma confissão de derrota.

Juliana amava pela primeira vez.

O seu amor era puro, não se nódava nem com um leve pensamento de ambição, nem com o desejo de humilhar seus rivais; tôdas essas idéias tinham passado; o seu coração estava exalando o virginal perfume de um sentimento generoso, nobre, santo,

Se Jorge de Almeida fôsse pobre como o obscuro artesão que tem de seu o fruto do seu suor no trabalho de cada dia, Juliana ainda assim o quisera, ou talvez assim o preferira.

A vencedora estava pois vencida; a conquistadora que procurava ainda um escravo, tinha encontrado um senhor, e dobrava-se contente aos ferros do seu cativo.

Mas a lembrança do passado, que era um recente passado de ontem, fazia mal a Juliana.

Quem poderia acreditar na sinceridade do amor da moça loureira? Duvida-se ainda mais da mulher do que se duvida do homem.

Jorge de Almeida, libertino e incrédulo, desejava a posse de Juliana: não a amava porém; descreia da paixão de que ela parecia possuída; atribuía ao encanto da sua riqueza a fortuna daquela nova conquista, e fingindo-se também abrasado nas flamas de um amor irresistível, prometia-se não perder a felicidade brutal que se lhe antolhava provável.

Uma grande desgraça anunciava-se portanto iminente: gôta a gôta já se estilava o veneno das flores; era horrível, era porém uma consequência filha legítima dos princípios: era cruel, mas era lógico.

## X

Jorge de Almeida tinha pedido a Juliana uma entrevista no jardim às duas horas da madrugada.

Dois dias haviam passado depois da festa dos anos de Juliana e nas tardes de um e outro Jorge de Almeida não se esquecera de vir fazer a côrte à sua amada e noiva.

Cândida recebera e tratara o mancebo como a um filho; tinha lido as cartas dos pais de Jorge, e não podia mais duvidar do próximo casamento e do *brilhante futuro* de sua filha.

Juliana saudava a chegada do seu noivo com um sorriso que se abria em seus lábios, e que aos lábios chegava partindo do coração.

Ficando às vèzes na sala a sós com a formosa moça, Jorge de Almeida reiterava suas instâncias, pedia de joelhos, queixava-se e maldizia-se por não merecer a entrevista, que era o sonho querido do seu amor.

Mas em um e outro dia Jorge de Almeida teve de despedir-se e de retirar-se, sem ver o suspirado ramalhete de violetas descansando sobre o piano.

O augélico sentimento do pejo defendia a virtude da donzela.

Juliana apaixonada e amante violentava-se para resistir aos instantes pedidos, às lágrimas e às queixas amargas do homem que ia em breve ser seu marido; mas o santo pudor dava-lhe fôrças para a luta; e quando no combate reconhecia-se quase vencida, escapava ao vencedor acendendo-lhe uma esperança.

— Amanhã, dizia ela,

E assim o disse na primeira e na segunda tarde,

E ainda no terceiro dia ela repetiu tremendo:

— Amanhã.

## XI

Essa esperança do dia seguinte concedida ao amante era uma sinistra ameaça que à sua virtude fazia a donzela.

Por que não compreendia Juliana que ainda mais do que o seu pudor, devia a sua razão opor uma barreira indestrutível ao pedido repreensível e indigno do seu amante?

*Amanhã* era uma evasiva inspirada pelo pudor.

A resposta única da razão devia ser *nunca*.

Por que não respondia Juliana com a razão?... E' que a razão desampara a jovem dominada pelo amor que se desmanda elevando-se à paixão, e só o escudo celeste do pejo fica para impedir... ou retardar a perda da donzela a quem o sedutor procura arrastar para um abismo.

E para quem poderia voltar-se Juliana, pedindo conselho, proteção, auxílio e luz?...

Para sua mãe?... não se animaria nunca; temeria vê-la justamente irritada lançar fora o homem insolente que dirigira proposição tão injuriosa à sua filha,

A Fábio?... era um rival e um inimigo de Jorge de Almeida, pois que o reputava indigno até de entrar no sacrário de uma família.

— Então a quem?...

Quando os nossos olhos não acham recurso na terra, levantam-se naturalmente para o céu, e procuram o auxílio de Deus.

Fala-se a Deus com a esperança, com a fé, com a oração, e Deus responde, serenando a tempestade que agita o seio do aflito, e iluminando o seu espírito.

Mas Juliana era incrédula; não tinha fé, e zombava, pobre infeliz, do recurso da oração.

## XII

Fábio não tinha mais aparecido na casa de Cândida depois daquela noite de sarau para elle tão triste; no quarto dia porém, a saudade, o amor, e um nobre interêsse o levaram ao teto querido.

Era de tarde, mas ainda cedo.

Juliana estava no seu quarto acompanhada de sua mãe, e aí mesmo recebeu o mancebo a quem a confiança quase fraternal dava direito a semelhante liberdade.

Cândida estimava Fábio, adivinhara o amor que elle tributava a Juliana, sentia não poder abençoar a união dos dois jovens; mas por isso mesmo e no ponto em que se achavam as cousas, entendeu que lhe cumpria apagar logo e para sempre a débil flama da esperança que porventura se conservava ainda acesa na alma do desgraçado amante.

Assim, depois de breves momentos de conversação, Cândida deu parte a Fábio do ajuste de casamento de Jorge de Almeida com Juliana.

O mancebo, ao receber a cruel noticia, tornou-se pálido, como se o véu da morte por seu rosto se houvesse estendido: seus olhos cerraram-se, e duas lágrimas, expressão eloquente de uma dor profunda abafada com esforço no coração, vieram rolar por suas faces.

Cândida não pôde resistir sem abalo ao aspecto daquele mudo e imenso padecer, e sentindo-se fortemente comovida, levantou-se e saiu.

— Fábio! disse Juliana; meu amigo... meu irmão, que é isso?...

— Tu o perguntas, Juliana?... murmurou o mancebo, quando pôde falar.

— Não podíamos ser um do outro e...

— Oh! exclamou Fábio; pois bem! mas não devias ser d'elle! devias fazer a felicidade e a glória de um homem extremoso e honrado; nunca porém ser o prêmio concedido á libertinagem e ao cinismo!

— Senhor!

— Ainda é tempo de salvar-te, e ninguém me impedirá de dizer a verdade. Juliana! Jorge de Almeida é um infame, e procura seduzir-te.

— Exvergonha-te, Fábio, e arrepende-te da calúnia que profestiste! disse Juliana, correndo ao seu toucador, e tirando d'elle as cartas dos pais do Jorge, que ella entregou ao mancebo.

— Embora! tornou este depois de ler as cartas e de vencer um primeiro movimento de surpresa: estas cartas me confundem;

mas ainda assim eu desconfio das intenções dêsse homem... embora, sim! êle é sempre um infame.

— Fábio, tu ousas insultar diante de mim aquêle que em breve será meu marido?

O mancebo respondeu a estas palavras com um gemido surdo e pungente; não se submeteu porém, nem guardou silêncio. Um pouco exaltado pelo ciúme, e realmente muito interessado pela sorte de Juliana, referiu um por um todos os fatos escandalosos que tornavam a vida de Jorge de Almeida uma longa história de orgias, de seduções e de desmoralização.

Juliana, perdendo enfim a paciência, ferida no seu amante, como uma mãe em seu filho, levantou-se irritada:

— E' de mais! bradou, e pois que a consciência do dever não lhe ensina a respeitar-me, ensine-lho o meu solene desprezo.

E saiu, voltando as costas a Fábio, que indo precipitar-se em seguimento dela, passou por diante do toucador, e viu sôbre êle o ramallete de violetas que Jorge oferecera a Juliana na noite do sarau.

— Oh! exclamou êle, o ramallete infernal!...

E apoderando-se das flores já murchas, correu como um desvairado, e atravessava impetuoso a sala, quando parou a um grito de Juliana.

— O meu ramallete!... ah! Fábio? o meu ramallete!...

O mancebo voltou-se arrebatado, e vendo diante de si Juliana lacrimosa e suplicante, lançou sôbre ella um olhar de comiseração terrível, e atirando o ramallete em cima do piano, desapareceu.

### XIII

Juliana estava ainda profundamente comovida e imóvel, no mesmo lugar em que Fábio a deixara, quando Jorge de Almeida entrou na sala.

A presença de seu noivo sossegou em breve a donzela que, receosa de alguma rixa entre os dois mancebos, fêz um segredo da cena que acabava de passar-se.

Jorge vinha radiante de prazer, e com indizível satisfação entregou a Cândida uma carta de seu pai e a Juliana outra de sua mãe, em que ambos manifestavam a sua aprovação ao casamento do filho, e prometiam estar na côrte no fim de dez dias.

O resto da tarde e o princípio da noite foram de suave embriaguez e de encanto para os dois noivos.

Juliana embevecida não podia arrancar os olhos do rosto de Jorge; nada mais via nem sentia.

Jorge nunca se mostrara mais carinhoso nem mais terno.

52573494  
A

As dez horas da noite levantou-se para sair e aproveitando um momento em que Cândida, por calculada casualidade, se dirigira à janela, aproximou-se do piano, beijou três vezes com apaixonado fervor o ramalhete de violetas, e logo depois retirou-se.

Juliana deixou-se cair quase desmaiada em uma cadeira, soltando um triste gemido.

## XIV

Era meia-noite.

Juliana estava só e velava ansiosa em uma sala contígua à do seu toucador e afastada daquela onde no interior da casa, já a essa hora, dormia tranqüilamente sua mãe.

A sala em que se achava a donzela tinha uma porta que se abria para o salão principal, e que estava trancada; outra pela qual se passava para o terraço, donde se descia ao jardim por uma bela escada de pedra: essa porta estava também fechada; tão de leve porém, que seria fácil abri-la sem ruído; uma janela finalmente olhando para o jardim, e que se deixara apenas cerrada e com a vidraça erguida.

Uma vela ardia solitária na sala do toucador e derramava fraca e escassa luz pela extensão daquela em que Juliana se conservava misteriosamente velando.

Sentada junto de uma pequena mesa, sôbre a qual descansava um dos braços nas, com seus cabelos soltos em multidão de bastos anéis que caíam sôbre as suas espáduas magníficas, trajando um vestido branco que fazia lembrar a mortalha de uma virgem, Juliana esquecida de si mesma no seio daquela meia sombra de uma sala mal esclarecida; muda e só, pensativa e agitada, e apenas exalando de momento em momento dolorosos e profundos suspiros, podia comparar-se ao cisne que, abandonado no lago, adivinha a água ainda distante, solta o seu grito pungente, mas não foge, e, como resignado, espera a hora do terrível sacrifício.

Com os olhos fitos em uma pêndula que distinguia a alguns passos diante de si, não podendo apreciar o movimento regular e progressivo dos ponteiros anunciadores da marcha incessante do tempo, ela escutava aquêle monótono *tic-tac*, que parecia responder a cada palpar do seu coração, como se o pêndulo vibrador pudesse estar lendo em sua alma, e marcando de momento a momento uma acusação da sua consciência.

É de cada vez que o sino da igreja vizinha, perturbava o silêncio da noite, dava sinal de um quarto de hora já passado, um estremecimento nervoso agitava o corpo delicado da donzela, e uma gôta de suor caía-lhe pela fronte sôbre o colo.

Pela janela que ficava entreaberta, entravam as auras da noite, que iam cobiçosas brincar com os anéis de madeixa da formosa moça,

e perfumá-los com os aromas roubados às flores, e como turificadores incessando uma vitima prestes a sacrificar-se.

E o sino se fêz ouvir ao perto quatro vêzes seguidamente e logo depois, com dobre mais grave, ainda uma vez.

Juliana estremeceu com mais violência do que até então, e balbuciou convulsa:

— Uma hora!...

## XV

Juliana esperava Jorge de Almeida.

Um successo imprevisto e não calculado tinha favorecido os projetos audaciosos do sedutor, e determinando a concessão involuntária dessa entrevista noturna, em que a virtude da apaixonada donzela ia ficar exposta aos maiores perigos.

Fábio havia, sem o pensar, arrojado Juliana naquele abismo, atirando o ramallete de violetas sobre o piano.

A donzela vendo chegar o seu noivo, esquecera o fatal ramallete, e somente dêle se lembrara quando Jorge de Almeida o fêz aparecer a seus olhos, beijando-o três vêzes.

O gemido que então escapou do seio de Juliana, foi o grito supremo de sua inocência terrivelmente ameaçada.

Juliana não tinha concedido a entrevista já tantas vêzes pedida pelo seu amante; reconhecia porém que êste devia contar com ela e aproveitar-se do afortunado sinal.

Se por instantes ela desejava que Jorge de Almeida perdesse a lembrança de uma concessão para êle tão lisonjeira, logo depois sua vaidade despertada tremia, receosa de um esquecimento que chegaria a parecer um desprezo.

A virtude oferecia a Juliana um único recurso, e determinava-lhe não descer ao jardim à hora aprazada, faltar absolutamente à entrevista, que realmente não fôra concedida, e no dia seguinte explicar ao seu noivo com franqueza e verdade a causa dessa falta, e o motivo daquele *qui-pro-qué*, que era tão ofensivo da sua honestidade e da sua pureza.

Mas, preciso é repeti-lo, o que tinha até então defendido a donzela não era a razão, era o instinto; não era a consciência do dever, era o sentimento do pudor; e essa barreira que se apunha à satisfação do empenho criminoso de Jorge de Almeida, tinha desaparecido com o concurso involuntário de Fábio.

O pudor soírrera apenas uma angústia rápida e instantânea quando Jorge beijara o ramallete de violetas: a angústia estava passada, a grande dificuldade vencida.

E diante da consciência do dever, Juliana apadrinhava-se com um pretexto, dizendo a si mesma que não fôra ela a culpada da concessão da entrevista.

A paixão inventava ainda outros sofismas para escusar um passo que era uma falta gravíssima, um erro que ganhava já com um prévio remorso a alma de quem o cometia.

Juliana lembrava-se de que não tivera tempo de esclarecer Jorge de Almeida sobre o caso imprevisto que lhe dava lugar a supor que seria esperado no jardim naquela noite, e contando que ele viesse ao encontro tão almejado, receava que Jorge, se inútilmente a esperasse ressentido e aflito, pudesse chegar a fugir-lhe e a esquecê-la.

E demais aquêlê extremoso mancebo, que pouco antes viera, tão contente e feliz, apresentar as cartas em que seus pais abençoavam a escolha do seu coração, e se apressavam a manifestar tais sentimentos à própria família pela sua amada, aquêlê mancebo que assim se prendia pela sua honra e pela honra de seus pais, não deveria alcançar também uma prova imensa da mais completa confiança?...

A donzela sofismava perante o tribunal justíssimo da sua consciência, como uma delinqüente que treme aos olhos do seu juiz.

Juliana não comperendia que uma mulher exaltada por um amor violento e ameaçada pela sedução precisa defender-se ainda mais dos impetos de sua mesma paixão do que dos laços que lhe arma a habilidade e a experiência sinistra do sedutor.

E ela aí estava só, atenta e muda, escutando o som monótono do pêndulo que vibrava, calculando os minutos que passavam, e ouvindo com abalo e comoção o dobre do sino que marcava na igreja vizinha, de quarto em quarto de hora, a medida do tempo que se adiantava.

A aí ficou imóvel, mas anelante, cheia de ansiedade, de receio e de temores, até que finalmente ouviu o sinal da hora aprazada e suprema.

— Duas horas!

## XVI

Aquêlê dobre de um sino lúgubre, que anunciava um prazo de amor desvairado, fêz Juliana levantar-se e cair de novo na cadeira, como ferida por um choque elétrico.

Logo depois comovida e trêmula foi a uma porta da sala do seu toucador encostar o ouvido temeroso para assegurar-se de que sua mãe dormia, e, voltando logo, encostou-se cuidadosamente à janela que deixara meia aberta, e esperou agitada e inquieta.

Não esperou muito tempo.

No silêncio da noite distinguiu-se o ruído de uma chave com que uma cautelosa mão abria o portão de ferro do jardim, procurando abafar o estalo da fechadura.

Juliana nem ao menos refletiu que essa chave estranha que facilitava a entrada para o jardim da sua casa era o indício veemente

de um projeto premeditado com um desvelo minucioso, que tinha sabido preparar tôdas as condições para a sua fácil execução.

Um momento depois de aberto o portão, a areia gemeu sob os passos de alguém que de manso vinha aproximando-se do terraço, e em breve uma voz meiga, mas contida pelo receio, murmurou baixinho:

— Juliana!...

Jorge de Almeida tinha visto a janela entreaberta, e adivinhou que a sua imprudente noiva o esperava naquela sala.

Juliana, temerosamente ainda, como porém se sentisse irresistivelmente atraída pela voz terna que a chamava, deixou a janela, abriu devagar a porta do terraço, deu um passo para fora, e viu em baixo e junto da escada o vulto de um homem embuçado em uma capa negra.

A donzela não pôde reprinir um movimento de temor.

— Sou eu, Juliana! disse Jorge com amor; vem! vem, minha bela noiva!

Juliana agarrou-se ao corrimão da escada e desceu com passos mal seguros, parando de degrau em degrau para respirar e alentar-se.

Jorge de Almeida ajoelhou-se, e beijou com respeito a mão que Juliana deixara livre.

— Juliana! minha Juliana!... balbuciou êle.

Em vez de responder, a donzela chorou.

Oh! não derramava ainda lágrimas de acerbo arrependimento; era a sua inocente pureza de virgem que se ressentia daquele primeiro e violento sacrificio.

Era a mimosa flor do vale que, tocada pelo primeiro tufão da tormenta que rugia ao longe, dobrava já sua haste delicada, embora não tivesse murchado ainda.

— Oh! Juliana! disse Jorge com ternura; o teu pranto é provavelmente uma injúria que fazes à minha honra! No branco céu de tua alma de donzela inocente e pura expandiu-se talvez a nuvem escura e feia de um temor que me avilta! Quem sabe se confundes um amante respeitoso e dedicado com um sedutor infame! Juliana!...

A voz de Jorge de Almeida era como uma suave harmonia, e, penetrando delectosa na alma apaixonada da moça, estancou-lhe pouco a pouco as lágrimas e dissipou-lhe o medo.

— Oh! minha bela noiva! continuou êle, sempre de joelhos; tranqüiliza-te, e confia em mim: tu serás como a imagem de uma santa que se tira do altar para se adorar de mais perto e beijá-la nos pés com religioso fervor, e que outra vez se coloca em seu sagrado trôno, intacta e pura como tinha dêle saído. Oh! amaldiçoado fôsse

eu por meus pais, se um instante só ousasse levantar olhos sacrílegos para o anjo que deve ser a guarda da minha felicidade futura! tu és minha noiva, serás em breve minha esposa, e a tua honra é a minha honra!...

Juliana suspirou.

— Juliana!...

A donzela ergueu a fronte abatida, olhou com olhos de amor para Jorge de Almeida que estava a seus pés, e pousando suas mãos brancas e leves sobre a cabeça do mancebo, murmurou docemente:

— Jorge!...

A confiança entrara no seio da vítima inexperiente.

A sedução acabava de alcançar a segunda vitória contra a inocência e o pudor.

## XVII

A lua brilhava no céu clara e formosa; as flores exalavam suavísimos aromas; a viração soprava brandamente, ciciando nas fôlhas das árvores; a hora era de misterioso silêncio, o jardim uma poética e deleitosa solidão.

— Juliana, disse Jorge; abençoada seja a confiança que renasce em teu seio de anjo, e que em mim depositas, levantando-me até à altura da tua virtude!...

— Tu és meu noivo, Jorge, e eu confio em ti, como no protetor desvelado que um destino amigo me vai outorgar.

— Ainda bem, minha formosa noiva! apóia-te pois no meu braço, e passemos por entre as flores!...

— Oh! por que não ficaremos aqui!...

— Porque o sussurro das nossas palavras, embora murmuradas quase ao ouvido um do outro, poderia talvez provocar a curiosidade de alguém que ainda não dormisse, e que o percebesse; porque através das grades do jardim alguém que pela rua passasse, poderia ver-nos; porque enfim um acaso infeliz é possível, e se te vissem comigo a esta hora, padeceria o teu crédito, que depois do teu amor é o meu maior tesouro.

— Não, Jorge; nós estamos seguros neste lugar; não o deixaremos, eu to peço!...

— Ainda tens medo do veneno das flores, Juliana?... perguntou Jorge sorrindo.

— Talvez, respondeu sem pensar no que respondia, a bela moça.

— Oh! Juliana! dir-se-ia que é a desconfiança que de novo aparece no teu espirito.

— Jorge!

— Paciência; não insisto mais, tornou o mancebo com uma voz sentida; devo contentar-me com o que já fizeste por mim: abrindo

a porta daquela sala, descendo a escada dêste terraço, deste-me muito mais do que eu podia merecer.

Juliana sentiu-se comovida pelas palavras melancólicas do seu amante, arrependeu-se da resistência que opusera ao convite que êle lhe fizera, e, tomando-lhe o braço, disse com doçura:

— Vamos, Jorge! vamos!

### XVIII

E os dois amantes passearam por entre as flores, ao clarão do luar, que cada vez mais brilhante parecia mostrar-se, e no seio daquela *solidão deliciosa, em que respiravam perfumes embriagadores*, e em que o silêncio era somente interrompido por seus juramentos de amor.

Juliana ia pouco a pouco banindo de sua alma todo o instintivo receio que determinara suas fracas hesitações; ia pouco a pouco e sem sentir quebrando os laços do delicado pejo, que ao mesmo tempo a acanhava e defendia; e pouco a pouco ia abandonando-se a uma segurança imprudente, que a tornava cega ao perigo que corria, e surda ao clamor da virtude que se alvoroçava ressentida.

Jorge procedia com habilidade consumada: não querendo comprometer-se por precipitado, mantinha-se dentro dos limites do mais escrupuloso respeito em suas ações; não tinha ousado tocar com seus lábios nem as faces, nem os cabelos de Juliana, nem com um leve movimento do seu braço procurara apertar ao peito a mão formosa e leve da encantadora moça.

Falando à sua noiva, não lhe dirigira uma só proposição que não pudesse repetir aos ouvidos de todos, ou enunciar em alta voz no meio de uma assembléa; discorrendo porém sobre o amor, e como se deixasse levar por uma inspiração arrebatadora, encadeava sofismas graciosos que produziam conseqüências que pareciam verdadeiras, e eram apenas erros perigosos e lições disfarçadas de um sensualismo vergonhoso; pintava o quadro do amor com as tintas de uma luxúria dissimulada, de modo que se fizesse contemplar e aplaudir sem temor e sem desconfiança pela donzela, que sem o perceber abria o coração à voluptuosidade e deixava acender-se nêle uma flama traiçoeira e infernal.

E assim iam os dois amantes passeando e conversando tão esquecidos do mundo e do tempo, que Juliana sorriu ouvindo o sinal de três quartos depois das duas horas, e disse:

— Oh! como passou voando esta meia hora de passeio, Jorge!...

— *Malditas sejam pois as asas do tempo que voa, quando devia arrastar-se preguiçoso!* e glória ao amor que sabe aproveitar as horas, que fogem rápidas! passemos...

— Sinto-me um pouco fatigada: voltamos; vamos sentar-nos em um dos bancos do terraço.

— Juliana! temos diante de nós um caramanchão que nos oferece um banco de relva!

Juliana deixou-se levar como uma pobre cega pela mão do perdido condutor.

## XIX

O caramanchão era aberto por três lados, e tinha o outro lado e o teto coberto por um tapete de verdura formado por trepadeiras de flores odoríficas.

O banco de relva que havia no caramanchão estava molhado do orvalho.

Jorge tirou do braço a sua capa, desdobrou-a, estendeu, sobre a relva, e fazendo sentar Juliana a seu lado, disse pela vigésima ou trigésima vez:

— Ah! como tu és formosa, minha querida noiva!...

— Eu quisera parecer sempre formosa a teus olhos, Jorge; formosa porém não sou eu: formosa é esta lua tão brilhante e serena! formoso é este céu tão limpo de nuvens! formoso é este jardim tão coberto de flores que embalsamam os ares! formosa é esta noite tão rica de encantos! formosa enfim é esta solidão tão cheia de amor inocente e puro!

— Juliana! a tua alma se abre finalmente, livre de vãos temores, às emoções enlevadoras e férvidas do mais nobre dos afetos!... fala mais, fala; porque tuas palavras me parecem os ecos que respondem às falas que do meu coração têm rompido para os meus lábios!

— Jorge! Jorge! o mais que eu sinto não se diz, porque é impossível; eu te amo! eis tudo.

O sino do templo vizinho dobrou anunciando três horas da noite.

Jorge sentiu como um brando choque, pois estremeceu ligeiramente; não dando porém a perceber a impressão que recebera, disse logo:

— Juliana, não te esfrie esse entusiasmo pela solidão: dentro em pouco serás minha esposa: tu és o encanto das mais brilhantes sociedades, és a flor mais bela do jardim elegante da nossa capital; eu não ousarei roubar-te à admiração e ao culto das nossas assembleias, não te privarei das festas em que és sempre a rainha, não; mas hei de pedir-te algumas vezes o sacrifício de breves dias em que eu te leve a uma solidão propícia e deleitosa, em cujo seio eu te adore, e ninguém perturbe o meu culto, e ardente e apaixonado eu me farte de beijar os teus olhos que me tornaram escravo, e o teu peito, onde tenho meu trono de amor!...

Jorge falava com veemência calculada; alguma cousa porém devia preocupá-lo não pouco; porque uma ou outra vez sua cabeça se voltava de leve, e o seu ouvido como que procurava um som estranho e longínquo.

Juliana muito enlevada para poder notar naqueles ligeiros sinais de uma impaciência inexplicável, respondeu a seu noivo:

— Jorge! doravante eu quero ser bela somente para ti, quero a solidão contigo não para um dia, mas para sempre; porque a minha vida, o meu futuro, e a minha felicidade dependem só e exclusivamente do teu amor!

— Juliana!... exclamou o mancebo com paixão e apertando entre as suas uma das mãos da donzela; Juliana!... minha Juliana!...

A moça não retirou a mão que o mancebo apertava, e nesse momento souu não muito longe um canto que pouco a pouco veio-se aproximando.

Um sorriso quase imperceptível passou pelos lábios de Jorge de Almeida.

## XX

A voz que cantava era de homem, suave porém e melodiosa, tão cheia de sentimento que passava dos ouvidos ao coração de quem a escutava.

É o canto, quebrando o silêncio das desoras, tinha alguma cousa de irresistível encantamento.

Juliana disse:

— Alguém passa cantando, Jorge!

E Jorge respondeu apertando a mão da donzela:

— Escutemos, Juliana.

A voz dizia assim no seu canto:

Esta lua tão formosa,  
Esta noite deleitosa,  
Este céu de láctea côr,  
Este silêncio profundo,  
Este repouso do mundo,  
E' tudo encanto de amor.

O canto parou por momentos.

— Como é belo este canto! disse Juliana suspirando.

— E' porque exprime os puros sentimentos do coração, respondeu Jorge.

E o mancebo levou aos lábios a mão que apertava, e beijou-a muitas vêzes.

A voz continuou a cantar com dobrada suavidade.

Enquanto dura êste enleio,  
Triunfam de um vão receio  
Os que se amam com ardor,  
Vencem do pejo os rigores,  
E vão no meio das flores  
Trocar protestos de amor.

— Juliana... minha noiva! exclamou Jorge.

Juliana não respondeu, antes procurou afastar-se do apaixonado mancebo, que a reteve junto de si, segurando-a pela mão que continuava a beijar, e abraçando-a docemente pela cintura, que o braço atrevido não abandonou mais.

O canto ouviu-se ainda:

A lua discreta e nobre,  
E da noite o manto còbre  
Beijo roubado ao pudor;  
As flores o beijo ouviram,  
As auras dêle sorriram,  
Mas ganhou um beijo de amor.

O canto cessou, e ao mesmo tempo Jorge de Almeida abraçou ainda mais ternamente Juliana, e ousou depor nos lábios da donzela um beijo ardente e voluptuoso.

.....

## XXI

Eram onze horas da manhã.

Juliana estava pálida e melancólica; esforçava-se por encobrir a tristeza que a abatia, mostrava-se por momentos alegre e satisfeita; mas logo depois caía em nova e sombria meditação.

Cândida sentada em frente de sua filha observava-a cuidadosamente.

Ao meio-dia, recebeu Juliana um bilhete em que Jorge de Almeida lhe repetia os seus juramentos de amor e de constância.

O bilhete dissipou em parte a melancolia de Juliana.

Cândida retirou-se mais sossegada, vendo a filha dirigir-se serena e quase contente para a sala e dali sentar-se ao piano.

Mas Juliana tocou apenas durante alguns minutos, porque de súbito seus dedos ficaram imóveis sôbre o teclado, e seus olhos afo-garam-se em pranto.

Logo depois ouviram-se os passos de alguém que subia a escada.

Juliana enxugou as lágrimas, e, enfeitando o rosto com um mentiroso sorriso de alegria, levantou para receber a pessoa que ia chegar.

Fábio entrou na sala.

— Como vem risonho hoje! disse-lhe Juliana.

— Sim, Juliana, respondeu o mancebo; venho contente e feliz, porque achei um meio seguro para salvar-te do perigo que estavas correndo.

— Salvar-me!.. exclamou a moça aterrada.

— Eu não me enganei, continuou Fábio; Jorge de Almeida procurava seduzir-te.

— Seduzir-me!

— Juliana, vai buscar as cartas que esse miserável te entregou, dizendo que eram escritas por seu pai.

— As cartas?... e para quê?..

— Para demonstrar-te que são falsas.

A moça correu como louca para dentro, e em breve voltou, trazendo as cartas.

Fábio examinou a letra e repetiu com segurança:

— São falsas.

— Oh! é impossível!.. bradou a infeliz moça.

Fábio tirou do bolso algumas cartas que trazia, e mostrando-as a Juliana, continuou:

— Estas sim são do pai de Jorge; eu as obtive de um negociante que foi correspondente dêle, e que deixou de o ser, aborrecido das exigências e das indignidades dêsse mancebo.

Juliana, comparando as cartas, reconheceu à primeira vista a mais completa diferença da letra.

— E não é só isso, Juliana; há mais alguma cousa.

— Que mais?... que mais?... perguntou a moça, torcendo com força as suas mãos delicadas.

— Jorge de Almeida, proseguiu Fábio, deve dentro de dois meses casar-se com a filha de um rico capitalista desta cidade, e logo depois partir com a sua noiva para a Europa.

— Fábio! Fábio! bradou Juliana com desespero; dize-me que estás mentindo!..

— Não, respondeu Fábio; não menti; afirmo-te que é exato tudo quanto acabaste de ouvir.

A moça ajoelhou-se aos pés de Fábio, levantou para êle mãos suplicantes, e disse chorando:

— Oh!... assegura-me que mentiste!.. é indispensável que tenhas mentido, Fábio!.. essas cartas que me apresentastes não

são verdadeiras; este casamento de que me falas é uma falsidade... Oh!... dize-me que estás mentindo, Fábio!...

— Juliana, eu juro pela minha honra, e pela salvação das almas de meu pai e de minha mãe, que te disse a verdade e somente a verdade.

A misera jovem fitou um olhar desvairado no rosto de Fábio.

— Agradeço a Deus, continuou o mancebo, agradeço a Deus o ter-me concedido a glória de descobrir tudo isso ainda a tempo de salvar-te.

— E' tarde! murmurou Juliana, mas em voz tão baixa que Fábio não pôde ouvi-la; é tarde! agora é muito tarde!

E caiu desmaiada.

## XXII

Juliana estava arrastando longos dias e tormentosas noites de arrependimento e de remorso.

Tôda a esperança de felicidade e de futuro se apagara de uma vez para sempre no coração da infeliz moça.

As lágrimas que ela chorava escondida começavam a abrir um sulco em suas faces mimosas e belas.

Seus lábios não sorriam mais senão com um fingimento que a ninguém ludia.

Juliana sentia que era desgraçada, e que a sua desgraça era irremediável.

Fábio tinha-lhe dito a verdade.

Depois da impressão terrível que produzira em Juliana a notícia do próximo casamento de Jorge de Almeida, e a demonstração de falsidade das cartas que este apresentara em nome de seu pai, a moça concebera uma dúvida consoladora, e abraçara-se com a idéia de que Fábio, inspirado por um vil e indigno ciúme, procurava enganá-la.

Em breve porém teve Juliana de reconhecer que fazia uma nova injustiça ao seu pobre, mas honesto e extremo amante.

Jorge de Almeida apareceu aos olhos da sua noiva, e dela ouvindo tristíssimas queixas de mistura com a relação da sua perfídia e do seu crime, jurou que era vítima de uma negra calúnia, e saiu precipitado, asseverando que voltaria antes de duas horas com as provas irrecusáveis de sua inocência.

E, Juliana esperou duas horas, e depois dois dias inteiros inutilmente, porque Jorge de Almeida não voltou mais, e só em lugar d'êle chegou no terceiro dia o desengano.

Jorge de Almeida escreveu uma carta a Cândida, mostrando-se ressentido das suspeiças injuriosas de Juliana, e retirando por isso a palavra de casamento que lhe tinha dado.

O sedutor não ousou escrever uma única palavra a sua vítima.

A despedida e desenganos eram feitos com selvática rudeza; mostravam-se porém dignos da moralidade do algoz.

Cândida, acabando de ler a insolente carta, levantou colérica os olhos para o céu e imprecou vingança.

Juliana, que ouvira a leitura daquela horrível sentença que a condenava, curvou a cabeça, e embebeu os seus olhos na terra, como se quisesse esconder a sua vergonha.

— Levanta a cabeça, minha filha, disse enfim Cândida, concentrando a sua cólera; anima-te, consola-te: êsse miserável não te merecia; levanta a cabeça!

Juliana ergueu a fronte, e olhou tristemente para sua mãe, sem lhe dizer palavra; mas sua consciência lhe estava respondendo que não podia mais levantar a cabeça diante de Jorge de Almeida.

### XXIII

O projeto de casamento de Jorge de Almeida com a bela Juliana fôra por alguns amigos sabido; a notícia do triste desenlace da intriga infame forjada por um vil sedutor correu logo de boca em boca, sofrendo muito por isso a reputação da vítima.

As murmurações e as injúrias levantadas pelas mais terríveis suspeitas marcavam já com o sêlo da reprovação a infeliz moça.

Cândida e Fábio compreenderam que era indispensável que Juliana tornasse a aparecer nas sociedades e que assoberbasse a horrível tormenta que contra ela se desfechava.

A situação era realmente tão dolorosa e difícil como positiva e irrecusável.

Voltando às assembléias que costumava freqüentar, Juliana protestava ao menos com a sua presença e com a sua placidez contra as indignidades que a seu respeito eram espalhadas, e, no caso contrário, fugindo ao mundo elegante e às festas, e escondendo-se em um retiro, procurando um esquecimento que não estava nos seus hábitos, deixava em pé e vigorando as suspeitas que lhe despedaçavam a coroa e o véu branco da pureza.

Juliana atendeu aos conselhos de Fábio e de sua mãe, e voltando aos bailes, às festas e aos teatros, abraçou-se com a mentira.

Com a mentira, sim; porque eram mentiras o brilho dos seus olhos, o sorriso dos seus lábios, a alegria do seu rosto e o encanto da sua conversação.

A verdade guardava-a ela no seio: a verdade era o arrependimento, era o remorso.

A mentira acompanhava-a às sociedades, aos passeios, aos sa-raus, aos teatros: a verdade, que aliás não a deixava nunca, erguia-

-se terrível no silêncio da noite e na solidão do seu quarto; erguia-se, e abrasava-lhe a face e os lábios, lembrando-lhe beijos impuros; erguia-se, e cantava-lhe aos ouvidos horas inteiras, e incessantes e desesperadamente aquêlê canto sinistro que marcara o momento da sua perda e do seu opróbrio.

E Juliana, que tinha horror a essas noites de indizível martírio, ainda mais se arreceava de que viesse alguma vez sua mãe observá-la, temendo que por acaso então adormecida revelasse em um sonho traidor o segredo fatal da sua vergonha.

A mísera jovem, que em horas de imprudência e de loucura tinha calcado aos pés os preceitos do dever e da virtude, já estava pois sendo severamente castigada.

Recebia um castigo, nas justas murmurações de um mundo sempre desapiedado da mulher que se avilta.

Recebia outro castigo nesse desassossêgo e mêdo que incessantemente sentia.

E mais que tudo a consciência, que é como um eco da voz de Deus, a castigava com as torturas horríveis do remorso.

## XXIV

O caráter de Juliana era capaz de emprestar-lhe a audácia necessária para resistir à silenciosa, mas palpitante reprovação com que ela era recebida nas reuniões em que se apresentava.

Sua vaidade dava-lhe forças para impor-se.

Quando às vêzes via suas rivais sorrírem maliciosamente olhando para ela, encarava-as atrevidamente, ou dardêjava sôbre as inimigas um olhar de fingido desprezo, que chegava a confundi-las.

Sem tremer, sem corar e sem empalidecer, Juliana resistia aos olhos perscrutadores dos homens, que pareciam querer penetrar em seu coração e ler aí um segredo cruel e sinistro.

E apesar daqueles sorrisos, daquelas vistas dos olhos insolentes, apesar do murmurar injurioso que às vêzes surpreendia de passagem, a pobre moça dançava, ria, folgava como dantes, trazendo no rosto o céu e na alma o inferno.

Em duas noites de reunião, porém, teve enfim Juliana de enfraquecer.

Em uma delas, era um baile, ostentava a pobre moça tôda a sua alegria artificial, e no momento em que acabava de levantar-se para aceitar o braço de um cavalheiro com quem ia dançar, viu de súbito aparecer Jorge de Almeida, que fixou sôbre ela um olhar cheio de cruelíssima ousadia.

Juliana estremeceu violentamente, recuou um passo, deixou-se cair sentada na cadeira de que acabava de levantar-se, e desculpou-se com o seu cavalheiro, dizendo-lhe a tremer:

— Não posso... é impossível.

Esta impressão tão forte e profunda, que recebera Juliana ao ver entrar na sala Jorge de Almeida, foi interpretada pelos curiosos e observadores de um modo muito maligno para a infeliz moça, que logo depois retirou-se do baile.

Passados alguns dias, em outra e muito numerosa e brilhante reunião, depois de algumas horas dedicadas à dança e à música, estava Juliana com algumas jovens, não tão belas, mas tão vaidosas como ela, descansando e conversando em uma pequena sala que comunicava com o toucador.

Falavam sobre música.

Juliana tinha sido muito aplaudida pouco antes cantando um romance, que pela primeira vez fôra ouvido.

Uma das moças mordera-se de inveja por que não pudera agradecer tanto quanto esperava, executando uma ária já cem vêzes cantada no teatro italiano.

Depois de longo conversar, a invejosa, cansada de ouvir elogios ao romance de Juliana, disse sorrindo irônicamente:

— Sei um romance muito mais bonito do que esse que cantou D. Juliana.

— E qual é?...

— Não tem nome ainda; posso porém repetir uma das três estrofes de que consta a sua poesia.

— E' novo?...

— Para quase todos, mas talvez que D. Juliana já o conheça, pois que é tão apaixonada de romances.

— Canta-o.

E a invejosa cantou baixinho:

Esta lua tão formosa,  
Esta noite deleitosa,  
Este céu de láctea côr,  
Este silêncio profundo.  
Este repouso do mundo,  
E' tudo encanto de amor.

Um gemido pungente interrompeu o canto da invejosa. Juliana acabava de desmaiar.

## XXV

A misera vítima de um infame sedutor não pôde combater por mais tempo contra a sociedade que a repelia e que no entanto continuava a abrir o seio ao seu algoz.

Voltando daquelle último baile em que desmaiara ouvindo um canto injurioso, Juliana adoeceu gravemente.

Durante oito dias lutou com a morte, venceu-a enfim e talvez a pesar seu; ficou-lhe porém uma profunda e acerba melancolia, contra a qual não houve recurso que aproveitasse.

Os médicos aconselharam distrações.

Juliana não se prestou mais a voltar aos bailes e às reuniões, e apenas condescendeu em passear fora da cidade com sua mãe e Fábio.

Os passeios repetiam-se inutilmente e sem o menor proveito: a melancolia de Juliana era invencível, e fazia tremer a Cândida e ao seu sempre fiel e extremoso amante.

Um dia Fábio chegou à casa de Cândida ainda mais comovido do que nos dias anteriores.

— Que tens, Fábio?... há alguma novidade?... perguntou Cândida.

— Sim, mas é preciso não deixá-la perceber a Juliana.

— Então...

— Jorge de Almeida casa-se amanhã.

— Silêncio, Fábio! pelo amor de Deus, silêncio!

Dai a pouco partiam em um carro Fábio, Cândida e Juliana, para um dos belos arrabaldes da cidade do Rio de Janeiro, e apeando-se em um excelente *hotel*, que não é necessário nomear, seguiram a pé passeando durante uma hora, no fim da qual voltaram para jantar.

Fábio e as duas senhoras acabavam apenas de entrar para a sala que haviam tomado, quando em outra que a essa ficava contigua, soaram vozes alegres e ruidosas de muitos mancebos, e no meio delas, bem distinta entre tôdas, a de Jorge de Almeida.

Um caixeiro do *hotel*, que veio receber as ordens de Fábio, descobriu o segredo que se ocultava a Juliana, declarando que Jorge de Almeida vinha dar a alguns amigos o seu último jantar de moço solteiro, e despedir-se ruidosamente de sua vida de extravagante.

Juliana pareceu ouvir aquela noticia sem abalo nem comoção; pediu porém que se trancasse a porta da sala.

O jantar de Jorge de Almeida transformou-se bem depressa em uma bacanal, a que só faltavam, para ser mais completa, essas mulheres loucas e perdidas cujas relações vergonhosas poucos homens se atrevem a confessar.

Os vinhos exaltavam os convivas, que supunham falar do amor falando de devassidão e de crimes.

Juliana tremia ouvindo confidências feitas em gritos e inspiradas pelo vinho.

E no meio daquele ruído e daquelas falas imorais, o nome de Juliana foi pronunciado ao som de risadas.

Acabavam de contar Juliana no número das vítimas de Jorge de Almeida.

Fábio levantou-se inflamado de cólera, mas sentiu-se prêso nos braços de Cândida e de Juliana, que choravam desesperadamente.

Um dos exaltados convivas interpelou a Jorge de Almeida a respeito de Juliana.

A interpelação era uma infâmia.

Jorge, em vez de responder logo, soltou uma gargalhada indecente.

Os convivas instaram com descompassados gritos.

Jorge de Almeida obedeceu, falou, e o que disse foi ainda mais infame.

Fábio fez um esforço violento, e deixando Juliana caída semi-morta nos braços de sua mãe, abriu a porta, penetrou na sala do banquete, e avançando para Jorge de Almeida exclamou levantando o braço com evidente ameaça:

— Mentos, miserável!...

Jorge de Almeida empunhou uma faca, e ia bradando:

— Repito...

Mas não pôde acabar porque Fábio irritado imprimiu-lhe na face o maior insulto que pode um homem receber.

Jorge cambaleou e caiu atordoado no assoalho.

Vinte adversários levantaram-se para vingar a ofensa recebida por Jorge de Almeida, mas ao mesmo tempo, a sala encheu-se de gente que acudiu ao estrépito, e que conseguiu impedir uma luta desigual e terrível.

## XXVI

O esquecimento de um grande insulto e de uma injúria veemente pode ser aconselhado por uma santa virtude ensinada por Jesus Cristo, e então é digno da admiração dos homens, porque aquêle que sabe tanto perdoar se eleva pela sua humildade a uma altura que o aproxima do céu.

Mas também muitas vèzes êsse esquecimento é apenas a expressão do aviltamento e da miséria moral do homem corrompido pelos vícios; porque a corrupção mata o pundonor e o brio.

Jorge de Almeida não se atreveu a vingar-se da enorme afronta que recebera de Fábio; a sua cólera porém não foi desarraigada pela virtude da humildade: êle não perdoou, teve medo.

Entretanto, era-lhe necessário salvar as aparências, e supôs salvá-las, representando uma comédia que nem ao menos teve o mérito da originalidade.

Fábio foi provocado a um duelo, e uma hora depois a policia tinha já conhecimento do prazo e do lugar do encontro que assim ficou sem resultado, tornando-se impossível o duelo, êsse crime que debaixo de certo ponto de vista pode bem dizer-se um crime civilizado.

O pai de Jorge, temendo por seu filho único, o pai da noiva dêste receando ver também comprometido o crédito de sua filha, apressaram o casamento que fôra adiado por alguns dias, e que se efectuou prontamente.

Assim, pois, uma família honesta abriu o seio, e nela recebeu o homem indigno, o libertino que acabava de seduzir uma donzela e de torná-la para sempre desgraçada.

Um pai que se ufanava de ser extremoso, entregara sua filha bela, inocente e pura, a um miserável que fôra o algoz de outra mulher bela, inocente e pura.

Muitas e respeitáveis famílias correram a cumprimentar os noivos e a pedir relações e a amizade de Jorge de Almeida.

As mães, as espôsas, as donzelas estenderam suas mãos, e apertaram nelas a mão do mancebo corrompido e corruptor que trouxera para o leito nupcial, ainda fresca, a lembrança de uma sedução infame.

Todos sorriam para Jorge de Almeida, todos o festejaram, tôdas as casas se abriram para recebê-lo, e ninguém se lembrou de pedir-lhe contas do seu crime.

E no entanto Juliana, a vítima de Jorge de Almeida, vivia escondida em triste solidão e gemia ferida pelo desprezo público.

As sociedades a enxotavam do seu meio com a injúria, que nem mais procuravam disfarçar.

Os pais e as mães tinham recomendado às suas filhas que fugissem da companhia de Juliana.

Os mancebos atreviam-se a olhá-la de um modo que equivalia a um insulto.

E a infeliz recuara diante dessa manifestação terrível, e, não tornando mais a aparecer no mundo das festas e dos prazeres, escondia a sua vergonha no interior do lar doméstico.

## XXVII

Juliana recebia o castigo de uma grave falta.

Uma sociedade moralizada, que se respeita e que se estima, não pode receber a mulher que se deixou seduzir, pondo-a em contacto com as donzelas e com as senhoras honestas, cercando-as dos mesmos respeitos.

A distinção entre uma e outras é um justo prêmio devido à virtude.

Mas não pode haver sedução sem que haja sedutor, e se a sedução é um crime, o sedutor não é menos, ou ainda é mais criminoso do que a mulher seduzida.

Na sedução a seduzida é uma vítima, o sedutor é um algoz.

E entre uma vítima e um algoz, a equidade, a generosidade e a moral não podem hesitar.

A vítima de uma sedução delinqüiu diante da virtude, calçou aos pés um dever, merece uma punição; seja punida pois.

A boa sociedade rejeita a mulher seduzida, a vítima; ainda bem.

Mas o sedutor?... mas o algoz?...

A sociedade que se chama boa, a sociedade que pune a vítima, abraça o algoz; a sociedade que repele a mulher seduzida, festeja o sedutor!...

Não é moralizada uma tal sociedade; não, e não.

E' uma sociedade injusta e cruel, escrava da tirania dos homens, corrompida e ignóbil.

O crime é sempre um crime, seja êle praticado por um homem, como por uma mulher.

Como se explica a contradição de se ostentar uma justa severidade com a mulher que é fraca, e uma inexplicável condescendência com o homem que é forte?...

Não; tal sociedade não é moralizada, é para que o seja, deve estender o castigo das seduções aos sedutores e às seduzidas; deve repelir os algozes como repele as vítimas; deve também trancar suas portas aos libertinos que sacrificam ao seu infame sensualismo a reputação, a felicidade e a vida inteira de pobres jovens que por êles se deixam enganar.

Mas a nossa brilhante e ufanosa sociedade não somente tolera, como chega a parecer que aplaude os sedutores, ouve as histórias dos seus horríveis triunfos, e sorri ouvindo-as; não se envergonha da companhia dos algozes, e aperta-lhes a mão!...

E o pai que acaba de dizer à sua filha — não te sentes ao pé daquela mulher, não lhe fales, porque está manchada pela sedução! — vê logo depois, e não acha que dizer, vendo sua filha dançar ao lado do sedutor, e ser por êle levada em prolongado passeio pelas salas do baile!...

E chama-se moralizada uma sociedade que assim procede!

## XXVIII

Enquanto Jorge de Almeida brilhava no meio das festas, alegre e ufanoso, a sua vítima experimentava tôdas as aflições de um opróbrio irremediável.

Juliana ia definhando aos poucos, tal como a flor que vai murchando, depois de ter sido ferida pela tempestade.

Tôdas as embriagadoras esperanças da beleza e da mocidade tinham-se apagado no coração da infeliz moça.

Aquela que pouco antes era a donzela vaidosa que se supunha a mais bela de entre as mais belas das suas rivais, reconhecia agora que lhe era impossível colocar-se a par da menos bonita das jovens, que apenas a olhavam com inveja nos seus dias de triunfo.

E, torturada assim na sua vaidade, Juliana sentia que lhe entrava no coração o desespero, vendo que às adorações e ao culto suave e deleitoso de que tinha sido objeto, sucedera o desprezo de muitos e a compaixão de alguns.

Que podia ela esperar ainda?... Todo o futuro de uma moça acha-se exclusivamente ligado ao seu casamento; mas haveria no mundo um homem não indigno e que fôsse bastante generoso para arrancar Juliana do abismo da vergonha em que tinha caído, dando-lhe a sua mão e o seu nome?... e se um homem dêsse-lhe apanche, Juliana, ainda mesmo depois de ser sua esposa, não teria de corar de cada vez que levantasse para êle os olhos?...

Tudo pois estava acabado: nada mais de festas e de alegria, nada mais de adorações de culto, de perspectiva de felicidade, nada mais de sonhos de brilhante futuro; tudo estava acabado: havia só uma realidade terrível, inevitável, perpétua: era o opróbrio...

A moça que sacrifica o seu pudor e a sua honra torna-se como uma leprosa no meio da sociedade, em que todos lhe voltam as costas.

O mundo era um inferno para Juliana; o mundo rejeitava-a, ou só a aceitaria para impor-lhe um papel ainda mil vêzes mais vergonhoso.

A situação era horrível.

E a misera, a misera, a quem uma falsa educação fizera incrédula, nem ao menos tinha a doce consolação de voltar os olhos para o céu e de encorajar-se com a fé e com o amor de Deus.

No coração do crente nunca se apaga de todo a esperança; o coração incrédulo é um negro abismo, em cujo fundo mora o demônio do desespero.

Esse demônio começava a fazer-se sentir no coração de Juliana.

A cena repugnante e vergonhosa passada no hotel vieta naturalmente redobrar os sofrimentos da pobre vítima.

A notícia do próximo casamento de Jorge de Almeida, que ela recebera sem manifestar notável comoção, porque conseguira com um esforço violento sufocar a mais pungente dor, esgotara todos os recursos da sua vontade.

O que depois em seguida se passara, abateu-a, aviltou-a aos seus próprios olhos de modo a fazê-la considerar-se a última das mulheres.

Desde então a infeliz vivia a chorar dia e noite, incessantemente.

Juliana tinha chegado a amar apaixonadamente a Jorge de Almeida, e vendo-se tão ultrajada por êle e já tão repelida pelo mundo, tocara o extremo de aborrecer o mundo e de aborrecer a si própria.

O seu padecer era tão acerbo e tão profundo, havia em seu olhar às vèzes desvairado, em suas palavras às vèzes insensatas, em seus modos às vèzes singulares um não sei quê de tão sinistro, que Cândida começou a recear as mais fatais consequências.

A infeliz mãe seguia e observava cuidadosa sua filha; desejava consolá-la, não sabia que dizer-lhe, e limitava-se a chorar com ela.

Fábio era o único amigo que não tinha desamparado a triste moça; era o companheiro único que vinha diàriamente tomar uma parte naquele viver de lágrimas, que estavam passando Cândida e Juliana.

Fábio era mais do que um mancebo generoso e nobre, era o tipo do amigo dedicado; tinha um coração cheio dessas grandes virtudes que tornam o homem capaz dos maiores sacrifícios ou da abnegação mais completa.

È naquelas circunstâncias êle não esquecia que o pai de Juliana fôra o seu protetor desvelado, que em Cândida achara uma segunda mãe, que Juliana era a sua amiga de infância.

E ainda mais: Fábio tinha amado extremosamente Juliana.

O que se passava na alma dêsse mancebo, ninguém o poderia explicar: era uma luta horrível, e um sofrimento que excedia as mais despedaçadoras torturas.

Fábio fingia duvidar do opróbrio de Juliana; mais acreditava nêle: compreendia que a situação era intolerável, e não se podia sujeitar à idéia de ver morrer Juliana, nem de vê-la carregar o peso de uma vida ignominiosa.

Uma noite, Fábio chegou à casa de Cândida quando já não o esperavam.

Eram 10 horas da noite.

Cândida estava só na sala, e nem procurou esconder as lágrimas que derramava, quando viu aproximar-se o mancebo.

— Onde está Juliana?... perguntou êle.

— Está no terraço e pediu-me que a deixasse em liberdade.

— Como passou ela o dia?...

— Pior do que nunca! exclamou a pobre mãe! Fábio!... aquêlê homem matou minha filha; nós vamos perder Juliana!...

— O amor maternal às vèzes exagera os perigos que receia;

— Oh! não! é a pura verdade; esta noite, e já muito tarde, fui observar Juliana... ela tinha adormecido, escrevendo... cheguei-me de inanso e li... Ah! tinha escrito a história dos seus sofrimentos do dia que passara, e as suas últimas idéias eram uma horrível saudação ao suicídio!... caí de joelhos, soltei um grito, acordei-a, e pedi-lhe chorando que vivesse para mim!...

— E ela?...

— Perguntou-me de que me servia a sua vida!... Oh! Fábio! uma filha pode fazer tal pergunta à sua mãe?...

— E depois?...

— Acabou prometendo-me que não se mataria; mas disse-me isso sorrindo, com um desses sorrisos que só se vêm nos lábios de um louco! Ah! ela vai morrer, Fábio! aquêlê homem matou minha filha!

— Aquêlê homem casou-se hoje, balbuciou Fábio.

— E hoje ela está pensando em matar-se! repetiu Cândida soluçando.

Fábio passeou ao longo da sala durante meia hora, parecendo engolfado em profunda e dolorosa meditação; parou enfim de súbito ouvindo um longo gemido, que fizera estremecer a aflita mãe.

— Que é isto?...

— Um gemido de Juliana! exclamou Cândida desatando a chorar; é minha filha que vai morrer... aquêlê homem matou minha filha!

— Juliana não há de morrer, disse Fábio: eu vou falar-lhe... não me acompanhe: quero conversar a sós com ela.

E com ar grave e solene, Fábio dirigiu-se para o terraço.

## XXIX

A noite era formosa; a lua plena e formosa brilhava no céu branco e bonançoso; as auras sopravam brandas e suaves: o jardim era como um turíbulo imenso que enchia de deleitosos perfumes o templo da natureza.

Era pois uma noite como aquela noite de loucura, embriaguez e de conseqüente arrependimento.

E vestida de branco, também como naquela noite, mas com os seus admiráveis cabelos negros soítos e em desalinho, Juliana estava debruçada sobre o parapeito do terraço e marcava com as suas lágrimas a lembrança do seu grande erro e do seu cruel infortúnio.

Seus olhos estavam fitos no caramanchão, que divisava ao longe, e que por entre o pranto consideravam com uma expressão indefinível de angústia.

Dir-se-ia que Juliana era então como a alma de um supliciado que em desoras vinha contemplar o patíbulo, onde ao golpe do algoz se separara do corpo que animara.

Naquele lugar e naquela hora, como deviam ser tormentosas as reflexões da pobre moça!...

Ela chorava sempre, e se durante breves momentos não chorava, sucedia nos seus olhos às lágrimas um brilho infernal, que era o reflexo de um pensamento sinistro e criminoso.

A moça vaidosa revoltava-se contra a sua desgraça, e não queria por modo algum sujeitar-se a ela.

E o recurso único que lhe sugeria o espirito exaltado, era horrível.

Juliana estancava o pranto somente quando sorria para a morte.

A idéia do suicídio preocupava-a desde alguns dias, e se a principio a fizera estremecer, acabara bem depressa por não aterrá-la mais.

Juliana chegara às conseqüências fatais da sua infeliz educação.

Acreditara no mundo, contara com os gozos da vida transitória; o belo mundo trancara-lhe as suas portas, a vida não lhe oferecia mais do que um futuro negro, feio e aflitivo.

Para Juliana, viver era gozar: de que lhe servia pois uma vida em pranto, em sofrimentos e torturas?

A sepultura era pelo menos um descanso.

Além da sepultura nada mais havia para ela.

Tinham-lhe ensinado que a eternidade era uma ilusão.

Juliana sabia demais que o arrependimento não podia regenerá-la diante de Deus.

A infeliz não acreditava que na paciência e na humildade tinha as chaves com que lhe seriam abertas as portas do céu.

Ferida pois pela desgraça, e repelida pelos homens, sem crenças religiosas, sem amor e sem temor de Deus, que não lhe tinham ensinado a conhecer, com o desespero na terra, e sem a fé no coração, como recuaría ela ante a idéia do suicídio?

O suicídio era pois a conseqüência da educação que a mísera tinha recebido.

E às vezes a pobre moça lutava contra as falsas doutrinas que a impeliam ao crime: às vezes pensava na eternidade, no céu, em Deus; era porém tarde; a luz quase imperceptível por diante dos olhos da infeliz cega.

A onda impetuosa da desgraça arrancava das mãos da desgraçada naufraga a providencial tábuá de salvação que ainda podia conservar-lhe a vida.

Juliana não estava louca; era incrédula.

### XXX

Quando Fábio entrou no terraço, Juliana chorava, e tanto e tanto que nem viu aproximar-se dela o mancebo.

Fábio esteve por alguns momentos junto dela, contemplando-a em tristíssimo silêncio, até que, sentindo que por demais se estava comovendo, e que precisava poupar as forças do próprio ânimo, tomou-lhe uma das mãos e murmurou:

— Juliana!...

A moça estremeceu; logo porém voltou-se e respondeu perguntando:

— És tu, Fábio?... que queres?...

— Padeces muito?...

Juliana sorriu com um desses sorrisos que despedaçam corações.

— Minha irmã, disse Fábio, é necessário deixar de sofrer e de chorar...

— Eu?...

— Não há mal que não tenha remédio; Deus é grande e onipotente.

— Deus?...

— Sim, Deus.

— Oh! Fábio! Fábio! faze-me crer... faze-me crer!... olha: o que eu tenho na alma é horrível; mas vejo bem que muito menos o seria se eu pudesse crer!...

— Juliana!...

— Sou muito desgraçada, Fábio.

— Podes porém ser feliz ainda...

— Nunca.

— E se o homem que te iludiu se apresentasse de novo?

Juliana fez um movimento de horror.

— Não o amas então mais?... perguntou Fábio, hesitando.

— Aborreço-o! murmurou Juliana com uma profunda expressão de verdade.

— Pois bem, disse Fábio; sabe que Jorge de Almeida casou-se hoje.

Juliana estremeceu tão violentamente que Fábio teve de sustê-la em seus braços.

— Estremeceste, Juliana!...

— Fábio! disse a moça com voz sentida; o criminoso que conta com o patíbulo, ainda assim estremece quando ouve o anúncio da sua sentença de morte.

— Então...

— Nada, Fábio; não conclusas cousa alguma.

— Juliana, uma barreira eterna te separa desse homem.

— Estávamos já eternamente separados antes de levantar-se a barreira de que falas.

— O teu coração está portanto livre e pode dar-se a um outro homem que te mereça e te faça feliz...

— Um outro homem...

— Sim, Juliana.

— E que outro homem se abaixaria até à posição em que me acho?...

— Aquê! que te amou sempre: eu, Juliana.

— Fábio!...

— Juliana, eu te ofereço a minha mão e o meu nome.

Juliana deixou-se cair de joelhos, e levantada nos braços de Fábio, tomou-lhe uma das mãos, e cobriu-a de beijos e de lágrimas.

— Aceitas, Juliana?...

A moça ficou por muito tempo sem poder falar; quando porém os soluços não lhe embargaram mais a voz, respondeu resolutamente:

— Não.

— Oh Juliana! sê minha espôsa.

— Não: tu és o mais generoso dos homens: eu tenho porém consciência de que sou indigna de ti.

— Juro-te que não te lembrarei nunca uma paixão funesta e louca que tantas lágrimas tem feito correr dos teus belos olhos! amo-te como dantes, e quero que sejas minha: aceita-me, Juliana, aceita-me!...

Juliana comovida, trêmula, e vivamente agitada, tomou entre as suas uma das mãos de Fábio, levou-o para um dos ângulos do terraço, onde brilhavam menos os raios da lua, e ali, curvando a cabeça, balbuciou com voz lúgubre:

— Fábio... o que Jorge disse no hotel era verdade... Fábio... Jorge de Almeida desonrou-me...

E Fábio com voz ainda mais trêmula e mais lúgubre respondeu:

— Ainda assim...

E encostou-se à parede para não cair.

### XXXI

Juliana levantou a cabeça, fixou seus olhos no rosto de Fábio, e compreendeu toda a imensidade do sacrifício que o generoso mancebo se oferecia a fazer para salvá-la.

As lágrimas, a confusão, a dor profunda que sentia a infeliz moça, pareceram dissipar-se como por encanto; mas a tranqüilidade que ela afetou súbitamente, era ainda mais tremenda e ameaçadora.

— Sim, Fábio disse ela; a noite não pode mostrar-se mais formosa; a lua brilha, as flores rescendem odorosas... é uma noite de magia... vem, Fábio, desçamos ao jardim...

E, tomando o braço de Fábio, desceu a escada do terraço, e adiantou-se com o mancebo pelas ruas do jardim.

Fábio estava triste, mas sentia-se ao mesmo tempo dominado pelo irresistível poder daquela mulher formosíssima.

De repente, Juliana parou diante de um maciço onde abundavam as violetas, e, depois, de contemplá-las por alguns instantes, disse:

— Tu tinhas razão, Fábio; as flores têm veneno: as violetas envenenaram-me! aquêlê ramalhete de violetas foi o princípio e a causa da minha desgraça.

202

— Ainda te lembras disso?...

— Sempre... mas lembro-o com horror; o que porém me lembra ainda mais, Fábio, é a lição que me deste sobre o *veneno das flores*, e que então loucamente não quis ouvir...

— Esqueçamos o passado, Juliana, disse Fábio, obrigando-a a continuar o passeio.

— Não posso: a sua lembrança é mais forte do que a minha vontade. Sobretudo desde três dias ouço incessantemente repetidas pelo meu coração as palavras que me disseste na noite da festa dos meus anos.

— Juliana!

— Tu me dizias: — Juliana, os perfumes das flores podem matar... — E eu ousei responder-te: — Deve ser uma morte deliciosa... — uma morte de flores!...

— Que queres dizer?

— Que eu era uma louca, Fábio!

— É hoje que dizes tu, Juliana?...

— Que és um homem generoso... mais do que isso, que és o meu anjo, Fábio! o meu anjo de amor e de consolação; e que eu hei de mostrar-me digna de ti.

Os dois jovens tinham chegado ao caramanchão; e Juliana quase arrastada por Fábio, fôra sentar-se ao lado do amante, no banco de relva.

— Sim! exclamou Fábio; eu serei o teu protetor, o teu amigo, o teu espôso; e tu hás de viver para minha felicidade... Juliana! jura que serás minha espôsa!...

— Eu disse que seria digna de ti, Fábio...

— Sê-lo-ás sempre, eu o sei; jura-me, porém, que serás minha espôsa!... eu o exijo!

— Jurar que serei tua espôsa?... aqui?... perguntou Juliana aterrada.

— Sim... aqui... aqui mesmo!

— Oh! Fábio! tu sabes o que me estás pedindo?

— Jura... eu o exijo!

— Aqui?... neste lugar? perguntou de novo Juliana com uma expressão de dor profunda, cuja causa Fábio não comprehendia.

— Sim! aqui mesmo, repetiu o mancebo.

— Não... não... só à face dos altares prestarei o juramento que me pedes: aqui... não; aqui... oh!... aqui eu juro-te somente que me mostrarei digna de ti.

— Faz-se tarde, Fábio; e eu quero dormir esta noite o melhor e o mais belo dos sonhos, para que amanhã venha o meu noivo encontrar-me digna d'êle; voltemos pois.

A voz de Juliana tinha-se tornado tão doce e tão terna, o seu rosto tão sereno e apenas cheio de uma melancolia aliás naturalmente explicável, que Fábio ia pouco a pouco sossegando.

De volta do jardim, os dois jovens demoraram ainda os passos para conversar mais algum tempo, Fábio procurando acender suaves esperanças no coração de Juliana, esta manifestando-se reconhecida a um amor tão generoso, e teimando sempre em dizer que se mostraria digna d'êlo.

Ao entrar na sala, encontraram Cândida que os esperava ansiosa;

— Minha filha! exclamou ela.

— Minha mãe, disse Juliana, amanhã mandará aprontar o meu vestido de noiva.

Cândida olhou para Fábio.

— *Peço-lhe sua filha em casamento, disse o generoso mancebo.*

A pobre mãe apertou Fábio nos braços.

— Estás contente, minha filha?...

— Oh! muito! respondeu Juliana; e agora abençoe-me, minha mãe! há longo tempo que não sei o que é dormir, e hoje dormirei muito...

— Oh! ainda bem!...

Juliana ajoelhou-se e repetiu:

— Minha mãe, abençoe-me!

— Que é isto? de joelhos?...

— Sim, esta hora é solene... Fábio veio dar uma nova direção às minhas idéias, tornou-me outra... minha mãe, abençoa-me!

Cândida abençoou Juliana, e levantou-a em seus braços.

— *Agora, Fábio, tu disse a moça, tu és o meu noivo... beija-me, Fábio, beija-me...*

Fábio aproximou-se de Juliana, e beijo-lhe a fronte.

— Oh! beija-me ainda na face, e beija-me nos lábios para que eu te beije também!

Os dois jovens beijaram-se ternamente.

— Agora... boa noite... adeus! disse Juliana, e retirou-se apressada para seu quarto.

— Estará louca?... perguntou Cândida confundida.

— Não, respondeu Fábio: Juliana está salva.

### XXXII

Reinava silêncio profundo em casa de Cândida.

Fábio, antes de se retirar, tinha referido à extremosa mãe quanto se passara entre êle e Juliana, exceto somente a confissão que recebera do segredo fatal; e Cândida, iludida como o mancebo pela tranqüilidade da infeliz moça, concebera também por sua vez uma esperança de felicidade.

Fábio retirara-se pouco depois de meia-noite, e, passada uma hora, Cândida, indo observar sua filha, achou-a já no leito e dor-

miúdo um profundo sono. Satisfeita, alegre, feliz, a pobre mãe retirou-se para o seu quarto, e adormeceu abençoando Fábio, o anjo que salvara Juliana.

A noite adiantava-se.

As duas horas da madrugada Juliana ergueu-se, e cautelosa foi assegurar-se de que sua mãe dormia, e logo de volta desceu pressurosa ao jardim.

Juliana não tinha dormido um só instante, e apenas simulara habilmente um sono tranqüilo e pesado quando vira entrar sua mãe para observá-la.

Agitada por um tremor nervoso, com um olhar ardente e desvairado, com a respiração ansiosa, a moça adiantou-se pelo jardim, colheu, com tanto cuidado como rapidez, grande cópia de rosas odoríferas, de angélicas, de resedás, e de quantas flores encontrou notáveis pelo seu perfume ativo e forte.

Quando viu que tinha já colhido tantas flores que seriam de sobra para vinte ou mais ramalhetes, e que ela ia depositando no banco do caramanchão, tratou de conduzi-las em porções para o seu quarto.

Sem pronunciar uma palavra, sem soltar um gemido, sem derramar uma lágrima, Juliana recolheu-se enfim e viu-se no meio de uma enchente de flores.

Então com a mesma rapidez e com o mesmo zelo cobriu de rosas, de angélicas, de bogaris, de jasmims-do-Cabo e de resedá francês todo o seu leito, encheu do ramallete o seu toucador, e espalhou o resto das flores pelo assoalho: sentou-se depois e escreveu duas cartas.

Levantou-se enfim a pobre moça, fechou cuidadosamente e trançou as portas do seu quarto, deitou-se vestida como estava sobre as flores, apagou a luz, e desatou a chorar.

Eram lágrimas acerbas e não de piedade; era o último pranto do desespero de uma moça formosa que tinha amado loucamente os prazeres e os gozos da vida.

Breves minutos depois, o ar viciado pelos aromas ativíssimos que exalavam as flores, começou a produzir os seus efeitos...

Juliana teve medo; mas, fazendo um esforço supremo, deixou-se ficar imóvel no seu leito, e como para animar-se e ainda mais de-sejar a morte, foi cantando baixinho:

Esta lua tão formosa,  
Esta noite deleitosa,  
Este céu de láctea cor,  
Este silêncio profundo,  
Este descanso do mundo  
E' tudo encanto de amor.

Cantou as três estrofes do canto da sedução, repetiu-as ainda três vêzes... quis repeti-las ainda a quarta vez, mas parou no meio da primeira estrofe, como se tivesse adormecido.

## XXXIII

No dia seguinte, Cândida achou trancada a porta do quarto de sua pobre filha, e debalde chamou por ela em altos gritos.

Fábio acudiu imediatamente a um recado instante da mãe aflita e aterrada, e logo que chegou, compreendeu que uma horrível catástrofe tivera lugar.

A porta do quarto foi arrombada, e Cândida e Fábio viram Juliana vestida de branco e morta, estendida no seu leito e no meio de um dilúvio de flores.

O ar que se respirava, ainda era uma atmosfera de perfumes.

Juliana estava pálida; a morte porém não tinha ainda ousado desfigurar seu rosto encantador e formoso.

Cândida caiu desmaiada sobre o cadáver de sua filha.

Alguns momentos depois, Fábio encontrou sobre a mesa duas cartas escritas por Juliana; uma era dirigida a elle, outra a Cândida.

A carta de Fábio dizia assim:

"Fábio, querias sacrificar a tua reputação e o teu futuro para salvar-me. e eu jurei *mostrar-me digna de ti*: cumpro esse juramento matando-me. Lembra-te daquela noite da festa dos meus anos, em que me falaste do *veneno das flores*?... eu te disse então: — Fábio, se um dia resolver-me acabar com a vida, matar-me-ei com o veneno das flores. — A profecia verificou-se, Fábio. Eu morro, e... morro amando-te. Adeus".

Na carta que deixara à sua mãe, Juliana assim se exprimia:

"Perdão, minha mãe! é preciso que eu morra; não há no mundo regeneração possível para a mulher que se deixou seduzir. O mundo que tolera e talvez afaga o algoz, não perdoa a vítima. Não há para mim esperança, nem mesmo aceitando a mão e o nome do jovem que generosamente se avilta, pretendendo salvar-me. A morte *aniquila tudo*: a morte é o meu único recurso. Adeus, minha querida mãe, adeus para sempre!"

Cândida, ouvindo a leitura desta carta, exclamou desesperadamente:

— Oh! minha desgraçada filha teve um acesso de loucura.

— Não teve um acesso de loucura, disse Fábio: sua filha era incrédula... a descrença levou-a ao desespero, e o desespero levou-a ao suicídio.

erros de educação, 3  
387, 1129.

Voltaire, 490  
União de anos, 487  
Luigi Ari, 477

quantidade, 487  
origem (parte de  
francês) 484, 524

18 - Cizne, 503

hemrod, 464

Jado, 408

~~4, 11~~ (cor rom) 26 ~~375, 378~~  
~~41~~ — romansio, ~~470, 471~~

betraua - laue, 471

↓ Toso - Cleonora, 471

uão de xamar o de mo  
em 20 anos de al.

Luia, 371

Caicho, 372

~~base de um limpar, 372~~

~~contra o estudo da vida~~

~~colheita, 372,~~

~~contra de fome, 372~~

11. — padras: abrinhos, filhos

antes e agora, 375/6

contra o celibato, 376

378,

Este livro foi composto e impresso  
nas oficinas de Reis, Cardoso &  
Bofelho, à Rua Solon, 856 - São  
Paulo, para a Livraria Martins  
Editora em Janeiro de 1945.

avandado, 3 + 7, 407

ecologia, 385

flus, significaco - 407

- anjos los, 410, ficion. des 26

avos de coca, 412

Medusa, Belam paf (cas) - 412 29. 424-5, 424 29. 454

Saut have! (interj), 415, 422,

~~esudo a otros, 416~~

fazer me a conta, 416

casamento 417, 419

à bruta, 420

~~teratura de Judas, 420~~

~~ovar ao cabo, 421,~~

fazer dos sua, 421,

~~fo pap, 426~~

Guerra do sul, 427

Talis mã, 432

~~costas os olhos da cara, 434~~

grimpar, 434

~~companto a parra com 435~~

correr o nariz a dedo, 435

~~ver navios 435~~

enquanto a canca, 436

malasarte, 436

gofo de bula, 439, 440

~~letra de ma língua, 440, 372~~  
 outro galo me cantava, 440  
 andar de Herodes para Pilato, 441  
~~trair língua, 442~~  
 lanja, 442, 444,  
 à matroca, 443  
 chicarro, 443  
~~luzes as portas, 445~~  
 aches de inteligência, 447  
 Anáim, 447  
 Sultão - o d'el-rei, 447  
 Saber os livros com que usar, 450

filhar, 29

Net(?)?

~~da casa se combem quem tem lançois, 8~~  
 Entre Sile + Caribals, 34  
 Unidas (oullha de), 9  
~~giga, obras e lançois, 35~~  
~~dar em voz barros, 10, 442~~  
~~quem é isto, 39~~  
 granatuna, 12  
~~luzes a língua, 39~~  
~~tar o juizo em ápis, 13~~  
 oração de unip, 44  
 provelon, 13, (varios), 44  
~~unilha com pira, pira, 46~~  
 star pelos autos, 14  
~~luz, 43~~  
 p. a. pa de pira, 15  
~~dar o cavaco, 45~~  
~~adels, acirha encasadas, 16~~  
 Unomo 16, 114  
 ralo - leva, 19  
 Zero, 32  
 geto pampa 27, 45  
 Roxa - constantino, 68  
 Lanhar li'guas, 31